DISCERNINDO OS TEMPOS

PALESTRAS
PROFERIDAS
ENTRE
1942 E 1977

D. M. LLOYD-JONES

PES

DISCERNINDO OS TEMPOS

Palestras proferidas em várias ocasiões

1942-1977

D.M. Lloyd-Jones

Publicações Evangélicas Selecionadas
Caixa Postal 1287
01059-970 - São Paulo - SP

Título original:
Knowing the Times

Editora:
The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:
1989

Copyright:
Lady E. Catherwood

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Revisão:
Antonio Poccinelli

Capa:
Ailton Oliveira Lopes

Primeira edição em português:
1994

Composição e impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 07
1. A APRESENTAÇÃO DO EVANGELHO 11
2. A RELIGIÃO HOJE E AMANHÃ 24
3. JOÃO CALVINO 42
4. MANTENDO A FÉ EVANGÉLICA HOJE 48
5. POLÍTICA PRÓPRIA PARA A FÉ BÍBLICA 62
6. CONVERSÕES: PSICOLÓGICAS E ESPIRITUAIS .. 72
7. REMEMORANDO A REFORMA 102
8. COMO PODEREMOS VER UM RETORNO À BÍBLIA? 119
9. A BASE DA UNIDADE CRISTÃ 132
10. "CONSIDERAI OS VOSSOS CAMINHOS": ESBOÇO DE UMA NOVA ESTRATÉGIA 179
11. AS ARMAS DA NOSSA GUERRA 214
12. A CAPELA DE WESTMINSTER (1865-1965) 238
13. A UNIDADE EVANGÉLICA: UM APELO 262
14. QUE É PREGAÇÃO? 274
15. COMO SALVAGUARDAR O FUTURO? 295
16. QUE É UM EVANGÉLICO? 316
17. UMA ESCOLA PROTESTANTE EVANGÉLICA 374
ÍNDICE REMISSIVO 394

INTRODUÇÃO

Martyn Lloyd-Jones foi um homem que, em termos da sua influência, viveu em vários mundos a um só tempo. De 1938 em diante, ele pastoreou uma igreja no centro de Londres. Simultaneamente, era comum fazer a obra de evangelista itinerante durante a semana, pregando em igrejas a convites, ou às vezes participando de missões dirigidas aos estudantes. Todavia, outra parte (e não menos significativa) da sua vida tinha que ver com conferências, encontros fraternais de ministros e reuniões públicas em ocasiões especiais. Foram estas as vezes em que teve oportunidade para falar sobre assuntos de natureza mais geral que os tratados por ele normalmente no culto público, e muitos dos que o ouviram receberam inspiração e um sentido de direção que jamais os abandonaram. Centenas de pessoas que conheceram o Dr. Lloyd-Jones, principalmente neste contexto, podiam dizer, com o Dr. James I. Packer: "Sei que, em grande parte, a minha visão atual é o que é porque ele foi o que foi e, sem dúvida, a sua influência foi mais profunda do que eu poderia delinear".*

Se todas as palestras do Dr. Lloyd-Jones nessas reuniões fossem preservadas, seu número facilmente chegaria a centenas. Muitas jamais poderão ser publicadas, pois os seus registros só existem em breves anotações de ouvintes ou em reportagens de jornais. Ele nunca falava apoiado num manuscrito completo, mas sempre em nada mais que esboços dos seus pensamentos. Contudo, pode-se dizer que este volume oferece, pela primeira vez, uma coleção representativa, que inclui as palestras mais valiosas. Dos dezessete artigos, onze não foram incluídos anteriormente em publicações em inglês. Os artigos 2 e 3 foram publicados no idioma galês em 1947,** e agradecemos ao Sr. Dafydd Ifans, da Biblioteca Nacional de Gales em Aberystwyth, o generoso serviço que prestou com a sua tradução. Pelo material oriundo de opúsculos e aqui reimpresso, devemos o nosso agradecido reconhecimento à Fraternidade Cristã de Universidades e Colégios ("Universities and Colleges Christian

---

* *Chosen Vessels: Portraits of Ten Outstanting Christian Men* (Vasos Escolhidos: Retratos de Dez Cristãos Proeminentes), ed. Charles Turner, Vine Books: Servant Publications, 1985, p.110.

** Crefydd Heddiw ac Yfory (alocuções radiofônicas), Llandybie: Llyfrau'r Dryw, 1947.

Fellowship"), antiga "Inter-Varsity Fellowship", material que consiste nos seguintes artigos: "A Apresentação do Evangelho" (publicado pela primeira vez pela União dos Cruzados), "Mantendo a Fé Evangélica Hoje", "Conversões: Psicológicas e Espirituais" e "A Base da Unidade Cristã". Estas palestras tiveram poderoso impacto nos estudantes, por toda a Grã-Bretanha. "As Armas da Nossa Guerra" e "A Capela de Westminster 1865-1965)" foram publicadas pela primeira vez pela livraria da Capela de Westminster. Todo o material restante, incluído neste volume e não publicado anteriormente, foi produzido com base em transcrições de fitas gravadas. A única exceção é "Política Própria para a Fé Bíblica", que foi anotada pelo amigo do orador, o Dr. Douglas Johnson, Secretário Geral do "IVF" (ABU). É completa, mas não necessariamente exata.

As palestras do Dr. Lloyd-Jones podem ser classificadas em diversos tipos e, por boas razões, alguns desses tipos não devem achar-se nestas páginas. As palestras históricas que fez nas Conferências Puritana e Westminster já estão impressas*. O mesmo se pode dizer dos discursos feitos nas reuniões médicas cristãs**. Nenhuma das nove palestras feitas por ele para o Concílio Evangélico Britânico de 1967 em diante se acha aqui, pois há planos com vistas à sua publicação no devido tempo. Mais um outro grupo de palestras consiste das palestras informais que Lloyd-Jones fez anualmente, durante vários anos, aos amigos e mantenadores da Biblioteca Evangélica de Londres. Ainda não se determinou se elas serão publicadas em forma de livro, mas se puderem ser, como esperamos, então será melhor que essas também apareçam juntas.

No tempo em que o primeiro artigo deste livro foi originariamente publicado, o Dr. Lloyd-Jones já era um líder no mundo cristão. O Dr. Donald Maclean, Diretor do Colégio da Igreja Livre da Escócia, em Edimburgo, pôde escrever sobre ele, em abril de 1941: "No mundo religioso de hoje, o Dr. Lloyd-Jones ocupa um lugar absolutamente único". Ele está se tornando cada vez mais um instrumento de bênçãos para o mundo cristão, graças ao seu excelente testemunho bíblico" disse Clarence Bouma nas colunas do *Forum de Calvino* ("The Calvin Forum"), em fevereiro do 1943, editado por ele. A imprensa de Glasgow falou dele naquele mesmo

---

* *The Puritans: Their Origins and Successors,* Banner of Truth, 1987. Tradução brasileira publicada por Publicações Evangélicas Selecionadas em 1993: *Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores.*

** *Healing and Medicine* (Cura e Medicina), Kingsway, 1987.

ano, descrevendo-o como um pregador "que veio a ser uma das mais poderosas forças evangélicas do nosso tempo".*

Muitas mudanças ocorreram nas igrejas nos trinta anos cobertos pelas palestras mais recentes. Conquanto a mensagem básica permaneça a mesma, notar-se-á como a interpretação que o Dr. Lloyd-Jones fez dos tempos, dos seus perigos e das ênfases corretivas que ele julgava necessárias, nunca foi estática. Ele procurou levar tudo de novo às Escrituras, e a sabedoria e o discernimento dados a ele nessa realização tem sido considerada uma das suas características mais notáveis. Se, nos últimos anos, o seu conselho o colocava muito mais longe das tendências correntes do pensamento evangélico e da sua prática, ele confiava a sua causa ao julgamento final da Palavra de Deus. Ele divergia também de muitos dos seus contemporâneos em suas convicções a respeito da linguagem clara que devia ser empregada ao se tratar da verdade e do erro. Neste aspecto, como noutros, ele concordava com Robert Haldane, que escreveu: "Muitas pessoas religiosas têm medo de polêmica, e querem que a verdade seja exposta sem nenhuma referência aos que defendem os erros opostos a ela. Consideram a polêmica e um espírito maldoso como sinônimos; e opor-se estrenuamente a algo errado é considerado como contrário à modéstia cristã. Os que sustentam essa opinião parecem passar por alto o que cada página do Novo Testamento coloca diante de nós. Em toda a história do Senhor Jesus Cristo, nunca o vemos fora das polêmicas". Não obstante, deve-se acrescentar que o Dr. Lloyd-Jones geralmente mantinha o respeito daqueles de quem divergia. A sua vida e o seu espírito confirmavam o seu testemunho de que ele não tinha prazer nas polêmicas.

O pensamento do Dr. Lloyd-Jones precisa ser tomado globalmente. Não seria difícil, por exemplo, interpretar os seus comentários sobre novas traduções da Bíblia em sua palestra intitulada, "Como Podemos Ver um Retorno à Bíblia?", como palavras de um tradicionalista inveterado. Mas as suas ênfases gerais nas décadas de sessenta e setenta desaprovam qualquer tese nesse sentido. Ele não era contra traduções modernas, em princípio, e, na verdade, deu uma delas aos seus netos. O que ele era vigorosamente contra era a política que estava animando os evangélicos a pensar que uma "comunicação" eficiente com o mundo contemporâneo era *o* prin-

---

* Ver *David Martyn Lloyd-Jones: O Combate da Fé* (volume dois da biografia authorizada) Iain H. Murray, Banner of Truth Trust, 1989. Esta obra propicia um cenário de fundo próprio para as palestras contidas no presente volume.

cipal problema a ser focalizado. Ele via nisso um diagnóstico enganosamente superficial.

As palestras do Dr. Lloyd-Jones mostram igualmente que ele jamais foi meramente reacionário. Se uma certa influência ou um certo ensino era errado nalguns pontos, isso não significava que a sua totalidade deveria ser tratada como completamente inútil. Apesar de acreditar que a polêmica podia ser inevitável, ele salientava também a constante necessidade de moderação e equilíbrio. Dessa maneira, no considerável levante no culto e na vida da Igreja ocorrido na Inglaterra na década de setenta, levante proclamado em termos de "liberdade" e "liberdade do Espírito", ele se recusou a condenar a coisa toda e, ao contrário, consta que ele disse: "Alguma coisa é certa na agitação atual... Devemos rejeitar a idéia de que tudo o que é novo é errado".*

Ao lado doutros líderes da Igreja Cristã, a influência de Martyn Lloyd-Jones viverá no futuro, como no passado. Muitas das questões levantadas nestas páginas continuam a afetar a vida das igrejas, e de maneira nenhuma estão resolvidas. Seria de desejar que várias destas palavras fossem impressas muito mais cedo. Num sentido real, elas continuam sendo "tratados para os tempos". Cabe-nos esperar fervorosamente que Deus Se aposse delas, nesta presente forma, e as utilize para preparar outra geração semelhante aos "filhos de Issacar, destros na ciência dos tempos, para saberem o que Israel devia fazer" (1 Crônicas 12:32).

OS EDITORES
Maio de 1989

---

* Citado por Robert Horn em *Martyn Lloyd-Jones: Chosen by God* (Martyn Lloyd-Jones: Escolhido por Deus), ed. Christopher Catherwood, Highland Books, 1986, p. 29.

1

A APRESENTAÇÃO DO EVANGELHO *

A apresentação do evangelho é assunto sempre importante. É sempre importante pelas conseqüências eternas que dependem da nossa atitude para com o evangelho. Para mim não há necessidade de argumentar que é especialmente importante nos dias atuais, e por duas razões: a apostasia geral, o fracasso da parte das igrejas em não apresentarem o evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo do modo como deveria ser apresentado; e a conseqüente impiedade e o consumado materialismo que, crescentemente, caracterizam a vida do povo. Também é um assunto de urgente importância, em face da natureza dos tempos pelos quais estamos passando. A vida é sempre incerta, mas é excepcionalmente incerta hoje. Nós, que somos cristãos, sempre devemos pesar as nossas palavras e devemos ser cuidadosos na maneira de apresentar o evangelho; certamente, isso nos deve ser inculcado mais definidamente que nunca, quando entramos em contato com homens e mulheres nas forças armadas, pessoas que podem perder a vida a qualquer momento, e quando vivemos diariamente num mundo onde vivem soltando bombas e onde a morte sobrevém repentinamente às pessoas. Somos, pois, desafiados a examinar o que eu me aventuro a afirmar que é sempre a questão mais importante que os homens podem analisar. E, ao fazê-lo, só podemos comover-nos de novo ante a maneira extraordinária pela qual Deus nos confiou esta tarefa sumamente importante de apresentar o evangelho. Que privilégio maravilhoso, que honra tocante, o Senhor Deus Todo-poderoso confiar a homens como nós esta obra de propagar e pregar o evangelho! É um privilégio estupendo, mas, ao mesmo tempo, é uma responsabilidade tremenda; é uma responsabilidade que com-

* Registro de uma preleção feita numa Conferência de Líderes da União de Cruzados, Colégio Sião, Londres, em 7 de fevereiro de 1942.

pete a todos nós, e que compete de maneira muito especial aos líderes da União de Cruzados. Vocês estão em contato com rapazes; a sua posição de líderes dessas vidas jovens faz da obra que realizam uma obra da maior seriedade.

Este assunto é tão amplo e importante que, obviamente, é impossível tratar dele adequadamente numa só preleção. Tudo o que posso fazer é selecionar o que considero como alguns dos mais importantes princípios relacionados com ele; procurarei ser tão prático quanto puder. Há duas coisas importantes que desejo acentuar: primeira, os princípios positivos que governam esta obra; e segundo, alguns perigos que estão sempre prontos a ameaçar-nos quando nos engajamos neste ministério. Não trataremos deste assunto somente de maneira geral, porém também em termos da obra realizada entre os rapazes. Essa é uma distinção importante e, também, se não formos muito cuidadosos, é uma distinção que podemos tornar muito perigosa. Tem sido uma tendência típica nos últimos anos dividir a obra cristã em grupos por idade. Nunca tive muito entusiasmo por essas divisões em grupos segundo a idade – idosos, meia idade, mocidade, crianças, etc. Com isso quero dizer que devemos ser cuidadosos para não modificarmos o evangelho para adequá-lo às diversas faixas etárias. Não há isso de evangelho especial para os jovens, evangelho especial para os de meia idade e evangelho especial para os idosos. Há somente um evangelho, e sempre devemos ser cuidadosos para não adulterar e remendar o evangelho como resultado da concessão a essas distinções por idade. Ao mesmo tempo, há diferença na aplicação deste único e exclusivo evangelho aos diferentes grupos; todavia é diferença que se refere unicamente ao método e ao procedimento.

A NATUREZA DO EVANGELHO

Agora, se me fosse pedido falar sobre este assunto em certos círculos, meu primeiro trabalho seria tentar definir a natureza do evangelho, e eu iria adiante e perguntaria: que é o evangelho? Em muitos círculos as pessoas se extraviaram; caíram em heresias; pregam um evangelho que, para nós, não é evangelho nenhum. Para tais pessoas eu precisaria definir o conteúdo do evangelho, mas com vocês isso não é necessário. Tomo como líquido e certo que todos nós estamos de acordo nos grandes pontos fundamentais, nos princípios que constituem o alicerce da fé cristã. O que nos interessa especialmente é a apresentação desse evangelho aos rapazes com os quais temos contato. Pode ser que alguns de vocês

perguntem: "Será necessário gastar tanto tempo no estudo da apresentação do evangelho? Não seria uma coisa que podemos considerar ponto pacífico? Se o homem crê no evangelho, ele está incumbido de apresentá-lo do jeito certo. Se um homem é ortodoxo e crê nas coisas certas, a sua aplicação do que ele crê é algo que cuidará de si mesmo". Isso, para mim, é um erro muito grave; e quem quer que seja tentado a falar desse modo, não somente ignora a sua própria fraqueza, porém, ainda mais, ignora o adversário das nossas almas, que está sempre tentando frustrar a obra de Deus.

Esta é uma afirmação que eu penso que posso provar de duas maneiras. Estou preocupado em mostrar-lhes que vocês não podem admitir como certo que o homem que crê na coisa certa é necessariamente alguém capacitado a apresentar a coisa certa da maneira certa. Há, por exemplo, homens que parecem evangélicos em sua crença e doutrina; são perfeitamente ortodoxos em sua fé e, todavia, a obra que realizam é completamente infrutífera. Jamais conseguem quaisquer resultados; nunca ficam sabendo de algum convertido resultante do seu trabalho e do seu ministério. Eles são tão firmes como vocês, entretanto o ministério deles não leva a nada. Por outro lado – e esta é a minha segunda prova – há aqueles que parecem conseguir resultados fenomenais do seu trabalho e dos seus esforços. Empreendem uma campanha, ou pregam um sermão e, como resultado, há numerosas decisões por Cristo, ou o que eles chamam de "conversões". Contudo, muitos desses resultados não duram; não são permanentes; são apenas de natureza temporária ou passageira. Qual a explicação desses dois casos? Parece-me que a única explicação é que, de um modo ou de outro, há uma lacuna entre o que o homem crê e o que ele apresenta realmente em seu ensino ou pregação. O perigo quanto ao primeiro tipo é o de apenas falar *acerca* do evangelho. Este homem crê no evangelho, exulta nele; porém, em vez de pregar o evangelho, ele o elogia, diz coisas maravilhosas sobre ele. O tempo todo fica simplesmente falando sobre o evangelho, em vez de apresentar o evangelho. O resultado é que, embora o homem seja altamente ortodoxo e firme, o seu ministério não mostra resultado nenhum.

O perigo quanto ao segundo homem é o de interessar-se tanto e preocupar-se tanto pela aplicação do evangelho e pela obtenção de resultados, que deixa abrir-se uma brecha entre o que ele está apresentando (aquilo que ele crê) e a concreta obtenção dos resultados propriamente ditos. Como eu disse, não basta você crer na verdade; você deve ter o cuidado de aplicar da maneira certa o que você crê.

MÉTODOS DE ESTUDO

Há dois meios principais pelos quais podemos estudar este assunto da apresentação do evangelho. O primeiro é estudar a Bíblia mesma, com especial referência a Atos dos Apóstolos e às Epístolas do Novo Testamento. Isso deve ser posto em primeiro lugar, se queremos saber como se faz este trabalho. Devemos retornar ao nosso livro-texto, a Bíblia. Devemos retornar ao modelo primitivo, à norma, ao padrão. Em Atos, e nas Epístolas é-nos dito, uma vez por todas, o que é a Igreja Cristã e como é, e como se deve realizar a sua obra. Devemos sempre certificar-nos de que os nossos métodos estão em harmonia com o ensino do Novo Testamento.

O segundo método é suplementar; é fazer um estudo da história da Igreja Cristã subseqüente aos tempos do Novo Testamento. Podemos concentrar-nos especialmente na história dos avivamentos e dos grandes despertamentos espirituais; e também podemos ler as biografias dos homens que no passado foram grandemente honrados por Deus em sua apresentação do evangelho. Mas devemos notar aqui um princípio da maior importância. Quando digo que é bom fazer um retrospecto e ler a história do passado e as biografias de grandes homens que Deus usou no passado, espero que esteja claro em nossas mentes que precisamos retornar para além dos últimos setenta anos. Vejo muitos bons evangélicos que parecem ser de opinião que não houve nenhum real labor evangelístico até por volta de 1870. Há os que parecem pensar que que não se conheceu obra evangelística na Grã-Bretanha antes da vinda de Moody a este país. Conquanto demos graças a Deus pela gloriosa obra realizada nos últimos setenta anos, * eu os conclamo a fazerem um estudo completo da história pretérita da Igreja. Vão até o século dezoito. Vão até o tempo dos puritanos, e para mais atrás ainda, à Reforma Protestante. Retrocedam mais ainda, e estudem a história daqueles grupos de evangélicos que viveram no continente europeu na época em que o catolicismo romano detinha o poder supremo. Vão direto ao Pais Primitivos que defendiam idéias evangélicas. É uma história que pode ser rastreada ininterruptamente até à própria Igreja Primitiva. Esse estudo é de importância vital, para que não venhamos a supor, em função de uma falsa visão da história, que a obra evangelística só pode ser feita de uma certa maneira e com a aplicação e o uso de certos métodos.

---

* Lembre-se o leitor de que esta preleção data de fevereiro de 1942. Nota do tradutor.

Eu gostaria de recomendar a vocês um bem completo estudo daquele grande teólogo americano, Jonathan Edwards. Foi uma grande revelação para mim, descobrir que um homem que pregava como ele pregava podia ser honrado por Deus como ele foi, e ter tão grandes resultados para o seu ministério como teve. Jonathan Edwards era um grande erudito e filósofo, que redigia cada palavra dos seus sermões. Tinha vista fraca, e costumava ficar no púlpito com o seu manuscrito numa das mãos e uma vela na outra e, conforme lia o seu sermão, homens não somente foram convertidos, mas alguns deles literalmente caíam no chão sob a convicção de pecado e sob o poder do Espírito. Quando pensamos na obra evangelística em termos da evangelização popular dos setenta anos recém-passados, acho que poderíamos ser tentados a dizer que um homem que pregasse daquela maneira não teria a menor possibilidade de obter conversões. Todavia, ele foi um homem usado por Deus no Grande Despertamento ocorrido no continente americano no século dezoito. Assim, eu os concito a se entregarem completamente ao estudo da história da Igreja e das coisas grandiosas que Deus fez em várias eras e períodos. Aí estão, pois, as duas linhas mestras que seguiremos na abordagem deste assunto – o estudo da Bíblia e um estudo da Igreja Cristã.

Havendo feito isso, veremos que os seguintes grandes princípios fundamentais sobressaem claramente como diretrizes do todo este assunto.

1. O objetivo supremo desta obra é glorificar a Deus. Esse é o ponto central. Esse é o objetivo que deve dominar e sobrepujar todos os outros objetivos. O primeiro objetivo da pregação do evangelho não é salvar almas; é glorificar a Deus. Não se tolerará que nenhuma outra coisa, por melhor que seja nem por mais nobre, usurpe esse primeiro lugar.

2. O único poder que realmente pode realizar esta obra é o Espírito Santo. Quaisquer que sejam os dons naturais que um homem possua, o que quer que um homem seja capaz de fazer como resultado das suas propensões naturais, o trabalho de apresentar o evangelho e de levar àquele supremo objetivo de glorificar a Deus na salvação dos homens, é um trabalho que só pode ser feito pelo Espírito Santo. Vocês vêem isso no próprio Novo Testamento. Sem o Espírito, é-nos dito, não podemos fazer nada. Vocês lêem na Bíblia sobre homens tentando fazer coisas com suas próprias forças, porém eles falharam completamente. Na subseqüente história da Igreja Cristã vocês vêem homens que deixaram de ser instrumentos do Espírito Santo e imediatamente o seu ministério se

tornou infrutífero. Não houve mudança nos seus poderes naturais, provando, portanto, que a obra é tal que, em última instância, só pode ser realizada pelo Espírito Santo.

3. O único e exclusivo meio pelo qual o Espírito Santo opera é a Palavra de Deus. Isso é algo que se pode provar facilmente. Vejam o sermão que foi pregado por Pedro no dia de Pentecoste. O que ele fez realmente foi expor as Escrituras. Ele não se levantou para relatar as suas experiências pessoais. Ele deu a conhecer as Escrituras; esse foi sempre o seu método. E esse é também o método característico de Paulo, como se vê em Atos 17:2: "disputou com eles sobre as Escrituras". No trato com o carcereiro de Filipos, vocês vêem que ele pregou-lhe Jesus Cristo e a Palavra do Senhor. Vocês recordarão as suas palavras na Primeira Epístola a Timóteo, onde ele diz que a vontade de Deus é que todos os homens sejam salvos e sejam levados ao conhecimento da verdade (1 Timóteo 2:4). O meio usado pelo Espírito Santo é a verdade.

4. O quarto princípio é, pois, que a verdadeira motivação para a evangelização deve provir da apreensão destes princípios, e portanto, de um zelo pela honra e glória de Deus e de um amor pelas almas dos homens.

5. Há um constante perigo de erro e de heresia, mesmo entre os mais sinceros, e também o perigo de um falso zelo e do emprego de métodos antibíblicos. Não há nada sobre o que somos exortados mais vezes no Novo Testamento do que sobre a necessidade de constante auto-exame e de retorno às Escrituras.

Aí, penso eu, vocês têm cinco princípios fundamentais claramente ensinados na Palavra de Deus e confirmados profusamente na subseqüente história da Igreja Cristã.

APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS

Isto me leva à segunda divisão principal do nosso assunto, que é a aplicação desses princípios à obra concreta da apresentação do evangelho. Este é um assunto que se divide naturalmente em duas partes principais. Há primeiro a obra de evangelização, e depois a obra de edificação e instrução na justiça.

A Evangelização e os Seus Perigos

Quando nos engajamos numa obra evangelística, é de vital importância que, antes de começarmos, perguntemos a nós mesmos: que é que devo fazer? Que é que devo tentar fazer? Que é que

eu quero realizar? Qual é o meu real objetivo? Sugiro que há somente uma resposta verdadeira para essas perguntas, e é esta: estou desejoso de que almas sejam reconciliadas com Deus, porque, sendo o que são, desonram a Deus, e porque, estando elas num estado em que desonram a Deus, arriscam-se à perdição. Esse é o propósito de toda a obra evangelística – levar essas almas a um estado de reconciliação com Deus. Esse é o objetivo. Não é meramente levar rapazes a tomarem uma decisão; não é simplesmente fazê-los ter outro modo de viver; não é simplesmente levá-los a ligar-se a uma classe ou a uma igreja. O seu objetivo, na apresentação do evangelho a eles, é acertar a relação deles com Deus.

Pois bem, há perigos muito graves que surgiram e surgirão, referentes a esta obra de evangelização. Há, primeiramente, o perigo de exaltar a decisão como tal, e este é um perigo especialmente quando vocês estão trabalhando entre os jovens. Não disponho de tempo para alargar-me sobre isso, embora deva usar a expressão – a diferença *psicológica* entre crianças e adultos. Penso que todos nós sabemos o suficiente de psicologia para compreendermos que as crianças são muito mais impressionáveis do que as pessoas mais velhas. Há um sentido em que é certo dizer que você pode influenciar as crianças levando-as a fazerem quase qualquer coisa que você quiser. Vocês conhecem a pretensão dos católicos romanos, que dizem: "Dêem-nos uma criança até que tenha sete anos, e a teremos a vida toda". O perigo de exaltar a decisão como tal expressa-se de várias maneiras. Mostra-se às vezes no uso da música. Há os que falam sobre cantar e sobre o uso da música – especificamente sobre coros – como algo que eles usam para "dar vida a uma reunião". Fiam-se na música e no cântico de coros para produzirem o efeito desejado e de ocasionarem decisão. Outros talvez tendam a fazer uso de histórias, e não de música, exatamente da mesma maneira. Há os que têm o dom de contar histórias de maneira comovente e eficaz. Outros parecem pôr a sua confiança no encanto pessoal do orador. Por exemplo, um homem me falava de um amigo seu que estava fazendo algum trabalho entre as tropas, e o descreveu deste modo: "Ele está realizando uma grande obra. Ele é justamente o tipo certo de homem; é tão vivo e jovial!" Não há nada desse tipo de coisa no Novo Testamento. Paulo, por exemplo, seria descrito como particularmente vivo e jovial?

Talvez me seja permitido fazer uma digressão neste ponto. Vocês já observaram que alguns dos mais honrados servos de Deus na evangelização eram homens extremamente feios? Permitam-me

recomendar-lhes que estudem isso. Há o perigo do evangelista confiar nos atrativos da sua personalidade para produzir resultados. Depois há alguns que procuram desenvolver o que posso descrever com precisão como espírito de equipe de críquete. Parecem produzir uma atmosfera comparável ao de uma equipe de futebol ou de críquete. O que querem é pôr em ação a idéia de estarem todos juntos, jogando. Isso é uma coisa que, naturalmente, exerce muita atração sobre os rapazes, e é algo que, em si, não tem nada de nocivo e pode ser muito útil. O ponto que defendo é que, às vezes, há o perigo de forçar isso tanto, que as decisões são causadas por esse espírito de equipe, em vez de pelo entendimento da verdade. Todavia, o perigo mais sério de todos é o de procurar produzir decisões como resultado da pressão feita sobre a vontade dos ouvintes. Há o perigo de um homem usar de tal maneira a sua personalidade, o seu poder e a sua capacidade para exercer domínio sobre os outros, que forcem os ouvintes a responderem ao seu apelo.

Estes são alguns dos resultados que decorrem dessa indevida exaltação da decisão como tal. Eu poderia ilustrar extensamente o que venho dizendo. Por exemplo, tenho ouvido falar, repetidamente, de certo evangelista popular que tem um admirável dom de contar histórias; é um consumado gênio nesse aspecto. Suas descrições verbais são tais que você pode ver exatamente o que ele descreve. Esse homem conta as suas histórias e parece quase mesmerizar os seus ouvintes. No fim da reunião ele convida os presentes a irem para a sala da decisão, e eles vão aos magotes. Mas os que trabalham na sala da decisão concordam em dizer que, quando lhes perguntam por que vieram, respondem que não sabem, porém que o orador lhes dissera que viessem. Não é que a verdade os tenha persuadido ou os tenha convencido do pecado. Foram influenciados pelas histórias que ouviram e, então, parecem agir de maneira automática. A música pode produzir o mesmo efeito. Vocês podem cantar um coro de tal modo que, finalmente, acabam ficando intoxicados. O poder da música é tal que esse é o efeito que tem sobre algumas pessoas; e, na realidade, elas não sabem o que estão fazendo; reagem mecanicamente a qualquer voz de comando ou a qualquer convite que lhes façam.

O segundo perigo é que as pessoas podem chegar a uma decisão resultante de um falso motivo. Às vezes as pessoas se decidem por Cristo simplesmente porque estão desejosas de ter a experiência que outros tiveram. Aí está, de novo, um perigo ao qual particularmente os jovens estão expostos. Noutras palavras, estou tentando

adverti-los do perigo de basear a sua mensagem no efeito da sua experiência pessoal, ou na de outrem. O rapaz que o está ouvindo poderá estar ansioso por ser como você, por ter o que você tem, ou por ser semelhante a alguém a respeito de quem você falou, e por ter o que esse alguém tem. Enquanto pensamos que ele está se decidindo por Cristo, está simplesmente cobiçando uma experiência alheia. Ou pode ser o desejo de ter esse maravilhoso tipo de vida da qual lhe falaram. O evangelho de Jesus Cristo dá-nos uma vida maravilhosa, e louvamos a Deus por isso, mas a verdadeira razão para nos tornarmos cristãos não é que tenhamos uma vida maravilhosa; é, antes, que estejamos em correta relação com Deus. Também, às vezes Cristo é apresentado como um herói. O instinto heróico é proeminente em todos nós, e especialmente nos rapazes. Se exagerarmos na ênfase a esse aspecto do evangelho, poderá ser que os rapazes, e mesmo pessoas de mais idade, se unam à nossa classe bíblica ou à nossa igreja simplesmente porque a mensagem atraiu o seu instinto heróico.

Há também o perigo de que as pessoas cheguem a uma decisão, e de novo isso é muito próprio dos rapazes, como resultado do que chamam "aceitar o desafio da vida cristã". Consideram-na uma grande aventura, como algo a que eles devem aspirar, como o lançar-se a uma grande cruzada.

E, a seguir, o último perigo que desejo acentuar sob o presente título, é a terrível falácia de apresentar o evangelho em termos de "Cristo precisa de você", e de dar a impressão de que, se o rapaz não se decide por Cristo, é um mal sujeito. Estes pontos que coloco não são artificiais. Estou deduzindo isso não somente da minha experiência pessoal, e sim também das coisas que tenho encontrado em minhas leituras, e dos problemas que a gente enfrenta no ministério cristão, problemas resultantes da utilização de falsos métodos. Há alguma verdade e algum valor em muitas das coisas que mencionei, mas o ponto que eu quero salientar é que não se deve permitir que nenhuma dessas coisas, por boas que sejam em si mesmas, tome a posição suprema. Não quero dizer com isso que vocês não devem cantar nada em suas reuniões. Naturalmente que podemos cantar, no entanto não ponhamos demasiada confiança em nossos cânticos. Usemos essas coisas na medida em que forem legítimas, mas sempre as considerando como acessórios e formas de ajuda, e não como o fator que realmente produz os resultados.

Ora, dirá alguém, tudo isso é negativo. Como você sugere que se realize a obra? Replico de novo, simplesmente retornemos àqueles cinco princípios aos quais me referi, e eles podem ser

resumidos assim: devemos apresentar a verdade; esta terá que ser uma exposição positiva do ensino da Palavra de Deus. Primeiro e acima de tudo, devemos mostrar aos homens a condição em que se acham por natureza, à vista de Deus. Devemos levá-los (e incluo os rapazes aqui) a ver que, independentemente do que façamos e do que tenhamos feito, todos nós nascemos como "filhos da ira"; nascemos num estado de condenação, culpados aos olhos de Deus; fomos concebidos em pecado e fomos formados em iniqüidade (Salmo 51:5). Isso vem em primeiro lugar.

Feito isso, devemos prosseguir e demonstrar a enormidade do pecado. Não significa apenas que devemos mostrar a iniqüidade de certos pecados. Não há nada que seja tão vital como a distinção entre pecado e pecados. Vezes demais temos passado o tempo chamando a atenção para pecados particulares, ao passo que o nosso dever é convencer do pecado, desta coisa que nos destrói e que se mostra na forma de pecados particulares. Depois devemos conclamar os nossos ouvintes a confessarem e a reconhecerem os seus pecados diante de Deus e dos homens. E então devemos ir adiante e apresentar a gloriosa e estupenda oferta de salvação gratuita, que se acha unicamente em Jesus Cristo, e Este crucificado. Devemos mostrar que somente Ele pode remover a culpa e o poder do pecado; que Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, levou "em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro" (1 Pedro 2:24), e que é somente quando nos rendemos e nos submetemos inteiramente a Ele que, na mesma hora e ao mesmo tempo, somos feitos justos para com Deus e somos capacitados a ter uma vida agradável aos Seus olhos. A única decisão, que é do mais diminuto valor, é a que se baseia na compreensão dessa verdade. Podemos fazer os homens se decidirem como resultado dos nossos cânticos, como resultado do encanto da nossa personalidade, mas o nosso dever não é conseguir seguidores pessoais. O nosso dever não é simplesmente aumentar o tamanho das nossas classes de estudo da Bíblia ou das nossas organizações e igrejas. O nosso dever é reconciliar almas com Deus. Repito que não há nenhum valor numa decisão que não esteja baseada na aceitação da verdade.

Edificação

A minha segunda subdivisão relacionada com a apresentação do evangelho é a obra de edificação. Este é um grande tema, e tudo o que eu posso fazer é simplesmente lançar certos princípios. Em nenhuma outra parte o perigo de um falso método é mais real do que

esta particular questão de edificação, com o que me refiro ao ensino concernente à santificação e à santidade. O próprio Novo Testamento mostra claramente o perigo. Não se pode ler o Novo Testamento sem perceber logo que a Igreja Primitiva reagia contra problemas, perigos e heresias incipientes que a assediavam. Havia os que diziam, por exemplo: "Continuemos no pecado para que a graça seja mais abundante". Havia os que diziam que, contanto que você fosse cristão, não importava o que você tinha feito, que, contanto que você estivesse certo em suas crenças, o seu corpo não importava e você podia pecar quanto quisesse. Isto é conhecido como antinomianismo. Havia os que se diziam sem pecado. Havia os que partiam em busca de "conhecimento", que alegavam ter alguma experiência esotérica especial que os outros, cristãos inferiores, ignoravam. Havia os que, diz-nos a Primeira Epístola aos Coríntios, descreviam-se a si mesmos como seguidores de Cristo – uns de Paulo, outros de Apolo e *outros de Cristo* (1 Coríntios 1:12) – o pequeno grupo seleto no topo. E havia os que, claramente tratados na Epístola aos Colossenses e em 1 Timóteo, seguiam uma espécie de ascetismo, proibindo ao povo casar-se e comer carne. Se vocês lerem a subseqüente história da Igreja Cristã, verão a mesma coisa salientada constantemente. Vejam os monges, por exemplo, e os eremitas, gente que dizia que ninguém pode ser cristão enquanto estiver engajado numa vocação comum. E depois vários movimentos surgiram na Igreja Cristã. Os que se interessavam por essas coisas eram zelosos e sinceros; todos eles começaram crendo nas doutrinas verdadeiras, mas se fizeram sujeitos ao perigo de heresia e erro, e se afastaram da vereda verdadeira.

Se posso fazer um sumário de todos esses perigos, é o perigo de isolar um texto ou uma idéia e construir um sistema em torno dessa idéia ou desse texto, em vez de comparar Escritura com Escritura. Isso é procurar atalho no mundo espiritual. As pessoas tentam chegar à santificação com um só movimento, e assim se privam do processo descrito no Novo Testamento. A maneira de evitar esse perigo é estudar o Novo Testamento, especialmente as Epístolas. Devemos rejeitar toda e qualquer coisa que não se baseie firmemente no ensino das Epístolas. Devemos ter o cuidado de não tomar um incidente dos Evangelhos e tecer uma teoria em torno dele, quando o incidente descrito não tem a mais remota relação com o tema da santidade ou da santificação. Devemos compreender que o nosso padrão nesta questão particular acha-se nas Epístolas. Se vocês forem às Epístolas, penso que verão claramente exposto o princípio segundo o qual a nossa vida não se baseia nalguma

experiência repentina, mas, antes, em certas deduções que tiramos da verdade em que cremos. Posso recomendar-lhes um estudo especial da palavra "portanto" ou "pois" nas Epístolas? É uma palavra muito importante. Primeiro, o escritor formula a doutrina, e depois diz: portanto – em vista disso, façamos isto. O nosso modo de viver a vida cristã deve ser uma dedução da nossa doutrina.

Qual é a doutrina? Bem, ela é repetida constantemente. A razão pela qual devemos ter vida pura e santificada é pelo que afirmamos crer a respeito de Cristo, porque Deus é santo e por causa da esperança que é posta diante de nós. Noutras palavras, o Novo Testamento não nos convida para vivermos uma vida pura e santificada a fim de gozarmos felicidade; porém nos diz que o faz porque Cristo Se ofereceu por nós, e porque Ele derramou o Seu sangue no Calvário. O Novo Testamento nos diz que fomos redimidos dos nossos pecados pelo precioso sangue de Cristo e, portanto, não temos direito de viver uma vida pecaminosa. Não deixa uma brecha entre crer nEle como o nosso Salvador e recebê-lO como o nosso Senhor: as duas coisas são uma só. A santificação da vida surge diretamente da doutrina da morte de Cristo na cruz. Ela nos ensina que devemos crescer na graça e no conhecimento do Senhor. É isso que temos em cada uma das Epístolas do Novo Testamento. Há constante exortação àqueles crentes dos primeiros tempos a que aplicassem e pusessem em prática em suas vidas a verdade que eles diziam que tinham crido e aceitado.

Permitam-me resumir tudo o que eu venho tentando dizer, da seguinte maneira: se vocês quiserem ser competentes ministros do evangelho, se quiserem apresentar a verdade de modo certo e verdadeiro, terão que ser estudantes assíduos da Palavra de Deus, terão que lê-la sem cessar. Terão que ler todos os bons livros que os ajudem a entendê-la, e os melhores comentários da Bíblia que puderem encontrar. Terão que ler o que denomino teologia bíblica, a explicação das grandes doutrinas do Novo Testamento, para que venham a entendê-las cada vez mais claramente e, daí, sejam capazes de apresentá-las com clareza cada vez maior aos que venham ouvi-los. A obra do ministério não consiste meramente em oferecer a nossa experiência pessoal, ou em falar das nossas vidas ou das vidas de outros, mas sim, em apresentar a verdade de Deus de maneira tão simples e clara quanto possível. E o jeito de fazer isso é estudar a Palavra e toda e qualquer coisa que nos ajude nessa tarefa suprema.

Talvez vocês me perguntem: quem é suficiente para estas coisas? Temos outras coisas que fazer; somos homens ocupados.

Como poderemos fazer o que você nos pede que façamos? Minha resposta é que nenhum de nós é suficiente para estas coisas, todavia Deus pode capacitar-nos para fazê-las, se de fato estamos desejosos de servi-lO. Não me impressionam muito esses grandes argumentos de que vocês são homens ocupados, de que vocês têm que fazer muitas coisas no mundo e, por isso, não têm tempo de ler estes livros sobre a Bíblia e de estudar teologia, e por esta boa razão: alguns dos melhores teólogos que conheci, alguns dos mais santos, alguns dos homens mais cultos, tiveram que trabalhar mais duro do que qualquer de vocês e, ao mesmo tempo, foram-lhes negadas as vantagens que vocês gozam. "Querer é poder". Se eu e vocês estivermos preocupados com as almas perdidas, jamais deveremos alegar que não temos tempo para preparar-nos para este grande ministério; temos que fabricar tempo. Temos que aparelhar-nos para a tarefa, conscientes da séria e terrível responsabilidade da obra. Temos que estudar, trabalhar, suar e orar para podermos conhecer a verdade cada vez mais e cada vez mais perfeitamente. Temos que pôr em prática em nossas vidas as palavras que se acham em 1 Timóteo 4:12-16. Conceda-nos Deus a graça e o poder para fazê-lo, para a honra e a glória do Seu santo nome.

2

A RELIGIÃO HOJE E AMANHÃ *

I

Uma das primeiras perguntas, senão a *primeira*, que os nossos pais costumavam fazer-se quando se encontravam era: "Como vão as coisas com a sua "causa"? O estado e as condições da religião eram a coisa mais importante para eles, não porque se haviam retirado do mundo, mas porque acreditavam que a religião determinava e regulava o estado da sociedade. E para os cristãos este continua sendo o caso, e a questão mais importante ainda permanece: "Como vão as coisas com a sua "causa"? Não posso conter-me e deixar de colocar essa questão sumamente importante mesmo nestes dias, porque o que faz do cristão um ser à parte e o torna diferente de todos os demais é o fato de que ele vê tudo do ponto de vista da religião, e nessa direção busca explicação para tudo. Podemos ver isso, por exemplo, no contexto desta guerra.** As coisas que mais pertubam as pessoas são as horríveis conseqüências da guerra, porém o que aflige o cristão é que tais eventos sejam de algum modo possíveis num mundo criado por Deus. E, na tentativa de explicar a causa de uma guerra, vê-se a mesma diferença. Na maioria, as pessoas procuram razões políticas, econômicas ou psicológicas, e assim por diante, mas para o cristão há uma só explicação satisfatória, e essa é o pecado, e o fato de que as pessoas têm abandonado a Deus e os Seus caminhos.

A mesma coisa vale quanto ao futuro. Não é a questão da quantidade de alimento, roupas, dinheiro, educação e muitos recur-

* Três palestras radiofônicas para a BBC em Gales, feitas em 1945.

** A segunda Guerra Mundial. Nota do Tradutor.

sos que possamos ter, e tampouco do tipo de casa na qual vamos morar não é essa a questão da quantidade de alimento, roupas, dinheiro, educação e muitos outros recursos que possamos ter, e tampouco do tipo de casa na qual vamos morar – não é essa a questão que está no primeiro plano da mente do cristão, se bem que ele sabe e admite que todas essas coisas são legítimas; em vez disso, o fator importante é que classe de homens seremos, e o que faremos das nossas vidas.

Não se trata de uma questão acadêmica, e sim de uma questão completamente prática, pelas seguintes razões:

Primeiramente, este mundo é de Deus, e não do homem. Há regras e leis na vida. Deus fez uma declaração do modo de viver que Ele exige, fez essa declaração aos israelitas por meio da lei, e principalmente por intermédio de Jesus Cristo no Novo Testamento. Se havermos de ser abençoados e gozar vida feliz, temos que obedecer às ordenanças de Deus. Por outro lado, a Bíblia deixa bem claro que "o caminho dos prevaricadores é áspero" (Provérbios 13:15).

A segunda razão é que a religião do homem não é algo privativo; não é meramente o que um homem faz com a sua solidão, como Whitehead o coloca. Começa aí, mas isso afeta a totalidade da vida. Há uma razão religiosa para tudo; e, conseqüentemente, não há nenhuma questão que seja mais importante ou mais relevante do que a antiga questão que hoje é o objeto de brincadeira e sarcasmo: "Como vão as coisas com a sua "causa"? Mas o fator que dá urgência a esta questão hoje é o estado do mundo. Em muitas frentes poder-se-ia dizer que não houve melhor oportunidade para pregar o evangelho durante séculos, e isso pela simples razão que o mundo não estava nesse dilema. No entanto, a fim de ver a verdadeira realidade da presente situação, é imperativo que encaremos de perto as acusações e reivindicações feitas durante o século passado. Ensinaram-nos que o homem estava progredindo rapidamente rumo a um estado de perfeição pela energia dos seus poderes inatos, e que só tínhamos de educá-lo e dar-lhe ocasião para usar as suas faculdades para a criação de um mundo perfeito. A autoconfiança do homem nunca foi mais forte. O homem só tinha uma coisa que fazer, e era acreditar em si próprio. A religião era algo que pertencia ao passado e à infância da humanidade. De fato, nada era mais oposto à vida verdadeira do que a crença em Deus. Toda gente sabe dessas idéias; não preciso alongar-me sobre elas.

Mas agora tivemos duas guerras mundiais num quarto de século, e eventos sucedidos no continente europeu entre as duas

guerras, eventos dos quais não se ouvia falar há muitos séculos. Hoje há escassa menção de evolução e progresso; as esperanças se frustaram, os sonhos se fanaram e desapareceram. O medo e a incerteza estão nos corações dos homens e, de acordo com aqueles que estão em condições de julgar, as principais marcas que há nas mentes dos homens e mulheres que trabalham são dúvidas, a incerteza, e a indisposição para crer no que dizem os políticos. A grande palavra hoje é *frustração*, e o espírito do desespero está à solta. Conquanto isto não signifique que as pessoas estão mais dispostas a ouvir a mensagem do evangelho, sugere que há uma grande oportunidade para pregar a mensagem. Todavia permanece a questão: a Igreja está ciente desta oportunidade, e está pronta a tirar vantagem disso? Qual é o estado da religião entre nós? Qual o estado da Igreja?

Se observarmos a Igreja em geral, desafortunadamente, há bem pouca dificuldade em responder essas perguntas. Não houve um período tão árido e tão duro por dois séculos. As estatísticas bastam para provar-nos isso. O número de membros de igreja decresce ano após ano, e o número dos que se costumava chamar "ouvintes" virtualmente desapareceu por completo. Reuniões pequenas são a norma em quase toda parte, e ficamos surpresos quando vemos nalguns templos as palavras: "Construído no ano tal, *ampliado* no ano tal..."!

O mesmo declínio é de se notar na Escola Dominical, outrora tão popular! Todos esperavam ansiosos por ela e se prepararam para ela, mas agora, com poucas exceções, ela está em péssimo estado. E quanto às reuniões de oração, às reuniões da sociedade e às reuniões de comunhão,* toda gente sabe que são fracas e débeis em quase toda parte, e que muitas igrejas hoje não têm dessas reuniões.

Em certo sentido, esses fatos não provam nada, exceto que o número de pessoas religiosas é muito pequeno nos dias atuais. Precisamos fazer outra pergunta, se queremos descobrir qual exatamente é o estado da religião hoje. Não gosto de fazer esta pergunta porque parece indelicada para com aqueles que ainda são religiosos, porém temos que enfrentá-la. Que dizer sobre aqueles de nós que ainda estão apegados à religião? Tendemos a consolar-nos com a idéia de que somos melhores do que os irreligiosos, e nos medimos por um padrão inferior a nós. Mas isso não é suficiente. O nosso padrão é o dos santos, e do Novo Testamento,

---

* Essas reuniões eram feitas durante o avivamento no século dezoito em Gales, em atenção aos convertidos e para encorajá-los.

e da Igreja do passado, quando a religião era levada em conta no país. Temos vida em nós? Damos ao povo a impressão de que o elemento principal das nossas vida é a nossa religião? Distinguimo-nos na sociedade como povo de Deus, e brilhamos em nossa vida e em nosso comportamento? O zelo e o entusiasmo são visíveis em nossa religião? Ou damos a impressão de que a religião é matéria de dever para nós? Pergunto quantos de nós podem dizer que "a alegria do Senhor é a nossa força"? (Neemias 8:10). Quantos de nós podem ser "mais que vencedores" (Romanos 8:37) em face das provações da vida em dias como estes? Por que será que o número dos que podem orar e dos que têm uma experiência espiritual para declarar e partilhar com outros está ficando cada vez menor a cada ano que passa? Estes são os testes para a nossa vida religiosa, e se os fizermos, teremos que admitir que estamos mortos e sem vida e muito parecidos com o mundo que nos cerca.

Quem poderá afirmar que sente um fardo pelas almas perdidas neste país e nos países estrangeiros, como os nossos pais sentiam? Quantos de nós verdadeiramente lamentam e choram quando vemos o estado em que se encontra o mundo? Pensamos sequer na obra de resgatar o mundo, ou apenas nos satisfazemos em "continuar a causa" e manter as coisas como vão? Somos tão audazes na causa da religião e do evangelho eterno como audazes são milhões pela causa do seu país em face de um inimigo? A fé em nossa mensagem é comparável a fé que milhões de nazistas votam ao nazismo e ao hitlerismo? Retratamos o mesmo espírito intrépido e a mesma disposição para sacrificar tudo pela causa de Deus?

É óbvio que não compreendemos plenamente qual é o estado do mundo que nos cerca quando falamos em religião de amanhã, porque as nossas idéias e os nossos alvos quanto ao futuro dependem em grande medida do modo como interpretamos a situação presente. Além disso, não há nada que mostre mais claramente a nossa condição espiritual, do que a nossa capacidade de compreender os sinais dos tempos. Acaso compreendemos que o problema da religião hoje é muito diferente do que foi, digamos, há quarenta anos, e mesmo há vinte anos? Hoje estamos produzindo homens quase totalmente ignorantes da Bíblia e, do ponto de vista da moralidade, o problema não é tanto a moralidade, mas a ausência total da moralidade – a amoralidade, a tendência de duvidar de todos os tipos de padrões morais. Na verdade, alguns vão longe, a ponto de dizerem que todos os que reconhecem padrões morais têm uma vida incompleta e fazem injustiça às suas personalidades. Essas pessoas afirmam que o que outrora se chamava pecado não

é nada mais que auto-expressão. Todos os fundamentos antigos estão sendo abalados, e as antigas fronteiras e barreiras estão sendo varridas. Do ponto de vista das reivindicações da religião, o problema não é que os homens sejam anti-religiosos como costumavam ser, mas que ignoram completamente a religião, e absolutamente não pensam nela. Uma figura pública de primeira grandeza disse: "Não precisamos de um movimento anti-Deus na Grã-Bretanha, como eles têm na Rússia, porque a maioria esqueceu-se de Deus completamente". Teríamos consciência desta nova situação?

O tempo não nos permite, como gostaríamos, traçar o lastimável estado da religião hoje. E, todavia, será impossível entender bem a situação atual, para não dizer encarar o futuro, se não fizermos isso. A coisa mais bondosa que podemos dizer de nós mesmos é que somos herdeiros dos pecados e defeitos dos nossos antepassados. Por que a religião perdeu o seu domínio sobre nós como país? Há algumas razões comuns a nós e a todos os países, sendo que a principal é, naturalmente, a questão de autoridade, especialmente a autoridade da Bíblia. Enquanto os homens aceitavam a Bíblia com a Palavra de Deus, e aceitavam a categoria da revelação, a religião floresceu, mas, por volta de meados do século dezenove, surgiu a tendência de substituir a revelação pela filosofia. As idéias dos homens passaram a ser os elementos importantes daquele tempo em diante, e a capacidade de entendimento veio a ser o padrão. Dizia-se que o miraculoso e o sobrenatural eram impossíveis, e que o Senhor Jesus Cristo não passava de homem. Via-se o evangelho como um meio de persuadir o homem a salvar-se a si mesmo, e não o meio de Deus para salvar o homem. A ênfase era dada às obras e ao estilo de vida, e não à fé em Cristo; a expressão "um bom homem" tornou-se um sinônimo de "um cristão", e a moralidade tornou-se um sinônimo de religião. O importante era melhorar o mundo, e não estabelecer a paz entre os homens e Deus. Perdeu-se a idéia de que a igreja é um lugar onde Deus Se encontra com os homens, mediante o Espírito, e as pessoas começaram a ver a igreja como o que Karl Barth denominou, um "conventículo inspiracional". O fim desse modo de pensamento é, naturalmente, que não há nenhuma necessidade de igreja.

Outra razão para o declínio é que o zelo e o fervor outrora demonstrados no mundo da religião, foram transferidos para o campo da política. Foi uma progressão natural desde a primeira mudança. O homem, e não Deus, foi colocado no centro do palco. Depois de terem perdido a fé num outro mundo, e de pararem de

pensar no homem como peregrino em viagem para "a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus" (Hebreus 11:10), é fácil entender como os homens começaram a concentrar de todo o coração as suas idéias neste mundo, e a substituir o profeta pelo político.

Igualmente, o padrão para alguém ser membro de igreja foi rebaixado, não tanto em termos de conduta como na questão de crença e experiência. Adultos e crianças eram encorajados e persuadidos a se tornarem membros, e lhes foi facilitado fazerem-se membros. Perdeu-se a idéia de que ser membro da Igreja de Deus é a maior honra que nos pode chegar, enquanto estivermos na terra. Passou-se a acreditar que os ricos e os que tiveram formação educacional e obtiveram posição de importância honram a igreja com a sua presença.

Pergunto, também, se não podemos dizer que, no que se refere a Gales, a pregação se tornou, em grande medida, algo que pode ser somente desfrutado do ponto de vista de desempenho artístico. A mensagem foi desaparecendo cada vez mais do primeiro plano, os "poderes do Espírito eterno" foram esquecidos, exceto nos cânticos sobre eles, em cantigas populares, e o que se tornou importante são as reuniões e os festivais de canto. As formas e os métodos dos pais eram seguidos, mas o seu vigor e o elemento vivo que eles possuíam perderam-se. Seja como for, é assim que eu vejo a religião hoje. O quadro é sombrio, porém não sem esperança. Mesmo assim, temos que encará-lo, porque o primeiro passo para o avivamento e a salvação é mente honesta e arrependimento verdadeiro.

II

Na alocução anterior demos uma vista d'olhos no estado da religião hoje e tentamos descobrir o fator responsável pela terrível situação atual. Todavia a nossa análise não foi completa por falta de tempo, e eu fiz pouco mais que um esboço da situação em geral e, em grande medida, só externamente. Assim, não nos será possível discutir "religião amanhã" sem fazer mais um exame da religião de hoje. Todos concordarão que isso é necessário porque o futuro é determinado e regulado pelo presente. Mais que isso, os preparativos e os arranjos para o futuro estão sendo feitos, e somos forçados a estudá-lo e a dar a nossa opinião sobre eles. É necessário, não porque estejamos procurando profetizar o que o futuro nos reserva, mas, antes, para que nos preparemos para o futuro tentando

fazer-nos lembrar uns aos outros os padrões que devemos ter em mente todas as vezes que pensamos em religião.

Antes de sugerirmos alguma coisa, devemos avaliar o que já foi feito e as idéias que são populares entre nós. Embora ressaltemos os elementos de apatia, indiferença e inércia que são típicos da religião em geral hoje, é justo dizer que há sinais de insatisfação, na verdade de intranqüilidade, da parte de muitos. Este é o sinal mais esperançoso na situação presente. Contudo, o meu parecer é que o descontentamento, em si, não é suficiente. De fato, o que dizemos trai muitas vezes os nossos motivos, e estes com freqüência são totalmente alheios à verdadeira religião que nos estimula. Por exemplo, a ansiedade de alguns é pelo futuro da causa, e sobre como hão de manter as portas abertas. Outros estão aflitos, não por causa da vergonhosa situação atual da Igreja, que é pecaminosa diante de Deus, mas unicamente porque isso significa que não haverá um lar confortável nas igrejas para as quais os rapazes e as moças possam voltar no fim da guerra. É fácil ficarmos confusos em nossos objetivos e esquecermos o que a religião é na verdade.

Haja o que houver, há uma espécie de mudança na Igreja, e os homens estão começando a indagar-se a si mesmos sobre o que está errado e sobre o que se pode fazer a respeito. Não é só a guerra a responsável por isso, porquanto tendências nesta direção eram evidentes na vida da Igreja, mesmo nos áridos e lamentáveis dias anteriores à guerra. Vamos examiná-las. Talvez a melhor maneira será dividi-las em dois títulos: aquilo que está sendo feito e já é visível, e as intenções e arranjos para o futuro.

Ao examinarmos o que já está acontecendo, talvez devamos dividir a questão em duas partes: o primeiro ponto inclui as tendências teológicas e filosóficas que se nos fazem claras, e eu emprego estes termos para chamar a atenção para três elementos que sobressaem claramente hoje.

Devemos começar, por certo, com o despertamento que ocorre no mundo da teologia como tal. Esta é a característica mais extraordinária no campo da religião nos últimos vinte anos. Só podemos tocar de leve nesta matéria aqui, mas o fato é que se levantou um novo interesse pela teologia, e se faz mais menção das questões teológicas, e se fazem mais debates sobre elas, do que se fez em cinqüenta anos ou mais. Devemos atribuir isso principalmente à obra de Karl Barth e de outros no continente europeu, e por meio deles, a Reinhold Niebuhr, na América. Na Inglaterra o movimento influenciou Sir Edwyn Hoskyns, C.H. Dodd, Nathaniel Micklem, J.S. Whale e outros. É interessante notar que o professor Vernon

Lewis foi o primeiro a chamar a atenção para Barth na Grã-Bretanha, e que outro galês, D.R. Davies, foi muito proeminente entre as colunas do movimento. A maior ênfase desse movimento é que devemos retornar à Palavra de Deus na Bíblia. Essas pessoas sentem que perdemos de vista a idéia de revelação e que, sob a influência doutras idéias filosóficas, transformamos a religião em nada mais que um humanismo elevado. Eles tendem a dizer que a razão e a filosofia são os maiores inimigos da religião verdadeira, e nos conclamam a reler e a reconsiderar o que a Palavra de Deus nos diz. Pode-se ver emanar disso uma nova atitude para com o estudo da Bíblia, e os novos comentários tendem a concentrar-se na mensagem da Palavra, e não na crítica, na língua e em tudo o que está incluído na expressão Alta Crítica. As questões de quem escreveu o livro, ou de quando foi escrito, ou onde foi isso, não são importantes para o ensino dessa escola, sendo o conteúdo do livro o fator importante. O fator importante é o ensino da Bíblia e a nossa percepção de que nela Deus nos fala.

O resultado disso tudo é que velhas expressões ignoradas por anos estão de novo em voga, expressões como soberania de Deus, pecado, incapacidade do homem e expiação. Deve-se notar a mesma tendência também na popularidade do C.S. Lewis, tanto em suas preleções como em seus livros. Ele não pertence à escola de Barth, porém dá a mesma ênfase à importância da necessidade de sermos submissos, de confessarmos a nossa incapacidade e de aceitarmos a revelação. Ele é principalmente um apologista que gosta de contrastar a suficiência absoluta da fé cristã com outras filosofias. Ao mesmo tempo, a popularidade de livros produzidos por Jacques Maritain e Christopher Dawson mostra que o tomismo está ganhando terreno rapidamente.

Lado a lado com este novo interesse pela teologia como tal, vemos outra tendência para com as idéias da Igreja Alta (Anglicana) mesmo entre os não conformistas. Esse movimento põe a sua ênfase na idéia da igreja, no culto e nas formas de culto, bem como na necessidade de haver ordem e dignidade em nosso culto público, numa palavra, no lado devocional da religião. Para essas pessoas há grande valor na liturgia, e todas elas tendem a ler as orações e a ter a congregação participando mais do culto. Elas tendem a pensar que a maior parte das igrejas livres baixaram os padrões do culto e têm dado demasiada ênfase à pregação e aos pregadores. Mais que isso, elas tendem a crer que nos falta um espírito próprio e reverente, e que a carnalidade e um espírito fechado prevalecem em nossas reuniões.

Esses amigos não se contentam em criticar apenas. Eles põem em prática as suas idéias. O resultado é que cada vez mais ministros usam a toga de Genebra no púlpito; lêem as suas orações e muitas vezes os seus sermões também; persuadem as suas igrejas a lerem ou cantarem salmos e a desenvolverem ordens do culto. Noutras palavras, há um movimento pró Igreja Alta entre os não conformistas, e nos é interessante notar que um dos principais líderes desse movimento é um jovem galês, Daniel D. Jenkins, autor do livro *A Natureza da Catolicidade* ("The Nature of Catholicity") e co-editor de *Presbítero* ("Presbyter"). Outro resultado dessas idéias é que muitos se retiraram da igreja dos seus pais e dos seus antepassados e se ligaram à Igreja Episcopal. É interessante notar a ênfase que essas pessoas dão à palavra "dignidade"! Seria mais interessante ainda fazer um estudo da perspectiva psicológica de algumas delas, e tentar estabelecer até que ponto a idéia de que o puritanismo é alheio à natureza e ao espírito dos galeses, é responsável pelo seu ponto de vista.

Devo mencionar outro fator sob este título, e esse é o movimento em prol da unidade da Igreja. Muitos acham que este é o movimento mais importante do mundo religioso. Eles argumentam que as divisões sem sentido que dividem a Igreja constituem a principal razão para manter o povo fora da religião, que essas divisões hoje são, em grande medida, sem sentido para a maioria dos que pertencem a diferentes denominações. O que é uma necessidade vital, segundo esses irmãos, é juntar-nos para formar uma grande igreja mundial que será uma prova da nossa unidade em Cristo e, portanto, será uma prova do poder do evangelho. Essa idéia teve como resultado que ministros de todas as igrejas, até da Igreja Episcopal, se reúnem regularmente e formam comitês para trabalharem e prestarem culto juntos. Nunca houve tanta menção da unidade da Igreja, e alguns vão adiante e dizem que nada salvará a Igreja da extinção, exceto isso.

Agora devemos passar ao segundo título, a saber, o lado prático, o que está sendo feito com o fim de tratar da situação religiosa. O principal fator nessa esfera é aquilo que se chama Movimento de Religião e Vida. Esse movimento cobre todas as partes da Igreja Cristã, exceto os católicos romanos, embora nalguns lugares até eles se lhe juntem. Sob os auspícios desse movimento, os ministros de religião se juntam, não somente para encontrar-se e orar juntos, mas também para organizar reuniões públicas, chamadas Semanas de Religião e Vida. As reuniões são programadas para uma semana por vez e oradores famosos vêm falar-lhes, sendo geralmente o

primeiro o bispo da província. Segue-se quase sempre o mesmo programa, e o conteúdo é disposto como segue: religião e o lar; religião e educação; religião e vida social; religião e moralidade; religião e o indivíduo. O seu propósito é mostrar o que a religião tem para dizer sobre estas questões, e eles tentam persuadir as pessoas a adaptar a religião delas a essas diversas esferas. Os que estão envolvidos no movimento julgam que o que mantém muitos afastados da religião é que eles acham que ela não tem nada a ver com a vida prática diária, e que a maneira de conquistar essas pessoas é expor a relevância do evangelho para todos os aspectos da vida. Pode-se dizer, pois, que este é um método de evangelização de maneira indireta.

Ao mesmo tempo, outros, que seguem as veredas antigas, fazem campanhas evangelístas de oito a dez dias, sob a liderança de um evangelista popular, ou de vários evangelistas, uns falando, outros cantando. Muitas campanhas dessas foram feitas no ano passado, na Inglaterra, sob os auspícios da Campanha Fé para os Tempos.

Para atentar por um momento para aquilo que foi sugerido com relação ao futuro, é um fato que comitês e comissões estão se reunindo, como faziam durante e após a última guerra, com vistas à reorganização da obra das igrejas. Ninguém sabe ainda exatamente o que elas terão para oferecer. Portanto, vou referir-me ao que muitos têm ouvido e crido. Algumas coisas sobressaem claramente. É difícil ignorar a idéia de que está se desenvolvendo um preconceito contra a pregação em favor de debates e de discussões livres sobre tópicos religiosos. Durante anos muitos têm tentado dar ênfase à obra pessoal, não como algo que se segue à pregação e que se lhe acrescenta, mas à obra pessoal em lugar da pregação. Portanto, muitos acham que há necessidade de menos pregação. Outros dão ênfase a reuniões noturnas durante a semana na igreja. Segundo essas pessoas, essas reuniões de sociedade e reuniões de comunhão devem ser transformadas em reuniões para o cultivo do corpo, bem como da mente e do espírito. O dever e obra da igreja, segundo eles, é ser um centro social do distrito, em todos os aspectos. Esta é a maneira de atrair e manter especialmente os jovens. Outros acham que os dias dos templos e das grandes congregações estão contados, e que a tendência futura será pregar aqui e ali ao ar livre e a nomeação de capelães nas fábricas e lojas e onde quer que os homens trabalhem, como se faz nas Forças Armadas. Numa palavra, muitos se inclinam a acreditar que não há futuro nenhum para a religião na forma a que estamos acostumados hoje.

É óbvio que aqui não temos tempos para tratar dessas muitas e variadas idéias. Espero, na derradeira preleção examiná-las do ponto de vista do Novo Testamento e salientar o que o seu ensino tem para dizer acerca da religião em todas as eras. Todavia, algumas coisas podem ser ditas aqui, ou pelo menos podemos responder a umas poucas perguntas. Chegou o momento, suponho, de perguntar: qual é o verdadeiro valor do novo movimento teológico? Embora ele renegue o valor da mente e da razão, acaso trataria ele de algo que não sejam as mentes dos homens? E enquanto dá pouca atenção à filosofia, será ele algo melhor do que uma nova ênfase à filosofia? Não seria essa também a razão porque é tão difícil entendê-lo? Embora sejamos gratos pela nova ênfase à Palavra e à teologia, devemos lembrar-nos de que há uma diferença básica, radical, entre pregar a Palavra e pregar *sobre* a Palavra. É somente a pregação da Palavra que salva os homens, e esse é o propósito do evangelho – não apenas oferecer uma mudança intelectual e persuadi-lo a alterar o seu ponto de vista filosófico, mas tê-lo renascido e transformado completamente.

Com relação ao movimento que ressalta o lado devocional, estamos prontos a concordar com grande parte das coisas, senão com todas, que são ditas acerca de elementos indignos que com tanta freqüência tipificam as nossas reuniões – as reações casuais (os améns), a egocentralização, o ruído e o tumulto; concordamos que há necessidade de cultivar um espírito de adoração e de reverência. No entanto, afinal de contas, embora a ordem e a dignidade sejam esplêndidas, o elemento que é necessário acima de tudo mais é a vida. As formas são importantes, mas a essência é muito mais. O paganismo prospera com as coisas externas e com as formas; a simplicidade e a liberdade sempre são os traços característicos da religião verdadeira.

Todo cristão verdadeiro detesta o espírito pequeno e estreito do denominacionalismo e do sectarismo, porém a maior catástrofe do mundo hoje não é a desunião da Igreja, e sim o fato de que todas as partes da Igreja e todas as denominações acham-se tão mortas e tão vazias da energia e do poder do Espírito Santo. O poder espiritual não é algo pertencente ao mundo da matemática; se juntarmos todas as denominações e somarmos todos os poderes de cada uma delas, mesmo isso não criará vida espiritual. O sepultamento de muitos corpos no mesmo cemitério não leva à ressurreição. A vida é mais importante que a unidade.

Pela mesma razão, o grande chamamento hoje não é para ensinarmos os homens a aplicarem a religião à vida, mas, primeiro

e acima de tudo, para torná-los religiosos. Antes de haver alguma instrução, é preciso primeiro haver discípulos. É imperativo ver que a convicção do pecado e a salvação venham primeiro. Pergunto-me se estou laborando em erro quando digo que o Movimento Religião e Vida é típico da idéia anglicana – não inglesa – de religião, a idéia filosófica provinda de Oxford. Quanto às propostas feitas para o futuro, basta dizer que não há nada de novo nelas. O que nos surpreende é que ninguém vê que a principal necessidade do mundo é ser levado a lembrar-se do lado espiritual da vida. Toda gente está interessada em alimento e roupas, casas e terras, trabalho e educação, prazer e entretenimento, e há uma multidão de sociedades para atender a esse tipo de coisas e para arranjar as coisas em seu favor; entretanto não há ninguém para falar acerca de Deus e acerca da alma, acerca da vida eterna e do destino eterno, para não mencionar a única força que pode ajudar um homem a viver decentemente neste mundo, ninguém, exceto a Igreja de Deus. Nunca antes houve tanta necessidade de especialistas espirituais como hoje. Como achá-los e como produzir mais deles? Tentaremos responder essa pergunta na próxima palestra.

III

Nas palestras anteriores tentamos descrever o cenário religioso atual, e também examinamos apressadamente as tendências e os movimentos que estão ficando evidentes na vida da Igreja desta época. Chegamos à conclusão de que algumas das coisas que são feitas ou sugeridas para o futuro são, não somente insuficientes, mas também heréticas do ponto de vista da religião verdadeira.

Talvez alguns achem que tomamos tempos demais nesta investigação, e com o que consideram só negativo, porém fizemos isso por várias razões. Uma delas é que tivemos que fazer um diagnóstico, e que nos certificar bem dele, antes de começarmos a pensar na cura. O doente sempre quer alívio e algo que suavize a sua dor, mas a primeira tarefa do médico é descobrir a causa da doença. É muito indigno o médico que tenta fazer a cura antes de saber exatamente qual é o problema. No entanto, o mesmo princípio é visto em ação na obra dos profetas de Israel. Eles passavam a maior parte do seu tempo convencendo do pecado a nação e condenando as suas ações, antes de haver um retorno para Deus. A nação queria tentar de tudo e agarrar-se a invenção, mas era sempre necessário fazer primeiro a mesma coisa. Não bastava ao profeta dizer a Israel

o que fazer – primeiro tinha que mostrar que tudo mais era sem valor e, na verdade, era um obstáculo. Também devemos salientar o fator obstáculo. O grande perigo numa crise é precipitar-nos a fazer coisas, e depois ficarmos satisfeitos com as nossas ações. Estar ocupado subjuga a mente, o coração e a consciência, e nos dá uma sensação de alívio. Achamos, pois, que só porque estamos fazendo alguma coisa, estamos tratando do problema. O resultado é que evitamos o problema. Diminuir a tensão numa crise não é em si mesmo uma boa coisa. Na verdade, pode ser uma coisa inteiramente má. A morfina diminui a dor e a tensão, contudo não faz nada para curar a doença. Em resumo, o grande perigo hoje é correr para tratar dos sinais, dos sintomas da nossa doença religiosa, em vez de procurar descobrir e tratar a verdadeira causa de todos esses sinais. Tivemos que acentuar todas estas coisas porque tratar destes sintomas é, necessariamente, um obstáculo para o descobrimento da verdadeira natureza da doença. O propósito dos sintomas no esquema da natureza é levar-nos à doença propriamente dita. O sintoma não é a doença; o sintoma é apenas um poste de sinalização que aponta na direção da doença.

O modo de evitar esse perigo de ficar nos sintomas é retornar ao Novo Testamento e examinar de novo o quadro descritivo da religião verdadeira que ali se vê. Essa é a autoridade final que temos.

Talvez o melhor modo de reconsiderarmos esta matéria seja fazer algumas perguntas que nos forcem, não somente a encarar facetas básicas do problema, mas também a fazê-lo de maneira prática.

A primeira pergunta é: quais são as intenções e os objetivos das nossas lutas e esforços religiosos? Que alvo temos em mente? Qual o verdadeiro propósito da religião? Precisamos enfrentar essa questão em vista das idéias estranhas e heréticas que circulam largamente. Na opinião de um grupo, o fator importante é ter grandes reuniões. Eles estão preocupados com o fato de que os nossos locais de culto estão ficando vazios e o número de membros de igreja estão diminuindo. Se tão-somente tiverem êxito em persuadir pessoas a virem aos cultos religiosos, sentir-se-ão perfeitamente felizes. A razão da sua tristeza é a terrível diferença entre o que eles viam há cinqüenta anos e o estado de coisas hoje. Religião florescente para eles significa grandes ajuntamentos de povo e reuniões de sucesso, do ponto de vista numérico. Para outros, a função e dever da religião é elevar a moralidade e influir no estilo de vida na comunidade. Estes se preocupam com o timbre

moral do nosso país – embriaguez, os bailes e a corrupção, que são gritantes na vida do mundo. Eles falam em estatísticas concernentes a delinqüentes juvenis, em divórcio e em muitas outras coisas, e ficam preocupados quando pensam no futuro. Precisamos tratar desses problemas, dizem eles, e cabe à religião fazê-lo. Indubitavelmente essa é a idéia que está por trás da intenção de ministrar educação religiosa nas escolas diárias.

Outro grupo de pessoas vê a questão em termos do ponto de vista do país em geral. Dizem elas que a religião foi o alicerce da vida deste país, que isso explica o sucesso e a importância que ele tem entre os países do mundo. Portanto, se perdermos a nossa religião, perderemos a nossa espinha dorsal, e esse será o nosso fim como potência mundial. Por amor do nosso país, por amor da Grã-Bretanha, temos que ter um despertamento, dizem essas pessoas.

Para outros ainda, o propósito deve ser uma influência na política e noutras pautas, como a educação e a cultura, a guerra e a paz, a indústria e o comércio, e na vida do homem em todas as suas esferas.

Não há necessidade de dizer que todas essas questões decorrem da religião, mas é necessário declarar, clara e definidamente, que não é esse o principal objetivo da religião cristã. O principal objetivo desta religião é religar os homens a Deus, convencê-los do pecado e levá-los ao Senhor Jesus Cristo como o seu único Salvador. O objetivo não é criar uma igreja numerosa, porém pessoas que conheçam a Deus e que estejam "em Cristo". O objetivo não é produzir bons homens, e sim criar novos homens; não melhorar a sociedade como tal, mas trabalhar com homens individuais. Nada sobressai mais claramente no Novo Testamento do que o perpétuo contraste entre moralidade e vida espiritual. Sem a vida que há em Cristo Jesus, tudo é lixo e refugo; e conhecê-lO apropriadamente é o único alvo que devemos ter diante de nós.

Isso nos leva à segunda pergunta, absolutamente importante: que é a Igreja? Ninguém pode responder essa pergunta exaustivamente em poucos minutos, mas podemos ver a descrição que o Novo Testamento nos propicia, e acharemos ali a verdade de importância central. O nome com freqüência dado ao local de culto por nossos antepassados era *Tŷ Cwrd* (Casa do Encontro). Era um bom nome. Mas a questão que se levanta hoje é: por que razão nos encontramos? Já vimos que muitos pensam na igreja como um centro social ou como um centro cultural. Para eles a igreja é um lugar onde pessoas se encontram no domingo, num culto religioso público, porém também insistem em que devem reunir-se durante

a semana para conversar, debater, ouvir preleções sobre todos os tipos de tópicos, jogar, apresentar peças teatrais, dançar, etc.

A igreja, dizem eles, deve fazer todas essas coisas, mais especialmente com o fim de atrair os jovens e segurá-los. Agora, a questão importante não é o que pensamos dessas coisas propriamente ditas, mas é: a igreja teria alguma coisa a ver com essas questões? Que é a Igreja no Novo Testamento? Há somente uma reposta para essa pergunta – é uma comunhão de santos. O que vemos ali é certo número de pessoas reunindo-se com um propósito especial. Quem são essas pessoas? Que é que os reúne? Que interesse comum é tão forte em seus corações que muitas vezes arriscam suas vidas para estar presentes em tais reuniões? São pessoas diferentes das outras, pessoas que, segundo o apóstolo Paulo, foram tiradas do mundo e separadas da sociedade; pessoas que provaram coisas das quais o mundo nada sabe; pessoas que tiveram uma experiência da graça de Deus no Senhor Jesus Cristo; pessoas que já passaram a ver que a coisa mais importante da vida é ter conhecimento de Deus, numa relação que esteja de acordo com os Seus mandamentos. Viram o seu lastimável e desesperado estado diante de Deus, mas também viram Deus perdoando todos os seus pecados em Jesus Cristo. Estão cientes de uma nova vida e de um enobrecedor poder que as torna mais que vencedoras – mesmo quando se vêem face a face com as tentações e provações da vida. Tudo é novo para elas, e elas vêem a vida neste mundo como uma peregrinação rumo a Deus e ao céu. Elas não desprezam o mundo, todavia não vivem para ele, nem por causa dele. "Porque não temos aqui cidade permanente", dizem elas, "mas buscamos a futura" (Hebreus 13:14).

Esses cristãos se reúnem – por qual razão? Para prestar culto a Deus, para louvar o Seu bendito Nome, para agradecer-Lhe a graça que levou ao perdão dos pecados, e a uma nova vida em Cristo. Também se reúnem para poderem conhecê-lO melhor e para virem a entender mais facilmente a Sua providência. Têm fome e sede de justiça. Também têm sede do genuíno leite da Palavra, e não há nada que apreciem mais do que estudar a Palavra e ouvi-la proclamada. Sentem-se fortemente impulsionados a encontrar-se uns com os outros para poderem permutar experiências, para se ajudarem mutuamente a deslindar muitos problemas, e a estimular-se uns aos outros a que prossigam. Todos eles têm a mesma experiência básica, todos eles marcham na mesma direção. Acham, pois, "amável a companhia dos irmãos que fixaram os seus semblantes no rumo daquele país". A igreja é um lugar onde eles narram a "Sua fidelidade aos que se acham no deserto ardente", e onde eles gostam

de falar "do fim da jornada". Esta é a descrição que temos no Novo Testamento, o retrato que tem sido visto centenas de vezes desde aquele tempo na vida da Igreja. A Igreja retrata uma coleção de pessoas, das quais se pode dizer: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pedro 2:9). Ninguém mais tem direito de ser membro da sociedade.

Posso imaginar alguém fazendo a pergunta: se a Igreja é esse tipo de sociedade, que esperança você pode ter de conseguir que as pessoas entrem? Esses critérios não atraem os homens hoje em dia; não é esse o campo de estudos deles; eles não têm interesse por esse tipo de coisa. Não seria melhor alcançá-los seguindo linhas de interesse comum e em termos das coisas que os atraem naturalmente? A questão não tem nada de novo. É simplesmente a velha questão concernente à autoridade da Igreja.

Alguns procuram autoridade, como vimos, em cerimônias e em ritos religiosos; outros a procuram na tradição, e ainda outros no sacerdócio e no governo especial da Igreja. Alguns acham que a autoridade da Bíblia está em nossa resposta a ela. Não temos tempo de sopesar estas idéias aqui, mas devemos declarar sem temor e com fervor que a Igreja não achará por esses meios a autoridade de que necessita para falar ao mundo e para fazê-lo ouvir. A Palavra é da máxima importância, porém o único poder que confere autoridade é o Espírito Santo. Este é o segredo do estranho sermão que o apóstolo Pedro pregou no dia de Pentecoste, em Jerusalém, e dos incríveis resultados que se seguiram. Paulo fala em termos semelhantes: "A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder; para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (1 Coríntios 2:4-5). Essa é a história que se vê através das eras e em todos os períodos de avivamento e de despertamento. O mundo não era melhor nem estava mais desejoso de ouvir a mensagem do evangelho no início do século dezoito do que hoje. Não podemos explicar só em termos de homens os eventos que se deram na história da religião em Gales. Todos eles têm uma só explicação – Daniel Rowland, Howell Harris e William Williams de Pantycelyn eram homens que falavam "como tendo autoridade" (Mateus 7:29). A mesma característica está presente com os puritanos, nos pais protestantes, em Savonarola e em todo aquele que foi usado por Deus para revivificar a religião em sua geração. Quando "o elemento vida" vem à Igreja, o mundo

começa a ouvir, e o povo se aglomera. Então o problema será, não como conseguir gente para vir ouvir, mas como achar recinto para todos os que vêm. O mundo está ansioso para reconhecer a diferença entre a voz do homem e a voz de Deus, e por fim não se dispõe a ouvir coisa alguma senão a Sua voz.

Portanto, não nos é difícil responder a próxima pergunta: para que somos chamados hoje? É óbvio que devemos concentrar as nossas energias na Igreja, e que a maior necessidade é o avivamento e o despertamento da Igreja. É nela, e muitas vezes por meio de indivíduos pertencentes a ela, que os grandes movimentos espirituais sempre tiveram início. Quando a Igreja age no poder e na força do Espírito Santo, faz mais num dia do que doutro modo faria em anos por meio de todas as suas atividades, sem o Espírito. Finalmente, todos os nosso temores pelo futuro da Igreja e da religião, o nosso sentimento de desesperança ao vermos o mundo afundando cada vez mais no pecado e na vaidade, a nossa inclinação para multiplicar organizações, comitês e movimentos brota da mesma cegueira, a saber, a nossa falta de fé nas operações do Espírito Santo.

Então, que podemos fazer? A primeira coisa é compreender que nunca podemos criar um avivamento; todavia, depois de chegarmos a esse ponto, temos muito para fazer.

Se eu tivesse que expressar tudo isso numa só sentença, eu diria que o que é necessário é que esqueçamos completamente o século dezenove e que façamos um minucioso estudo do princípio do século dezoito. Se fizéssemos isso, aprenderíamos lições muito especiais. Acima de tudo o mais, veríamos que o primeiro passo não é rebaixar, mas sim, elevar o padrão requerido dos membros da Igreja. Devemos recapturar a idéia de que ser membro da Igreja é ser membro do corpo de Cristo, e de que esta é a maior honra que pode vir ao encontro do homem neste mundo. Por meio da disciplina, devemos aclamar a relação de membro da comunidade e devemos tornar a ressaltar a verdade de que Deus dá o Espírito Santo somente "àqueles que lhe obedecem" (Atos 5:32). A necessidade não é de aumentar a atração, mas proclamar que "estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida" (Mateus 7:14). Possivelmente, isto significa que muitos recuarão das igrejas e as abandonarão; e do ponto de vista da estatística, dos relatórios e das coletas, tudo parece sem esperança, e os que procuram manter vivas as igrejas temem. Contudo, igualmente certo, a Palavra do Senhor se cumprirá: "qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará" (Lucas 9:24). Como Paulo em Atenas, há muito tempo, devemos compre-

ender que a nossa obra não consiste em argumentar acerca da verdade, e sim, declará-la e proclamá-la com autoridade. Não devemos somente fazer que o povo venha a ter interesse pela verdade, e apelar apenas para as suas mentes; não é esse o nosso dever, mas, antes, é despertar as suas consciências proclamando o juízo de Deus sobre o pecado e a ira de Deus contra "toda a impiedade e injustiça dos homens" (Romanos 1:18), e exortá-los a fugirem da ira vindoura. Devemos convencer os homens da verdade da extrema importância do lado espiritual da vida, de um mundo eterno e de um destino eterno. Ninguém verá a necessidade que tem do Senhor Jesus Cristo como Salvador, senão a pessoa que se viu a si mesma como perdida diante de Deus; e o único motivo verdadeiro para ter-se uma vida moral e digna é a gratidão a Deus e a percepção de que um dia estaremos diante dEle.

Este é o chamamento dirigido aos religiosos hoje: devemos tomar consciência da nossa indignidade perante Deus, da distância que nos separa dos santos das eras passadas, da nossa terrível dessemelhança dos cristãos do Novo Testamento; depois devemos arrepender-nos e reconsagrar-nos a Deus em Cristo, e devemos assegurar-nos de que a religião regule as nossas vidas. Mais do que qualquer coisa, porém, devemos aperceber-nos de que o estado do mundo é tal, que nada, senão o poder do Espírito Santo pode curá-lo, e a tal ponto devemos sentir isso, que sejamos levados a dobrar os joelhos em oração a Deus, rogando-Lhe que, em Sua misericórdia, Ele olhe para nós com piedade e, por Seu grande nome, envie um poderoso avivamento entre nós. Esse é o único meio, essa é a única esperança, porque aos homens é impossível, mas não a Deus, pois "a Deus tudo é possível" (Mateus 19:26).

3

JOÃO CALVINO *

Nada é mais significativo, quanto à grande mudança que se deu no campo da teologia durante o século passado, do que o lugar agora cedido e a atenção dada ao grande homem de Genebra, que é o assunto desta palestra.

Até há quase vinte anos, dava-se pouca atenção a João Calvino, e quando alguém falava dele era para amontoar insultos sobre ele, com desprezo. Ele era visto como uma pessoa cruel, dominadora e dura. Quanto à sua obra, dizia-se que ele foi o autor do sistema teológico mais opressivo e ferrenho que já se viu. Segundo essa crença, os principais efeitos da obra que ele realizou no campo da religião foram colocar e manter as pessoas num estado de escravidão espiritual e, numa esfera mais ampla, abrir o caminho para o capitalismo. Acreditava-se, pois, que a sua influência foi totalmente nociva e que ele não era de nenhum interesse palpável para o mundo, exceto o fato de ser um espécime, se não um monstro, no museu da teologia e da religião.

Não é essa a situação hoje, porém. De fato, faz-se mais menção dele agora do que em quase um século, e Calvino e o calvinismo são temas de muito argumento e debate nos círculos teológicos. Talvez seja o avivamento teológico ligado ao nome da Karl Barth que explica isto, se a gente vê as coisas externamente. Mas também é preciso explicar Barth e a sua posição. Que foi que o levou de volta a Calvino? A sua própria reposta é que ele não pôde encontrar em nenhum outro lugar uma explicação satisfatória da vida, especialmente dos problemas do século vinte, nem tampouco uma âncora para a sua alma e para a sua fé em meio ao fragor da tormenta. Seja qual for a explicação, o fato é que se formaram sociedades calvinistas neste país, nos Estados Unidos e Canadá, na

* Palestra radiofônica para a BBC, em Gales, em 25 de junho de 1944.

Austrália, na Nova Zelândia e na África do Sul, à parte das que se formaram noutros países da Europa antes da guerra. De fato, foi realizado um Congresso Calvinista Internacional em Edimburgo em 1938, e duas conferências similares foram levadas a efeito na América durante a guerra. Também são publicados regularmente periódicos para discussão de tópicos e problemas do ponto de vista do ensino de Calvino; e este ano o livro-texto que está sendo usado nas aulas teológicas do New College, Edimburgo, é a *Instituição da Religião Cristã* (as "Institutas"), de João Calvino. Muito me agradaria se eu pudesse acrescentar que houve um movimento similar em Gales.

Portanto, o tempo está maduro para olharmos de relance este homem que influenciou a vida do mundo em tão grande medida.

Que dizer do homem propriamente dito? Ele nasceu em Noyon, na Picardia, em 1509. Sabemos muito pouco do seu pai e da sua mãe, exceto que a sua mãe era famosa por sua vida piedosa. Desde o princípio Calvino mostrou que tinha capacidades mentais fora do comum. Os seus pais eram católicos romanos, e a sua intenção natural era preparar o seu inteligente filho para uma carreira eminente na igreja. Daí, os seus campos de estudo eram filosofia, teologia, direito e literatura. Embora, sobressaísse em todas as áreas, a sua esfera favorita era a literatura, e o vemos em Paris, aos vinte e dois anos de idade, como erudito humanista, sendo a sua maior ambição na vida ter renome como escritor. Era um aluno tão extraordinário que muitas vezes fez preleções aos seus colegas de estudos substituindo os seus professores, e quanto ao seu estilo de vida e à sua conduta, ele era conhecido por sua sobriedade. Na verdade, ele dava ênfase à distinção moral com tanta veemência que recebeu o apelido de "O Caso Acusativo". Mas, como acontecera com Lutero antes dele, e com João Wesley e muitos outros depois, a moralidade não foi suficiente para mitigar sua alma sedenta. Quando estava com vinte e três anos de idade, experimentou a conversão evangélica, e o curso da sua vida se transformou completamente. Tendo enxergado a verdade, e tendo experimentado o poder desta em sua alma, deu as costas à igreja de Roma e se tornou protestante. Não dispomos de tempo para seguir a história da sua vida, porém sabemos que ele passou quase todo o resto da sua vida em Genebra, como ministro do evangelho. Trabalhou ali desde 1536 até a sua morte, em 1564, com exceção do período de 1538 a 1541, quando as autoridades genebrinas o expulsaram, e ele foi para o "exílio", em Estrasburgo.

Calvino era magro, de estatura mediana, testa larga e olhos

penetrantes. Sua saúde foi muito frágil durante a sua vida toda, porque ele sofria de asma. Era estremamente difícil persuadi-lo a comer e a dormir. Apesar de ter um espírito senhoril, o testemunho dos que o conheceram melhor sugere que nunca houve um homem tão humilde e santo como ele. Seu principal objetivo na vida era glorificar a Deus, e ele se dedicou a isso completamente, sem pena do seu corpo nem dos seus recursos. Ele gostava de pensar em si mesmo como escritor cristão e, se tivesse seguido a sua inclinação pessoal, teria limitado a sua obra unicamente a esse campo; entretanto um amigo o ameaçou com o juízo de Deus, se não se comprometesse a pregar, e o resultado foi que, segundo a principal autoridade sobre a sua vida, ele pregou em média todos os dias e, com freqüência, duas vezes num dia, em Genebra, durante vinte e cinco anos. Devido à asma, ele falava lentamente, e não se poderia descrevê-lo como orador eloqüente. Tampouco se pode pensar nele como um pregador que só apelasse para a mente e para o intelecto. Uma certa ternura piedosa muitas vezes irrompia nas reuniões, subjugando os presentes.

O mundo lembra-se dele, não tanto como pregador, mas como autor de cinqüenta e nove obras volumosas. Ele escreveu trinta comentários dos livros da Bíblia, incluindo-se todo o Novo Testamento, menos a Segunda e a Terceira Epístolas de João e o livro de Apocalipse.

Além disso, Calvino era um constante missivista e, das suas cartas, 4000 foram publicadas. Também teve infindáveis oportunidades, numa época amante de polêmicas, da fazer uso da sua incomparável habilidade como polemista. Ninguém se lhe igualava no uso do "florete", e quando a isso se acrescenta o seu talento especial para a lógica, vemos nele, possivelmente, o maior "polemista" que o mundo já viu.

Quando recordamos que ele estava perpetuamente envolvido em contendas ou em consultas com as autoridades de Genebra, concernentes às condições morais e sociais da cidade, não nos surpreende que tenha morrido com apenas cinqüenta e cinco anos de idade. O mistério é como ele conseguiu realizar tanto em tão pouco tempo. Ninguém sabe onde ele foi sepultado, porém a sua maior contribuição para a literatura teológica, a *Instituição da Religião Cristã* (as "Institutas"), sobressai como um memorial para ele. Ele escreveu essa obra quando tinha vinte e cinco anos de idade, e a primeira publicação dela foi na Basiléia, em 1536, todavia Calvino continuou trabalhando nela, ampliando-a e reeditando-a durante a sua vida toda.

É sem dúvida a sua obra prima. A verdade é que se pode dizer que nenhum outro livro teve tanta influência sobre o homem e sobre a história da civilização. Não é tampouco exagero dizer que foram as "Institutas" que salvaram a Reforma Protestante, pois elas constituem a *summa theologica* do protestanismo, e a mais clara declaração de fé que a fé evangélica já teve.

Nas "Institutas" vemos o lugar de Calvino na Reforma Protestante. Ele pertence à segunda onda de reformadores. Lutero tinha virtualmente concluído a sua obra antes de Calvino começar. Lutero foi a "Estrela da Alva"; nas mãos de Deus, ele deu início ao movimento. Lutero é o grande herói dos protestantes; é caracterizado por sua originalidade, por sua audácia e pelo elemento dinâmico da sua vida. Lutero era um vulcão a expelir lavas de idéias em todas as direções, sem obedecer muito a um modelo ou a um sistema. No entanto, as idéias não podem viver e durar sem corpo, e a grande necessidade do movimento protestante nos últimos tempos de Lutero era um teólogo capaz de organizar e expressar a nova fé dentro de um sistema. Essa pessoa era Calvino. Pode-se dizer, pois, que ele salvou o protestanismo dando-lhe um corpo de teologia em suas "Institutas" e é delas que provêm a fé e a teologia da maioria das igrejas protestantes. Essa é a espinha dorsal dos Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra e da Confissão de Westminster, que rege a crença das igrejas presbiterianas da Escócia, dos Estados Unidos, e de todos os outros países. Nas "Institutas" estava baseada a fé dos puritanos, e a história da Suíça e da Holanda não pode ser explicada, exceto neste contexto.

Apenas uma palavra sobre a sua doutrina. O aspecto principal de Calvino é que ele baseia tudo na Bíblia. Não há nele uma mistura de filosofia aristotélica e as Escrituras com a primeira praticamente com o mesmo grau de importância da segunda, como na *Summa* de Tomaz de Aquino. Para Calvino, a Bíblia é a única autoridade, e ele não deseja nenhuma filosofia, senão a que emana das Escrituras. É nas "Institutas" que se obtêm teológica bíblica pela primeira vez, em vez de teologia dogmática. Calvino não arrazoa de modo indutivo, como os católicos romanos, mas, em vez disso, extrai conclusões e elabora de maneira dedutiva aquilo que é ensinado na Bíblia. A revelação não é acréscimo à razão, e não se pode raciocinar apropriadamente fora da revelação. Para ele, a grande verdade central e absolutamente importante era a soberania de Deus e a glória de Deus. Temos que começar aqui, e daqui tudo mais provém. Foi Deus que, por Sua livre vontade, e conforme a Sua sabedoria infinita, criou o mundo. Contudo, o pecado entrou

em cena e, se não fosse a graça de Deus, não haveria esperança para o mundo. O homem é uma criatura decaída, e tem a sua mente em inimizade para com Deus. É totalmente incapaz de salvar-se e de unir-se de novo a Deus. Todos estariam perdidos se Deus não escolhesse alguns para a salvação, e isso incondicionalmente. E estes só podem ser salvos por meio da morte de Cristo, e eles não veriam ou não aceitariam a salvação se Deus, por Sua graça irresistível, no Espírito Santo, não lhes abrisse os olhos e não os persuadisse (sem os forçar) a aceitar a oferta. Mesmo depois disso, é Deus quem os sustenta e os livra de caírem. Portanto, a salvação deles é segura, porque depende, não deles e da capacidade deles, e sim da graça de Deus. A Igreja é uma comunidade dos eleitos. Portanto, ela é livre, e não há nenhum rei sobre ela, exceto o Senhor Jesus Cristo e, por isso, ela se arroga completa e perfeita liberdade espiritual.

Quanto ao mundo de fora da Igreja, ele seria destruído rapidamente pelo pecado, se Deus, pela graça comum, não o protegesse e não estabelecesse limites para os efeitos do pecado. O mundo continua sendo o mundo de Deus, e mesmo o pecado e satanás, em última análise, estão sob o controle de Deus. Antes da fundação do mundo, Deus tinha o Seu propósito infinito, e se pode ver esse propósito cumprir-se gradativamente, mas com segurança, através do Velho Testamento, e de modo especial na vida de Israel; vê-se, porém, principalmente em Jesus Cristo, no que Ele fez na terra e no que Ele continua fazendo através dos séculos. Nada pode impedir o Seu propósito, e na plenitude dos tempos os reinos do mundo se tornarão propriedade de nosso Senhor Jesus Cristo; e Ele reinará para sempre. No interim, devemos ensinar aos homens que este mundo é o mundo de Deus, que todo dom que um homem possui é dom de Deus, que todos os homens são um só como pecadores diante de Deus, e que nenhum rei, nem qualquer outro homem, tem o direito de tiranizar os seus semelhantes. Temos que ter ordem, temos que ter disciplina. O homem tem direito à liberdade, porém não à livre licença. Essa é a essência do ensino de Calvino. Ele desenvolveu esse ensino minuciosamente, de molde a cobrir todos os aspectos da vida.

Durante o seu ministério em Genebra, ele persuadiu as autoridades a porem em ação essas idéias, e nunca houve uma cidade como aquela. Mark Pattison não exagera quando diz: "Ele foi o instrumento para a concentração naquele recanto estreito de uma força moral que salvou a Reforma e, na verdade, a Europa. É de se duvidar que toda a história possa fornecer outro caso de tal vitória do poder moral". Não é de admirar que, hoje, os homens que

enxergam longe, num mundo com este, retornem ao homem de Genebra. Que é que, fora o evangelho que ele ensinava, poderia salvar o mundo? E o ensino é este: "O Senhor reina, tremam as nações" (Salmo 99:1). "O Senhor reina; regozije-se a terra" (Salmo 97:1). *Soli Deo Gloria.**

---

* A reedição que James Clarke fez em 1949 da mais respeitável obra de Calvino traz a seguinte apresentação de capa, escrita pelo Dr. Lloyd-Jones:

> O anúncio feito de que os senhores James Clarke & Co. estão para lançar uma nova edição da *Instituição da Religião Cristã* (as "Institutas") de Calvino, é a melhor notícia que ouvi dentro de um bom período de tempo. Que eles consigam fazer isso pelo preço extraordinariamente baixo de trinta xelins, nestes dias, é espantoso.
>
> Alguém pode perguntar por que uma obra como esta, publicada pela primeira vez há mais de quatrocentos anos, deveria ser impressa de novo, e por que alguém haveria de lê-la.
>
> Sugiro as seguintes respostas, no mínimo:
>
> As "Institutas" são em si mesmas um clássico teológico. Nenhuma obra teve maior influência, ou influência mais formativa na teologia protestante. Nem sempre se percebe, porém, que, em acréscimo ao seu pensamento sólido e sublime, foi escrita num estilo sumamente emocionante e, às vezes, comovente. Diferentemente de muita teologia moderna, que se diz proveniente dela, a obra de Calvino é profundamente devocional. Nenhum livro gratifica a leitura mais do que este, especialmente no caso dos pregadores da Palavra.
>
> É particularmente próprio o aparecimento da nova edição agora. Durante os trinta anos passados, tem havido um novo interesse pela teologia reformada, e o nome de Calvino é citado mais freqüentemente do que o foi em mais de meio século. É nas "Institutas" que se vê a exposição formulada e sistemática da sua posição essencial. É imperativo, pois, que a gente leia as "Institutas" para entender muito da discussão teológica dos dias atuais.
>
> A mais urgente razão pela qual todos nós devemos ler as "Institutas" deve achar-se, porém, nos tempos em que vivemos. Num mundo abalado em seus alicerces e carente de alguma autoridade final, não há nada que tanto se preste para fortalecer e estabilizar a alma da gente como esta magnífica exposição e elaboração da gloriosa doutrina da soberania de Deus. Esta foi a "ração de ferro da alma" dos mártires da Reforma, dos Pais Peregrinos, dos Pactuários e de muitos outros que tiveram que enfrentar perseguição e morte por Cristo.
>
> Nunca foi mais necessária que hoje. Os senhores James Clarke & Co. fizeram de todos nós seus grandes devedores.

4

MANTENDO A FÉ EVANGÉLICA HOJE *

Durante os últimos trinta anos, embora em momento algum tivesse escolhido este serviço, grande parte do meu tempo foi tomado com a tarefa de manter e defender a fé evangélica. Este fato requer uma referência e explicação pessoal, necessária porque, nestes dias, o povo cristão está menos acostumado à zelosa discussão e debate das suas divergências.

Embora alguns possam pensar que não, eu sou por natureza uma pessoa pacífica, que não gosta de polêmica e de tudo quanto, tantas vezes, leva a uma calorosa contenda por uma questão de princípios teológicos. Invejo os que têm temperamento plácido e personalidade condescendente e de boa índole, que nunca parecem preocupados com todos os erros, pequenos e grandes, que impedem o progresso e rebaixam os padrões das nossas igrejas. Só pode ser muito mais fácil ser um daqueles que são considerados bons "líderes denominacionais" e bons "homens de partido", daqueles que alegremente seguem "o mesmo teor dos seus caminhos", não importa o que aconteça em volta deles. Em certos aspectos, não há nada do que eu apreciaria mais do que ser um pastor nas montanhas – acima e longe de tudo, por sobre as silentes escarpas que eu amo. Mas uma e outra vez fui lançado morro abaixo e impelido a envolver-me nesta difícil, dura e estrênua tarefa, a manutenção do testemunho evangélico.

Muitos cristãos evangélicos poderiam falar similarmente da sua própria experiência pessoal. É importante, pois, que façamos juntos um balanço da situação, para examinarmos os nossos alvos

---

* Discurso presidencial feito na "Inter-Varsity Fellowship" Conference em Swanwick, em 1952.

e os nossos motivos. Precisamos fazer a nós mesmos a pergunta: como nos justificamos por fazer estrênuos esforços para manter, e até mesmo, se necessário, para lutar pela fé evangélica? Não somos desafiados somente de um lado. O desafio agora vem de diversas direções. Por isso me proponho considerar algumas das forças oponentes e o que elas nos querem impor. Também desejo mostrar por que eu creio, como creio, que, mais vigorosamente que nunca, devemos ficar na nossa função e recusar-nos a render-nos numa só parte que seja daquilo que é vital para a plena fé evangélica como está registrada nas Escrituras Sagradas.

Primeiro, consideremos o desafio geral. Ele nos vem em numerosas formas, mas principalmente nos dias atuais, naquilo que dizem ser a perspectiva e o modo de viver "ecumênicos". Quase todos nós o enfrentamos nas igrejas a que pertencemos e em muitas organizações, de jovens e outras, que suplementam a obra realizada pelas igrejas. Encontramo-lo mais na forma de onipenetrante clima de opinião que não gosta de nada que seja realmente distintivo na doutrina ou na vida, que, na verdade, exige cada vez menos ênfase à doutrina, à definição ou a princípios éticos. Nunca houve um tempo em que a polêmica, em qualquer de suas formas, fosse tão desacreditada. Houve períodos na história em que a preservação da própria vida da Igreja dependia da capacidade e prontidão de certos grande líderes para distinguirem a verdade do erro e de se agarrarem intrepidamente ao bem e a rejeitarem o falso; todavia a nossa geração não gosta de nada dessa espécie. Ela é contrária a toda demarcação clara e precisa da verdade e do erro.

Existe um argumento comum, argumento de bloco, que é amplamente utilizado para justificar todo esse torpor intelectual e esse enfraquecimento moral. O inimigo, dizem eles, está do lado de fora da Igreja. Não é para um irmão preocupar-se com o que o seu irmão crê, por mais afastado que pareça estar de tudo o que até aqui se tem caracterizado como ortodoxia. O inimigo real, continuam eles, é o comunismo. Este é algo que ameaça toda a Igreja Cristã no mundo inteiro. Ele persiste em investir contra a totalidade da vida cristã, e nos ameaça a todos igualmente. Não há tempo para debates e para argumentação quando o edifício inteiro está ameaçado. Serão vocês como aqueles que se demoram discutindo sobre qual é a melhor sala ou qual é a melhor mobília, quando a casa está prestes a vir abaixo sobre as cabeças? Devemos posicionar-nos como um só homem. O inimigo está às nossas portas e ameaça a obra toda. Esse é o argumento.

Esse desafio confronta qualquer igreja ou sociedade que procura manter um testemunho claramente evangélico. Não é tempo de acentuar diferenças, é o que lhes dizem. Não deveríamos juntar-nos todos, em face da alarmente situação? Vê-se isso também, bastante surpreendentemente em vista do que já foi dito, num novo "denominacionalismo". Um efeito do ecumenismo é que algumas denominações e sociedades denominacionais têm mais consciência de si e começaram a dar ênfase à sua particular identidade e perspectiva. No ecumenismo temos uma única "consciência" denominacional oferecendo-se, pelo menos, como um refúgio social.

Por que não concordamos com esses argumentos? Por que não tomamos essa estrada muito menos difícil de simplesmente fazer-nos membros dessa sociedade gigantesca do ecumenismo em desenvolvimento?

Primeiro, examinemos algumas considerações negativas. Certamente não devemos aderir à nossa política e ao nosso curso de ação meramente por lealdade a uma tradição, isto é, a qualquer tradição que não seja a "tradição" do evangelho. Uma tradição em si, embora muitas vezes possa ser boa, nunca deve ser considerada sacrossanta. Mesmo no caso de uma boa tradição, de uma tradição que deve ser preservada, o motivo da sua preservação não deve ser apenas o "tradicionalismo". O cristão não é chamado para ser simplesmente um antiquário, ou alguém que está meramente interessado em manter o *statu quo*. Não devemos preservar os nossos princípios evangélicos tão-somente porque eles têm um venerável "pedigree", por valioso que seja o exemplo dos nossos predecessores. Aquilo que o Novo Testamento nos chama para perpetuarmos é algo que é vivo e dinâmico, e que traz consigo a sua própria autenticação.

Tampouco devemos ser movidos por um mero espírito de partido. Não devemos pelejar pela linhagem, pela localidade ou por um partido político só por isso, como na história os homens têm feito tantas vezes. Alguns dos nossos amigos e aliados tendem a dar a impressão de que não estão lutando tanto pela verdade como por seu partido teológico particular.

Também não devemos deixar-nos mover por nada que seja da natureza do espírito de temor. "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação" (2 Timóteo 1:7). Alguns parecem ser evangélicos conservadores simplesmente porque não examinaram nada além das afirmações da sua própria

escola de pensamento. O tipo de pessoa que afirma que crê na Bíblia toda, na Versão Autorizada (inglesa), "de capa a capa, incluindo também todas as vírgulas", é quase certamente alguém que não tem consciência dos problemas de um tradutor e que provavelmente também ignora a natureza da escrita nos manuscritos primitivos e a falta de sinais de pontuação neles. Tal homem é, muitas vezes, alguém que tem medo de examinar essas questões, para não ser confrontado por testes da sua fé.

Ademais, devemos descartar quaisquer atitudes negativas como as que associamos a personalidades belicosas. Não devemos agarrar-nos tenazmente à nossa firmeza evangélica simplesmente porque temos espírito contencioso. É muito fácil confundir puro preconceito com os princípios importantes.

Recentemente a nossa atenção foi chamada para um exemplo instrutivo. Em certo território britânico, várias figuras influentes como líderes e que eram proeminentes em sua denominação, estiveram considerando que atitude tomar quanto ao apoio à intenção da sua denominação de filiar-se ao Concílio Mundial de Igrejas. Eles acreditavam que tinham boas razões e sãos princípios para não dar apoio ao referido curso de ação, e estavam preparados para agir de acordo com as suas convicções. Pouco mais tarde, dois visitantes vindos doutro país chegaram à sua cidade. Esses visitantes pediram uma reunião representativa de líderes para dar-lhes as suas opiniões sobre essa matéria. Os dois líderes locais ficaram desanimados com o veneno e a acrimônia com que aqueles visitantes atacaram o CMI, e sentiram repulsa pela sua maneira de falar. Mais tarde, quando chegou a sua vez de falar, um daqueles dois preocupados e tristes líderes locais interveio como segue: "Levanto-me para dizer que estou de acordo com o que os oradores que nos visitam falaram sobre o momentoso caráter desta questão. Também estou de acordo com a maioria das razões dadas, pelas quais os cristãos talvez devam recusar-se a se deixar levar para atitudes que parecem comprometer perigosamente, e até mesmo trair, os tesouros e liberdades que os reformadores e os pais evangélicos conquistaram para nós a tão alto preço. Contudo, há uma coisa da qual discordo seriamente. Os oradores parecem alegrar-se porque os líderes do movimento ecumênico se revelaram guias tão cegos e imerecedores de confiança. Para mim, isso é causa do meu mais intenso e mais profundo pesar. Eu gostaria, de todo o coração, que esquecêssemos o passado e que tratássemos de conseguir uma forte e duradoura união externa de todos os verdadeiros servos de Deus. É com profunda tristeza e com um peso no coração (e me custa

pessoalmente fazê-lo), que eu concordo com a conclusão de que aqueles que desejam permanecer leais ao cristianismo do Novo Testamento são compelidos a recusar o superficial e perigoso esquema de inclusão abrangente que virtualmente não tem salvaguarda contra a repetição dos males que produziram tanto estrago na história da Igreja".

Certamente essa é a atitude correta. Não devemos ser animados por um espírito contencioso. Se for necessário tomar posição acerca de alguma questão, que o façamos com real pesar e tristeza.

Agora devemos examinar algumas razões positivas pelas quais devemos manter o nosso testemunho cristão. Em resposta a algum inquiridor que pergunte por que aderimos à nossa perspectiva e aos nossos métodos particulares, temos o dever de oferecer-lhe explicações como as seguintes:

Primeiro, acreditamos nestas coisas e as praticamos porque o nosso entendimento dos princípios bíblicos de doutrina e ética leva-nos à convicção de que este é o único procedimento certo. Fomos levados a isso pelo Espírito Santo falando nas Escrituras Sagradas e por elas. Podemos até ir além e, na verdade, se realmente cremos no que muitas vezes dizemos que cremos, não devemos hesitar em afirmar que mantemos a nossa posição porque acreditamos que fazê-lo é essencial à nossa salvação. Cada um de nós deve ter claro entendimento desta questão. Se Deus fala em Sua Palavra de tal maneira que a Sua vontade e os Seus pensamentos para com os homens são revelados claramente, segue-se, então, que esse é o meio essencial pelo qual eu posso receber a vida de Deus em minha alma. Noutras palavras, a Bíblia exige que tenhamos uma certa perspectiva que ela define com clareza e espera que adotemos. Não temos autoridade para afastar-nos dela.

Que teríamos nós a dizer aos que afirmam que, em vista da urgência dos tempos e dos perigos que ameaçam a Igreja, devemos ficar todos juntos e reduzir as nossas diferenças, sejam elas quais forem? A nossa resposta é que a Bíblia nos adverte precisamente disso. Em Atos 20:17-35 temos um claro resumo do dever dos anciãos da Igreja de Cristo. Paulo adverte os presbíteros da igreja de Éfeso de que "lobos cruéis" entrariam, e de que dentre os próprios componentes da igreja se levantariam homens que falariam "coisas perversas, para atraírem os discípulos após si". Advertências como essas percorrem o Novo Testamento, desde as palavras do nosso Senhor nos Evangelhos, até às últimas páginas de Apocalipse, onde as palavras quase finais do livro previnem o

leitor a que não acrescente nem tire nada das suas palavras. O cristão foi avisado de que deveria esperar falsos profetas dentro da Igreja, e lhe é dito claramente que ele deve batalhar pela fé verdadeira, lutar por ela. Ele precisa estar ciente de tudo o que leva a Igreja a extraviar-se.

Também nos admoesta o Novo Testamento a não nos apressarmos a avaliar as pessoas pelas aparências, mesmo dentro da Igreja. Poder-se-ia esperar que os "falsos profetas" viessem "vestidos como ovelhas" (Mateus 7:15). Viriam parecendo verdadeiros membros do rebanho de Deus. Seriam homens afáveis, "ótimos", mas, não obstante, seriam "falsos profetas" e "lobos". Não devemos aceitar tudo o que digam, mesmo os que se declaram cristãos. A Igreja é exortada a buscar o verdadeiro "fruto do Espírito". Em particular, aqueles que se apresentam como porta-vozes de Deus devem ser absolutamente claros sobre a verdadeira natureza da Pessoa de Cristo; sobre o fato da Sua ressurreição, sobre o caráter substitutivo da Sua morte, sobre o meio de salvação, e sobre como se deve viver a vida cristã. Todo aquele que for evasivo ou enganoso nessas questões deve ser evitado. O cristão verdadeiro não deve ser enganado por eles.

Não faltam hoje homens que ocupam posições de mestres e pregadores e que nos aconselham a andar pelo "caminho largo"; todavia o nosso Senhor e os Seus apóstolos afirmavam constantemente que isso é o oposto da vontade de Deus para nós. Não devemos importar-nos se nos chamarem "estreitos". Não devemos temer a acusação de que "Vocês pensam que *só* vocês estão certos!" Sim, *deveras* pensamos que estamos certos; porém não estamos sós. A grande corrente de testemunho evangélico percorre os séculos da história da Igreja. As portas do inferno não prevaleceram, e não prevalecerão finalmente contra ela. Cremos como criam os nossos antepassados evangélicos, e temos que estar preparados para as acusações de "intolerância" e "fanatismo" que eles também sofreram. Paulo não tem nenhuma dúvida sobre esse assunto. Diz ele: "Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema" (Gálatas 1:8).

Essa acusação de intolerância é um cumprimento. Pois, seguramente, se a nossa posição é aquela na qual Deus ordenou que os Seus eleitos permanecessem, então temos que ser, necessariamente, intolerantes de tudo que nos afastaria dela. Cremos nisso e a isso nos apegamos. Temos que estar prontos a sacrificar tudo por essa causa. Devemos ser como Martinho Lutero, quando se levantou

sozinho contra a autoridade da igreja católica romana, que se arrogara poder ditatorial por tão longos séculos. Devemos ser como os puritanos, que se dispuseram a renunciar aos seus emolumentos, em vez de fazerem concessões em seus princípios. Devemos ser humildemente agressivos na propagação da fé verdadeira, e pacientemente rijos na defesa do genuíno evangelho – se for necessário, até o último grau de sacrifício.

Em segundo lugar, estaríamos desonrando a Deus, se agíssemos de outra maneira. Crer que Deus deu Seu filho por todos nós e que por meio dEle revelou claramente Sua boa vontade e a Sua graça para conosco, impede-nos tratar superficialmente dessas questões. Seria inimaginável que nós crêssemos no evangelho e não batalhássemos por ele contra os seus inimigos e detratores. Se ele é verdadeiro, será desonesto e será desonrar a Deus não nos posicionarmos claramente a favor da verdade.

Em terceiro lugar, creio que esta posição de fidelidade à Palavra de Deus é a única que Deus honrará e abençoará plenamente. Se a Igreja decair da sua reverência e obediência às suas instruções dadas claramente, como poderá esperar que o Espírito Santo a abençoe? De fato, repetidas vezes os nossos críticos reconhecem esta verdade. Dizem eles, depois de apresentarem os seus argumentos e escusas habituais: "Contudo, uma coisa temos que conceder-lhes. Vocês parecem ter muito mais êxito na evangelização e em introduzir gente nova no reino de Cristo". Mas, por certo, é somente isso que devemos esperar, se o Espírito Santo age por meio da verdade da Palavra de Deus. A Bíblia toda insiste em que Deus honra e usa a Sua Palavra como o meio de comunicação de Sua graça aos homens. Basta ler a história de qualquer genuíno avivamento na história da Igreja, para ver que o que o Espírito Santo honra e usa normalmente é a Palavra, e nada mais.

Em quarto lugar, os que não concordam conosco e querem que nos juntemos a eles num eclesiasticismo grande, amplo e compreensivo, argumentam que até a união externa faz a força. A Igreja desunida, dizem eles, é um escândalo perante as nações que a observam; mas se a humanidade fosse confrontada por uma grande igreja que unisse todos os que usam o nome de Cristo, então as forças cristãs recuperariam o seu moral em face das hordas anticristãs que as ameaçam, e o impacto sobre o mundo não cristão seria colossal. No entanto, essa linha de pensamento é completamente antibíblica. A história de Gideão, pelo menos, ensina-nos isso. Ele foi instruído a não se impressionar com os números. O que Deus requeria era qualidade e pureza. Assim foi que Gideão teve que

reduzir deliberadamente o seu exército e levar consigo para o combate somente aqueles que mostravam sinais adequados das qualidades do seu comando. A espécie de raciocínio constantemente evidenciado pela Bíblia é a doutrina do "remanescente", que persistia em procurar lealmente fazer a vontade de Deus quando todos os outros tinham desistido. Na verdade, Deus com freqüência usa apenas *um* homem. É-nos dito que Jônatas levou para a sua missão apenas um homem, o "moço que lhe levava as armas", dizendo-lhe então: "Para com o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos" (1 Samuel 14:6). Como Lloyd Garrison disse uma vez: "Um com Deus é maioria". A Bíblia está interessada na qualidade, com aquilo que é "santificado e idôneo para o uso do Senhor" (2 Timóteo 2:21).

Concentrar-se na expansão externa com negligência quanto às exigências bíblicas de pureza doutrinária e ética, é arriscar-se à deslealdade, à desunião e à confusão internas. Essa política atrai julgamento que começa "pela casa de Deus" (1 Pedro 4:17). As exigências principais de nosso Pai celestial são de fé nEle e obediência. Para estas não há substitutos.

Também é necessário que examinemos alguns dos outros argumentos apresentados por aqueles que zelosamente gostariam de persuadir-nos a nos considerar a política de uma abrangência e de um compromisso mais amplos para obtenção das duvidosas vantagens de uma aparência externa de unidade.

Uma das passagens bíblicas mais citadas é João, capítulo 17, na qual o nosso Senhor, naquilo que geralmente se denomina oração sacerdotal do Senhor, ora especialmente pela unidade do Seu povo. Com base nisso, dizem-nos que o maior bem pelo qual todos devemos lutar é a comunhão. Todos nós devemos, dizem eles, começar a praticar este princípio de comunhão e devemos subordinar a esse princípio todas as coisas. Se ignorarmos as nossas diferenças com o fim de concretizar esta comunhão, todas as outras coisas cuidarão de si mesmas. Mas esse modo de pensar é totalmente antibíblico. Em Atos 2:42, por exemplo, a mais primitiva atividade das igrejas é descrita da seguinte maneira: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações". A *doutrina* dos apóstolos vem antes da comunhão. É preciso haver real acordo concernente às doutrinas pelas quais um grupo de pessoas se mantém unido e para cuja extensão ele está trabalhando. Se houver incerteza nessas questões, não poderá haver comunhão real. É a clareza com que vemos aquilo pelo que

lutamos que dá unidade e confiança. De qualquer forma, é importante notar com precisão aquilo pelo que o nosso Senhor orou de fato. Ele pede: "Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós" (João 17:21). As pessoas da Trindade subsistem numa unidade mística. Portanto, é por unidade *espiritual* que o nosso Senhor está orando. Qualquer outra coisa que se use das Escrituras para dar suporte a um argumento pela união externa de denominações de igrejas, este versículo particular não se presta para isso. O ponto focal aí é que, como o nosso Senhor está em Seu Pai, também está em nós e, portanto, nós, que temos união com a Deidade, temos união com todos os demais que estão na mesma relação. É a *unio mystica* dos teólogos que é mais relevante neste ponto.

Outro argumento apresentado às vezes é o que se julga estar baseado no ensino da parábola do trigo e do joio. Posto que a parábola pospõe a destruição do joio até ao tempo da colheita – "Deixai crescer ambos juntos até à ceifa" (Mateus 13:30) – sugere-se que os passos que se tomam para obter a pureza da Igreja não devem ser tomados agora. Essas pessoas nos dizem: "Vocês se colocam como melhores do que os outros e insistem num rigor nos princípios doutrinários e éticos que divide a Igreja e, assim, estão violando o ensino da parábola".

A conclusão lógica desse argumento particular, argumento patentemente antibíblico, é que não se deve exercer nenhuma disciplina na Igreja. Se esse raciocínio for aplicado à história da Igreja, virtualmente condenará aqueles períodos em que a Igreja se recuperou da extrema infidelidade e até perversões da sua vida e da sua doutrina. Devemos perguntar aos nossos amigos se acreditam que depois de todos os esforços para reformar a Igreja medieval daquilo em que decaíra, a Reforma Protestante foi um erro? Essa interpretação da parábola seria também uma condenação dos puritanos. Os nossos amigos que desejam usar esse argumento terão que contentar-se em seguir completa e coerentemente a lógica do seu argumento. Certamente alguns, talvez mais sinceros que os demais, vão nisso até o ponto de se disporem a renunciar a sua primogenitura, rendendo-se à igreja católica romana, não reformada.

Contudo, o Novo Testamento é mais claro sobre o dever de negar-nos a tolerar heresias: "Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras" (2 João 10-11). Quão ocioso será elogiar os reformadores e dar ênfase aos seus ensinamentos quanto às marcas da Igreja, se esquecermos que,

além da pregação da Palavra e da administração das ordenanças, eles davam ênfase também à vital importância do exercício da disciplina. E que objetivo tinham eles em vista quando redigiram as suas confissões e os seus catecismos, senão o exercício da disciplina?

Depois há os que sempre falam de um modo que sugere que obedecer aos mandamentos do Novo Testamento concernentes à nossa atitude para com a deslealdade e erros graves faz-nos, necessariamente, culpados do pecado de cisma. É sumamente importante que todos nós devemos ter todo o cuidado para que nenhum de nós jamais cause cisma no corpo de Cristo. Não permita Deus que algum de nós seja culpado desse pecado terrível; entretanto é importante que notemos exatamente o que constitui cisma. Desde 1 Coríntios 11:18-19 e em todo o capítulo 12 aprendemos que consiste numa separação na qual não estão envolvidas verdades vitais concernentes ao meio de salvação e à vida da Igreja. Em Corinto ocorrera divisão desnecessária, simplesmente por causa das personalidades de certos pregadores e relacionada com a importância relativa dos diversos dons espirituais. Paulo condena duramente tal estado de coisas. Noutros lugares, porém, ele não hesita em condenar os que "pregam outro evangelho", e igualmente em ordenar separação dos que não seguem o ensino apostólico. (Ver, por exemplo, 2 Tessalonicenses 3:6; 2 Coríntios 6:14-18; 2 João 10-11; e, verdadeiramente, toda a Primeira Epístola de João.)

A consideração importante é que devemos estar completamente seguros de que estamos fazendo contestação e batalhando por uma questão absolutamente essencial à preservação do evangelho. Não devemos afastar-nos doutros cristãos por nada menos que isso. Por exemplo, há entre cristãos igualmente devotados pelo menos três possíveis conceitos quanto à interpretação do "milênio" (isto é, mil anos), mencionado no livro de Apocalipse. Realmente não é possível provar pelas Escrituras nenhum dos três à exclusão dos outros, embora possamos estar convencidos de que um deles parece estar em harmonia com o restante das Escrituras mais do que os outros. Devemos concordar em diferir. De modo similar seria um erro, embora haja os que o têm feito, separar-nos simplesmente em função do modo de administração do batismo cristão.

Não é que desejamos separar-nos de outros; longe disso. Nada seria mais fácil e confortável do que flutuar na corrente ecumênica. Não obstante, se as palavras significam algo no Novo Testamento, temos que apostar tudo no evangelho, e não devemos contentar-nos com nada menos do que a maior fidelidade possível às grandes

verdades essenciais do ensino apostólico. Não podemos dar o nosso apoio total a nada mais. Aceitamos o evangelho porque cremos que ele é dom de Deus para nós, e a verdade eterna. Visto que é a verdade, temos que tomar a nossa posição firmados nele e, com Lutero, não podemos fazer outra coisa.

Vamos dar atenção ao lado positivo disso tudo. Como havemos de manter a fé? Em primeiro lugar, só poderemos manter o testemunho apostólico se realmente soubermos o que ela é. Em vista da sua importância, nada é mais estonteante do que a lastimável ignorância da verdade divina revelada, ignorância na qual alguns cristãos estão contentes em viver. A primeira coisa a que somos chamados é conseguir uma nova compreensão da fé que nos cabe propagar no mundo. Não estamos aqui apenas para batalhar por nossas plumas e fantasias. Não somos movidos pelos caprichos ou pelas peculiaridades de uns poucos. Estamos preocupados com os grandes fundamentos e pontos essenciais da fé cristã, e não meramente com as teorias e fantasias de certas pessoas com respeito a matérias sobre as quais nunca houve (e provavelmente nunca haverá) acordo geral entre os cristãos. Jamais devemos tirar os olhos daquelas coisas que o nosso Senhor e os apóstolos declararam essenciais e obrigatórias.

Nesta altura há uma dificuldade prática que merece atenção. Muitos líderes jovens, líderes de boas causas, acham especialmente difícil, nas condições confusas que hoje prevalecem em vários ramos da Igreja e de sociedades cristãs, saber selecionar os porta-vozes que são plenamente leais aos padrões do Novo Testamento, e que encarnam em suas próprias vidas uma sincera tentativa de cumpri-los. Certos testes negativos são relativamente fáceis de aplicar. Se um homem que se aventura a falar em nome de Deus não está aderindo estritamente à apresentação bíblica das grandes doutrinas, e se está substituindo-as por especulações filosóficas, geralmente logo se vê. As ovelhas não reconhecem a voz do Bom Pastor falando por meio de um estranho. Mais claramente ainda, se um orador não ensina a singularidade da Pessoa divino-humana de Cristo e não Lhe atribui as mais completas honras divinas, somos instruídos a evitá-lo (1 João 4:1-3, etc.).

Hoje, porém, quando tantas linhas de fronteiras foram veladas, o teste negativo não é suficiente. Temos que ir adiante e perguntar sobre um homem: então, que é que ele diz? Isto inclui notar o que ele *não* diz, isto é, devemos observar as suas omissões coerentes. À primeira vista, tal atitude pode parecer dura demais para com o

nosso porta-voz, e pedir mais do que seria razoável. Mas um momento de reflexão seguramente nos mostrará que é impossível para qualquer pessoa falar demoradamente sobre as grandes doutrinas cardinais da Bíblia sem mostrar qual a sua posição com relação aos pontos essenciais. Se for um verdadeiro evangélico, mais cedo do que se espera dirá certas coisas específicas e características. Um pseudo-evangélico será traído pelo seu silêncio ou por sua ambigüidade justamente naqueles pontos em que a Bíblia requer destemida precisão.

Quais serão, pois, os sinais característicos do evangélico? Quais as verdades particulares que ele sempre se preocupa em salientar? Não posso fazer nada melhor do que ler um sumário incorporado num recente memorando feito pela Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos ("International Fellowship of Evangelical Students"):

O evangélico é alguém que crê que a própria Bíblia requer um particular entendimento da sua natureza e da sua mensagem. Ela mesma declara que é uma revelação feita por Deus. Ela não apenas contém a Palavra de Deus, mas *é* a Palavra de Deus. Isto significa que ele toma a Bíblia como a sua fonte objetiva para o entendimento de todas as outras doutrinas. As doutrinas às quais os evangélicos de todos os tempos se apegaram com tenacidade são:

(a) A doutrina bíblica do homem (baseada na historicidade do registro feito nos primeiros capítulos de Gênesis) – incluindo-se a sua criação especial, a Queda e o seu conseqüente estado de pecado (que não é apenas uma deficiência, mas uma ativa rebelião no coração e na mente contra Deus, e um estado de corrupção em sua natureza).

(b) O entendimento da morte de Cristo como sendo o Seu ato voluntário pelo qual Ele Se ofereceu como o nosso substituto para levar sobre Si a penalidade dos nossos pecados e para livrar-nos da condenação da lei e da ira de Deus.

(c) A necessidade absoluta da obra do Espírito Santo para levar um homem à convicção de pecado, ao arrependimento, à fé e à regeneração. O homem só pode posicionar-se como justo aos olhos de Deus quando está "em Cristo" e é justificado unicamente pela fé.

(d) A Igreja de Cristo consiste daqueles que, em todas as eras, estiveram ou estão numa relação vital com o nosso Senhor Jesus Cristo, resultante do "novo nascimento". O Novo Testamento mesmo só reconhece dois aspectos da Igreja:

(i) toda a companhia de todos os crentes verdadeiros no céu e na terra:

e

(ii) a manifestação local, que é a reunião em comunhão daqueles que estão "em Cristo" e no meio dos quais, segundo a Sua promessa, Cristo está presente, sendo que Ele é o único Senhor e a Cabeça da Igreja, a "plenitude daquele que cumpre tudo em todos".

Uma vez que o evangélico crê em coisas como estas, é-lhe impossível ser neutro ou acomodar-se em seus esforços para garantir-lhes pleno domínio em nossas igrejas e organizações particulares. Ele tem que basear toda a sua perspectiva e firmar o seu futuro nelas. Ele tem que recusar-se a fazer concessões em qualquer assunto que esteja *claramente* revelado nas Escrituras como sendo o pensamento e a vontade de Deus. Ele não deve aventurar-se a modificar tais coisas em nenhum ponto. Mesmo que ele não possa entender plenamente tudo o que é exposto nas Escrituras, e deva ter o cuidado de exercer tolerância, pela devida caridade, para com a divergência de opinião em minúcias, ainda assim não deverá diluir a mensagem.

Depois, os que pretendem propagar esta fé devem estudar a história e a biografia daqueles que foram preeminentes em afirmá-la e defendê-la. Alguns parecem imaginar que o que desejamos manter não tem passado e é algo que surgiu recentemente. O fato é que estamos simplesmente repetindo em nossos tempos o que tem uma história gloriosa e magnífica. Houve épocas em que os homens maus tentaram exterminar a verdade e os homens de Deus. Fizeram o pior que puderam; porém as testemunhas evangélicas se mantiveram firmes até que Deus, uma e outra vez, interviesse e dominasse. É uma história da qual os herdeiros da tradição evangélica têm razão para alegrar-se. Quanto mais o cristão se familiarizar com a história, mais forte será em vigor espiritual.

Finalmente, se queremos testemunhar no sentido em que os apóstolos usavam a palavra, as nossas vidas terão que refletir as nossas convicções. Quando os primeiros cristãos saíram de Jerusalém e foram dispersos, deixavam todos boquiabertos diante da sua alegria e da sua fé vitoriosa. Regozijavam-se até por serem considerados dignos de sofrer. Eles não hesitavam nem se queixavam em face do martírio iminente. Eles triunfaram. Todavia não somente em face da morte foram vitoriosos. Também tinham aprendido a importância da prática de boas obras que o Senhor profetizara levaria os homens a glorificar a seu Pai. Homens que se recusavam a ouvir a proclamação da mensagem, foram subjugados pelo verdadeiro amor cristão e pelo verdadeiro modo de viver cristão.

"Vejam como estes cristãos se amam", no início não era uma exclamação feita com ironia! Era um tributo a um fato indubitável. A verdade é que nós, cristãos, deveríamos estar vivendo melhor do que todos os outros, a medida que sigamos de perto o nosso modelo divino e obedeçamos ao nosso Senhor. Um cristão evangélico deve sobressair em sua singela bondade pessoal e em sua capacidade para a justiça social e pública.

É meu privilégio e seu havermos sido introduzidos nesta herança. Cremos que Deus em Cristo impôs a Sua mão sobre nós e deu a Sua vida às nossas almas. Ora, a nossa honra suprema, bem como o nosso dever, é viver de tal maneira que em nossas vidas Ele continue a querer e a fazer o que Lhe agrada. Foi com essa fé e obediência que alguns dos homens e mulheres mais nobres que já palmilharam a face da terra riram-se dos tiranos e receberam bem o martírio em ermos solitários, ou mantiveram a sua fé estando em cidades populosas. A sua suprema alegria era aumentar o número daqueles que se juntaram à multidão dos remidos, nos quais o nosso glorioso Senhor verá o trabalho da Sua alma e ficará satisfeito. Queira Ele dar-nos a todos a graça de sermos fiéis, como nos cabe, e de acompanhá-los integrando o seu séquito.

5

POLÍTICA PRÓPRIA PARA A FÉ BIBLICA *

Obviamente, na atualidade é nosso dever encarar a questão das mudanças que estão ocorrendo nas igrejas como resultado das discussões ecumênicas. Alguns gostariam de perguntar-nos: a "Inter-Varsity Fellowship" tem direito de realizar a sua obra especial? Tem direito a uma existência separada como organização? Temos sido pressionados com estas perguntas e opiniões, e cada vez mais, por certas coisas que estiveram acontecendo nestes últimos anos. Há alguns que, com efeito, exigem que exista uma só organização eclesiástica no mundo inteiro e, conseqüentemente, uma só organização para todo o trabalho cristão entre estudantes. Gostemos ou não, temos que enfrentar os fatos. O nosso movimento recebeu mais atenção geral durante os dois ou três anos passados do que durante toda a sua história. É somente a pura verdade dizer que a "IVF" tem enfrentado crescente crítica ao longo dessas linhas. Há três principais razões para isso.

Em primeiro lugar, tem havido alguns sucessos notáveis na "IVF". Esta entidade tem feito considerável progresso. Recentemente certos artigos chamaram a atenção para o que se tem dito ser a "ameaça" desta organização. Bem que poderíamos indagar: por que chamar a atenção para isso? A resposta parece ser que é porque este movimento é vitorioso. A atração que exerce sobre os estudantes é de crescente importância. Seu número cresce. Ele está permeando a vida colegial e universitária. O seu sucesso tem sido uma das principais causas da crítica entre os que não gostam da sua mensagem essencial.

---

* Anotações feitas pelo Dr. Douglas Johnson de uma palestra feita no Encontro Anual da "Inter-Varsity Fellowship" de Estudantes (ABU) em Londres, em primeiro de outubro de 1954.

Em segundo lugar, há a atitude da "Fellowship" para com a cooperação com outras corporações religiosas que alegam estar realizando obra semelhante entre estudantes. Isso tem sido tema de muito comentário, não somente nos círculos universitários, porém também em círculos mais amplos da Igreja. A "Fellowship" tem uma política definida sobre toda esta questão de cooperação. Todos os principais estudantes e diplomados, que anteriormente faziam os trabalhos administrativos da organização, saberão que esta sempre foi uma questão extremamente difícil. Ela tornou a ser agudamente levantada durante os dois ou três anos recém-passados.

Depois, finalmente, há o que os críticos gostam de chamar de "intolerância" do nosso movimento. Também tem sido chamado, variadamente, "desonestidade intelectual", "intolerância espiritual", e até "*a* arrogância"! Essas expressões de crítica têm sido lançadas não somente contra a "Fellowship" como um todo, mas também contra algumas das pessoas mais conhecidas entre aqueles amigos mais idosos que de tempos em tempos a mantiveram.

São essas, pois, as três principais causas do incomum volume de atenção que a "Fellowship" tem recebido. São essas as razões apresentadas por aqueles que costumam questionar o seu próprio direito de existir. Portanto, é oportuno que a "Fellowship" examine a verdade sobre si mesma e se prepare para justificar a sua posição. Por exemplo, que é que devemos responder aos que afirmam que, em princípio, não devem existir dois movimentos entre os estudantes? Terá chegado o tempo de abandonar a divisão e de se tornarem um só corpo todas as organizações de estudantes cristãos? Uma instituição ou organização que tem sido atacada, por certo tem algo com que justificar a sua existência, contudo não seria melhor examinar a situação, não simplesmente por amor da organização, e sim no interesse da própria verdade?

Aqui nós gostaríamos de asseverar que não pode haver dúvida nas mentes da maioria dos observadores simpatizantes de que o problema essencial é o *terceiro* dos que acima foram mencionados. A questão final é a da nossa atitude para com *a verdade*; pois, em essência, essa é a questão básica que tem sido levantada pelos críticos, não importa que pretexto se use para esse fim. Aí está o ponto focal em que se concentra o ataque.

Várias questões surgem imediatamente. Existe tal coisa como *a verdade*? Se existe, pode ser conhecida realmente? Pode ser definida? Pode ser exposta na forma de uma proposição? Nas questões espirituais, a teologia tem de fato alguma importância? Em última análise, importaria o que um homem finalmente crê? Essas são

algumas das questões que surgem, não somente por implicação, porém que mais uma vez nos confrontam. Seguramente nos convém, pois, saber onde estamos, em relação a tão importantes questões.

Em resumo, alguns dos nossos críticos não hesitariam em dizer que a fé realmente não importa, em absoluto! Com efeito, dizem eles, nada importa, senão *a experiência.* Certamente, indagam eles, se os homens e as mulheres encontram algo que lhes dá felicidade, alegria e paz, que importância tem o instrumento que os levou a essa experiência? O grande propósito de Cristo, afirmam eles, é dar resposta aos nossos muitos problemas e livrar-nos deles. Se as pessoas encontram respostas, por que questionar o modo como isso acontece? O que é bom para as pessoas não seria bom em si mesmo? Essa é a maneira pela qual pelo menos alguns dos nossos amigos costumam argumentar.

Mais uma das suas asserções comuns muitas vezes é colocada da seguinte forma: embora noutras esferas religiosas a adesão à verdade e à precisão doutrinária importe, não importa, ou importa muito menos, quando se trata de *evangelização.* Esse modo de ver foi muito proeminente durante os dez anos recém-passados. Grandes campanhas, como as que estão sendo dirigidas pelo Dr. Billy Graham, têm levado muitas pessoas a se examinarem e a enxergarem a sua necessidade de religião. Por isso, muitos que estão sinceramente desejosos de alcançar as multidões afirmarão que, quando estamos evangelizando, a teologia e a doutrina não contam. Vamos proclamar tréguas teológicas, dizem eles, enquanto esta missão ou campanha estiver em andamento. A grande meta é levar pessoas a Cristo, e depois, quando elas tiverem sido ganhas e estiverem nas igrejas, poderão ser ensinadas sobre o que crer e sobre como entender a fé cristã. Entretanto, enquanto estiverem engajados em atividades evangelísticas, insistem aqueles, devemos deixar suspensas as considerações doutrinárias e coisas semelhantes.

Também somos criticados com base em que persistimos em propagar uma visão antiquada ou pervertida da verdade. Há anos um orador chegou a declarar: "O grande desafio que nos confronta nos dias atuais é a questão da verdade versus fundamentalismo"! Devemos replicar a essa crítica asseverando que, ao contrário, não estamos interessados no fundamentalismo, mas *estamos* interessados na verdade. Não nos interessa lutar por um "ismo", tenha o rótulo que tiver. Preocupamo-nos com a verdade como exposta pelo nosso Senhor e por Seus apóstolos. Todavia, somos até chamados "sub-cristãos" devido à nossa insistência em apegar-nos

às doutrinas cardinais claramente expostas no Novo Testamento. É espantoso que tais críticas alguma vez pudessem ser feitas por uma pessoa treinada teologicamente; mas foram. Portanto, a questão com a qual nos defrontamos é: que devemos dizer a modo de réplica? Que é que devemos fazer em face de tão deliberada distorção dos fatos e de tão flagrante desatenção aos numerosos mandamentos do Novo Testamento e de todos os pretensos interesses da própria Igreja? Há uma só forma de réplica que as Escrituras nos dão. O que devemos dizer num tempo como este é mais como a reação de Neemias, quando foi chamado, em plenas labutas de construção, para que descesse ao vale para conversar com Sambalate: "Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer" (Neemias 6:3). É baseada neste princípio que a "Fellowship" vem atuando por anos, com constrangimento, e com humildade e paciência cristãs. A "IVF" tem mantido um louvável silêncio, a despeito da provocação e a despeito de muitas outras coisas.

Dentro do círculo familiar, porém, não podemos deixar a coisa assim. O que foi dito representa a nossa atitude para com os críticos de fora. Por outro lado, é muito importante que entre nós mesmos sejamos absolutamente claros sobre onde estamos e por que estamos ali. Não devemos ser insensíveis à crítica, nem devemos deixar de beneficiar-nos com todas as críticas construtivas. Pode ser salutar, e pode até ter o valor de algo dado por Deus. Devemos reformar-nos continuadamente pela Palavra de Deus. Assim, por nosso interesse e para a nossa edificação, examinemos mais de perto a nossa posição.

Obviamente – pelo menos confiamos em que seja óbvio – não temos a pretensão de que entendemos *tudo!* Não somos tolos ao ponto de imaginar que sabemos toda a verdade e que podemos defini-la nos mínimos detalhes. Não há ninguém em nossos círculos que afirme, ou que alguma vez tenha afirmado, semelhante monstruosidade. Nem sequer afirmamos que entendemos tudo aquilo em que cremos. Não só isso, devemos salientar que há muitos pontos menores e poucos importantes nos quais divergimos entre nós. Há algumas doutrinas, ou aplicações da doutrina cristã, acerca das quais admitimos que temos divergências entre nós. Os que atacam o movimento parecem pensar que os seus oficiais são como papagaios, que ficam repetindo a mesma coisa, frase por frase, e apavorados com qualquer sugestão de desvio de algum decreto doutrinário prescrito formalmente. Isto é uma versão da verdade. Tais críticos precisariam apenas assistir a algumas discussões de comitê ou de conferência para se inteirarem disso! Vejamos

uma ou duas amostras de idéias divergentes sobre matérias de importância secundária. Em matéria de interpretação concernente às profecias da Bíblia, há várias idéias muito amplamente divergentes. Há, por exemplo, cristãos evangélicos que interpretam o livro de Apocalipse de um ponto de vista premilenista, outros, posmilenista, e ainda outros, amilenista. Todavia, apesar de manterem as suas próprias convicções em tais assuntos e de mostrarem aos outros por que deveriam aderir a elas, há um verdadeiro consenso de opinião e uma real unidade no que se pode chamar o "cerne" da doutrina bíblica. Da mesma maneira, há liberdade e diversidade em matérias como a aplicação ao cristão individual da obra de santificação realizada pelo Espírito Santo, e também concernentes a muitos pontos sobre o governo da Igreja. Mas, conquanto reconheçamos que existem certos assuntos sobre os quais nunca haverá unanimidade entre nós na terra, afirmamos, por outro lado, que há certas coisas básicas sobre as quais é preciso que não haja desunião. É neste ponto que asseveramos qual é realmente o gênio da "IVF". Ela veio a existir por causa destas questões fundamentais, e só terá direito de existir enquanto estas coisas forem vitais e centrais nesse movimento. Com igual exatidão e firmeza, devemos afirmar que elas são fundamentais, não somente para a saúde da Igreja, porém também para a sua própria existência.

Examinemos vários itens práticos em que estas coisas crescem de importância. Examinemos aqueles pontos em que a brecha radical torna-se importante entre nós e aqueles críticos que não conseguem entender-nos e consideram "fanática" ou "cismática" a atitude de recusa a cooperar com movimentos e atividades que diminuem ou ignoram a constante reiteração que Paulo faz da necessidade de se darem ouvidos à doutrina. Vejamos, por exemplo, a urgente questão sobre por que as coisas são como são na Igreja Cristã e no mundo em geral hoje. Repetidamente nos é dito que o estado da Igreja hoje é resultado das duas guerras mundiais e o conseqüente resultado de mudanças políticas, econômicas e sociais. Obviamente, dizem as pessoas, crescentes pressões sociais de várias espécies, maiores movimentos da população e uma centena de outros fatores combinaram-se todos a fim de levar o povo para longe dos locais de culto. Essa explicação é dada constantemente, e esse diagnóstico é aceito com toda a facilidade, mas estaria certo?

Há somente uma explicação adequada para o estado atual da Igreja: é *a apostasia da própria Igreja.* O dano crucial foi feito pelo destrutivo movimento da Alta Crítica, que veio à existência durante o século dezenove. A pergunta essencial na mente de quem quer

que investigue esse assunto deve ser: que é que privou a Igreja da sua autoridade? A certeza quanto à sua mensagem foi solapada. Foi por isso que a Igreja perdeu o povo. A revelação de Deus foi posta fora dos púlpitos e a filosofia foi introduzida neles. A autoridade da Bíblia foi virtualmente negada, e em seu lugar entraram as sugestões daqueles que oferecem uma subjetividade derivada de algum gênio religioso ou da psicologia moderna. Essa é a real explicação da presente situação. Enquanto os líderes da Igreja não venham a enxergar isso e a despertar-se para as suas implicações, não há nenhuma esperança de retorno em larga escala à situação que prevaleceu outrora.

No entanto, talvez insistam em dizer que as coisas estão ficando mais animadoras. Se se estivesse falando de há trinta anos, poderia ser verdade. Houve uma mudança gradativa, insistem, no clima do pensamento teológico, e muitos dos que outrora divergiam, agora chegaram tão perto da posição evangélica que são quase idênticos. Não seria certo, argumentam, que agora não há desculpa para a existência separada dos dois movimentos? Mas devemos perguntar: houve tal mudança? Há uma nova similaridade? Quando se lê a imprensa cristã semanal ou mensal, não se vê a evidência disso. Se houve mudança, é na questão de fingimento. Certamente são empregadas frases que, se ditas ou escritas por um evangélico, indicariam doutrina bíblica, porém, infelizmente, muitas vezes o orador ou escritor não quer dizer a mesma coisa. Os modos de pensamento e os princípios gerais subjacentes ainda estão muito longe de serem evangélicos. Essa é a situação real hoje.

Certamente, então, a nossa linha de ação é clara e reta. Temos que continuar firmando a nossa posição na Palavra escrita e literal. Não concedemos, e não podemos conceder que o avanço do conhecimento moderno faça a mais ligeira diferença para a verdade espiritual como revelada à humanidade na Bíblia. Não podemos, e nos recusamos a fazê-lo, considerar aquele a quem tantos defendem simplesmente como "o Jesus da história" (e que nós afirmamos que deve ser chamado "o Senhor Jesus Cristo"), como sendo pouco mais do que o maior dos profetas. Recusamo-nos a subscrever a teoria de que a Sua mente, o Seu pensamento e a Sua linguagem foram tão influenciados pela tradição e pelo pensamento dos Seus dias, que há erros de atitude, ou de fato em Suas palavras. Afirmamos que não há autoridade nenhuma que favoreça essa idéia. O nosso dever é afiançar que a nossa fé baseia-se toda no "fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Efésios 2:20). Consideramos monstruosa a

idéia de que, ao fazê-lo, estamos propagando o que mais de um líder ou editor da Igreja têm descrito como "a nova heresia"! Ao contrário, afirmamos que, com base no testemunho das Escrituras Sagradas e nos claros pronunciamentos e no exemplo do nosso Senhor e dos Seus apóstolos, os desvios da ortodoxia se acham noutro lugar. É nesses pontos que outros, e não nós, estão dividindo a Igreja.

São estes os fatos, e esta a situação. É preciso que a nossa resposta seja perfeitamente franca e completamente inequívoca. Dizem que a principal necessidade da Igreja é arrepender-se de sua "falta de unidade". Isso está sendo asseverado amplamente hoje em dia. Foi esta, com efeito, a mensagem de Evanston: "A Igreja precisa arrepender-se de sua desunião". Nosso parecer é que, antes de arrepender-se da sua desunião, deve arrepender-se da sua apostasia. Deve arrepender-se dos seus extravios e dos seus substitutos para a "fé que uma vez foi dada aos santos" (Judas 3). Deve arrepender-se de colocar o seu pensamento e os seus métodos contra a revelação divina dada nas Escrituras Sagradas. Aí está a razão da sua falta de poder e de capacidade espiritual para entregar uma mensagem viva, no poder do Espírito Santo, a um mundo prestes a perecer.

Depois, quanto à questão da evangelização, espalhou-se confusão de pensamento a respeito disso. Se as declarações e a prática dos apóstolos fossem examinadas cuidadosamente, uma coisa iria sobressair claramente em quase tudo que eles dizem: jamais devemos afirmar que, no que diz respeito à evangelização, não importa a doutrina.

Vejamos certas passagens bíblicas que se referem especificamente ao assunto. Observem o que Paulo diz em 1 Coríntios 15:1-6 e em Atos, capítulo 17. Na passagem de Coríntios ele enumera algumas doutrinas cardinais. Na Colina de Marte, a um auditório pagão, ele falou sobre a exigência de arrependimento, o juízo e a ressurreição. Quando estava pregando em Tessalônica, o apóstolo argumenta e arrazoa com base nas Escrituras, mostrando e provando como Cristo necessariamente teve que sofrer. 1 Tessalonicenses 1:9-10 ilustra de forma bastante clara a clareza com que Paulo, desde o início, afirmou as grandes doutrinas da fé. Podemos ir longe a ponto de afirmar que ninguém teve uma posição mais intransigente sobre os fatos do evangelho do que o apóstolo Paulo. Alguma vez ele fez o apelo para que as pessoas viessem para a igreja? Apelou para virem a Cristo? Alguma vez ele disse: venham a Cristo, e vocês obterão isto e aquilo? Ele mesmo esboçou para nós

a mensagem que ele apresentava nos mais claros termos. Na Epístola aos Gálatas e em 1 Coríntios, capítulo 15 são-nos oferecidos sumários. Ele fez afirmação dessas doutrinas. Ele pregava sobre a Pessoa de Cristo e insistia nos fatos históricos concernentes a Ele. Ele declarava os fatos do nascimento virginal, da Sua morte vicária e da Sua ressurreição. Ele não deixava os seus ouvintes e leitores na incerteza. Insistia em que Cristo tinha sido "declarado Filho de Deus em poder, pela ressurreição dos mortos" (Romanos 1:4). Ele pregava a expiação substitutiva. De maneira, semelhante, o apóstolo Pedro não hesitava em dizer que "Cristo padeceu por nós, o justo pelos injustos" (1 Pedro 3:18). Não relutava em declarar o vindouro juízo de Deus e em exortar os seus ouvintes a fugirem da ira futura.

A verdadeira evangelização, eu garanto, é altamente doutrinária. Ela exige que, em seu desafio, e em sua instrução, as doutrinas cardinais da fé cristã sejam evidenciadas. Acima de toda dúvida, devemos pregar que Cristo é o Filho de Deus e que veio para entregar-Se pelos pecadores. Devemos pregar o sangue de Cristo. Devemos pregar a Pessoa do Espírito Santo. Há outras claras doutrinas ensinadas pelos apóstolos, que também fazem parte do evangelho. Tais considerações devem influir em nossa resposta à questão de cooperação com outros que vêem as coisas diferentemente. Se realmente cremos nestas verdades da nossa fé, temos que perceber que a cooperação com o homem que nos diz que a doutrina realmente não importa será virtualmente reconhecer que concordamos que a doutrina não importa. Todavia, tendo-se em vista as claras afirmações do Novo Testamento, como podemos concordar com quem diz que a doutrina, mesmo quando estamos aplicados à evangelização dos de fora, não importa? Como podemos trabalhar com aqueles que menosprezam as partes essenciais da nossa mensagem? Não temos escolha nesta questão, se é que de fato cremos naquilo que dizemos que cremos.

Há algo mais para notar-se. Existiria algum documento mais polêmico do que o Novo Testamento? Vocês já notaram qual é a maior ênfase nas várias Epístolas apostólicas? Elas recorrem à doutrina e recorrem à argumentação. A argumentação de Paulo em 1 Coríntios, capítulo 15 obedece a um rigoroso raciocínio. Ele fala com eloqüência da importância da ressurreição corporal de Cristo. Se esta não é verdadeira, "Somos os mais miseráveis de todos os homens" (versículo 19). Da mesma maneira, em sua Epístola aos Gálatas, ele declara: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunci-

ado, seja anátema" (Gálatas 1:8). Por que Paulo resistiu a Pedro? Por uma importante questão doutrinária. Em Filipenses, capítulo 3 lemos sobre os que são "inimigos da cruz de Cristo" (versículo 18). Em porções das Escrituras como as duas Epístolas a Timóteo e na Primeira Epístola de João temos declarações inflamadas sobre os que adulteram os fatos acerca de Cristo e da relevância desses fatos para o evangelho.

No Novo Testamento somos advertidos a respeito do anticristo, e de como podemos reconhecer o espírito do anticristo. É-nos dado saber daqueles que "saíram de nós" e que, "porém não eram de nós" (1 João 2:19). O Novo Testamento não reconhece terreno neutro nestas questões. Há muita coisa em jogo. A glória de Deus está envolvida, e não simplesmente os destinos eternos da humanidade. Em nossas igrejas perdemos este senso da importância da glória de Deus, mesmo os que se dizem evangélicos, porém a Bíblia está interessada na glória de Deus e, depois disso, no bem do homem. Ambas estas coisas exigem que não deixemos nenhuma dúvida possível em nosso trabalho quando a verdade estiver sendo forçada a ceder caminho para o erro. Os colossenses estavam sendo arruinados pela filosofia, pelo que Paulo fielmente os adverte: "Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs subtilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo" (Colossenses 2:8).

Há outra importante passagem que devemos notar neste ponto. Lemos em Judas 3: "Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos, e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos". Aqui nos é feito um vibrante chamamento para a defesa da fé. Esse tipo de chamamento não é popular hoje. Não é popular hoje nem mesmo nalguns círculos evangélicos. Há pessoas que lhes dirão que isso é "demasiado negativo". Continuadamente nos incitam a que nos restrinjamos a comunicar a verdade positiva. Elas nos dirão que não devemos discutir e que nunca devemos condenar ninguém. Contudo, devemos perguntar: como você poderá lutar, se estiver sempre com medo de ferir um inimigo? Como poderemos despertar sonolentos companheiros de armas com palavras suaves? Não permita Deus que nos vejamos nas barras do tribunal e tenhamos que encarar a acusação de que nos encolhemos por amor da comodidade ou por medo do homem, ou de que deixamos de cumprir o nosso dever no grande combate da fé. *Temos que* lutar – nós *temos que* batalhar pela fé nestes tempos momentosos.

Uma palavra final. Em 1 Coríntios 15:2, falando do evangelho,

diz Paulo, "pelo qual sois salvos". O único modo de ser salvo é crer nestas doutrinas do evangelho que nos levam ao verdadeiro Cristo. Não cremos em algum Cristo "em geral". Temos que perguntar sobre aquele que nos é apresentado: quem é Ele? Por que Ele veio? Que é que Ele fez? É por quem Ele é e pelo que Ele fez que temos um evangelho pelo qual somos salvos. Só poucas palavras serão necessárias àqueles que, nesta "Fellowship", estão cientes destas coisas. Demos graças a Deus pelo testemunho, pela coragem e pela tenacidade da "IVF". Queira Deus abençoá-la e defendê-la. Queira Ele usá-la nestes tempos confusos e difíceis pelos quais estamos passando. Queira Ele habilitar-nos a permanecer juntos e firmes como uma rocha nos mares enfurecidos que nos cercam. Jamais devemos, é claro, orgulhar-nos da nossa posição, nem tornar-nos pessoas confiantes em sua justiça própria ou de mentalidade estreita. Mas, com humildade e obediência, sigamos as exortações apostólicas, procurando sempre conhecer cada vez mais profundamente o nosso glorioso Deus, lembrados de que Ele nos redimiu, e cientes de como é gloriosa a fé que Ele nos chamou para testemunharmos. Assumamos aqui a nossa posição.

6

CONVERSÕES: PSICOLÓGICAS E ESPIRITUAIS*

Grande interesse foi levantado recentemente nos círculos científicos e teológicos pela publicação do livro, *Battle for the Mind* (Luta para conquistar a Mente). O autor é o Dr. William Sargant, conhecido psiquiatra militante. O subtítulo diz: "Filosofia da Conversão e da Lavagem Cerebral", e mostra que o principal interesse do autor está no uso que se pode fazer, para o bem ou para o mal, dos mecanismos da mente humana. Ele se preocupa com as maneiras pelas quais a conversão política, social ou religiosa pode ser induzida por técnicas psicológicas.

Devo explicar desde logo por que me senti no dever de analisar este livro com atenção crítica. Faço isso porque penso que, de vários modos, é um livro extremamente perigoso. Esta idéia não é apenas uma impressão ou opinião pessoal. Tenho sido informado de que bom número de cristãos, homens e mulheres, alguns deles fazendo algum curso de bacharelado, foram profundamente perturbados por ele, e perguntam: afinal de contas, foi isso que aconteceu conosco? Estivemos iludidos o tempo todo? Não é necessário levar em conta uma observação ocasional dessa espécie, mas quando ela é ouvida repetidamente em vários lugares, há razão para acharmos que este livro pode causar muito dano. Não estou sozinho em minha impressão neste aspecto. Observem, por exemplo, o que o professor John G. McKenzie escreveu em seu artigo semanal para o *British Weekly* (Semanário Britânico): "Pode-se julgar o interesse pelo

* Esta crítica ao livro do Dr. William Sargant, *Battle for the Mind* (William Heinemann Ltda, 1957) reproduz a substância de uma palestra feita para ministros cristãos, sob os auspícios da Aliança Evangélica, em High Leigh, Hoddesdon, Herts. Foi publicada primeiramente pela Inter-Varsity Press, em janeiro de 1959.

volume com base no fato de que já teve duas tiragens". Ele continua, dizendo: "Nenhum outro livro me trouxe tantas cartas". Acho isso extremamente significativo, vindo, como vem, de um psicólogo para quem muitos ministros escrevem.

O professor McKenzie dá continuidade ao seu comentário: "Desejo que os meus leitores recordem a carta do meu primeiro correspondente sobre a obra. Ele estava realmente desejoso de saber qual o papel do Espírito Santo, se a conversão foi simplesmente um processo fisiológico, o que é pelo menos uma das implicações do livro, *Battle for the Mind.* O Dr. Sargant simplesmente repudiou a idéia de que a sua descrição fisiológica da conversão baseada nas experiências quase desumanas de Pavlov tenha por que perturbar qualquer pessoa que tenha idéias religiosas; mas não há como duvidar de que o tratamento que ele dá aos métodos de Wesley, e aos de algumas seitas americanas, segue linhas behavioristas (comportamentais). Isso equivale a dizer que as conversões são simples resultados dos "reflexos condicionados", análogos às confissões arrancadas pelos países comunistas pela lavagem cerebral de suas vítimas. Quer o autor o tenha percebido ou não, a ligação da pregação de Wesley e das práticas de tocar bumbo, cantar, tremer e manusear cobras venenosas, seguidas por algumas seitas religiosas com o fim de introduzir experiência ou conversão "religiosa", com as conclusões que Pavlov tirou das suas experiências, deu a impressão de que a coisa toda não passava de uma violação da mente".

Apesar das reações de repúdio do próprio Dr. Sargant, estou de pleno acordo com a declaração do professor McKenzie. Está bem claro que a opinião formada pelo leitor comum é precisamente como o Dr. McKenzie diz, e a impressão final deixada pelo livro é que, dessa maneira, o Dr. Sargant eliminou o que consideramos uma conversão espiritual.

A PRINCIPAL TESE DO DR. SARGANT

Que é que o autor desse livro está dizendo realmente? Como já nos foi lembrado, a sua argumentação se baseia em larga medida nas conhecidas experiências feitas pelo grande fisiologista russo, Pavlov, que foi sem dúvida um dos maiores fisiologistas dos últimos cem anos. Pavlov tem sido discutido por muito tempo nos círculos médicos e fisiológicos por causa de certas experiências suas que levaram à introdução da expressão "reflexo condicionado". Permitam-me lembrá-los singelamente o que isso significa e

os dados nos quais a idéia está baseada. Pavlov fez as suas experiências com cães. Ele colocava pequenos tubos nas glândulas salivares nas bocas dos cães, e também nos seus estômagos, com o objetivo de medir o volume de fluidos que ajudam a digestão e que são produzidos pelas glândulas salivares e pelas que há na parede interna do estômago. O seu método era como segue: ele trazia comida à presença do cão e, ao mesmo tempo, enquanto apresentava a comida, providenciava que um assistente tocasse uma campainha. Repetia esta seqüência de atos por algum tempo. Naturalmente, a visão da comida fazia o cão prelibar o alimento, e os sucos digestivos brotavam das suas glândulas salivares e também do seu estômago. Conosco mesmos acontece isso quando vemos uma comida apetitosa. Todavia, o ponto principal da experiência de Pavlov era que ele tocava a campainha ao mesmo tempo. Tendo repetido a experiência durante um período de tempo suficiente, notou que o simples toque da campainha, sem a comida, produzia o mesmo resultado. É a esse fenômeno que ele deu o nome de "reflexo condicionado". Com esse treinamento e fixando essa impressão na mente do cão, só o toque da campainha já leva ao mesmo estado de prelibação, embora sem a apresentação da comida propriamente dita. A inferência é que, com tal treinamento, ou pela influência exercida na mente doutras maneiras, pode-se produzir as reações desejadas.

Tendo feito isso no começo do século, Pavlov levou as suas experiências sobre o reflexo condicionado a um outro estágio, porém o seu trabalho posterior não se tornou bem conhecido até quase o princípio da Segunda Guerra Mundial. Ele estivera fazendo experiências mais amplas e mais avançadas sobre as mentes e os cérebros dos cães. O seu trabalho nesse campo pode ser resumido como segue: ele estimulava os cães com uma corrente elétrica de potência variável, e notou de novo que se produzia certa variação na resposta. Descobriu depois que, se aumentasse a corrente até que se tornasse realmente dolorosa, a resposta seria mais variável ainda, e finalmente chegou a um estágio em que o cão ficava tão transtornado por esse estímulo que ia até além do estado de agitação e por fim caía num estado de prostração. Pavlov viu que, num ponto ulterior da continuação do estímulo, os vários reflexos condicionados que ele tinha produzido antes haviam interferido seriamente no processo. Finalmente ele notou que, em seguida a esse estado de prostração, era muito mais fácil que antes colocar novas sugestões e novos reflexos condicionados nas mentes daqueles cães. As numerosas experiências nessas linhas eram muito variadas em seu

caráter. Contudo, o ponto importante era que Pavlov se achou capaz de demonstrar claramente que, aplicando estímulos apropriados e continuando a fazê-lo, poderia, mais ou menos, falando em termos gerais, produzir muitas espécies de respostas condicionadas. Isto se tornava mais assinalado ainda se, em acréscimo, ele produzia condições doentias nos cães, pela retirada do alimento deles, ou provocando essas respostas. Ele notou, ademais, que os cães variavam muitíssimo em seus temperamentos, exatamente como acontece com os homens, e que há quatro tipos principais de temperamentos nos cães tanto como nos homens. A presença desses tipos tinha que ser levada em conta nessas experiências.

Qual foi o resultado final disso tudo? Palvov sugere que aqui, talvez, temos uma chave para entender o homem e suas reações e, também, as suas respostas a várias idéias que lhes podem ser apresentadas. Este é, no mínimo, o pano de fundo científico, em termos de fisiologia.

O ponto de interesse para o Dr. William Sargant é o efeito sobre o mecanismo da mente quando certos estímulos são levados a pressioná-la. Nos primeiros dias da última guerra ele, como psiquiatra militante, teve que tratar de numerosos pacientes que tinham passado por complicações mentais e psicológicas resultantes da retirada de Dunquerque, do bombardeio de Londres, ou, nalguns casos, pacientes que tinham sofrido experiências traumatizantes agudas no campo de batalha. Ele e outros observaram que alguns dos homens que entraram em prostração devido àquelas experiências podiam ser ajudados, e na verdade podiam ser curados, da seguinte extraordinária maneira: eram injetadas nas veias desses pacientes certas drogas que produziam uma forma de hipnose. Depois, enquanto o paciente estava sob a influência da droga aplicada, lembravam-lhe (e, mais importante ainda, ajudavam-nos a lembrar) o incidente que precipitara a prostração. Por exemplo, eles evocavam à mente do homem a lembrança do ataque aéreo, ou da experiência tida durante a retirada de Dunquerque, ou da experiência que, quem sabe, o homem tivera num tanque, ou fosse lá qual fosse a situação quando lhe sobreviera o dano à mente. Eles traziam tudo isso vividamente a ele até que tivesse experiência do mesmo terror, susto e agitação, como acontecera originalmente. Eles continuavam até ele ficar extremamente agitado. Nesse ponto paravam com o processo. Eles descobriram que, quando conseguiam reproduzir a experiência dessa maneira experimental, muitas vezes o processo levava à cura.

O Dr. Sargant e outros estiveram fazendo muito desse trabalho.

Descobriram que, às vezes, colocando o paciente sob a influência da droga, podiam até sugerir uma experiência imaginária que o testasse. Ele dá o exemplo de um homem do Corpo de Tanques que não tivera realmente nenhuma experiência muito terrificante, mas que tinha tanto medo de tê-la que ficou tão preocupado que isso o levou a um derrame cerebral. Eles viram que, às vezes, conseguiram curar essa condição da seguinte maneira: primeiro o punham sob a influência da droga; depois o sugestionavam muito vividamente com a idéia de que ele estava num tanque que pegara fogo e, se não fugisse a toda pressa, morreria queimado. O homem passou por uma experiência horrível, e isso o dominou de tal modo que ele chegou a cair em prostração. Ao recobrar-se, porém, eles viram que, muitas vezes, o paciente se descontraía e saía da experiência como um homem equilibrado, normal, curado e completo.

O Dr. Sargant declara que, tendo completado muito desse trabalho com os seus colegas, aconteceu encontrar-se com um oficial médico, americano, que casualmente lhe perguntou se tinha lido uma publicação sobre o trabalho de Pavlov. (O volume russo tinha sido finalmente traduzido para o inglês em 1941.) Ele não o tinha lido. Tão logo o fez, foi forçado a concluir que se tratava de quase exatamente a mesma coisa que ele e outros tinham descoberto acerca da produção deste fenômeno de "ab-reação"* por meio de drogas.

Houve mais um elo ainda, na cadeia que o levou a escrever o seu livro. Dr. Sargant, que é metodista, um dia estava visitando seu pai, e teve ocasião de examinar as estantes de livros. Notou um exemplar do *Journal* (Diário) de Wesley. Ele o apanhou casualmente, e aconteceu que o abriu numa página que lhe interessou imediatamente. "Meu olhar", ele escreve, "foi cativado pelo detalhado relato feito por Wesley da ocorrência, duzentos anos antes, de estados quase idênticos de agitação emocional" – isto é, idênticos aos que ele tinha descoberto em seu trabalho médico e aos relatados por Pavlov – "muitas vezes levando a uma prostração emocional temporária, que ele induzia por um tipo particular de pregação. Esses fenômenos geralmente apareciam quando ele persuadia os seus ouvintes de que tinham que fazer uma escolha imediata entre a condenação certa e a aceitação dos seus conceitos religiosos sobre a salvação da alma. O medo de queimar no inferno,

---

* Ab-reação é o termo usado pelos psiquiatras para designar a remoção de uma repressão emocional pela confrontação com ela de forma vívida na imaginação e pela reconstituição viva da experiência original.

induzido por uma pregação dramática, podia ser comparado com a sugestão que podíamos impor a um soldado em retorno, durante o tratamento, de que ele estava correndo o perigo de ser queimado vivo no tanque de guerra e tinha que fugir. As duas técnicas pareciam espantosamente similares". * Esses relatos de fenômenos aparentemente comparáveis juntaram-se todos na mente do Dr. Sargant e lhe pareceram todos da mesma espécie. Assim começou a desenvolver as idéias que agora nos expõe nesse livro.

Portanto, o que ele está interessado em mostrar é, em suas próprias palavras, isto: "Agora parecia possível, de fato, que muitos dos resultados que estavam sendo conseguidos por ab-reação sob drogas eram essencialmente os mesmos obtidos, não somente por Wesley e outros líderes religiosos, porém também pelos modernos realizadores de "lavagem cerebral", embora, sem dúvida, sejam dadas diferentes explicações em cada caso" (p. xxii). Mais outra citação servirá para mostrar o que o Dr. Sargant está sugerindo realmente. Ele escreve: "Nos capítulos subseqüentes serão dadas provas em favor das observações gerais acima feitas. É preciso acentuar que este livro não está primariamente interessado num sistema ético ou político; seu objetivo é unicamente mostrar como as crenças, boas ou más, falsas ou verdadeiras, podem ser implantadas à força no cérebro humano; e como as pessoas podem ser mudadas para crenças arbitrárias, completamente opostas às defendidas anteriormente". Esse é o seu interesse. "A conclusão alcançada", diz ele, "é que de fato existem simples mecanismos fisiológicos de conversão e que, portanto, ainda temos muito que aprender do estudo da função cerebral acerca de questões até aqui declaradas pertencentes à competência da psicologia ou da metafísica. A luta político-religiosa para conquistar a mente do homem poderá muito bem ser vencida por quem quer que se torne bastante versado nas funções normais e anormais do cérebro, e que esteja disposto a fazer uso do conhecimento obtido" (p. xxiv).

Aí temos a tese principal do livro. A idéia (apesar das contestações do Dr. Sargant, como cristão professo) é que todas as conversões são de fato essencialmente idênticas; isto é, ele dá a entender que as conversões políticas e as conversões sociais são iguais às conversões religiosas. Vocês terão notado que ele afirma que, sejam as crenças boas ou más, falsas ou verdadeiras, o mecanismo pelo qual elas são produzidas é quase exatamente o mesmo. Ele

* *Battle for the Mind*, p. xxii. Doravante as referências ao livro serão dadas no texto.

prossegue, aduzindo casos como o da esposa do professor J.B.S. Haldane, que primeiro se converteu ao comunismo e se viu, a despeito dela própria, pensando segundo as linhas ideológicas comunistas, e depois se converteu de novo às idéias ocidentais. Ela se declara perplexa, não podendo explicar estas mudanças que ocorreram com ela. Depois há os escritos de Koestler, que tem feito relatos impressionantes de como ele primeiro se tornou comunista e depois deixou de ser comunista. A sugestão que o autor comunica é que todos estes fatos são realmente processos psicológicos que sucedem independentemente da natureza da coisa particular que esteja sendo ensinada.

Pois bem, o livro parece implicar definidamente que a obra realizada por Wesley cai dentro dessa categoria. Por exemplo, na página 235 o Dr. Sargant cita o *Diário de Londres* ("London Journal"), de Boswell, no qual ele diz: "Nós (O Dr. Johnson e Boswell) falamos da pregação e do grande sucesso que os metodistas têm. Ele (Johnson) disse que isso se devia ao fato de pregarem de maneira simples e vulgar, que era o único meio de fazer benefício ao povo comum... Disse ele que falar da embriaguez como crime, devido aviltar a razão, a faculdade mais nobre do homem, não teria nenhuma utilidade para o vulgo. Mas dizer-lhes que podiam ter morrido na bebedeira e mostrar-lhes quão terrível teria sido isso, certamente os afetaria muito". Neste ponto o Dr. Sargant comenta: "O Dr. Johnson tinha razão: para conseguir tais convertidos é preciso procurar dominá-los emocionalmente. No entanto, este já não é mais o século dezoito. Naquele tempo parece que não importava o que as pessoas comuns criam porque elas não exerciam nenhum poder político, e delas se esperava somente que trabalhassem, não que pensassem; e porque elas não liam livros e jornais". O Dr. Sargant continua contrastando o povo do século dezoito com o homem moderno, instruído, que é todo razão e entendimento. Nisso, naturalmente, ele se contradiz um pouco, porque ao mesmo tempo ele vai mostrando que esse homem moderno, tão diferente do homem do século dezoito, ainda pode ser influenciado exatamente da mesma maneira e precisamente pelas mesmas técnicas.

O resultado disso tudo é que o Dr. Sargant fala constantemente sobre "a técnica da conversão religiosa". Ele está interessado nos "métodos de Wesley" etc., dando clara impressão de que tudo o que aconteceu há duzentos anos, particularmente sob a pregação de Wesley, realmente não foi nada mais do que o emprego desta técnica psicológica que agora ele acha explicada adequadamente pelas experiências de Pavlov.

Neste ponto é importante para nós que notemos que o Dr. Sargant faz uma admissão muito importante. Ele admite que não está discutindo o que ele chama uma "conversão puramente intelectual, e sim somente aqueles estímulos físicos ou psicológicos, não os argumentos intelectuais, que parecem ajudar a produzir conversão causando alterações da função cerebral da pessoa" (p. xii). Noutras palavras, ele realmente se restringe a certas técnicas evangelísticas particulares. Todos concordarão que essa é uma importante admissão da parte dele.

A TESE EXAMINADA

Ao comentar a tese do Dr. Sargant, proponho-me, primeiramente, a fazer várias críticas gerais e, depois, a examinar mais minuciosamente alguns dos argumentos que ele apresenta. Permitam-me começar dizendo que, dentro da sua própria esfera e falando puramente em termos médicos, parece-me que devemos admitir o que o Dr. Sargant está dizendo. As descobertas referentes aos seus próprios casos e de outros pesquisadores nesse campo são fatos consubstanciados e não devemos contestá-los. De igual modo, desafortunadamente, pelo que lemos nas reportagens dos jornais e nos livros dedicados à matéria, e também pelo que podemos ter ouvido de indivíduos que registraram as suas experiências, sabemos que esse procedimento conhecido como lavagem cerebral está sendo praticado. Tem sido usado com sucesso tanto pelos fascistas como pelos comunistas. Não há dúvida nenhuma de que esses resultados podem ser obtidos por essa contínua "violação da mente" (como alguns a denominam, isto é, como resultado de um contínuo bombardeio da mente com sugestões). Temos lido a respeito de pessoas as mais improváveis que foram apresentadas como prisioneiros ou testemunhas no tribunal e que testificaram que flagrantemente mentiram e que trabalharam contra o Estado. Pelo menos algumas dessas pessoas eram homens dotados de habilidade, inteligência e integridade. Como resultado da aplicação de processos como acima descrevemos, em circunstâncias favoráveis, o bombardeio contínuo das suas mentes reduziu-os a uma condição que relembra a que foi descrita por Pavlov no caso dos seus cães. Noutras palavras, é ocioso pretender que o cérebro humano não pode ser influenciado da maneira sugerida pelo Dr. Sargant. A questão básica, no entanto, que surge é esta: estes fenômenos, que com toda a certeza podem ser produzidos nestas circunstâncias excepcionais, seriam, portanto, a verdadeira expli-

cação do que acontece nas circunstâncias ordinárias ou comuns de conversão?

Algumas Críticas Gerais

É nesse ponto que devemos fazer certas observações e críticas. A minha primeira crítica geral é a pergunta: esta comparação de animais com homens estaria estritamente legítima? Parece-me que o Dr. Sargant não admite a diferença essencial entre um animal e um homem. Por exemplo, ele não parece admitir, em absoluto, a presença da razão e da faculdade crítica que o homem possui. Acaso não deveríamos levar em conta a capacidade humana de auto-análise, auto-exame e autocrítica? Embora ele conceda, em geral, que, afinal de contas, os homens não são cães, a sua idéia é, não obstante, que os cérebros de ambos funcionam da mesma maneira, e que quando você está tratando de um homem, está virtualmente na mesma situação como se estivesse tratando de um animal. Noutras palavras, a minha réplica neste ponto seria apenas esta, que a nossa condição só é comparável à de um cão em casos extremos, ou em circunstâncias deveras excepcionais, como a guerra, onde há bombardeio aéreo ou tiroteio contínuo ou alguma experiência horrível, como a que muitos civis tiveram com as bombas "V"*. Noutras palavras, a comparação só é válida nas ocasiões em que aquilo que diferencia essencialmente o homem do cão foi posto fora de ação, e o homem, por causa dessa terrível tensão, foi temporariamente reduzido ao nível do animal.

Quero expressar aqui o meu apoio à citação que o Dr. Sargant faz de Aldous Huxley, que escreve: "Entrementes, tudo o que podemos predizer com segurança é que, se fossem expostos por um tempo suficientemente longo ao tantã e ao canto, cada um dos nossos filósofos acabaria pulando e uivando com os selvagens" (p. 149). Concordo inteiramente com isso. Só o poder do Espírito Santo pode impedi-lo. Mas o ponto real é que, como resultado desse condicionamento (isto é, do bombardeio da mente com esses vários estímulos anormais) o que fez do filósofo, do preletor universitário ou do hábil homem de negócio o homem que era, já foi posto fora de ação. Foi posto num estado anormal. Essa consideração parece-me viciar grande parte da argumentação do Dr. Sargant.

A minha segunda crítica geral é esta: parece-me que o Dr. Sargant realmente responde ao seu próprio argumento pelo fato de

* Bomba usada pelos alemães no fim da Segunda Guerra Mundial.

provar demais. O seu livro parece explicar tudo, não só a conversão religiosa ou a conversão política. A sua tese, se a aceitarmos como ela é, também poderá ser utilizada para explicar o heroísmo e os grandes atos de sacrifício próprio. Estes, de acordo com a sua hipótese, são apenas reflexos condicionados, de sorte que todos os nobilíssimos feitos nos quais a humanidade sempre se gloriou não são nada mais do que reações a dados estímulos. Na verdade, parece-me que o Dr. Sargant chega ao ponto de dizer que, em última análise, não existe isso de real convicção mental acerca de coisa alguma; que sempre, ao virmos a crer numa coisa ou a rejeitar outra, estamos simplesmente manifestando um processo fisiológico.

Deixem que o Dr. Sargant seja citado de novo, para mostrarmos o que queremos dizer. Ele escreve: por exemplo, a conversão de João e Charles Wesley foi facilitada por um "amaciamento" preliminar feito por Peter Böhler, o missionário morávio; todavia, foi só depois que Peter Böhler tinha deixado o país que o coração de João foi final e repentinamente "aquecido" numa pequena reunião religiosa na rua Aldersgate" (p. 221-222). Vocês notam a expressão "amaciamento". Noutras palavras, enquanto Peter Böhler estava serenamente expondo as Escrituras a João e a Charles Wesley separadamente, o que estava realmente ocorrendo era esse processo de "amaciamento", comparável ao estímulo elétrico que Pavlov punha nas pernas dos cães. E assim, eu afirmo que ele está provando demais – que toda instrução é apenas um processo de "amaciamento"; tudo é psicológico. Noutras palavras, parece-me que chegamos a isto: com essa tese, o Dr. Sargant está realmente eliminando as bases para a nossa fé em toda e qualquer espécie de convicção ou apreensão intelectual.

Mas, para sermos justos para com ele, poderíamos argumentar que tudo o que ele está fazendo realmente é demonstrar até certo ponto como funciona o nosso cérebro, e que o funcionamento do cérebro humano é sempre o mesmo, esteja aplicado à religião ou à filosofia ou à política ou a qualquer outra coisa. Assim, é que, em última análise, fica-nos este resultado, que foi apresentada evidência suficiente para mostrar o funcionamento do cérebro em certas condições, e que, portanto, devemos salientar a absoluta importância da verdade ou falsidade da coisa apresentada ao cérebro. Noutras palavras, o livro do Dr. Sargant pode ser posto de lado inteiramente, do ponto de vista cristão em geral, com a afirmação de que esse livro não tem nenhuma aplicação religiosa; o autor está simplesmente mostrando como o cérebro sempre funciona. Portanto, sendo assim, fica-nos esta interrogação: como resolver se o

cristianismo é verdadeiro ou falso? Esse livro não é uma crítica ao cristianismo, mais do que o é de qualquer filosofia, de qualquer ensino político, ou de qualquer outra coisa.

A Significação do Pentecoste

Temos que passar a uma crítica mais particularizada da tese do Dr. Sargant, e a uma resposta a ela do ponto de vista do caso particular da religião. Como já lembrei a vocês, ele trata de religião, dando especial atenção a Wesley e ao metodismo (em grande parte, entendo, porque ele próprio é metodista). Ele admite, como já lhes fiz lembrar, que não está tratando do que ele chama "o tipo intelectual de conversão", e sim, em particular, da espécie de coisa que aconteceu há anos no ministério de João Wesley. Ele descreve também alguns dos curiosos movimentos religiosos e seitas da América – gente que abraça cobras, e assim por diante – e algumas das religiões extravagantes e caracterizadas por êxtases que ele estudou. Ele não se limita a matérias como essas, porém também trata do que ele considera fenômenos similares descritos na Bíblia.

O Dr. Sargant refere-se, nas páginas 102 a 104, ao que aconteceu no dia de Pentecoste. Aí, significativamente, ele só se interessa pela conversão dos três mil. Devo citar parte da passagem para podermos notar o tipo de coisa que ele diz. Ele começa: "O relato feito em *Atos dos Apóstolos* (capítulo 2) do sermão de Pedro no Pentecoste salienta igualmente a eficiência dos métodos religiosos discutidos neste capítulo. Diz o relato que não menos de três mil convertidos foram acrescentados naquele dia ao pequeno grupo de apóstolos e doutros crentes que permaneceram fiéis depois da despedida de Jesus no Monte das Oliveiras". Depois disso ele cita os versículos iniciais do capítulo para mostrar como o povo ouviu dizer que estes apóstolos podiam falar em diferentes línguas, e como a multidão se juntou, e então continua: "Depois Pedro se levanta e começa a pregar. Ele acrescenta a pressão sobre um auditório já meio estupidificado pelas notícias daquele estranho dom de línguas. * Num discurso muito poderoso, ele anuncia que agora eles estão vendo o que há muito tempo fora predito pelos profetas. Ele cita o profeta Joel".

Depois disso é registrada a citação que Pedro faz do Velho Testamento, e então o Dr. Sargant prossegue: "Depois ele lança um

---

* Seria interessante que nos fosse informado onde se acha, na Bíblia, a idéia de "meio estupidificado".

raio emocional sobre os seus ouvintes tomados de pavor e exacerbados.* Ele diz-lhes que Jesus de Nazaré era um "varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais..." que os principais sacerdotes entregaram aos romanos para ser crucificado e morto "pelas mãos de injustos". Ele os faz entender apenas quem era o homem que eles tinham permitido que os principais sacerdotes entregassem aos seus protetores romanos para a crucificação, o qual Deus agora ressucitou dos mortos. Por não terem feito um protesto coletivo, por mais ocupados que estivessem com os preparativos para a Páscoa, eles se fizeram, insiste ele, assassinos em segundo grau". Aqui o escritor cita as palavras de Pedro, e acrescenta: "Os ouvintes de Pedro agora tinham passado a crer que o "dom de línguas" era um sinal de Deus, de Deus que, de acordo com a profecia escatológica, tinha escurecido o sol na hora da crucificação e dera a cor de sangue à lua, com uma terrível tempestade de areia proveniente de Elão. Agora eles estavam certos de que a vítima era representante de Deus na terra e não podiam escapar da culpa da sua morte. É fácil, pois, entender como, "ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: que faremos, varões irmãos?" Prossegue então o Dr. Sargant e cita o que Pedro lhes disse, e como três mil almas se converteram. Ele acrescenta: "Novas crenças e novos hábitos agora pareciam prontamente impostos aos convertidos". Noutras palavras, esse tremendo estímulo tinha produzido uma espécie de colapso emocional, e a multidão ficou naquela condição em que Pavlov vê que os cães estão mais que preparados para receber novas sugestões e novas idéias. Assim, a "tática de choque" de Pedro, na pregação feita no dia de Pentecoste, teve tanto sucesso que agora podia doutrinar as pessoas com relativa facilidade.

Essa é a argumentação que o Dr. Sargant faz, a partir do exemplo tirado de Atos dos Apóstolos. No entanto, o ponto de maior interesse para nós é que (fora o que eu já disse acerca da alegação especial e da sutil introdução na narrativa de coisas que absolutamente não estão ali) o Dr. Sargant não toma em consideração o que havia acontecido com os próprios apóstolos antes disso, isto é, a mudança completa que se realizara neles. Ele não trata disso; nem sequer o menciona! Especialmente, ele não considera o que teria capacitado Pedro a pregar dessa maneira. Não tem valor nenhum o

---

* Presumimos que esse comentário do texto supõe-se que seja um comentário e um raciocínio calmo e científico!

seu *início* com o relato concernente ao dom de línguas dos apóstolos; a questão é: de que fonte veio o dom de línguas? Ele não tenta tratar disso. Simplesmente começa com a pregação de Pedro e deixa de lado o que é a característica mais significativa da narrativa toda. Devemos perguntar, porém: como teriam recebido os apóstolos essa capacidade de falar em línguas? Como explica o Dr. Sargant a mudança operada neles? No caso deles não parece ter havido o tipo de estímulo que ele pressupõe no caso da multidão. Ninguém viera pregar-lhes tão dramaticamente; nada desse tipo está registrado. Se vamos extrair os nossos dados da Bíblia, a única explicação terá que ser encontrada nos pormenores históricos, nos fatos dados nos próprios Evangelhos. Ora, parece-me que essa é a real questão, e o Dr. Sargant, no interesse da sua teoria, evade-se totalmente dela.

A Conversão de Paulo

Consideremos ainda a maneira pela qual o Dr. Sargant trata da conversão do apóstolo Paulo nas páginas 104 a 106. Ele a descreve com as seguintes palavras: "O caso de Saulo no caminho de Damasco confirma a nossa outra descoberta: que a ira pode ser uma emoção não menos poderosa do que o medo na produção de uma conversão súbita a crenças exatamente contrárias a crenças defendidas anteriormente". Depois de citar o que de fato consta em Atos, capítulo 9, o seu primeiro comentário é: "Um estado de inibição transmarginal parece ter-se seguido ao seu agudo estado de excitação nervosa". Eis o que o autor quer dizer: Pavlov viu em sua experiência que quando os cães eram estimulados com estímulos elétricos, primeiro ficavam agitados, depois ficavam muito exacerbados, e se a dose fosse sendo aumentada, o cão chegava a um estado de maior ou menor prostração. É isso que ele quer dizer com a sua "inibição transmarginal". Nesse ponto o cão parecia ficar apático. Ocorria um colapso total e, como resultado disso, o cão ficava, por assim dizer, protegendo-se desse estímulo demasiadamente grande. E é justamente nesse estágio que o cão se torna tão sugestionável. Portanto, o Dr. Sargant, fiel à sua teoria, prossegue, dizendo que, no caso de Paulo, "O colapso total, alucinações e um maior estado de sugestibilidade parecem ter-se dado. Outras manifestações histéricas inibidores são registradas também". Depois ele cita: "E Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos, não via a ninguém. E, guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco. E esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu". O Dr. Sargant

comenta: "Este período de debilitamento físico pelo jejum, e mais outras tensões de Saulo, podem muito bem ter aumentado a sua ansiedade e a sua sugestibilidade (Isso é verdade no caso dos cães, vocês vêem! M.L-J.). Somente depois de três dias o irmão Ananias aliviou os seus sintomas nervosos e a sua angústia mental, implantando (Notem a palavra "implantando"! M.L-J.) ao mesmo tempo novas crenças". Segue-se depois mais uma citação de Atos, capítulo 9, após o que o Dr. Sargant continua: "Seguiu-se depois o necessário período de doutrinação imposta a Saulo pelos irmãos em Damasco, e da sua plena aceitação de todas as novas crenças que eles exigiam dele".

Que é que temos para dizer acerca disso tudo? O primeiro comentário só pode ser que pesa sobre o Dr. Sargant aqui a culpa de uma extraordinária contradição. No capítulo 10 do seu livro lemos: "Uma salvaguarda contra a conversão é, de fato, uma ardente e obsessiva crença noutro credo ou noutro modo de vida" (p. 229). Mas se alguma vez houve um homem que tinha uma "ardente e obsessiva crença", esse homem foi certamente Saulo de Tarso! Isso, diz-nos o Dr. Sargant, é "uma salvaguarda contra a conversão". Todavia, nas páginas 105 e 106, estas mesmas coisas são as condições que parecem essenciais à conversão. Isso é mencionado de passagem!

Mais seriamente, o que me parece muitíssimo importante é que, com base em sua própria tese, o escritor não nos mostra qual foi o tremendo estímulo que levou à aumentada sugestibilidade, no caso do apóstolo Paulo. Não se faz nenhuma referência à natureza do estímulo ou do assalto à mente. Paulo não estava numa reunião evangelística "de massa"; na verdade, não estava ouvindo nenhuma pregação, porém estava em viagem para prender cristãos. Ele também ardia de zelo por uma crença obsessiva. O leitor se lembrará dos fatos como estão registrados no Novo Testamento. Parece-me que o Dr. Sargant não nos fornece, em nenhum sentido, uma pista concernente ao estímulo que a sua teoria torna um desiderato essencial em tal caso. Não só isso. Ele não diz por que foi que Ananias foi a Paulo, em primeira instância, o que certamente é um ponto sumamente importante. Por que foi assim? O próprio Ananias nos diz que foi o Senhor que o enviou. A opinião do Dr. Sargant é, naturalmente, que isso foi apenas parte do processo de doutrinação. De fato vocês notarão que o autor vai adiante e afirma especificamente: "Seguiu-se depois o necessário período de doutrinação imposta a Saulo pelos irmãos em Damasco". Ele já tinha declarado que Ananias encontrou Paulo no estado mais propício

para a "implantação de novas crenças". Outra opinião mais é que o apóstolo Paulo veio a crer e a ensinar o que cria e ensinava como resultado da instrução que lhe foi dada, não somente por Ananias, mas também, subseqüentemente, pelos discípulos em Damasco.

Ora, isso é realmente grave. É uma completa contradição do que o próprio apóstolo Paulo nos diz em Gálatas 1:11-12: "Faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo". Noutras palavras, no interesse da sua teoria, o Dr. Sargant tem que passar por alto os pormenores do documento que ele está citando. Contudo, esses pormenores são da maior importância, tanto com relação à vocação de Paulo como com relação ao seu trabalho como apóstolo. Ele tornou-se o homem que foi, e o notável apóstolo que foi, como resultado de haver visto o Senhor ressurreto a olhos nus no caminho de Damasco. O Dr. Sargant ignora isso completamente, do mesmo modo como ele parece desacreditar em toda parte o miraculoso e o sobrenatural na Bíblia. Ao passo que, se vocês tomarem a narrativa do Novo Testamento como é, ela explicará retamente o que aconteceu com o apóstolo Paulo. A ressurreição do Senhor Jesus Cristo e as Suas aparições subseqüentes são absolutamente vitais para a fé cristã e para o evangelho de Cristo. Não se pode explicar ou entender o cristianismo sem isto. Se Cristo não ressuscitou literalmente do túmulo no corpo, como então veio a existir o cristianismo? Essa é a consideração que está no âmago da nossa fé. O cristianismo não é uma filosofia, nem um simples ensino ético. É uma fé baseada em grandes eventos e fatos históricos e, a menos que a nossa experiência religiosa se baseie neles, não é verdadeiramente cristã.

Estes fatos o Dr. Sargant nega completamente, por implicação. Todavia, vistos como estão registrados no Novo Testamento, eles dão uma adequada explicação do que aconteceu, não somente no caso do apóstolo Paulo, mas também no dos outros apóstolos. É-nos dito que saíram pregando e ensinando "Jesus e a ressurreição". Não pregavam meramente uma experiência, nem exortavam simplesmente as pessoas a viverem certo tipo de vida. Pregavam *fatos*. Eram arautos de boas notícias, e toda a base da sua pregação era falar ao povo de certos eventos momentosos e cruciais que havia pouco tinham ocorrido. Tudo isso é afirmado com toda a clareza pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 15:1-8: "Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permaneceis. Pelo qual também sois

salvos, se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão. Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas, e depois pelos doze. Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo". Paulo prossegue, para deixar bem claro que, se este fato da ressurreição não foi verdadeiro, não há nenhum evangelho, e quaisquer experiências que as pessoas possam ter tido, são espúrias e enfim sem nenhum valor. Tudo isso, porém, é completamente ignorado pelo Dr. Sargant.

A Conversão de João Wesley

Chegamos agora à nossa terceira crítica detalhada. Refere-se à maneira como o Dr. Sargant entende a experiência espiritual de João Wesley. Aqui, de novo, ele explica tudo em termos da sua teoria. A questão, porém, é: como se pode fazer isso? Vejamos a conversão de João Wesley. Esse evento parece ter acontecido em circunstâncias quase exatamente opostas às defendidas pelo Dr. Sargant. João Wesley não foi convertido numa reunião de muita gente e vibrante; antes, aconteceu num pequeno local de reuniões e num culto religioso tranqüilo. Nem sequer havia alguém pregando. Um homem estava lendo o prefácio do *Comentário da Epístola aos Romanos* de Lutero, quando essa experiência vital lhe sobreveio. Não se pode imaginar um conjunto de circunstâncias mais distantes das defendidas pelo Dr. Sargant, especialmente quando pensamos nos termos das experiências de Pavlov com cães e com os estímulos elétricos que ele lhes aplicava. Além disso, o Dr. Sargant não explica por que, como resultado dessa experiência, o ministério de Wesley logo se tornou tão diferente. No momento não estou preocupado com a mensagem como tal, mas estou mostrando que ele não explica por que o ministério de Wesley de repente se tornou tão eficiente. Contudo, isto constitui certamente uma parte deveras vital dos dados.

Também devo chamar a atenção para outras imprecisões no tratamento que o Dr. Sargant dá ao caso de Wesley. Na página 127 lemos: "Wesley pode, de fato, ter lido o relato de Edwards antes de começar a sua própria campanha quatro anos mais tarde". Esta é

uma referência ao famoso relato de Jonathan Edwards do avivamento ocorrido na Nova Inglaterra. Entretanto esse parecer do Dr. Sargant é pura hipótese, e não há prova que a confirme. Do mesmo modo devemos mostrar que João Wesley não começou uma "campanha", e é uma inversão dos fatos descrevê-lo como um homem que planeja e inicia uma campanha. João Wesley continuou trabalhando mais ou menos exatamente nas mesmas linhas de antes, porém o que lhe acontecera na reunião da rua Aldersgate fez toda a diferença. Este não é o caso de um homem que de repente decide adotar novos métodos e nova técnica que levam a resultados, mas é claramente o caso de um homem que foi cheio do Espírito Santo e cujo ministério, como resultado, tornou-se eficiente.

Há igualmente uma imprecisão parecida na página 130 de *Battle for the Mind*: "João Wesley, embora atribuindo à mão de Deus os milhares de conversões que ele induziu em toda a Inglaterra, nas pessoas mais improváveis, não obstante especulava sobre possíveis fatores fisiológicos adicionais: "como é fácil supor, essa apreensão vigorosa, viva e súbita da terribilidade do pecado e da ira de Deus, e das amargas penas da morte eterna, deve afetar o corpo como também a alma, suspendendo as presentes leis da união vital e interrompendo e pertubando a circulação normal e pondo a natureza fora do seu curso". Foi observando cientificamente assim os resultados obtidos por diferentes tipos de pregação que Wesley foi auxiliado a fazer até a Grã-Bretanha, tão notoriamente resistente à mudança, transformar alguns dos seus padrões de comportamento tradicional, religioso e político".

Isto me parece absolutamente extraordinário! Embora eu seja um grande admirador de João Wesley, não acho que ele era tão científico assim, nem capaz de pensar em termos do século vinte! O Dr. Sargant certamente não entende bem o que Wesley está dizendo. Wesley estava simplesmente procurando explicar o que ocorria durante a sua pregação. Na verdade, sabemos pelas suas anotações diárias ("Journals") que ele se perturbava com aqueles fenômenos. Ele verdadeiramente se preocupava e se inquietava com eles. Aqui ele está tentando dar uma explicação e opinando que o poder do Espírito Santo pode ser tão grande às vezes, que não é de causar surpresa que a constituição física de alguém se rompa sob o poder e a glória. Seguramente é muito injusto insinuar que Wesley, de maneira calma e científica, observou certos efeitos como resultantes de certas causas e depois, deliberadamente, desenvolveu uma técnica para produzir aqueles efeitos.

Parece-me também que o Dr. Sargant está enganado em seus comentários sobre os resultados da obra realizada por Wesley e pelos metodistas. Eis como ele expressa a sua idéia nas páginas 219 e 220 do seu livro: "O avivamento metodista ajudou também a condicionar os ingleses do início do século dezenove a aceitarem condições sociais que teriam causado revoluções em muitos outros países europeus. Wesley ensinara as multidões a se preocuparem menos com a sua vida miserável na terra, como vítimas da Revolução Industrial, do que com a vida por vir; eles agora podiam suportar quase qualquer coisa". Apesar de estarmos prontos a concordar com os historiadores que acreditam que o Despertamento Evangélico do século dezoito pode muito bem ter salvado a Inglaterra de algo similar à Revolução Francesa, devemos assinalar que, neste ponto, o Dr. Sargant deixa de dar adequada ênfase ao que de fato ele mencionara de passagem na página 76.

Os estudiosos de sociologia concordam que um dos fatores mais poderosos, se não o mais poderoso, do surgimento e do desenvolvimento do Movimento Sindical e do domínio das idéias liberais na política do século dezenove (e, na verdade, de todo o movimento democrático da Inglaterra nos séculos dezenove e vinte), foi o grande Despertamento Evangélico do século dezoito. Esse despertamento foi talvez, isoladamente, o maior estímulo ao intelecto das pessoas, individualmente, e da perspectiva intelectual do povo que já se conheceu neste país. Ele criou nas pessoas comuns o desejo de ler e aprender. Despertou-as para a dignidade do homem e da vida humana. Abriu-lhes os olhos para diversas formas de opressão sob as quais elas estavam sofrendo. De fato, ele tem sido geralmente considerado como a origem do que mais tarde veio a ser conhecido como a "consciência não conformista", fato que o próprio Dr. Sargant admite no início das duas passagens acima referidas.

João Wesley era um homem que não aplicava nenhum tipo de técnica em seu ministério; e isto é igualmente válido quanto a George Whitefield e aos outros grandes homens que Deus levantou para a realização daquela poderosa obra do século dezoito. Sugerir o contrário é insinuar algo completamente alheio a toda a atmosfera e espírito daquele grande movimento da história da Igreja.

A Necessidade de uma Abordagem Teológica

Chegamos agora a mais alguns pontos de crítica. O problema

central do Dr. Sargant, como eu já opinei, é que ele deixa inteiramente de lado os fatos fundamentais em que se baseia a nossa fé. Ele se esquece de que o cristianismo é essencialmente uma religião histórica e de que as verdades em que cremos estão solidamente baseadas em fatos. Parece que a visão que ele tem do cristianismo é que este não passa de um ensino moral e ético que deve ser aplicado e vivido. Talvez seja injusto fazer tal crítica, mas é muito difícil descobrir o conceito do Dr. Sargant sobre o nosso Senhor. Ele pode afirmar que, nesse livro, não estava interessado em tratar de teologia e, todavia, ninguém pode dizer tanto como ele o faz sem necessariamente levantar questões de teologia. De qualquer forma, toda esta matéria deve ser tratada teologicamente. A resposta à sugestão que permeia este livro é que a explicação dos eventos e experiências como o Pentecoste, a conversão do apóstolo Paulo, de João Wesley e doutros, não é psicológica mas, sempre e essencialmente, *teológica.*

Permitam-me ilustrar o que quero dizer. O Dr. Sargant não diz nada acerca do fato da ressurreição, porém esta é certamente central nos registros do Novo Testamento. O que ele tem que explicar (em sua hipótese) é a origem da qual veio a "sugestão" da ressurreição aos apóstolos. Pelos registros sabemos que na ocasião todos eles estavam de crista caída e decepcionados, sentiam-se infelizes e não tinham compreendido absolutamente nada do ensino do nosso Senhor a respeito da Sua ressurreição. Há unicamente uma adequada explicação para a marcante mudança operada neles – o fato de que o nosso Senhor ressuscitou do túmulo literalmente no corpo e apareceu àqueles discípulos em mais de uma ocasião. Se aceitarmos isso, não haverá dificuldades; mas se não o aceitarmos, ou se não enxergarmos a sua importância crucial, ficaremos entregues a um labirinto de dificuldades e sem nenhum real entendimento do que se seguiu.

É exatamente a mesma coisa quando passamos à questão da doutrina do Espírito Santo. Esta igualmente não é tratada nem um pouco pelo Dr. Sargant. É ignorada inteiramente. Contudo, é justamente aí, parece-me, que temos a resposta final à causa defendida por esse livro. O que aconteceu no dia de Pentecoste já fora predito no Velho Testamento. O apóstolo Pedro, em seu sermão no dia de Pentecoste, deixa isso claro em sua citação do profeta Joel. No entanto, há outras profecias similares nos livros de Isaías e Ezequiel. João Batista também fizera a mesma profecia, dizendo: "Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de

desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Lucas 3:16). O nosso Senhor mesmo tinha similarmente ensinado os Seus discípulos sobre esta grande dádiva que haveria de vir. Esse é todo o peso do ensino dado nos capítulos 14, 15 e 16 do Evangelho Segundo João, como também no capítulo 7, versículos 37 a 39. Ainda O vemos repetindo a mesma mensagem após a ressurreição, especialmente em Atos 1:4-8. (Ver também Lucas 24:49.)

Ora, tudo isso é de crucial importância; é uma questão de fato. O tempo exato em que isso ia acontecer fora exposto claramente no Velho Testamento. (É o evento prefigurado pela festa do Pentecoste.) Não é apenas questão de se preencherem algumas condições psicológicas. Como é que isso pôde ser profetizado séculos antes da época? Se fosse apenas um evento psicológico, ficaríamos com o problema de explicar como os profetas foram capazes de predizer esse evento com tantos pormenores. Se, porém, crermos que o Pentecoste foi um dos grandes eventos relacionados com a salvação, e que foi a ocasião em que o Senhor Jesus Cristo enviou e derramou o Espírito Santo que fora prometido por Deus através dos séculos (e, portanto, chamado "a promessa do Pai"), então não haverá dificuldades. O que o Dr. Sargant infelizmente não compreende é que o poder da pregação de Pedro no dia de Pentecoste não estava tanto no que Pedro disse, e menos ainda nalgum tipo de técnica empregada por ele, mas era, antes, a demonstração do poder do Espírito Santo. Sua análise do sermão de Pedro no dia de Pentecoste é uma patética inversão dos fatos registrados em Atos dos Apóstolos. É a conseqüência da incapacidade de entender a doutrina do Novo Testamento sobre o Espírito Santo, e especialmente dos resultados da "plenitude do Espírito" no ministério de homens como Pedro, Paulo e qualquer dos grandes pregadores que foram levantados e usados por Deus nos séculos subseqüentes. A idéia de que Pedro estava deliberadamente aplicando estímulos, manipulando os seus ouvintes e decidindo quando "lançar" certas declarações, é, na verdade, totalmente ridícula.

No caso da lavagem cerebral política, quer pelos fascistas quer pelos comunistas, o caso, como nas experiências de Pavlov, é que o estímulo tem que ser aplicado repetidamente por algum tempo com o fim de produzir o condicionamento e obter o resultado. Pois bem, o que aconteceu no dia de Pentecoste não ilustra isso, absolutamente. O efeito foi imediato e, portanto, os fatos reais do caso parecem-me viciar o principal argumento desse livro.

A Natureza dos Avivamentos Religiosos

Agora me refiro a uma citação nas páginas 99 e 100, nas quais o Dr. Sargant escreve: "Mais tarde os quacres se estabeleceram para se fazerem ricos e respeitáveis, abandonando os meios pelos quais tinham edificado o seu primitivo poder espiritual. O destino das novas seitas é perder o dinamismo dos seus "entusiásticos" fundadores. Mais tarde os líderes podem melhorar a organização, mas as técnicas originais de conversão muitas vezes são tacitamente repudiadas. A impetuosa militância dos primeiros tempos do Exército de Salvação do General Booth desapareceu. As cenas frenéticas do Avivamento Galês são esquecidas nas novas e respeitáveis capelas onde o *"hwyl"* (um recurso da pregação galesa para provocar os ouvintes, levando-os a um frenesi religioso pela irrupção de uma melodia selvagem) raramente se ouve agora. A surpresa que o sucesso do Dr. Billy Graham causou na Grã-Bretanha, quando tudo o que ele tem com que competir são discursos religiosos destinados à inteligência dos ouvintes, mais do que às suas emoções, mostra quão difundida é a ignorância geral sobre as questões discutidas neste livro".

De novo aparece a mesma falácia, e se requer de nós que admitamos que os originadores deliberadamente introduziram e empregaram uma técnica que os seus sucessores descartaram. A resposta simples é que em nenhum desses exemplos (com a possível exceção do Exército de Salvação, movimento que ainda emprega alguns dos seus métodos primitivos), homem nenhum, ou nenhum grupo de homens, introduziu ou empregou qualquer técnica desse tipo. Em cada caso temos um movimento do Espírito de Deus levando a uma experiência definida, e em cada caso aconteceu de repente. Incidentalmente, "as cenas frenéticas do Avivamento Galês" com toda a certeza não podem ser explicadas pelo *"hwyl"* dos pregadores, pois é um fato simples da história (e, na opinião de muitos, um fato deplorável) que praticamente não houve pregação durante o último avivamento galês! Uma *teoria* às vezes parece exercer uma influência muito profunda sobre o seu autor. Além disso, a explicação das mudanças a que o Dr. Sargant se refere, e que com certeza aconteceram, é muito diferente daquilo que ele sugere. O que aconteceu não é que certas "técnicas" anteriormente empregadas agora foram abandonadas, mas que houve um generalizado abandono da fé esposada pelos líderes primitivos e, portanto, a obra da Igreja não está sendo honrada pelo

Espírito Santo como antes. O Dr. Sargant não parece estar ciente deste fator.

Precisamente da mesma maneira, o Dr. Sargant não parece ter captado a verdade concernente aos avivamentos em geral. Ele não trata do avivamento religioso como tal, e, na verdade, não parece estar interessado neste extraordinário fenômeno que ocorre de tempos em tempos na história da Igreja. Vejam, por exemplo, a questão da origem de qualquer avivamento. Como começa o movimento? De onde, segundo o Dr. Sargant, vem o estímulo? Os fatos reais são que, falando em termos gerais, a Igreja, antes do avivamento, estava em condições fracas e letárgicas. Então, subitamente, sem nenhuma explicação aparente, um homem, ou um pequeno grupo de homens, de repente começam a inquietar-se com o estado da Igreja. Ficam insatisfeitos com as suas próprias vidas e buscam a Deus em oração, confessando os seus pecados e os da Igreja toda, e clamando por uma visitação do Espírito Santo. Deus, em Sua graça e em Seu próprio tempo, ouve e responde a oração e derrama o Seu Espírito, e assim o avivamento começa e se espalha. Às vezes isto acontece em vários lugares, e até em países diferentes, ao mesmo tempo. Mas, na hipótese do livro do Dr. Sargant, a questão é, donde vem o estímulo original? O livro não nos ajuda em nada, quanto a essa questão crucial.

De igual modo, temos que tentar compreender e explicar como os avivamentos terminam. Contudo, em geral o caso foi que o fim do avivamento foi repentino como o começo. O Dr. Sargant cita Finney, * e, de fato, Finney é certamente muito importante com relação a todo este assunto. Ele foi um homem que ensinava definidamente que, se alguém aplicasse determinada técnica, poderia ter um avivamento a qualquer hora. Essa é a essência do ensino de Finney em seu livro sobre avivamentos. A história, todavia, provou sobejamente que Finney estava completamente errado. Muitos tentaram planejar avivamentos usando a sua técnica, e o fizeram honesta, sincera e completamente, porém o desejado avivamento não veio. Um dos erros cardinais de Finney foi confundir campanha evangelística com avivamento, e esquecer que o último é algo sempre dado segundo a soberania de Deus. Nunca resulta da adoção de certas técnicas, métodos e organização. Parece claro, pelo que se vê dos fatos históricos, que o próprio Finney esteve durante vários anos no meio de um genuíno avivamento, e

---

* Charles Finney foi o líder de um movimento avivalista nos Estados Unidos no segundo quartel do século dezenove.

foi grandemente usado por Deus. No transcurso desse avivamento, certas coisas, tais como a confissão de pecados particulares e alguns outros acompanhamentos, apareceram. Esses resultados Finney parece ter interpretado mal e, em conseqüência, propôs a sua teoria de que, se se puder persuadir as pessoas a confessarem os seus pecados, ocorrerá o avivamento. É a falácia de acreditar que, se produzirmos os *resultados* e as *conseqüências* do avivamento, teremos o avivamento propriamente dito! De fato, em exemplares do *Evangelista de Oberlin* ("Oberlin Evangelist") que contêm artigos de Finney (após o seu período como evangelista e quando se tornara professor de teologia), há indicações de que o escritor tinha ficado um tanto desconfiado da sua própria técnica. Há declarações escritas por Finney como a seguinte: "Se me fosse devolvido o tempo, eu não pregaria nada, senão a santidade. Os convertidos dos meus avivamentos são uma desgraça para o cristianismo e, se eu tivesse de volta o meu tempo, eu não pregaria nada, senão a santidade". A idéia que se tem é que a tremenda pressão que esses métodos do evangelista exerciam sobre a vontade e as emoções só produziam resultados temporários.

Então, para resumir, a falácia que parece percorrer todo o livro *Battle for the Mind* é que a pessoa e a obra do Espírito Santo são inteiramente deixadas de lado. De capa a capa se pressupõe que se pode explicar a história da Igreja em termos da atividade humana. Como vimos, os próprios fatos da história da Igreja desaprovam completamente a asserção. Nada é tão claro como o fato de que, se a Igreja fosse apenas uma instituição humana, de há muito teria deixado de existir. A persistência da Igreja deve-se unicamente ao poderoso e excepcional derramamento do Espírito Santo que Deus concede de tempos em tempos. Ele o faz de tal maneira que indica que o poder é sempre de Deus, e não do homem.

O VALOR POSITIVO DESTE ESTUDO

Chegamos agora ao que se pode denominar um chamamento aos cristãos para o auto-exame à luz do ensino desse livro. Devemos começar concordando com o Dr. Sargant que é possível, por vários meios, métodos e mecanismos, influenciar a mente humana. Isso é incontestável. Concedemos que isso pode ser feito por movimentos religiosos, bem como por movimentos políticos e outros. Nem por um momento vamos tentar defender algum dos movimentos religiosos extravagantes aos quais o Dr. Sargant se refere, tais como as seitas de manejo de serpentes, na América, porque defendemos a

opinião de que tais práticas de forma alguma podem ser justificadas em termos do ensino das Escrituras. Assim, podemos conceder-lhe, em geral, que é possível, como ele diz, influenciar as mentes de muitos, religiosa, política e socialmente. Obviamente também temos que aceitar a existência do que se conhece como lavagem cerebral, realizada pelos fascistas e pelos comunistas. Essa tragédia moderna é simplesmente um fato, e seria ocioso tentarmos rejeitar esse fenômeno. Da mesma maneira, estamos bem conscientes de que todas as religiões primitivas empregam técnicas tais como a dança, o tambor, o tantã, o canto de certo tipo, e coisas similares. É um traço característico de todas as religiões primitivas que elas empregam esses meios de várias formas para produzir os resultados desejados. Podemos concordar livremente que o Dr. Sargant chamou a atenção para tudo isso de maneira deveras notável. Até certo ponto, portanto, o seu livro deve ser de considerável valor para advertir as pessoas do grave perigo, no mundo moderno, da doutrinação política. Fomos cientificados por documentos do pós-guerra de que essas práticas puderam propagar-se amplamente, mesmo num país de alto nível cultural e educacional como a Alemanha e, obviamente, portanto, é algo que pode acontecer em qualquer sociedade. Incumbe-nos, pois, tomar a devida nota, desta maneira geral, de que homens inteligentes, pelo uso de técnicas habilidosas, podem influenciar tanto as mentes dos homens e das mulheres, que chegam a produzir os resultados que quiserem.

Mas agora surge mais uma questão. Terá isso tudo algo para dizer a nós, povo cristão, e especialmente aos cristãos evangélicos? Como eu vejo a situação, temos que admitir que tendências errôneas *podem* desenvolver-se e espalhar-se mesmo entre os que estão sinceramente desejosos de propagar o evangelho verdadeiro. Penso que, com toda a honestidade, devemos notar que algumas dessas tendências penetraram nos círculos evangélicos no passado. Examinemos alguns exemplos.

Ninguém iguala a minha admiração pelo grande Jonathan Edwards e a sua pregação; contudo, parece-me que Edwards e a sua pregação sobre o inferno às vezes foram além daquilo que as Escrituras Sagradas o autorizavam a dizer e a fazer. Ele deixava a sua imaginação correr solta. Com isso, ele começou a fazer algo análogo, para expressá-lo suavemente, ao que é descrito pelo Dr. Sargant em seu livro. Temos ainda os fatos concernentes a George Whitefield, que, provavelmente, foi um dos maiores pregadores que a Igreja conheceu, depois dos apóstolos. Todavia, tenho que admitir que mesmo Whitefield ocasionalmente ultrapassava os

limites da sua autoridade. Quero dizer que ele se deixava dominar pela sua eloqüência e pela sua imaginação. Chegava a um ponto em que não estava apresentando tanto a mensagem do evangelho, como produzindo um efeito oratório, para não dizer psicológico, sobre os ouvintes.

Eu poderia ilustrar isso também no caso de vários outros pregadores. O uso dramático de uma história ou de uma ilustração pode, às vezes, tornar-se um fim em si mesmo, de modo que a igreja não estará realmente sendo influenciada pela verdade de Deus naquele ponto, mas pelo caráter gráfico ou dramático da história ou ilustração que está sendo empregada. Lembro-me, por exemplo, de ter ouvido uma história concernente a um pregador que estava se esforçando para convencer os ouvintes do perigo de protelar a decisão e a ação. Como ilustração, ele descreveu um grupo de pessoas que estavam à beira-mar e que certa tarde haviam caminhado até um promontório rochoso que se estendia da praia, adentrando o mar. Elas tinham ido até essa ponta rochosa, e o mar estava em volta delas. Elas estavam desfrutando o panorama e olhando para alto mar. Não perceberam que, gradativamente, a maré vinha subindo em ambos os lados e estava prestes a isolá-las, cortando-lhes a passagem no ponto de junção do promontório à terra firme. Lá estavam elas, gostando tanto do sol e da pesca, que não se apercebiam do perigo. Então, de súbito, alguém notou o perigo e se levantou a urgente questão sobre se já fora cortada a saída. Já estariam cercadas? O mar cobriria logo o promontório todo, e elas se afogariam? O pregador tinha tomado muito tempo com a apresentação da história e o tinha feito com um efeito tão dramático, que levou os ouvintes a um ponto em que parecia duvidoso que algum membro do grupo pudesse escapar. Nesse ponto ele gritou, de repente: "Se você não correr logo, será tarde demais!" Dizem que toda a congregação literalmente se levantou, e a capela esvaziou-se num instante!

Que dizer de ocorrências como essa? Condeno, sem hesitar, *esse* tipo de pregação. Certamente ninguém poderá negar, que, naquele ponto, a influência foi quase puramente *psicológica*, que os ouvintes tinham deixado de estar conscientes da verdade, e que as suas mentes tinham sido presas tão fortemente por esse quadro dramático que eles agiram quase automaticamente. Nesse ponto é a carne que opera, não o Espírito.

Devemos, pois, começar com a admissão de que, embora a nossa doutrina possa ser certa e verdadeira, podemos muito bem ultrapassar a linha e expor-nos ao tipo de crítica feita pelo Dr.

Sargant, adotando, mesmo com boas intenções, métodos errôneos e falsos. Sugiro, pois, que esse livro venha a todos os cristãos, aos evangélicos inclusive, como um desafio. Não devemos contentar-nos simplesmente em fazer-lhe réplica nas linhas que já indicamos, porém devemos indagar a nós mesmos: haverá aí uma crítica válida a algo que algum de nós está fazendo? Haverá quaisquer fatos que indiquem que, afinal, somos culpados, embora inconscientemente, daquilo que o Dr. Sargant diz? Não haveria, por exemplo, a tendência de sempre reproduzir o mesmo tipo em nosso trabalho? Porventura a nossa gente sempre tende a ser tirada de um só tipo ou classe particular? Se for assim, há algo seriamente errado. Os métodos e movimentos psicológicos sempre tendem a reproduzir o mesmo tipo, ao passo que a glória da fé cristã sempre foi que ela tem conquistado os seus convertidos de todas as classes e de todos os tipos de gente. Logo se levantariam as nossas suspeitas, se víssemos que temos a tendência de conseguir pessoas como ervilhas na vagem ou como fileiras de selos postais. Isso tem cheiro do psicológico, não do espiritual.

Deixem-me citar de novo o Dr. Sargant nesta altura. Diz ele: "A incidência mais alta de fenômenos histéricos entre pessoas comuns sob as agudas tensões da guerra, comparada com a que ocorre entre a mesma espécie de pessoas sujeitas a tensões menores em tempo de paz, ou entre pessoas cronicamente angustiadas e neuróticas, na paz ou na guerra, é prova adicional (se mais é necessária) da argumentação que estamos fazendo, a saber, que entre as vítimas mais sujeitas à lavagem cerebral ou à conversão religiosa pode estar o extrovertido simples e saudável" (p. 61). Tenho uma impressão muito desconfortável de que "o extrovertido simples e saudável" está em muitíssima evidência em alguns círculos que dão grande ênfase à evangelização nestes dias.

Outra questão, penso eu, que nos força a examinar-nos à luz da tese do Dr. Sargant, é a dos "resultados temporários", assim chamados, das campanhas evangelísticas. Devemos notar a discrepância que há entre o grande número dos que vão à frente atendendo ao apelo, e o número comparativamente pequeno dos que realmente se unem à Igreja e nela permanecem. Ora, isso também é um fato, um fenômeno que devemos investigar. Não basta dizer simplesmente: ah, mas vejam aqueles que permanecem. Está bem, mas que aconteceu com os outros? Que é que *aconteceu* no início com eles? É algo que devemos explicar. Ou, para expressá-lo doutra forma, certas organizações religiosas, organizações cristãs entre estudantes e outros jovens, freqüentemente lamentam o fato de que um

terrível esvaziamento ocorre quando os seus membros saem para o mundo de atmosfera rarefeita da sua vida colegial, suas uniões cristãs e suas organizações. Muitos deles desaparecem. Não sei o número exato, porém, de qualquer forma, há um sério esvaziamento. Isso também, penso eu, deve levar-nos a buscar a explicação. Assim, farei esta pergunta: não seria o caso de que alguns dos nossos métodos e da nossa abordagem da evangelização não estão livres de suspeita?

Creio que devemos preocupar-nos com isso por três razões principais. A primeira é que, se os nossos métodos estiverem errados nestes pontos, abriremos a porta de par em par para todo tipo de crítica que está sendo feita pelo Dr. Sargant. Já por si, isto seria algo muito sério. Mas não é a minha única razão. Nem mesmo é a razão de maior força. Muito mais importante é que esses métodos errados são antibíblicos, que trazem má reputação ao evangelho, e que autorizam o homem de fora da Igreja a zombar: "Isso é psicologia total; você pode ver isso acontecendo na hora, e olhe o que acontece depois!" Dessa maneira, o evangelho é desacreditado. A razão mais séria, porém, razão que nos impele a examinar-nos a nós mesmos, é que essas tendências e o uso de técnicas implicam em falta de fé. Atenção exagerada a técnicas e métodos, eu diria, é sempre indicativa de falta de fé na obra do Espírito Santo.

Quais seriam, pois, as lições mais detalhadas para os cristãos propensos à evangelização? Evidentemente, à luz de todos esses fenômenos modernos (especialmente na esfera política), há certos perigos que devemos evitar. A primeira consideração é que não deve haver divórcio entre a mensagem que damos e os métodos que usamos. Certamente todos hão de concordar que os nossos métodos, como também a nossa mensagem, devem ser dirigidos pelo Novo Testamento e seu ensino. Pois bem, a passagem crucial sobre esta questão acha-se em 1 Coríntios 2:1-5, especialmente a parte que diz: "E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus". Aí o grande apóstolo esforça-se para explicar-nos que ele rejeitava deliberadamente certos métodos, e o fez com o fim de esclarecer a

toda gente que os resultados não eram do homem, e sim de Deus. Ele fazia tudo "em demonstração de Espírito e de poder". Deliberadamente não usava "palavras persuasivas de sabedoria humana". Noutras palavras, o apóstolo evitava o que ele sabia que exerceria atração sobre os ouvintes, o que eles gostavam de ouvir, e o que eles estavam acostumados a ouvir. E ele evitava cuidadosamente o método dos retóricos e dos filósofos gregos. Ele se fez "louco" (ou "tolo"),* afirma-nos ele, e o fez com firme propósito. Nessa declaração temos o modelo apostólico e a autoridade apostólica por dizer que os nossos métodos devem ser dirigidos de maneira semelhante, e isto sempre "em demonstração de Espírito e de poder". Não seria verdade que em alguns pesa a culpa de apresentarem uma mensagem dirigida pelas Escrituras Sagradas, enquanto que, ao mesmo tempo, afirmam que qualquer método que o mundo ache que tem sucesso pode ser empregado, esteja ou não em conformidade com os princípios do Novo Testamento? Com isso, digo eu, abrimos a porta para o tipo de crítica que temos no livro *Battle for the Mind.* Em réplica a essa advertência, muitas vezes há pessoas que perguntam: mas por que o Espírito Santo não faria uso dessas técnicas modernas? Por que colocá-los em oposição mútua? A resposta é que o apóstolo jamais teria argumentado dessa maneira, teria evitado deliberadamente tudo quanto pode ser englobado no título "sabedoria do homem". Ele *podia* ter argumentado dessa maneira acerca do uso da filosofia e da retórica, contudo deliberadamente não o fez.

Em segundo lugar, penso que devemos evitar qualquer coisa que leve à suspeita de que nas atividades evangelísticas estamos condicionando o povo de maneira psicológica. Devemos excluir tudo quanto abra a porta para críticas do tipo que estamos considerando. Naturalmente, não é a crítica que é importante evitar, e sim o uso de qualquer método que Deus não aprove. Isso de novo sugere que devemos evitar todo e qualquer uso deliberado de técnicas com auxílios ao evangelho. O leitor terá notado quão freqüentemente o termo "técnica" ocorre no livro do Dr. Sargant, como ele imputa a Wesley e a outros a deliberada aplicação de técnicas. Naturalmente, se o que você deseja é produzir resultados *psicológicos,* então, necessariamente, terá que empregar as técni-

* Visto que alguns têm interpretado mal até esta expressão, talvez seja necessário acrescentar que o que ele quer dizer é que tanto a sua mensagem central concernente à cruz, como o modo direto como ele a apresentava, pareciam simples demais aos gregos.

cas psicológicas próprias, mas estou afirmando que não devemos fazer isso, se realmente cremos na obra do Espírito Santo. Devemos apresentar a verdade, confiando ao Espírito Santo a sua aplicação. Insisto, pois, em que, com bases bíblicas, não devemos resolver, de propósito, empregar técnicas. Isso é pender para o lado da psicologia e para o seu uso.

Outro princípio importante é que, na apresentação do evangelho, nunca devemos, em primeiro lugar, fazer uma abordagem *direta* das emoções ou da vontade. As emoções e a vontade sempre devem ser influenciadas através da mente. A verdade destina-se à *mente*. O curso normal é as emoções e a vontade serem afetadas pela verdade depois de primeiro esta haver penetrado e dominado a mente. Parece-me que este é um princípio das Escrituras Sagradas. A abordagem das emoções e da vontade deve ser *indireta*. Menos ainda devemos fazer que qualquer *pressão* venha sobre as emoções ou sobre a vontade. Devemos pleitear com os homens, entretanto nunca devemos pressioná-los. Devemos rogar-lhes, mas nunca intimidá-los. Esta, parece-me, é uma distinção vital que todo pregador e missionário deve ter sempre em mente.

Afirmo que muito da abordagem moderna da evangelização, com as suas técnicas e com os seus métodos, seria desnecessário se *realmente* crêssemos na doutrina do Espírito Santo e da aplicação que Ele faz da mensagem de Deus. Meu parecer é que as nossas técnicas e a nossa mecânica desviam a atenção das pessoas da *verdade da mensagem* para alguma ação inferior, particular, imediata e prática que pode ter o efeito oposto ao desejado. A opinião que dou é que, seguramente, o que nos compete é evitar toda e qualquer coisa que meramente produza uma condição *psicológica*, em vez de uma condição *espiritual*.

Noutras palavras, estou sugerindo que este livro escrito pelo Dr. Sargant, que focalizou a atenção no elemento psicológico que existe no trabalho religioso bem como na política, põe-nos face a face com a questionável natureza dos métodos utilizados por algumas pessoas bem intencionadas, e nos adverte do perigo inerente à crescente tendência de empregar várias "técnicas" planejadas. Até esse ponto devemos ser-lhe gratos, e nada seria pior do que repudiar inteiramente a sua exposição, sem encarar os nossos erros pessoais. Embora lamentando e deplorando a grave incompreensão do Dr. Sargant dos aspectos vitais da fé cristã e de certos eventos históricos, podemos, ao mesmo tempo, fazer uso da tese que ele colocou diante de nós com tanta franqueza, com o fim de examinar e melhorar a nossa própria perspectiva e a nossa prática.

Finalmente, temos que encarar uma questão radical: deveríamos estar primária e quase exclusivamente preocupados com campanhas evangelísticas e com a tentativa de torná-las mais eficientes com novos métodos e técnicas? Ou, como a Igreja tem feito através dos séculos, deveríamos concentrar-nos mais na oração por avivamento e em lançar as bases da instrução cristã para um avivamento como descrito na Bíblia? Acaso não deveríamos orar mais fervosamente por uma visitação do Espírito Santo de Deus, tanto à Igreja como a nós como indivíduos? A norma bíblica não foi abrogada nem mesmo neste século vinte, e ainda é: "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zacarias 4:6).

7

REMEMORANDO A REFORMA *

Senhor presidente e amigos cristãos, gostaria de dizer-lhes imediatamente que considero esta ocasião como um dos maiores privilégios que já me coube na minha vida. Tenho realmente em alto apreço o convite que recebi dos amigos da Igreja Livre da Escócia. Esta é uma ocasião histórica. Estamos fazendo algo que, estou certo, é agradável aos olhos de Deus e que, eu creio, sob a graça e a bênção de Deus, se evidenciará como algo valioso e benéfico para as nossas almas e, esperemos, para a causa de Deus em geral nesta nação e em todas as nações no presente. Sempre digo, quando tenho o prazer de vir à Escócia, que estou interessado em vir, não somente por causa da minha preocupação pelo evangelho, mas também por causa do profundo sentimento de admiração que sempre tive por vocês como nação e como povo. E certamente não há nada em sua longa história que seja mais glorioso e mais notável do que o grande movimento de Deus que ocorreu há quatrocentos anos e para cuja comemoração nos reunimos esta noite. Portanto, por todos os motivos eu estava mais que pronto para vir a Edimburgo mais uma vez.

Pois bem, o nosso presidente, muito acertadamente, colocou para vocês uma das questões que eu também achava que devia ser colocada, porque, ao que parece, é uma questão que surge na mente de algumas pessoas. Por que, indagam elas, havemos de sequer considerar a Reforma na Escócia numa época com esta, com o mundo como está e com a multiplicidade de problemas que nos pressionam por todos os lados? Por que voltar e considerar o que aconteceu há quatrocentos anos?

Entendo que existem duas principais objeções a que se faça isso.

---

* Registro de um discurso feito no *Usher Hall*, Edimburgo, em 5 de abril de 1960, em comemoração da Reforma na Escócia.

A primeira é uma objeção a que se olhe para trás, a idéia de que o passado não tem nada para nos ensinar. Pois, afinal de contas, somos povo do século vinte, povo que dividiu o átomo, que está abarcando todo o conhecimento e que tem progredido e chegado a alturas tão vertiginosas que os nossos antepassados não poderiam nem imaginar. Então, por que deveríamos nós, de todos os demais, olhar para trás, e especialmente para um passado de quatrocentos anos? O clima da opinião geral hoje, e na verdade durante os últimos cem anos, tem sido governado pela teoria e hipótese evolucionista, que afirma que o homem progride de era em era e que o presente é sempre melhor do que o passado; todo este clima de pensamento é inimigo da idéia de olhar para trás e de aprender da história prévia. Essa é uma objeção.

A outra objeção é que não devemos fazer uma reunião como esta porque a Reforma foi uma tragédia. Ora, este é um conceito que está ganhando aceitação geral rapidamente hoje em dia. Dizem-nos que o que devíamos estar estudando atualmente é a unidade, e que se gastarmos o nosso tempo considerando o rompimento e a divisão que ocorreram há quatrocentos anos, estaremos fazendo algo pecaminoso. É pena, mas um crescente corpo de opinião nos círculos protestantes está dizendo, aberta e descaradamente, que a Reforma Protestante foi uma tragédia e que o nosso dever é esquecê-la tão depressa quanto pudermos e fazer o possível para sanar a brecha, de modo que sejamos de novo um com a igreja de Roma, e haja uma grande igreja mundial.

Essas são as duas objeções mais comuns, como vejo a situação, e elas são trazidas contra o que estamos empenhados em fazer esta noite. Então, por que o estamos fazendo? Como justificamos uma reunião como esta, e as outras que se seguirão? Bem, deixem-me dizer com muita franqueza que existem meios errôneos e falsos de fazer o que estamos fazendo aqui esta noite. Há os que se interessam pelo passado meramente num sentido que lembra o antiquário; sucede que a história é o seu maior interesse na vida. Eles gostam de sondar o passado e de ler sobre o passado, não que estejam interessados nele nalgum tipo de sentido ativamente filosófico ou religioso; simplesmente gostam de entocar-se na história antiga. Há os que fazem isso noutros domínios; alguns gostam de colecionar móveis antigos e, para eles, a glória de qualquer coisa é que seja antiga. Não estão interessados numa cadeira do ponto de vista de algo em que se pode sentar; estão interessados é na idade da cadeira. Ora, isso é "antiquarismo" e, naturalmente, é possível que sejamos governados por um motivo puramente histórico ou

"antiquarista". Todavia não há valor nisso; os tempos em que estamos vivendo são urgentes demais e desesperados demais para que nos entreguemos a um mero espírito "antiquarista".

Ora, na última vez em que eu me levantei nesta tribuna, eu disse que não poderia falar sem um texto bíblico. Bem, continuo o mesmo. E pareceu-me haver dois textos que não seriam impróprios para esta reunião e para a nossa consideração nesta noite. Há um modo certo e um modo errado de ver um grande evento como a Reforma e os grandes homens que participaram dela. Do primeiro, do modo certo, fala-nos a Epístola aos Hebreus, capítulo 13, versículos 7 e 8: "Lembrai-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver (ou "para o fim" ou "para o resultado" da sua vida). Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente". Esse é o modo certo de fazê-lo; observemos estes homens para que possamos aprender deles e imitar e seguir o seu exemplo.

Existe, porém, um modo errado de fazer isso, e nós o vemos em Mateus, capítulo 23, versículos 29-32. Estas são as terríveis e aterradoras palavras: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos. E dizeis: se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas. Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós pois a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?"

Ora, essas palavras são do Senhor Jesus Cristo, e Ele estava Se dirigindo à Sua própria geração, aos Seus contemporâneos. Disse Ele, efetivamente: vocês estão pagando grande tributo à memória dos profetas; vocês cuidam dos seus sepulcros e os enfeitam, dizendo que grandes homens eles eram – quão nobres, quão maravilhosos, temos que manter viva a memória deles – e vocês dizem que terrível coisa foi que os seus antepassados tenham levado aqueles homens à morte. Se vocês tivessem vivido naquele tempo, vocês garantem, não se juntariam a eles naqueles feitos iníquos; vocês teriam dado ouvidos aos profetas, tê-los-iam seguido. Hipócritas, diz o nosso Senhor, vocês não teriam feito nada disso.

Como, então, Ele prova isso? Bem, Ele o faz desta maneira: Ele testa a sinceridade deles pondo a descoberto a sua atitude no presente para com os sucessores dos profetas. Qual a reação deles às pessoas que continuam pregando a mesma mensagem que os

profetas pregavam? Diz Ele: vocês dizem que são admiradores dos profetas e, todavia, vocês estão perseguindo e tentando conseguir a morte de um homem como eu, que é o representante moderno da mesma mensagem e da mesma escola de profecia. Ah, diz o nosso Senhor, uma coisa é olhar para trás e louvar homens famosos, mas isso pode ser pura hipocrisia. Eis o teste da nossa sinceridade para esta noite: que é que achamos dos homens que hoje pregam a mesma mensagem que foi pregada por John Knox e por seus companheiros de Reforma? Como os estamos tratando?

Assim, vocês vêem, esta reunião é muito importante para nós. Você não pode fazer algo semelhante a isto sem examinar-se, sem sujeitar-se a uma sondagem. A nossa presença indica que somos admiradores destes grandes profetas de Deus, entretanto pergunto se o somos na realidade. Por isso é uma boa coisa, parece-me, que nos reunamos, ainda que somente para que nos examinemos à luz desta palavra do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Então, por que estamos fazendo isso? Como justificamos a nossa ação? O nosso presidente já tratou de uma das respostas. O fato é que vocês simplesmente não poderão entender a história da Escócia, se não conhecerem algo da Reforma Protestante. Esta é a chave para a compreensão da história do seu grande país nos últimos quatrocentos anos. O que a Escócia tem sido, ela o tem sido, direta e inequivocadamente, como resultado da Reforma Protestante. Portanto, se não tivéssemos outra razão, essa é suficiente.

Vocês são uma nação de gente famosa na educação, no conhecimento, na cultura. Todos sabem disso. Os camponeses da Escócia eram pessoas cultas e capazes, inteligentes e intelectuais. Que é que explica isso? Não é meramente uma questão de sangue, porque antes da Reforma Protestante eles eram dolorosamente ignorantes, atrasados e iletrados. Que será então, que fez que a sua nação viesse a ser considerada, talvez pelo mundo inteiro, como suprema em seu interesse pela educação e em sua busca de conhecimento? A resposta é, a Reforma Protestante. Assim, à parte de quaisquer considerações religiosas, temos esta consideração vigorosa e da máxima importância.

E depois quero acrescentar uma terceira razão. Por que estamos considerando a Reforma de quatrocentos anos passados? Bem, se devo ser inteiramente sincero, devo confessar que a minha principal razão é esta: por causa do estado de coisas hoje. Eu sou primordialmente um pregador, não um preletor, não um historiador; gosto muito da história, mas não sou um antiquário, como disse. Não; estou interessado nisto porque, como pregador, estou

preocupado com o presente estado de coisas, que vai se aproximando cada vez mais do estado de coisas que prevalecia antes da Reforma Protestante. Vocês sabem do estado dos costumes morais deste país, e da Grã-Bretanha em geral, antes da Reforma: vício, imoralidade, pecado estavam sem freios. Meus amigos, a situação está rapidamente se tornando a mesma de novo. Há um terrível declínio moral e social. Estamos sendo rodeados por problemas que eram óbvios antes de irromper a Reforma. O estado moral do país, estes urgentes problemas sociais, a delinqüência juvenil, o alcoolismo, roubos e assaltos, vícios e crimes, estão todos vindo de volta como eram antes da Reforma Protestante.

Mas não se trata apenas de problemas morais e sociais. Qual o estado da Igreja? Que dizer da "Kirk"? * Que dizer dos que são membros da igreja? Quantos ao menos a freqüentam? Estamos retornando à situação da pré-Reforma. Que dizer da autoridade da Igreja? Que dizer das condições da doutrina na Igreja? Antes da Reforma havia confusão. Haverá alguma coisa mais característica da Igreja hoje do que confusão doutrinária, indiferença doutrinária – falta de preocupação e falta de interesse? E então, talvez, o mais alarmante de todos esses problemas, o aumento do poder, da influência e dos róis da igreja de Roma, e as tendências romanizantes que estão se introduzindo e que estão sendo exaltadas na Igreja protestante! Não há dúvida sobre isso. É uma questão de fato e de observação. Há uma óbvia tendência de retorno à situação anterior à Reforma; as cerimônias e os rituais estão aumentando, e a Palavra de Deus está sendo pregada cada vez menos, os sermões estão ficando cada vez mais curtos. Há uma indiferença para com a doutrina verdadeira, uma perda de autoridade, e uma conseqüente decadência, até na questão de número. Pergunto, povo cristão, se estou exagerando quando opino que no presente estamos realmente engajados numa grande luta pela própria vida da Igreja Cristã, pela essência da fé cristã. Como vejo a situação, esta não é nem um pouco menos alarmante que isso. Estamos lutando por uma herança, pelas próprias coisas que foram conquistadas por aquele tremendo movimento de há quatrocentos anos. Essa, para mim, é a razão mais urgente. Não podemos dar-nos o luxo de ser meros antiquários; devemos preocupar-nos com isso por causa do estado de coisas em que nos achamos.

No entanto, alguém poderia perguntar, por que ir atrás de uma resposta para isso? Por que não fazer o que está sendo feito por

* Igreja da Escócia. Nota do tradutor.

todos os lados e em todas as esferas da vida? Não faz muito tempo, li um artigo num semanário supostamente evangélico, que dizia: "Por que a igreja permanece imóvel?" O homem continuou dizendo coisas como estas: "Eu vejo nos negócios e em toda parte que as pessoas estão fazendo experiências, estão empregando os rapazes dos fundos e os experimentadores, e estão procurando descobrir novos métodos, nova maquinaria, tudo novo – por que a Igreja não faz isso? A igreja parece estar sempre olhando para trás". Consideram isso uma coisa errada. Agora, a resposta a isso, como vejo a questão, pode ser expressa mais ou menos assim: não estou seguro de nada, exceto de que a maior lição que a Reforma Protestante tem para ensinar-nos é justamente esta, que o segredo do sucesso na esfera da Igreja e das coisas do Espírito é olhar para trás. O que aconteceu, na essência, há quatrocentos anos foi que aqueles homens foram para trás, até ao primeiro século, retornaram ao Novo Testamento, retornaram à Bíblia. Subitamente foram despertados para esta mensagem e simplesmente retornaram a ela. Não há nada mais interessante, quando se lêem as histórias de Lutero e de Calvino, do que notar a maneira pela qual eles foram descobrindo que estiveram redescobrindo o que Agostinho já tinha descoberto e que eles tinham esquecido. De fato opino que, talvez, a maior de todas as lições da Reforma Protestante seja que o meio de recuperação é sempre ir atrás, de volta ao modelo primitivo, à origem, às normas e ao padrão que só se encontram no Novo Testamento. Foi isso exatamente o que aconteceu há quatrocentos anos. Aqueles homens retrocederam ao princípio, e tentaram estabelecer uma Igreja em conformidade com o modelo do Novo Testamento. E assim, deixemo-nos guiar por eles, quando os observarmos esta noite e tentarmos armazenar certas lições deles.

Então, o que foi que aconteceu há quatrocentos anos? Bem, sejam quais forem as suas idéias a respeito, vocês terão que admitir, foi um dos fenômenos históricos mais extraordinários que já aconteceram. Não é exagero dizer que a Reforma Protestante mudou e alterou todo o curso da história, não somente da história da Igreja, mas também da história secular. Não há dúvida sobre isso, e é concedido pelos historiadores que a Reforma lançou o alicerce de todo o conceito democrático de governo. Isso é um fato da história. No presente, todas as nações do mundo estão observando os Estados Unidos da América. Como foi que os Estados Unidos da América vieram a existir? Nunca teriam vindo à existência, não fosse a Reforma Protestante. Os pais puritanos que atravessaram o

Atlântico no *Mayflower* eram produtos da Reforma, e foi o desejo, não só de liberdade religiosa, porém também de liberdade democrática, que os levou a enfrentar os perigos da travessia do Atlântico naquela época e a estabelecer uma nova vida, um novo Estado e um novo sistema de governo no Novo Mundo. Não se pode explicar a história dos Estados Unidos da América, senão em termos da Reforma Protestante.

A Reforma deu sangue novo a todo o conceito democrático na esfera da política, e as conseqüências, a julgar pelo ponto de vista moral e social, simplesmente frustaram toda tentativa de descrição. Este país de vocês, de uma condição de país de gente dissoluta, ébria e iletrada, tornou-se famoso no mundo inteiro por seu povo sóbrio, reto, capaz e inteligente. E foi a Reforma Protestante que levou a isso.

A minha dificuldade nesta ocasião é saber o que não dizer. O tema, como se vê, é interminável. Permitam-me, porém, interpor o seguinte, antes de prosseguir, pois é uma das maiores lições que precisam ser aprendidas atualmente. Hoje todos estão cientes do problema moral e estão tentando lidar com ele segundo várias linhas: atos (leis) do Parlamento, reforma carcerária, tratamento psiquiátrico nas prisões, e vários outros expedientes que são defendidos. Mas não parecem ter muito sucesso, parecem? Por que não? Por esta razão: não se pode ter moralidade sem vida piedosa. A tragédia dos últimos cem anos deve-se à falácia de imaginar que se pode jogar fora a doutrina cristã, todavia manter a ética cristã. Essa tem sido a idéia dominante. Mas não pode ser levada a efeito. Há um versículo na Epístola aos Romanos, capítulo 1, versículo 18, que deveria endireitar-nos nisto uma vez para sempre: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens". Vocês notam a ordem – a impiedade primeiro, a injustiça em segundo lugar. Se você não tem um povo piedoso, nunca terá um povo justo. Não se pode ter justiça sem piedade. E, quanto a isso, a Reforma Protestante é a prova mais extraordinária que o mundo já conheceu. Uma vez que você tenha piedade, a justiça e a moralidade se seguirão. Hoje estamos tentando ter moralidade, justiça e uma boa concepção ética sem a piedade, e os fatos estão provando, diante dos nossos olhos, que simplesmente não se pode fazer isso. Portanto, se nesta reunião você é um sociólogo, se é um político, se está interessado no problema moral, então eu lhe digo: leia a história da Reforma. Ali você verá que o único meio de exaltar a nação é pôr primeiro a piedade, e a justiça se seguirá.

Como eu disse, a Reforma não foi um movimento puramente

religioso. Foi um movimento geral e foi testemunhado, não somente na Escócia, como também na Inglaterra, na França, na Holanda, na Suíça, na Alemanha, e em diversos outros países do continente europeu. Foi um grande movimento do Espírito de Deus no qual ao seu país coube a sua participação e a sua porção.

Bem, que é que vemos quando o observamos? Só lhes posso dar alguns títulos. Se quiserem os pormenores, recomendo-lhes com calor e alegria o livro escrito pelo nosso presidente, que já foi mencionado para vocês. Ele oferece um relato sucinto e claro do que de fato aconteceu, e é uma narrativa vibrante e comovente. Comprem-no, leiam-no, digiram-no. Ele lhes dá o cenário geral e lhes mostra os traços peculiares à Escócia. Naturalmente, a superioridade que nós, que vimos do sul da fronteira, temos que conceder-lhes é que a sua reforma foi uma reforma pura. Na Escócia não houve o problema de um rei tentando sair das suas dificuldades e embrulhadas matrimoniais. Vocês estiveram livres disso. Foi uma reforma pura, e o resultado foi, creio eu, que vocês obtiveram uma Igreja mais pura. Falando em termos gerais, no entanto, o que aconteceu aqui foi mesmo que aconteceu em muitos outros países.

Que é que vemos então? Bem, certamente a primeira coisa que atrai a nossa atenção são os homens, os homens que Deus usou. Observem-nos – Patrick Hamilton, George Wishart, John Knox, Andrew Melville, John Welsh e muitos outros. Aí estão homens dignos do nome! Homens heróicos, grandes, homens de granito! O nosso presidente não precisa desculpar-se por ser um adorador da história, eu sou um adorador de heróis! Pensem o que quiserem de mim, eu gosto de ver um grande homem e de ler sobre ele. Numa época de pigmeus com esta, é bom ler sobre grandes homens! Nós somos todos muito parecidos e do mesmo tamanho, mas ali havia grandes gigantes na terra, homens capazes, homens de intelecto gigantesco, homens de alto nível nos domínios da mente, da lógica e da razão. Depois olhem seu zelo, olhem sua coragem! Francamente, eu sou admirador de um homem que pode fazer uma rainha tremer! São estas as coisas que nos impressionam logo acerca desses homens. Mas depois eu suponho que a coisa mais notável de todas era o fato da ardente convicção que havia dentro deles; foi isso que fez deles os homens que foram.

Quais eram essas convicções? Já nos referimos a algumas delas; deixem-me acrescentar algumas outras. Em que criam esses homens? Que é que eles ensinavam? Quais eram as suas características? Eis a primeira, obviamente: a sua crença na autoridade deste Livro.

A Igreja anterior à Reforma estava moribunda e sonolenta debaixo da filosofia escolástica que ostentava grande destreza, com perspicácia intelectual e crítica. Entretanto tudo estava nas nuvens e era tratado com vagos conceitos e generalidades, enquanto o povo era mantido em completa ignorância. Os homens que ministravam o ensino e faziam as preleções docentes discorriam sobre conceitos filosóficos, comparando uma idéia com outra, e se entregando a refinamentos e minúcias. Mas, em contraste, o fato grandioso que se alteia quanto aos reformadores é que eles eram homens que retornavam à Bíblia. Nada importa, senão isto, diziam eles. Esta, diziam eles, é a Palavra de Deus no Velho Testamento e no Novo, não é teoria, suposição ou especulação, é o Deus vivo falando aos homens: Ele entregou a Sua Palavra aos profetas, eles a escreveram; Ele a entregou aos apóstolos, eles a registraram; e aí está ela para nós. Aí temos algo que pertence a uma categoria que lhe é própria, a Palavra viva de Deus falando dEle aos homens, falando dos homens, falando do único modo pelo qual eles podem unir-se e conviver. Eles se apoiavam na autoridade da Bíblia, não na filosofia escolástica.

Vocês vêem, meus amigos, a importância de olhar para o passado, para a Reforma. Não seria esta a maior necessidade atual, retornar à Palavra de Deus? Ela tem ou não tem autoridade? Estaria eu em condições de colocar-me acima deste Livro, olhar para baixo, para ele, e dizer: isso não é verdadeiro, isto ou aquilo tem que sair? A minha mente, o meu conhecimento do século vinte seria o juiz final e o elemento decisivo e derradeiro quanto à veracidade destes ensinos? Faz tempo, cem anos, em que essa idéia começou a insinuar-se, que a Igreja está indo abaixo. Mas os reformadores baseavam tudo neste Livro, tendo-o como a Palavra de Deus ao homem e que eles não deviam julgar, porém pregar. E eu e vocês temos que retornar a isso. Não poderá haver pureza, não poderá haver autoridade na Igreja, enquanto ela não retornar a esta autoridade básica. É ocioso falar dela como sendo a Palavra de Deus num sentido que continua deixando que eu e vocês decidamos que certas coisas nela não são verdadeiras! O Livro permanece uno, o Senhor Jesus Cristo cria no Velho Testamento. Depois da Sua ressurreição, Ele conduziu os Seus discípulos através dos livros de Moisés, dos Salmos e dos profetas. Ele diz: Eu estou ali, deixem que Eu Me mostre para vocês ali. Leiam-nos; por que vocês não os compreenderam? Por que vocês não creram em tudo o que os profetas escreveram? Esse foi o problema deles, esse foi sempre o problema da Igreja nos períodos de declínio, e nós devemos

retornar à posição dos reformadores protestantes e reconhecer que não temos nenhuma autoridade fora da autoridade desta Palavra de Deus.

Neste Livro eles encontraram também a dinâmica doutrina da soberania de Deus, que os ensinou a não abordarem os seus problemas de maneira subjetiva, como eu e vocês somos propensos a fazer. A preocupação deles não era: como posso conseguir um pouco de ajuda, como posso obter cura física, como posso receber orientação, como posso ter paz e felicidade, como posso conseguir um amigo que me ajude na minha solidão? Não; eles se viam diante deste Deus soberano e todo-poderoso, e a questão por excelência era: como posso ser justo aos olhos de Deus? Eles se inclinavam perante Ele. Eram homens piedosos; eram homens tementes a Deus. Deus estava no centro dos seus pensamentos e era quem dirigia as suas atividades e as suas vidas. A soberania de Deus! Eles não falavam muito acerca do livre-arbítrio, segundo as leituras que deles tenho feito, mas sabiam que Deus é sobre todos e que deve ser adorado e temido.

E depois havia a grande e central doutrina do Senhor Jesus Cristo e a Sua obra perfeita e consumada. Não se lamentavam por Ele quando O contemplavam na cruz, viam-nO levando os pecados deles, viam a Deus lançando sobre Ele a iniqüidade de nós todos, viam-nO como um substituto, viam a Deus pondo sobre Ele a nossa culpa e punindo-O por nossa culpa. A expiação vicária! Eles a pregavam; ela era tudo para eles. A obra expiatória de Cristo, completa e consumada. Eles se gloriavam nela! E isso, por sua vez, naturalmente, levou à grande, central e axial doutrina da qual nos fez lembrar a leitura, a justificação pela fé somente.

Ora, posso estar enganado, mas como vejo a situação contemporânea, talvez a maior batalha de todas seja, no momento, a batalha pela justificação pela fé somente. As "obras" estão de volta! Estive lendo há quinze dias um jornal religioso que trazia as palavras "Santo Gilberto" ("Saint Gilbert") como título de uma coluna. O escritor da coluna era de opinião que esse homem, cujo nome cristão era Gilberto, foi indubitavelmente um santo e que devemos atribuir-lhe o nome e a dignidade de um santo. Depois ele continuou e disse: "Naturalmente eu sei que na prática real e concreta ele próprio se dizia agnóstico racionalista". Embora este homem, Gilberto, se dissesse agnóstico racionalista, uma publicação cristã, assim chamada, afirma que, não obstante, ele era um santo. E eles justificaram a sua asserção com base na vida dele: era um bom homem, era um nobre homem, tinha ideais altos e

exaltados, dera muito da sua vida à propagação da união da Liga das Nações, e à elevação da raça humana, tentara dar fim à guerra, fizera protestos contra a guerra; portanto, corre o argumento, embora ele negasse a existência de Deus, embora não considerasse a Bíblia como a Palavra de Deus, embora não cresse no Senhor Jesus Cristo, apesar disso, era um santo. Que é que faz de um homem um santo? Ah, suas obras, sua vida!

Somos outra vez confrontados por uma geração que não crê mais na justificação pela fé somente; é-nos dito que "o maior cristão" deste século é um homem cuja fé na deidade de Cristo, para expressá-lo de maneira a mais suave, era muito duvidosa, homem que certamente não cria na expiação, cujo credo parecia ser o que ele chama "reverência pela vida" – apesar disso nos dizem que ele é o maior santo e o maior cristão do século vinte! Vejam a sua vida, dizem, vejam o que ele realizou; ele renunciou a uma grande profissão e partiu para a África Central, vejam o que ele sofreu, vejam o que ele renunciou, ele podia estar rico, podia ser próspero, porém ele está vivendo com Cristo, está imitando a Cristo, ele fez o que Cristo fez! Vocês vêem, não importa no que se crê. De acordo com esse ensino, é a vida que faz de um homem um cristão. Se você tem um bom modo de viver, se você tem uma vida de sacrifício, se você tenta elevar a raça, se você procura imitar a Cristo, você é cristão; embora negue a deidade de Cristo, embora negue a Sua obra expiatória, embora negue o miraculoso e o sobrenatural, a ressurreição e muitas outras coisas, não obstante, você é um grande cristão e um grande santo!

Meus amigos, John Knox e outros homens arriscaram a vida, dia após dia, tão-somente para negar tal ensino e para asseverar que o homem é justificado unicamente pela fé, sem obras, que o homem é salvo, não pelo que ele faz, mas pela graça de Deus, que Deus justifica o ímpio, que Deus reconcilia conSigo os pecadores. Tudo vem de Deus, e nada do homem, e não se deve permitir que as obras se intrometam, em ponto algum, de modo algum ou de forma alguma. A batalha em prol da justificação pela fé somente sai a campo outra vez! E se esta reunião e estas celebrações não fizeram outra coisa, espero que elas nos levem ao redescobrimento da centralidade absoluta da doutrina da justificação pela fé somente.

Aqueles reformadores também eram homens que criam na posse da segurança e certeza da salvação. Agora estou sendo um tanto polêmico, não estou? Vocês crêem na segurança da salvação como os reformadores protestantes criam? Conheço gente que paga grande tributo à memória de John Knox e de outros, e que nega

a possibilidade de segurança e a considera quase uma impertinência. Sei que a Confissão de Fé, de Westminster, tem o cuidado de dizer que uma pessoa pode ser salva sem ter certeza da salvação, que a fé salvadora e a fé que assegura a salvação não são a mesma coisa, e me sinto feliz em concordar com a Confissão de Westminster. Deixem-me dizer isto, porém: os reformadores protestantes eram tão fervosamente contra a igreja católica romana, a qual ensina que o homem nunca pode ter certeza, que eles não traçavam aquela distinção, e estariam igualmente contra o movimento moderno, que gosta de alegar que é reformado, mas que nega a possibilidade da certeza. Aqueles reformadores protestantes diziam que uma pessoa não estava verdadeiramente salva, se não tivesse certeza! Sem acompanhá-los o caminho todo, devemos notar que, quando a Igreja é poderosa, vigorosa e possuidora de autoridade, os seus pregadores e ministros sempre são homens que falam baseados numa plena segurança da fé, e sabem em quem eles têm crido. É por essa razão que os mártires podiam sorrir diante dos reis, rainhas, regentes e potentados locais, e ir alegremente para a fogueira; sabiam que da fogueira despertariam no céu e na glória, e veriam o Senhor face a face! Eles se regozijavam na segurança da salvação!

Depois, para completar a minha pequena lista, devo acrescentar mais algumas das suas convicções. Eles foram homens que criam no sacerdócio universal dos crentes. Defendiam a simplicidade do culto. Fora com os ídolos, fora com os paramentos, fora com rituais e cerimônias. Um culto religioso simples! E não menos importante, uma Igreja pura. As três marcas da Igreja ensinadas por eles são: a igreja local é um lugar onde se prega o evangelho puro, onde as ordenanças são administradas e onde se exerce a disciplina. Uma Igreja pura! Nenhum lugar para os meias-casacas; nenhum lugar para os vacilantes, nenhum lugar para os que, por suas vidas, mostram que amam o mundo, os seus caminhos e o seu pecado. Não! Uma Igreja pura, porque a Igreja é o corpo de Cristo! Essas eram as convicções daqueles homens, essas eram as doutrinas que eles sustentavam.

A outra coisa que eu quero frisar sobre eles é esta: o seu poder na oração. Não devemos pensar naqueles reformadores somente em termos de doutrina, embora devamos começar com isso. Esta outra coisa era igualmente notável e extraordinária acerca deles, eram homens de oração. Acaso Maria, Rainha dos Escoceses, não temia as orações de John Knox mais do que os soldados ingleses? Claro que sim! Por quê? Porque ele era um homem poderoso na oração. Vocês já leram sobre a vida de oração de John Welsh, genro

de John Knox? Ali estava um homem que passava noites em oração; sua mulher geralmente acordava de noite e o via de joelhos, quase congelado. Que é que ele estava fazendo? Orando pelo povo da cidade a quem servia, pedindo poder, pedindo autoridade. Aqueles homens, cada um deles, eram homens grandemente marcados pela vida de oração; passavam horas em oração, sabendo que neles e por eles não poderiam fazer nada, embora as suas doutrinas fossem certas e ortodoxas. Gosto de ouvir aquela história doutro homem desses, Robert Bruce. Lemos que quando ele estava orando com alguns ministros, sentiu-os sem vida e entorpecidos. Bradou a Deus que o Espírito Santo descesse sobre eles, mas parecia que nada estava acontecendo. Então, quando ele começou a dar murros na mesa, eles tomaram consciência de que Deus estava vindo entre eles, e depois diziam de Bruce que ele era um homem que fazia o Espírito Santo descer entre eles com pancadas! Não seria desse tipo de homem que precisamos hoje? Onde está o poder, onde a influência, onde a autoridade? Aqueles reformadores eram apenas homens como nós, todavia sabiam dessas coisas. Eram homens de oração, homens que viviam na presença de Deus e que sabiam que não podiam fazer nada sem Ele.

Isso me leva ao derradeiro ponto: a sua pregação. Foi-nos lembrado que os reformadores reintroduziram a pregação e que eles puseram a pregação no centro, em vez das cerimônias e das ordenanças. Sim, mas lembramos que há pregação e pregação. Simplesmente falar durante vinte minutos não é necessariamente pregar. Embora você tenha tomado um texto e o tenha dividido inteligentemente, isso não é necessariamente pregação. Sim, há pregação e pregação! Qual será o teste de pregação? Eu lhes direi: é o poder! "O nosso evangelho não foi a vós", diz o apóstolo aos Tessalonicenses, na primeira Epístola, capítulo 1, versículo 5, "somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza". Quem tinha a certeza? O pregador! Ele sabia que algo estava acontecendo, ele sabia que Deus o estava usando, ele sabia que era o veículo e canal da graça divina e eterna. "Muita certeza"! E esse era o tipo de pregação que se recebia dos reformadores protestantes. Era pregação profética, e não apenas pregação sacerdotal. O que temos hoje é o que chamaríamos oração sacerdotal. Muito boa, muito serena, muito adornada, expressões belamente trabalhadas, cuidadosamente preparadas. Isso não é pregação profética! Não; o que se necessita é autoridade! Vocês pensam que John Knox poderia fazer Maria, Rainha dos Escoceses, tremer com um pequeno e polido ensaio? Aqueles homens não

escreviam os seus sermões com um olho na sua publicação em livros; pregavam aos ouvintes que estavam diante deles, e pregavam ansiosos e desejosos de fazer algo, de efetuar algo, de transformar pessoas. Era com autoridade. Era proclamação, era declaração.

Porventura causa surpresa que a Igreja seja como é hoje? Nós não acreditamos mais na pregação, acreditamos? Vocês costumavam ter sermões longos aqui na Escócia. Disseram-me que agora vocês não gostam de sermões longos, e ai do pregador que passar dos vinte minutos! Ontem eu estava lendo no trem sobre o primeiro diretor do Colégio Emanuel, em Cambridge, Chadderton, que viveu mais ou menos no fim do século dezesseis. Certa ocasião ele estava pregando e, após ter pregado durante duas horas, parou e pediu desculpa ao povo, dizendo: "Perdoem-me, por favor, eu me excedi, e não devo continuar com isso". E os ouvintes gritaram: "Pelo amor de Deus, continue!" Sabem, estou começando a pensar que eu não terei pregado enquanto não acontecer algo parecido comigo. Profética! Com autoridade! Proclamação! Declaração! O seu conceito de pregação certamente não era a nossa idéia moderna de manter uma discussão amigável. Já repararam como temos cada vez menos pregações nos progamas de rádio e televisão? Em seu lugar o que temos é discussão. Deixemos que os jovens digam o que pensam, conquistemo-los deixando-os falar; e vamos ter uma conversa ou discussão amigável, vamos mostrar-lhes que, afinal de contas, somos bons sujeitos e de bom trato, que não somos intratáveis; e conquistaremos a confiança deles; eles não devem pensar que somos diferentes deles! Se você está na televisão, começa mostrando e acendendo logo o seu cachimbo; você mostra que é igual ao povo, que é um deles! John Knox era como um do povo? John Knox era um bom companheiro, um sujeito amigo e camarada com quem se poderia ter uma discussão? Graças a Deus, não era! A Escócia não seria o que foi nestes quatrocentos anos, se John Knox fosse esse tipo de homem. Vocês podem imaginar John Knox recebendo sugestões e treinamento sobre como conduzir-se e comportar-se diante da câmara de televisão, para ser elegante, polido, amigável e cavalheiro? Graças a Deus os profetas foram feitos de material mais forte! Um Amós, um Jeremias, um João Batista no deserto, com a sua camisa de pêlo de camelo – um sujeito esquisito, um lunático, diziam, mas iam ouvi-lo porque ele era uma curiosidade, e quando o ouviam, foram convencidos do pecado! Homem assim era John Knox, com o fogo de Deus nos ossos e nas entranhas! Ele pregava como pregavam todos eles, com fogo e

poder, sermões alarmantes, sermões que levavam à convicção de pecado, sermões que produziam humildade, sermões que convertiam, e a face da Escócia foi transformada: a maior época na história de vocês tinha começado!

Conforme vejo, nessas coisas estavam as grandes e proeminentes características daqueles homens. Qual o segredo disso tudo? Não eram os homens, como estive procurando mostrar a vocês, grandes como eles foram. Era Deus! Deus, em Sua soberania, levantando os Seus homens. E Deus sabe o que faz. Vejam os dons que Ele deu a John Knox na sua condição de homem natural; vejam a mente que Ele deu a Calvino, e o treinamento que Ele lhe propiciou como advogado, a fim de prepará-lo para a sua grande obra; vejam Martinho Lutero, que vulcão de homem! Deus preparando os Seus homens nos diferentes países e nações. Naturalmente, mesmo antes de os produzir, Ele estivera preparando o caminho para eles. Jamais nos esqueçamos de John Wyclif e de John Hus; jamais nos esqueçamos dos waldenses e de todos os mártires daquela terrível Idade Média! Deus estava preparando o caminho; Ele enviou os Seus homens no momento certo, e os poderosos eventos se seguiram.

E agora, devo tentar deduzir algumas lições para nós? A conclusão disso tudo é que a justiça, e unicamente a justiça, exalta a nação, e não há justiça sem uma piedade que a preceda. Os tempos são brutais; o mundo está em condições desesperadas; há um pavoroso esfacelamento moral diante dos nossos olhos. O casamento está sucumbindo, a vida familiar está desaparecendo, as crianças não conhecem lar e pais amorosos. É uma tragédia! Será que não se pode fazer nada? Não há esperança? Para mim, a principal mensagem da Reforma Protestante de há quatrocentos anos indica-nos a única esperança. As coisas estavam mal quando Deus chamou John Knox e o enviou como uma chama abrasadora, e os outros com ele. A nossa situação não é desesperada, pois Deus permanece, e com Deus nada será impossível! As condições não poderiam ser piores do que eram imediatamente antes da Reforma; todavia, apesar disso, veio a mudança. Por quê? Porque Deus estava lá, e Deus a enviou. Assim, a única pergunta que necessitamos fazer é a velha pergunta de Eliseu face a face com o seu problema: "Onde está o Senhor, Deus de Elias?" (2 Reis 2:14). E eu quero fazer essa pergunta esta noite: onde está o Deus de John Knox? A nossa reunião terá sido em vão, se não fizermos essa pergunta. Parar em John Knox não basta; a questão é: onde está o Deus de John Knox, Aquele que nos pode dar o poder, a autoridade,

a força, a coragem, e tudo o que necessitamos. Onde está Ele? Como podemos achá-lO? Sugiro-lhes que, de novo, se veja a resposta na Epístola aos Hebreus, desta vez no capítulo 4, versículos 14 a 16. Essa passagem não me parece inadequada, ao encerrar eu esta noite.

Como podemos achar este Deus? Aqui está a resposta: "Retenhamos firmemente a nossa confissão". Não significa aí, naturalmente, a Confissão de Westminster, embora na realidade ela o seja! Retenham firmemente a velha Confissão Escocesa. Vocês nunca encontrarão o Deus de John Knox fora disso. "Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão". Que confissão? A confissão acerca de "Jesus, Filho de Deus", o nosso grande sumo sacerdote; a Confissão Escocesa, a Confissão de Westminster, a fé daqueles pais. Devemos tê-la porque, sem ela, quem se atreverá a ir à presença de Deus? Como está expresso ali, em Hebreus 4:16: "Cheguemos pois com confiança ao trono da graça". Que é esse "pois"? O conhecimento que temos, de que temos este grande sumo sacerdote que penetrou os céus, Jesus, o Filho de Deus, e de que Ele pode "compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado".

Onde está o Deus de Elias? Como podemos encontrá-lO? Como podemos receber o poder de que necessitamos? Devemos retornar à confissão, retornar à fé, retornar à Palavra, crer em suas verdades e, à luz dela, temos que ir com ousadia, confiança, certeza, ao trono da graça; para acharmos graça que nos ajude na hora da necessidade (cf. Authorized Version). Estamos vivendo numa pavorosa hora de necessidade, pecado e maldade desenfreados; o mundo inteiro está tremendo e se abalando. Seria o fim sobre nós? Os tempos são alarmantes – "hora da necessidade". A única coisa necessária é encontrar este Deus, e ali, assentado à Sua mão direita, Aquele que esteve neste mundo e sabe tudo sobre ele, viu face a face o seu opróbrio, o seu pecado, a sua vileza, a sua podridão; amigo de publicanos e pecadores, Homem que experimentou o ódio e a animosidade dos fariseus, escribas e saduceus, dos doutores da lei e de Pôncio Pilatos. O mundo todo estava contra Ele e, todavia, Ele passou vitoriosamente por aquilo tudo; Ele está ali, e é o nosso representante e o nosso sumo sacerdote. Creiam nEle, retenham firmemente a confissão. Cheguemos em Seu nome e com ousadia ao trono da graça, e tão certamente como o façamos, obteremos a misericórdia de que necessitamos para a nossa pecaminosidade e

infidelidade, e receberemos a graça que nos ajudará na hora da necessidade, em nossos dias e em nossa geração. O Deus de John Knox ainda está aí, e continua o mesmo e, graças a Deus, Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Oxalá possamos conhecer o Deus de John Knox!

8

COMO PODEMOS VER UM RETORNO À BÍBLIA? *

Ao reunirmos nesta ocasião grandiosa e de grande interesse, parece-me que há duas coisas importantes que precisamos fazer. A primeira é lembrar e comemorar a publicação da Versão Autorizada da Bíblia ("Authorized Version") em 1611. O segundo grande propósito deste encontro é chamar de volta à Bíblia o povo desta nação.

Tomarei primeiro o segundo propósito. Por que deveríamos reunir-nos desta maneira e conclamar os homens e as mulheres deste país para que voltem a examinar o livro que chamamos Bíblia? Pode-se dar muitas respostas a essa pergunta. Mas o que eu considero como a razão mais urgente é simplesmente que as condições em que nos encontramos neste momento devem-se, em geral, ao abandono da Palavra de Deus por parte dos homens e das mulheres.

Isso é verdade, em primeiro lugar, quanto à própria Igreja Cristã. Estamos aqui, suponho, para ser sinceros e sondar a nós mesmos. Estes não são dias para reunir-nos para momentos agradáveis. Os tempos são maus; os tempos estão desconjuntados. Suponho que todos nós estamos aqui movidos pelo desejo de fazer algo e de descobrir o que nos cabe fazer, para podermos tratar das pavorosas condições que nos cercam por todos os lados. Digo que a condição da própria Igreja se deve ao seu abandono da autoridade da Bíblia. Neste país a Igreja Cristã está em condições deploráveis. As estatísticas nos dizem que só uns dez por cento do povo deste país se dizem pelo menos nominalmente cristãos; noventa por cento da população estão inteiramente fora da Igreja! Não foi sempre assim. Qual foi a causa disso? Por que essa diferença na condição das

---

* Palestra feita no Encontro Nacional da Bíblia, organizada pela Aliança Evangélica, no "Royal Albert Hall", em 24 de outubro de 1961.

nossas igrejas hoje, em relação ao que elas eram há cem anos? Sei que são apresentadas muitas explicações. O povo destaca as duas guerras mundiais, e não discuto que elas contribuíram para isso. Destaca também o rádio, a televisão, os veículos motorizados e todos os demais meios que militam contra a obra e contra a atração da Igreja. Estou disposto a conceder a essas causas certa soma de influência, mas quando passamos a examinar essa questão com seriedade e sensatez, vemos que há somente uma resposta adequada ao fato de que o povo, em massa, não freqüenta mais os locais de culto. Isto se deve à perda da autoridade das Escrituras. E essa perda, a que se deve? Sem dúvida, foi o devastador movimento da Alta Crítica, assim chamado, que se iniciou na Alemanha por volta da década de 1830 e que, subseqüentemente, veio para este e para muitos outros países e os contaminou. Isto significou a substituição da revelação divina pela mente dos homens e por aquilo a que chamam "filosofia". Foi declarado que este Livro deve ser considerado como todos os outros livros, e examinado do mesmo modo como todos os outros livros são examinados. Acresce que houve o ensino darwiniano, que entrou em cena em 1859 e imediatamente se tornou muito popular.

Depois a psicologia fez a sua parte. Estes foram os meios pelos quais os homens começaram a olhar para este Livro, não como até então olharam para ele através dos séculos, vendo-o como a Palavra de Deus vivo, porém passaram a vê-lo apenas como uma palavra humana. Puseram-se a falar mais e mais, não do poder do Espírito Santo no pregador, mas da sua erudição, do seu conhecimento da filosofia e das ciências e da psicologia. A razão humana foi posta no trono, e os próprios púlpitos da Igreja se empenharam em solapar a fé do grande público neste Livro como a Palavra de Deus.

É tempo de encarar estes fatos. Estamos procurando fazer tudo o que podemos para melhorar a condição existente. Todavia, se este é o grande problema, não seria óbvio que nada, senão uma retificação *disto*, pode dar jeito na situação que nos confronta? Não há como questionar a razão pelo que aconteceu. Os homens se puseram a falar dos "resultados garantidos" da erudição e da crítica, e grandes multidões creram nesses "grandes peritos". Esta noite sabemos, é claro, que "os resultados garantidos" não são tão garantidos assim, e cada vez mais vemos os eruditos tendo que abandonar as posições que eram expostas com dogmatismo ao povo, no fim do século passado e nos primeiros catorze anos, pouco mais pouco menos, deste século. Não somente isso, sabemos que o liberalismo, o modernismo, assim chamado, que foi tão popular até 1914, veio a

estar completamente fora de moda. A Primeira Guerra Mundial o despedaçou. A guerra acabou com a confiança no homem e na capacidade do homem. O velho liberalismo que esvaziou as nossas igrejas está morto como o "dodo", * e completamente desacreditado.

Desafortunadamente, isso não significa que o povo voltou à Bíblia. As pessoas parecem dispostas a tudo, exceto a retornar ao Livro e a submeter-se a ele. Algumas dessas pessoas estão tentando dizer, com esperteza, que devemos aprender a mensagem do Livro, porém não os fatos. Outras dizem que Deus fala no Livro através de grandes atos, mas não em proposições e não mediante ensino. Noutras palavras, continuam não querendo submeter-se à autoridade do Livro. São elas que decidem o que aceitar e o que rejeitar, o que crer e o que não crer, de modo que, apesar de estarem mortos o velho liberalismo e o modernismo, a situação, na realidade, não está melhor. Estou aqui para asseverar que essa é uma das principais causas, se não a principal, da decadência da Igreja Cristã.

Há outra causa das condições atuais que eu acrescento com pesar, e são as declarações feitas por ministros cristãos em púlpitos cristãos, declarações que não passam de rudes contradições do ensino básico da Bíblia. Ouvimos coisas ridículas despejadas sobre a doutrina do pecado, a rejeição dos milagres e do precioso sangue de Cristo e, como remate, recentemente, uma afirmação no sentido de que podemos "esperar encontrar ateus no céu". Se isso é verdade, se devemos esperar encontrar ateus no céu, se um homem que não crê em Deus pode ir para o céu, por que devemos pedir-lhe que creia na Bíblia? Por que devemos ter uma Igreja Cristã, afinal? Se um ateu que tem um bom modo de viver há de ir para o céu, não temos necessidade da Igreja e das organizações todas, e não temos absolutamente nenhuma necessidade das Escrituras. O povo em massa está fora da Igreja Cristã porque lhe foi dada a impressão de que a própria Igreja Cristã não crê mais na Bíblia como possuidora de autoridade.

Digo que esta é a explicação, não só do estado da Igreja, e sim também do mundo em geral, e das condições em geral na Inglaterra. Vejam os nossos problemas industriais, tão graves no momento, e tão perigosos. Vejam os nossos problemas morais e sociais, aos quais já foi feita referência. A que se devem? Parece-me haver só uma resposta adequada: é que desapareceu toda a noção e conceito de lei e de dever, de punição e retribuição. Quando os homens

---

* Pássaro lendário, cujo nome vem do português *doudo – pássaro doudo* (doido). Nota do tradutor.

deixaram de crer na Bíblia, deixaram de crer na lei, na justiça e na retidão. Assim, toda a idéia de punição e retribuição é ridicularizada e repelida. De fato, receio que temos que dar mais um passo e dizer que um dos maiores problemas deste país neste momento é que toda a idéia de responsabilidade está desaparecendo rapidamente. Estamos chegando a uma situação em que um prisioneiro, no banco dos réus, será examinado em termos de doença ou de "responsabilidade reduzida", e não em termos de crime. Toda a noção de crime está desaparecendo. A pessoa comporta-se como se comporta, alega-se, por causa da estranha combinação das glândulas em disfunção em seu corpo, ou porque não estava bem num certo momento. Hoje isso é um caso de responsabilidade reduzida; não existe isso de crime, não existe isso de criminoso; é tudo um problema para os médicos. Por isso, junto com o desaparecimento da lei de Deus vai o desaparecimento da crença em qualquer lei, nas noções de punição, correção e disciplina. Assim – e eu poderia desenvolver isso com facilidade – o estado da Igreja e do mundo em geral deve-se a esta causa maior: não há nenhuma autoridade, nenhuma sanção final a que os homens se sintam compelidos a sujeitar-se.

Se é assim, a pergunta que deve predominar em nossas mentes aqui esta noite é, como conseguir que as pessoas retornem à Bíblia? Como podemos trazê-las de volta a este Livro? Há muitas sugestões postas diante de nós sobre este assunto, e eu quero examinar uma delas em particular. Foi-nos feito lembrar esta noite, e com muito acerto, o papel que este Livro desempenhou na história da vida deste país (Inglaterra). Não há dúvida sobre isso; a verdadeira grandeza deste país foi firmada e estabelecida, pensem vocês o que pensarem sobre isto politicamente, no período de Cromwell e por homens da Casa dos Comuns que acreditavam que este Livro é a Palavra do Deus vivo. Não se pode entender a história deste país, se não se conhecer algo da influência deste Livro.

Contudo, não hesito em dizer esta noite que não é do apelo para a história que se necessita. Há pessoas tão ignorantes que não se interessam pelo passado, nem pela passada glória deste país. Elas pensam que possuem algo melhor. Outras – e particularmente os estadistas gostam muito de fazer isso – falam sobre a Bíblia e a elogiam como literatura. Naturalmente ele é incomparável como literatura, todavia dizer meramente ao povo que a Bíblia é "grande literatura" não vai levá-lo a submeter-se à sua mensagem. Observem, dizem, a influência que ela teve sobre as grandes e magistrais obras da nossa literatura. Perfeitamente correto, porém o homem comum

não está interessado nesse tipo de coisa; ele sai para o seu jogo de bingo, ou para qualquer coisa que lhe suscite prazer. Não é esse o meio de levar os homens de volta.

Que mais podemos fazer? Bem, há muitos que estão empenhados num tipo de defesa da Bíblia. Às vezes isto é chamado apologética. Não estou aqui para dizer nenhuma palavra contra isso. A arqueologia entra nesse departamento, e nós damos graças a Deus por isso e pelo professor Wiseman, uma das pessoas mais ilustres que estão atuando nessa esfera. Mas, tampouco isso vai ser suficiente. Concordo com o que Spurgeon disse a respeito disso: "Você não defende um leão; simplesmente o deixa livre", e a mesma coisa vale para a Bíblia. Tudo bem com os apologetas, até onde eles vão, e eles podem ser úteis para o fortalecimento da fé, entretanto estamos num período em que precisamos de muito mais. Muito menos devemos cair de novo na tendência de acomodar o ensino da Bíblia à cultura moderna e aos conceitos modernos. Às vezes, receio, vejo essa tendência mesmo entre evangélicos. Por que devemos ter medo dos cientistas? Eles não têm quaisquer fatos que interfiram neste Livro. Não temos por que acomodar-nos a eles; não temos que tentar apaziguar e agradar as pessoas. Não é esse o jeito de manusear este Livro.

E agora devo dizer alguma palavra – e o faço com considerável hesitação e receio – mas me parece que, se temos que enfrentar os fatos, isso é inevitável. Suponho que a mais popular de todas as propostas no presente para trazer as pessoas de volta às Escrituras é esta: tenhamos uma nova tradução da Bíblia. Tivemos uma este ano, 1961. * O argumento é que as pessoas não estão mais lendo a Bíblia porque não entendem a sua linguagem, os seus termos arcaicos. "Que é que o homem moderno, o seu moderno jovem Teddy, sabe sobre a justificação, sobre a santificação e sobre todas essas expressões bíblicas?" Essa é a questão. Não, dizem eles, não dá certo; eles não conseguem entender a Bíblia. E assim nos dizem que a única coisa necessária é termos uma tradução que o Tom, o Dick e o Harry entendam. Há cerca de seis meses comecei a achar que nós quase chegamos a um estágio no qual a Versão Autorizada inglesa estava sendo rejeitada, estava sendo lançada no limbo das coisas esquecidas, já sem nenhum valor. Acaso precisaria desculpar-me por dizer uma palavra em favor da "Authorized Version" *nesta* reunião? Bem, pensem vocês o que quiserem, vou fazê-lo, e vou fazê-lo sem pedir desculpa alguma.

---

* "The New English Bible" (A Nova Bíblia Inglesa).

Quando li os periódicos religiosos há algum tempo neste ano – e lamento ter que acrescentar, mesmo os periódicos evangélicos – e todos os artigos sobre essa nova tradução, quase comecei a pensar, por um momento, que as letras NEB representavam o nome "New Evangelical Bible" (Nova Bíblia Evangélica). Toda gente parecia ter sucumbido ao alarde, à propaganda e à publicidade. Comecei a indagar se o povo evangélico não teria realmente perdido a centelha da vida; mas, graças a Deus, hoje penso que vejo sinais de recuperação e de retorno à sanidade.

Devemos examinar isso por um momento. Primeiramente, sejamos claros a respeito da proposição básica firmada pelos reformadores protestantes, de que devemos ter uma Bíblia que, como eles o expressam, seja "entendida pelo povo". Isso é senso comum; é óbvio. Todos nós concordamos também que jamais devemos ser obscurantistas, jamais devemos abordar a Bíblia meramente com espírito "antiquarista". Ninguém quer ser assim, nem defender semelhantes atitudes. No entanto, há um perigo incipiente muito grave em grande parte da argumentação que está sendo apresentada hoje em dia em favor dessa novas traduções. Há o perigo de estarmos capitulando em algo vital e essencial.

Observem isto, por exemplo: tomem o argumento sobre os termos que o homem moderno não entende, as palavras "justificação", "santificação", e outras. Quero fazer-lhes uma pergunta: quando foi que o homem comum entendeu esses termos? Dizem-me que o jovem moderno Teddy não os entende. Mas pensem nos mineiros de carvão aos quais João Wesley e George Whitefield costumavam pregar no século dezoito. Eles os entendiam? Não tinham tido nem um dia de escola, de escola elementar. Não sabiam ler nem escrever. Contudo, esses eram os termos que eles ouviam, e a "Authorized Version" era a versão utilizada. O argumento em foco é deveras especioso, todavia não é válido. O povo comum *nunca* entendeu esses termos. Quero, porém, acrescentar algo a isso. Devemos ser muito cuidadosos no uso de um argumento como esse contra a "Authorized Version", em razão de que a própria natureza e caráter da verdade que a Bíblia nos apresenta é tal, que é extremamente difícil pô-la em palavras. Não estamos descrevendo um animal ou uma máquina; aqui estamos preocupados com algo que é espiritual, algo que nem sequer pertence a este mundo e que, como o apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios, nos lembra, "os príncipes deste mundo" não conhecem. A sabedoria humana não tem nenhum valor aqui; é uma verdade espiritual; é algo completamente diferente. Esta verdade é primariamente acerca de Deus e,

por isso, é um mistério. Há uma glória ligada a ela, uma maravilha, e algo admirável. O apóstolo Paulo que provavelmente o compreendeu mais que ninguém, contemplando o seu conteúdo, recua e diz: "Grande é o mistério da piedade" (1 Timóteo 3:16).

Todavia nos dizem: isso deve ser colocado em termos e linguagem tão simples que qualquer pessoa que o tome e leia entenda tudo a seu respeito. Meus amigos, isto não é nada, senão puro absurdo! O que devemos fazer é educar o povo em geral, *elevando-o* à Bíblia, não *baixar* a Bíblia ao nível dele. Uma das maiores dificuldades da vida hoje é que tudo está sendo rebaixado ao mesmo nível, tudo está sendo barateado. O homem comum é transformado no padrão e na autoridade; ele decide tudo, e tudo tem que ser rebaixado ao seu nível. Você está tendo isso no seu rádio, na sua televisão e nos seus jornais; em toda parte os padrões estão baixando cada vez mais. Temos que fazer isso com a Palavra de Deus? Eu digo, não! O que sempre aconteceu no passado foi isto: um povo ignorante, iletrado, neste país e em países estrangeiros, alcançando a salvação, foi educado no sentido de *elevar-se* ao Livro e começou a entendê-lo, a gloriar-se nele e a louvar a Deus por ele. Estou aqui para dizer que precisamos fazer o mesmo no presente. O que necessitamos, pois, não é substituir a "Authorized Version" pelo que às vezes sou tentado a chamar edição ITV da Bíblia. * Em vez disso, o que precisamos é ensinar e treinar as pessoas, elevando-as ao padrão, à linguagem, à dignidade e à glória da velha "Authorized Version".

Estou aqui para opinar que devemos protestar contra o abandono de grandes palavras como "propiciação" e "redenção", que são deveras essenciais ao verdadeiro entendimento do nosso evangelho. E eu protesto contra a tradução que verte 2 Timóteo 3:16 desta maneira: "Toda escritura inspirada tem sua utilidade para ensinar a verdade". É uma declaração óbvia, porém não é o que Paulo escreveu. A tradução correta é, "*Toda a* Escritura é inspirada por Deus e é proveitosa". Paulo não fala de "toda Escritura que é inspirada", porque toda Escritura *é* inspirada. Os tradutores perpetuaram o erro da "Revised Version", que até a "Revised Standard Version" da América corrigiu, retornando à tradução da "Authorized Version".

Ao deixar este aspecto da questão, o meu último comentário sobre essa nova versão, que é tão popular, resume-se em citar duas declarações, primeiro do Suplemento Literário do "Times", de 24

---

* Em 1961, a ITV era o único canal da televisão britânica financiado pela publicidade.

de março. Esta não é uma publicação cristã, mas é uma publicação de alto nível de erudição e cultura, e eis o que diz um colaborador: "O que se perde, então, nesta nova tradução é a dimensão na profundidade e no tempo e, com a dimensão, a beleza e o mistério. Em resumo", prossegue ele, "naquilo em que a religião é racional, social, simples, comunal, histórica, a nova Bíblia pode ajudar. Naquilo em que a religião toca e satisfaz as mais profundas aspirações e necessidades dos homens, é quase uma perda total". Essa é a opinião do Suplemento Literário do "Times". Não é a opinião de um evangélico ignorante como eu, ou do Sr. Terence Brown, * que tem sido tão caluniado. Aí está um douto escritor do Suplemento Literário do "Times". No entanto, deixem-me citar também, para vocês, um arcebispo da comunhão anglicana de Quebec, Sua Eminência Philip Harrington, homem culto, erudito e autor de dois maciços volumes sobre a Igreja Primitiva. Assim ele descreve: "O leitor inteligente encontrará muito nela que é útil e até esclarecedor, mas terá que manter ao seu lado a sua velha Versão Autorizada, a fim de descobrir o que os apóstolos e os profetas de fato disseram, se é isso que ele quer saber". Sou franco em confessar que fico mais perto de me tornar anglicano quando leio isso do que nunca em minha vida! Contudo o arcebispo não se detém aí – há arcebispos e arcebispos, parece-me! – ele acrescenta: "Quando a velha e a nova diferem no sentido, a Versão do Rei Tiago, pelo menos na Versão Revisada de 1881, estará correta em noventa e nove vezes, de cem". Essa é a opinião do arcebispo anglicano de Quebec, escrevendo este ano sobre a Nova Bíblia Inglesa ("New English Bible").

Muito bem, meus amigos, deixem-me dizer uma palavra em favor do velho volume, da velha Versão Autorizada. Ela foi traduzida por cinqüenta e quatro homens, cada um deles um grande especialista, e foi publicada em 1611. E aqui está outra coisa que a recomenda a vocês: esta Versão Autorizada veio à luz numa época em que a Igreja ainda não estava dividida. Quero dizer que ela ainda não fora dividida em anglicana e não conformista. Acho que até nisso há uma vantagem. Elas eram uma só, com poucas exceções, quando a Versão Autorizada – a "Authorized Version" – foi produzida.

Outro ponto importante que se deve lembrar é este: a Versão Autorizada foi produzida algum tempo depois daquele evento culminante a que chamamos de Reforma Protestante. Até aquela

---

* Secretário Geral da Sociedade Bíblica Trinitariana.

data houve tempo para se verem alguns dos terríveis horrores de Roma e de tudo que ela representava. Os primeiros reformadores tinham um prato cheio, por assim dizer. Lutero pode ter deixado muitas lacunas, mas quando essa tradução foi produzida, tinha havido tempo para os homens poderem ver Roma como de fato era. Esses tradutores eram todos ortodoxos na fé. Eles acreditavam que a Bíblia é a infalível Palavra de Deus e eles se sujeitavam a ela, considerando-a como a autoridade final, em contra partida às pretensões espúrias de Roma e contra a busca de apoio nos Pais da Igreja, e tudo mais. Ali, digo, estavam cinqüenta e quatro homens, eruditos e piedosos, inteiramente submissos ao Livro. Nunca tivemos isso em qualquer outra versão. Ali, e somente ali, temos um grupo de homens que estavam absolutamente comprometidos com o Livro, que se entregaram a ele, que não queriam colocar-se em juízo sobre ele, e cujo único interesse e desejo era traduzi-lo e interpretá-lo para o povo.

Em vista disso tudo, o meu argumento é que a resposta não está na produção de novas traduções; elas estão saindo quase toda semana, mas estariam realmente ajudando a situação? Não, e por esta razão, os homens deixaram de ler a Bíblia, não porque não conseguem entender a sua linguagem, e sim porque não crêem nela. Não crêem no Deus da Bíblia; não a querem. O problema deles não é de linguagem e de terminologia; é o estado em que se acha o seu coração. Portanto, que fazer a respeito? Parece-me que há somente uma coisa que podemos fazer, a mesma que sempre se fez no passado: temos que pregá-la, e a nossa pregação tem que ser totalmente baseada em sua autoridade.

Temos que vir à Bíblia, não para ver se ela é verdadeira ou não; temos que vir para encontrar o sentido da verdade que ali está. O erro fatal da Alta Crítica, assim chamada, foi o de vir à Bíblia para ver que parte é verdadeira e que parte não é. No momento em que você faz isso, já está errado, irremediavelmente errado! Não buscamos a Bíblia para descobrir se ela é verdadeira; nós a buscamos para descobrir o seu significado e o seu ensino. E, portanto, digo que a única esperança está em pregarmos a sua mensagem ao povo. Temos que pregá-la tendo-a como a Palavra de Deus. Sim, este Livro é exatamente aquilo que reivindica ser. Vejam os seus escritores originais! Acaso alguns deles disse que foi ele que teve a idéia? Não, todos eles são unânimes em dizer que a mensagem lhes foi dada. Alguns deles nem queriam escrevê-la. Isaías, tendo sido comissionado, diz: "Sou homem de lábios impuros"; não sou apto para fazer isso. Não é questão de um grande homem, de um grande

filósofo, de um grande pensador, que tem de dizer ao povo o que se deve fazer. Não, Isaías recebeu uma missão e uma comissão. Ele diz: não sou apto. Jeremias diz: "Não sei falar; sou uma criança". Ezequiel, quando lhe foi dada a sua comissão e mensagem, sentou-se e ali ficou durante sete dias, atordoado e espantado, e foi preciso que o Espírito o pusesse sobre os seus pés de novo. Amós dizia: sou boiadeiro e cultivo sicômoros. Não sou profeta, nem filho de profeta. É isso que todos eles dizem. Eles dizem que a mensagem não é *deles*. Bem, o que é? Ah, dizem eles, é "o peso do Senhor", a mensagem do Senhor; o fardo do Senhor veio sobre mim. Jeremias não queria falar, mas não podia refrear-se; era como fogo queimando em seus ossos. Deus lhe dera uma mensagem, e o estava enviando com ela. Eu e você temos que retornar a isto: "Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:20-21). Isso é autoridade. Vejam o que o nosso Senhor diz a respeito disso. Ele Se refere às Escrituras usando frases como, "Está escrito". Ele cria no Velho Testamento; cria em todo ele. Ele diz: "a Escritura não pode ser anulada" (João 10:35); quem somos nós para a contestarmos? E os apóstolos – vejam a sua atitude para com as Escrituras; eles se referem a elas e as citam constantemente. Para eles elas são o argumento final; elas põem fim a todas as controvérsias.

Devemos apresentar a Bíblia como a Palavra de Deus, não como palavras de homens, e sim a Palavra viva de Deus: Deus falando acerca de Si próprio; Deus falando acerca dos homens; Deus falando acerca da vida; Deus dizendo-nos o que Ele vai fazer com um mundo decaído. É isso que precisamos pregar com convicção, com segurança. Falemos ao povo sobre a sua maravilha, que, embora contendo sessenta e seis livros, escritos em diferentes ocasiões e em diferentes séculos, há nela uma única mensagem. Falemos de profecias cumpridas. Assinalemos para o povo, como coisas preditas centenas de anos antes, os eventos se verificaram de fato, nos mais completos e mínimos detalhes. *Digamos* isso a eles; eles não o sabem. É nosso dever proclamar a Palavra de Deus, especialmente nesta época crítica da nossa história. Digamos ao povo algo da sua mensagem. É o único livro que explica a vida. É o único livro que explica o mundo como ele é neste momento. Durante quase um século nos foi dito que o mundo está progredindo, que o homem está se tornando cada vez mais perfeito, que com mais e mais educação e conhecimento científico, não haverá mais

guerra. O problema, diziam, era que as pessoas não se conheciam umas às outras. Elas não se encontravam. Se tão-somente se encontrassem, viriam a amar-se umas às outras e se abraçariam; mas agora que nos encontramos constantemente, não conseguimos viver juntos nem por alguns segundos! Vocês vêem, não há explicação, a não ser a explicação dada neste Livro.

"Os ímpios, diz o meus Deus, não têm paz" (Isaías 57:21). Você pode ser inteligente, você pode ser vigoroso, grande e forte, você pode ser um grande filósofo, e pode ser muito rico, você pode possuir o mundo inteiro – mas não conhecerá nunca a paz, quer como indivíduo, quer entre os homens e as nações, enquanto você for ímpio. Somente a Bíblia tem a explicação. É o pecado do homem, a rebelião do homem contra Deus. Vocês vêem, vocês têm que retornar à teologia; vocês têm que buscar o Livro e descobrir a sua mensagem, a sua teologia, as suas doutrinas. Se vocês, evangélicos, estiverem contra a doutrina, jamais trarão o povo de volta à Bíblia. Não basta ler uns poucos versículos. Vocês têm que cavar fundo e extrair a doutrina, a doutrina de um Deus totalmente absoluto, que é o Criador dos fins da terra, e que é o juiz de toda a terra. O homem não é algo que saiu de um lodo primevo, é antes uma criatura feita à imagem de Deus e que recebeu algo do caráter do eterno Senhor da criação, e foi destinada a viver em comunhão e em relação com o seu criador! Contudo o homem caiu em pecado, afirmou o poder da sua vontade, declarou-se autônomo, disse que pode dar jeito em sua vida, que não precisa de Deus, que não precisa da direção de Deus nem da Palavra de Deus: aí está a razão por que o mundo está em dificuldade.

É isso que temos de dizer ao povo; temos que, não apenas tentar defender a Bíblia, mas sim pregar a sua verdade. Digamos aos homens que eles estão em suas condições atuais porque o mundo voltou as costas para Deus. É por isso que este século vinte é tão pavoroso. De todos os séculos, este é o que faz afirmação de si mesmo, da sua vontade própria e do seu próprio entendimento acima de Deus e contra Deus, Sua verdade e Sua vontade eterna. Temos que dizer-lhes isso, temos que dizer-lhes com muita franqueza e sem pedir desculpa alguma, que a ira de Deus se revelou do céu "sobre toda a impiedade e injustiça dos homens" (Romanos 1:18). Temos que dizer-lhes que a própria história deste século, com as suas guerras terríveis e todos os seus horrores atuais, deve-se à mesma coisa. Essas coisas fazem parte do juízo de Deus. O apóstolo Paulo coloca isso desta maneira, em Romanos, capítulo 1, que um meio pelo qual Deus castiga os homens é que Ele abandona

os homens, deixando-os entregues a si mesmos. "Deus os entregou a um sentimento perverso" (versículo 28). Creio que é o que está acontecendo neste momento; para mim, esta é a única explicação do presente século. Deus nos está dizendo: muito bem, vocês disseram que podiam viver sem Mim; vocês disseram que podiam fazer um mundo perfeito sem as Minhas leis, sem a Minha Palavra, sem a Minha verdade – vão adiante, vejam o que podem fazer com isso! E o que fizemos foi: fizemos com isso o homem, criatura cheia de luxúria, egocêntrico e egoísta, em conflito com todos os outros. A guerra será inevitável enquanto o homem estiver nessa condição. Só a Bíblia explica isso. E quando nos voltamos para o futuro, é exatamente a mesma coisa: não há luz para o futuro em parte alguma, exceto neste Livro. Há pessoas que, em nome do cristianismo, continuam dizendo que, se tão-somente pregarmos essa mensagem, daremos cabo das guerras. Nunca! A Bíblia afirma que haverá guerras e rumores de guerra até o fim. Enquanto o homem for mau, pecador e a criatura luxuriosa que é, haverá guerras. O cristianismo não veio ao mundo para acabar com a guerra; não veio para reformar o mundo. Para que veio? Veio para salvar-nos da destruição que virá ao mundo. Este Livro afirma que haverá um juízo, um fim da história. Deus em Cristo julgará o mundo todo com justiça, enviando os que Lhe deram as costas e recusaram a Sua oferta de salvação em Cristo para a perdição eterna, e conduzindo os santos para a glória dos "novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13).

Povo cristão, devemos proclamar ao mundo que não temos medo do amanhã. Não tememos o que as nações possam fazer. Sabemos que este mundo mau está debaixo de condenação e que o único caminho seguro e sábio é vir com arrependimento e contrição ao Filho de Deus, nosso bendito Senhor e Salvador, que veio da eternidade, que morreu pelos nossos pecados e que virá outra vez para receber os Seus para Si. É para isso, parece-me, que fomos chamados. Precisamos pregar a mensagem da Bíblia sem temor nem favor, e com a santa ousadia dos apóstolos da antigüidade, não apenas dizê-la, mas ter sobre nós o Espírito Santo quando o fazemos. Orem pedindo poder para pregá-la, de modo que ela se torne como "um martelo que esmiúça a penha" (Jeremias 23:29). Ou, nas palavras do apóstolo Paulo, deve-se ver que a mensagem é poderosa "em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo" (2 Coríntios 10:4-5).

Essa é a nossa vocação.

Ó Palavra de Deus encarnada,
Ó saber que do alto nos vem,
Ó verdade que não muda em nada,
Ó luz na escuridão do nosso céu!

Faze da Tua Igreja, ó Salvador amado,
Uma lâmpada de ouro a refulgir,
Para oferecer, como no passado,
Tua vera luz aos povos e nações.

9

A BASE DA UNIDADE CRISTÃ *

INTRODUÇÃO

Nenhuma questão está recebendo tanta atenção atualmente em todos os ramos e divisões da Igreja Cristã, como a questão da unidade da Igreja. Estão escrevendo, conversando e pregando sobre isso. Ora, todos nós concordamos, certamente, que a Igreja Cristã deve ser uma só, que o propósito de Deus foi que ela fosse uma só. E, portanto, devemos concordar, além disso, que é uma tragédia a divisão ter penetrado na vida da Igreja. Em acréscimo, todos nós devemos considerar o cisma como um grave pecado. Isso é terreno comum. Mas, tendo dito isso, é preciso assinalar também que obviamente há grande confusão e muito desacordo, quanto a que constitui a unidade, quanto a qual é a natureza da unidade, e quanto a como se deve obter e preservar a unidade.

1. Alguns Conceitos Correntes

Há muitas idéias divergentes com relação a isso. A solução católico-romana para o problema, necessariamente, e apesar do que parece ser uma atitude mais amistosa no presente, é a pura e simples absorção em sua instituição e organização. *Semper eadem* é o seu grande lema: a igreja é "sempre a mesma". Do seu ponto de vista e com base em sua definição, deve ser. Portanto, é totalmente lógico que a sua noção de unidade deve ser que todos os outros segmentos da Igreja devem voltar para ela, que é "a única verdadeira igreja de Cristo". As igrejas "ortodoxas", assim chamadas, grega e russa,

---

* Substância de duas palestras feitas à Fraternidade de Ministros em Westminster em junho de 1962, e publicadas primeiramente pela Inter-Varsity Press em dezembro de 1962.

têm idéia similar.

Mas há outros conceitos, alguns dos quais contrastam agudamente com esse em sua frouxidão. O mais comum desses sustenta que o que se deseja é uma unidade visível e a junção de todos os que se chamam cristãos, em todo e qualquer sentido. A unidade significa que todos os segmentos da Igreja Cristã, com todo e qualquer elemento que se arrogue o nome de cristão, devem ter reuniões juntos, devem ter comunhão juntos, e devem trabalhar juntos, apresentando uma frente comum aos inimigos do cristianismo.

Ainda outro conceito deve ser especialmente mencionado neste ponto, pois parece estar se tornando bastante popular nos círculos evangélicos. Este considera a unidade em termos de se juntarem para formar uma espécie de "forum" onde vários conceitos da fé cristã sejam "discutidos" e as pessoas apresentem as suas diferentes percepções, esperando que, como resultado, eventualmente cheguem a algum acordo comum. Há outros conceitos, mas que isso nos baste como classificação ampla.

2. Os Limites deste Estudo

Este assunto é excessivamente complexo, e muitos volumes foram escritos sobre ele. O meu objetivo neste ensaio é bastante limitado; é examinar as duas passagens das Escrituras mais freqüentemente citadas com relação a isto. Refiro-me, naturalmente, a João, capítulo 17 e Efésios, capítulo 4, e em particular a João 17:21 e Efésios 4:13. Estes são os versículos freqüentemente citados hoje em dia e utilizados como lemas, declarações que aparentemente estabelecem a questão uma vez por todas e a colocam além de qualquer disputa ou discussão. Portanto, é essencial que os examinemos cuidadosamente.

Proponho-me a examiná-los à luz de certas perguntas. Primeira: qual a natureza ou o caráter da verdadeira unidade? Segunda: qual o lugar da doutrina e da fé nesta questão de unidade? Terceira: como vem a existir a unidade?

Focalizamos a atenção principalmente na terceira pergunta em vista do seu caráter prático. A idéia da maioria é que o meio de produzir unidade não é discutir ou considerar doutrina, mas, antes, trabalhar juntos e orar juntos. As máximas são que "a doutrina divide", porém que quando "trabalhamos juntos" e "orarmos juntos", chegaremos à unidade.

Isto se torna grave quando se aplica à questão da evangelização. O argumento mais comum usado para nos forçar a ver a importân-

cia vital e urgente desta questão de unidade é que é impossível a evangelização sem ela, que a Igreja dividida é uma ofensa ao mundo, e que enquanto estivermos divididos o mundo não nos dará ouvidos. Portanto, dizem-nos, é uregentemente essencial que nos juntemos para podermos evangelizar. É-nos dito freqüentemente que na evangelização certamente todos podemos ser um. Durante uma campanha evangelística em Londres há alguns anos, um semanário, agora defunto, que se dava o nome de *The Christian World* (O Mundo Cristão), trazia o cabeçalho: "Façamos uma trégua teológica durante a Campanha". Um conhecido líder evangélico também rendeu-se a isto: "Todos nós podemos, de uma forma ou de outra, ser ecumênicos na evangelização". Um conceito muito comum e predominante é que só depois do estágio de evagelização é que se deve considerar doutrina.

Tudo isso obviamente faz de vital importância que sejamos claros em nosso pensamento sobre as questões que levantei com relação à base da unidade cristã. Torna-se essencial, pois, que estas passagens chaves sejam estudadas cuidadosamente. Também é meu objetivo mostrar que o teor geral do ensino do Novo Testamento apóia e confirma a interpretação correta destas duas passagens. Disto se tratará na Parte III.

PARTE I: O ENSINO DE JOÃO 17

O versículo 21 deste capítulo é usado com freqüência como lema. Nele diz o nosso Senhor: "Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste".

Como o interpretamos? Primeiro, tomando-o em seu contexto e cenário. Este é um princípio que sempre deve governar a exposição bíblica. A acusação freqüentemente lançada contra os evangélicos é que estes gostam de usar "textos-provas". Essa é a crítica feita à Confissão de Westminster e, na verdade, à maioria das confissões. O que se diz é que elas se baseiam em textos-provas. Dizem-nos que nunca devemos fazer isso, que devemos tomar o teor e o sentido gerais das Escrituras, e não basear a nossa posição em textos particulares; mas os defensores do movimento ecumênico fizeram precisamente isso, com relação a este versículo. Tomaram-no inteiramente fora do seu contexto e depois passaram a usá-lo como lema. Contra isso, asseveramos que é *sempre* errado tomar um texto isoladamente. A primeira regra de interpretação é que um texto sempre deve ser considerado em seu contexto e, em acréscimo,

deve ser comparado com outros textos. Se alguma vez essa norma de interpretação foi importante, sem dúvida o é em conexão com esta declaração em especial.

1. O Contexto Analisado

Começamos, pois, oferecendo uma análise geral do capítulo dezessete do Evangelho Segundo João. São óbvias as suas divisões. A primeira consiste dos cinco primeiros versículos, nos quais o nosso Senhor ora principalmente em Seu próprio favor. A segunda divisão consiste dos versículos 6 a 10, em que Ele faz uma descrição do Seu povo, por quem está orando, e eleva uma oração geral por ele. Então, nos versículos 11 e 12, Ele faz a oração fundamental pelos Seus, no sentido de que sejam mantidos em unidade. Nos versículos 13 a 16 Ele ora especificamente para que eles sejam mantidos em união, contra as astutas investidas do maligno, que está sempre desejando romper essa unidade essencial. Nos versículos 17 a 19 Ele ora pela santificação deles, de novo para que sejam mantidos na verdade e nesta unidade. Nos versículos 20 a 23 Ele retoma a oração do versículo 11 e a desenvolve para definir com mais pormenores a natureza da unidade. E nos versículos 24 a 26 Ele dá expressão ao Seu desejo fundamental em favor dos Seus, que estejam onde Ele está, que vejam a glória a Ele dada pelo Pai. Essa é a análise geral da passagem toda.

2. Princípios da Unidade

Ao chegarmos a uma consideração mais minuciosa desta questão de unidade, notamos que a primeira menção específica dessa questão é no versículo 11. Diz o nosso Senhor: "E eu já não estou mais no mundo, mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós". Esse é o texto fundamental, e nessa declaração temos expostos todos os princípios essenciais.

(a) *Sua referência restrita*

Primeiro, notamos que Ele está orando por pessoas específicas a quem Ele designa como "eles" (VA: "estes"). Eles, e somente eles, são os objetos desta unidade. Quem são "eles"? No próprio capítulo há muitas respostas a essa pergunta. "Eles" são as pessoas das quais Ele dissera logo no começo que Lhe tinham sido dadas

por Deus. Essa é a declaração fundamental, que Ele repete e torna a repetir. Há certas pessoas que pertencem a Deus, que Deus o Pai deu ao Filho, e pelas quais Ele veio ao mundo e fez o que fez.

Outra coisa que Ele diz sobre "eles" é que são pessoas que foram separadas do mundo. "Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus", diz Ele no versículo 9. Essa declaração é muito importante. Há pessoas que foram tiradas do mundo, separadas dele; e é por essas, e somente por essas, que Ele ora. Não há "universalismo" nenhum neste capítulo. Aqui não há nada que sugira que a obra que o nosso Senhor realizou neste mundo foi realizada em favor de todos e que, embora haja alguns que não a compreendam e não a conheçam enquanto estão neste mundo, não obstante é válida para esses, e finalmente todos haverão de ser salvos. Ao contrário, há uma divisão e distinção nítida entre aqueles que ainda estão no mundo e aqueles que Ele chamou do mundo.

Temos uma definição ainda mais interessante e mais importante de quem são "eles" nos versículos 6 a 8: "Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra. Agora já têm conhecido que tudo quanto me deste provém de ti; porque lhes dei as palavras que tu me deste, e eles as receberam, e têm verdadeiramente conhecido que saí de ti, e creram que me enviaste". Isso é de crucial importância. Tanto que o nosso Senhor torna a expor a mesma idéia no versículo 20, onde temos: "Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim". Eles são os que creram nEle e em Sua Palavra; outros vão crer nEle pela mesma Palavra que "estes" agora vão falar no mundo. A ênfase é a mesma. Ele torna a repeti-la no versículo 25; esta é a definição final destas pessoas: "Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci; e estes conheceram que tu me enviaste a mim". Esta é uma declaração muito importante porque define mais quem são estas pessoas.

Então, quais são as características destas pessoas? De novo devemos salientar o elemento de separação e distinção. O nosso Senhor não ora pelo mundo; ora somente por estas pessoas que Lhe foram dadas. De fato Ele diz especificamente no versículo 19: "E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade". Essa é, naturalmente, uma referência à Sua dádiva de Si mesmo, colocando-Se à parte por Sua morte, para a obra de expiação e de reconciliação; e aí Ele diz especificamente que não faz isso por todos, mas o faz unicamente por "estas"

pessoas. De novo, uma declaração sumamente importante.

Noutras palavras, estas pessoas que são os objetos da unidade da qual o nosso Senhor está falando não são os que acaso se criaram num certo país ou que pertencem a determinada raça ou nação ou a uma igreja visível. São os que "receberam" a Sua Palavra, o Seu ensino, e particularmente o Seu ensino a respeito dEle próprio. Eles conheceram quem Ele é, que Ele foi enviado por Deus, e que Ele foi enviado para realizar esta obra por eles. Eles "creram" e "receberam" aquela Palavra. Essa é a definição que Ele faz do Seu povo. Expresso doutra forma, a unidade da qual Ele está falando aplica-se unicamente àqueles que recebem e crêem nesta Palavra, que agora dizemos que é a mensagem do evangelho.

(b) *Sua origem*

O segundo princípio, firmado por Ele no versículo 11, refer-se à origem da unidade. Vocês notam que Ele emprega a palavra "guardar". "Pai santo", diz Ele, "guarda em teu nome aqueles que me deste". Em parte nenhuma neste capítulo há uma exortação ou apelo para que seja produzida uma unidade. O nosso Senhor está dizendo que a unidade já está aí, já existe. É a unidade daqueles que, por contrastante distinção de todos os outros, creram na verdade acerca dEle e da Sua obra. O nosso Senhor, sabendo que agora está para deixar o mundo e que eles vão ser expostos ao ataque do maligno e de todos os poderes da tentação, do pecado e do mal, está orando ao Seu Pai, rogando-Lhe que os guarde na unidade já existente. Isso, repito, é um ponto e princípio muito importante. O nosso Senhor não está tratando de uma coisa que devemos almejar. De fato, o nosso Senhor não Se dirige aos Seus discípulos em todo este capítulo. É uma oração a Deus, pedindo-Lhe que guarde a unidade que Ele, por Sua pregação, já trouxera à existência entre aquelas pessoas.

(c) *Sua natureza*

O terceiro ponto que o nosso Senhor levanta é o da natureza da unidade: "Para que sejam um, assim como nós". Este é o texto fundamental sobre o assunto, por assim dizer, mas como o nosso Senhor o desenvolve nos versículos 20 a 23, passemos a considerá-los: "Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um

em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim".

Aqui temos o que, indubitavelmente, é uma das mais exaltadas declarações que se pode ver em toda parte das Escrituras. Logo de início notamos que o caráter essencial da unidade acerca da qual o nosso Senhor está falando é que é comparável à unidade que existe entre o Pai e o Filho. Também é comparável à unidade entre o Filho e aqueles pelos quais Ele está orando.

Certos versículos de João, capítulo 14, lançam luz sobre isso. No versículo 20, por exemplo, diz o nosso Senhor: "Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós"; e no versículo 21: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele". O versículo 23 continua: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada". Agora, o que quer que se diga dos versículos que estamos examinando no capítulo 17, é mais que óbvio que esta declaração não é tal que deva ser tratada de maneira superficial, ligeira e vaga, como se o seu significado fosse perfeitamente claro e patente. O nosso Senhor está tratando aqui da união mística que subsiste entre as três pessoas da Trindade santa e bendita. É o mais alto mistério da fé cristã. E, todavia, esta é a expressão, o versículo, que está sendo tratado frouxamente como se o seu sentido fosse óbvio, e de fato como se tivesse um só sentido, a saber, uma unidade organizacional e externa. Tudo sobre a declaração indica exatamente o oposto. Ela diz respeito à unidade de essência. Esse é todo o mistério da Trindade. Há três pessoas e, contudo, unicamente um Deus. A mesma essência e, contudo, as distinções nas pessoas. Mas o que faz dElas um só ser é a unidade de essência. Essa não pode ser excluída. Naturalmente, em acréscimo a isso, há a unidade de perspectiva, de pensamento e de propósito, o amor mútuo, e todas as outras coisas que necessariamente decorrem dela. Ora, é dessa maneira que o nosso Senhor define esta unidade que já prevalece entre os Seus e que Ele pede a Deus em oração que Ele preserve e guarde depois do Seu retorno à glória.

Deduzimos disso que a unidade existente na Igreja é algo que envolve essa unidade de essência, de ser. Esta é, por certo, apenas outra maneira de expressar a doutrina tão claramente ensinada no

Novo Testamento, de que o cristão é alguém que "nasceu de novo", nasceu do Espírito", um "participante da natureza divina". Tudo isso está implícito aqui. Devemos ser cuidadosos, porque o assunto é difícil. Jamais deveremos ensinar que o cristão se torna divino, porém a frase escriturística utilizada por Pedro é que nos tornamos "participantes da natureza divina" (2 Pedro 1:4).

Não há unidade alguma, no sentido dado pelo nosso Senhor, sem esta operação fundamental do Espírito Santo de Deus, que cria dentro dos que crêem na verdade esta nova natureza. E isso, por seu turno, leva, pela mesma analogia, a uma identidade de visão, de objetivo, de amor, e assim por diante.

Noutras palavras, a unidade a respeito da qual o nosso Senhor está falando é uma unidade que evidentemente só pode imperar entre os que foram regenerados ou que nasceram de novo. Não é por definição, uma coisa em pós da qual se possa resolver ir. Não é como um grupo de pessoas decidindo formar uma coalizão ou uma sociedade a fim de que certos objetivos e propósitos sejam concretizados. Não estou dizendo que há alguma coisa errada nisso. O meu interesse é mostrar que não é disso que o nosso Senhor estava falando. Não é nem mesmo uma questão de amizade. É algo mais profundo que isso. É como uma relação de família. Você não tem escolha sobre isso e sobre o que isso envolve. Você nasceu numa família. Embora possa discordar dos membros da sua família, não pode livrar-se da relação. É questão de sangue e de essência. Assim é a unidade da Igreja. Portanto, nunca se deve pensar nela como algo voluntário. É algo inevitável porque é o resultado do nascimento numa determinada família. Os cristãos são irmãos, e não meramente uma associação de amigos.

3. Sumário

Para resumir o ensino desta passagem, antes de passarmos para a outra: o nosso Senhor está orando aqui no sentido de que esta unidade que Ele trouxe à existência, e que Ele mesmo preservou enquanto esteve com Seus discípulos, tenha continuidade. É interessante notar de passagem que Ele menciona aquela extraordinária exceção, o caso de Judas. Aí está um que pertencia ao grupo, mas que mostra claramente que não é verdadeiramente "do" grupo. O versículo 12 diz: "Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome. Tenho guardado aqueles que tu me deste, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição, para que a Escritura se cumprisse". Você pode ter a aparência de que

pertence, entretanto se não há esta nova vida e este novo nascimento, não há unidade real; e ela tem que mostrar-se finalmente.

Assim vemos aqui que a declaração do nosso Senhor não é uma exortação a nós a que façamos algo, porém é uma oração ao Seu Pai pedindo-Lhe que preserve esta unidade que já está em existência. Além disso, essa unidade é essencialmente espiritual, é produzida pela operação do Espírito Santo no ato de regeneração, e se mostra na fé comum e no comum recebimento do ensino concernente à Pessoa e à obra do nosso Senhor. Qualquer "unidade" a que faltem estas características não é a unidade da qual o nosso Senhor fala em João, capítulo 17.

PARTE II: O ENSINO DE EFÉSIOS 4

A segunda passagem crucial do nosso interesse aqui é Efésios 4:1-16. Em muitos aspectos ela faz paralelo com a que já examinamos, sendo a única diferença que esta é uma exortação dirigida aos fiéis cristãos, e não uma oração a Deus. Por esta razão dedicaremos a maior parte do nosso espaço ao seu estudo.

1. Que é que vem Primeiro, a Comunhão ou a Doutrina?

Que é que esta passagem ensina? Há muitos que pensam que o ensino aqui é que somos exortados a ter comunhão uns com os outros, sejam quais forem as nossas idéias da fé cristã, a fim de que, em última instância, cheguemos a uma unidade de fé e crença. Há alguns anos um pregador evangélico expressou-o mais ou menos assim: "Eu sempre costumava pensar que você não pode ter comunhão com alguém, a menos que concorde com ele sobre doutrina. A minha posição sempre fora que, primeiramente, você tem que estar de acordo acerca da doutrina e da sua idéia de fé e, depois, com base nisso, poderá ter comunhão com as pessoas". Mas ele continuou e disse que tinha feito uma grande e impressionante descoberta quando releu este capítulo quatro da Epístola aos Efésios. Ele observou pela primeira vez na vida que o apóstolo começa exortando à comunhão: "Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (versículo 3). Disse ele: "Descobri que ali você começa com a comunhão, e que só mais tarde, no versículo 13, o apóstolo diz: "Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo". Assim, à luz disso, ele agora estava

propondo ter comunhão com os que discordavam dele teologicamente, com os que eram liberais em sua perspectiva doutrinária, e com os outros. Ele ia fazer isso porque acreditava que era por meio dessa comunhão que podia esperar chegar finalmente a um acordo doutrinário. Foi uma inversão completa da posição que ele defendia antes. Ele se sentia convicto de erro, achava que estivera pecando. E agora exorta os cristãos a porem em prática a sua nova idéia sobre o ensino de Efésios, capítulo 4. É trabalhando juntos, evangelizando juntos, orando juntos e tendo comunhão uns com os outros, declara ele, que finalmente chegaremos à unidade da fé.

A questão crucial que temos que considerar é se essa parte das Escrituras ensina isso ou não. De novo o contexto é absolutamente vital e, portanto, devemos começar fazendo uma análise geral da passagem. O tema, vê-se com toda a clareza, é a unidade da Igreja. Na verdade, esse é o tema do apóstolo desde o início da Epístola. De muitas maneiras, o versículo chave para o entendimento da carta toda é 1:10: "De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; nele, digo". O apóstolo passa a mostrar como Deus esteve fazendo isso, trazendo o judeu e o gentio para estarem juntos neste novo corpo, que é a Igreja, e depois chama a atenção em particular para este tema na parte que estamos examinando.

Uma análise geral dessa porção revela o seguinte: nos versículos 1 a 3 Paulo faz um apelo geral a favor da unidade; nos versículos 4 a 6 ele descreve a natureza da unidade; nos versículos 7 a 12 ele descreve a variedade na unidade e os meios empregados por Deus para preservá-la; finalmente, nos versículos 13 a 16, ele descreve a unidade completa, ou a sua final e plena concretização e o seu ornamento. Isto ele apresenta tanto positiva como negativamente.

A chave para a exposição completa do capítulo 4 é a palavra "pois" do versículo 1. Ela nos direciona de volta aos três primeiros capítulos desta grande Epístola, e acentua que o tema da unidade é algo que decorre como conseqüência do que se passou antes. Isto, naturalmente, é típico do método neotestamentário de tratar de questões de conduta prática. Seu ensino essencial é que a conduta é sempre resultante da verdade e do ensino. A prática e o comportamento são o resultado da aplicação da doutrina já estabelecida. E é precisamente isso que o apóstolo faz aqui. "Rogo-vos, pois", diz ele, "Rogo-vos, pois, eu, preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados". A exortação que se segue é feita à luz de tudo o que ele estivera dizendo nos três primeiros capítulos.

É claro, então, que qualquer que interprete esta porção como dizendo que o apóstolo começa com a comunhão e depois passa para a doutrina, está fundamentalmente errado: a sua exposição fica toda viciada logo de início pela simples razão que ele começa com o versículo 3 e ignora os versículos 1 e 2. A doutrina exposta nos capítulos 1 e 3 já é a base e o substrato de tudo o que o apóstolo tem para dizer acerca da unidade. Ele não começa com a unidade e depois parte para a doutrina; ele se dedica ao tema da unidade porque já estabelecera a sua doutrina.

2. O Contexto de Efésios 4

O apóstolo deixa profusamente claro em sua exortação inicial que devemos andar "como é digno da vocação com que fostes chamados". Pois bem, a palavra "digno" traz juntas duas idéias principais. Uma é "peso igual", "equilíbrio". Noutras palavras, ele está dizendo: vocês já ouviram o que é a doutrina; agora, vocês devem equilibrar isso com a sua prática e a sua conduta. Vocês têm exatamente o mesmo pensamento em Hebreus 6:11: "Mas desejamos", diz o escritor ali, "que cada um de vós mostre o mesmo cuidado" (VA: "diligência"). Eles estiveram mostrando diligência nas suas obras práticas de ajudarem uns aos outros, pelo que o texto diz efetivamente: nós os exortamos agora a mostrarem a mesma diligência na questão da plena certeza da esperança até o fim. Dito doutra forma, é de novo uma questão de equilíbrio, equilíbrio entre doutrina e prática.

A segunda noção presente nesta palavra é a idéia de algo que "é próprio" de alguma coisa ou que "se lhe ajusta". Filipenses 1:27 dá a mesma idéia: "Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo" (VA: "como é próprio do evangelho de Cristo"). Vocês têm a sua doutrina, Paulo diz; agora sejam cuidadosos para que o vosso comportamento seja próprio dela, corresponda a ela, não a contradiga, ajuste-se a ela, que mostre ainda mais a sua glória e a sua perfeição. Outra frase bem conhecida que consta na carta a Tito faz esta colocação: "sejam ornamento da doutrina" (Tito 2:10). É isso que se pretende da conduta e da prática. Não devemos pensar nelas sem a doutrina. Falar em unidade sem doutrina é como falar sobre vestido de uma mulher como se ele não tivesse nenhuma relação com a sua pessoa. O que compete ao vestido é adornar a pessoa. Assim com a prática e a doutrina. Uma serve de adorno para a outra. Isto é deveras fundamental em todas as abordagens desta questão de unidade.

Depois, para torná-lo ainda mais específico, diz o apóstolo que devemos andar de modo digno da vocação ou do chamamento com que fomos chamados. Que é que ele quer dizer com a repetição da palavra "chamar"? Ele está se referindo aqui ao plano de salvação como já o esboçara nos capítulos anteriores. Não é simplesmente uma questão de "pôr em prática a sua vocação", como o expressa a Nova Bíblia Inglesa ("New English Bible"). Envolve toda a doutrina da "vocação" (ou do "chamamento") e, para entender o que está na mente do apóstolo, é preciso retornar à primeira parte da Epístola.

3. Sumário de Efésios 1 a 3

Resumidamente podemos colocá-lo assim: nos versículos 9 a 10 do capítulo primeiro o apóstolo delineia o plano e o propósito da salvação com esta declaração geral: "Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar *em Cristo* todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; *nele*, digo". Esse é o grande e eterno propósito de Deus que, como Paulo já nos dissera no versículo 4, foi planejado "antes da fundação do mundo": "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo". Este propósito foi realizado por meio de tudo quanto aconteceu com o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e por intermédio dEle. (Notem a repetição das palavras "Jesus Cristo", "Cristo", "nele", no transcorrer de toda essa parte do capítulo primeiro.) Em particular, a salvação é mediante o sangue de Cristo, "em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça" (versículo 7).

Essa é a grande doutrina exposta em geral. Não há unidade, não pode haver nenhuma unidade, sem a pessoa do Senhor Jesus Cristo, sem a Sua obra e especialmente sem a redenção que é "pelo seu sangue". Isso é essencial à única unidade na qual o Novo Testamento está interessado e que este define tão claramente.

Surge agora a questão. Como pode alguém adentrar nesta unidade? Diz-nos o apóstolo em 1:4-6: "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado". Essa é a grande fonte de toda a unidade. É assim que os homens passam a fazer parte dela, e jamais se deve

pensar nela separadamente desta grande, alta e exaltada doutrina. Paulo expressou o mesmo pensamento no versículo 11, "em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade".

Na prática e de maneira experimental entramos nesta unidade pelo processo descrito em 1:12-13. No versículo 12 ele fala sobre os judeus: "Com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo". Assim foi que os judeus entraram; eles tinham posto a sua confiança em Cristo. Depois, no versículo 13, ele volta aos gentios efésios: "Em quem também vós estais, depois que ouviste a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação e, tendo nele também crido...". Na prática entramos na unidade como resultado de ouvirmos esta palavra do evangelho do Senhor Jesus Cristo e de crermos nela, confiarmos nela, pormos a nossa fé inteiramente e completamente nela e no Senhor. Essa é a mensagem essencial do capítulo primeiro.

No capítulo dois o apóstolo desenvolve isso tudo, expressando-o de maneira mais clara ainda. Quem são estas pessoas que ele está exortando a continuarem em unidade? São as que compreenderam que, por natureza, estavam mortas em ofensas e pecados. Essa é a declaração vital no versículo 1. Elas compreendem, ademais, que estão sob o domínio e controle do diabo, "o príncipe das potestades do ar", e que são rebeldes contra Deus (versículo 2). Também compreendem que são escravas das suas luxúrias e paixões. E ainda mais importante e significativo, elas compreendem que estão debaixo da ira de Deus, que, como todos os demais, são "filhos da ira" (versículo 3). Noutras palavras, estas pessoas acreditam no fato e na doutrina da queda do homem. Compreendem que estão espiritualmente mortas, sob a condenação de Deus e da Sua santa lei, e que nada podem fazer acerca da sua salvação e reconciliação com Deus. Compreendem, além disso, que agora são cristãos, membros da Igreja de Deus, unicamente graças ao que Deus fez por elas mediante o Espírito Santo: "E vos vivificou". Elas crêem que Deus as vivificou mediante o Espírito, colocou vida nova nelas, capacitou-as a verem a verdade como esta é em Cristo Jesus, e a crerem nela.

Ademais, Paulo nos diz que elas são pessoas que estão unidas a Cristo. Foram vivificadas "juntamente com Cristo", foram ressuscitadas "juntamente com ele", e foram levadas a "assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (versículos 4-7). E, com o fim de esclarecer a questão além de toda dúvida, ele continua,

dizendo: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas" (versículos 8-10).

Aqueles que o apóstolo está exortando a "guardar" esta unidade da fé são, por assim dizer, os que compreenderam que foram "regenerados", que são "feitura" de Deus. Eles são o que são como resultado do que Deus fez a eles e neles.

Mas nem aí ele deixa o assunto. Em 2:13-16 ele lembra a estes cristãos efésios que eles são os que compreenderam que todas as suas boas obras, todo o seu viver virtuoso, todas as suas atividades, a sua nacionalidade, a sua religião, e tudo o que eles tinham antes, são inteiramente inúteis, e que eles foram feitos cristãos e foram introduzidos nesta unidade que há na Igreja, inteiramente pela ação do Senhor Jesus Cristo, e particularmente pelo derramamento do Seu sangue na cruz: "Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derribando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades".

Estes, e somente estes, são os objetos da unidade da qual ele fala no capítulo 4. É assim que essas pessoas foram introduzidas na unidade. É inteiramente errado começar com a unidade como um conceito separado. É algo que resulta de tudo o que se passou antes. Como já assinalamos, a palavra "pois", em 4:1, aponta retrospectivamente para todas estas questões que são desenvolvidas com tantas minúcias no capítulo dois. Estas pessoas são aquelas que foram "compradas" para o reino e família de Deus ao preço do "precioso sangue de Cristo". Ninguém jamais poderá pertencer a esta família e participar em sua unidade, a menos que creia nisso.

O apóstolo prossegue, então, e afirma que é só por isso que podemos orar: "Porque por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito" (2:18). Há somente um meio por cujo intermédio qualquer homem pode orar, e esse é "por" (isto é, por intermédio do) Senhor Jesus Cristo "em um mesmo" (isto é, pelo Espírito Santo). O homem não pode ter acesso ao Pai, exceto "pelo sangue de Cristo". Hebreus 10:19 nos ensina a mesma coisa. É o ensino de todo o Novo Testamento: "Deus não ouve a pecadores" (João

9:31). É só pondo a confiança no sangue de Cristo, crendo que o Seu sangue foi derramado por nós e pelos nossos pecados, que "Aquele que não conheceu pecado (Deus) o fez pecado por nós" (2 Coríntios 5:21), e castigou nEle os nossos pecados, para que tenhamos acesso ao Pai. E é o Espírito Santo que nos capacita, à luz disso, a termos acesso ao Pai.

O apóstolo termina este capítulo dizendo que os que ele está exortando a continuarem nesta unidade são aqueles que, como resultado de tudo isso, agora são concidadãos e membros da família de Deus, e são estabelecidos juntos e são "edificados (juntos) sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas", o que significa sobre o ensino e doutrina dos apóstolos e dos profetas. E porque estão sobre este fundamento, tornaram-se "morada de Deus", que neles habita. Esse é um sumário do ensino do capítulo dois.

O capítulo três diz-nos como este grande plano e propósito de Deus fora revelado ao apóstolo e inclui a sua oração no sentido de que estes crentes efésios deviam aprofundar-se mais plenamente no entendimento disso tudo. É um capítulo glorioso. Não é essencial ao nosso presente propósito que o examinemos minuciosamente. A sua oração pelos efésios é para que eles, junto com todos os outros santos, sejam levados pelo Espírito a um entendimento ainda maior daquilo que Deus lhes tornou possível no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle.

Assim ele começa este capítulo quatro que estamos considerando. Essa é a vocação com que eles foram chamados, nada menos que isso. Não é simplesmente que um homem pensa que é cristão ou decide ser cristão. O cristão é um homem que foi chamado eficazmente pelo Espírito de Deus para esta posição e relação por crer na verdade que lhe foi apresentada. O apóstolo está interessado, como dissera em 1:18, em que o Espírito Santo ilumine "os olhos do entendimento" destas pessoas a fim de que elas cheguem a uma compreensão mais completa e mais profunda desta verdade maravilhosa.

4. A Unidade de Todos os que estão "Em Cristo"

Esse é, pois, o caráter das pessoas que são os objetos da unidade que o apóstolo agora passa a considerar. Ele está escrevendo a essas pessoas, e a ninguém mais. Qual é o apelo que lhes faz? Temo-lo nos versículos 2 e 3: "com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procuran-

do guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Diz ele que devemos mostrar "grande e ardente zelo". Para que fim? Não para produzir uma unidade, não para criar uma unidade, não para tentar chegar a uma unidade, mas para "guardar a unidade". De novo, é o mesmo ponto fundamental que notamos em nossa exposição da passagem de João, capítulo 17. A unidade já existe. É a unidade de todos os que creram na mensagem exposta nos capítulos 1 a 3. Como o nosso Senhor tinha profetizado em Sua oração registrada em João, capítulo 17, haveria pessoas que creriam na mensagem dos apóstolos que Ele estava enviando ao mundo. E aqui está um dos apóstolos escrevendo a efésios que tinham crido, que "receberam" aquela mensagem. E por isso eles estão neste corpo, eles são um com todos os outros que crêem na mesma mensagem; e a exortação é a que eles "guardem", preservem, esta unidade.

Essa é a maneira pela qual o Novo Testamento sempre a expressa. A unidade mesma é inevitável entre todos aqueles que foram vivificados pelo Espírito Santo, saindo da condição de mortos espirituais, e receberam nova vida em Cristo Jesus. Aquilo em que eles devem ser cuidadosos é que não permitam que coisa alguma a rompa ou que de alguma forma interfira nela. A ênfase recai inteiramente na palavra "guardar".

Para que isso fique bastante claro, o apóstolo nos lembra de novo que se trata da "unidade *do Espírito*". Noutras palavras, é uma unidade produzida pelo Espírito, e por Ele somente. O homem não consegue produzi-la, por mais que tente. Por causa da natureza desta unidade, porque é uma unidade espiritual, só pode ser trazida à existência como resultado da operação do Espírito Santo. O apóstolo regozija-se com este fato estonteante, que pessoas que outrora eram judeus e gentios, agora são um em Cristo Jesus. Não somente compartem a mesma vida; estão de acordo em sua doutrina. Crêem nas mesmas coisas, estão confiantes na mesma Pessoa e sabem que Ele as salvou a todas da mesma maneira. A parede de separação que estava no meio desapareceu. Os judeus não mais se orgulham de que são judeus e de que a eles fora dada a lei, ao passo que os gentios eram ignorantes e não estavam nessa posição única de serem o povo de Deus. Todas essas diferenças se foram, e eles são um, em vista do seu estado e condição de perdidos, da sua desesperança e desamparo. Eles estão unidos em sua comum confiança no Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, que os comprou pelo preço do Seu precioso sangue. Agora estão prontos para ouvir esta exortação que os concita a manterem com grande diligência, a preservarem e guardarem esta unidade à qual foram trazidos pela

operação do Espírito Santo de Deus.

5. A Natureza da Unidade Espiritual

Isso nos leva à nossa pergunta subseqüente: qual é, então, a natureza da unidade produzida pelo Espírito? A resposta é dada nos versículos 4 a 6: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos". Notem de novo a maneira exaltada pela qual a unidade é descrita. Esta não é apenas uma questão de amizade ou de companheirismo, de boa índole, ou do desejo de fazer o bem juntos. É, mais uma vez, algo que nos nos eleva aos domínios da Trindade santa e bendita – o Espírito, o Filho, o Pai! Sempre se deve conceber a unidade desta maneira exaltada, e nunca meramente em termos de companheirismo humano, ou cooperação, ou organização.

Observem que a expressão "um só" é utilizada sete vezes nestes três versículos. No começo do versículo 4 os tradutores da Versão Autorizada ("Authorized Version") (e Almeida) acrescentaram a palavra "Há". No original as palavras são, "procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Um só corpo...". O apóstolo o expressa toscamente porque a coisa está fora de discussão. Os tradutores acrescentaram acertadamente a palavra "Há" porque ajuda a salientar o fato. "Há um só corpo", e é este corpo que foi produzido pelo Espírito Santo. A unidade já está aí, diz o apóstolo. Temos que livrar-nos inteiramente da idéia de que os efésios estão sendo exortados a produzir ou a chegar a alguma coisa. "Há", diz ele; vocês já a estão desfrutando; tudo o que vocês têm que fazer é preservá-la!

A primeira coisa que nos é dita sobre a natureza desta unidade é que é a espécie de unidade que se vê num corpo físico. É evidente que é essa a analogia favorita do apóstolo neste contexto. Ele já a utilizara em 1:22 e 23. Fizera-nos lembrá-la de novo em 2:16. Vê-la-emos de novo em 4:16. Ele a desenvolve *in extenso** em Romanos, capítulo 12 e em 1 Coríntios, capítulo, 12.

Por que essa analogia é tão boa? Pela óbvia razão que ela salienta o caráter vital e orgânico da unidade. Não é apenas um agrupamento sem amarras, nem uma união mecânica ou externa. Toda a maravilha e mistério do corpo humano é que, embora consista de tantas

* Amplamente. Em latim no original. Nota do tradutor.

partes diferentes, todas com as suas diversas funções, são todas um só corpo; elas estão interligadas de maneira vital. Não é uma questão de dedos afixados nas mãos, mãos nos antebraços, etc. É tudo um só. Todas as partes se desenvolvem a partir de uma célula, por assim dizer, de um germe de vida original, e todas são extensões e manifestações desta. A unidade que há na Igreja é semelhante àquela e, gostemos ou não, temos que encarar este fato.

Paulo prossegue e compara esta unidade com a que caracteriza a vida da Trindade santa e bendita, a união mística entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. "Há um só corpo", diz ele, "e um só Espírito... um só Senhor... um só Deus e Pai de todos". Três em um, um em três. Essa é a espécie de unidade acerca da qual o apóstolo está falando, e ele agora passa a indicar mais minuciosamente o caráter da unidade em termos do papel desempenhado pelas três Pessoas em Sua produção.

(a) *"Um só Espírito como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação"*

É obra peculiar do Espírito "chamar-nos" para esta unidade. Ele o faz, é claro, convencendo-nos, vivificando-nos, capacitando-nos a crer. Ele vem para dentro de nós. Ele nos batiza no corpo de Cristo (1 Coríntios 12:13). Depois Ele ilumina o nosso entendimento e nos guia. Gozamos a Sua comunhão.

O apóstolo está particularmente interessado em acentuar o "chamamento" dos cristãos, os resultados deste chamado graças à obra realizada pelo Espírito Santo, e o caráter eficaz dessa obra. Ele faz isso em muitos lugares. Em 1 Coríntios, capítulo 2, por exemplo, ele nos diz que "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (versículo 14). Como, então, alguém crê? Diz ele: "Deus no-las revelou pelo seu Espírito" (versículo 10). E de novo: "nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (versículo 12). É o Espírito que realiza esta obra, e é uma obra eficaz. Ele faz a mesma coisa em cada um de nós, embora haja diferenças secundárias e sem importância nos pormenores. O resultado é que Ele produz uma identidade de crença e de perspectiva, e especialmente de esperança. Noutras palavras, estas pessoas estão olhando na mesma direção. Os versos de um hino resumem-no para nós:

Um o objetivo da jornada,
Uma a fé que jamais se cansa,
Uma a ardorosa aspiração,
Uma a esperança que Deus nos dá.

Uma a alegria de gloriar-nos
Na longe praia, eternal,
Onde um só Pai, o Onipotente,
Reina em amor por todo o sempre.

"Uma só esperança da vossa vocação"! Estas pessoas são os "estrangeiros e peregrinos" neste mundo. São novos homens com uma perspectiva inteiramente nova, e todos eles estão com os olhos postos no futuro, comtemplando o mesmo lar eterno. Eles têm "uma só esperança da sua vocação", a bendita esperança da vinda do nosso Senhor, do juízo final do pecado e do mal, do estabelecimento do Seu reino eterno, e do reinado deles com o Senhor na glória sempiterna. "Um só Espírito"! A única obra do único Espírito é que ela sempre leva a "uma só esperança da vossa vocação".

(b) *"Um só Senhor, uma só fé, um só batismo"*

Primeiro devemos salientar o fato de que há somente "um Senhor". Esta era a essência mesma da pregação apostólica. Pedro a expôs inequívoca e ousadamente quando ele e João foram acusados perante as autoridades. "E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12). Não há outro! Não há nenhum segundo! Não se pode pôr ninguém ao lado dEle. Ele é absolutamente único. Ele não é apenas um homem, um mestre, um profeta. É o Filho de Deus! É o Senhor da glória que assumiu pessoalmente a natureza humana! "Um só Senhor – Jesus Cristo", e não há outro. Paulo o expressa assim, numa memorável declaração: "Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por Ele" (1 Coríntios 8:5-6). Ele expressa a mesma verdade outra vez em 1 Timóteo 2:5: "Há um só Deus, e um só Mediador" – unicamente um – "entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem".

Pois bem, na questão da unidade cristã isto é essencial. A unidade é a unidade daqueles que crêem que só há "um Senhor", e que Ele é tão perfeito, e a Sua obra é tão perfeita, que Ele não precisa de nenhuma assistência. Não existe nenhuma co-redentora, como os católicos romanos dizem que a virgem Maria é. Não há necessidade de nenhum assistente. O cristão não precisa da supererrogação dos santos, e não precisa orar a eles. Há somente um Mediador, e Ele é suficiente. Ele é completo em Si e por Si, e não se deve acrescentar-Lhe nada, nem a Ele, nem à Sua obra perfeita e consumada. A única unidade que o Novo Testamento conhece é a de pessoas que crêem nesta verdade. Esta é uma parte essencial da definição de unidade. Olhemos para este único Senhor, e a ninguém mais senão Ele. Ele é o primeiro e o último, o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim; Ele é tudo, e está em tudo. "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (2 Coríntios 10:17). "Um só Senhor"!

Paulo nos lembra também que há "uma só fé". Que é que significa isso? Isso é mais difícil. Há os que dizem que é uma referência à nossa fé subjetiva, à nossa crença ou à qualidade da nossa fé. Isso está incluído, eu creio; mas me parece que está muito aquém da real ênfase do apóstolo neste ponto. Há certamente um elemento objetivo aqui. Será que sgnifica que devemos subscrever alguma plena e completa confissão de fé ou um credo em especial? Não pode ser isso, porque sempre houve diferenças nessas confissões em certos pontos e com respeito a certos pormenores. É a isso que chegamos eventualmente, como ele o assinala no versículo 13. Todavia aqui ele diz que já existe esta "uma só fé".

Que é esta uma só fé? Parece-me que há somente uma resposta para a pergunta. É a grande e essencial mensagem do Novo Testamento concernente à fé justificadora. Essa é exposta perfeitamente pelo mesmo apóstolo com as palavras: "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: mas o justo viverá da fé" (VA: "pela fé"). Esse era o cerne da pregação apostólica, que é pela fé em que o homem é justificado, não pelas obras da lei, nem por nenhuma justiça dele próprio.

Temos uma clássica exposição disso em Romanos, capítulo 3. Depois de nos fazer lembrar que, como cristãos, estamos numa nova posição, com as palavras, "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus" (versículo 21), Paulo prossegue e diz: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em

Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. Concluímos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei" (versículo 24-28).

Essa é a grande mensagem central do evangelho. É por meio desta fé no Senhor Jesus Cristo e em Sua obra que somos justificados. Esse é o sentido desta "uma só fé". Ela constitui, por certo, toda a argumentação da Epístola aos Gálatas. Este é o evangelho, e não há outro, diz o apóstolo. E o evangelho é que Deus justifica o ímpio que crê em Jesus. Esta "uma só fé" é algo que é posto em oposição a todos os outros ensinos referentes ao caminho da salvação. É esta "uma só fé" contra a "regeneração batismal". É esta "uma só fé" contra a "graça transmissível". Ela se opõe a todas as idéias de que podemos justificar-nos por obras ou ações, nossas ou de outros. É o ensino segundo o qual só Cristo salva, e nos tornamos participantes desta salvação pela fé. Portanto, temos "um só Senhor, uma só fé".

Isto nos leva à frase: "um só batismo". Aqui de novo está uma coisa que devemos examinar cuidadosamente. Lembro-me de haver lido um comentário sobre este "um só batismo" num semanário cristão. O escritor contentou-se em despachá-lo com as palavras: "Claro, isto significa o batismo de água por imersão". Mas, certamente, em todo o contexto não se pode considerar isso como simples referência ao modo do batismo.

Vocês notam que isso está sob este título: "um só Senhor". Qual o significado disso? Ele é o único Senhor em que cremos pela fé, e por quem somos salvos pela fé. No entanto, além disso, temos que compreender que estamos incorporados nEle. Esse é o tema do apóstolo neste ponto. Ele estivera falando sobre "um só corpo", e no versículo 15 nos dirá que Cristo é a cabeça deste "um só corpo". Portanto, a interpretação óbvia deste "um só batismo" é que é uma referência ao nosso batismo em Cristo. Não meramente um batismo em Seu nome, porque isso de novo nos chama a atenção para o ato físico de batizar, ao passo que aqui o apóstolo está mais preocupado com a questão da união mística simbolizada por esse ato. Parece-me, pois, que esta é uma referência ao fato de sermos batizados no Senhor Jesus Cristo. Estou sugerindo, noutras palavras, que é apenas outra maneira de expressar o que o apóstolo diz em 1 Coríntios 12:13. Ali está ele falando sobre o "um só corpo", como

aqui em Efésios, capítulo 4, e eis como o coloca: "Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito".

A unidade que temos que "guardar" é unidade no "um só Senhor". A fé é o instrumento que nos direciona para Ele; porém, além disso, somos incorporados nEle, somos batizados nEle, estamos "em Cristo". É exatamente a mesma idéia que encontramos no capítulo dois, onde Paulo declara que tudo o que nos acontece, acontece graças à nossa união com Cristo: vivificados com Ele, ressuscitados com Ele, assentados com Ele nos lugares celestiais. É exatamente o mesmo ensino que se acha em Romanos 6:3-5: "Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição". Este é o grande e exaltado ensino acerca da união do crente com o Senhor Jesus Cristo. Ou, como é expresso em Romanos, capítulo 5, nós, que estávamos "em Adão", agora estamos "em Cristo", e recebemos todos os benefícios da Sua Pessoa e da Sua obra. "Um só Senhor, uma só fé, um só batismo."

(c) *"Um só Deus e Pai de todos"*

A terceira grande asserção é esta gloriosa declaração acerca do Pai: "Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos" (VA: "em todos vós"). Este é o fim e a verdade culminante em matéria de salvação. Não nos detemos no Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele veio e morreu, como no-lo recorda Pedro, para "levar-nos a Deus" (1 Pedro 3:18). Aqui chegamos à origem fundamental de toda a união, Deus, o Deus único, que criou todas as coisas, por quem todas as coisas são preservadas, o Deus que planejou esta grande salvação e que enviou Seu Filho. Nós somos "Seu povo". Todos vamos a Ele juntos, e O adoramos como "nosso Pai". "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). O conhecimento de Deus! Essa é a meta suprema, o *summum bonum.** Há somente um Deus, há

* O sumo bem. Em latim no original. Nota do tradutor.

somente um conhecimento, e nós O conhecemos como "nosso Pai".

"Não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo" (ou "com Cristo") (Romanos 8:15-17). É isso que nos faz um. Somos "filhos" do mesmo Pai. Sabemos que Ele tem uma grande herança preparada para nós. E a unidade que impera entre nós é a unidade dos que são "co-herdeiros com Cristo", que estão aguardando a consumação final e a sua entrada à presença de Deus. "Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8). Ele está acima de todos, e "é sobre todos, e por todos e em todos".

É esse o relato que o apóstolo faz da natureza desta unidade, e sua posição é que, naturalmente, não haverá unidade se não concordarmos acerca destas coisas e se não estivermos participando delas. O ensino de Paulo aqui é exatamente o mesmo que encontramos no ensino do nosso Senhor em João, capítulo 17. A unidade não é algo que existe por si, ou da qual se pode falar isoladamente. É sempre conseqüência da nossa fé e aceitação desta grande e gloriosa doutrina de Deus que nos deu em Seu Filho o caminho da salvação e que no-la comunica mediante a operação do Espírito Santo. Essa é a base e a natureza da unidade cristã. Jamais se deve pensar nela, exceto em termos deste grandioso substrato, desta doutrina essencial.

6. Dons de Deus à Igreja

Vimos na análise da passagem completa que nos versículos 7 a 12 o apóstolo ensina que Deus designou certos meios para preservar e desenvolver esta unidade. Naturalmente, isso é de grande importância, porém como o nosso presente objetivo é limitado, não podemos investigá-lo minuciosamente. É maravilhoso compreender que, embora sejamos todos um no sentido fundamental do qual vimos falando, não somos idênticos. "A graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo." Há diversidade nesta grande unidade, como é ilustrado, naturalmente, pela analogia do corpo a que Paulo já fizera referência e da qual ele trata com mais pormenores nos versículos 15 e 16.

Nos versículos 8, 9 e 10 o apóstolo se afasta para indicar como

o Senhor está em condições de poder dar estes dons segundo a medida da Sua graça. Ele se regozija nAquele que subiu ao alto e recebeu dons que Ele pode dar aos homens. Quem é este? É Aquele "que tinnha descido às partes mais baixas da terra". Toda a maravilha e milagre da encarnação é essencial a esta doação de dons. Foi Ele que veio da glória, que Se humilhou, e veio "fazendo-se semelhante aos homens", e veio "na semelhança da carne pecaminosa", tornou-Se servo, desceu à terra e viveu a nossa vida e morreu a nossa morte. Este é "o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas". É Ele que agora dispensa estes dons.

Por que Ele dá estes dons? Pelo amor e pelo bem do Seu povo. "E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores" (ou "mestres"). Para quê? São para benefício da Igreja. Ele planejou a Igreja e a trouxe à existência, e Ele proveu a Igreja desses ofícios e oficiais para "o aperfeiçoamento dos santos". E para que nós, que nos tornamos crentes, que estamos neste "um só corpo" e compartimos esta gloriosa unidade, recebamos instrução e treinamento.

Os versículos 13 a 16 tratam do assunto para o qual estamos sendo treinados. Aqui vamos ver o que descrevi antes como a meta final: "Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo". E então, negativamente: "Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente. Antes, seguindo a verdade em caridade (ou "amor"), cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor".

7. O Âmago do Problema

É neste ponto que chegamos ao âmago e ao centro do erro moderno e comum. A idéia popular é que, havendo-nos decidido a manter comunhão juntos, embora possamos discordar fundamentalmente na doutrina, reunindo-nos, sendo bondosos e amigáveis uns para com os outros, trabalhando e evangelizando juntos, e orando juntos, podemos esperar chegar finalmente a um acordo, mesmo sobre doutrina. É claro que não devemos começar com doutrina porque, conforme o lema aceito, "a doutrina sempre

divide". E o que se alega é que os versículos que estamos estudando ensinam isso. O nosso objetivo é mostrar que o ensino aqui é realmente o exato oposto disso.

(a) *A unidade e a fé em Efésios 4*

Notem que no vesículo 13 o apóstolo diz "todos (nós)". "Até que todos (nós) cheguemos...". Ora, isto se refere às mesmas pessoas já definidas, aquelas que creram e receberam "o evangelho da salvação". "Todos nós" somos as pessoas referidas em 1:12 e 13, os judeus que receberam a mensagem e creram nela; os gentios que fizeram a mesma coisa. Noutras palavras, são as pessoas que já aceitaram a doutrina. Diz ele: "Até que todos cheguemos à unidade da fé". A Nova Bíblia Inglesa diz aqui, "a unidade inerente à nossa fé", e certamente isso está correto. Sem dúvida, não se pode ter a unidade sem a fé.

A pergunta que surge é: isso autorizaria o atual desacordo sobre doutrina? Isso daria margem a esperar-se um acordo final como resultado da nossa comunhão uns com os outros? O próprio apóstolo responde a pergunta dizendo-nos que o de que ele está tratando é o "aperfeiçoamento" de algo que já existe. Ele não está ensinando que vamos "chegar" a uma coisa antes inexistente. O que ele está dizendo é que o que já existe vai crescer e desenvolver-se e, finalmente, será aperfeiçoado. Eu argumento assim porque ele diz no versículo 12 que o objetivo da dádiva de apóstolos, profetas, evangelistas e pastores e mestres é "o aperfeiçoamento dos santos", para que eles sejam úteis para o ministério, para a edificação do corpo de Cristo.

Esta interpretação pode ser comprovada melhor. Paulo diz: "Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus". Ora, traduzir a palavra no original usada pelo apóstolo pela palavra "conhecimento" é completamente impróprio. O que o apóstolo escreveu foi *epignosis*, que significa "pleno conhecimento". Noutras palavras, nós já temos conhecimento, todavia a função dos oficiais da Igreja é levar-nos ao *"pleno* conhecimento". De igual modo já temos fé, e cremos no valor da fé. O de que precisamos é a "plena" perfeição disso. Ele não está visualizando um agrupamento de pessoas que divirgem quanto à doutrina básica, mas que, graças ao fato de se reunirem e de manterem comunhão, podem finalmente chegar à mesma doutrina básica. Isso é inteiramente alheio ao que o apóstolo está dizendo. Ele está escrevendo aos que já são um em sua doutrina, e já são um em seu conhecimento

do Senhor Jesus Cristo; entretanto isso não está perfeito, ou não está plenamente desenvolvido, até agora.

Pois bem, isso, ao que me parece, é a chave para o entendimento desta passagem. Se houvesse alguma dúvida sobre isso, ele a esclarece uma vez por todas pelo uso que faz do elemento negativo no versículo 14: "Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente". O seu desejo é que os seus leitores se tornem adultos, que não permaneçam crianças. Certamente isso coloca a questão inteiramente fora de contestação. Mesmo como "meninos", incompletos, não plenamente desenvolvidos, eles "são um". São como uma bolota em relação a um carvalho totalmente desenvolvido. No momento em que captarmos isso, veremos que o uso popular e corrente desta passagem falseia inteiramente o ensino do apóstolo. Ele não está tentando ou procurando produzir acordo; o seu interesse é que o entendimento, o acordo, o conhecimento e a fé que eles já têm cresçam e se desenvolvam rumo a sua completação e plenitude finais.

(b) *O ensino do Novo Testamento sobre a maturidade*

Este é um ensino que se acha muito freqüentemente no Novo Testamento. O apóstolo Pedro dá-se conta de que precisamos "crescer na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pedro 3:18), mas antes de podermos crescer, temos que nascer. Só uma criança viva pode crescer. Não pode haver crescimento onde não há vida. A própria noção de crescimento, desenvolvimento e perfeição pressupõe uma vida já existente. Exatamente o mesmo argumento é usado por Paulo no começo de 1 Coríntios, capítulo 3. Ele se queixa de que os coríntios ainda são crianças, de que não pode escrever-lhes como a homens porque ainda não estão em condições de recebê-lo. Contudo, lembrem-se, eles já são cristãos, "chamados santos"; eles nasceram de novo, eles crêem em "Jesus Cristo, e este crucificado". Já estão firmados num só e único alicerce; mas isso não significa que estão completos. Precisam ser ensinados. Este conhecimento precisa desenvolver-se e crescer; há aspectos disso que eles ainda não entenderam.

No fim de Hebreus, capítulo 5, o autor faz a mesma queixa acerca dos seus leitores, de que não pode alimentá-los com "mantimento sólido", mas só lhes pode dar "leite". Ele gostaria de falar-lhes da maravilhosa doutrina de Cristo como Melquisedeque,

porém não pode. Contudo, a vida está ali: eles creram na verdade, eles se apegaram aos "primeiros rudimentos", aos princípios elementares do evangelho de Cristo. A preocupação do escritor é que eles venham a "recair" por darem crédido a falsos mestres. Ao mesmo tempo, ele quer que eles prossigam "até a perfeição".

Igual pensamento é expresso em 1 Coríntios 13:12: "Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido". O fato de que agora vemos obscuramente não significa que não vemos nada ou que não vemos algumas coisas claramente. Essa declaração de modo algum permite ou favorece desacordo entre os cristãos quanto aos pontos fudamentais do cristianismo. Não. O que Paulo está dizendo é que todos nós que concordamos nestas coisas, agora só estamos vendo a realidade gloriosa como num espelho, obscuramente, todavia então a veremos face a face, em sua plenitude; então conheceremos como agora somos conhecidos.

Essa é precisamente a idéia que temos aqui. De todas essas ilustrações e passagens paralelas vemos que o apóstolo está interessado no *desenvolvimento* daquilo que já existe, e não em chegar a algo até então inexistente. Não há dúvida sobre isso. O alicerce está sempre aí, e tem que estar, isto é, "Jesus Cristo, e ele crucificado" (1 Coríntios 2:2). Esse é "o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Efésios 2:20), o ensino fundamental deles.

Talvez a exposição mais clara do ponto que o apóstolo está defendendo aqui, ache-se em Filipenses 3:10, onde ele diz que o seu maior desejo é "conhêce-lo". Ele quer dizer com isso que absolutamente não O conhecia, e que está esperando obter conhecimento de Cristo? Claro que não! Eis o que ele está dizendo: eu O conheço, mas quero conhecê-lO muito mais. Quero ter um conhecimento mais profundo. Ele anseia por um "aumento" e pelo aperfeiçoamento do conhecimento que já tem.

Para colocar a questão de maneira final e além de toda discussão, podemos voltar à declaração parodoxal de Filipenses 3:12-15. Paulo começa: "Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito"; e depois continua: "Pelo que, todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo" (versículo 15). Que é que ele quer dizer? Não há real contradição, naturalmente. O que ele quer dizer é que todos os cristãos verdadeiros já têm o conhecimento essencial à salvação e são perfeitos, nesse sentido. Por isso ele diz: "Pelo que, todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo". Então ele prossegue e diz: "Se sentis alguma coisa doutra maneira, também

Deus vo-lo revelará". Ainda há aspectos da fé e da verdade que continuamos sem conhecer; eles nos serão revelados. Com relação à fé que temos e à nossa posição atual sobre o alicerce, Cristo Jesus, há, portanto, um sentido em que já somos perfeitos. No entanto também temos que prosseguir, rumo à perfeição. Ainda não chegamos, ainda não a temos "alcançado" (versículo 12). Agora estamos crescendo no conhecimento que temos. Agora estamos caminhando para ele. É porque já estamos nele que podemos crescer e desenvolver-se nele e por meio dele.

O apóstolo Pedro ensina a mesma coisa: "Desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional não falsificado (VA: "o genuíno leite da palavra"), para que por ele vades crescendo; se é que já provastes que o Senhor é benigno" (1 Pedro 2:2-3). É às pessoas que provaram "que o Senhor é benigno" que ele escreve, mas ela têm que ir bebendo o "leite da palavra" para poderem crescer "por ele".

Em todos esses casos, a suposição básica, como o contexto o demonstra, é justamente o oposto da idéia moderna de uma livre associação de pessoas, em desacordo quanto aos princípios elementares da fé cristã, porém esperando chegar a um acordo por meio da comunhão umas com as outras.

8. Os Perigos da Falsa Doutrina

Havendo estabelecido claramente a harmonia da nossa interpretação da passagem de Efésios com outros ensinos do Novo Testamento sobre o crescimento e desenvolvimento cristão, retornamos agora ao versículo 14, que também é muito importante doutra maneira. Paulo concita os seus leitores a que não sejam mais "meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina". Isto pressupõe justamente essa fé, crença e conhecimento essencial, mesmo no cristão mais novo e menos desenvolvido, como estivemos considerando. Doutro modo, como poderiam estes cristãos novos ser exortados a evitarem o ensino falso e a odiá-lo? Se eles não tivessem conhecimento do ensino verdadeiro pelo qual testar e examinar tudo mais, aquela exortação seria fútil.

Devemos examinar isto mais de perto, visto que é pertinente à questão geral da unidade como esta nos vem sendo apresentada. Diz o apóstolo que devemos deixar de ser "meninos". É interessante notar o que ele diz acerca das crianças. Quais são as suas características? Elas são instáveis, volúveis, indoutas. Gostam de novidade, não gostam de trabalhar, gostam de brincar. Não gostam

de ser levadas a pensar e a raciocinar; gostam de entretenimento e de agitação. Infelizmente, as crianças são muito predispostas a espetáculos e ao ilusório e aberrante. Estas são as suas características óbvias. Entretanto, acima de tudo, são tendentes a deixar-se enganar pelo que é falso. São de fato tendentes, por sua própria natureza, a ser levadas "em roda por todo o vento de doutrina" porque o seu entendimento não está plenamente desenvolvido. São "meninos" (ou "crianças"); têm a vida essencial, mas precisam desenvolver-se, crescer, aperfeiçoar-se, para que possam reconhecer o que é falso e guardar-se disso mais eficazmente.

Então, quais são as características do falso ensino? Como é importante, nestes dias em que mal se reconhecem quaisquer padrões, observar a minuciosa instrução que o apóstolo dá sobre isso. "Engano dos homens" é uma referência ao jogo de dados, uma referência a falsidade, trapaça e logro. "Com astúcia enganam fraudulosamente" explica-se por si; descreve o homem matreiro, o homem ladino, o homem esperto, o homem astuto. Diz Paulo que eles "ficam à espera" (VA); o quadro verbal é de alguém que está seguindo outro, no encalço de outro, como o animal selvagem segue o rastro da sua presa. Diz ele que há um elemento de planejamento deliberado, de sistema, neste falso ensino. Não é algo feito ao acaso; é organizado e planejado; é armado, como se armam armadilhas ou como o animal predatório planeja matreiramente o seu método de procedimento. O apóstolo resume tudo em Efésios, capítulo 6, utilizando a expressão "astutas ciladas" – "as astutas ciladas do diabo" (versículo 11).

A que se refere ele? Ele está falando de impostura, simulação e desonestidade. Mas que é que isso tem a ver com a vida da Igreja Cristã? Pode-se apresentar muitos exemplos. Pode-se pensar em professores de teologia dizendo aos seus alunos: "Ora, esta é a real verdade nesta questão, conforme as descobertas dos especialistas; mas não a preguem ainda, o povo não está em condições de recebê-la. Vocês devem introduzi-la cuidadosamente e devagar". Isso aconteceu muitas vezes durante os cem anos passados. Pode-se pensar também na prática do uso de palavras como "Salvador" e "salvação", esvaziadas, porém, do seu significado. Há também o homem que faz o juramento de subscrição da constituição de uma igreja ou que aceita a sua base confessional, contudo, no processo, faz reservas mentais. Isso não seria agir com "engano" e "astúcia"? Ele parece estar fazendo um juramento, todavia tem as suas reservas. Ou se pode aplicar isso à emissão de um documento, mas permitindo tal liberdade de interpretação que os que o subscrevem

podem ter crenças que contradizem completamente o que o documento ensina. Pode até chegar a ser ortodoxo no papel, com o uso deliberado de frases que dão a impressão de ortodoxia, no entanto, ao mesmo tempo, dando um sentido e significado privado às frases utilizadas.

O apóstolo adverte estes efésios de que eles irão ser confrontados por esse tipo de coisa, de que surgirão mestres que serão traiçoeiros, atraentes, bons, insinuantes e alegres, e que darão a impressão de que são cristãos, e não são! Isso é enganoso, é enganar "com astúcia", isso lembra as táticas dos animais predatórios. A pessoa faz isso deliberadamente para atender os seus próprios interesses.

O argumento do apóstolo é que, se devemos manter a unidade da Igreja, devemos estar cientes desse tipo de coisa e devemos evitar isso como evitamos a peste. Portanto, essa declaração é muito importante para nós atualmente. Ele está preocupado com aqueles cristãos recém-convertidos que "receberam" a verdade, "creram" nela e a subscreveram. Está preocupado com eles, que não sejam seduzidos, que não sejam levados a desviar-se por algum ensino especioso* e pérfido que se mascara com o nome de cristianismo, entretanto não passa de mentira e estratagema do próprio satanás.

9. Verdade e Amor

No versículo 14 Paulo nos dá o aspecto negativo. No versículo seguinte temos e seu ensino positivo: "Seguindo a verdade em caridade (VA: "Falando a verdade em amor..."), cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo". Aí está de novo um texto muito citado, mas infelizmente nem sempre citado com exatidão. Muitas vezes a ênfase é colocada inteiramente no "amor", e nenhuma na "verdade". De fato, às vezes a situação é tal, que quase nos dizem que não se pode ter os dois juntos, e que o problema com os evangélicos é que se preocupam tanto com a verdade que se esquecem do elemento amor. Sejamos sinceros e admitamos que às vezes a acusação pode ser verdadeira, porém acrescentemos que esse pecado não está num lado só. Todos falhamos nesta questão de amor e caridade.

O que o apóstolo está dizendo não é que devemos evitar a

---

* Vem muito a propósito a seguinte sentença do romancista português Almeida Garrett: "Homens desvairados pelas especiosas doutrinas do século", *apud* Caldas Aulete. Nota do tradutor.

doutrina, ou diminuir a doutrina, ou suprimir a doutrina no interesse do amor. O que ele está dizendo é que devemos "falar" ou "seguir a verdade em amor". De fato, não é apenas "falar a verdade"; o que ele realmente diz é muito mais forte. Alguns dizem que a tradução deveria ser "verdadejando", que a totalidade da nossa vida seja em termos da verdade. (Cf. Almeida: "Seguindo a verdade".) Devemos ter a verdade, devemos manter a verdade, devemos andar na verdade, falar a verdade: "Verdadejando em amor".

Noutras palavras, não se pode amar verdadeiramente, senão em termos da verdade. Demos ênfase às duas palavras. O apóstolo não nos está dizendo apenas que devemos ser bondosos, afáveis e amistosos, e que, no interesse da comunhão, devemos estar dispostos a acomodar a verdade, ou até sumprimi-la. Não! Se você ama verdadeiramente uma pessoa, você quer que ela conheça a verdade, porque somente esta pode salvá-la. Mas, ao mesmo tempo, Paulo nos adverte do perigo de tornar-nos sectários, meros homens de facção.

A verdade deve ser sustentada com amor, deve ser apresentada com amor. Não devemos ser meramente negativos ou críticos, nem devemos estar interessados somente em vencer numa argumentação. Portanto, vamos dar plena ênfase aos dois aspectos mencionados pelo apóstolo. A insistência dele não é em que nos juntemos para uma "busca da verdade"; ele não está falando de pesquisa sobre a verdade. Ele nos diz que nos apeguemos à verdade que temos, e que a apresentemos e a manifestemos na totalidade da nossa vida, especialmente em nosso falar, de maneira amorosa.

Dito diferentemente, devemos lutar sempre pela verdade com bom espírito. Não com espírito sectário, e sim com um compassivo desejo de que os homens e as mulheres venham a conhecer este glorioso Deus, "o qual é sobre todos", este "um só Senhor" que nos comprou ao preço do Seu precioso sangue, e as misericordiosas operações do Espírito Santo e a Sua comunhão. E se mantivermos essa doutrina fielmente, com toda a certeza isso bastará para compelir-nos a pregar e a apresentar essa verdade com o referido espírito de amor.

Permitam-me tentar resumir o ensino do apóstolo neste capítulo. A única unidade de que fala esta passagem, já é uma unidade espiritual que depois se expressa exteriormente. Certas coisas são essenciais a ela. Primeiro e acima de tudo, uma experiência espiritual fundamental de regeneração ou novo nascimento produzido pelo Espírito Santo. Nunca se considera a unidade, exceto em termos

desta "nova natureza" e desta "nova vida", que sempre se expressam na fé em certas verdades fundamentais: a "palavra" ou as "palavras" de que fala o nosso Senhor em João, capítulo 17; o "ensino" ou a "doutrina" de que fala o apóstolo em Efésios.

Quais são essas verdades? Que o homem está perdido e desamparado por causa do pecado e da Queda. Que o Senhor Jesus Cristo, que é o Filho de Deus, salva-nos por Sua vida perfeita e perfeita obediência à lei e por Sua morte, o que foi resultado de levar Ele a nossa culpa e o respectivo castigo exigido pela lei de Deus. Essa salvação torna-se nossa unicamente pela fé; é sem quaisquer obras ou qualquer mérito existente em nós, e somente como resultado do fato de Deus chamar-nos eficazmente pelo Seu Espírito. Essa é a fé sem a qual não há unidade.

Agora, isto não é a totalidade ou a plenitude da verdade; muitos mais nos resta para captar e aprender. Doutro modo, estas Epístolas do Novo Testamento jamais teriam sido escritas. O bebê recém-nascido não tem pleno entendimento; precisa crescer, precisa receber instrução, precisa ser advertido e vigiado. Daí, de novo, as Epístolas do Novo Testamento, e daí os ofícios designados para a Igreja. Há muitas coisas acerca das quais este bebê pode até estar errado por um tempo, ou de algum modo ficar embaralhado e confuso em sua compreensão delas. Torno a salientar que ele possui a verdade essencial, sem a qual não há salvação; mas, tendo isso, ele pode estar com a mente obscura quanto a muitas outras questões. Por exemplo, ele pode ser calvinista ou arminiano em sua maneira de entender o que podemos chamar a mecânica da salvação; isso, porém, não significa que ele não tem a verdade essencial. Ele pode não saber nada sobre a doutrina da perseverança final dos santos; pode faltar-lhe muito em seu entendimento da doutrina da união do crente com Cristo; pode estar muito confuso acerca de grande parte do ensino profético, e inseguro quanto a alguns aspectos da ordenança do batismo e da gloriosa esperança. Contudo, embora tudo isso seja certo a seu respeito, ele, não obstante, é uma "criança", nasceu de novo, do Espírito. Ele recebeu esta mensagem fundamental de salvação, o único caminho da salvação, mediante o Senhor Jesus Cristo e Sua obra. Ele precisa crescer em seu entendimento das muitas coisas que no presente ignora, mas essas questões não são essenciais à salvação. Elas fazem parte deste aperfeiçoar-se, deste pleno conhecimento a que chegaremos somente quando estivermos na glória.

O que eu afirmo é que o ensino do Novo Testamento é muito claro sobre isso, que há um fundamento absoluto, um mínimo

irredutível, sem o qual o termo "cristão" não tem sentido, e sem subscrever o qual o homem não é cristão. Esse é "o fundamento dos apóstolos e dos profetas": a doutrina concernente a "Jesus Cristo, e este crucificado", e a justificação somente pela fé. As passagens que estudamos ensinam que fora disso não há isso de comunhão, nenhuma base para unidade.

Como é fácil dizer: bem, não importa quanto discordamos, oremos juntos. Mas surge logo a questão: como se ora? Um homem afirma que pode dirigir-se a Deus sempre que quiser, que só o que tem que fazer é relaxar, e já está ouvindo a Deus e falando com Deus. O outro afirma que só há um meio de adentrar "o santo dos santos", e esse é "pelo sangue de Jesus". Como podem esses homens orar *juntos*? A verdadeira comunhão na oração não é possível, a menos que saibamos claramente qual é o meio de acesso à presença de Deus. É por essa razão que isso é repetido tão constantemente no Novo Testamento. Por exemplo, Paulo diz em Romanos 5:1-2: "Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes". Sem Ele não temos acesso. Todavia, o outro homem alega que tem, que o homem pode orar a Deus sem o Senhor Jesus Cristo e sem a influência da obra do Espírito Santo. Que valor há em falar de unidade na oração, quando evidentemente, esta é impossível, a menos que estejamos de acordo sobre como orar?

Da mesma maneira, a idéia de que é possível evangelizarem juntos sem incluir doutrina é certamente o cúmulo da loucura. Quando se convidam homens para virem a Cristo, certas questões logo surgem, inevitavelmente: quem é Ele? Por que a pessoa deve vir a Ele? Como pode vir a Ele? Por que Ele é chamado o Salvador? Como Ele salva? Do quê Ele salva?

Noutras palavras, o ensino é que não há comunhão entre pessoas que não concordam acerca de um só Espírito, "um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus... o qual é sobre todos". Não há real comunhão e unidade num grupo de pessoas no qual alguns crêem na ira de Deus contra o pecado e que essa ira já "foi revelada do céu" (VA), e outros não somente não crêem na ira de Deus, porém também dizem que é quase blasfemo ensinar tal coisa, e que não podem crer num Deus capaz de irar-se. Comunhão só existe entre os que crêem, como resultado da operação do Espírito Santo, nestas verdades essenciais concernentes ao estado de perdição do homem, que todos nós somos "por natureza filhos da ira" (Efésios 2:3), e na ação de Deus em Cristo Jesus para a nossa salvação e

restauração. Não há comunhão entre pessoas que crêem nisso e aquelas que crêem noutra coisa, que elas podem chamar evangelho o qual, como Paulo diz aos gálatas, não é evangelho (Gálatas 1:6-7). Como é ridículo sugerir que pode haver comunhão e unidade entre os que crêem que estão salvos e têm acesso à presença de Deus unicamente porque, por Seu grande amor, Ele tornou Seu Filho "pecado por nós" (2 Coríntios 5:21) e não O poupou, "antes o entregou por todos nós" (Romanos 8:32), e os que crêem que a morte de Cristo foi uma grande tragédia, mas que Deus nos perdoa mesmo isso, e que, em última instância, nós nos salvamos por nossa obediência, nossas boas obras e nossa prática da religião! São essas as conclusões a que somos levados pelo nosso exame das duas passagens que são citadas tão freqüentemente hoje em dia. Estas se harmonizam inteiramente; dizem precisamente a mesma coisa. Contudo, passemos a examinar agora algumas evidências de apoio noutras partes do Novo Testamento. Logo veremos que esta não é uma ênfase isolada.

PARTE III: CORROBORAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

1. Causas da Falta de Unidade

O Novo Testamento ensina que há algumas coisas que rompem esta unidade. Quais são elas? Uma é que as pessoas, em vez de olharem para Cristo, tendem a formar facções em torno de homens e a dizer, como fizeram em Corinto: "Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas". A pergunta que Paulo faz a tais pessoas é: você foi batizado em algum destes? Ele responde lembrando-lhes que elas foram batizado unicamente em Cristo, e que Ele não pode ser dividido (1 Coríntios 1:10-16). No momento em que você tira os olhos dEle e olha para algum outro, já está causando distúrbio nesta unidade, e está ameaçando rompê-la.

Ainda mais importante é o ensino falso. Que é que este inclui? Entre outras coisas, filosofia, ou "a sabedoria deste mundo". Paulo temia, como nos diz em 1 Coríntios 1:17, que "a cruz de Cristo" se fizesse "vã" por meio da filosofia, fazendo dela uma noção e uma idéia em vez de crerem na cabal realidade do fato do que acontecera ali, que Deus O estava fazendo pecado por nós – "Àquele que não conheceu pecado, (Deus) o fez pecado por nós" (2 Coríntios 5:21), que Deus O estava ferindo com os açoites que nós merecemos. O apóstolo prevê o perigo de filosofar ou de tornar a cruz em nada

mais que um belo quadro. Diz ele que isso destrói completamente a unidade. A mesma idéia é ensinada em Colossenses, capítulo 2, onde ele previne que não substituam pela filosofia, por esta mesma sabedoria dos homens, os fatos relatados no evangelho e o verdadeiro significado desses fatos.

João diz a mesma coisa em sua Primeira Epístola quanto ao anticristo. Os anticristos que ele desmascarou eram aqueles que negavam a realidade da encarnação e da obra de Cristo. Alguns negavam que Ele tinha vindo realmente em corpo e diziam que Ele tinha apenas um corpo espectral, e assim por diante. Outros negavam a Sua deidade e O consideravam tão-somente como homem. São estas as coisas que causam divisão porque todas elas interferem na doutrina concernente a um só Espírito, um só Senhor, um só Pai, e tudo isso está envolvido no conteúdo da doutrina.

Outros causadores de divisão são os que retornam às "obras da lei". Era gente que, na Igreja Primitiva, dizia que é preciso circuncidar-se, que é preciso guardar a lei em acréscimo à fé em Cristo. Essa foi a heresia da qual Paulo teve que tratar em sua carta aos gálatas. É, igualmente, o tema da Epístola aos Hebreus. Aquelas pessoas não compreendiam como deviam que Cristo é supremo e absolutamente suficiente, e começaram a sentir saudade da velha religião judaica. Era esse tipo de gente que causava desunião. Estes judaizantes obviamente estavam na mente do apóstolo quando ele escreveu o capítulo três da Epístola aos Filipenses. Também os tinha em mente quando escreveu 1 Timóteo, capítulo 1. Estas pessoas sempre querem voltar para estarem debaixo da lei, e estão sempre prontas a confiar em "genealogias intermináveis" e noutras coisas para a sua salvação. O ensino do apóstolo é que tudo está bem com a lei quando ela realiza a obra que lhe compete, mas que ela nunca é meio de salvação. Nem a lei, nem anjos nem qualquer outro ser podem salvar. Só existe uma única mensagem de salvação: "Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores" (1 Timóteo 1:15). Sugerir qualquer outra coisa ou modificar isso, é causar divisão.

Depois, é claro, toda tentativa de acrescentar algo a Cristo e Sua obra tem o mesmo efeito. Não teria sido esse o principal ponto em discussão no concílio de Jerusalém relatado em Atos, capítulo 15? A decisão foi que não se devia pôr nenhum jugo da lei sobre os cristãos, que não se devia fazer nenhum acréscimo, que Cristo é suficiente. Trata-se da mesma coisa, de maneira diferente, em Colossenses, onde o apóstolo denuncia a menção de intermediários

porque não são necessários, como também todos os diversos anjos e hierarquias que se supunha que interferem entre o homem e Deus. Ele denuncia isso porque causa desunião. Por que e como? Porque interfere na fé e crença fundamental que faz de um homem um cristão.

O terceiro grupo de coisas que causam desunião é tudo o que exalta o ego e não a Cristo. Na Igreja Primitiva alguns gabavam-se dos seus dons espirituais. Mas eles recebem reprimenda porque, de novo, isso diminui a Cristo, afasta dEle os nosso olhos, e de toda a verdade como esta é em Cristo Jesus. Tudo o que tem esse efeito é sempre dilacerante. O ego leva a inveja, a rivalidade e a controvérsia, e assim Cristo é "dividido".

2. Pode-se Definir a Doutrina

Examinemos o assunto agora positivamente. Em toda parte o Novo Testamento insiste na doutrina verdadeira. Saliento isso porque, como vimos, a tendência geral hoje é desencorajar que se fale de doutrina e insistir em que trabalhemos juntos, oremos juntos e evangelizemos juntos, porque a "doutrina divide". A doutrina está sendo desacreditada no interesse de uma suposta unidade. O fato é, porém, que não existe unidade fora da verdade e da doutrina, e é a fuga disso que causa desunião e rompe a unidade.

A primeira coisa que o Novo Testamento acentua é que se pode definir doutrina. Não fora assim, Paulo jamais teria escrito a sua Epístola aos Romanos. Ele não pudera visitá-los, pelos que lhes escreve um sumário do seu ensino. É uma grande declaração doutrinária em que são expostas as doutrinas cardinais da justificação, da expiação, da união com Cristo, da segurança, da perseverança final dos santos, e assim por diante. Lembremo-nos de novo de 1 Coríntios 3:11: "Ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo". O apóstolo já o pusera: Jesus Cristo, e Ele crucificado; não há outro. Isso é um absoluto. Qual seria o propósito de 1 Coríntios, capítulo 15? Não seria dizer apenas que crer ou não crer na ressurreição literal e física não é um ponto imaterial ou sem importância? Diz o apóstolo que é tão importante que, se não tivesse acontecido, a verdade seria esta: "logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé... e ainda permaneceis nos vossos pecados" (versículo 14,17). Mas a tendência geral hoje é dizer que não importa se a pessoa crê na ressurreição literal e física, ou não. Diz o apóstolo que essa doutrina é um absoluto e que não há evangelho sem ela: "Ainda permaneceis nos vossos pecados"!

Vê-se o mesmo argumento em 2 Timóteo, capítulo 2. Talvez em nenhuma outra parte seja exposto mais claramente do que no capítulo primeiro da Epístola aos Gálatas. Ele se maravilha de que tão depressa abandonassem o evangelho que ele lhes pregara: "Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho. O qual não é outro..." (Gálatas 1:6-7). Como ele pode dizer isso, se não se pode definir o evangelho?

Todavia isso está muito longe da atitude moderna e do modo como o tema da unidade está sendo apresentado hoje. É-nos dito que a fé cristã não pode ser declarada em proposições, que é algo místico que não se pode analisar nem se pode colocar numa série de definições expondo o que é certo e o que é errado. Dizendo isso, essas pessoas não só estão indo contra a prática da Igreja dos primeiros séculos, quando ela traçou os seus credos e confissões de fé; também estão negando o ensino do próprio Novo Testamento, que sustenta que tanto se pode definir a verdade, que é possível dizer que um homem se desviou dela. Pois, como se pode dizer que um homem se desviou de uma coisa se não se sabe que coisa é essa? A pressuposição geral é que ela pode ser definida e descrita com exatidão. Não há nada tão interessante como contrastar os concílios ecumênicos dos primeiros séculos da era cristã com o Concílio Mundial de Igrejas atual. A grande preocupação daqueles concílios, era a doutrina: a definição da doutrina e a denúncia do erro e da heresia. A principal característica do movimento moderno é o indiferentismo doutrinário e a exaltação do espírito inclusivista e da cooperação prática.

Mas o apóstolo vai mais longe. Diz ele aos filipenses: "Sede também meus imitadores, irmãos" (Filipenses 3:17). Ele não hesita em fazer tal colocação. Ele os conclama a imitá-lo e a seguir o seu ensino e o seu exemplo. Segue-se isto ao que ele já dissera: "Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo" (versículo 16). Deviam pensar a mesma coisa, e deviam pregar e ensinar a mesma coisa. Em 2 Timóteo 2:8 ele fala sobre "meu evangelho". Ele o contrasta com "outros evangelhos". Ele não está dizendo o que eu lembro que li uma vez num sermão sobre este texto: "O importante é que você tenha uma experiência, que você possa dizer "meu evangelho". Naturalmente não pode ser o evangelho doutro homem, porém a coisa é, você pode dizer "meu evangelho?" Segundo essa interpretação, o importante é você ter uma experiência, é ser capaz de dizer que algo lhe aconteceu. A causa precisa da experiência foi considerada como sendo sem

importância. No entanto, certamente o apóstolo está ensinando exatamente o oposto disso. Ele está dizendo que o seu evangelho é o único evangelho verdadeiro, não porque era seu, ou pelo que ele tinha feito em seu favor, porém pelo que Deus tinha feito em Cristo. O contexto no qual ele faz a sua declaração é o do falso ensino. Diz ele: "Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos, segundo o meu evangelho". Havia outros mestres que diziam que "a ressurreição era já feita", e estavam arruinando "a fé de alguns" (versículo 18). Não lhes dêem ouvidos, diz ele. O evangelho que ele, Paulo, pregava era o único evangelho verdadeiro, e todo e qualquer ensino que o contradissesse era uma mentira.

Noutras palavras, ele não somente o define e diz que pode ser definido, mas também diz: é este, e todos os outros são errados. A mesma verdade emerge em Hebreus 4:14-16: "Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão" – a fé que temos concernente a Ele, "Jesus, Filho de Deus". O remédio para a infelicidade daqueles cristãos hebreus não era cultivar um vago e geral espírito de comunhão, era, sim, reter firmemente as doutrinas cardinais. Quais são elas? A doutrina da Pessoa de Cristo. A encarnação. Cristo como o nosso sumo sacerdote que ofereceu o Seu próprio sangue como expiação pelos pecados, como o escritor passa a explicar nos capítulos 7 a 10. Esse é o único meio pelo qual podemos entrar no "repouso" que Deus providenciou para o Seu povo. Temos que conhecer a doutrina e retê-la, e rejeitar todo falso ensino. É também o único meio pelo qual podemos chegar "com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno".

Em toda parte, no Novo Testamento, como vimos, há uma insistência na verdadeira doutrina em contrastante distinção da falsa doutrina. Isso só é possível porque a doutrina pode ser definida e estabelecida em termos e em proposições. Temos um padrão objetivo pelo qual podemos testar a nós mesmos e a outros.

3. O Falso Ensino Condenado

Isso fica mais claro ainda quando notamos a maneira pela qual o falso ensino é denunciado no Novo Testamento, e a linguagem empregada com relação aos falsos mestres. Observem, em particular, o modo como o nosso Senhor o faz. Pois todo o clima da opinião atual é completamente avesso a isso. Acho divertido notar, nas

resenhas de livros, que um ponto quase sempre salientado é se o escritor foi inteiramente positivo ou não. Nunca devemos ser negativos; nunca devemos criticar outros conceitos. Isso é considerado como sub-cristão. O que importa é o espírito. Portanto, jamais devemos criticar, e muito menos denunciar qualquer coisa. Os conceitos totalmente divergentes devem ser considerados como "percepções" valiosas que apontam na direção da verdade.

O fato é que, naturalmente, em nosso errôneo entendimento do Novo Testamento e do seu ensino, estamos exaltando uma espécie de gentileza e polidez, que não há como encontrar ali, nem mesmo no Senhor Jesus Cristo. Vejam, por exemplo, o que Ele diz em Mateus 7:15-27. Diz Ele que há falsos mestres que Ele só pode comparar com "lobos vestidos de ovelhas". Não se pode imaginar castigo mais severo. Ele Se refere a homens que negam a verdade, mas dão a impressão de que a pregam. Ele nos põe de sobreaviso contra eles. São "falsos profetas", "falsos mestres", pessoas que alegam que Lhe pertencem e que dizem: Senhor, Senhor, não temos feito isto, isso e aquilo em Teu nome? Ele responde que eles são mentirosos e que no grande dia do juízo Ele lhes dirá: "Nunca vos conheci"! Jamais Lhe pertenceram. Não se pode imaginar ensino mais forte que esse.

Ou vejam o que Ele ensina em Mateus 24:24-26. Ali Ele emite uma advertência muito importante para os Seus seguidores e para todos os cristãos através dos séculos: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: eis que ele está no deserto, não saiais: eis que ele está no interior da casa, não acrediteis". Aqui Ele nos adverte dos mestres falsos e enganosos. Mais uma vez, a linguagem é muito forte.

Já vimos a mesma coisa em Efésios, capítulo 4. Aí está este grande apóstolo, cheio do espírito de amor e, lembremo-nos, "falando a verdade em amor" (VA); mas, como vimos, a linguagem que ele emprega é, "que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia nos enganam fraudulosamente...". Isso é falar "a verdade em amor". Inclui denunciar esses falsos mestres na Igreja e mostrar claramente que espécie de gente eles são e que espécie de coisas eles fazem. Ele os descreve como animais predatórios que ficam à espera para "enganar". Falar a verdade em amor inclui uma clara exposição do erro e de tudo o que possa ser nocivo aos "bebês em Cristo".

O apóstolo utiliza linguagem ainda mais forte em seu discurso de despedida dos presbíteros da igreja de Éfeso: "Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue. Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho; e que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar com lágrimas a cada um de vós" (Atos 20:28-31). Essa é a linguagem! "Lobos"! "Lobos cruéis"! Em 2 Coríntios 11:13-15 ele os chama de "falsos apóstolos" parecidos com o diabo, que "se transfigura em anjo de luz". Em Gálatas 1:8 ele diz: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho... seja anátema", isto é, seja amaldiçoado.

Tudo isso vem sob o título, "falando a verdade em amor". Por que essa linguagem é abominada hoje, e é considerada como sub-cristã? Porque desapareceu a idéia da verdade como algo que se pode definir, e a estamos substituindo por uma flébil e sentimental idéia de unidade e comunhão. Em Filipenses 3:18-19 o apóstolo escreve: "Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo. Cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas". Essas pessoas estavam na Igreja e se apresentavam como mestres da verdade do evangelho, mas o apóstolo não hesita em denunciá-las como "inimigos da cruz de Cristo". Por quê? Porque estavam negando esta doutrina essencial nalgum ponto.

Devemos falar a verdade em amor acerca dessas pessoas para que os "meninos" na fé sejam protegidos da sua nefanda influência. Os termos empregados com relação a tais pessoas são extraordinários em sua força e em sua variedade. Ele fala de "filosofias e vãs sutilezas"; "tradição dos homens" (Colossenses 2:8); "clamores vãos e profanos" (1 Timóteo 6:20); palavras que "roem como gangrena (câncer)" (2Timóteo 2:17). O apóstolo Pedro fala em termos igualmente fortes de "fontes sem água" (2 Pedro 2:17). São os que parecem ter algo, porém na realidade não têm nada. O que há em seu evangelho? Qual é o seu conteúdo? Insistem em tagarelar sobre o amor; entretanto, de que amor falam? Onde está a sua salvação? Qual o sentido dos termos que empregam?

Observem também a linguagem usada por Judas. Examinem a

linguagem usada nas cartas às igrejas, em Apocalipse, capítulos 2 e 3. O Novo Testamento fala de pessoas levadas a extraviar-se pela "operação do erro" e de pessoas que acreditam na "mentira" (2 Tessalonicenses 2:11). Nele os falsos profetas são classificados como "cães", como pessoas que ensinam e proferem "heresias de perdição", cujos caminhos são perniciosos, pessoas "mentirosas". Ele se refere ao falso ensino como gangrena, como câncer que corrói os órgãos vitais. Esse é o ensino do Novo Testamento. Tudo isso, no entanto, é abominado hoje em dia, e é considerado como sendo uma completa negação do espírito de amor e de comunhão, de fato uma negação do espírito de Cristo.

Noutras palavras, este ensino moderno sobre a unidade afastou-se tanto do Novo Testamento que qualquer elemento polêmico presente na pregação e no ensino da verdade lhe causa aversão. Como digo, é-nos dito que jamais devemos ser negativos, que sempre devemos ser positivos. O homem admirado é o que diz: não sou polemista, sou simplesmente um pregador do evangelho! Alguns evangelistas e outros crentes conservadores são elogiados por aqueles que são muito liberais em sua teologia porque não "atacam" o liberalismo e o modernismo. É isso que é objeto de admiração. E o elemento polêmico é tido como uma negação do espírito cristão. Nunca devemos criticar; sempre devemos ser bondosos e afáveis. Concordo que sempre devemos ser bondosos e afáveis, que sempre devemos "falar a verdade em *amor*". Contudo, sempre devemos "falar a *verdade* em amor". Devemos, como o faz o Novo Testamento, "batalhar pela fé". Devemos expor o erro e denunciá-lo, em vez de só querer agradar os homens. O Novo Testamento está repleto desse ensino, como já provei.

Foi isso que se fez no tempo da Reforma. É isso que se faz sempre nos tempos de avivamento e renovação, porque em tais ocasiões há um retorno ao Novo Testamento. O erro é desmascarado, exposto e denunciado. Isso foi feito, igualmente, no tempo dos puritanos. Nestes dias em que a "gentileza", a "atitude amiga" e a "comunhão" são elevadas à posição suprema às custas da verdade, lembremos que a exortação dirigida aos mestres e aos crentes neotestamentários não foi que eles deviam estar prontos a concordar com qualquer coisa por amor da unidade e da comunhão. A exortação dirigida a eles em 1 Coríntios 16:13-14 é: "Vigiai, estai firmes na fé: portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos. Todas as vossas coisas sejam feitas com caridade (ou amor)". Devemos ser varonis, devemos ser fortes, devemos permanecer firmes na fé que temos. Devemos saber que temos um alicerce debaixo dos nossos

pés, e devemos saber o que ele é. Não devemos cavalgar nuvens; não devemos ficar no ar; devemos "estar firmes" num fundamento sólido, reconhecível, definível. Somos exortados a "batalhar energicamente pela fé" (VA) (Judas 3).

Em 2 João se nos diz que não devemos receber em casa, nem "saudar" a um falso mestre, e que fazê-lo é "ter parte nas suas más obras" (versículos 10-11). Em 2 Tessalonicenses 2:15 o apóstolo utiliza estas palavras: "Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa". Tradições ensinadas verbalmente e por escrito! Algo definível, algo concreto, algo claro, algo que é inconfundível. Isso foi escrito a pessoas como os tessalonicenses, a cristãos novos na fé. E por essa fé temos que batalhar energicamente, com toda as nossa forças, com todo o nosso poder.

Em Tito 3:10-11 o apóstolo resume tudo de novo numa declaração por demais importante: "Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o. Sabendo que esse tal está pervertido, e peca, estando já em si mesmo condenado". Não devemos ser "gentis" e "amistosos" com ele. Se ele persistir em ser um herege depois da primeira e da segunda admoestação, devemos rejeitá-lo. Ele é um perigo para a Igreja, e nós temos que excluí-lo. Esse é o claro e explícito ensino do Novo Testamento, em toda parte. Naturalmente, tudo isso é inteiramente inevitável, em vista da natureza da verdade concernente à salvação, e da natureza da unidade que impera na Igreja. Contudo, isso está muito longe do atual ensino popular que, não somente tolera a doutrina de homens que negam o claro ensino do Novo Testamento concernente à Pessoa e obra do nosso Senhor, mas até os exalta e os elogia como cristãos notáveis, dignos da emulação dos crentes novos.

PARTE IV: CONCLUSÕES

Pode ser útil fazer um sumário e uma lista das conclusões a que chegamos.

1. Nunca se deve isolar a unidade, ou considerá-la como algo que vale por si mesmo.

2. É igualmente claro que nunca se deve pôr a unidade em primeiro lugar. Jamais devemos começar com ela, porém devemos lembrar a ordem tão claramente estabelecida em Atos 2:42, onde a comunhão vem depois da doutrina: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações". Essa é, como vimos, precisamente a ordem em que esses pontos são

colocados, tanto em João, capítulo 17, como em Efésios, capítulo 4. A tendência atual de desacreditar e depreciar a doutrina no interesse da unidade é simplesmente uma negação e uma violação do claro ensino do Novo Testamento.

3. Nunca devemos partir da Igreja visível ou de uma instituição, mas, antes, da verdade que, somente ela, produz unidade. Não compreender este ponto foi certamente a dificuldade com os judeus no tempo em que o nosso Senhor esteve neste mundo. Isso foi tratado na pregação de João Batista, que dizia: "Produzi pois frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão" (Lucas 3:8). O nosso Senhor ensina a mesma coisa em João 8:32-34. Os judeus tinham feito objeção ao Seu ensino, quando dissera: "a verdade vos libertará", sendo o argumento deles que eles eram descendência de Abrãao e nunca tinham sido escravos de ninguém. Cristo chama a atenção para a atitude deles, de rejeição da Sua Palavra, e das tentativas que fizeram para matá-lO, e conclui: "Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão... Vós fazeis as obras de vosso Pai... Vós tendes por pai ao diabo" (João 8:39,41,44). A presunção fatal deles era que o fato de que eram judeus, necessariamente garantia a sua salvação, que o fato de serem membros da nação significava que eles eram verdadeiros filhos de Deus. Como João Batista indicara, o método era inteiramente mecânico; Deus pode produzir tais pessoas das pedras.

O apóstolo Paulo também discorre sobre essa condição quando, escrevendo aos romanos, diz: "Porque não é judeu o que é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus" (Romanos 2:28-29). Ele repete isso com as palavras: "porque nem todos os que são de Israel são israelitas" (Rom.9:6). Essa verdade é reforçada ainda mais pela declaração: "Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão" (Gálatas 3:7). E também, "E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa" (Gálatas 3:29).

O mesmo erro de começar com a instituição visível, e não com a verdade, também foi cometido no tempo da Reforma. O que Lutero foi capacitado a ver, o que explica a sua posição corajosa, foi justamente este ponto. Ele recusou-se a deixar-se obrigar por aquela poderosa instituição, a igreja católica romana, com os seus longos séculos de história. Havendo sido libertado pela verdade da

justificação pela fé, ele viu claramente que a verdade sempre deve vir primeiro. Deve vir antes da instituição e das tradições, e tudo – todas as instituições, mesmo a Igreja – deve ser julgado pela Palavra da verdade. A Igreja invisível é mais importante que a Igreja visível, e a lealdade para com aquela pode envolver expulsão ou separação desta, e a formação de uma nova Igreja visível.

4. O ponto de partida no estudo da questão da unidade sempre deve ser a regeneração e a fé na verdade. Nenhuma outra coisa produz a unidade e, como vimos claramente, é impossível produzi-la sem isso.

5. Uma aparência ou fachada de unidade baseada noutra coisa ou a expensas destes dois critérios, ou que os ignore, é claramente uma fraude e uma mentira. Não são um, nem se acham num estado de unidade, os que discordam sobre questões fundamentais como (a) se nos submetemos completamente à verdade revelada ou confiamos de maneira final em nossa razão e em nosso pensamento humano; (b) a queda histórica e o atual estado e condição do homem no pecado, sob a ira de Deus, e em completo desamparo e desesperança quanto à salvação; e (c) a Pessoa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e a completa e absoluta necessidade, e a suficiência exclusiva da Sua obra expiatória e substitutiva em favor dos pecadores. Dar a impressão de que são *um* simplesmente por causa de uma organização externa comum é, não somente iludir o mundo que está fora da Igreja, mas incorrer em mentira.

6. Fazer algo que apóie e favoreça essa impressão ou essa aparência de unidade é, certamente, desonesto e pecaminoso. Não se pode conciliar verdade com inverdade, e não se pode consertar a diferença entre elas. Sempre se deve expor e denunciar o erro por amor da verdade, e também, como vimos, por amor dos bebês em Cristo. Isso é importante também do ponto de vista da afirmação de João 17:21, "para que o mundo creia que tu me enviaste". Não há nada que tão seguramente leve o mundo para longe da verdade como a incerteza ou a confusão da Igreja com respeito ao conteúdo da sua mensagem.

Essa é, indubitavelmente, a principal causa do presente declínio da religião. O mundo não ficará impressionado por um mero reunir-se em torno de coisas externas, enquanto houver discordância central acerca dos pontos fundamentais da fé. Ele interpretará isso como uma tentativa da parte das autoridades da Igreja para salvar a sua instituição, exatamente da mesma maneira como vê os homens de negócio formando blocos e grupos com o mesmo objetivo e intenção. A pergunta que o mundo continua fazendo é:

que é o cristianismo? Qual é o ensino que vocês ministram? Vocês têm alguma coisa que seja bem credenciada e poderosa para oferecer-nos? O mundo está interessado nisto, e não em questões organizacionais, e faz muito bem. Ele também está pronto a responder a isso.

7. Considerar uma igreja, ou um concílio de igrejas, como um fórum no qual se pode debater e discutir questões fundamentais, ou como uma oportunidade para dar testemunho, é pura confusão e turvo pensamento. Não se deve discutir "o fundamento", como vimos. Se os homens não aceitam isso, não são irmãos e não podemos ter nenhum diálogo com eles. Temos que pregar-lhes e evangelizá-los. Discussão só tem cabimento entre irmãos que compartem a mesma vida e subscrevem a mesma verdade essencial. É certo e bom que os irmãos discutam juntos questões não essenciais à salvação e sobre as quais há, sempre houve, e provavelmente sempre haverá, legítima diferença de opinião. Não podemos fazer melhor do que citar o velho adágio: "Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas indiferentes, liberdade; em todas as coisas, caridade (ou amor)".

Antes de poder haver qualquer real discussão, diálogo e intercâmbio, é preciso haver acordo concernente às questões primárias e fundamentais. Sem a aceitação de certos axiomas e proposições em geometria, por exemplo, será ocioso tentar resolver algum problema. Se algumas pessoas se negam a aceitar os axiomas e os estiverem constantemente questionando e discutindo, evidentemente não há nenhum ponto de contato entre elas e as que os aceitam. É precisamente a mesma coisa nos domínios da Igreja. Os que questionam e discutem, quando não negam, as grandes verdades cardinais que têm sido aceitas através dos séculos, não pertencem à Igreja, e considerá-los como irmãos será trair a verdade. Como já nos lembramos, o apóstolo Paulo nos diz claramente qual deverá ser a nossa atitude para com eles: "Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o" (Tito 3:10). Eles deverão ser considerados incrédulos que necessitam ser chamados ao arrependimento e à aceitação da verdade como esta é em Cristo Jesus. Dar a impressão de que eles são cristãos com os quais outros cristãos não concordam acerca de certas questões, é confundir o genuíno pesquisador e inquiridor de fora. Mas essa é a situação que prevalece hoje. Baseia-se na incapacidade de entender a natureza da Igreja do Novo Testamento, que é "a coluna e firmeza da verdade" (1 Timóteo 3:15). De igual modo, é pura perda de tempo discutir ou debater as implicações do cristianismo com pessoas que

não estão de acordo quanto a que é o cristianismo. A incapacidade de compreender isso constitui a própria essência da confusão moderna.

8. Obviamente, nunca se deve pensar na unidade primordialmente em termos numéricos, porém sempre em termos de vida. Nada é tão oposto ao ensino da Bíblia como a idéia moderna de que só o número e a organização poderosa importam. É justamente o oposto da grande doutrina bíblica do "remanescente", exposta, por exemplo, tão perfeitamente por Jônatas ao seu escudeiro quando eles enfrentaram sozinhos as hostes dos filisteus, com as palavras: "Vem, passemos à guarnição destes incircuncisos; porventura obrará o Senhor por nós, porque para com o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos" (1 Samuel 14:6). Ainda mais extraordinariamente, talvez, ela é ensinada no incidente de Gideão e os midianitas, onde lemos que Deus reduziu o exército de Israel de 32000 para 300, como um preliminar da vitória (Juízes, capítulo 7).

Deus tem realizado as Suas maiores obras através dos séculos mediante remanescentes, muitas vezes até por meio de indivíduos. Por que será que nos esquecemos de Mica (ou Micaías), filho de Inlá, e Jeremias, Amós, João Batista, os simples doze discípulos; e Martinho Lutero desafiando sozinho uns doze séculos de tradição e todo o vigor de uma igreja poderosa? Isso não é defender a pequenez ou a exclusividade como se essas coisas tivessem algum mérito inerente; mas é sugerir que a moderna atitude servil para com a grandeza e para com a organização colide frontalmente com uma ênfase bíblica central. Na verdade, isto sugere ignorância sobre o Espírito Santo e falta de fé no Seu poder.

9. A maior necessidade desta hora é um novo batismo e derramamento do Espírito Santo para renovação e avivamento. Nenhuma outra coisa, no transcurso dos séculos, jamais deu à Igreja autoridade verdadeira e a fez, e à sua mensagem, poderosa. Todavia, que direito temos de orar por isso, ou de esperar que Ele honrará ou abençoará alguma coisa que não seja a verdade que Ele capacitou os autores do Velho e do Novo Testamentos a escrever? Pedir-Lhe que o faça não só está perto de ser uma blasfêmia, mas também é o cúmulo da loucura. Reforma e avivamento andam juntos, e não podem ser separados. Ele é o Espírito da verdade, e não honrará coisa alguma, senão a verdade. A questão fundamental que nos confronta nestes dias é se a nossa fé está nos homens e em seu poder de organizar, ou na verdade de Deus em Cristo Jesus e no poder do Espírito Santo. Permitam-me expressá-lo doutra maneira:

estaríamos primariamente interessados no tamanho ou na pureza da Igreja, quer na doutrina quer na vida? De fato, finalmente se chega a isto: o nosso conceito da Igreja, seria católico romano (inclusivista, organizacional, institucional e hierárquico), ou reformado, com ênfase ao sacerdócio universal de todos os crentes e à necessidade de manter constantemente a própria Igreja debaixo do julgamento da Palavra?

10

"CONSIDERAI OS VOSSOS CAMINHOS" ESBOÇO DE UMA NOVA ESTRATÉGIA*

Parece-me que, pelo menos uma vez por ano, é uma boa coisa reunir-nos para rever a nossa situação. O perigo que todos nós corremos é que simplesmente vamos fazendo o nosso trabalho e ficamos tão imersos nele que corremos o risco de não vermos a floresta por causa das árvores. É uma boa coisa, pois, quanto pudermos, pôr-nos de lado por um momento e examinar a situação toda, e particularmente como estamos em relação a ela. Foi para podermos fazer isso que eu pedi ao Sr. Caiger** que nos lesse o capítulo primeiro do livro do profeta Ageu.

Não me proponho a fazer uma exposição desse capítulo. Não é minha intenção fazer o que fiz no ano passado, que foi mais ou menos inteiramente uma exposição. Mas eu penso que o capítulo primeiro de Ageu coloca diante de nós a situação atual, como a vejo, e que as palavras do versículo 5, repetidas no versículo 7, são particularmente relevantes: "Ora, pois, assim diz o Senhor dos Exércitos: aplicai os vossos corações aos vossos caminhos" (VA: "... considerai os vossos caminhos"). A situação descrita pelo profeta é muito parecida com a da presente época, um período de transição, de reconstrução, de novos começos. Ageu dirige-se às

* Discurso feito aos membros da Fraternidade de Ministros em Westminster em sua excursão anual a Welwyn, em 19 de junho de 1963. Como de costume, o Dr. Lloyd-Jones não anunciou nenhum título. O título acima, e os subtítulos que se seguem, foram acrescentados pelos editores.

** O Rev. John Caiger, Secretário da Fraternidade de Ministros.

pessoas que estavam naquela situação, põe às claras o fracasso delas, aponta-lhes o que estão fazendo e o que não estão fazendo, e de permeio vem este grande apelo: "Considerai os vossos caminhos". Ora, é isso que espero fazer, não porém, como disse, na forma de uma exposição versículo por versículo. Em vez disso, vou tomar aquela exortação geral e aplicá-la à nossa situação atual.

Ou, para expressá-lo de forma diferente, vou tentar "induzir", à maneira puritana, as lições que vêm inevitavelmente, como penso, daquilo que tentei dizer no ano passado.* Tudo o que pude fazer então foi levantar algumas questões à luz da exposição de duas passagens, João, capítulo 17 e Efésios, capítulo 4. Agora quero levar isso um estágio mais adiante e entrar um pouco mais em detalhes. As circunstâncias atuais, como as vejo, exigem que "consideremos os nossos caminhos" à luz da nossa presente situação. Há, penso eu, certas características únicas que nos compelem a fazer isso, e eu vou apontar algumas delas.

A SITUAÇÃO ATUAL

Uma característica é que sucede estarmos vivendo numa época em que tudo que se relaciona com a Igreja, sua vida e sua atividade, mais uma vez parece estar no cadinho. Não acho que é exagero dizer que a situação em que nos encontramos é mais semelhante à que prevalecia no tempo da Reforma Protestante do que qualquer outra coisa que tenha acontecido desde aquele tempo. Sei que houve motins, que houve tempos de crise, mas eu creio que posso demonstrar que há traços característicos da situação atual que não existiam desde o tempo da Reforma.

O que quero dizer é isto: que, até uma época relativamente recente, a Reforma foi tomada como coisa certa e pacífica e, falando em termos gerais, era aceita; não era posta em dúvida. Havia estas duas grandes posições, a católico-romana e a reformada (empregando esse termo em seu aspecto mais geral). Lá estavam elas, e toda gente as reconhecia; porém agora estamos numa situação e num período em que não é mais esse o caso. Novamente tudo está sendo questionado. Há uma espécie de fluidez na corrente situação, como não houve desde o tempo da Reforma Protestante. Assim, se não tivéssemos outra razão para considerar os nossos caminhos e examinar a situação toda, esta característica, penso eu, seria suficiente. Com o movimento ecumênico, e mais ainda com a nova

* Ver o capítulo nove, "A Base da Unidade Cristã".

relação entre a igreja de Roma e as outras igrejas, e a atmosfera mudada em geral, particularmente num sentido emocional, estamos num ponto em que as pessoas obviamente alimentam a esperança de algo inteiramente novo. Os marcos antigos estão sendo derribados e todos parecem concordar que temos que pensar de novo e renovadamente, e não tomar nada como líquido e certo. Muito bem, estamos ligados a esta situação e, portanto, convém que saibamos exatamente qual é a nossa posição.

Uma segunda característica que requer consideração é que uniões de fato estão ocorrendo entre diferentes segmentos da Igreja Cristã. Tivemo-las no sul da Índia; há propostas na Inglaterra, e assim por adiante. Gostemos ou não, muitos estarão envolvidos em movimentos de fusão das denominações a que pertencem.

Depois, como uma terceira razão, há a situação do campo missionário e toda a questão quanto ao futuro da obra das missões estrangeiras relacionada com as novas igrejas e com países novos. Um novo nacionalismo nos apresenta algo completamente diferente; até tempos relativamente recentes, esses países estavam dispostos a receber missionários dos poderes coloniais, assim chamados. Não havia nenhuma dificuldade quanto a isso. Outros países se dispunham a aceitar que lhes impuséssemos os nossos modelos, não só em termos de nossas crenças, mas até mesmo em termos de nosso sistema de governo e doutras coisas. Todavia, com o novo nacionalismo que está surgindo, eles não estão mais dispostos a isso. Indubitavelmente, eles vão estar pensando por si mesmos em todo o problema da Igreja; e isso, por sua vez, compele-nos a fazer o mesmo, porque, se o não fizermos, e nos ligarmos ao que está acontecendo entre eles, eles não nos darão ouvidos, e isso será o fim do empreendimento missionário. Aí está, penso eu, outra urgente razão para considerarmos a situação toda.

Outra razão, na qual não me dilatarei, refere-se ao que vem acontecendo entre os Irmãos Exclusivos. Pessoalmente, fiquei profundamente impressionado com isso, como sei que muitos de vocês ficaram. Acho que isso cria uma nova situação para nós. Aí estão numerosas pessoas que saíram da escravidão em que estiveram por muito tempo, e se espalharam pelo país, sem saber o que fazer e para onde ir. Os Irmãos Exclusivos constituem um corpo que, em muitos aspectos, tem qualidades únicas, e eu creio que para nós é um desafio determinar a nossa relação com eles.

A seguir, outra questão muito urgente é, naturalmente, a gritante incredulidade que está se manifestando agora nas igrejas oficiais. Sabemos que ela estava lá, mas agora essa incredulidade está

saindo a campo aberto e se declarando, não hesitantemente, e sim com regozijo; e, atraindo tanta publicidade, veio a ser matéria de enorme interesse do grande público. Estamos relacionados com isso e somos chamados a dizer algo. Não podemos ficar de lado, como se nada estivesse acontecendo.

Coloco sob o mesmo título o que me parece uma evidência muito real de uma sutil e, não obstante, rapidamente crescente mudança de ênfase, mesmo no pensamento evangélico. É algo que vem acontecendo nos Estados Unidos durante bom número de anos. Tivemos uma palestra sobre o assunto, há uns dois anos e meio, se bem me lembro, feita pelo Dr. Marcellus Kik, que nos falou sobre o "novo evangelicalismo",* assim chamado. O fato é que há um novo movimento em ação de alguns anos para cá, movimento que, embora ainda se arrogando o nome de evangélico, está adotando posições e se dispondo a concessões que, até há dez anos, os evangélicos não estavam dispostos nem sequer a considerar. Não devo entrar nisso minuciosamente, porque tomaria demasiado tempo, mas notemos a sua atitude diferente, por exemplo, para com os primeiros capítulos de Gênesis, para com o Dilúvio, na verdade para com toda a questão dos milagres. A tendência agora é dizer que o milagre é pura questão de cronometragem; noutras palavras, que você pode explicar mais ou menos os milagres em termos dos fenômenos naturais, e o que aconteceu foi que Deus cronometrou os fenômenos naturais para acontecerem num dado ponto. No entanto, eles ainda reivindicam o nome de evangélicos!

Além e acima desse movimento nos Estados Unidos, há casos particulares que os que lêem a revista *Christianity Today* terão observado. Por exemplo, um homem que pertence ao corpo docente de um colégio e instituto bíblico muito conhecido e totalmente evangélico, publicou recentemente um livro em que exibe esse novo movimento evangélico em sua atitude para com a questão da inspiração. Ao que me parece, o livro se afasta da atitude tradicional para com a doutrina da inspiração. Mesmo a Convenção Batista do Sul na América, que tem sido considerada como uma coluna da ortodoxia evangélica, tem um agudo problema que apareceu num dos seus colégios e, pela primeira vez, estão tendo que combater o

---

* "New evangelicalism". Conceito que se afasta da posição evangélica tradicional. Evangélico é quem ou o que é fiel ao evangelho bíblico, à Palavra de Deus, à substância real das Escrituras Sagradas do Velho e do Novo Testamentos, não se deixando levar por modismos teológico-ideológico-filosófico-cultural-político-sociais.

liberalismo que vai penetrando o centro e o coração da sua denominação. Com relação ao nosso país, penso que há evidências de que ocorrem aqui as mesmas coisas. Vê-se isso em grande parte das resenhas de livros que se apresentam; há uma nova tendência de elogiar livros que absolutamente não são evangélicos, e a advertência introduzida é branda e é meramente inserida lá no fim. Noutras palavras, parece haver uma nova atitude que adota a idéia de que, embora haja algum veneno muito real num livro, "todavia..."! A política me parece que consiste em quase incitar os leitores desses periódicos a lerem tais livros, como se, em geral, estivesse tudo bem com eles, e os seus erros fossem quase triviais. É como se o fato de haver apenas mínimas parcelas de veneno letal num frasco de remédio fosse irrelevante para o valor do restante.

Tudo isso, parece-me, é algo que está se avolumando neste país. Há uma tendência de criticar um pouco a velha ênfase à doutrina, e cada vez mais se ouvem pessoas dos círculos evangélicos dizendo: bem, afinal de contas, a doutrina seria tão importante assim? Ora, quando evangélicos começam a falar dessa maneira, a coisa é realmente muito séria. Não creio que alguém possa contestar isso. Houve uma mudança, uma mudança extraordinária, nos últimos cinco anos* nos conhecidos periódicos e jornais evangélicos. Seu tom geral é levemente crítico daquilo pelo que o movimento evangélico sempre lutou. Há também essa tendência de enaltecer apaixonadamente a erudição. Penso que isso faz parte do complexo de inferioridade dos evangélicos – o grandioso agora é provar que somos "eruditos".

Foi assim que começou nos Estados Unidos, e me parece que está acontecendo a mesma coisa aqui. Estamos mais interessados em conseguir uma palavra bondosa de eruditos, assim chamados, não evangélicos, do que estamos quanto à nossa estrita adesão à verdade. É muito difícil chegar às causas disto. Tenho minhas próprias idéias a respeito delas, mas não vou aborrecer muito vocês com elas. Tudo isso vem acontecendo há uns dez anos, e eu penso que agora está começando a mostrar-se de maneira muito aberta. Aí está, pois, algo que exige a nossa atenção.

Depois, a razão que darei em seguida, é esta: a condição moral generalizada no país, e a necessidade de uma declaração explícita, de uma declaração profética com autoridade. Não preciso dizer mais nada sobre isso, pois, estou certo, é uma coisa em que todos nós estamos de acordo; mas é um pensamento aterrador este, que

* Lembremo-nos, o autor disse isso em junho de 1963. Nota do tradutor.

no presente estado deste país e da sua moralidade – na condição geral da sociedade – de um modo ou de outro *nós* estamos falhando. Quando nos contrastamos com o que os nossos antepassados fizeram em tempos como estes, penso que devíamos vestir-nos de pano de saco, cobrir-nos de cinzas e envergonhar-nos totalmente de nós mesmos. Parece que estamos vivendo em nossas "casas forradas" e que estamos prontos a crer que tudo está bem, desde que tudo esteja bem para nós. A situação geral parece ficar à revelia, no que nos diz respeito.

O ponto que a seguir desejo salientar é a tremenda necessidade de pregar o evangelho de maneira evangélica por todos os lados no país. Tenho a impressão de que nós, que nos reunimos sob estes auspícios, que pertencemos mormente à área da Grande Londres, estamos numa posição falsa com relação a isso, e talvez numa posição muito enganadora. É sabido que o movimento evangélico, falando em termos gerais, está concentrado na área da Grande Londres. O que está acontecendo na indústria, está acontecendo no movimento evangélico; tudo está se amontoando no sudeste da Inglaterra. Vocês têm estas grandes áreas deixadas ao abandono, as Terras Centrais, a parte leste, e o sudoeste, e Gales, todas virtualmente deixadas ao abandono. O nosso perigo, parece-me, é que, porque estamos na área da Grande Londres, onde há tantas igrejas evangélicas e muitas que estão sendo bem freqüentadas (particularmente na borda externa da Grande Londres), a nossa tendência é dizer que vai tudo bem. Estamos em nossa "casas forradas"; tudo vai bem comigo; a minha igreja é florescente; tudo vai indo bem; e nos inclinamos a esquecer as condições que imperam na maior parte do país. Cada vez fico mais temeroso por isso, cada vez mais inquieto por causa disso: evangélicos fiéis em todo o país não podem ter comunhão, não conseguem obter alimento espiritual, e estão perplexos, não sabendo o que fazer naquelas áreas. Isso constitui um tremendo desafio para nós.

Noutras palavras, para resumir tudo, parece-me que não somente há um grande desafio que se nos apresenta na hora atual, porém há também uma oportunidade única. Os grupos não evangélicos estão decaindo; eles não têm nenhuma mensagem para oferecer. Pregam o ecumenismo ou contra ele, e o povo não recebe o evangelho, não recebe a mensagem. Somente nós podemos dar-lhes esta mensagem, e aí está a chamar-nos esta oportunidade única. Mas nesta situação mesma parecemos estar silenciosos; parecemos ineficientes; parece que não estamos fazendo nada; a nossa voz realmente não está sendo ouvida. Neste tremendo período de mudança e crise, com

gente em busca de uma liderança, esperando, perguntando o que vai acontecer, não sai nenhuma mensagem clara dos evangélicos. Lançamos declarações de vez em quando, entretanto, penso que todos nós concordamos, mesmo aqueles de nós que as subscrevemos, que elas são tépidas e inofensivas; não há desafio nelas. São redigidas cuidadosamente para que, no fim, não realizem praticamente coisa nenhuma. Essa é a situação na qual nos encontramos, e é à luz disso que eu digo: "Considerai os vossos caminhos".

Deixem-me esclarecer, antes de passar adiante, que o que eu vou dizer aplica-se a todos nós, a todos os evangélicos, aos evangélicos de todos os segmentos da Igreja Cristã. Aplica-se a uns mais do que a outros, mas quero deixar bem claro que não tenho em mente nenhuma denominação ou segmento da Igreja Cristã. Digo: "Examine-se o homem a si mesmo" (1 Coríntios 11:28). Não estou aqui para atirar pedras nalgum segmento particular da Igreja. Acredito que os evangélicos de todas as principais denominações estão precisamente na mesma situação no presente. Quando as pessoas vêm a mim, ministros ou não, e dizem: estou descontente e com problema em minha denominação; que farei? – a única coisa óbvia é que não há muita vantagem em mudar de denominação, porque precisamente a mesma situação existe, tanto numa como noutra denominação principal.

Aí está, pois, o chamado: "Considerai os vossos caminhos". Por que é que estamos nesta condição perigosa e ineficaz? Por que estamos tão subestimados? Por que ficamos tão quietos? Agora devo tentar responder estas perguntas. Penso que uma forte explicação da nossa condição como evangélicos é que estamos tão divididos, entre as maiores denominações, que o nosso testemunho se diluiu. Por cima disso, fugimos do problema contentando-nos com "movimentos". Parece-me que a situação exige uma análise tríplice, e o que me proponho fazer é principalmente levantar questões. Creio que estamos num estágio no qual essa é a coisa que se deve fazer. Noutras palavras é, "Considerai os vossos caminhos". Não vim aqui com um programa pronto; não podemos ter uma foto do futuro. Não penso que estamos em condições de fazer isso. O que precisamos é pensar, porque o gravame de toda a minha posição aqui é que não estivemos pensando, e que, de várias maneiras, de fato nós temos evitado quase deliberadamente pensar. Agora, deixem que eu o expresse para vocês relacionando-o com três assuntos.

O Compromisso Evangélico com Movimentos

Primeiro, levanto a questão da legitimidade ou, se vocês preferirem, do caráter escriturístico dos movimentos. Pois bem, esta questão de movimentos é, naturalmente, a que predomina entre os evangélicos. A forma característica que o espírito evangélico assumiu nos últimos cem anos é a de um movimento, e eu não acho difícil rastrear a gênese dessa idéia. Os movimentos surgiram durante os últimos cem anos, por causa do novo fator que se introduzira nas denominações na modalidade que chamamos Alta Crítica, liberalismo ou modernismo.

Antes disso a situação era que os homens que geralmente estavam de acordo acerca de certas coisas podiam cair no erro quanto a particularidades, ou sucedia às vezes que havia uma condição geral de morte e de falta de vitalidade, e uma falta de aplicação e de pôr em prática na vida aquilo que era mais ou menos tacitamente crido e aceito, mas com o surgimento do movimento da Alta Crítica nas décadas de 1840 e seguintes, e de vários outros movimentos como o darwinismo e o marxismo, e depois a psicologia, é claro, toda a situação tomou um novo rumo, e o povo evangélico reconheceu isso. Aqui, parece-me, está a questão crucial. Os nossos antepassados, os nossos avós em particular, decidiram enfrentar isso formando movimentos. Não o enfrentaram ao nível da igreja. Decidiram que o que se devia fazer era formar movimentos nos quais os crentes com afinidade de pensamento pudessem juntar-se, movimentos e sociedades em que pudessem achar a comunhão que não podiam encontrar em suas igrejas, em que pudessem fortalecer uns aos outros na fé e fazer protestos contra o que estava sucedendo. Assim tivemos o surgimento de grande número de movimentos e sociedades entre os evangélicos. No entanto, chegou a hora de nós fazermos esta pergunta fundamental: foi esse um procedimento escriturístico? Podemos achar na Bíblia autorização para isso?

Ora, eu penso que se pode justificar movimentos e sociedades cujo propósito seja o de empreender ação de natureza social ou semi-política. Aqui você está na esfera da doutrina, porém é confrontado por circunstâncias práticas nas quais certas coisas precisam ser feitas, como, por exemplo, A Seita de Clapham,* quanto à abolição da escravatura. Não creio que haja alguma

* Nome de um pequeno grupo de amigos políticos humanitários e evangélicos, residentes em Clapham, na região metropolitana de Londres. Entre seus líderes estavam William Wilberforce (1759-1833) e Henry Thornton (1760-1815). Nota do tradutor.

dificuldade para justificar isso. A maioria de nós concederia o mesmo ao movimento pela temperança, que se deu pouco mais tarde. Nesses casos, um grupo de cristãos juntou-se com o propósito de empreender ação cujo âmbito era principalmente semi-político ou social. Contudo – e aqui está a grande interrogação – seria legítima a mesma coisa quando se chega à esfera da doutrina e aos pontos essenciais da fé? Parece-me que há certas objeções a isso nesse nível, e vou anotá-las para podermos discuti-las. Imediatamente após você começar a defender a fé em termos de movimentos, parece-me, você começa a reduzir a átomos a verdade. Não mais a toma como um todo, mas fica preocupado e interessado em particularidades.

Por certo estamos familiarizados com alguns dos movimentos particulares que vieram a existir, e ainda existem, por razões doutrinárias, o movimento pelo ensino da santificação, por exemplo. Estou questionando o caráter escriturístico desse procedimento – de formar um movimento só em torno de uma doutrina. Não seria o caso de que esse procedimento faz algo que não somente é perigoso, e sim também antibíblico? A tendência inevitável é perder o equilíbrio das Escrituras e "todo o conselho de Deus". Uma só verdade está sendo tratada isoladamente. Lança-se um alicerce para um movimento que não é bastante grande nem bastante amplo. Isolar uma doutrina qualquer e formar um movimento em torno dela parece fadado a levar a uma perigosa falta de equilíbrio. Posso ilustrar isso a partir da esfera da medicina. Num sentido, está sendo feito agora na medicina o que foi feito pelos evangélicos durante os últimos cem anos, e com o mesmo perigo. A idéia de um médico exercendo clínica geral para consulta e sendo mais ou menos competente em qualquer tipo de moléstia ou sofrimento que afete qualquer parte do corpo, não existe mais. Agora há especialistas. Tem-se o homem que só se interessa pela saúde do peito, e não nas condições abdominais, e assim por adiante. Ora, há um perigo real aqui, pois o corpo é uno, e se pode ter uma dor localizada no abdome e, contudo, causada por algo no peito. Assim, se você recorrer somente ao especialista do abdome, poderá ver os óbvios perigos que surgem para o paciente.

Meu parecer é que isso vem acontecendo nos meios evangélicos, em conseqüência da sua iniciativa de formar movimentos quanto a doutrinas específicas. Mencionei a santificação como ilustração, mas, como outro exemplo da mesma coisa, tome-se toda a questão da profecia: estaria certo ter um movimento ou uma série de movimentos que se dedique ao ensino profético? Estaria certo tirar

isso das Escrituras e dizer: aqui só tratamos de profecia? Penso que é matéria de discussão, se o simples fazer isso é algo que, em si e por si, nos afastou da esfera do ensino escriturístico. Ou vejam outro assunto, a evangelização. Deveria a evangelização estar nas mãos de movimentos pró evangelização? Isso é escriturístico? Estaria certo isolar a evangelização? Irei adiante e incluirei na mesma questão as sociedades e os movimentos missionários.

É interessante que só os evangélicos formaram sociedades missionárias interdenominacionais. Os outros sempre realizaram essa obra por meio da igreja, como parte da atividade da igreja. Quanto ao meu conhecimento, só os evangélicos destacaram-na da vida da igreja e a basearam em sociedades e movimentos que não são igrejas, e tiveram todo o cuidado de salientar que não são igrejas. Esta, certamente, é outra forma da questão se a evangelização alguma vez deve basear-se em algo que não uma igreja, se é certo baseá-la num movimento, ou numa sociedade, ou nalguma organização particular que não seja a igreja.

ONDE A ESTRATÉGIA DO MOVIMENTO FALHOU

O resultado de os evangélicos terem feito essas coisas dessa maneira é que não há garantia de ensino progressivo. Um movimento em particular diz: só me preocupo com a evangelização. Os convertidos são deixados sem nenhuma garantia de ensino ulterior, sem meios e métodos para o seu crescimento, e o resultado é que você terá cristãos imaturos e, pior ainda, talvez, líderes auto-nomeados surgindo porque não há autoridade para os controlar. A sociedade que os trouxe à existência, por assim dizer, sob Deus, terminou o que se supunha que fizesse. Essas pessoas são deixadas naquele ponto, e podem tornar-se líderes e mestres auto-nomeados. Penso que uma parte do caos que conhecemos é mais ou menos diretamente resultado disso.

Essa, então, é uma crítica com vistas a toda essa questão de movimentos, mas a minha opinião é que há uma segunda crítica da maneira que nós, como evangélicos, encaramos a nossa situação em termos de movimentos e sociedades. É que o nosso testemunho tem sido incoerente, e eu argumento que tem sido inevitavelmente incoerente. Como evangélicos, criticamos aqueles que, nas igrejas, têm estado no erro; nós os denunciamos por seu falso ensino e, todavia, continuamos a pertencer a essas mesmas igrejas. Não somente os denunciamos drasticamente; às vezes até dizemos que eles não são cristãos no seu ensino; entretanto, ainda os reconhece-

mos como membros, oficiais e dignitários das igrejas a que pertencemos. Isto se aplica a todas as principais denominações, não somente a uma delas, e sim a todas.

O meu parecer é que isso mais ou menos anula a nossa crítica, porque o povo diz: ah, bem, eles falam com muito vigor, mas que é que eles fazem? Escrevem cartas muito enérgicas, porém que *fazem* a respeito? Qual o valor de uma carta enérgica, se você continua sendo irmão desse homem, se são membros da mesma denominação? Agora vou simplesmente colocar a pergunta: esse procedimento não anularia inevitavelmente o efeito do protesto que fazemos? Como podemos denunciar a desonestidade nos estadistas, se há desonestidade entre nós? Penso que temos que encarar essas coisas. Quando há desonestidade, desonestidade intelectual, ostensiva na Igreja Cristã, como pode a Igreja falar da nação, dos políticos e dos estadistas?

Permitam-me dar-lhes uma palavra de John Owen sobre esta questão de criticar aqueles a quem nos opomos, apesar de pertencermos à mesma denominação. Diz Owen:

> "Ora, conquanto não devamos impor o fardo de evitar-se a comunhão com eles, com base nesta consideração, há nela, contudo, o bastante para autorizar qualquer homem a fazê-lo; pois, ao cumprir isso, o homem torna parte da sua profissão religiosa, não somente que a igreja a que ele está ligado é uma igreja verdadeira, mas também que há em seu estado e em seu agir a devida representação da mente de Cristo, quanto ao que Ele requer das Suas igrejas, e ao que Ele quer que elas sejam".*

Owen está tratando da questão geral de se pertencer a igrejas que estão ensinando o erro, e não mais propagando aquilo que é a verdade, e ele diz que, por permanecermos com elas, ou pertencemos a elas, o nosso testemunho se torna incoerente.

Há mais uma forma de incoerência que me parece importante, e é que, na prática, estamos defendendo um tipo errado de independência. Ora, eu fico particularmente preocupado com isso. Quando se assinala que pertencemos a denominações nas quais existem pessoas que estão propagando gritantemente o erro, e nos perguntam: como você pode pertencer a uma coisa dessas? Como pode associar-se a isso? Nossa tendência é responder: na minha

* The Works of John Owen (reedição, Banner of Truth Trust, 1965-68), vol. 15, p. 353.

igreja eu posso fazer o que me agrada, tenho liberdade absoluta, ninguém me impõe restrições neste ponto; não sou impedido de pregar a verdade, posso criticar quanto quiser; na minha igreja eu sou absolutamente livre. E, todavia, os evangélicos que dizem isso pertencem a um corpo denominacional dos maiores, e zelosamente mantêm a sua relação com ele. Pois bem, eu chamo isso uma falsa idéia de independência. Você está se isolando do corpo a que pertence e, contudo, continua pertencendo a ele. Isso para mim é totalmente incoerente. Você não pode pertencer a uma igreja e, todavia, romper sua aliança com ela.

Não seria isso exatamente o que Ageu tinha em mente? Vocês estão vivendo em "casas forradas". Tudo está bem, você diz, aqui estou eu, tudo vai indo bem. Vejam a minha igreja local, nada de restrições, de proibições, de repressões; posso falar o que quiser: a minha "casa forrada"! Mas, que dizer da Igreja toda? A coisa é totalmente incoerente. É um tipo errado de independência. Todavia, enquanto estamos afirmando esta independência, ainda declaramos que pertencemos ao corpo do qual estamos agindo independentemente.

Ou tomem esta questão de incoerência em sua relação com a nossa atitude para com a autoridade da Bíblia. Estamos com a Bíblia, mas quando se chega à questão da Igreja, muitas vezes nos apartamos dela. Li recentemente uma carta enviada a um jornal por um conhecido leigo evangélico, falando da questão da relação de Igreja e Estado, e ele fez esta declaração: "Naturalmente não há proveito em ir às Escrituras quanto a esta questão. O problema ainda não tinha surgido e, portanto, não se trata dele nelas". Noutras palavras ele estava dizendo: as Escrituras não ajudam você nenhum pouco; assim, você tem que resolver a questão em bases extra-bíblicas. Penso que poderíamos mostrar facilmente a falácia da sua interpretação, fora tudo o mais. Porque o assunto não é tratado explicitamente como problema, ele diz que você não pode obter nenhuma ajuda das Escrituras, e parece ficar alegre ao fazer essa afirmação. Ele não percebe que, virtualmente, está se colocando na posição católico-romana. A dificuldade em foco, diz ele, é algo que aconteceu depois de concluído o cânon do Novo Testamento, pelo que a enfrentamos do ponto de vista da tradição e da história, e não temos nenhuma ajuda e orientação para a elucidação do nosso problema daquilo que, em todos os outros aspectos, é a nossa única autoridade em todas as questões de fé e prática. É pura incoerência! Não obstante, a minha opinião é que nós somos muito culpados disso.

O que torna mais graves, talvez, esses três aspectos da incoerência é que são coisas só pertinentes aos evangélicos. O que quer que se possa dizer dos liberais, vocês têm que conceder que eles são mais ou menos coerentes; eles dizem a mesma coisa em todos os níveis. Nós não. Entre nós há, por exemplo, líderes evangélicos que dizem que ao nível estudantil deveria haver separação absoluta; argumentam vigorosa e ardorosamente que a "IVF" não deve ter nada que ver com a "SCM", nunca deve cooperar com os seus associados em nenhum aspecto, mas deve manter completo isolamento e individualidade. Todavia, quando chegamos ao nível da igreja, eles defendem exatamente o oposto, e dizem que devemos entrar no Concílio Mundial e no movimento ecumênico para tentarmos exercer influência do lado de dentro. Ora, isso é pura incoerência. Se uma coisa é certa num nível, não o é noutro? Esta é a espécie de incoerência na qual nos vemos porque abordamos todo esse problema em termos de movimentos e sociedades, em vez de fazê-lo doutra maneira; e, como digo, isso torna a nossa posição quase insustentável, quando estamos lidando com esses outros, os liberais e os ecumenistas, porque eles seguem uma linha coesa. Não há contradição ou incoerência na posição deles; eles dizem a mesma coisa em todos os níveis, e põem em prática aquilo em que acreditam. Isso nos põe numa posição muito difícil, para não dizer perigosa.

Outra conseqüência da tentativa de tratar deste problema em termos de movimentos é que isso torna a disciplina mais ou menos impossível, e eu julgo que o principal problema nosso, como evangélicos, no presente é a pura e simples indisciplina da nossa posição. Mas é inevitável. Que autoridade possui um movimento? Que autoridade executiva ele tem? Que poder tem? Qual a sua categoria ou posição? São associações voluntárias; não podem exercer disciplina, e não a exercem. Portanto, somos confrontados por isto: há líderes que foram desacreditados em público, e por isso tiveram que sair de um movimento evangélico e, contudo, emergem como líderes noutro movimento, e não há nada que os detenha. Se você tem os dons necessários, influência e a espécie de poder que conta, você pode fazer isso. Não há disciplina. Você pode passar de movimento a movimento, e ninguém pode fazer nada a respeito. Não há coesão entre os movimentos; cada um deles é independente, e assim, qualquer poder de disciplina já se foi completamente. Portanto, o que vemos é que, não somente há essas tendências a mostrar-se na esfera da doutrina, porém também na esfera da prática há uma crescente tendência para o caos. O povo evangélico

não é mais unânime em questões de conduta e comportamento moral; o que vemos do outro lado está começando a infiltrar-se em nosso lado também, e isso tudo se deve à falta de autoridade central.

Isso me traz ao meu último ponto sob este título, ponto que é crucial; todos os outros pontos levam a este. É que, tendo os evangélicos procurado resolver o seu problema e sair das suas dificuldades formando movimentos, fugiram, evitaram, passaram por alto toda a questão da natureza da Igreja. Essa seria a minha crítica fundamental aos nossos avós, e aos que os antecederam, durante o século passado. No momento em que começaram a enfrentar a situação formando movimentos, já erraram. Penso que foi aí que eles se afastaram das Escrituras. Certamente estas são questões que devem ser resolvidas e determinadas em termos da Igreja e na esfera da Igreja, mas eles deixaram a situação desenvolver-se na Igreja, e depois se retiraram dela, por assim dizer, passando a encontrar-se nos seus pequenos conclaves. Todo o seu interesse estava em salvaguardar as suas próprias experiências, de novo a "casa forrada". Era como se eles pensassem que, contanto que se reunissem como evangélicos, tudo estaria bem. Contudo, que é que estava acontecendo com a Igreja em geral?

Penso que é um simples fato que, de 1870 em diante, os evangélicos mais ou menos se retiraram das atividades da Igreja e começaram a preocupar-se unicamente consigo mesmos e com as suas próprias experiências. Era a "casa forrada", em vez da casa de Deus. Não quero ser injusto; penso que as razões pelas quais eles fizeram isso são óbvias, e elas ainda subsistem hoje; é por isso que estou colocando essa questão toda diante de vocês. É uma questão desesperadamente grave. Eles evitaram a questão da Igreja por esta razão óbvia, que temiam causar desarmonia e desacordo no movimento. Aconteceu mais ou menos assim: aqui estão os evangélicos, e ali o liberalismo com as suas investidas contra a fé. Muito bem, pois; nós, evangélicos de todas as denominações, devemos juntar-nos a fim de salvaguardar o que temos e de lutar por nossa herança. Assim nos reunimos e nos alegramos em que somos "todos um em Cristo Jesus"; mas não se deve levantar a questão da natureza da Igreja porque, no momento em que se fizer isso, o denominacionalismo levantará a cabeça. Se você levantar a questão da Igreja, produzirá desarmonia; de fato, não somente isso; estará ofendendo alguém. Se você der a sua opinião sobre o que lhe parece que as Escrituras ensinam acerca da natureza da Igreja, outros lhe dirão: ora, veja lá, você está ofendendo estes outros; você arruinará o movimento; a coisa toda entrará em colapso – você não pode fazer

isso. O resultado é que, em nosso temor de causar divisão, ou em nosso amor natural aos nossos irmãos, e em nosso desejo de evitar colocá-los, como se diz, em aperto e numa situação difícil, deixamos de considerar toda a doutrina da natureza da Igreja; simplesmente fugimos dela. Penso que todos terão que concordar que essa é uma simples declaração dos fatos, e que eu lhes dei as razões pelas quais estou expondo isso. Certamente a doutrina da Igreja é central; é fundamental. Todas estas outras matérias provêm da Igreja, e é porque estivemos fugindo da doutrina da Igreja que vemos tantas dificuldades no presente. A Igreja é "a coluna e firmeza da verdade" (1 Timóteo 3:15); toda atividade deve ser atividade da Igreja, e se não estamos seguros quanto à natureza da Igreja, como poderá haver uma verdadeira unidade, ou uma atividade legítima?

São esses os pontos que eu sentia que deviam ser levantados com relação à questão geral da legitimidade ou do caráter escriturístico dos movimentos.

O que estou questionando é a característica peculiar dos evangélicos, a característica daqueles de nós que se declaram homens e mulheres da Bíblia. Não teria chegado o tempo em que devemos reexaminar a coisa toda, e particularmente em vista da situação geral em que nos encontramos? Muitos dos movimentos evangélicos, se não a maioria deles, estão correndo de volta às raízes; sabemos disso. Começaram na era vitoriana, seguiram o seu próprio impulso por determinada extensão de tempo, mas creio que agora todos estão começando a ver que temos que repensar tudo. Aí está uma oportunidade única para examinarmos toda a situação mais uma vez, e para vermos se podemos justificar o que o movimento evangélico fez, mais ou menos, durante cem anos, ou se não temos que começar tudo de novo e doutra maneira.

A QUESTÃO PRINCIPAL: A NATUREZA DA IGREJA

À luz do que estivemos dizendo, é óbvio que foi a natureza da Igreja que se tornou a maior questão e o maior problema. Que é a Igreja Cristã? Qual a verdadeira natureza da Igreja? Como resolver isso? Todos nós concordamos em dizer que só se pode resolver a questão pelas Escrituras, mas, como já insinuei, quando se chega aos domínios da prática e aos domínios das decisões concretas, muitíssimas vezes somos mais influenciados pela tradição e pela história do que pela exposição puramente bíblica. Somos tão influenciados pela necessidade de manter o *statu quo*, que começamos com isso, em vez de começar com o ensino escriturístico.

Mencionei isso como uma das minhas questões um ano atrás. Repito-o com o fim de retomá-lo, porque entendo que é um dos pontos cruciais.

O argumento é que através dos séculos certas coisas aconteceram e se desenvolveram para que nos víssemos confrontados por uma situação de fato existente. Isso está certo como uma declaração histórica fatual, mas se fizermos da "situação existente" o nosso ponto de partida, enfrentaremos gravíssimo perigo. Antigüidade é algo de valor, porém não é garantia de veracidade. O argumento em favor da tradição é que a Igreja Primitiva era, afinal de contas, a Igreja Primitiva, que o cânon do Novo Testamento fora concluído, e que a Igreja estava ainda numa condição rudimentar, quase primitiva mesmo, e numa época em que muitos problemas não tinham surgido. Mas, argumentam, o Espírito Santo ainda estava guiando a Igreja e, sob a influência do Espírito Santo, ela viu que certas coisas eram convenientes e que certas coisas deviam ser feitas para salvaguarda da verdade, a ordem da vida da Igreja e a propagação do evangelho. É aí, parece-me, que entra o perigo. Se você aceitar esse argumento, o argumento virá a se fundar não tanto no ensino escriturístico, como naquilo que a Igreja achou conveniente, particularmente nos séculos terceiros e quarto. Em algumas partes isso é quase tomado como algo líquido e certo, que não deve ser questionado. Entretanto, eu afirmo, esse argumento é falso. Considerem-no desta maneira: suponhamos que aceitamos esse argumento por um instante, o argumento de que a Igreja, sob a direção do Espírito, tem o direito de fazer o que é conveniente em seus próprios dias e tempo e geração. Se esse foi um princípio verdadeiro no terceiro e no quarto séculos, então é igualmente verdadeiro hoje; portanto, não se segue que o que era conveniente então, continua sendo conveniente agora. O próprio argumento a favor da tradição com base na mudança das circunstâncias e das condições leva a esta conclusão! Digo que as circunstâncias e as condições mudaram outra vez. Por conseguinte, nós temos que questionar essa abordagem toda, começar de novo e descobrir, pelas Escrituras, o que é certo e o melhor para esta geração. Seja qual for o modo como vocês o tomem, parece-me que é uma posição errônea e antibíblica estar nisso, isto é, ser governado mais pela antigüidade, pela história e pela tradição do que pelo ensino das Escrituras. Assim, gostaríamos de estabelecer como princípio que temos que ir de volta à Bíblia e, particularmente, é claro, ao ensino do Novo Testamento.

Firmados nisso, passemos à grande questão: que é uma igreja?

Qual é a natureza de uma igreja? (Para mim não há proveito em considerar particularidades enquanto não tivermos claro entendimento disso.) Todas as razões que estive citando, certamente nos compelem a retornar diretamente a isso. A todo preço, devemos retornar a isso e encará-lo. Qual é a descrição neotestamentária de uma igreja cristã? Não seria algo como isto: uma reunião de santos; uma assembléia de crentes verdadeiros; uma reunião de homens e mulheres que creram na pregação do evangelho? Ainda mais, é uma reunião de pessoas que "nasceram de novo". É a associação de pessoas que são o corpo de Cristo e membros em particular. São os que estão "em Cristo". É assim que o Novo Testamento os considera; é assim que ele sempre se dirige a eles. Eles se reúnem, cônscios da presença divina entre eles, cônscios de que são uma sociedade espiritual com o Espírito Santo como o seu companheiro, como Aquele que os dirige, e como Aquele que os inspira, como Aquele que lhes foi dado para guiá-los em toda a verdade.

Agora eu poderia citar muitas passagens das Escrituras para provar o que estou dizendo. Ofereço-lhes uma ou duas que são perfeitamente conhecidas. Começamos com o capítulo dois do livro de Atos dos Apóstolos, e aqui vão diversas declarações: versículos 41-42: "De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas; e perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações". Versículo 44: "E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum". Versículos 46 e 47: "E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar", ou, se vocês preferirem, "aqueles que estavam sendo salvos". Pois bem, a igreja é isso. As pessoas que estão sendo salvas, que crêem na verdade, estão cônscias desta mudança em suas vidas; foram tiradas do mundo e estão cônscias de uma nova vida e de uma nova maneira de ver, e têm o desejo de estar com outras pessoas iguais a elas; e as outras as recebem alegremente.

Há muitas outras declarações que chegam quase à mesma coisa. Tomem, por exemplo, aquela grande declaração de Efésios 2:19-22: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para

templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito". Temos quase a mesma idéia em 1 Pedro 2:4-9, onde Pedro usa analogia idêntica: "E, chegando-vos para ele – pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas" – eles são pedras *vivas* – "sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo", e assim por adiante, chegando a, "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz".

Faço um resumo lendo outra vez John Owen sobre este assunto. Temos aí um bom sumário daquilo que estive tentando dizer. É extraído da sua *Breve Instrução sobre o Culto de Deus e a Disciplina das Igrejas do Novo Testamento* ("Brief Instruction in the Worship of God and Discipline of the Churches of the New Testament"):

> **Pergunta:** *que é uma igreja fundada no evangelho?*
> **Resposta:** uma sociedade de pessoas chamadas para fora do mundo, ou do seu estado mundanal natural, pela administração da palavra e do Espírito, para a obediência da fé, ou para o conhecimento e o culto de Deus em Cristo, pessoas interligadas numa santa união, ou por especial acordo, para o exercício da comunhão dos santos na devida observância de todas as ordenanças do evangelho.*

Depois Owen acrescenta àquela a seguinte pergunta:

> **Pergunta:** *por quais meios as pessoas assim chamadas tornam-se uma igreja de Cristo?*
> **Resposta:** elas são constituídas numa igreja e se tornam interessadas nos direitos, no poder e nos privilégios de uma igreja do evangelho pela vontade, promessa, autoridade e lei de Jesus Cristo, com seu pessoal e voluntário consentimento e compromisso de andarem juntas na devida sujeição das suas almas e consciências à Sua autoridade, como seu rei, sacerdote e profeta, e numa santa observância de todos os Seus mandamentos, ordenanças e designações.**

* Ibid., p. 479.
** Ibid., p. 486.

Opino que essa é uma bela exposição do quadro descritivo neotestamentário do que é uma "igreja do evangelho", como John Owen lhe chama.

Sei que não é completa, que é inadequada, mas por amor da brevidade de espaço e tempo, deixo-a neste ponto e passo à segunda pergunta, que é: então, quais são as marcas de uma verdadeira igreja?

Essa é, realmente, uma pergunta crucial, se é que estamos de acordo sobre o que eu já disse. Tem sido crença geral entre os evangélicos que há três importantes marcas da Igreja. A primeira é que o evangelho, ou a doutrina verdadeira, deve ser pregada. Se não é pregada a doutrina verdadeira, não é uma igreja. É somente com a doutrina verdadeira de Cristo, com o leite não falsificado da Palavra, que podemos crescer. Isso é primário, é fundamental, e a grande verdade defendida no Novo Testamento, a verdade da qual tentei tratar há um ano. Todos os apóstolos pregavam a mesma coisa. O apóstolo Paulo faz uso desse argumento mais de uma vez. Era o *seu* evangelho, sim, mas também era o evangelho dos outros. Todos estavam pregando esta mesma mensagem fundamental.

Segundo, uma igreja é uma congregação onde as ordenanças são administradas fielmente. Aqui de novo não acho que haja algum desacordo entre nós. Todos nos opomos igualmente à doutrina da transubstanciação e a tudo quanto seja indicativo de sacerdotalismo. As ordenanças, "fiel e verdadeiramente administradas", deixando fora tudo o que seja mágico ou que pretenda ser miraculoso num sentido errado. Todos nós concordamos nisso.

Terceiro – e talvez este seja um ponto no qual não estamos tão de acordo – uma igreja é uma congregação onde a disciplina é administrada. Pois bem, este é um ponto muito importante. Podemos fugir da conclusão de que o Novo Testamento, em sua doutrina sobre a igreja (local), ensina definida e especificamente que se deve ministrar disciplina? Isso não estaria implícito no que aconteceu em Cesaréia de Filipe e nas declarações que o nosso Senhor fez ali exatamente com relação a isto? "E Jesus, respondendo, disse-lhe: bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mateus 16:17-19). Certamente isso leva consigo toda a noção de disciplina, e de que à igreja é dado o poder de exercer a disciplina

de admissão e excomunhão, sem o que não se tem nenhuma garantia de pureza da vida da Igreja, quanto à sua doutrina e à sua prática.

Temos depois exatamente a mesma coisa ensinada no capítulo vinte do Evangelho Segundo João, versículos 21 a 23: "Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos". De novo precisamos desenvolver e asseverar a exposição evangélica dessas palavras. Inclinamo-nos a evitar isso, e temos permitido que os católicos romanos o reivindiquem como o seu grande texto. É nosso! E a sua importância está relacionada com toda esta questão do exercício da disciplina. Ou tomem o que se vê em Mateus 18:15-20: "Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou no meio deles".

Esta é a doutrina que vemos posta em prática quando vamos às Epístolas. O primeiro exemplo que dou disso está em 1 Coríntios, capítulo 5, onde o apóstolo está tratando deste caso terrível: "Geralmente se ouve que há entre vós fornicação, e fornicação tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais inchados, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação. Eu na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus" (versículos 1-5). Ora, isso é clara instrução. Devia, notem vocês, ser posta em prática pela igreja. A igreja deve exercer disciplina dessa maneira.

A mesma coisa é enunciada em Gálatas 5:12: "Eu quereria que fossem cortados aqueles que vos andam inquietando". Paulo está

preocupado com os tais falsos mestres, com os tais judaizantes. Temos depois outra declaração disso em 2 Tessalonicenses 3:6: "Mandamo-vos, porém, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo o irmão que andar desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebeu". A última citação é de Tito 3:10-11: "Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o, sabendo que esse tal está pervertido, e peca, estando já em si mesmo condenado". O herege tinha que ser "rejeitado", e era isso que acontecia; essa disciplina foi praticada pela Igreja até um certo ponto da história. Há outras referências que eu poderia citar, como as que se acham na Segunda e na Terceira Epístolas de João.

Aí está todo este assunto da disciplina, mas a questão é: ainda cremos nela? Nós a exercemos? Este ensino concernente à disciplina seria compatível com uma idéia que justifica o que estamos fazendo, quando dizemos: ah, sim, a igreja, a denominação à qual eu pertenço é um esplêndido local de pesca, com o que nós queremos dizer: ora, eu sei que muitos membros da igreja não são cristãos, mas tenho uma oportunidade maravilhosa para evangelizá-los? Seria isso compatível com o ensino do Novo Testamento concernente à disciplina? Deveria uma igreja cristã ser um bom local para se "pescar" evangelisticamente? Claro, não me refiro aos nossos cultos públicos destinados a evangelizar os de fora; a minha crítica é ao argumento que justifica permanecer numa igreja porque os seus *membros* precisam ser evangelizados; são peixes que, espera-se, serão apanhados. Isso seria compatível com o ensino bíblico concernente à administração da disciplina?

Ou considerem outra pergunta: a interpretação popular da parábola do joio, que se aplica à Igreja, seria a verdadeira exposição dessa parábola? Na interpretação popular, "o campo" onde se faz a semeadura é a Igreja e, com base nisso, é-nos dito que não devemos exercer a disciplina para não destruirmos o trigo ao arrancarmos o joio; assim se justifica a ausência de disciplina na Igreja. Mas o nosso Senhor diz: "O campo é *o mundo*" (Mateus 13:38). A interpretação popular não só interpreta mal a parábola do joio; faz a parábola do joio contradizer o claro ensino das passagens das Escrituras que falam em pôr certas pessoas fora das igrejas com base em sua heresia ou em sua imoralidade. Assim, esta terceira marca da Igreja de novo nos defronta com uma das questões primárias e fundamentais que temos que considerar: seria verdadeira aquela igreja que não administra a disciplina que as Escrituras indicam?

Quais são as causas que nos levam a administrar a disciplina? Sobre este ponto há um proveitoso sumário em John Owen. Aqui vão os cinco principais títulos sob os quais ele alista as razões escriturísticas para excluir das igrejas os "ofensores":

> 1. *Males morais*, contrários à luz da natureza e a ordens ou proibições expressas da lei moral, às normas diretas do evangelho, ou de má reputação no mundo, entre os homens que andam de acordo com a regra e a luz da razão. E, nos casos desta natureza, uma igreja pode passar ao pronunciamento da sentença da qual falamos sem prévia admoestação, no caso do fato ser notório, pública e inquestionavelmente verdadeiro, e não haver nenhuma regra geral contra o seu procedimento judicial. (1 Coríntios 5:3-5; 2 Timóteo 3:2-5).
> 2. Ofensas contra o *amor mútuo*, que é o vínculo da perfeição na igreja, se mantidas com pertinácia. (Mateus 18:16-17).
> 3. *Falsas doutrinas* contra as verdades fundamentais da fé ou do culto, especialmente se forem defendidas polemicamente, para transtorno e inquietação da paz de uma igreja.
> 4. Blasfêmia ou difamação dos caminhos e do culto de Deus numa igreja, especialmente se ligada à intenção de impedir a prosperidade daquela igreja ou de expô-la à perseguição.
> 5. Deserção ou total abandono sem causa da sociedade e da comunhão duma igreja; pois os que assim procedem condenam-se a si mesmos (que dizer do homem que só comparece na igreja uma vez por ano? M.L-J), tendo rompido e renunciado a aliança de Deus que tinham firmado quando foram admitidos na igreja.*

Estivemos examinando toda esta questão do ensino bíblico sobre a Igreja Cristã. Há muitas outras questões que se levantam, mas me parece que o que devemos fazer é concentrar-nos em nossa concepção fundamental da natureza da Igreja. Que é a Igreja, e como sabemos que ela está funcionando bem? Não teria chegado a hora de nos perguntarmos isso outra vez? Penso que estamos deixando arrastar-nos para uma vaga consideração da vida corrente da Igreja, consideração que não se interessa por esta questão fundamental. Para nós, evangélicos, seria certo fazer isso? Não deveríamos, antes, insistir em que primeiro estejamos de acordo quanto à natureza geral da Igreja Cristã? Como eu disse, defrontamos uma oportunidade única para fazê-lo, e para mim seria em extremo

---

* Ibid., pp. 522-23.

trágico se deixássemos escapar esta oportunidade, temendo desnortear o povo e causar divisão. Teríamos direito de agir assim? Certamente devemos retornar ao Novo Testamento e encarar algumas destas questões primárias e fundamentais.

Esse é o segundo ponto importante que tentei colocar diante de vocês. Como vocês podem ver, ele decorre necessariamente daquilo que eu estive dizendo quanto a toda a questão da legitimidade ou do caráter escriturístico dos movimentos. Devemos retroceder e começar com esta questão da qual temos fugido e a qual temos evitado.

A VERDADEIRA NATUREZA DO CISMA*

Chegamos agora ao terceiro e último ponto, que é a questão geral do cisma. Cisma é a acusação sempre lançada aos que insistem na importância de voltar ao ideal neotestamentário da Igreja e que contestam e questionam o *statu quo*. No transcurso dos séculos tais pessoas têm sido declaradas culpadas deste terrível pecado de cisma, de modo que temos que aplicar-nos a esse assunto. Além disso, a doutrina do cisma tem uma aplicação mais positiva e mais direta a nós do que às vezes imaginamos. Na verdade, estou levantando a questão do cisma não tanto para nos defendermos, mas para tentar mostrar que talvez sejamos culpados disso de um modo nunca suspeitado por nós.

Não desejo entrar neste assunto detalhadamente; levanto-o simplesmente como um tema para discussão, como procurei fazer com todas as questões. Cisma é a acusação que a igreja católica romana faz ao protestanismo em geral, porém não estou interessado em tratar disso. É uma acusação tão fátua que não precisamos deter-nos com ela. De qualquer forma, todos concordamos nisso e podemos ver muito claramente este aspecto da questão; pelo menos espero que possamos, no entanto hoje em dia não se pode estar seguro de coisa alguma. É ainda uma acusação lançada contra pessoas que se opõem a uma uniformidade imposta. Foi a acusação lançada contra aqueles puritanos que acreditavam na separação nos séculos dezesseis e dezessete, e eles foram capazes de refutá-la. John Owen e outros o fizeram e, parece-me, com muito sucesso. Protestar contra acréscimos antibíblicos e feitos pelo homem à Igreja ou à vida da Igreja, não é ser cismático. É exatamente o

---

* O Dr. Lloyd-Jones retomou neste ponto o seu discurso na sessão da tarde, da Fraternidade de Westminster.

oposto. Contudo, essas acusações não constituem o nosso presente interesse.

O que é importante para nós é chegar a uma espécie de noção positiva quanto ao que o cisma realmente é em sua conotação neotestamentária. A Primeira Epístola aos Coríntios é o *locus classicus* em relação a esta matéria, e podemos definir o cisma como uma "divisão na verdadeira igreja visível acerca de questões que não são suficientes para justificar divisão ou separação". A definição é realmente importante, porque devemos concordar que o cisma é um pecado grave. Não há nada que se possa dizer a favor do cisma. Tem havido muito disso na Igreja, e ainda há, desafortunadamente. As coisas que o têm causado, pelo menos muitas delas, são enumeradas na Primeira Epístola aos Coríntios: divisões na igreja sobre pessoas e personalidades; formação de grupos em torno de personalidades porque gostam delas, porque elas os atraem, e assim por diante. Dividir a igreja somente com base em pessoas é sempre cisma, e fazê-lo em termos do saber ou da ignorância, ou em termos dos irmãos fortes e dos fracos, é a mesma coisa. Dividir a igreja por questões como a guarda de dias ou comer carne, e coisas similares, tem que ser posto na mesma categoria. E depois, a outra coisa séria em Corinto era a divisão pela variedade de dons espirituais dados aos diferentes membros da igreja, pela tendência de elevar alguns dons em detrimento de outros, e de dividir o corpo de Cristo em termos da posse ou não posse de dons especiais.

Pois bem, estas são as principais coisas indicadas no Novo Testamento, as quais constituem o pecado de cisma; mas o que realmente é importante que observemos é que, na igreja de Corinto, que fora culpada de cisma dessas diversas maneiras, não houve separação de fato. Embora a igreja de Corinto fosse culpada de cisma, realmente e na prática ela não se dividiu em grupos rivais que não se reunissem uns com os outros. Eles continuavam a reunir-se uns com os outros, e certamente este ponto é muito importante e vital. Mostra que pode haver cisma sem uma real separação ou ruptura do contato físico das várias facções umas com as outras, ou do alinhamento umas com as outras em termos de organização. Estou dando ênfase a isso pela razão que, se o cisma, assim definido e como prevalecia na igreja de Corinto, é um grave pecado, quanto maior é o pecado daqueles que de fato se separam até no sentido físico e ficam em diferentes linhas de ação na igreja?

Do nosso ponto de vista imediato, esse é o ponto importante. Desenvolvo-o da seguinte maneira: uma igreja consiste dos que

crêem na verdade, que nasceram de novo, que foram regenerados, os novos homens e mulheres em Cristo Jesus, e que se reúnem para prestar culto, comunhão e edificação mútua, para a propagação do evangelho, estruturação etc.: isso é a igreja. Portanto, todos nós que concordamos nos pontos essenciais e fundamentais da fé cristã devemos constituir a Igreja. Devemos ser um, porque estamos de acordo quanto à fé, estamos de acordo quanto às ordenanças, estamos de acordo quanto à necessidade de disciplina. Nós, que nos reunimos dessa maneira particular, parece-me, concordamos em tudo o que tentei dizer acerca da natureza da Igreja e das marcas da Igreja; e, portanto, acho que temos direito de fazer uma pergunta: em que base estamos separados uns dos outros na questão de filiação e linha de ação eclesiástica? Os que crêem nas mesmas verdades e participam da mesma experiência são um só e, como entendo o ensino do Novo Testamento, o pecado de cisma ocorre quando *essas pessoas* consentem dividir-se umas das outras por razões e causas inadequadas.

Não sei se vocês concordam com o meu argumento, que me parece ser o argumento do Novo Testamento. Como eu disse, na igreja de Corinto eles foram declarados culpados disso, embora de fato não se tivessem apartado uns dos outros e não pertencessem a organizações diferentes. Ainda pertenciam à mesma organização, à mesma instituição, se vocês preferirem; mas foram condenados por isso, e foram condenados porque estavam permitindo que coisas subsidiárias interferissem na comunhão, afetassem a atmosfera de amor e a comunidade de crença, de espírito e de atividade própria da igreja. Essa é a acusação feita a eles.

A PERGUNTA QUE SE DEVE RESPONDER

Que dizer de nós, então, que concordamos em todas as coisas fundamentais, mas que, não obstante, estamos divididos e separados; e, pior ainda, que não somente estamos divididos e separados uns dos outros, porém também nos juntamos a pessoas que muitas vezes negam a verdade que todos nós temos em comum, que estão errados em seu conceito e em sua administração das ordenanças, e que não têm disciplina alguma?

Esta é, seguramente, uma questão relevante para nós, e é por isso que eu acho que não há nada mais urgente, no momento, do que esta definição da questão geral do cisma. Acaso eu estaria certo na interpretação que faço disso no Novo Testamento, ou não? Noutras palavras, é certo nós – que estamos de acordo acerca destes pontos

essenciais que constituem uma igreja e que nos tornam membros da Igreja – é certo que nos deixemos dividir pela tradição, por uma posição herdada, por algo que muitas vezes nada mais é que puro acidente de nascimento? Poderia ser certo permitir que um sentimento de desagrado por alguma interferência em nossas posições atuais tenha primazia em relação àquilo que todos nós concordamos ser o ensino do Novo Testamento neste contexto?

Não quero dar uma lista das coisas que aduzimos como razões para estarmos separados uns dos outros porque elas não são a coisa importante, todavia devo mencionar um fator que afeta o nosso pensamento porque julgo que ele pode ser poderoso, a saber, o medo das conseqüências. Temos que encarar isto. Os homens que tentaram conceber a Igreja e funcionar na Igreja nos termos do Novo Testamento, geralmente tiveram que pagar por isso, e às vezes tiveram que pagar muito caro. Parece-me uma regra quase universal – que isso pode envolver sofrimento.

Ainda há o argumento de que adotar esta abordagem para o cenário atual pode diminuir a nossa utilidade e oportunidade, e penso que se pode dizer muita coisa a favor desse argumento. Também se deve conceder que houve pessoas que estiveram mais que prontas a dividir-se, entretanto quando o fizeram acabaram ficando num deserto onde se tornaram mais ou menos inúteis. Não puderam realizar coisa alguma. Noutras palavras, admito que este é um grande assunto, e não vou entrar nele aqui. Há uma divisão verdadeira e uma falsa. Há pessoas que se dividem, eu diria, por questões que não justificam divisão. Contudo, sem entrar em detalhes, dou ênfase a esta grande interrogação: poderíamos absolver-nos da acusação de cisma? Colocando doutra forma, se de fato concordamos com o que já tentei estabelecer como definição da Igreja, se essa é o nosso ponto de vista acerca da Igreja, a Igreja do Novo Testamento, então poderíamos absolver-nos da acusação de cisma? O problema sempre foi que os homens tenderam a abordar o cisma em termos do estado atual das igrejas, ao invés de levá-lo diretamente de volta ao conceito neotestamentário da Igreja, e indagar: estaríamos dividindo essa Igreja? Temos permitido que a oposição governe o nosso pensamento nesta questão de cisma e, com isso, parece-me, nós nos colocamos numa posição falsa. O que devo perguntar a mim mesmo não é isto: sou culpado de dividir a igreja visível como eu a conheço, e sim: sou culpado de dividir a Igreja verdadeiramente espiritual do Novo Testamento? Certamente essa é a questão que deve ser sumamente urgente e suprema nas mentes daqueles de nós que somos evangélicos.

Deixo isso neste ponto para podermos passar a discuti-lo com vocês noutra ocasião. Gosto do espírito da declaração de John Owen que vou ler para vocês. Ele conclui o seu tratado sobre o cisma com estas palavras:

> Não sou tão frívolo, no tempo atual, a ponto de esperar a restauração da religião cristã ao seu primitivo poder, pureza e simplicidade; nem faço voltar-se a culpa sobre aqueles que andam conscienciosamente em meio a esse estado da Igreja, e ordem, como se o aprovassem ou achassem que é o melhor que eles poderiam alcançar; somente penso que é lícito a todos os discípulos de Cristo, de todos os tempos, prestar obediência a todos os Seus mandamentos, e abster-se de ser servos de homens, no que Ele nada prescreveu.* Creio que todos nós concordamos com o espírito disso e o aceitamos.

NOVA ESTRATÉGIA PARA UMA NOVA SITUAÇÃO

Permitam-me, agora, tentar resumir isso tudo e levá-lo a uma espécie de conclusão. Estivemos examinando os movimentos evangélicos, a natureza da igreja e a questão do cisma, à luz da presente situação, esta situação única em que nos encontramos. É uma coisa estupenda viver no mundo numa época como esta. Sabemos que é um período de transição e mudança em quase todas as esferas. Tocou-nos viver – Deus tenha misericórdia de nós! – numa era na qual vemos a ruína de coisas que considerávamos inamovíveis e inexpugnáveis. Estamos testemunhando o colapso das coisas, em muitíssimas esferas, coisas que o povo teria afirmado há cem anos que jamais sofreriam colapso. Estamos testemunhando isso na esfera global da Igreja e da fé cristã a cujo respeito tanto nos preocupamos.

Agora, há dois modos de reagir a isso. Um é ficar deprimido, torcer as mãos e dizer: que lástima eu ter nascido numa era como esta, numa época tão degenerada! E depois resolver prosseguir da melhor maneira, fazendo o nosso trabalho a despeito do que suceda ao nosso redor, e dizendo: bem, até onde interessa à minha igreja, de qualquer forma, tudo vai bem. Ora, parece-me que Ageu devia corrigir-nos nisso, uma vez por todas. Não podemos encolher-nos nesta situação. É pecado fazê-lo. Por quê? Certamente porque o que está em jogo no momento é a essência do evangelho. Nada menos que isso. Os temas para discussão no presente não são os refinamentos

---

* John Owen, ibid. *Inquiry Concerning Evangelical Churches* (Pesquisa sobre as Igrejas Evangélicas), p. 373.

da fé cristã e da nossa crença; a totalidade do evangelho está envolvida, e atualmente estamos pelejando pela idéia da revelação. Parece que o pensamento dominante é eliminá-la completamente, e estamos retornando à filosofia e à razão humana. É isso que está em jogo! Não somente isso: as grandes doutrinas protestantes que fizeram de nós o que somos estão sendo questionadas e postas em dúvida. Talvez alguns de vocês tenham ouvido, há poucas semanas, um homem dizer na televisão que em sua denominação particular ele tinha certeza que noventa por cento das pessoas não criam mais na justificação pela fé. Não há dúvida sobre isso, essas são as condições e a situação. Portanto, eu argumento no sentido de que não temos nenhuma escolha, que, como pessoas que têm essa fé e que foram chamadas para ser os seus guardiães e protetores, devemos levantar-nos e não somente defendê-la, mas também asseverá-la. Devemos posicionar-nos juntos, como Paulo o coloca em Filipenses: "na defesa e confirmação do evangelho" (1:7), e a necessidade é tremenda. Meu apelo é, pois, no sentido de que, à luz destas presentes condições, subordinemos tudo a esta idéia suprema, e nos livremos de tudo o que nos impeça ou nos embarace na defesa e proclamação do evangelho. Alguns desses obstáculos já consideramos. O meu argumento é que a suprema coisa diante de nós seja esta noção sobre a Igreja, a verdadeira Igreja, que é o instrumento determinado por Deus para a realização da Sua obra. Devemos redescobrir isso, recapturá-lo, entregar-nos a isso a todo custo. Não significa, é claro, que temos que estar de acordo em tudo, porém, como digo, quando o nosso interesse é a luta pelos pontos verdadeiramente fundamentais da fé, certamente devemos ser um, e devemos livrar-nos de todos os empecilhos, obstáculos e restrições. Haverá discussões entre nós, mas serão discussões entre irmãos, entre os que estão de acordo quanto aos pontos fundamentais, o que para mim sempre foi a glória desta tradicional reunião. Aqui não temos que desperdiçar tempo discutindo questões fundamentais. Todos estamos de acordo sobre elas; portanto, podemos passar às particularidades e podemos discuti-las juntos como irmãos, e num verdadeiro e correto espírito cristão.

No momento, porém, temos que ter claro em nossas mentes o grande e amplo objetivo, e temos que manter os nossos olhos concentrados nele. Se não, perderemos tudo.Noutras palavras, vou argumentar em prol de uma grande e completa estratégia, e não de uma tática particular, por ora. Chegará a hora da tática, mas o que necessitamos no momento é uma estratégia. Essa é toda a questão envolvida, e eu estou afirmando que devemos subordinar tudo a

isso, e recusar-nos a deixar que nos dividamos, sejamos desviados e neutralizados por questões de somenos importância, conquanto inerentemente sejam importantes. Creio que este é o único meio pelo qual podemos repudiar autorizadamente os que negam a verdade. Porventura vocês não acham que chegou a ocasião em que devemos dizer abertamente que essas pessoas que rejeitam a revelação e que parecem pôr em dúvida um Deus pessoal, a divindade de Cristo, o miraculoso, a expiação e a ressurreição – a ressurreição física – não acham que chegou a ocasião em que devemos dizer clara e francamente que eles não são cristãos e que não lhes pertencemos, que os consideramos como inimigos da verdade e da fé? Devemos repudiá-los; mas, como repudiá-los se lhes pertencemos? Qual o valor de expressar críticas, se na prática e nos atos vocês estão dizendo: afinal de contas, somos um com eles; pertencemos à mesma Igreja e os reconhecemos como irmãos na Igreja? Parece-me que, se havemos de ter algum impacto sobre o mundo e a sociedade que nos cercam no presente, temos que estar numa posição na qual possamos afirmar isso franca e abertamente, e dizer às pessoas: isso não é cristianismo; isso é "outro evangelho", que não é evangelho; é uma mentira. E devemos libertar-nos para podermos falar assim.

Exatamente da mesma maneira, é somente assim que podemos falar com autoridade sobre toda a questão da moralidade. Se uma igreja carece, ela própria, de disciplina, que direito tem de falar da indisciplina da sociedade? Se a Igreja é desonesta quanto à sua crença, se os homens dizem abertamente, como parece que estão começando a dizer, que vão fazer algo desonesto porque é requerido deles que o façam, depois, que direito temos de expressar uma opinião sobre a veracidade dos estadistas e dos políticos? Não somente isso; como podemos evangelizar efetivamente e edificar os convertidos, como podemos dar cabo desta completa confusão e barbárie que nos sobreveio, gente não sabendo no que crer, não sabendo para onde ir, e ninguém parecendo responsável? Essa é a situação. Como resultado disso, ninguém assume a responsabilidade, e nenhuma autoridade se manifesta.

Nesta situação única a que temos chegado, há a oportunidade para o mais poderoso testemunho e demonstração de fé. Eu diria que este é um tempo oportuno de maneira deveras extraordinário. Sabemos que os que discordam do que estamos dizendo não têm nada para oferecer ao povo. Suas igrejas estão provando isso, de modo geral, e o farão cada vez mais. Eles não têm mensagem; não podem esperar a bênção do Espírito Santo, mesmo supondo-se que

eles crêem no Espírito Santo. Eles estão em total bancarrota. As pessoas estão na ignorância e no pecado. Creio que se um grupo de pessoas se levantasse e dissesse: fomos cautelosos antes de chegar a uma decisão, permitimos que esta situação evoluísse, mas chegou a hora em que podemos ver que temos que declarar o que cremos e qual é a verdade. Se todos nós fizéssemos isso juntos, penso eu, haveria um testemunho tão poderoso que todo o país saberia dele. Eu creio que teríamos o direito de esperar que o Espírito Santo o abençoasse, o honrasse e lhe pusesse Seu selo. Todavia, como poderemos fazer isso enquanto permanecermos culpados da nossa incoerência atual – incoerência em vários níveis, incoerência conosco mesmos – e da nossa fuga desta questão fundamental, a saber, a doutrina da Igreja?

Há outro fator que eu poderia ter mencionado hoje de manhã. Disseram-me, com base em excelente autoridade, que o Movimento Estudantil Cristão ("The Student Christian Movement – SCM"), por intermédio do seu novo secretário geral (até recentemente o bispo de Joanesburgo) publicou uma declaração oficial de que o "SCM" irá dedicar-se doravante a "atividade secular", que os seus membros não se incomodarão mais com reuniões de oração e com muito estudo da Bíblia. Estão assumindo a idéia da Igreja secularizada, de Bonhoeffer, deste cristianismo irreligioso. Vão sair e viver entre as pessoas, e fazê-lo "deliberadamente". Em certo sentido, estão quase repudiando a Igreja. Eles sempre lançaram isso como um argumento contra nós, que nós não nos interessamos pela doutrina da Igreja, e de manhã eu admiti mais ou menos que há muita verdade no que eles diziam. Mas agora, enquanto voltamos à verdadeira doutrina da Igreja, eles, ao mesmo tempo, parece que estão abandonando tudo isso. Bem, aqui está uma oportunidade que o céu nos manda, e eu acredito que é uma ocasião e oportunidade com que o povo evangélico não se defrontava há muito, muito tempo.

OUTRAS QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

Encerro colocando certas questões para discussão. Haveria, por exemplo, alguma coisa sobre isso no Novo Testamento, além da igreja local? Teremos que examinar Atos 9:31. A Versão Autorizada (igualmente Almeida, Revista e Corrigida) diz: "Então as igrejas tiveram paz...". Há um argumento, que conta com o apoio de alguns manuscritos, segundo o qual a palavra "igreja" devia estar no singular, não no plural (cf. Almeida, Atualizada). Natural-

mente, essa é, em grande parte, uma questão de prioridade dada às variantes de redação, porém ao examinarmos esse ponto, lembremo-nos da inconteste fraseologia de Gálatas 1:22, onde nos é dito que Paulo "não era conhecido de vista das igrejas da Judéia, que estavam em Cristo". Aí está o mesmo plural que há no texto grego subjacente à tradução que a VA faz de Atos 9:31. Ocorre de novo em 1 Tessalonicenses 2:14: "Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que na Judéia estão em Jesus Cristo...". O meu interesse está no amplo princípio: haveria algo de que o Novo Testamento fala, além da igreja local? Teríamos direito de falar da santa igreja católica no sentido de instituição visível? Em termos do Novo Testamento, estaria certo falar da santa igreja católica em algum sentido que não seja o da Igreja invisível? Penso que é um problema agudo. Pode ser parte da solução de muitas das nossas dificuldades.

Depois, em segundo lugar, opino que devemos ir fundo na questão dos dois primeiros séculos da era cristã. O perigo, como indiquei anteriormente, está em concentrar-nos demais no terceiro e no quarto séculos. Não estaríamos tendendo a esquecer os dois primeiros séculos e o que prevalecia neles? Sabemos que desde o início da Igreja houve a tendência de entrarem idéias errôneas, bem como heresias e controvérsias. O Novo Testamento trata em parte dessas coisas, e a Igreja teve que continuar tratando delas; mas, certamente é de importância para nós, se é que cremos que é bom retornar, ir direto ao passado e dar mais atenção aos dois primeiros séculos, antes da situação ter começado a solidificar-se na condição que finalmente veio a ser o papado.

Isso me leva ao meu terceiro ponto, em que precisamos reexaminar a história de Constantino e da suposta conversão do Império Romano, porque aí estamos face a face com o tema da relação entre o Estado e a Igreja. Temos que ser suficientemente ousados para, à luz do ensino do Novo Testamento, questionar os mais venerados nomes entre nós. Temos que aventurar-nos a questionar e a pôr em dúvida Martinho Lutero e João Calvino. Seria patético se nos víssemos dizendo que Calvino jamais poderia estar errado. Temos que questionar todo mundo, não que nos julguemos perfeitos – sabemos que não somos – porém reconhecemos que aqueles homens eram falíveis como nós. Damos graças a Deus por eles; reverenciamos a memória deles; entretanto não acreditamos que eles eram perfeitos. E, afinal de contas, eram homens que estavam envolvidos em tal luta e conflito que não tinham a mínima possibilidade de cobrir todo o campo, e tendiam a passar por alto

certas coisas. Para mim, uma das tragédias da Reforma foi o modo como Lutero, Calvino e Zwínglio se inclinaram a receber toda a noção de igreja estatal. Fizeram-no de diferentes maneiras, mas penso que todos eles o fizeram.

Nos últimos quarenta anos tem havido muita pesquisa maravilhosa sobre todo o movimento anabatista. Não estou interessado nisso do ponto de vista do anabatismo, mas estou muito interessado do ponto de vista da doutrina da Igreja, e é interessante ver os fundamentos sobre os quais os principais reformadores tenderam a opor-se àqueles homens. Contudo, estou simplesmente dizendo que há aqui todo um campo de estudo e pesquisa. Não devemos tomar essas coisas como líquidas e certas.

Mais uma vez tratemos de deixar claro que estas questões não se aplicam somente à Igreja Anglicana. É um fato quanto aos puritanos do século dezessete, como procurei dizer numa palestra que fiz na conferência de dezembro próximo passado em Westminster,* que todos eles acreditavam numa igreja estatal, até certo ponto. Suas diferenças eram sobre que forma essa igreja deveria tomar. Devemos verificar se eles todos não estavam errados; se a crença deles pode ser justificada pelo Novo Testamento; e se não lhes pesava a culpa de aceitarem uma posição herdada.

A última questão que tenho é esta: quando uma igreja se torna apóstata? Quando vocês decidem que uma igreja é apóstata? Seria quando a maioria, e em particular os poderes dominantes, estão ensinando o erro? Seria quando eles não exercem mais nenhuma disciplina e nem se preocupam com a disciplina e com a reforma da Igreja? Quais serão as condições que devem levar-nos a decidir se uma igreja é apóstata? Minha opinião é que o acima exposto é tão-somente o mínimo, que quando o ensino principal, o ensino preponderante e diretivo, e a autoridade da Igreja passaram às mãos dos que ensinam o erro, dos que negam a verdade, as verdades essenciais, essa igreja é apóstata, qualquer que seja ela, qualquer que tenha sido o seu passado, e quaisquer que sejam os padrões por ela professados. Penso que este último ponto é muito importante. Temos que examinar o argumento que diz que, contanto que os padrões sejam corretos, tudo estará bem, tal igreja não é apóstata.

---

* Esta palestra, "Puritan Perplexities: Some Lessons From 1640-1662", foi publicada em *The Puritans: Their Origins and Successors,* do Dr. D. M. Lloyd-Jones, Banner of Truth Trust, 1987 (em português, *Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores,* Publicações Evangélicas Selecionadas, S. Paulo, 1993, pág. 66).

Seria certo dizer isso, quando a maioria não crê mais nesses padrões, mas abertamente os ridiculariza e expressa o seu desacordo com eles? Seria essa uma posição válida, para que a assumamos, especialmente quando acompanhada de uma completa falta de disciplina, de modo que os homens, em nome de sua igreja, podem negar os pontos essenciais da fé e nada acontece? É-lhes permitido prosseguir em suas posições de liderança e de importância. Isso de novo é algo que se aplica a cada denominação em particular. Tudo retorna a isto: qual é a nossa concepção fundamental da Igreja?

Há também toda essa questão do exercício dos dons na Igreja. Mencionei hoje de manhã os nossos Irmãos ex-Exclusivos, e o fiz deliberamente para focalizarmos a nossa atenção neste ponto particular. Eis aí homens que escaparam da sua escravidão, mas estão desnorteados e confusos; não sabem o que fazer. Têm algumas dificuldades de maior monta, uma das quais é o "ministério de um só homem", assim chamado. Temos nossos pontos de vista sobre isso, mas sinto que chegou a hora de examinarmos até mesmo essas questões. Não quer dizer necessariamente que abandonemos esse ministério, porém focaliza-se a atenção nisto: nós estaríamos dando aos membros da igreja uma oportunidade adequada para o exercício dos seus dons? As nossas igrejas estariam correspondendo à vida da Igreja do Novo Testamento? Ou haveria demasiada concentração nas mãos dos ministros e do clero? Vocês dirão: nós damos oportunidade para os dons de outros nas atividades durante a semana, à noite. Mas continuo perguntando: manifestamos a liberdade da Igreja do Novo Testamento? Noutras palavras, esta é outra razão pela qual devemos retornar e considerar toda a doutrina da natureza da Igreja, e das marcas da Igreja. Ao fazê-lo, estaremos resolvendo, em detalhe, muitos destes pontos e problemas particulares que necessitam ser reconsiderados entre nós.

Quando olhamos para a Igreja do Novo Testamento e contrastamos a Igreja de hoje, as nossas próprias igrejas, com aquela Igreja, ficamos espantados com a diferença. Na Igreja do Novo Testamento vemos vida, vigor e atividade; vemos uma comunidade cheia de vida, consciente da sua glória e da sua responsabilidade, com a Igreja toda, por assim dizer, sendo uma força evangelística. A idéia de pessoas pertencentes à igreja para virem sentar-se, cruzar os braços e ouvir, com apenas uns dois ou três fazendo tudo, é completamente alheia ao Novo Testamento e, parece-me, é alheia ao que sempre foi uma característica da Igreja em tempos de avivamento e de despertamento.

PENSAMENTO POSITIVO: A PRIMEIRA NECESSIDADE

Agora talvez vocês me perguntem: você vai propor alguma coisa? Bem, eu disse de manhã que não vim aqui com um projeto pronto, não vim aqui com um esquema pronto para ser usado, pela boa e simples razão que não tenho um. Não acho que já chegou a hora disso, mas o que penso é que chegou a hora em que nos convém, de fato que é dever imposto a nós – porque somos quem e o que somos, e por causa da graça de Deus a nós aplicada – encarar juntos esta questão da natureza da Igreja.

Não podemos apenas continuar na posição que herdamos, que herdamos do médio e pós-vitorianismo e eduardianismo. A máquina continua fazendo girar muitas dessas coisas, todavia o faz com vistas a algum propósito? Cabe-nos dar por terminado isso e parar.

Não estou sugerindo que o que necessitamos é algo como um número de Bernard Levins* escrevendo para a imprensa religiosa semana após semana, pondo em ação a tesoura e criticando; isso não nos leva a parte alguma. Precisamos de pensamento positivo. Precisamos abordar estas coisas bíblica e teologicamente, e a minha sugestão é que o façamos juntos. Ultimamente venho tendo a crescente sensação de que a coisa é tão urgente que até podemos ter que mudar a forma, a forma tradicional pela qual temos dirigido as nossas reuniões juntos, e talvez usemos toda uma série de reuniões para discutir alguns destes pontos que tentei colocar diante de vocês; que designemos homens para examinarem diferentes aspectos disto e nos lerem artigos que depois discutiremos. Talvez tenhamos que reunir-nos com maior freqüência. Se estou certo em meu diagnóstico, a situação está mudando muito rápido e, a menos que façamos algo, poderá ser tarde demais; ou poderemos ficar tão oprimidos pela desgraça que só escaparemos de um terrível naufrágio se nos arrastarmos para uma nova posição. Digo que a alternativa é reconhecer que é tempo de agir, de clarear nossas mentes. Certamente não temos por que ter medo de discutir a questão da Igreja, teríamos? Eu acho que nós temos medo de fazê-lo. Mesmo em nossa última reunião, vocês se lembram, alguém levantou a questão sobre a possibilidade de discutirmos o relatório sobre as conversações metodistas-anglicanas, porém imediatamente houve reação contra fazermos isso pela razão que lhes dei

* Conhecido colunista do jornal *The Times*.

hoje de manhã – ah, mas isso vai nos dividir! Ora, devemos livrar-nos disso; devemos livrar-nos do espírito de temor. A situação é séria demais. Não estou fazendo nenhuma proposta; tudo o que estou pedindo é que com sinceridade, com submissão à Palavra, sob a orientação e direção do Espírito e com amor fraternal, examinemos estas questões juntos. Depois, se chegarmos a algum acordo, chegará a hora de começarmos a perguntar: que faremos acerca disso? Mas, certamente a primeira coisa será aclarar as nossas mentes e manifestar o que realmente cremos. Foi-se o tempo de evitar esta doutrina central, de fugir dela. Seremos culpados de fuga do dever, se não nos movermos e não o assumirmos sem demora.

11

AS ARMAS DA NOSSA GUERRA*

Gostaria de dizer que considero um grande privilégio ser convidado para fazer a última preleção desta série. Há muitas coisas que poderia dizer, na verdade eu poderia tomar todo o meu tempo, e muito mais, dando-lhes reminiscências do Dr. Campbell Morgan. Fiz isso, num sentido, quando realizamos um culto religioso em memória dele aqui. Aquilo agora está impresso em sua biografia oficial. Mas eu poderia suplementá-lo facilmente, e de fato me alegraria muito em fazê-lo. A nossa ligação aqui é algo que eu constantemente recordo com muito prazer. Ele e eu, quase não precisaria dizer, éramos dois homens muito diferentes; e, contudo, havia certas coisas acerca das quais nós éramos muito parecidos, e tínhamos tanto em comum, que a nossa associação era supremamente feliz. Dou graças a Deus por aqueles anos em que eu tive o privilégio de gozar da companhia dele.

Receio que tenho que deixar este aspecto nesta altura, porque a vontade dele seria, eu sei, que eu fizesse o que de fato sou compelido a fazer pelos termos deste empreendimento de preleções, a saber, expor as Escrituras para vocês e tratar de um aspecto particular do ensino delas.

Meu assunto é "As Armas da Nossa Guerra". Derivo este título, é claro, da conhecida passagem da Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo dez, versículo 4, onde ele diz: "Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas".

---

* Este discurso foi feito como a décima-sexta e última preleção da "Série de Preleções Bíblicas em Memória de Campbell Morgan" (*Campbell Morgan Memorial Bible Lectureship*), na Capela de Westminster, em 10 de junho de 1964.

Aqui, de novo, há um ponto que me faz lembrar uma característica que eu tive em comum com o Dr. Campbell Morgan. Eu não consigo falar sem um texto bíblico; ele também não conseguia. Nenhum de nós era bom para fazer o que chamam discurso ou palestra. Ele foi supremamente um expositor da Palavra, e fazia o seu trabalho, e dizia o que queria dizer, mediante exposições das Escrituras. E esta noite estou fazendo exatamente a mesma coisa, porque há um sentido em que eu acho, como sempre achei, que o pregador deve ser incapaz de fazer qualquer coisa, exceto expor a Palavra de Deus.

Pois bem, o assunto desta preleção é, acho eu, sumamente apropriado à Série de Preleções Bíblicas em Memória de Campbell Morgan, porque ele foi um homem que, no seu tempo nesta igreja, e em toda parte, esteve muito envolvido numa ação de guerra neste grande "combate de fé". Refiro-me particularmente ao seu período aqui, de 1904 a 1917, quando se librava neste país uma tremenda batalha sobre o que se chamava então "a nova teologia". O principal proponente desse ensino era o Dr. R. J. Campbell, que era então o ministro do Templo da Cidade ("City Temple"); e a batalha permaneceu furiosa até 1914 e a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Essa foi, talvez, uma das formas extremas tomadas pelo movimento da Alta Crítica que se iniciara por volta da década de 1840, na Alemanha, e que viera e influenciara a vida e o pensamento da Igreja Cristã neste país.

O Dr. Campbell Morgan engajou-se ativamente naquela batalha. O seu método de combate era expor as Escrituras. Ele, por assim dizer, não entrou abertamente no conflito usando nomes e escrevendo artigos ou cartas aos periódicos; mas ele foi todo coração e alma na controvérsia, sendo que o seu método era o ensino e a exposição da Palavra de Deus.

Lembro-me muito bem de uma coisa que me foi dita há muitos anos por um homem que vivia na zona central do Vale Rhondda, em Gales, um leigo muito inteligente. Ele me disse que, pela leitura de um jornal chamado *The Christian Commonwealth* (A Comunidade Cristã), que naqueles dias era publicado semanalmente e continha um sermão do Dr. R. J. Campbell, ele e outros tinham sido influenciados por essa nova teologia e, de fato, estavam começando a vacilar. No entanto, depois, disse ele, "o Dr. Campbell Morgan desceu para o Vale e dirigiu uma série de reuniões durante uma semana, aqui no centro do Rhondda. Ele simplesmente expôs as Escrituras numa série de palestras sobre a Pessoa do Senhor Jesus Cristo, sendo o seu tema geral, "Quem é o Filho do Homem?", e eu fui corri-

gido imediatamente, e desde aquela ocasião não mais me desviei". Essa, digo eu, foi uma das grandes características do seu ministério de 1904 a 1917. Aqui estava ele para responder àquela investida contra a fé, e o seu método era a exposição positiva das Escrituras.

Há, porém, outro fato interessante. Apareceram doze volumes por volta de 1911 ou 1912, com o título, *The Fundamentals* (Os Pontos Fundamentais). Foram publicados na América, em Chicago, com o fim de lembrar ao povo os pontos fundamentais de fé cristã, especialmente à luz desse ataque feito à verdade da nova teologia liberal-modernista. O Dr. Morgan foi um dos colaboradores daquela notável série de doze volumes, pelo que vocês vêem que ele estava muito envolvido, e na linha de frente, nessa luta pela fé. Noutras palavras, ele estava interessado em toda essa questão das "armas da nossa guerra". Portanto, sugiro que não é impróprio que nesta preleção final da série, consideremos juntos este mesmo assunto.

É certo fazê-lo, não meramente para que assim paguemos tributo mais uma vez à memória do Dr. Morgan, mas também para que enfrentemos a nossa própria situação na hora presente. Não posso pensar em nada que seja mais urgentemente necessário, e especialmente para aqueles entre nós que são evangélicos – aos quais o Dr. Morgan pertencia, como se dá com a maioria de nós aqui, nesta noite – nada é mais necessário do que considerarmos este assunto vital e da máxima importância. Todavia há uma grande diferença entre a situação de hoje e a que imperava de 1904 a 1917, e essa diferença é que, enquanto naquele tempo as linhas estavam claramente traçadas e os temas para discussão eram perfeitamente claros, a principal característica da nossa época é uma confusão indescritível e há manchas obscurecendo as linhas.

PENSAR QUE NÃO HÁ GUERRA

Em minha opinião, há três principais aspectos deste assunto, ou três linhas, se vocês preferirem, ao longo das quais devemos considerá-lo. Como eu o vejo, há três principais perigos que nos confrontam, a nós evangélicos. O primeiro é pensar que não existe mais guerra nenhuma. Ora, está é uma das maiores causas de confusão. Falam-nos interminavelmente acerca da atmosfera mudada; procuram fazer-nos lembrar como o velho liberalismo, a nova teologia e tudo aquilo a que me estive referindo, foram eliminados uma vez por todas pela Primeira Guerra Mundial; e nos estão fazendo lembrar que vivemos numa era em que a teologia bíblica foi restaurada. Como resultado disso tudo, dizem-nos que,

portanto, somos todos um, e que todos devemos andar juntos.

Outro argumento é que a nossa situação é inteiramente nova porque também houve grande mudança na esfera da ciência. Durante mais de cem anos tem havido grande conflito entre a ciência e a religião; mas nos dizem que até isso mudou. Dizem-nos que a teoria mecanicista pós-newtoniana foi rejeitada, destruída por Einstein em particular, e por outros. Ademais, como as teorias mecanicistas pós-newtonianas foram rejeitadas e em seu lugar temos uma visão dinâmica da realidade como resultado da nova física atômica e do que se chama microfísica, a ciência e a religião se aproximaram muito uma da outra e, portanto, a fé se acha agora numa posição mais vantajosa do que durante muitos séculos. Dizem-nos que o velho antagonismo se foi, e que esta nova e vital visão da realidade mudou a situação toda. Aí está, pois, uma segunda razão sugerida para dizer-se que presentemente não precisamos falar tanto em guerra.

Há, depois, uma terceira razão – e ouvimos falar dela cada vez mais – e é que até a igreja católica romana está mudando. Ali estava algo que nunca mudaria, pensava o povo. Admitia-se que o conflito e a luta entre o protestantismo e o catolicismo romano era algo permanente; quaisquer mudanças que viessem a ocorrer dentro do protestantismo, sempre permaneceria uma diferença fundamental entre a perspectiva católico-romana e a protestante. Dizem-nos, porém, que até isso está mudando agora, que Roma está mudando. Acaso isso não ficou inteiramente óbvio nos aparecimentos do finado papa João nas telas da televisão? Que homem de aparência fina, amável e benevolente; e tudo o que ele dizia era repassado de um tão amoroso espírito cristão! Além disso, dizem, a igreja romana agora está aconselhando e concitando o seu povo a ler a Bíblia. Devemos desistir daquelas antigas idéias de conflito; estamos todos nos tornando um, e aquelas diferenças antigas não existem mais; assim, não devemos falar mais em guerra. Isso, penso que vocês concordarão, é uma crescente massa coletiva de opinião de que já não há mais uma guerra para levar-se avante.

Isso já por si seria matéria mais que suficiente para uma preleção; mas estou tentando oferecer um quadro compreensivo de toda a situação, e terei que contentar-me tão-somente com algumas leves observações a respeito.*

* Quanto a argumentos baseados nas mudanças ocorridas na ciência, ver a obra *Approach to Truth: Scientific and Religious* (Abordagem da Verdade: Científica e Religiosa), de autoria do Dr. Lloyd-Jones, publicada por Tyndale Press, para a Comunidade Médica Cristã, 1963.

A resposta a isso tudo, parece-me, é esta: primeiro temos que examinar essa nova "teologia bíblica" e verificar se ela é verdadeiramente bíblica, ou se é apenas filosofia usando e torcendo certas expressões bíblicas para se ajustarem aos seus caprichos e ao seu pensamento. Temos que encarar toda esta questão quanto àquilo que realmente é ensinado por homens célebres, como Karl Barth e Bultmann na Europa, e Tillich na América, para não mencionar os nossos conhecidos amigos da Margem Sul daqui de Londres. Será que a situação mudou realmente? Mal tenho necessidade de dizer que, no que me diz respeito, de qualquer forma, a batalha é dura e feroz como sempre foi, e que mais que nunca somos chamados para combater o velho e bom combate da fé.

A idéia de que o catolicismo romano está mudando é, talvez, a coisa mais sutil e perigosa de todas. Não quero entrar nisso. Por certo todos concordamos em que no seu comportamento externo ele está mudando. Ele fez isso muitas vezes antes. Às vezes lhe convém ser militantemente perseguidor; outras vezes lhe convém ser agradável e insinuante. Se ele puder conquistar-nos para o seu redil sendo bondoso e amável, estará pronto a agir assim. Entretanto, a questão fundamental é: haveria alguma prova de que houve alguma mudança na doutrina fundamental da igreja de Roma?

Tenho pensado que um único livro que foi publicado este ano (1964) deve ser, por si mesmo, suficiente para responder essa pergunta. É um livro intitulado *The Problem of Catholicism* (O Problema do Catolicismo), escrito por um italiano chamado Subilia, professor no colégio Waldense de Roma. Pois bem, o que é incomumente interessante para mim acerca desse livro é que não foi publicado por uma firma editora evangélica, e sim pela Imprensa do Movimento Estudantil Cristão. Nunca li nada que mostre com maior clareza a diferença entre o catolicismo romano e o protestantismo, ou que estabeleça mais claramente, além de toda dúvida, que não houve mudança em nenhuma doutrina fundamental e que não pode haver tal mudança, do que precisamente esse livro, entremeado como vem de citações do finado papa João, do papa atual, de Hans Küng, e de outros proeminentes escritores católicos romanos. É interessante observar que esse livro teve muito pouca publicidade. Nem sequer foi resenhado por muitos dos semanários religiosos. Aí está um livro, não publicado por evangélicos, que mostra que o velho conflito entre o romanismo e o protestantismo é tão agudo como sempre foi, se não mais. Eis aí, pois, um dos perigos, achar que não existe mais guerra, que já não há combate para se combater.

EVITAR A GUERRA

O segundo grande perigo é o de evitar-se a guerra. Isso é diferente. O homem que evita uma guerra reconhece que há um combate, mas o evita.

Ora, há muitas maneiras de se fazer isso. Uma, é, naturalmente, retirar-se para uma espécie de pietismo. Foi o que muitos evangélicos fizeram na última quarta parte do século passado. Eles diziam, Ora, não vamos tocar nesse novo ensino; não vamos ler aos seus livros; não vamos fazer coisa alguma acerca deles. Se havemos de preservar a nossa fé, temos que dar as costas a tudo isso, e temos que cultivar a nossa vida religiosa. E assim eles descreviam e liam livros para a vida de devoção, e dessa maneira devota procuravam edificar-se. Não tinham contato nenhum com o grande combate que se travava fora.

Há muitos que ainda adotam a mesma atitude. Esta às vezes toma hoje a forma de dizer-se que sempre devemos ser positivos. Essas pessoas têm forte aversão pelo negativo. Não gostam dos que lhes apontam o que está errado e o que não deve ser feito. Sempre seja positivo, dizem elas. Por que você não nos dá somente a mensagem positiva? Por que você precisa estar sempre expondo o erro e demonstrando que isso está errado?

Ou tais pessoas deleitam-se no fato de que não são polemistas. São, na verdade, gente excelente, que nunca ofende ninguém, e a quem todos elogiam! Mas as Escrituras nos dizem que o homem a quem todos louvam está numa condição muito perigosa. "Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem" (Lucas 6:26). Não devemos desejar que certas pessoas falem bem de nós. Elas não falaram bem do nosso Senhor, e há algo de seriamente errado com os Seus seguidores, se elas falam bem deles.

O terceiro perigo em conexão com a fuga da guerra e com o evitá-la é o perigo de refugiar-se numa espécie de escolasticismo ortodoxo. Que é que eu quero dizer com isso? É o perigo de dizer-se: não posso me incomodar com tudo o que essas pessoas estão dizendo. Está tudo errado. Posso ler os grandes escritores antigos, e vou dedicar todo o meu tempo a isso. E assim vocês se tornam um conventículo girando em torno do seu próprio círculo e não fazendo contato com o homem da rua, com o homem do mundo e com as multidões deste país que se acham fora da Igreja Cristã. É uma vida muito cômoda. Não há vida mais feliz do que a do pesquisador erudito, do homem que passa o tempo lendo e depois discutindo o assunto da leitura feita com amigos que pensam do mesmo modo.

Todavia, enquanto vocês podem estar fazendo isso, o mundo marcha para inferno! Aí está esse terrível perigo de evitar-se a guerra.

COMBATER COM ARMAS ERRADAS

Terceiro – e este é o nosso assunto esta noite – há o perigo de se fazer a guerra com armas erradas. "As armas da nossa milícia", diz o apóstolo, "não são carnais". O apóstolo, vocês notam, acreditava em elementos negativos! Ele diz que elas "não são carnais". Muitos hoje gostariam de dizer ao apóstolo Paulo: por que você não é sempre positivo? Por que precisa dizer que elas "não são carnais"; por que não nos diz o que elas são? Não estamos interessados em saber o que elas não são; queremos saber o que são. Esse é o tipo de pensamento e de conversa que, como estou tentando dizer, tantas vezes nos traem. Meus amigos, estamos nesta guerra, e temos que saber o que vamos fazer. É vital, neste contexto, que nos demos conta de quais são as armas erradas. Este é, talvez, o maior perigo de todos. Como eu vejo as coisas, certamente este é o maior perigo na hora presente.

Não há nada de novo nisso tudo. No próprio Novo Testamento há muita coisa sobre a questão de como combater este combate. Temo-lo aqui em 2 Coríntios, capítulo 10. Está em muitos lugares destas Epístolas argumentativas e polêmicas do apóstolo Paulo. A Igreja teve que começar esta peleja quase imediatamente, e este apóstolo preocupa-se particularmente com isso. Na verdade, nestas duas Epístolas aos coríntios ele dedica amplo espaço e muita atenção a esta questão de como lutamos nesta batalha pela fé.

Não devo cansá-los com uma longa lista de armas erradas, e com as coisas que não devemos fazer; mas o apóstolo menciona algumas delas no contexto, pelo que eu as anoto. Diz ele que não devemos combater nesta batalha com as nossas personalidades. "Além disso, eu, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde." Ele está se referindo aí à maneira pela qual algumas pessoas o criticavam em Corinto. Visto que ele não era de aparência pessoal notável, diziam dele, "a presença do corpo é fraca, e a palavra desprezível". Na igreja de Corinto havia gente interessada nos que hoje são chamados "grandes personalidades". Essas pessoas faziam essas observações ofensivas acerca da aparência pessoal do grande apóstolo que aparentemente não era um homem elegante, porém, provavelmente, segundo todos os relatos, era de baixa estatura, calvo e padecia uma inflamação nos olhos.

O apóstolo não entrou nisso tudo, exceto para dizer que ele não combatia dessa maneira. A batalha não é para ser travada pelas aparências dos homens, mas pela classe de impacto (como o linguajar moderno o expressa) que eles fazem sobre a congregação. O homem não deve interessar-se por isso tudo, diz o apóstolo; isso é carnal. Demasiado interesse pelo pregador e sua personalidade é sempre uma das marcas distintivas da carnalidade. Esse era o grande problema da igreja coríntia – "Eu sou de Paulo; e, Eu de Apolo; e, Eu de Cefas" – seguir pessoas. Que lástima! O culto da personalidade continua conosco e, talvez, mais do que nunca.

Depois há a questão dos métodos. O apóstolo estivera tratando disso na Primeira Epístola – "A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana" (1 Coríntios 2:3-5). Ele não usou a retórica dos gregos; não usou nenhum artifício; jamais empregaria métodos pertencentes ao mundo, e não aos domínios do Espírito. Jamais foi homem preocupado em agradar aos homens, continua ele dizendo. Era tão escrupuloso com os seus métodos como o era com a sua mensagem. Ele não dizia, o fim justifica os meios, ou, qualquer coisa que você possa fazer para interessar, atrair e trazer pessoas para ouvirem, é perfeitamente legítima; podemos não gostar disso, mas, se leva a bons resultados, devemos fazê-lo. O apóstolo abominava isso; ele descreveu tais métodos como "carnais".

Fico a perguntar-me como a Igreja Cristã encara essa particular negativa do apóstolo atualmente. Hoje em dia há uma tendência para dar grande ênfase aos métodos; até se faz propaganda da Igreja Cristã. Refiro-me aos departamentos de publicidade para propaganda da Igreja, custeio de periódicos, etc., na tentativa de vender a Igreja ao público como se apresenta uma peça ou se vende sabão ou qualquer artigo de consumo. O apóstolo, parece-me, condena tudo isso como sendo carnal. Isso é método dos homens, é sabedoria humana, conhecimento e entendimento humanos, estratagema humano. Os nossos métodos, diz o apóstolo, "não são carnais".

Contudo, muitas vezes a Igreja tem ido muito mais longe. Em sua tentativa de defender a verdade e a fé, às vezes a Igreja cometeu o erro de invocar o auxílio, o apoio e o poder do Estado e da lei. Isso começou, é claro, como resultado da conversão, assim chamada, do imperador Constantino e de haver-se o cristianismo tornando a religião oficial do Império Romano; e isso continuou, daí em diante. Os homens têm usado o Estado e as leis do Parlamento para a defesa da fé e, portanto, quem quer que mostrasse desacordo poderia ser lançado na prisão, os seus bens poderiam ser-lhe

tomados, e ele poderia, talvez, até ser levado à morte.

Aí está um assunto que facilmente poderíamos ampliar, mas devemos evitar a tentação, e contentar-nos em confessar, com tristeza e vergonha, que até homens como Lutero e Calvino não conseguiram escapar completamente dessa armadilha. Não se pode defender a verdade cristã com o poder do Estado; e não faz parte do dever do Estado defender a verdade cristã. A Igreja e o Estado são esferas complementares, porém essencialmente distintas. Esconder-se atrás das leis do Parlamento e tentar defender a sua posição usando essas leis como escudo, parece-me fazer-lo culpado de tentar combater o grande combate com métodos inteiramente carnais.

Mas, talvez mais grave que todas estas questões seja a que o apóstolo com freqüência tem que tratar em suas Epístolas, e que eu julgo ser a questão suprema na presente hora. É o perigo de tentar combater este combate e de guerrear esta guerra por meio de algo que podemos chamar helenismo. O que quero dizer com helenismo é a perspectiva e mentalidade grega, ou, se vocês preferirem, "a sabedoria deste mundo", ou, ainda, a filosofia. Era o que os coríntios queriam que o apóstolo fizesse. Eles se queixavam de que ele era simples demais, e que simplesmente pregava a "Jesus Cristo, e este crucificado". Não havia filosofia em suas prédicas, diziam eles. Ele não elaborava arrazoados das coisas, e não apresentava as grandes teorias dos mestres que tinham vivido entre eles. Ele não fazia isso, e assim eles diziam que o seu discurso era "desprezível". Era com base nisso que eles o criticavam. Por isso o apóstolo teve que tomar a questão logo no início da sua primeira Epístola, já no capítulo primeiro, versículo 17. Diz ele: "Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, mas para que a cruz de Cristo se não faça vã". Eles tinham esperado "sabedoria de palavras", e depois que ele se fora, disseram que ele não tinha "sabedoria de palavras". Não havia filosofia em sua pregação; era tão simples! Qualquer pessoa podia ouvi-la, aceitá-la e crer nela. Não havia nada complicado e intelectual com relação a ela, nada que envolvesse o manejo das grandes teorias filosóficas. Eles o criticavam porque ele não se portava como um helenista, como um grego, porque não usava a "sabedoria do mundo" e a filosofia.

Que é que isso tem a ver conosco? Bem, a menos que eu esteja redondamente enganado, este é o maior perigo que ameaça a posição evangélica na Igreja Cristã na hora presente. Que será? Seu motivo é muito bom; sua idéia é tornar o cristianismo aceitável aos homens. Os que pensam dessa maneira saem para evangelizar,

saem para socorrer. Eles querem tornar o evangelho aceitável; e eles dizem que você só poderá fazer isto se puder torná-lo intelectualmente respeitável. Estamos vivendo, dizem eles, numa era de bom nível educacional, numa era científica, e assim devemos mostrar que a nossa mensagem é razoável. É uma tentativa de tornar o evangelho razoável aos olhos dos homens.

A TENDÊNCIA QUE SE VÊ NA HISTÓRIA DA IGREJA

Há várias razões pelas quais as pessoas tentam fazer isso. É muito interessante observar a sua história na longa vida da Igreja Cristã. É a pura verdade dizer que desde o começo a Igreja Cristã vem tendo que guardar-se justamente dessa tendência, a tendência de manter a guerra com esta particular arma carnal. Como já indiquei, ela já havia surgido nos tempos de Novo Testamento. O apóstolo não trata disto somente nas Epístolas coríntias, mas também, e particularmente, na Epístola aos Colossenses. Acha-se nas Epístolas Pastorais, particularmente na Primeira Epístola a Timóteo. E quando vocês lerem a história subseqüente da Igreja Cristã, verão a mesma coisa.

É muito fácil entender como e por que isso aconteceu. Quando o evangelho foi primeiro pregado na Palestina, foi o povo comum que o ouviu alegremente; mas começou a espalhar-se pelo vasto Império Romano e pelo mundo grego. Entre outros, alguns gregos capazes, inteligentes e doutos foram convertidos e se tornaram adeptos da fé cristã. Pois bem, é isto que tende a acontecer: uma vez que um homem desse tipo crê no evangelho, a primeira coisa que ele quer fazer é conciliar a sua nova fé com a sua velha cultura e com o seu velho saber. Ele percebe que não pode viver nos dois compartimentos; que não deverá ser um tipo de homem no domingo e outro tipo de homem quando está fora no mundo, como filósofo ou cientista ou outra coisa durante a semana. Assim, ele tenta conciliar os dois. É aí que entra o perigo.

Um dos primeiros a fazer isso foi um homem chamado Clemente, o famoso bispo de Alexandria. Foi ele um dos primeiros a mostrar essa tendência de pôr em uso a filosofia para ajudar o cristianismo, ou de incluir a filosofia na apresentação do cristianismo. Ele fez isso primeiramente para acertar-se a si próprio num sentido intelectual.

Depois surgiu uma segunda razão, e essa foi a perseguição. Houve uma terrível perseguição da Igreja Primitiva, não somente

no século primeiro, mas pior ainda no segundo. Os cristãos foram perseguidos, entre outras coisas, por serem ateus. Por que os julgavam ateus? Bem, por esta razão: os gregos prestavam culto a uma multiplicade de deuses, e, posto que os cristãos não faziam isso, eram chamados ateus. Por isso os cristãos eram compelidos a mostrar que não eram ateus, e que tampouco eram bárbaros, embora não acreditando na filosofia grega. Assim tivemos os grandes mártires e líderes espirituais. O principal foi um homem chamado Justino Mártir. Todo o seu objetivo era mostrar que o cristianismo não só não era perigoso para o Estado e não era ateísmo, mas também que não era oposto à filosofia grega, que realmente ele estava ensinando praticamente a mesma coisa.

A terceira razão era que surgiam heresias. Sempre que aparece uma heresia, tem que ser contestada; e o perigo sempre está em pôr algo da própria sabedoria na contestação. Grande parte desta confusão da Igreja Cristã surgiu simplesmente como resultado do conflito com heresias.

Depois, em quarto lugar, houve o motivo da evangelização: como poderiam apresentar este evangelho ao mundo grego? Os gregos eram cultos, tinham interesse na reflexão, em tentar entender a vida. Como se poderia apresentar este evangelho simples a eles? Bem, alguns daqueles homens – e estou pensando em homens como Orígenes, em Alexandria, no Egito, e Clemente de Alexandria – acharam que o que se deveria fazer era isto: eles diziam, com efeito, você não pode esperar que os doutos gregos aceitam o Velho Testamento como ele é; eles não podem aceitar os fatos do Velho Testamento. Muito bem, nós devemos mostrar-lhes que realmente não se trata de fatos, mas, antes, de alegorias ou figuras; realmente não aconteceram, porém transmitiram verdade importante. Foi assim que eles introduziram aquele método todo fantasioso, o método alegórico de interpretação das Escrituras. Seu motivo ao fazê-lo era ajudar a evangelizar os seus semelhantes.

Foi isso que aconteceu nos primeiros três ou quatro séculos; e é extraordinário observar como essa tendência persistiu daquele tempo em diante. Até mesmo depois da Reforma Protestante, quando Lutero, Calvino e outros descobriram a antiga fé e verdade essencial, antes de se passarem cem anos esse mesmo elemento se introduziu. Grandes mestres começaram a racionalizar a fé cristã e a estruturá-la num grande sistema e corpo dogmático da verdade. Tivemos assim o que se chama escolasticismo ou ortodoxia do século dezessete, que veio a ser a contraparte boa da ortodoxia medieval. Tendia a ser áspera e árida como o pó, e puramente

intelectual; e provocou uma reação que se tornou conhecida como pietismo e que dava ênfase à experiência e ao sentimento.

De novo vocês notam que o motivo era bom. Eles estavam desejosos de defender a fé contra o catolicismo romano, e contra alguns dos excessos de algumas das mais extravagantes seitas que surgiram; mas, ao fazerem isso, introduziram tanto do elemento da filosofia e da sabedoria humana, que veio a ser um sistema rígido e sem vida.

Depois do grande Despertamento Evangélico do século dezoito, a mesma coisa tendeu a intrometer-se de novo; e durante todo o século passado esse elemento filosófico introduziu-se mais e mais. Sejamos sinceros e admitamos que não se pode nem absolver um homem como Charles Hodge dessa acusação particular. A filosofia entra aí! Demasiada filosofia entre em cena, e a tendência é ter-se no final um sistema intelectualista, em vez da fé e pregação viva e dinâmica que vemos no Novo Testamento, e que vemos em todos os períodos de reforma e de avivamento.

OS PERIGOS HOJE

Essa é, então, a maneira pela qual essa tendência entra; e são essas as razões que a explicam. Deveríamos preocupar-nos com isso? Devemos, por causa dos grandes perigos envolvidos. Que perigos? As lições da história, em acréscimo ao ensino das Escrituras, mostram isso claramente. Na época em que Constantino introduziu o Império Romano na Igreja Cristã, por volta de 325 A.D., pode-se dizer que o cristianismo se helenizara. Era muito difícil reconhecê-lo como a mesma coisa que tinha começado no primeiro século, a Igreja do Novo Testamento. Tornara-se helenizado, tão permeado da influência da filosofia grega, que quase viera a ser o oposto do que era originariamente.

Pois bem, houve algumas pessoas que viram claramente esse perigo. Houve um grande homem na Igreja Cristã, por volta do ano 200 A.D., pouco antes, pouco depois, o homem chamado Tertuliano. Ele focalizou esse problema, esse perigo, colocando o que se tornou uma interrogação muito famosa. Foi esta: que é que Atenas tem a ver com Jerusalém? Que é que a academia tem a ver com a Igreja? Essa é a grande questão: que é que Atenas, o centro e o lar da filosofia, tem a ver com Jerusalém, o lar da Igreja? Que é que a academia e o pórtico, lugares onde os filósofos ensinavam, têm a ver com a Igreja Cristã? Se a Igreja daqueles dias tão-somente houvesse prestado atenção a essa pergunta! Mas, e nós? Estaríamos

prestando atenção a ela hoje? O que está acontecendo hoje, como o vejo, é que "Atenas" está de volta, adentrando o movimento evangélico, a academia está vindo de volta para dentro da Igreja e das organizações cristãs. É sempre uma das coisas mais perigosas que podem acontecer, se não, na verdade, a mais perigosa de todas.

Por que isso? Por uma coisa, indica um espírito errôneo. Indica um espírito de temor. Por que há de haver essa tendência de trazer de volta a filosofia, o intelectualismo e a sabedoria do mundo para dentro da esfera do evangelho? A razão fundamental é que cristãos cultos estão com um pouco de medo de não serem considerados como intelectuais por serem cristãos. Não querem ser olhados de cima, não querem que as pessoas pensem que eles são cristãos simplesmente porque não são intelectuais. Ora, esse é um espírito de temor.

Ou, às vezes, ficam com medo de que se prove que eles estão errados. Eles dizem: se nós tomarmos a Bíblia como a Bíblia é e depois, de repente, um dia a ciência provar que algo que nós negamos é um fato, onde ficaremos? Eles têm medo de que se prove que estão errados. Esse é, de novo, o espírito de temor.

Em acréscimo ao temor, há o orgulho do intelecto, orgulho do conhecimento. Fiquem de olho hoje na palavra "erudição". Erudição! Corremos grande e real perigo de prestar culto à erudição. Não me entendam mal. Não estou defendendo o obscurantismo; já o descrevi como um dos perigos. Não cabe ao cristão enterrar a cabeça na areia e dizer: contanto que eu tenha a minha fé, não me importa o que os outros pensem ou digam. Deixando de lado outras considerações, você é guardador do seu irmão; você tem um dever para com os outros. Se o homem tem cérebro, deve usá-lo, e se você tem conhecimento, ótimo! Não defendo o obscurantismo, mas digo que corremos o grave risco de cultuar a erudição.

Cruzei com um caso desses nesta mesma semana, num jornal que eu estava lendo. Cito-o porque ilustra muito bem essa tendência. Eu estava lendo um artigo escrito por um homem que estava explicando por que ele não acreditava no nascimento virginal. Ele não só não crê no nascimento virginal; não crê na infalibilidade das Escrituras, e se opõe fortemente à infalibilidade do papa. Mas foi isto que ele de fato disse. Ele estava citando uma afirmação daquele famoso erudito especialista no Novo Testamento, o finado professor T. W. Manson. Agora, o que estou dizendo não tem nada a ver com o professor Manson. Estou certo de que ele seria o primeiro a desdizer o tipo de declaração que eu vou citar. Aí está um homem muito competente, com seus estudos não somente em Oxford, mas

também no famoso *Union Theological Seminary* de Nova Iorque. Ele escreve isto: "Discordar de um crítico tão capaz e culto com Manson é impossível". Você não deve crer na infalibilidade da Bíblia, você não deve crer na infalibilidade do papa, mas deve crer na infalibilidade do finado professor Manson. Por quê? Ah, ele era um erudito! Toda a honra ao finado professor Manson e a muitos outros grandes eruditos, mas nenhum deles é infalível.

É muito grave o que aquele homem escreve. Ele e os que são daquele modo de ver acusam-nos de bibliolatria. Eles dizem que nós fazemos da Bíblia um ídolo, que adoramos um ídolo, e que não se deve adorar ídolos. Concordo plenamente, porém chegou o tempo em que é nosso dever mostrar que a erudição também pode ser transformada em ídolo, e que a tal ponto você pode adorar a erudição que esta o leva a dizer que você não pode e não deve discordar de um homem como esse porque ele é muito competente e muito culto. Essa é a situação que vai se infiltrando entre nós. Estamos tão ansiosos por ser considerados intelectualmente respeitáveis, e com tanto receio de ser acusados de não sermos intelectuais, que corremos o grave perigo de, erroneamente, adorar a erudição, e de incorrer na culpa de orgulho intelectual.

Isso não somente leva a um espírito errado, mas também a ações erradas. Que é que estou querendo dizer? Quero dizer que, no momento em que você começar a pensar segundo essas linhas, logo estará desejando usar grandes nomes e, para empregar uma expressão bíblica, você estará muito pronto a "lançar mão" apressadamente de certas pessoas. Vocês já notaram a tendência que avança entre nós, de recorrer a qualquer homem que seja proeminente nalguma esfera da vida, que mesmo vagamente insinue que é cristão, e particularmente se ele obteve distinção numa das profissões liberais ou se recebeu altas honras acadêmicas? Se ele faz uma declaração mesmo vagamente cristã, lançamos mão dele e lhe pedimos que presida à próxima reunião pública.

Parece que não nos preocupamos mais se o homem tem realmente a nossa posição evangélica conservadora. Ele é um grande nome – essa parece ser a grande consideração. Essa é uma das coisas às quais essa atitude leva; e isso apesar do fato de que é especificamente proibida nas próprias Escrituras.

Outra coisa a que isso leva é o que sou constrangido a descrever como "mania de graduação". De novo, não sou contra as graduações acadêmicas; elas têm valor. Não há nada de errado em se terem graus acadêmicos, todavia se vocês vão avaliar um homem como cristão, e a sua eficiência na igreja, por meio dos seus graus

acadêmicos, bem, a primeira coisa que vocês terão que fazer é pôr de lado o homem cuja memória estamos honrado aqui esta noite, e muitos outros que eu poderia mencionar. A coisa é esquisita e até mesmo tola, sem levar em conta o contraste que apresenta aos homens incultos e ignorantes de Atos 4:13.

Mais um perigo terrível – e muito sério neste país hoje – é que essa tendência de adorar a erudição está nos levando a uma situação na qual todo o preparo para o ministério é determinado por universidades seculares. Não posso imaginar nada que se encaixe tão diretamente na categoria de combater este combate com armas carnais.

A terceira coisa que isso faz, e esta é a mais grave de todas, é que compromete a verdade. No momento em que você começar a pensar em termos da sabedoria e do conhecimento do mundo, e do entendimento intelectual e da erudição, não será tão cuidadoso como devia ser na tradução das Escrituras. Você estará mais interessado no fato de que os eruditos a fizeram, e que é nova e atualizada, do que na sua exatidão e na sua espiritualidade. Não seriam estes verdadeiros temas vivos entre nós? Qual seria o nosso teste de carbono de uma tradução? É porque ela é nova? Tem que ser boa porque é nova, e porque é resultado da mais recente erudição? É essa a garantia? Estes são alguns dos efeitos e resultados de se pensar do jeito errado.

Outra coisa que isso faz é que tende a fazer-nos ir além das Escrituras. Em nosso desejo de explicar tudo, em nosso desejo de acomodar-nos aos de fora, fazemos afirmações que vão além das Escrituras; em vez de dizer simples e honestamente, eu não sei; não posso entender tudo, nem explicar tudo; isso é tudo o que eu sei. Hoje há uma tendência de se tentar explicar coisas que não se pode explicar.

Outro perigo mais é o de fazer exagerada concessão ao conhecimento moderno e às teorias e especulações modernas, concedendo tanto que finalmente se acaba contradizendo algumas das doutrinas vitais da Bíblia e da fé cristã. Estou pensando em coisas como fazer concessões demais com relação aos primeiros capítulos de Gênesis, concessões demais à teoria da evolução. Por que é que eu digo que isso é perigoso? Porque envolve toda a doutrina do homem, e a doutrina da Queda. Essa, por sua vez, envolve a doutrina da redenção e da salvação e, na verdade, da Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Estes são alguns dos terríveis perigos.

Outro perigo é o de encontrar explicação para tudo. Houve um notável exemplo disso há não muito tempo, quando um homem

publicou um livro intitulado, *The Bible Is True* (A Bíblia É Verdadeira). Foi um dos livros mais vendidos. Por quê? Porque no livro esse homem estava dizendo que agora podia crer em muita coisa da Bíblia em que antes ele não podia crer. Agora ele podia crer nalgumas coisas relatadas como milagres. Um exemplo foi o incidente no qual Moisés feriu a rocha e jorrou água. Disse ele que sempre tivera dificuldade com isso, mas agora podia acreditar. Por quê? Bem, porque na última guerra um soldado britânico, na Palestina, estava usando uma picareta de duas pontas e, acidentalmente, ao levantar a picareta para dar com ela no solo, bateu numa rocha que estava atrás dele, e escorreu um pouco de água. Portanto, vocês vêem, a Bíblia é verdadeira; agora se pode aceitar os milagres! Lembro-me de que uma vez um homem me contou, com grande entusiasmo, que o seu pastor o agradara tremendamente na noite do domingo anterior porque agora ele acreditava na destruição de Sodoma e Gomorra como a Bíblia a ensina. O pastor tinha lido num artigo que os geólogos tinham descoberto que, geologicamente, havia certas substâncias no solo daquela parte do mundo, o que agora capacitava a gente a entender como sucedera a destruição daquelas cidades. O que essas pessoas não compreendem é que, com a explicação dos milagres, você elimina os milagres. Você parece muito culto, parece capaz de ser científico e, ao mesmo tempo, crê em milagres, entretanto, o que você fez realmente foi acabar com os milagres. É exatamente como o apóstolo diz com relação à pregação da cruz. Se você procura explicar a cruz em termos de algo belo, ou de uma maravilhosa ilustração do pacifismo, você, com a sua filosofia, tornou "vã" a cruz de Cristo.

POR QUE ISSO É TÃO ERRADO?

Aí estão alguns dos perigos. Por que tudo isso é tão essencialmente errado? Por esta razão, que essa tentativa de tornar o evangelho aceitável aos homens já em si é errada. Diz-nos a Bíblia que o homem está num estado de pecado, que o homem está cego, cegado pelo deus deste mundo, que "a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser" (Romanos 8:7), que "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). Essa tendência moderna esquece tudo isso. A idéia de que você pode tomar o evangelho e, por causa

do conhecimento moderno, apresentá-lo de tal modo que vai ser mais fácil ao homem moderno crer nele, é uma negação do evangelho. "O escândalo da cruz" (Gálatas 5:11) desapareceu, o escândalo do cristianismo evaporou-se, a "loucura" da pregação ou da mensagem pregada não é mais verdadeira. Está completamente errado.

Deixem-me, porém, acrescentar isto: é também tolo demais. Se eu preciso do conhecimento moderno para me ajudar a crer na Bíblia, como é que as pessoas criam nela no passado? Se eu tenho que apoiar-me na microfísica e dar graças a Deus por ela porque agora ela me torna fácil crer no evangelho, que dizer das pessoas que aceitavam as teorias de Isaac Newton? Noutras palavras, se vocês usarem essa atitude moderna como teste da história, verão que imediatamente a coisa toda se torna ridícula.

Eis mais uma razão: não há nada mais perigoso do que ser dirigido pelo conhecimento moderno. Por quê? Porque o que é conhecimento moderno hoje, será obsoleto amanhã, ou pelo menos em dez anos, ou certamente dentro de cinqüenta anos. Onde estão os "resultados seguros" da Alta Crítica contra a qual o Dr. Campbell Morgan teve que lutar quando estava aqui, antes da Primeira Guerra Mundial? Tantos deles esvairam-se no ar. Não se têm "resultados seguros". Nada é tão precário como basear qualquer parte da sua posição no conhecimento moderno ou na ciência moderna. De igual modo, nada é tão perigoso como a tendência moderna de confundir teorias e fatos.

Finalmente, considerem isto: o moderno evangélico conservador que pensa segundo essas linhas, faz isso porque quer conquistar pessoas para o evangelho. Mas, considerem o que diz um escritor americano, chamado Hordern, escrevendo em 1959, na obra, *The Case for a New Reformation Theology* (Argumentação em prol de uma Teologia da Nova Reforma). Ele não é um evangélico conservador; ele esposa o que denominou teologia da "nova reforma". Diz ele: "A nova teologia conservadora de hoje, em seu desejo de ser atualizada, intelectual e relevante, corre o grave perigo de conformar-se demasiado estreitamente à era moderna para poder levar uma palavra a essa era". O que ele quer dizer é que você pode modificar tanto a sua mensagem, a sua crença ou o seu método, que o homem que você está querendo conquistar para Cristo diz: bem, não vejo muita diferença entre o que você está dizendo e o que eu já cria. Você não será mais capaz de ajudá-lo. Em seu desejo e anseio exagerado de ajudá-lo, você está frustrando o seu próprio esforço e empenho.

Estaria eu querendo dizer com isso que não há nenhum lugar para a apologética? Não, mas é vital que compreendamos exatamente qual é o lugar da apologética. Ei-lo: a principal tarefa da apologética é dar apoio à fé do crente. Ela não o torna crente, porém o ajuda a manter e firmar a sua fé. A função da apologética é mostrar o erro e a completa insuficiência de todos os outros conceitos alheios ao conceito bíblico. A apologética, o uso do conhecimento moderno, é excelente como introdução do sermão, mas não deve ir além disso. É muito boa no trabalho de demolição, contudo não ajuda na construção. Ajuda a derribar o velho edifício, mas não ajuda a erigir o novo. Jamais pode levar alguém à salvação. Seja qual for o uso que se faça do conhecimento moderno, da argumentação moderna, ou de quaisquer outros implementos e armas carnais, jamais levará alguém à fé em Cristo.

A MANEIRA CERTA

Qual é a maneira certa? Pode-se expor isso brevemente. É a tradicional posição evangélica dos séculos. Só precisamos lembrar-nos dela. A principal necessidade dos evangélicos no momento, acho eu, é a advertência negativa já feita. Portanto, deixem-me passar, resumidamente, à positiva. Qual será? Ouçam o grande apóstolo: "Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os *conselhos* (ou "argumentos", ou "raciocínios"), e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo" (2 Coríntios 10:3-5).

Como devemos combater? Antes de tudo, ponhamos nossa ênfase nisto – no espírito com o qual combatemos. É isso que é tão trágico acerca dessa tendência moderna. Como tentei mostrar, ela produz um espírito de temor, em lugar do espírito de confiança, como o vemos aqui, refulgente, nas palavras do grande apóstolo. Como havemos de combater a incredulidade moderna, a filosofia moderna, a ciência moderna, qualquer coisa moderna, como queiram?

Permitam-me expressá-lo tão sucintamente quanto puder, desta maneira: não será tentando combater Golias usando a armadura de Saul – nunca! Essa nunca é a maneira. Você tropeçará. Ao sair da sua tenda, você parecerá uma figura impressionante, mas tropeçará e será derrotado. Que Davi combata à maneira de Davi! Que seja tolo, seja ridículo, que apenas apanhe aquelas pedras e use a sua

funda. Que pareça um lunático aos olhos do gigante, e talvez aos olhos do seu povo também. Essa é a maneira de Deus!

Ponhamos atenção nas grandes palavras que foram utilizadas por Davi. Far-nos-á bem lê-las juntos e ouví-las outra vez. Este é o jeito de lutar que Deus nos ensina. "Então falou Davi aos homens que estavam com ele, dizendo: que farão àquele homem que ferir a este filisteu, e tirar a afronta de sobre Israel? Quem é pois este incircunciso filisteu, para afrontar os exércitos do Deus vivo?" (1 Samuel 17:26). Esse é o jeito de combater. Todos os israelitas estavam se escondendo e estavam cheios de medo. Não tinham um homem que fosse suficientemente grande, a armadura não era adequada, e assim por diante. Então esse rapaz vem com as suas pedras e com a sua funda, e diz: "Quem é este filisteu incircunciso?" Esse é o modo de pelejar nas batalhas do Senhor! Mas deixemos que Davi continue a falar-nos: "Davi porém disse ao filisteu" – que se sentira insultado pela simples visão de Davi – "Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão, e ferir-te-ei, e te tirarei a cabeça, e os corpos do arraial dos filisteus darei hoje mesmo às aves do céu e às bestas da terra: e toda a terra saberá que há Deus em Israel" (1 Samuel 17:45-46). Esse é o jeito de lutar.

Ou deixem-me colocá-lo desta forma: como havemos de manusear a "arca do Senhor" confiada aos nossos cuidados? Como havemos de fazê-lo? Bem, não devemos fazê-lo por meio do que eu chamaria, filosofia do "novo carro". Vocês se lembram de quando os filhos de Israel estavam levando de volta a arca ao seu lugar próprio, em vez de levá-la de acordo com as instruções que Deus tinha dado, que era que deviam levá-la sobre varais, fizeram um "novo carro".* Parecia muito melhor que os velhos varais. E fizeram aquele maravilhoso carro novo, e tinham bois para tirá-lo, vocês se lembram. Mas então começou a balançar, e aquele pobre homem, Uza, pôs a mão na arca para segurá-la, e caiu morto na hora. Muito certo! Que é que Deus estava fazendo ali? Deus estava tão-somente dizendo que a Sua arca tinha que ser manuseada do Seu jeito, e não do jeito do homem. O novo carro não é superior aos velhos varais. Desfaçamo-nos da filosofia do "novo carro". Ado-

* O argumento do Autor se reforça quando nos lembramos de que o recurso do "carro novo" fora usado pelos filisteus. Comparem-se 2 Samuel 6:3 e 1 Samuel 6:7-8. Nota do tradutor.

temos a filosofia, se é que vocês devem ter o termo, de um homem como Gideão, a quem, igualmente, foi dito que não devia combater empregando grandes batalhões, porém com um simples punhado de pessoas em que se podia confiar. Só deveriam levar cântaros nas mãos e tochas neles, apenas uma mancheia de homens, trezentos contra as hordas do inimigo, e tudo o que eles tinham que fazer era gritar, "Espada do Senhor e de Gideão".

Essa é a instrução que nos é dada. Devemos desfazer-nos do espírito de temor, deste orgulho furtivo, deste complexo de inferioridade, desta tendência de pedir desculpas pela Palavra de Deus e sua bendita verdade. Temos que retornar à posição daqueles gigantes da fé e dizer: "Andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas".

CONFIANÇA NA PALAVRA

Devemos ter confiança e segurança! Em quê? Na Bíblia como a Palavra de Deus. Por quê? Porque é a Palavra de Deus, porque é a revelação de Deus; porque não se trata de teorias e idéias de homens com relação à verdade; porque não é o que os homens descobriram e alcançaram como resultado do seu grande estudo e erudição e meditação. É o que o Deus vivo revelou aos homens, mostrou-lhes e mandou-os pregar. Lembremo-nos do contraste que Martinho Lutero fez entre a filosofia e a revelação. Assim se expressou ele: "A filosofia relaciona-se com o que pode ser conhecido pela razão humana. A teologia relaciona-se com o que se "crê", com o que é apreendido pela fé".

Esta é a Palavra de Deus, esta é a verdade de Deus. É oriunda do céu, não dos homens, e, portanto, é invencível. Temos que aprender a dizer o que este grande apóstolo disse em sua Epístola aos Gálatas, no capítulo primeiro: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema" (versículo 8). "Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho. O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo" (versículos 6 e 7). "Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo" (versículos 11 e 12). "Uma dispensação do evangelho", diz ele aos Coríntios e a outros, "me é confiada". Esta era a sua posição geral, e deve ser a

nossa. Esta é a Palavra de Deus! Isto é revelação! É infalível porque é de Deus. Esta é a primeira arma da nossa guerra. É algo para ser proclamado; não para ser defendido, e sim para ser proclamado; é para ser proferido com santa ousadia; é para ser "declarado" aos homens. Não precisamos de "diálogos"; precisamos de declaração.

E qual é a sua mensagem? Bem, o que desejo salientar particularmente é que precisamos ter a mensagem plena. À semelhança deste grande apóstolo, temos que transmitir todo o conselho de Deus. Creio que muito da nossa situação presente se deve ao fato de que não temos feito isso. Só temos pregado partes dele. Temos tido medo de escandalizar. Temos sido superficiais. Temos estado tão interessados em conseguir resultados visíveis, que temos retido certos aspectos vitais da verdade. Tem que ser todo o conselho, o evangelho pleno.

Em que consiste? Começa com a lei. A lei de Deus. A pregação começa com a lei; deve começar com a santidade de Deus, com a lei de Deus, com as exigências de um Deus justo, a ira de Deus. Essa é a maneira de levar os homens e as mulheres à convicção de pecado; não modificando a verdade, não apresentando a verdade com uma cultura aparente, que a dilui. Devemos confrontá-los com o fato de que eles são homens, e que são homens falíveis, que são homens que estão morrendo, que são homens pecadores, e que terão que comparecer à presença de Deus, no tribunal do juízo eterno, e terão que prestar contas dos atos praticados estando no corpo, e devemos confrontá-los com o fato da ira de Deus, já revelada "sobre toda a impiedade e injustiça dos homens" (Romanos 1:18). Devemos apregoá-lo sem temor nem favor, com a santa ousadia que caracterizava os primeiros apóstolos.

E então devemos apresentar-lhes a doutrina global da graça de Deus na salvação em Jesus Cristo. Devemos mostrar que nenhum homem será salvo pelas obras da lei, por sua própria bondade ou justiça, ou por ser membro de igreja, ou por qualquer outra coisa, mas unicamente, completamente, inteiramente pelo dom gratuito de Deus em Jesus Cristo, Seu Filho. Devemos dizer-lhes que o Filho eterno de Deus veio do céu a este mundo, nasceu miraculosa e singularmente da virgem, nasceu sujeito à lei, e prestou perfeita obediência a essa lei, que Ele levou sobre Si a culpa dos nossos pecados e recebeu o castigo que nos cabia, e que unicamente por isso somos salvos. Devemos dizer-lhes que Ele morreu, que Ele foi enterrado num túmulo, que ressuscitou literalmente no corpo, manifestou-Se a testemunhas escolhidas, ascendeu ao céu, sentou-Se à mão direita de Deus, e que Ele está aguardando até que Seus

inimigos se tornem o estrado dos Seus pés; que Ele virá outra vez, cavalgando as nuvens do céu, rodeado pelos santos anjos, que Ele destruirá todos os Seus inimigos e implantará o Seu reino glorioso e eterno. Temos que pregar a doutrina global, sem deixar nada: a convicção de pecado, a realidade do juízo e do inferno, a livre graça, a justificação, a santificação, a glorificação.

Também devemos mostrar que há na Bíblia uma cosmovisão. Devemos demonstrar que somente aqui se pode entender a história; a história passada, a história presente, a história futura. Mostremos esta grande cosmovisão, e o propósito eterno de Deus. Preguemos isso às pessoas. Esqueçamos a sua ciência e cultura e erudição. Digamos a elas, isto é história, foi o que aconteceu, e isto é o que deve acontecer; Deus o disse. Demos a elas o evangelho global e a sua mensagem.

Ao mesmo tempo, sejamos muito cuidadosos, no sentido de o estarmos dando ao homem todo. Que é que eu quero dizer? Quero dizer que o evangelho não é só para o coração do homem, e sim que se deve começar com a cabeça e apresentar a verdade a ela. A verdade vem primeiro à mente e ao entendimento. Exponhamos a verdade. Não imaginemos que evangelizar é apenas contar histórias, divertir o povo e usar certas técnicas psicológicas. Mostremos que é uma grande mensagem dada por Deus, e que nós, por nossa vez, passamos à mente, ao coração, à vontade. Há sempre este perigo de deixar de lado uma ou outra parte da personalidade humana. Alguns são puramente intelectuais em sua abordagem, alguns são inteiramente emocionais ou sentimentais, alguns estão sempre concitando as pessoas a se decidirem ou a se renderem – toda a ênfase dada à vontade. Todos eles estão errados. "Mas graças a Deus", diz este grande apóstolo em Romanos 6:17, "que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues". Certifiquemo-nos que visamos ao homem completo: sua mente, suas emoções e sua vontade.

Finalmente, tratemos de compreender que as armas da nossa guerra não são carnais, mas poderosas em Deus, poderosas com o poder de Deus. Tratemos de compreender que podemos ser ortodoxos e, todavia, estar mortos. Tratemos de compreender que podemos ser altamente intelectuais e teológicos e, contudo, inúteis. Tratemos de compreender que até mesmo a nossa proclamação desta Palavra com a nossa própria força e poder é finalmente nula e vazia. "Poderosas em Deus"! No poder de Deus! É nisto que o grande apóstolo insiste constantemente. É por isso que ele diz em 1 Coríntios, capítulo 2; "E eu estive convosco em fraqueza, e em

temor, e em grande tremor. A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder" (versículos 3 e 4). Se alguma vez houve um homem que poderia usar o seu cérebro, a sua razão, a sua lógica, e confiar nessas coisas, era esse homem; porém não o fez. Ele tremia ante a possibilidade de fazer isso. O poder, a autoridade e a demonstração deviam ser "de Deus". "Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (versículo 5).

Ouçam-no de novo em 1 Coríntios 4:19-20. Diz ele: "Mas em breve irei ter convosco, se o Senhor quiser, e então conhecerei, não as palavras dos que andam inchados, mas a virtude (ou "o poder"). Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em virtude" (ou "em poder"). É o extraordinário poder do Espírito Santo; e sem isto, nada podemos fazer. "O nosso evangelho", diz ele, "não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza" (1 Tessalonicenses 1:5).

Isso é tão essencial como a ortodoxia e a exatidão da doutrina e da crença. Sem isso não podemos fazer nada. No princípio do século dezoito, alguns homens ortodoxos puderam ver a decadência da posição, e perguntaram: que podemos fazer para salvaguardar a verdade? Resolveram implantar as chamadas Preleções Boyle. Que eram? Destinavam-se a defender a fé cristã. Um grande bispo, vocês se lembram, escreveu um livro que conhecemos como a *Analogia do Bispo Butler*. Ela estava querendo defender a fé cristã. E outro homem, chamado Paley, fez a mesma coisa.

Mas o que salvou a situação não foram esses livros, bons como eram. Que foi que salvou a situação? Posso dizer-lhes. Foi o Espírito Santo vindo sobre George Whitefield em sua ordenação. Foi o coração de João Wesley sendo "estranhamente aquecido" na Rua Aldersgate, em 24 de maio de 1738. Foi o derramamento do Espírito de Deus. Foi o poder! "Poderosas em Deus"! Pois aí está o vero poder que tinha derrubado, humilhado e persuadido o próprio apóstolo, o orgulhoso e farisaico Saulo de Tarso, confiante em sua justiça própria. Ele tinha que ser abatido, tinha que ser humilhado, tinha que ser lançado ao chão; e é somente o poder de Deus, o poder do Cristo ressurreto, que pode fazer isso, mediante o bendito Espírito Santo. Aconteceu o mesmo com o grande Agostinho, o mesmo com Lutero, o mesmo com Calvino, o mesmo com Blaise Pascal. É a mesma coisa com todos eles, com todos os seus intelectos gigantescos, e a sua cultura e o seu entendimento. E é tão verdadeiro isto esta noite como sempre foi no transcorrer dos séculos.

Eu e vocês não devemos temer de maneira errada pela arca do Senhor. O futuro está assegurado. Isto não é complacência; é fé cristã; é otimismo cristão; é segurança cristã. Esta é a nossa posição. Isto é o que Deus, creio eu, está nos dizendo esta noite, conforme Isaías 41:10-14: "Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus: eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça. Eis que envergonhados e confundidos serão todos os que se irritaram contra ti; tornar-se-ão nada, e os que contenderem contigo perecerão. Buscá-los-ás, mas não os acharás; e os que pelejarem contigo tornar-se-ão nada, e como coisa que não é nada os que guerrearem contigo. Porque eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita, e te digo: não temas, que eu te ajudo. Não temas, ó bichinho de Jacó, povozinho de Israel; eu te ajudo, diz o Senhor, e o teu redentor é o Santo de Israel".

Povo cristão, quando nos dermos conta de que as armas da nossa guerra "não são carnais" e que, ao mesmo tempo, são "poderosas em Deus, para destruição das fortalezas", de todos os "conselhos" e de "toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus" – quando nos dermos conta disso, estaremos prontos a concordar com Charles Wesley, quando ele diz:

Reina o Salvador Jesus,
Deus da verdade e amor;
Quando limpou nossas manchas,
Nas alturas Se assentou.

Seu reino não pode falhar;
Governa a terra e o céu;
As chaves da morte e do inferno
Dadas a Jesus serão.

À destra de Deus está
Até que os Seus inimigos
Sujeitem-se ao Seu comando
E caiam sob os Seus pés.

Alegrai-vos na esperança;
Jesus, o Juiz, virá
E levará os Seus servos
Para o Seu lar eternal.
Logo ouviremos a voz do arcanjo,
A trombeta de Deus soará!

12

O CENTENÁRIO DA CAPELA DE WESTMINSTER (1865-1965)*

Estamos aqui para celebrar o centésimo aniversário da inauguração deste edifício. Não estamos celebrando o aniversário da formação da igreja, mas, específica e primordialmente, estamos interessados no edifício. Naturalmente, não podemos limitar-nos a isso porque, afinal de contas, a importância do edifício está no que aconteceu e teve lugar nele. Mas devemos procurar tratar destas coisas com exatidão.

Agora, alguns de vocês talvez tenham notado que o meu modo de anunciar esta reunião e de referir-me a ela parecia conter um elemento de hesitação; e isso é perfeitamente certo. Eu não tentei ocultar a hesitação. Ocorre-me a questão, como pode ser que ocorra a muitos de vocês esta noite, sobre se estamos fazendo uma coisa certa esta noite. Devemos nós, como cristãos, celebrar a inauguração de um edifício? Um ponto teológico interessante surge em conexão com isso, e eu quero dizer apenas umas poucas palavras sobre isso, antes de oferecer-lhes alguns dos interessantes e notáveis fatos relacionados com este edifício, e com o que tem ocorrido nele, durante este longo período de tempo.

Explicarei num momento os motivos da minha hesitação a respeito disso. O meu primeiro impulso foi o de fazer alguma referência a este evento numa reunião puramente doméstica da igreja em setembro. Geralmente temos uma reunião em setembro, quando volto das minhas férias, em que nos congregamos para comunhão e palestra sobre certas questões – o meu primeiro impulso foi fazer apenas isso. Mas fui persuadido de que deveríamos ir além e ter a espécie de reunião que estamos tendo aqui esta noite.

* Palestra feita na Capela de Westminster em 6 de julho de 1965.

Tenho muitas razões para esse tipo de hesitação. Não sou muito confiante em aniversários, especialmente com relação às igrejas. Penso que um dos lamentáveis desenvolvimentos ligados à vida da Igreja livre é a multiplicação dessas ocasiões especiais – aniversários, aniversários de meio ano etc. Alguns têm até aniversários trimestrais e toda sorte doutros dias e comemorações. Bem, instintivamente, nada disso me atrai, e por isso nunca temos nenhuma reunião de aniversário aqui.

Contudo, de algum modo fui ajudado por algo que li num jornal ontem de manhã. Sucede que o jornal é o *Western Mail*, de Cardiff. Eis o que li no *Western Mail*, quanto ao dia de ontem. Trazia um relato do centenário da inauguração de um "ferrocarril da luz", sumamente interessante e fascinante, conhecido como Estrada de Ferro da Luz, de Talyllyn. Foi inaugurada de ontem há um século, e assim a ocasião estava sendo celebrada. Mas o que eu li foi isto: "A Estrada de Ferro de Talyllyn tem operado continuadamente desde o seu princípio e alega ser o primeiro ferrocarril de bitola estreita do mundo a poder celebrar um século de operação a vapor, com as duas locomotivas originais ainda em funcionamento". Vocês podem indagar o que é que isso tem a ver com a nossa reunião desta noite – mas esperem um minuto. A reportagem prossegue: "Agora opera sem fins lucrativos e atrai anualmente dezenas de milhares de turistas". Agora ouçam: "Na Igreja de São Cadfan, em Towyn, ontem (isto é, domingo passado), um culto em ação de graças foi realizado pelas Igrejas Unidas, com vistas ao centenário. Um velho vagão de cem anos, uma pá de foguista, um malho e uma insígnia de locomotiva com as palavras "A Centenária" ocuparam o lugar de honra no transepto da igreja. O ato de ação de graças foi realizado pelo Rev. David Williams, pastor da Igreja Congregacional de Towyn, e o sermão foi pregado pelo Rev. W. V. Awdry, de Wisbech, membro da Sociedade de Preservação e autor de vários livros populares infantis sobre trens e estradas de ferro".

Bem, tendo lido isso, fiquei um pouco à vontade quanto ao que estamos fazendo esta noite!

Agora, qual é a causa dessa hesitação que eu tinha em minha mente e em parte, talvez, em meu espírito? Bem, é, naturalmente, um última análise, a atitude geral da gente, como cristão, para com os edifícios, para com o que chamam edifícios "religiosos". Sou franco em confessar que não é um assunto fácil; de fato, sempre o achei extremamente difícil. Leiam o Velho Testamento e verão que se lhe dá muita atenção. Pensem, por exemplo, no que lemos sobre o edifício de Salomão, aquele primeiro grande templo, e como

devia ser uma casa "magnífica em excelência" (ARA: "sobremodo magnificente" 1 Crônicas 22:5); e todos os detalhes, e todas as obras de engenho e arte, e todo o cuidado e atenção dados ao edifício do templo. O templo, como edifício, era considerado com grande seriedade; tudo do melhor deveria ser colocado nele, e ele deveria ser grande, maravilhoso e magnífico em todos os aspectos, porque era a casa de Deus.

O Velho Testamento, vocês sabem, está repleto de demonstrações dessa atitude para com os edifícios em que Deus era adorado; mas quando nos volvemos para o Novo Testamento, a tendência será ver algo diferente. Vocês vêem o nosso Senhor assentado num barco e pregando, ou assentado na encosta de uma montanha. Vocês lêem a respeito da igreja numa casa assim e assim. O quadro todo parece ter mudado completamente, e nisso, penso eu, surge o problema.

Conforme vocês acompanham a história dos séculos, observam que ocorreu um desenvolvimento. Daquela simplicidade tão característica do Novo Testamento, surgiu uma tendência, e esta se desenvolveu no sentido de um retorno, por assim dizer, à idéia veterotestamentária, até chegar às grandes igrejas, abadias, catedrais etc., medievais. Levanta-se então esta questão interessante, este problema: como conciliar estas coisas?

Depois, vocês recordam, quando se chega ao século dezessete, e o movimento puritano se torna poderoso, tem-se de novo o surgimento de uma nova atitude com relação a esses edifícios. Tem-se uma reação contra catedrais, edifícios ornamentados, vitrais coloridos e todos os demais aspectos tão característicos da catedral, e daquele tipo de arquitetura e de acessórios. Vêem-se os puritanos interessados na simplicidade e sobriedade dos edifícios, bem como do culto. De fato, eles fizeram outra coisa que para mim é, talvez, de qualquer forma, ainda mais importante; pararam de referir-se ao lugar de culto como "igreja", e se referiam a ele como "casa de reuniões".

Essa é a tradição puritana – que o edifício é apenas uma casa para reuniões. Aqueles de vocês que leram algo da história do movimento quacre saberão como George Fox, em particular, costumava denunciar as "casas de torres", como ele as chamava. Essa era, em geral, a tendência de todos os puritanos. Eles reagiram contra todo o desenvolvimento medieval, que foi adotado pela Igreja da Inglaterra, e por ela continuado; e promoveram "casas de reuniões". Tudo o que se necessitava era um edifício onde homens e mulheres pudessem reunir-se para orar, para ouvir a pregação da Palavra e

terem comunhão uns com os outros e, acima de tudo, naturalmente, para se encontrarem com Deus.

Não devo deter vocês com isso tudo esta noite, porque anunciamos que o que vamos fazer principalmente é dar-lhes um pouco de história. Mas eu não poderia fazer isso sem tentar justificar o que estamos fazendo.

Haveria algum modo de conciliar estas coisas que coloquei diante de vocês? Bem, parece-me que o melhor que podemos dizer é algo semelhante a isto, que nestas questões não há regra absoluta, e que o problema não é tão simples como às vezes parece. Temos os dois extremos nesta matéria, porém eu acho que os dois extremos são errados. Tudo o que podemos dizer com certeza, penso eu, é isto, que sempre há perigo na exteriorização do nosso culto. Isto não se aplica somente aos edifícios, aplica-se à música, aplica-se à arte, aplica-se a muitas outras coisas relacionadas com o nosso culto a Deus. O perigo é, digo eu, ir de um extremo ao outro. Isso ocorre, naturalmente, porque ainda estamos na carne, e porque isso parece constituir uma regra, na medida em que se pode falar com base numa leitura da história da Igreja, que a exteriorização e a espiritualidade parecem ser opostos entre si, e que são inversamente proporcionais uma à outra. À medida que as pessoas atribuem cada vez mais significado aos fatores externos e às formas, tendem a dar cada vez menos atenção ao elemento espiritual vivo do culto.

Ora, não estou fazendo absolutos desse elementos; estou simplesmente dizendo que convém que sejamos cuidadosos. Podemos andar errados nos dois extremos porque o Espírito Santo de Deus pode agir em todo e qualquer lugar, e Ele tem agido em lugares a respeito dos quais alguns de nós, com perspectiva puritana, ficaríamos espantados ao ouvir. Não há limite para o poder de Deus e para o que Lhe é possível. Não obstante, penso que é justo dizer que, falando em termos gerais, vocês não O viram agindo com grande poder de avivamento em catedrais e abadias, e sim O têm visto agir com esse poder em locais de culto de dissidentes, conventículos singelos destituídos de ornamentos tantas vezes menosprezados, e muitas vezes em galpões, em cavernas, em picos de montanhas. Não quero forçar isso, levando-o longe demais, entretanto eu penso que é algo que nos convém ter em mente.

A subseqüente observação geral que desejo fazer é esta: de modo algum podemos reunir-nos como fazemos esta noite sem termos um grande contraste em nossas mentes, e que se trata, é claro, do contraste entre 1865 a 1965. Que contraste! É muito difícil

imaginar contraste maior. Vocês vêem, este edifício teve que ser construído em 1865 porque o edifício anterior deles, como lhes vou contar, tinha ficado pequeno demais! E não olvidemos: este edifício foi construído em 1865. Foi em 1861 que o Tabernáculo Metropolitano de Spurgeon foi construído e inaugurado. Vocês vêem, a quatro anos um do outro, este grande edifício e aquele edifício maior ainda, ali ao sul do Rio Tâmisa, foram construídos.

Ora, isso nos dá um quadro das condições que prevaleciam em 1865 e no período intermediário da era vitoriana. Foram anos de igrejas e capelas repletas, anos de grande sucesso religioso, anos em que quase toda gente ia a um local de culto, e toda gente falava em construir edifícios maiores. Mas hoje toda a situação mudou. Os grandes edifícios tornaram-se um problema, e quando se vai fazer reconstrução hoje, procura-se construir edifícios menores. A reedificação do Templo da Cidade (City Temple) ilustra isso – a capacidade máxima de pessoas sentadas agora é de 1400. E é a mesma coisa com o Tabernáculo de Spurgeon, reconstruído após a última guerra. É exatamente o oposto do que imperava em 1865.

Fui angustiosamente tentando a gastar a noite toda com o contraste entre 1865 e 1965. Não vou fazê-lo. Todavia, é interessante para mim, neste sentido: tenho dito muitas vezes deste púlpito que me alegra muito pregar aqui agora, e não há cem anos atrás. Às vezes as pessoas se mostram surpresas com isso. Certamente, dizem elas, você não escolheria deliberadamente estes dias difíceis, trevosos e desanimadores nos quais vivemos; você não se precipitaria a preferir isso aos dias da fulgente alcíone* e àquela grandiosa condição de prosperidade religiosa que você nos tem estado recordando que prevalecia na década de sessenta do século passado. Bem, resolutamente digo que deliberadamente preferiria estar aqui agora, e não há cem anos atrás.

Por quê? Isso levanta a questão geral do conceito que se tem da era vitoriana. É uma era da qual sou crítico. Creio que uma das primeiras e mais urgentes coisas que a Igreja Cristã tem que fazer hoje é esquecer a era vitoriana e retroceder ao século dezoito. A mim me parece que a era vitoriana foi muito artificial. Parecia tão próspera e tão maravilhosa! E o povo daquela época estava convencido de que o era. Estava certo de que se estava progredindo rumo à perfeição. Mesmo os que rejeitavam a teoria biológica da evolução como tal, pareciam admiti-la no sentido religioso. A Igreja estava em expansão e as sociedades missionárias estavam

* A mais brilhante estrela da constelação das Plêiades. Nota do tradutor.

crescendo e se desenvolvendo – o mundo inteiro ia se tornar cristão. Realizavam grandes conferências e não hesitavam em dizer que poderiam engendrar um plano para evangelizar o mundo todo dentro de um dado período de tempo.

Quão patético era isso tudo! Não perceberam que já em 1865 "o câncer penetrara o corpo". Não perceberam que o movimento da Alta Crítica, acerca do qual eles estavam começando a ouvir e que viera da Alemanha nas décadas de trinta e quarenta, já estava começando a minar toda a situação. Continuaram em seu falso otimismo – e continuaram, de fato, até 1914. E então, ou pouco depois, começou a ficar óbvio para muitas pessoas que aquilo era muito artificial, que havia podridão no cerne. Mas hoje em dia isso é óbvio para toda gente; e é por isso que eu prefiro estar aqui agora, e não há cem anos atrás. Sabemos exatamente o que estamos enfrentando, qual é a situação. Não temos ilusões. De qualquer forma, espero que isso seja verdade com relação a todos nós, que nos achamos aqui esta noite. Estamos enfrentando a realidade, e não uma pintura artificial já podre, em certo sentido, em seu âmago.

Assim, poderíamos passar o nosso tempo de maneira muito proveitosa, penso eu, traçando e assinalando os contrastes, os grandes contrastes entre 1865 e 1965. Mantenhamos isso em nossas mentes ao passarmos agora aos fatos concretos da história ligada a este lugar.

Por alguma razão extraordinária, a história da origem desta igreja está envolta numa espécie de mistério. Não sei por quê. Já li muitas vezes a respeito de um local de culto não conformista em Westminster no século dezoito, mas é muito difícil descobrir onde era exatamente. Assim, tudo o que sabemos é isto – que foi formada uma igreja aqui em 6 de maio de 1841. De fato, a igreja foi incorporada um pouco antes disso. De qualquer forma, porém, construíram aqui uma capela que foi inaugurada em 6 de maio de 1841. Essa capela comportava 1500 pessoas sentadas. Essa foi a sua primeira capela. Dizem que foi construída aqui, no local do antigo Hospital de Westminster. De novo, as pessoas têm consideráveis dúvidas quanto ao significado disso. Alguns acham que era o atual Hospital São Jorge (St. George's Hospital), que originariamente se chamava Hospital de Westminster. Contudo, que havia um hospital neste local é um fato, e era conhecido como o antigo Hospital de Westminster. Então, nesse local foi inaugurado um edifício, aqui, em 6 de maio de 1841, edifício que comportava 1500 pessoas sentadas.

Naquela ocasião a igreja não tinha um ministro; mas no ano seguinte, 1842, convidaram um ministro cujo nome era Samuel Martin. Era um ministro, um ministro congregacional, em Cheltenham. Tinha boa reputação como pregador e, portanto, chamaram-no para cá. Ele era um homem muito ativo, cheio de idéias. Imediatamente deu início a uma escola diária, a escolas dominicais, a uma escola para rotos, como era chamada então, para meninos de certas partes de Westminster, a reuniões para pessoas descritas como pobretões, mendigos, vadios, etc. Ele estava cheio de atividades desse tipo. Prova disso se vê no que chamamos Salão Intermediário (Intermediate Hall), no fundo, cuja pedra fundamental foi lançada em 1843, quando fazia cerca de um ano que ele estava aqui.

O Dr. Samuel Martin era obviamente um bom pregador, e era também um excelente pastor, e cheio de atividades desse tipo. O resultado foi que, sob o seu ministério, a igreja cresceu, cresceu rapidamente, e cresceu em grandes proporções; tanto que em 1863 o edifício se tornara muito pequeno. Como era costume dominante naquele tempo, os bancos e assentos eram reservados, e em 1863 havia uma lista de espera de quatrocentas pessoas que não conseguiam assentos no edifício. Por isso se resolveu em 1863 que deveriam ter um edifício maior. Foi assim que eles vieram a projetar este edifício atual. Eu poderia contar-lhes muitas minúcias acerca disso e de como eles procederam para fazê-lo; porém não pretendo cansá-los com isso. O fato é que em 6 de julho de 1865 – exatamente há cem anos hoje – este presente edifício foi inaugurado.

Este edifício foi planejado para acomodar 2500 pessoas sentadas. O anterior, vocês recordam, era para 1500. Eles acharam que deveriam capacitar-se para acomodar mais 1000 pessoas. Esses são os algarismos que foram dados. Às vezes, na história subseqüente, dá-se um número mais elevado, às vezes mais baixo. Às vezes, pela leitura de diferentes pessoas que escreveram sobre esta matéria, quase chego a persuadir-me de que os edifícios podem expandir-se e contrair-se, e que parece que se expandem ou se contraem, dependendo do homem particular que sucede ser o ministro na época! Contudo, não devo entrar nisso. O edifício foi erigido para 2500 pessoas sentadas, e indubitavelmente, podem sentar-se 2500 pessoas, se estas ficarem bem juntas. O custo da construção propriamente dita foi de 13.484 libras, mas como também compraram um pedaço extra de terreno, o custo total chegou a 18.000 libras. Ora, isso era muito dinheiro há cem anos atrás, mas foi o que lhes custou.

Devemos fazer uma pausa aqui para darmos ênfase a um ponto sumamente importante. Vocês vêem o edifício, estão familiarizados com ele, e vêem as suas características. Que dizemos sobre ele? O que devemos dizer é, naturalmente, isto: que é tipicamente vitoriano, e típico do não conformismo vitoriano. Ilustra perfeitamente o que estava acontecendo com o não conformismo naquele tempo. Aí é que me parece que o não conformismo errou. O não conformismo começou a desenvolver um complexo de inferioridade. Os não conformistas não tinham mostrado nenhuma evidência disso até, digamos, as décadas de 20 e 30 do século passado. Antes dessa época o não conformismo orgulhava-se de si mesmo; sabia que tinha vida, contrariamente à Igreja estabelecida (A Anglicana); sabia que o Espírito de Deus estava nele, e experimentava o Seu poder. E se regozijava nisso. Mas em algum ponto das décadas de trinta, quarenta e cinqüenta do século passado uma mudança muito sutil aconteceu no não conformismo. O não conformismo começou a sentir que parecia monótono e gasto. Lá estavam eles com os seus pequenos edifícios: viam as grandes igrejas, as grandes catedrais e as grandes abadias, e achavam que tinham que fazer alguma coisa a respeito. Afinal de contas, agora eram pessoas instruídas, e realmente deviam mostrar que eram iguais à Igreja da Inglaterra em todos os aspectos, em seus edifícios inclusive. Assim é que se começa a ouvir uma nova frase emergindo, começa-se a ouvir falar em "catedrais não conformistas". E esta é uma delas!

Pois bem, para mim uma "catedral não conformista" é uma contradição de termos e, ao mesmo tempo, é uma abominação. Não estou dizendo que este edifício é uma abominação para mim, mas que o conceito todo o é. Digo isso porque é indicativo de um espírito carnal penetrando no não conformismo, um desejo de ser respeitável, um desejo de parecer grande aos olhos do mundo, e assim por diante. Não há dúvida alguma de que todo o desígnio deste edifício é resultado deste complexo de inferioridade mostrando-se na tentativa de produzir uma "catedral" capaz de resistir a uma comparação com a Abadia de Westminster. Catedral não conformista!

Sempre fico interessado, quando leio esta história, em observar que, mesmo no tempo do Dr. Samuel Martin, raramente precisavam usar a galeria superior. A construção foi feita para ele, por causa do sucesso do seu ministério, e para propiciar esta sala extra, porém ela não foi muito usada, mesmo no apogeu daqueles anos de sucesso, e sob o ministério do próprio Dr. Samuel Martin. Outra coisa interessante é que o Sr. Spurgeon pregou aqui, e outros

pregadores famosos daquela época também pregaram aqui.

Ora, o Dr. Samuel Martin era, indubitavelmente, um homem extraordinário; e ele fez grande impacto sobre a Cidade de Westminster. Muito raramente viajava; acreditava que o seu dever era passar o seu tempo aqui, nessas várias atividades. Por volta de 1875, ele começou a enfraquecer-se, e tiveram que convidar um homem que fosse co-pastor com ele. O homem que eles chamaram era o Rev. Henry Simon. Era tio do homem que conhecemos melhor, talvez, como "Sir" John Simon, que mais tarde veio a ser Lorde Simon, o Lorde Chanceler da Inglaterra. Ele veio de Pembrokeshire, daquela parte de Pembrokeshire às vezes chamada "Pequena Inglaterra para lá de Gales". Não o reconheço como galês por ter vindo daquela parte, mas ele de fato, geograficamente, veio de Pembrokeshire!

O Rev. Henry Simon juntou-se a Samuel Martin aqui, como co-pastor, em 1875. Em 1878 o Dr. Samuel Martin morreu. Há algo que quero acentuar a respeito disso. Quando morreu, o Dr. Samuel Martin tinha apenas sessenta e um anos de idade. Por que acentuo isso? Por esta razão, que estou persuadido em minha mente de que foi este edifício que o matou. Ele tinha constante problema com a sua voz e com a sua garganta. Não é de admirar. É um edifício no qual é difícil falar. Farei algumas observações sobre isso mais tarde, mas estou certo de que aquele homem morreu com sessenta e um anos de idade, em grande parte por causa deste edifício. Ele já estivera enfermiço e decaindo muitos anos antes disso e, finalmente, morreu, como eu disse, em 1878. O famoso Deão Stanley, da Abadia de Westminster, falou em seus funerais, como também o fez outro famoso deão – o Deão Farrar. Ele era um particular amigo de A. P. Stanley e, para aqueles de vocês que sabem alguma coisa de Deão Stanley e das suas obras, isso será bastante significativo. O busto que vocês sempre vêem no vestíbulo é do Dr. Samuel Martin. Foi colocado ali em memória dele.

Após a sua morte, o Rev. Henry Simon tornou-se o pastor, o único pastor da igreja. Em 1879 decidiram celebrar a memória de Samuel Martin, em acréscimo ao busto colocado no vestíbulo, instalando este órgão que está aqui, atrás da tribuna, na primeira galeria. Foi fabricado em 1879, em memória do Dr. Samuel Martin, por um fabricante de órgãos muito famoso, um dos maiores de todos os tempos em meu entendimento – o Sr. Henry Willis, muitas vezes chamado Pai Willis porque ele tinha um filho que também era perito no mesmo trabalho. O preço do órgão, se bem me lembro, foi de aproximadamente 1.500 libras, que, naqueles dias, naturalmen-

te, era uma tremenda soma de dinheiro. De novo agiram baseados no mesmo princípio, queriam ter um dos melhores órgãos de Londres. Vocês vêem, agora tudo tinha que ser verdadeiramente o melhor. Estavam competindo com a Igreja da Inglaterra, que tivera início com tantos séculos de vantagem sobre eles. Mas não tinham por que dar-se por vencidos, de modo que conseguiam o melhor possível. Assim Henry Willis fabricou este órgão. O órgão foi reformado e aumentado em 1920 e vem funcionando desde aquele tempo. Agora o temos limpo e recondicionado ao preço de 2.000 libras. Os que cuidam disso para nós, os senhores Rushworth & Dreaper, disseram-nos, quando resolvemos fazer o recente serviço, que devíamos começar a reservar dinheiro agora porque dentro de dez anos este órgão terá que ser reconstituído completamente a um preço estimado em 15.000 libras.

Menciono esse fato por esta razão: provavelmente não estarei aqui então, porém, para orientação dos que vão estar, deixem-me dizer isto: se fizerem isso, bem, então eu digo que vocês estarão perdendo todo o direito de esperar que Deus os abençoe. Gastar 15.000 libras na reconstrução de um órgão numa época como esta, considero nada menos que um grande pecado. Contudo, enfrentar isso compete a outros. Estou simplesmente lembrando a vocês que este órgão foi fabricado, e que isso faz parte da atitude vitoriana geral para com o culto público.

Retornando à história, vocês se lembram de que o Rev. Henry Simon veio para cá primeiramente em 1875. Tornou-se o único pastor em 1878, e continuou aqui até 1887. Foi quando renunciou, saiu, e foi para uma igreja situada noutra parte de Londres. Por que o fez? Bem, parece que foi pela mesma razão de novo; foi o edifício. Ele estava cansado, e se sentia sob pressão. Não era tanto a igreja e o trabalho como o edifício, penso eu. É certo que ele estava encarando outro fator, outro elemento que nos é interessante observar. Justamente na época em que ele estava aqui, ocorria entre as pessoas da classe média a tendência de se mudarem do centro, e isso estava acontecendo rapidamente. Quem tinha condições para isso, apressava-se a ir para os subúrbios. O Sr. Spurgeon teve que enfrentar o mesmo problema, mas, naturalmente, graças às suas notáveis qualidades, a sua gente ainda se inclinava a comparecer. Costumavam vir de trem, em grandes multidões. Havia um trem que sempre se conheceu como "O Especial do Tabernáculo", repleto de gente que vinha ouvir o Sr. Spurgeon.

Aqui eles não tinham um homem da magnitude do Sr. Spurgeon, e sem dúvida estavam sentido os efeitos dessa tendência de mudança

para os subúrbios. Como resultado disso, todavia ainda mais por causa da primeira razão que lhes dei, a pressão do edifício, o Rev. Henry Simon renunciou. Ele pôde dar graças a Deus, disse ele, porque, apesar dessa tendência de busca dos subúrbios, a freqüência mantinha ritmo crescente.

Ele saiu em 1887. De 1887 a 1894 esta igreja ficou sem nenhum pastor. Tentaram trazer muitos homens, porém nenhum pôde aceitar o convite. Por que não? Certamente a explicação continua sendo a mesma – este edifício. Os homens tinham ficado sabendo o que acontecera com o Dr. Samuel Martin, e sabiam o que tinha acontecido com o Rev. Henry Simon. Viram a pressão sobre os recursos físicos do homem, e também aquela tendência para os subúrbios. O resultado foi que muitos pregadores famosos que foram convidados, e sobre quem foi exercida considerável pressão para virem para cá, não quiseram vir. A conseqüência foi que por sete anos a igreja ficou sem pastor efetivo.

Contudo, em 1894, um homem chamado W. E. Hurndall aceitou o convite e se tornou pastor aqui. Parece ter sido um homem notável, e sem dúvida teria se dado muito bem aqui, mas, desafortunadamente, dentro de um ano ele morreu num acidente. Isso deixou de novo a igreja sem pastor.

Depois, em 1896, eles convidaram outro homem, que aceitou o convite – o Rev. Richard Westrup. Parece ter sido um homem extraordinário, um homem estranho em muitos pontos. As descrições dele nos dizem que ele tinha idéias socialistas avançadas. Quanto posso decifrar, a posição dele era muito similar à do Dr. – perdão, quero dizer do lorde – Soper hoje. Naquele tempo ele tinha idéias semelhantes e as apregoava, e fez o máximo que pôde para pô-las em prática aqui. Ele esteve aqui até 1902. No entanto, não teve êxito em seu ministério. A despeito da sua tentativa de atrair o homem da rua, o homem moderno, com a sua pregação política, não teve sucesso, e o seu ministério terminou em 1902.

De 1878 em diante, um bom homem esteve trabalhando com relação a esta igreja, e fazendo excelente trabalho, cujo nome era A. W. Hewitt. Era o pai das senhoritas Hewitt, que se acham aqui esta noite, e da Sra. Caiger, e o sogro do Sr. A. W. Caiger, nosso tesoureiro por um período. Ele era o evangelista oficial nesta igreja e realizou uma grande obra aqui na Cidade de Westminster com relação ao trabalho missionário etc., o tipo de trabalho que esperaríamos que um evangelista fizesse. Ele esteve aqui de 1878 até 1916, e foi um homem estimado por todos os que o conheceram. Há uma fotografia dele numa parede do Salão do Instituto, onde ele tem

todos os méritos para ter o seu lugar juntamente com os diversos homens que foram ministros desta igreja. Contudo, apesar do seu trabalho, e em vista das outras coisas que eu estive descrevendo a vocês, este lugar foi de mal a pior. Deu-se grave e alarmante declínio. Lemos que os cultos eram freqüentados apenas por um punhado de idosos e fiéis santos, e que os jovens estavam quase inteiramente ausentes. Eu li que somente 185 membros se achavam em comunhão regular.

Em 1903 este lugar foi descrito pelo Dr. A. E. Garvie, diretor de uma das faculdades teológicas congregacionais, como o "elefante branco do congregacionalismo". O lugar foi descrito como "sujo, dilapidado e quase abandonado", e havia uma grande massa de opinião na União Congregacional de que este edifício devia ser vendido, e que, com o dinheiro obtido com a venda do local, poderiam construir várias capelas nos subúrbios. Sentia-se que era errado continuar mantendo um edifício com este. Ele tivera o seu tempo, servira ao seu propósito, e era errado continuar com ele. Essa era a opinião oficial. Contudo, ainda havia alguns que achavam que isso não deveria acontecer. Mas esteve bem perto de acontecer; e indubitavelmente teria acontecido, não fosse uma coisa. Sentia-se que só havia um homem que poderia fazer alguma coisa aqui, e esse homem era George Campbell Morgan. Ele veio aqui, pregou, e ficou mais evidente ainda que ele era o homem. Assim o convidaram. Ele aceitou o convite, porém não pôde vir, devido a compromissos na América, por seis meses. Finalmente veio para cá e começou o seu primeiro pastorado em novembro de 1904.

Pois bem, o Dr. Campbell Morgan era um homem que tinha muitas vantagens, de muitas maneiras, além dos seus notáveis dons naturais como orador e como mestre. Ele era muito conhecido. Estivera associado à obra de D. L. Moody, particularmente na América e, num sentido, tornara-se uma pessoa mundialmente famosa. De modo que, quando ele veio para cá, as pessoas sabiam muito a seu respeito. Ele não só pregava aqui, começou também a sua famosa Escola Bíblica, que ele mantinha nas sextas-feiras à noite.

Quando veio, logo decidiu que todo o local precisava ser reconstruído, e foi reconstruído. Foi ele que ordenou esta tribuna especial. O púlpito anterior era menor, mas ele quis esta tribuna grande. Por quê? Bem, em sua Escola Bíblia ele costumava ter um quadro negro aqui no púlpito, e costumava colocar nele as principais divisões do tema naquele quadro. Ele queria espaço para isso. Ele também gostava de ter pessoas com ele no púlpito. A sua idéia era

que a Capela de Westminster deveria ser um grande centro evangélico, e assim ele planejou tudo de acordo com essa idéia.

Um seu amigo veio a ser seu colega, o Rev. Albert Swift. Eles não só pregavam e tinham uma Escola Bíblica nas noites de sexta-feira; começaram uma espécie de instituto nas acomodações do fundo, onde havia prósperas reuniões de todas as descrições. Havia preleções e aulas sobre literatura, arte e teatro – quase tudo. Uma igreja institucional altamente organizada foi trazida à existência, o que obviamente atraía muitos jovens; e foi um esforço florescente. Tudo isso correu bem até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

Registro o seguinte fato porque, para mim, é um ponto muito interessante com relação a obra da igreja. O Dr. Morgan me disse mais de uma vez que, se tivesse o seu tempo de volta, jamais começaria o Instituto. "Por quê?" perguntei. "Bem", disse ele, "ele produziu uma igreja dentro da igreja." Mas ele o fez, e o fez cabalmente. Também foram designadas aqui numerosas "irmãs", diaconisas, que realizavam diversas obras, ensinando, visitando na área, dirigindo reuniões para mulheres, etc. Era um lugar de florescente atividade, uma colmeia de atividade. Tudo isso teve continuidade até a irrupção da Primeira Guerra Mundial.

Isso tudo, é claro, levantou muitos e grandes problemas, mas o Dr. Morgan perseverou. Infelizmente, ele teve um ataque de febre tifóide que, naturalmente, o derribou. Havia pouca coisa que se podia fazer pela cura da febre tifóide naqueles dias. Ele ficou gravemente enfermo. Finalmente, recuperou-se, todavia parece que nunca recobrou plenamente as suas forças, e isso, de novo, não tenho nenhuma dúvida, este edifício, mesmo com a sua voz extraordinária – uma voz naturalmente poderosa – significou que a obra se tornou um fardo para ele, e uma causa de tensão, com o resultado que, em novembro de 1917, ele renunciou ao pastorado da igreja. Noutras palavras, ele tinha estado aqui durante treze anos. Isto de maneira nenhuma faz justiça ao ministério único do Dr. Campbell Morgan aqui. Mas, como eu disse, só estamos interessados num exame geral da história deste edifício.

Em 1918 foi convidado e chamado um sucessor que aceitou o convite. Era o famoso Dr. John Henry Jowett. Ele tinha ficado famoso como ministro da Igreja de Carr's Lane, em Birmingham, e depois disso se tornara mais famoso ainda como ministro da Igreja Presbiteriana da Quinta Avenida, na Cidade de Nova Iorque. De novo dou-lhes um pormenor que lhes dará uma indicação de como os tempos mudam. Quando o Dr. Jowett foi chamado para cá,

além do convite enviado a ele pela igreja, o rei George V enviou-lhe uma mensagem pessoal insistindo com ele que voltasse para este país. Isso foi feito, é claro, atendendo-se à sugestão do então Primeiro Ministro, o Sr. Lloyd George, que era, ele próprio, um não conformista. Sentia-se que o retorno do Dr. Jowett seria uma boa coisa para o país todo. Vocês vêem, a lição ainda não fora aprendida. Havia um sentimento generalizado de que após a guerra nós realmente iríamos fazer um mundo novo, "um mundo próprio para nele viverem os heróis", e se julgava que o Dr. Jowett era o homem para aquela grande tarefa. Ele se interessava muito por política, e era um grande favorito entre os políticos. Por isso o chamado e convite da igreja foi reforçado por uma palavra do rei George V. E o Dr. Jowett veio para cá.

Ora, o Dr. Jowett, li em sua biografia, não gostou nada deste edifício. De fato, o edifício o desagradava muito. Ele o comparava à Estação de Charing Cross. Não concordo com ele nisso; mas ele não gostava do edifício, e não gostava particularmente do púlpito. Tanto não gostava que levou a igreja a guarnecê-lo com uma cortina que o circundava. Ele dizia que quando se achava neste púlpito como agora é, sentia-se exatamente como se estivesse nu no meio de um campo. Vocês, bons amigos, não têm idéia do que é ficar de pé neste púlpito. Ele pode ser um lugar aterrador. Bem, foi assim que o Dr. Jowett reagiu, e ele conseguiu que o guarnecessem. Também conseguiu que vedassem as janelas do fundo. Perturbava-o ver os retardatários de pé no vestíbulo durante a parte inicial do culto. Também o perturbava muito a galeria superior vazia. Naturalmente, logo que ele chegou, com o entusiasmo geral e a publicidade, a galeria superior ficava cheia. Mas não continuou assim; depois de alguns meses, passou a ficar vazia. Lembrem-se, tudo isso foi em 1918-19. Muitos me diziam, com freqüência: "Por que não conseguimos encher a galeria superior?" Ora, é bom lembrar que Samuel Martin não a enchia, nem o Dr. Jowett, nem o Dr. Campbell Morgan, mesmo naqueles tempos.

Bem, assim foi. Ele veio, mas, desafortunadamente, logo começou a sofrer de anemia perniciosa, e o resultado foi que teve que renunciar em 1922. Outra vez vagou o pastorado.

O homem que a seguir foi convidado era um escocês, o Dr. John A. Hutton. Veio para cá em 1923 e permaneceu aqui até 1925. Muitas vezes o ouvi. Penso que o ouvi na maioria das manhãs de domingo em que ele estava aqui. Eu era um jovem médico na época, e a pregação daquele homem exercia uma tremenda atração sobre mim. Ele podia ser um pregador muito eficiente, mas o número dos

seus ouvintes foi caindo e caindo. Por quê? Em grande parte porque as pessoas não conseguiam ouvi-lo. Ele tinha o mau hábito de abaixar a voz no fim das frases; e se você fizer isso neste púlpito, sem o auxílio de microfones e de um sistema de amplificação, simplesmente não poderá ser ouvido. Depois de estar aqui apenas dois anos, o Dr. Hutton foi convidado para ser o editor do *British Weekly*, em 1925, e ele aceitou. Assim, de novo a igreja ficou sem pastor.

O próximo homem convidado foi o Dr. Hubert L. Simpson, outro escocês. Veio em 1928. Não pôde elevar a freqüência aos cultos, mas manteve o número de ouvintes do Dr. Hutton, talvez com algum acréscimo. Entretanto, também ele adoeceu logo. Se era o edifício de novo ou não, eu não sei, mas isso é um fato.

Para os fins de 1932, o Dr. Campbell Morgan foi convidado para voltar e juntar-se ao Dr. Simpson no pastorado. Tornaram-se co-pastores ou pastores associados desta igreja no início de 1933. O Dr. Morgan estivera na América desde cerca de 1919, porém em 1933 voltou, e eles tiveram este ministério em conjunto. Sentiu-se logo que todas as acomodações precisavam ser restauradas. Levantou-se um Fundo de Restauração de 7.500 libras, e mais uma vez este edifício foi posto em ordem.

Finalmente a saúde do Dr. Simpson decaiu por completo, e ele teve que renunciar em 1934. Assim, durante o ano de 1935 o Dr. Campbell Morgan esteve de novo sozinho aqui, como o único pastor da igreja. Mas agora também as suas forças começaram a faltar. Ele começou a ter dificuldades em vir ao púlpito devido ao reumatismo, e várias outras evidências de fraqueza começaram a aparecer. O resultado foi que ele não podia pregar mais de uma vez por domingo, pelo que convidaram outros homens para se encarregarem do segundo culto. Prosseguiram desse modo até 1938 – setembro de 1938. Em setembro de 1938, tive o privilégio de vir para cá.

Há um dos dois pontos relacionados com a minha vinda que lhes interessarão. Menciono estas coisas porque, obviamente, desempenharam importante papel em minha vida. Não tenho a pretensão de compreender uma só delas. Nunca olvidarei a leitura que fiz num jornal, durante o desjejum de certa manhã, no fim de 1932, num pequeno parágrafo, de que o Dr. Campbell Morgan estava voltando da América para juntar-se ao Dr. Hubert Simpson no pastorado da Capela de Westminster a partir do princípio de 1933. Li aquilo casualmente, mas quando o li, tive um estranho e curioso aviso. Era mais do que uma espécie de intuição; chamo-lhe

aviso. Era tão definido que eu chamei a atenção da minha esposa e li para ela o parágrafo. Eu disse: "Agora, você pode pensar que estou ficando louco, porém vou lhe dizer aqui e agora que isso tem algo de vital importância ligado a mim. Bem, é claro que a coisa parecia pura demência. Eu nunca tinha estado com o Dr. Campbell Morgan, e nada estava mais longe da minha mente do que a idéia de sair da igreja na qual eu estava exercendo o ministério no sul de Gales. Contudo, quando eu li o parágrafo, foi isso que aconteceu. A minha esposa é testemunha disso. Foi no fim de 1932.

Eu estava participando de uma reunião no Albert Hall em dezembro de 1935. Bastante estranhamente, foi a noite em que o velho Palácio de Cristal (*Crystal Palace*) foi destruído pelo fogo. É evidente que aquela noite veio a ser um ponto decisivo da minha história. O Dr. Campbell Morgan tinha vindo para a reunião. Nunca esquecerei quanto espanto ele me causou antes da reunião. Era uma típica noite de dezembro, aí pelo dia 6, se bem recordo, e um poluído nevoeiro dominava o ambiente. Ele se aproximou de mim na sala dos oradores, antes da reunião, e disse: "Digo-lhe na presença do meu Criador que nada e ninguém me fariam sair numa noite como esta, senão você". Ora, eu já estava nervoso por ter que falar no *Albert Hall*; e como sobrevivi àquela observação, eu não sei. Todavia, foi o que aconteceu. A seqüência – era uma noite de terça-feira – foi que na manhã de quinta-feira recebi uma carta do Dr. Campbell Morgan perguntando-me se eu poderia pregar aqui no último domingo do ano. Aceitei, vim e preguei pela primeira vez neste púlpito na manhã do último domingo de dezembro de 1935. Preguei de manhã e de noite.

O seguinte elo interessante entre nós aconteceu em junho de 1937. Eu estava na América fazendo algumas palestras na Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana nos E.U.A., e prepararam para mim uma excursão para pregações. Um dia cheguei para pregar na cidade de Filadélfia. Infelizmente para mim, houve uma onda de calor. Eu estivera dirigindo um carro a maior parte do dia, desde uma localidade chamada Scranton, e eu estava completamente exausto. Cheguei na casa de um ministro, e quando ele me recebeu, eis o que me disse: "Bem, não sei que espécie de congregação podemos esperar esta noite. Está fazendo muito calor, como você sabe, e o povo saiu da cidade". Depois ele disse: "Não sei que espécie de congregação vamos ter, mas isto eu sei: posso dizer-lhe quem será a pessoa mais distinta na congregação". "Quem é?", perguntei. "O Dr. Campbell Morgan", respondeu ele. E prosseguiu: "Ele chegou a noite passada da Inglaterra, com a esposa.

Estão hospedados com o seu filho Howard, e no momento em que soube que você estaria pregando aqui esta noite, ele disse: "Estarei lá". Fomos para a reunião na hora aprazada, e lá estava ele sentado bem em minha frente. Ele era o último homem que eu queria ver! Mas ele fez uma coisa que era muito característica dele e que de alguma forma me reabilitou. Quando eu estava pegando o meu texto, pude ver pelo rabo do olho que ele estava tirando do bolso o relógio. Vi que ele ia cronometrar-me. De um modo ou de outro, isso me ajudou e me incentivou. (Digo de passagem, como creio que eu disse no culto memorial relativo a ele, o Dr. Morgan era o melhor ouvinte que já conheci.)

Bem, essa acabou sendo uma noite importante para mim, da seguinte maneira: quando terminei de pregar e desci do púlpito, ele foi o primeiro a vir falar comigo. Depois, tendo falado comigo, voltou-se para retirar-se do edifício. Várias outras pessoas estavam ali para falar comigo. Enquanto eu conversava com elas, podia vê-lo caminhando por um corredor lateral do edifício. Notei que ele andava, parava, virava para trás e olhava para mim. Depois andava de novo, tornava a parar e me olhava. Eu sabia exatamente o que estava acontecendo, e eu estava certo! Ele decidiu ali e naquela hora que eventualmente eu deveria ser o homem a unir-me a ele aqui. Ele só podia pregar uma vez por domingo e pôde ver que a real solução era encontrar um pastor associado.

Ele enviou para cá uma mensagem ao Sr. Marsh, secretário aqui por mais de cinqüenta anos, e eu preguei aqui de novo, em julho de 1937. No entanto, ainda nem se pensava em minha vinda para cá. Contudo, para os fins de 1937, eu mesmo estava por demais cansado por excesso de trabalho. Não somente isso, havia uma proposta na denominação à qual pertenço, a Igreja Presbiteriana de Gales, para que eu fosse nomeado para fazer preleções sobre pregação e sobre a obra pastoral na sua escola pós-graduada. Todavia, o cargo na escola só seria estabelecido no período a iniciar-se em setembro de 1939. Eu estava disposto a aceitar esse convite, mas também achava que precisava de um pouco de repouso. De um modo ou de outro, o Dr. Morgan soube disso tudo e me mandou um convite nestes termos. Disse ele: "Enquanto você goza um pouco de repouso, por que não vem juntar-se a mim? Partilharemos o ministério. Você prega num dos cultos e eu no outro". Ora, isso se me ajustava muito bem, de modo que aceitei; e vim para cá como uma espécie de "suplente do púlpito" permanente. Isso foi tudo, e eu jamais tive a intenção de ser mais que isso. Todavia, depois de estar aqui por um breve período o Dr. Morgan

manejou as coisas (uso a expressão deliberadamente) para que a igreja reunida me estendesse um convite para juntar-me a ele num pastorado em conjunto, e recebi esse convite em outubro de 1938. Não o aceitei até abril de 1939, pois não estava claro para mim o meu dever. Mas o aceitei em abril de 1939. Eu e o Dr. Morgan continuamos juntos exatamente como antes, exceto que agora eu era oficialmente pastor associado ou co-pastor. Cada um pregava uma vez aos domingos, alternando manhã e noite cada mês.

Então, em setembro de 1939, veio a guerra de novo; e foi um período de grande sofrimento. Não tínhamos nenhuma proteção aqui contra os bombardeios, nada subterrâneo como havia em muitos edifícios. Acresce que houve uma evacuação em massa, e o povo espalhou-se por todo o país. O Dr. Morgan ficou muito aborrecido. Disse ele: "Eu trouxe você para cá, e foi isso que eu lhe causei". Ele estava muito preocupado com isso e, um dia, disse-me: "É claro que é quase certo que seremos bombardeados e destruídos completamente. Estamos tão perto do Palácio de Buckingham, e provavelmente é só uma questão de dias até que este edifício seja demolido completamente, e eu e você vamos ficar sem trabalho e sem pastorado".

Mais uma vez, uma dessas coisas extraordinárias aconteceu. Não sou daqueles que recebem os chamados avisos telepáticos ou que têm premonições ou pressentimentos – não sou "psíquico". Não sou desse tipo de gente, mas quando o Dr. Morgan me disse aquilo, pude responder-lhe com total confiança. Eu disse: "Esta capela não será bombardeada". Ele disse: "Você está muito seguro disso, não está?" Respondi: "Eu estou absolutamente seguro". Ele perguntou: "Como sabe disso?" "Bem", respondi, "não posso explicar-lhe isso, mas recebi um aviso de que esta capela não vai ser destruída." Ele ficou muito impressionado pelo fato de eu estar tão certo, tão confiante em que seria assim.

Pois bem, fomos em frente, e tivemos aquele primeiro período de bombardeios, e nada aconteceu aqui. Mas nunca vou esquecer uma certa manhã, uma manhã de domingo, em 11 de maio de 1941. Eu tinha viajado para Oxford no dia anterior (10 de maio) porque devia pregar na capela da Faculdade de Mansfield domingo de manhã. Depois eu ia viajar de volta à tarde e pregar à noite aqui. Eu estava hospedado com o então diretor da Mansfield, o Dr. Nathaniel Micklem. Sábado à noite fomos dormir, e me lembro de que de manhã fui despertado pelo Dr. Micklem, que me levou uma chávena de chá. Passou-me a chávena e disse: "Olhe, vou anunciar esta manhã no culto que você vai pregar de manhã e de noite". Eu

disse: "Mas você não pode fazer isso; vou pregar na Capela de Westminster à noite". "Meu caro" disse ele, "você não estará pregando na Capela de Westminster hoje à noite". "Por que não?", perguntei. Ele respondeu: "Não existe mais a Capela de Westminster". "Que é que você está dizendo?" "Bem", respondeu ele, "houve um terrível ataque aéreo a noite passada, o pior que já tivemos." (Foi de fato o último dos grandes bombardeios de Londres). Disse ele: "Eu soube pelo telégrafo que praticamente Westminster inteira foi arrasada, e assim, por que não pregar aqui hoje à noite?" Eu disse: "Ouça isso: estou lhe dizendo que a Capela de Westminster não foi derrubada, e que vou pregar lá à noite". Ele ficou admirado com isso, e especialmente por minha certeza. "Mas isso é ridículo", disse ele. E eu disse: "Estou lhe dizendo isso, e tenho certeza disso".

Assim, não deixei que ele fizesse o anúncio de que eu ia pregar à noite também. Preguei de manhã e depois do almoço peguei o trem para Londres. Jamais esquecerei isto. Lembro-me da viagem de Ealing Broadway a Paddington. Pude ver os incêndios nos dois lados da linha. Saí do trem e encontrei uma longa fila de gente à espera de táxis. Afinal tomei um. "Para onde, senhor?", perguntou o motorista. Eu disse: "Para uma capela chamada capela de Westminster, a meio caminho do Portal de Buckingham, em Westminster". "Receio", disse ele, "que o senhor não vai conseguir passar pelo Portal de Buckingham." "Por que não?" "Ah, o terrível bombardeio da noite passada", disse ele, "arrasou tudo." Eu disse: "Olhe aqui, vá em direção do bairro de Vitória, e eu guiarei você". Resolvi trazê-lo pela Rua do Palácio (*Palace Street*) e depois chegar aqui na Travessa do Castelo (*Castle Lane*). Enquanto tudo isso ia acontecendo ele ia me contando o que tinha visto; mas eu continuava absolutamente certo de que ia pregar nesta capela. Nunca esquecerei isto. Dobramos a esquina da Rua do Palácio para a travessa do Castelo. Olhei, e aqui estava este velho edifício, firme como se não tivesse ocorrido nenhum ataque aéreo. Creio que não erro em dizer que duas vidraças do lado esquerdo do púlpito estavam quebradas; e isso foi tudo o que aconteceu. Preguei e dirigi o culto como sempre.

Contudo, em 1944, quando vieram as bombas voadoras, tivemos algum problema. Uma bomba caiu, certa manhã, naquele conjunto de edifícios de apartamentos pouco acima do Palácio de Buckingham, ao nosso lado, e eliminou metade do teto deste edifício e despedaçou todas as janelas daquele lado. Mas isto foi uma coisa extraordinária: quanto ao edifício como auditório, ele

estava perfeito, e o órgão não sofreu dano algum. A única coisa que aconteceu foi que todas aquelas janelas foram destruídas, a parede saiu uma polegada e meia da sua posição, as vigas mestras saíram do lugar e metade do teto foi arrancado. O resultado disso foi que tivemos que transferir os cultos para o Salão de Livingstone, que bondosamente nos foi emprestada por catorze semanas. Depois disso voltamos. Todas as janelas foram reconstruídas, e no teto passamos a ter material sintético em vez de ardósia; e pudemos dar continuidade aos nossos cultos regulares.

Finalmente a guerra acabou, em maio de 1945. O grandioso para mim é que este edifício continuava de pé. O Templo da Cidade (*The City Temple*) tinha desaparecido, o Tabernáculo de Spurgeon tinha desaparecido, mas este estava aqui – continuava aqui. O aviso que me fora dado estou certo disso, viera do próprio Deus.

É claro que afinal tivemos que enfrentar a questão de pôr em ordem este edifício outra vez – a nossa grande reconstrução pelos danos da guerra. O custo total disso foi de aproximadamente 24.000 libras. Muitos de vocês se lembram de como, durante treze meses, tivemos cultos regulares aqui com andaimes dentro do edifício. Foi deveras extraordinário. O primeiro domingo eu não esquecerei jamais. Parecia-me estar vendo as pessoas em jaulas, tal o extraordinário efeito produzido pelos andaimes aqui dentro. Mas, por mais forte que tenha sido o meu sentimento sobre isso no primeiro domingo em que preguei com eles aqui, não foi nada em comparação com o que eu senti no primeiro domingo após a retirada dos andaimes! Foi um sentimento desolador. Senti-me num lugar estranho e achei que o povo estava em cima de mim, e não mais à distância, nas jaulas. Todavia, sobrevivemos a isso tudo, os andaimes foram removidos, e nós continuamos desde então como hoje.

Fizemos alguns melhoramentos depois disso. Fizemos grandes melhoramentos externos. Temos uma nova cozinha, pusemos o albergue em condições de prestação de serviço, e gastamos muito dinheiro com isso e com a manutenção geral da construção.

Isso nos leva ao fim da história relativa a este edifício, e a algumas coisas que aconteceram nele. Vocês me permitem fazer umas poucas reflexões antes de encerrar?

Que é que nós aprendemos disso tudo? Uma das coisas que aprendemos, penso eu, é esta: jamais devemos deixar-nos governar pelo espírito da época. Eu acredito que as pessoas que construíram este edifício foram governadas pelo espírito da época. Era

vitorianismo! Não era cristianismo. Como isso é sutil, como se insinua! O diabo vem e introduz elementos carnais, sem que o percebamos. "Catedral não conformista"! Mas, que valor tem uma catedral não conformista, se for à custa do Espírito e da lealdade à verdade! Lembremos que a Igreja é atemporal, e que não devemos deixar-nos governar pelas tendências da época, pelo "desenvolvimento do pensamento", e sim, pelos princípios do Novo Testamento, pelo ensino da Palavra de Deus.

Agora, deixem-me dizer algo acerca deste edifício. Que é que tenho para dizer a seu respeito? Bem, eu já disse que não concordo com a descrição que o Dr. Jowett fez dele. É um edifício extraordinário; é um edifício que cresce sobre você. Claro, é demasiadamente grande. O real erro que cometeram, penso eu, é na altura excessiva do prédio e do frontispício. É por isso que a acústica é tão difícil. Se tão-somente tivessem posto um teto plano do alto das janelas, de um lado a outro, seria perfeitamente fácil falar neste edifício. Mas, em vez disso, fizeram o teto curvo, e isso é sempre fatal. Depois, esse espécie de alcova em frente do púlpito é totalmente ruim acusticamente. Todas essas coisas são um obstáculo. As melhores capelas para se falar, os edifícios acusticamente melhores, sempre são os edifícios quadrados e de teto plano – teto absolutamente plano. Qualquer alteração dele sempre leva a alguma dificuldade, por mais ligeira que seja a alteração. Nos auditórios metodistas centrais, por todos os lados neste país, é sempre difícil pregar, simplesmente porque eles têm tetos arredondados e curvos.

Sempre tive muito interesse nisso. Tenho tido que pregar em muitas capelas construídas desde a última guerra, e é muito interessante observar que não posso pensar em nenhum edifício construído após a última guerra cuja acústica não seja a maior frustração. Em todos tiveram que introduzir microfones – mesmo no caso de edifícios pequenos. Por quê? Porque nunca compreenderam que o teto plano é absolutamente essencial a uma câmara sonora. No momento em que se muda isso, arruína-se a acústica. Penso que esse é o maior problema aqui.

Deixem-me acrescentar uma nota pessoal neste ponto. Vocês notam que eu estou neste pastorado mais tempo que ninguém, exceto o Dr. Samuel Martin. Ele esteve aqui, ao todo, cerca de trinta e seis anos. Não foi completamente esse período por causa da sua fraqueza e doença e das suas ausências forçadas. O Dr. Campbell Morgan esteve aqui treze anos em seu primeiro ministério pastoral, e depois, quando voltou, na segunda vez, esteve aqui, ao todo, dez

anos, cinco dos quais compartilhou comigo e dois dos quais compartilhou com o Dr. Hubert L. Simpson. Somando-se os dois períodos, chega-se a vinte e três anos. Para a minha total admiração e espanto, estou completando o meu vigésimo sétimo ano aqui. De fato, neste edifício, eu preguei mais vezes do que ninguém, pois como ele foi inaugurado em 1865, o Dr. Samuel Martin pregou nele somente durante treze anos. A minha razão para mencionar isso é que estou absolutamente certo de que não teria estado aqui por um período como esse, não fosse este microfone. Afortunadamente para mim, mesmo o Dr. Campbell Morgan, devido à sua fraqueza, não podia ser ouvido, e tiveram que providenciar um sistema de alto-falantes antes de eu vir para cá. Daquele tempo em diante eu tenho dado graças a Deus por isso. Este edifício, vocês vêem, matou homens. Ter-me-ia matado, sem a menor dúvida, mas, felizmente, esta coisa foi inventada, e me capacita, e me capacitou por vinte e sete anos, a exercer o meu ministério o melhor que posso, pela graça de Deus.

No entanto, devo dizer isto: a despeito da acústica tão difícil, o púlpito é maravilhoso para dele se pregar. Ainda que o local é muito grande, os ouvintes ficam perto do pregador. Ele é quase único, em minha experiência, nesse aspecto.

Nunca esquecerei algo que o Dr. Hutton me disse certa ocasião, logo que vim para cá. Ele o disse com aquele seu jeito característico. Disse: "Sabe, esse seu púlpito na Capela de Westminster é o mais maravilhoso e o mais grandioso púlpito do mundo, do qual pregar, contanto que você esteja preparado. Mas, se você não estiver preparado", acrescentou ele, "é o lugar mais terrível do universo". Bem, ele estava falando por experiência própria; e os que se lembram dele e das suas qualidades singulares, saberão que ele estava realmente falando por experiência própria!

Contudo, eu concordo com a sua proposição geral. Quando o pregador o adentra com a sua mensagem, este púlpito é um lugar notável para ocupar-se. Mas, se um homem tentar falar aqui sem preparar-se adequadamente, verá que, como disse o Dr. Hutton, este lugar é verdadeiramente terrível.

Entretanto, levanta-se em nossa mente a seguinte questão: qual será o futuro de um lugar com este, e de lugares semelhantes? O preço da conservação destas acomodações e desta estrutura é alarmante. Vai aumentando ano após ano. É espantoso e assombroso. "Até aqui nos ajudou o Senhor" e temos sido habilitados a realizar o nosso trabalho sem dificuldades. Damos graças e louvores a Deus pela maneira como nos tem abençoado, ajudado e

sustentado. Todavia será necessariamente um problema cada vez maior nos anos vindouros.

Faço-lhes uma pergunta para sua meditação: qual será o futuro? A única justificação, parece-me, para um lugar como este é que é um lugar que se presta para o testemunho evangélico. É minha firme convicção que Deus preservou este edifício durante a última guerra por causa do seu testemunho evangélico. Não tenho dúvida sobre isso. E penso que Ele continuará a fazê-lo enquanto nele se der testemunho dessa fé.

Será que este edifício sempre foi um local notável pelo testemunho evangélico? Dizer que foi seria um erro e seria faltar com a verdade. Seria difícil classificar teologicamente o Dr. Samuel Martin. A sua amizade com o Deão Stanley o coloca numa categoria, e igualmente a sua amizade com o Deão Farrar. Era um daqueles homens que, influenciados pela idéia da suma importância da cultura e da erudição, começaram a comprometer a verdade. Não muito, talvez, mas de maneira muito definida. Não sei o bastante sobre os seus sucessores imediatos para poder dizer alguma coisa, porém penso que é justo dizer que só houve dois ministros aqui dos quais se pode dizer sem nenhuma hesitação que lutaram pela fé evangélica não adulterada. Esses dois são o Dr. Campbell Morgan e o presente ministro. Seria errôneo dar a impressão de que este local sempre foi um grande centro evangélico. Não foi. Mas, pelas razões que já lhes estive dando, acredito que foi Deus que colocou juntos aqui o Dr. Campbell Morgan e este seu servo, e me deu aquela inequívoca indicação sobre qual era o meu dever.

Eu estava certo de que fora chamado para exercer o ministério em Gales. Costumava recusar automaticamente todos os convites que me vinham da Inglaterra. Nem os levava em consideração. Fui chamado para Gales, e recusava todos os convites, mal lhes dedicando algum pensamento. Entretanto, quando me veio aquele convite para falar naquele Encontro sobre Testemunho Bíblico no Albert Hall, para meu espanto – eles me haviam escrito muitas vezes antes – nessa ocasião senti que devia aceitá-lo. E já lhes contei o resto da história.

Eu creio, digo eu, que Deus preservou este edifício unicamente por aquela razão; e estou certo de que Ele continuará mantendo este local aberto, enquanto este testemunho do caráter infalível deste Livro for proclamado e declarado deste púlpito. E enquanto essa fé evangélica, que, unicamente ela, é o cristianismo verdadeiro, for proclamada, Deus, estou certo disso, não só honrará a pregação dela, mas preservará o edifício para que tenha continuidade.

Espero que estas minhas observações divagantes tenham sido de algum proveito e de algum valor para vocês. Comecei questionando se deveríamos fazer isto, e levantei a questão do lugar dos edifícios no culto. Não resolvemos este problema, porém Deus é compassivo e condescende em nossa baixa condição. "Ele se lembra de que somos pó" (Salmo 103:14). O lugar em que nos encontramos com Deus freqüentemente vem a ser um lugar muito amado por nós.

Ó Deus, amamos o lugar
No qual a Tua honra habita.

Não tijolos e argamassa; mas este lugar no qual Deus tem Se encontrado conosco! Penso que Deus espera que sintamos afeto pelos próprios recintos do local porque Ele tem Se agradado em encontrar-Se conosco aqui, e nos tem honrado com a Sua presença. Nós, em nossa medida, sabemos algo do sentimento do salmista quando foi impedido de ir à casa de Deus! Ah, como a sua alma anelava estar lá, com o povo de Deus! Por quê? Bem, a graça e a glória de Deus lá se haviam manifestado, e ele queria estar na companhia delas. Isso é o que há de maravilhoso acerca de reunir-nos num lugar como este! Você nunca sabe quando Deus vai estar aqui com poder incomum. É por isso que nunca entendi os cristãos que acham que podem permitir-se perder um só culto que seja. Você poderá estar perdendo a maior coisa de toda a sua vida. Nunca se sabe.

Aqui está o amado local em que Ele tem Se agradado em encontrar-Se conosco tantas vezes, e Ele prometeu "nunca deixar-nos nem desamparar-se". Portanto, nós O louvamos, adoramos o Seu grande e santo nome, e Lhe damos graças por deixar-nos, por tantos anos, cantar juntos os Seus louvores e expor "as abundantes riquezas da sua graça" mediante Jesus Cristo, Seu Filho, nosso bendito Senhor e Salvador.

Faz Tua igreja, ó amado Senhor
Uma lâmpada de ouro polido,
Para que ante as nações deste mundo,
Como outrora, ela mostre Tua luz.
Ensinar vem os Teus peregrinos
A trilhar com Tua luz Tuas veredas,
Até que após densas nuvens e trevas
Te contemplem, Senhor, face a face.

13

A UNIDADE EVANGÉLICA: UM APELO *

O meu tema é a unidade da Igreja, e falo sobre isso à solicitação da Comissão à qual já se fez referência.** Julgo que isso é importante, a fim de que ninguém pense que estou me aproveitando da bondade e generosidade das autoridades que me convidaram para falar aqui esta noite, com o intuito de inserir forçadamente as minhas opiniões entre vocês. Tive o privilégio de ser chamado como testemunha para comparecer perante essa Comissão e eu fiz uma declaração da minha atitude quanto a essas questões. Foram os próprios membros da Comissão que me pediram para expor aqui em público, esta noite, aquilo que agora me proponho a dizer a vocês. Assim, a responsabilidade é realmente deles. Eles já o ouviram e me pediram que o repita para vocês.

Mas não estou me desculpando por isso. Na verdade, estou muito contente com a oportunidade, porque acredito que vamos considerar esta noite o que constitui a questão incomparavelmente mais importante que o povo cristão pode considerar e encarar na hora presente. Se eu pudesse fazer do meu jeito, eu teria dedicado toda esta Conferência unicamente a este assunto. Não significa que

---

* Discurso de abertura da Segunda Assembléia Nacional de Evangélicos, organizada pela Aliança Evangélica em Londres, em 18-19 de outubro de 1966. Esta foi a última vez que o Dr. Lloyd-Jones falou pela Aliança.

** A Primeira Assembléia Nacional de Evangélicos tinha nomeado uma Comissão "para estudar radicalmente as diversas atitudes dos evangélicos para com o movimento ecumênico, o denominacionalismo e uma possível futura Igreja Unida" (isto é, uma Igreja Evangélica Unida). Para algo mais sobre o assunto, ver *David Martyn Lloyd-Jones: Volume Dois da Biografia Autorizada* ("D. M. Lloyd-Jones: Volume Two of the Authorized Biography), por Iain H. Murray, Banner of Truth Trust, 1989.

os outros assuntos não são importantes. Naturalmente que são. Acredito, porém, que este assunto é a chave para a solução de todos os nossos demais problemas. A dificuldade que me confronta neste momento é tratar de tal assunto num curto espaço de tempo.

Ora, por que é que, como eu disse, este assunto é tão vitalmente importante? Bem, por uma coisa, a questão da Igreja é sempre importante. Vejam a proeminência dada à doutrina da Igreja no próprio Novo Testamento. Em sua maior parte, as dificuldades da Igreja Primitiva parecem ter surgido porque as pessoas tinham uma idéia defeituosa da natureza da Igreja Cristã, e muitos dos problemas particulares são solucionados simplesmente chegando a um conceito correto sobre a natureza da Igreja. E depois há a questão da unidade da Igreja. Essa foi tratada por todos os que falaram até aqui, de modo que eu não preciso dizer nada a título de introdução geral, exceto isso, que eu quero sublinhar o que foi dito, que a unidade, conquanto espiritual, também deve ser visível. O nosso Senhor orou: "que eles sejam um, para que o mundo creia que tu me enviaste" – para que o *mundo* creia! A unidade é algo que deve ser visível, bem como espiritual. Portanto, digo que devemos estudar esta matéria porque o Novo Testamento nos compele a estudar a Igreja e a unidade da Igreja.

Em acréscimo a isso, há uma razão mais urgente pela qual devemos fazer o que estamos fazendo agora e o que o Congresso fará amanhã de manhã em sua discussão do relatório.* É a situação atual, as condições do mundo – as alarmantes condições do mundo e do nosso próprio país, moralmente e noutros aspectos. Mais que isso, há as condições da Igreja como tal. Quão pouco ela pesa! O mundo pode dar-se ao luxo de ignorar-nos, de fazer pilhéria a nosso respeito, de ridicularizar-nos. Parece que não valemos como Igreja como outrora valíamos neste país. Portanto, digo eu, é de vital e sumamente urgente importância que estudemos juntos esta questão.

Vejam bem, nós nos reunimos aqui como cristãos evangélicos. A palavra "evangélico" é um termo que impõe limites. Leva um sentido especial e uma conotação especial, e nós temos realmente uma posição especial sobre essa questão toda. Permitam-me lembrar-lhes resumidamente um pouco de história. Os evangélicos têm estado em dificuldade sobre essa questão por mais de cem anos.

---

* *Relatório da Comissão sobre a Unidade da Igreja à Assembléia Nacional de Evangélicos,* Londres, outubro de 1966. Esse relatório entendeu que, "Não há procura geral, no presente, pela fundação de uma igreja evangélica unida em termos denominacionais" (p.10).

Contemplamos esta mesma sociedade sob cujos auspícios nos reunimos esta noite, a Aliança Evangélica. Veio à existência em 1846. Por quê? Porque John Henry Newman e outros tinham passado para Roma. A tendência para Roma foi a causa do começo desta Aliança; os evangélicos viram os sinais de perigo e acharam que deviam reunir-se. Depois disso veio o movimento liberal ou modernista, o movimento da Alta Crítica, ou qualquer que seja o nome que lhe queiram dar, o qual aumentou as dificuldades e os problemas do povo evangélico.

Como foi que eles enfrentaram essas dificuldades? Enfrentaram-nas formando alianças, movimentos e sociedades. Alguns de nós temos idéias bem definidas sobre se eles estavam certos ou errados ao fazerem isso, mas penso que todos concordaremos em que, como medida temporária, como expediente temporário, o que fizeram foi plenamente justificado. Eles achavam que deviam reunir-se, fortalecer-se e animar-se uns aos outros na fé, à luz dessas tendências terríveis que os cercavam.

Isso nos traz imediatamente ao nosso tema desta noite. Estou aqui para dar a minha opinião de que nos achamos numa nova situação, situação em grande parte causada pelo surgimento e pela chegada entre nós daquilo que veio a ser conhecido como o movimento ecumênico. Este começou em 1910, todavia tornou-se um problema urgente para nós, evangélicos, especialmente a partir do 1948, quando o Concílio Mundial de Igrejas reuniu-se em Amsterdã. A essência da minha argumentação esta noite é que esse movimento, como o vejo, apresenta-nos uma situação inteiramente nova. Quero colocar para vocês que nos defrontamos hoje com uma situação nunca vista igual desde a Reforma Protestante. Houve um grande levante no século dezesseis. Daí em diante, a despeito de mudanças e movimentos aqui e ali, a situação permaneceu mais ou menos estática, mas já não continua assim. Algo inteiramente novo nos sobreveio, afetando as maiores denominações do mundo todo. Essas denominações estão nos dizendo clara e abertamente que estão dispostas a reconsiderar toda a sua posição. Estão dispostos a lançar tudo no cadinho para que uma nova igreja, uma igreja mundial, saia dali.

Esse é um fato importante que temos de encarar. Os líderes denominacionais estão dispostos, dizem eles, a dar e receber; estão dispostos a reconsiderar, a fazer novos arranjos e acomodações com os outros. Acham que as divisões da cristandade são um escândalo, que uma Igreja dividida é uma ofensa a Deus, e que são as divisões da Igreja que explicam a sua fraqueza e a sua ineficiência.

Portanto, dizem eles, devemos tornar-nos um e promover a idéia de uma grande igreja mundial. Aí está o fato de maior importância, que nos confronta. Como todos nós sabemos, certas reuniões já se realizaram; outras estão a ponto de realizar-se. Vocês sabem muito bem o que está acontecendo entre os anglicanos e os metodistas, entre os presbiterianos e os congregacionais, e o que os congregacionais têm feito durante o presente ano.

Em acréscimo a tudo isso, há a nova atitude para com Roma. Deu-se uma mudança, uma profunda mudança, na atitude dos protestantes para com a igreja católica romana. A situação é tão nova que receio que muitos de nós, evangélicos, ainda não a compreendem bem e não têm consciência do que está acontecendo. A nossa tendência é viver em nossas igrejas e em nossos círculos, sem tomar consciência do que ocorre no mundo mais amplo que nos rodeia e nos cerca. Por cima disso tudo, a situação está se movendo e está mudando muito rapidamente. A questão não é gostar ou não gostar; a situação *está* mudando. As coisas estão acontecendo, e com um ímpeto alarmante.

Então, qual é a nossa posição como evangélicos nesta situação em que nos encontramos? Semelhante ao presidente desta sessão, só posso falar por mim mesmo. Para mim só há uma resposta para a questão sobre onde estão os evangélicos à luz disso tudo. Acho que a nossa situação é patética. De fato, para mim é trágica. Por que digo isso? Minha primeira resposta é esta: podemos negar a acusação de que nós, como cristãos evangélicos, estamos menos interessados do que ninguém mais na unidade da Igreja? Eu digo que não podemos negar essa acusação. Toda gente parece estar falando sobre a unidade da Igreja, exceto os evangélicos. Certamente nós, com o nosso conceito das Escrituras, e com o conhecimento e entendimento que delas temos, deveríamos ser, de todos, os primeiros a pregar a necessidade vital da unidade da Igreja; no entanto somos os últimos a fazê-lo. Não só isso, a situação é que estamos confusos e divididos entre nós mesmos. Há no Relatório estatísticas que lhes mostrarão o que eu estou querendo dizer. Talvez esta mesma reunião da qual estamos participando já o esteja mostrando. Contudo, o fato é que estamos confusos e divididos, e que há desacordo entre nós.

O que é mais patético que tudo mais, para mim, é que a nossa atitude para com a questão da união da Igreja é sempre negativa. Vocês podem estar seguros de que, toda vez que lerem o relatório anual da assembléia de qualquer dos ramos da Igreja Cristã desta país, vocês verão que o que os evangélicos têm feito nessas

assembléias são protestos. Levantam objeções, oposição, delações. Sempre somos negativos; sempre estamos na defensiva; sempre estamos fazendo objeções e falando de dificuldades. Penso que não podemos negar essa acusação. A impressão dada é que os evangélicos estão mais interessados em manter a integridade das suas diferentes denominações do que qualquer outro grupo nessas denominações.

Isso, para mim, é trágico; e além disso há o nosso silêncio em vista dessas coisas que estão acontecendo junto de nós e ao nosso redor. Para mim é uma tragédia que nós, como evangélicos, ficamos em silêncio várias vezes este ano quando aconteceram certas coisas. Certas visitas foram feitas a certos lugares. E em muitos outros pontos ficamos calados. Deixou-se que alguns excêntricos entre os evangélicos fizessem o protesto, e nós não dissemos nada. Eu digo: vergonha para nós, como evangélicos! O nosso silêncio chega bem perto de se tornar um silêncio criminoso. Por quê? Como eu o vejo, há somente uma resposta: é porque nós, como evangélicos, estamos divididos entre nós, e espalhados nas diversas denominações principais. Somos pequenos grupos nelas e, daí, somos fracos e ineficientes.

Há uma outra coisa importante, no meu modo de ver. Quantas vezes nós, evangélicos, discutimos a doutrina da Igreja? Tenho estado associado – como amigos aqui presentes tiveram a bondade de dizer esta noite – com atividades e movimentos evangélicos por quase trinta anos aqui em Londres, e notei através de todos esses anos que jamais conseguimos que se fizesse uma discussão sobre a doutrina da natureza da Igreja. Por quê? Porque sempre nos contentamos em agir em termos desses movimentos, e nesses movimentos as autoridades sempre assinalavam: vocês não podem fazer isso; vocês ofenderão esta ou aquela pessoa. Noutras palavras, se vocês discutirem a doutrina da Igreja, causarão divisão. O resultado tem sido que, muitas vezes, temos neglegenciado completamente a doutrina da Igreja. Por isso a acusação feita a nós pelos membros do movimento ecumênico e pelos liberais sempre tem sido: vocês, evangélicos, não estão interessados na Igreja, só estão interessados na evangelização pessoal. Estou aqui para dizer que o meu receio é que há muitíssima verdade nessa acusação. E isso porque enfrentamos os nossos problemas em termos de sociedades e movimentos, em vez de enfrentá-los ao nível da Igreja. Não seria hora de compreendermos que somos confrontados por uma nova situação, que temos uma oportunidade sumamente notável aí bem à nossa frente, se tão-somente pudermos enxergá-la? Quero fazer um apelo a vocês nesta noite. Não vim aqui para debater; os meus

amigos aqui presentes sabem que não me oponho a debates, mas não vim aqui para isso, e vou dizer-lhes por quê. Considero a situação séria demais, urgente demais. Acredito que o povo evangélico tem hoje uma oportunidade tal, que nunca teve antes, e receio que nunca mais a teremos de novo. É por isso que eu digo que nos reunimos num momento por demais crítico. Portanto, quero colocar para vocês que há certas coisas para as quais devemos atentar imediatamente.

Por ora só posso fazer o seguinte sumário: opino que há duas questões maiores, para as quais devemos dirigir a nossa atenção. A primeira é esta: acaso nós, evangélicos, contentamo-nos em vir a ser nada mais que uma ala evangélica da Igreja? Sem dúvida, a tendência geral no momento é para uma igreja nacional, abrangente, territorial. Essa é a idéia adotada por muitos evangélicos, bem como por outros. Assim, a primeira questão que nos confronta é: estaríamos satisfeitos em ser uma ala evangélica, fazendo os nossos protestos, exercendo a nossa influência, esperando poder infiltrar-nos gradativamente de modo que outros possam ver o erro das suas idéias e o acerto das nossas? Contentamo-nos em continuar fazendo isso? Continuar numa igreja na qual há muitos que defendem idéias sobre os sacramentos que nós consideramos inteiramente erradas, idéias sobre a Bíblia as quais nós deploramos, idéias sobre o próprio ser de Deus, nalguns casos – vocês têm ouvido falar do movimento sobre "a morte de Deus". Essas coisas estão acontecendo na Igreja Cristã. Contentamo-nos em ser apenas uma ala evangélica de uma igreja territorial que finalmente incluirá – e, se é para ser uma verdadeira igreja nacional e ecumênica, deverá incluir – a igreja católica romana? Haverá algumas modificações, naturalmente. Sempre há peritos capazes de produzir uma fórmula que satisfaz todas as partes – cada qual, cada parte, a interpretará do seu jeito – e, assim, tanto os seus anglicano-católicos como os seus evangélicos a aceitarão.

Porventura vocês se contentam com uma igreja constante só no papel, com uma fórmula que as pessoas interpretam à sua maneira, sendo vocês apenas uma ala evangélica dessa igreja abrangente, nacional, territorial? Essa é a primeira grande questão.

A segunda é esta: onde vamos começar nessa questão toda? Aqui também há uma brecha que se manifesta entre nós. Nós nos contentaríamos em começar da situação como é e tentar modificá-la e melhorá-la o mais que pudermos, ou estamos dispostos a aceitar o desafio do movimento ecumênico e dos tempos nos quais vivemos, e a dizer: comecemos de novo. Vamos de volta ao Novo

Testamento? Essas outras pessoas estão dizendo isso. Elas estão dispostas a colocar tudo no cadinho. Digamos, então: vamos começar de novo, não apenas modificar o que já existe, mas começar outra vez e renovadamente, e descobrir o que a Igreja do Novo Testamento realmente tem o propósito de ser.

São essas, pois, as questões que se nos antepõem: a doutrina da Igreja. O que é a Igreja Cristã? Essa é a questão. Vocês não podem discutir a unidade da Igreja se não tiverem clara idéia em suas mentes do que é a Igreja. Ora, aqui está a grande linha divisória. Os ecumenistas colocam a comunhão antes da doutrina. Nós somos evangélicos; colocamos a doutrina antes da comunhão. Lembramo-nos de que o que lemos em Atos 2:42 é que "perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações". Isso pertence à própria essência da Igreja. A famosa definição protestante da Igreja é que ela é um lugar onde a verdadeira doutrina é pregada, as ordenanças são correta e regularmente administradas, e a disciplina é exercida. Seguramente, como evangélicos, não queremos retroceder sobre isso.

Então, qual é essa doutrina verdadeira? Já foi feita referência a isso: o nosso conceito das Escrituras como a infalível Palavra de Deus; a nossa asserção da deidade única do Senhor Jesus Cristo – sim, o Seu nascimento virginal; o miraculoso e o sobrenatural; a Sua morte expiatória, sacrificial, substitutiva; a Sua ressurreição literal, física; a pessoa do Espírito Santo e a Sua obra. São essas as doutrinas essenciais à salvação; aí está a verdade para ser pregada, a mensagem que é a primeira das verdadeiras marcas da Igreja. E, certamente, uma igreja é uma reunião de pessoas que estão em aliança mútua porque crêem nessas coisas. Não somente crêem nelas, mas também são homens e mulheres que experimentaram o poder dessas verdades. São homens e mulheres que nasceram de novo e nasceram do Espírito, e que dão prova disso em sua vida diária. Certamente é essa a idéia evangélica da Igreja Cristã.

Penso que é importante que encaremos isto. A Igreja, certamente, não é uma definição feita no papel. Sinto muito, porém não posso aceitar a idéia de que a Igreja consiste de artigos ou de uma confissão de fé: uma igreja não consiste dos Trinta e Nove artigos. Uma igreja não consiste da Confissão de Fé: uma igreja não consiste dos Trinta e Nove Artigos. Uma igreja não consiste da Confissão de Fé, de Westminster. Uma igreja não consiste da Declaração de Savóia. Uma igreja consiste de *pessoas viventes*. Não se pode ter uma igreja sem gente viva. Pode-se ter uma constituição no papel, com a maioria da igreja negando essa mesma

constituição. Isso não é mais igreja, a meu ver. A Igreja não é uma declaração no papel, por mais importante que seja essa declaração. Uma igreja sempre deve consistir de pessoas vivas. Às vezes nos dizem que a igreja é um lugar em que se pode "pescar". Igreja é isso? Será que uma igreja consiste de pessoas não convertidas e que precisam ser convertidas? Certamente que não! Uma igreja consiste de santos. Esse é o conceito neotestamentário: os "os santos" que estão em Roma, os "santos" que estão em Corinto, e assim por diante. Portanto, eu digo que devemos retornar e compreender que esse é o nosso conceito básico da Igreja Cristã, e que o de que necessitamos acima de tudo mais, nos dias atuais, é isto: várias dessas igrejas, todas em comunhão mútua, trabalhando juntas pelos mesmos fins e objetivos. Já são uma em seus conceitos, em sua fé, em suas idéias e, como o nosso secretário geral o expressou tão excelentemente, não devem dividir-se em questões secundárias, subsidiárias e não essenciais.

Ora, isso me leva ao meu próximo ponto, que é este: o pecado de cisma. Que é que eu quero dizer com o pecado de cisma? Como eu vejo as coisas, esta é uma das questões mais importantes que se nos apresentam na atual conjuntura. Naturalmente, os católicos romanos acusam a todos nós de estarmos num cisma porque somos protestantes, mas sair de uma igreja que se tornou apóstata não é cisma. Isso é um dever cristão, e nada mais. Então, que é cisma? Nos termos do esboço da definição do apóstolo Paulo, especialmente na Primeira Epístola aos Coríntios, cisma é uma divisão entre membros da verdadeira Igreja visível acerca de questões não suficientemente importantes para justificarem uma divisão. Vejam o caso de Corinto. Em geral eles concordavam quanto à sua doutrina, porém se dividiam com base em personalidades: eu sou de Paulo; eu sou de Apolo; eu sou de Cefas; e assim por diante. Eles estavam dividindo a igreja. Isso é cisma – sustentar as mesmas doutrinas, entretanto, dividir-se por causa de pessoas. Eles estavam se dividindo por causa do alimento oferecido aos ídolos e por várias outras questões. Estavam recorrendo à lei uns contra os outros, e assim por diante. Ora, segundo o apóstolo, isso é a essência do cisma. É a divisão entre pessoas que estão de acordo em pontos essenciais e centrais, mas que se separam por questões secundárias e menos importantes. Certamente essa é a única definição de cisma que se pode alegar que é bíblica. Eu, pois, argumento, à luz desse ensino, que as únicas pessoas que no presente são culpadas do pecado de cisma são os evangélicos. Por que digo isso? Bem, os outros não podem ser culpados disso porque não estão de acordo

quanto à doutrina. Eles não aceitam a doutrina.

Desenvolvam isso vocês mesmos. Estudem a Primeira Epístola aos Coríntios. Lá estavam pessoas que concordavam acerca dos pontos centrais, acerca das doutrinas. Discordavam não somente acerca das coisas que já mencionei, mas também acerca dos dons espirituais e doutras questões. Essas eram as coisas que estavam causando os cismas, as divisões, os rasgos no corpo de Cristo. Por isso o apóstolo os denuncia. Portanto, eu argumento no sentido de que as pessoas que não crêem nos pontos essenciais da fé, nas coisas essenciais à salvação, não podem ser culpadas de cisma. Elas não estão na Igreja. Se você não crê num certo mínimo irredutível, não pode ser cristão e não está na Igreja.

Não teríamos chegado a uma época em que não se pode dizer algo parecido? Nós, evangélicos, teríamos mudado tanto que já não fazemos uma asserção como essa? Aventuro-me a dizer que a verdade não mudou, e que temos de continuar afirmando isso.

Eu e vocês somos evangélicos. Concordamos nestes pontos essenciais da fé e, todavia, estamos divididos entre nós. Reunimo-nos como hoje, eu sei, numa Conferência ocasional, mas passamos a maior parte do nosso tempo separados uns dos outros, e nos juntamos e nos unimos a pessoas que negam estas crenças essenciais à salvação e se opõem a elas. Passamos o nosso tempo com elas. Temos a nossa unidade visível com elas. Pois bem, digo eu, isso é pecaminoso.

Por que é que nós, como evangélicos, estamos divididos dessa maneira? Por que estamos divididos entre as principais denominações? Penso que, se formos honestos, teremos que admitir que a maioria de nós realmente não sabe. É um acidente de nascimento. Nasci batista, ou anglicano, ou congregacional, ou metodista, ou seja lá o que for e, porque nasci ali, permaneço ali e estou disposto a lutar por isso. Quantas vezes o caso é esse? Estou argumentando no sentido de que para nós estarmos divididos – nós, que concordamos em tudo o que realmente importa – para *nós* estarmos divididos uns dos outros quanto ao significado maior das nossas vidas e na maior parte do nosso tempo, não é nada menos que sermos culpados do pecado de cisma. Realmente nós temos que encarar isso com a máxima urgência.

Permitam-me, pois, fazer um apelo a vocês evangélicos aqui presentes esta noite. Que motivos temos para não nos unirmos? Penso que devemos ser capazes de dar uma resposta a essa pergunta. Muitos motivos são dados. Dizem-nos que talvez percamos uma oportunidade evangelística, ou algo semelhante. Não

aceito esse argumento pela seguinte razão: onde fica o Espírito Santo? Ele honrará a verdade, se lutarmos por ela juntos. Por que será, indago eu, que temos esse desejo de persistir desse modo numa posição antagônica à nossa? Essa é a situação dos evangélicos em todas as principais denominações atualmente; eles passam a maior parte do tempo criticando os seus próprios líderes, contudo, lembrem-se, os que são criticados continuam sendo seus líderes. Você não poderá justificar a sua permanência numa posição episcopal, ou numa posição metodista ou presbiteriana, não poderá justificar isso honestamente em termos da sua "independência". Mas é isso que nos inclinamos a fazer. Dizemos: enquanto eu tiver liberdade em minha igreja, continuarei como estou. No entanto você não pode dissociar-se da igreja a que pertence.

Essa posição não é apenas contraditória; é, em acréscimo, uma posição que o homem da rua achará muito difícil de entender. Que razão convincente temos para permanecer como estamos, quando temos o que considero uma nova oportunidade, enviada pelo céu, para fazer algo novo? Quais serão as nossa razões para rejeitarmos e recusarmos a necessidade de mudança?

Deixem-me expressá-lo positivamente. Acaso não sentimos a necessidade de reunir-nos, não apenas ocasionalmente, e sim sempre? Para mim é uma pena eu passar tão pouco tempo com alguns dos meus irmãos. Gostaria de passar todo o meu tempo com eles. Sou um crente no ecumenismo, no ecumenismo evangélico. Para mim é uma tragédia sermos divididos. Será certo nós, que estamos de acordo acerca destas coisas fundamentais, só nos encontrarmos ocasionalmente e passarmos, como digo, a maior parte do nosso tempo com outros, travando batalhas negativas, mostrando como os nossos líderes estão errados, e assim por diante? Ora, eu e vocês fomos chamados para uma tarefa positiva. Somos guardiães e defensores da fé, da fé que uma vez por todas foi dada aos santos. Tradicionalmente sempre fomos nós, evangélicos, os guardiães e defensores da herança do Novo Testamento. Cremos na Bíblia; tomamo-la como autoridade; não lhe impomos as nossas filosofias e as nossas idéias; e somos os únicos a fazer isso. Acredito que Deus nos deu o solene encargo de guardar, proteger e defender a fé nesta presente época má na qual nos achamos.

Meus amigos, não somos somente os guardiães e defensores da fé bíblica; somos os modernos representantes e sucessores dos gloriosos homens que combateram o mesmo combate, o bom combate da fé, nos séculos passados. Seguramente nós, evangélicos,

devemos ser sensíveis a este apelo. Ocupamos a posição dos reformadores protestantes. Estaremos nós dispostos a aceitar essa idéia moderna de que a Reforma foi a maior tragédia que já aconteceu? Se vocês querem falar que houve tragédia, eis a tragédia que houve, que a igreja romana se tornara tão podre que foi necessário que os reformadores fizessem o que fizeram. Não foi a saída dos reformadores a tragédia. A tragédia foi o estado da igreja católica romana. Somos os representantes modernos desses homens, e dos puritanos, dos pactuários, dos metodistas primitivos e de outros. Vocês não conseguem enxergar a oportunidade?

Creio que Deus nos está chamando para mantermos este antigo testemunho, não ocasionalmente, não ao acaso, mas sempre, e para expressá-lo ao povo deste país. A necessidade nunca foi maior, a necessidade de convicção do pecado, da nova vida, de volta a Deus, e de se tornarem povo de Deus. É obra que somente o Espírito Santo pode realizar. Todavia, teríamos direito de pedir a Sua bênção para igrejas que gastam a maior parte do seu tempo discutindo sobre os pontos essenciais e vitais da fé? Certamente, o Espírito Santo só abençoará a Sua Palavra e, se aqueles de nós que crêem nela tão-somente se unirem, permanecerem juntos como igrejas, constantemente juntos, trabalhando juntos, fazendo todas as coisas juntos, dando o nosso testemunho juntos, creio que teremos então o direito de esperar que o Espírito de Deus venha sobre nós com um poderoso avivamento e despertamento. Sei de pessoas que falam das dificuldades, e não estou aqui para diminuí-las. Estou tentando colocar diante de vocês os princípios positivos. São estas as coisas a respeito das quais todos nós temos de concordar. Teremos, pois, que desenvolvê-las.

Há grandes e lamentáveis dificuldades; estou ciente delas. Sei que há homens, ministros e clérigos, entre os ouvintes neste momento, que, se fizessem o que os estou exortando a fazerem, teriam diante de si um tremendo problema, até mesmo um problema financeiro, um problema econômico e familial. Não quero menosprezar isso. O meu coração vai empós desses homens. Haverá grandes problemas a defrontar-nos, se agirmos baseados nestes princípios. Mas, houve algum dia em que nós, como evangélicos, tivemos medo de problemas? O cristão verdadeiro sempre teve problemas. Os cristãos primitivos tiveram sérios problemas, desterrados que foram para longe de suas famílias e com a ameaça de morte sempre a defrontá-los. Não se intimidaram; seguiram avante; eles criam; eles sabiam; eles prefeririam morrer a não resistir pela verdade. E sempre foi assim no transcurso dos

séculos. Porventura Martinho Lutero não foi confrontado por um problema quando ele viu a verdade? Claro que foi; porém não foi dissuadido a desistir por esse problema; e assim com todos os mártires e cristãos confessos através dos tempos.

Meus caros amigos, estamos vivendo tempos tremendos. Estamos vivendo num dos grandes pontos decisivos da história. Já disse e torno a dizer, não houve nada semelhante a isto desde o século dezesseis. É um dia de gloriosa oportunidade. Podemos ser poucos, numericamente, mas desde quando a doutrina do remanescente tornou-se impopular entre os evangélicos? É uma das doutrinas mais gloriosas da Bíblia toda. Não estamos interessados em números. Estamos interessados na verdade e no Deus vivo. "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Romanos 8:31). Vão para casa e leiam de novo a história de Gideão. Vão para casa e leiam muitos outros exemplos do que Deus, por vezes, realizou por meio de um único homem apenas. Não se preocupem com números. Se lutarmos pela verdade, podemos estar certos e seguros de que Deus nos honrará e nos abençoará. Portanto, meus caros amigos, companheiros cristãos evangélicos, coloquemo-nos à altura da ocasião. Ouçamos o que eu acredito que é o chamamento de Deus. Encaremos essas coisas com caridoso amor, com paciência, com tudo o que o nosso amigo Prime, com tanto acerto, salientou ao comentar ele aquela passagem de Filipenses, capítulo 2. Necessitaremos de grandes porções da graça. Necessitaremos ser cheios do Espírito. Necessitaremos humilhar-nos. Entretanto, se tivermos somente um objetivo, a saber, a glória do Senhor e o sucesso do Seu reino, penso que seremos guiados pelo Espírito para a verdadeira resposta a esses diversos problemas. E quem sabe se o movimento ecumênico poderá ser uma coisa pela qual, em anos futuros, venhamos a dar graças a Deus porque nos fez enfrentar os nossos problemas ao nível da Igreja, e não de movimentos, e realmente nos levou a unir-nos como uma comunidade ou associação de igrejas evangélicas. Queira Deus apressar esse dia.

14

QUE É PREGAÇÃO? *

O assunto que me foi atribuído é "Que é pregação?", e deixem-me dizer que estou consciente de um sentido muito real de privilégio em ser solicitado para vir aqui e ter parte nesta Conferência sobre este assunto da maior importância.

Receio que trabalhei tanto naquilo sobre o que devo falar, que me sinto cansado e fatigado, e assim espero que vocês tenham paciência comigo. Mas, independentemente disso, sempre achei por demais difícil falar sobre este assunto particular, porque é uma das matérias que eu pessoalmente acho impossível coordenar em minha mente e colocar em alguma ordem. Estive lutando com essa questão durante os últimos quarenta anos, e não acho que estou mais perto de uma solução do que estava no começo. Talvez esteja mais longe até.

Por quê? Bem, para mim, pregar é um grande mistério; é uma das coisas mais misteriosas, e é por isso que ela escapa a toda espécie de análise. Não sei qual a experiência de vocês, mas, pessoalmente, acho que nunca sei o que vai acontecer quando entro num púlpito. Constantemente fico surpreso – às vezes surpreso no sentido de ficar desapontado, porém outras vezes, surpreso ante a espantosa graça de Deus. Às vezes, quando vou para um púlpito pensando que vou pregar de maneira maravilhosa, é um desastre. Outras vezes, quando vou sem preparo adequado por ter viajado, por ter trabalhado demais, e realmente achando que não tenho direito de sequer estar num púlpito, vejo-me com incomum bem-estar e facilidade, e tomo consciência de que estou revestido de

---

* Discurso feito numa conferência estudantil no Seminário Teológico de Westminster, em Filadélfia, em setembro de 1967, dois anos antes das preleções que o autor fizera na mesma instituição, publicadas com o título, *Pregação e Pregadores* ("Preaching and Preachers"), Hodder and Stoughton, 1971.

poder. Essa é a minha dificuldade. Há esse elemento misterioso na pregação que nos torna quase impossível falar sobre este assunto.

UMA CARACTERÍSTICA DA VERDADEIRA PREGAÇÃO

Há outro elemento que sempre me faz sentir que esta é uma tarefa impossível, elemento de medonha, de terrível responsabilidade. Quero salientar isso um pouco, porque para mim é uma das coisas mais importantes relacionadas com este assunto.

O que quero dizer com isso é que certamente não há nada que seja mais sério, nada que me dê um tão tremendo senso de responsabilidade, como a pregação. Creio que vocês concordarão que este aspecto da questão é muito geralmente esquecido ou não é compreendido no presente. Não sei qual é a situação de vocês aqui nos Estados Unidos, mas a situação quanto à pregação na Grã-Bretanha, e especialmente na Inglaterra, tornou-se muito caótica, e em grande parte porque esse elemento de temor e de responsabilidade de algum modo se perdeu. As pessoas parecem pensar que a pregação não somente é simples e fácil, todavia também que é algo que qualquer um tem direito de fazer e pode fazer quase a seu bel prazer. Assim, temos a condição caótica na qual existem homens recentemente convertidos, e a coisa que a seguir ouvimos sobre eles é que estão pregando nalgum lugar.

Pois bem, acredito que posso rastrear a origem disso. Penso que os Irmãos de Plymouth são os maiores responsáveis por esta deterioração do verdadeiro conceito e do verdadeiro senso de responsabilidade com respeito à pregação. Eles, todos eles, parecem ser pregadores. Muitas vezes pensei que o texto sobre o qual eu deveria pregar se fosse para um auditório composto por Irmãos de Plymouth e por mais ninguém, é o versículo primeiro do capítulo três da Epístola de Tiago – "Meus irmãos, não sejam mestres muitos de vós"! (VA) – porque na conversão todos eles se tornam mestres imediatamente. Esse tipo de influência parece ter-se filtrado através dos vários segmentos da Igreja Cristã na Grã-Bretanha. É tudo, penso eu, parte da deterioração do verdadeiro conceito da Igreja Cristã e do funcionamento da Igreja, devido, naturalmente, à desastrosa Alta Crítica e aos elementos liberal e modernista que se introduziram. Houve tal carência de verdadeiros crentes, de verdadeiros crentes evangélicos, que houve uma correspondente carência de verdadeiros pregadores evangélicos; e assim, qualquer homem que fosse evangélico era quase automaticamente conside-

rado como sendo alguém competente para pregar. Mas isso, penso eu, foi uma falácia enorme e causou enorme dano, particularmente porque fez as pessoas se esquecerem do tremendo sentimento de santo temor e responsabilidade que sempre deve imbuir-nos quando nos engajamos na grande tarefa de pregação.

Há muitas maneiras pelas quais eu posso ilustrar isso. Vejam a questão que o apóstolo coloca em Romanos, capítulo 10. Vocês conhecem a passagem na qual ele trata de toda a questão da propagação do evangelho: "Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, pois, invocarão aquele em que não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? e como pregarão, se não forem enviados?" (versículos 13-15).

Fui tentado a expor essa declaração a vocês. Não vou fazê-lo, mas a recomendo para que façam cuidadoso estudo dela. "Como pregarão, se não forem enviados?" Quem os *envia*? O problema conosco, digo eu, é que as pessoas estão se enviando a si mesmas, nomeando-se a si próprias como pregadores. Certamente isso é totalmente errado. Interpreto essa declaração de Romanos, capítulo 10, como significando que Deus nos envia, e também que a igreja nos envia. Homem nenhum tem o direito de simplesmente levantar-se e pôr-se a pregar, ou a fazer o que ele pensa que é pregar. Há este elemento de envio, e precisamos retornar a ele. Ele nos ajudará a captar essa noção de responsabilidade – você tem que ser enviado; você tem que estar seguro de que Deus o envia; você tem que estar seguro de que a igreja o está enviando.

Ora, estou bem ciente de que alguém poderá levantar-se e dizer: mas que dizer de Fulano e Sicrano? – algumas grandes exceções da história. A minha resposta é que são exceções, e a exceção confirma a regra. Você não faz uma regra partindo das suas exceções, embora seja isso que está acontecendo hoje em nosso país. Houve tempos em que um homem estava tão seguro da sua vocação, da parte de Deus, que desafiava as autoridades, e há ocasiões em que temos de fazer isso; entretanto o homem que faz isso tem de estar de fato muito seguro de que Deus o chamou. A maneira ideal e certa é que a vocação venha de Deus ao homem e seja confirmada pela igreja, e eu duvido que alguém tenha direito de pregar, a não ser que esses dois elementos estejam presentes em seu caso particular. Mas depois, mais importante e mais sério ainda, é o que vemos o grande apóstolo dizer em 1 Coríntios 2:3-4: "E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedo-

ria humana". Estou particularmente interessado no versículo três: "E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor".

Quero fazer algumas perguntas: que sabemos nós desse tremor? Que sabemos nós desse temor? Por que Paulo sentia isso? Olhem para esse homem, esse colosso de homem, esse gênio ilustre. Ele estava "em fraqueza, e em temor, e em grande temor". Pergunto se um homem tem o direito de sequer estar num púlpito, e até de tentar pregar, a não ser que saiba algo desse temor e desse tremor. Aí está o maior de todos os pregadores, e era assim que ele se sentia. Por quê? Por causa da responsabilidade! Paulo está posicionado entre Deus e os homens. Ele está tratando das almas dos homens e do seu destino eterno. Ele é um guardião, um protetor, um despenseiro dos mistérios. Não há nada no universo que se compara com isto: a responsabilidade é quase opressiva. E, todavia, penso que vocês concordarão comigo que há escassa evidência desse espírito nos dias atuais.

Como digo, quase veio a ser a regra, agora, que os homens corram para os púlpitos e se designem a si mesmos como pregadores como se fosse coisa de somenos importância. Eles o fazem com a maior facilidade. Tenho dito muitas vezes, como tenho visto e entendido essas coisas no passar dos anos, que só existe uma coisa mais perigosa do que ser pregador, e é ser pregador leigo. E isso, é claro, por esta razão, que há terríveis tentações para o pregador, porém há certas coisas que tendem a mantê-lo em ordem. Ele é sustentado pela igreja que o ouve, e isso é uma boa coisa no sentido de que tende a pôr-lhe algum freio. Mas o pregador leigo entra no púlpito e é independente, pode dizer o que quiser, e pode falar o que quiser. Ele não corre o perigo de ser demitido ou de que lhe peçam que saia, e não corre o perigo de ter o seu salário reduzido. É isso que torna a sua posição alarmantemente perigosa. Contudo, a maioria dos pregadores leigos nunca se dá conta desse perigo; talvez sejam eles os homens mais confiantes. E é por isso que eu digo que a coisa mais perigosa que pode suceder a um homem é ser ele um pregador leigo.

O TESTEMUNHO DOS PREGADORES

Não seria espantoso que as pessoas entrem nos púlpitos com confiança, tranqüilidade e segurança, sem nenhuma dificuldade? Podem fazê-lo como se faz um trabalho extra. Podem estar dirigindo um negócio, ou estar numa profissão e, como trabalho extra,

podem fazer esta coisa que, para estes miseráveis pregadores (ministros) parece tão difícil – como se nada fosse! Há só uma coisa a dizer acerca deles; eles são a direta antítese da vera descrição que vemos do grande apóstolo. Posso dar-lhes mais exemplos extraídos da história para consubstanciar o que estou dizendo. Aqueles de vocês que conhecem a vida e o diário do grande George Whitefield, um dos maiores pregadores de todos os tempos, recordarão a sua hesitação acerca da pregação. Alarmava-o, assustava-o. A pregação era uma coisa tremenda, e ele passava por considerável agonia de espírito e mente. Ele se sentia indigno e, certamente, um homem que nada sabe deste senso de indignidade não tem nenhum direito de entrar num púlpito. Aquele poderoso pregador era um homem que hesitava muito tempo e seriamente, e tinha que ser forçado.

Posso dar-lhe outro exemplo. Houve um homem no País de Gales, há duzentos anos, chamado Howell Harris; era leigo, nunca foi ordenado, e era uma das exceções a que me referi. Contudo, esse homem também foi poderosamente usado por Deus. O só pensar em pregar o aterrorizava. De fato, o que ele fez foi algo semelhante a isto: tendo tido uma grande experiência do Espírito de Deus vindo sobre ele de maneira avassaladora, sentiu que tinha um dever para com os seus vizinhos, mas achou que a melhor maneira de desincumbir-se desse dever era visitá-los e ler textos de livros piedosos para eles. Começou visitando os doentes, e lia para eles trechos de um livro intitulado *A Prática da Piedade* ("The Practice of Piety"), que fora publicado no século dezessete. Nunca ocorreu a Harris que ele tinha direito de falar; de fato, ele estava certo de que não tinha. Mas podia ler esse livro, e lia com tal unção que as pessoas eram convertidas enquanto ele o lia. E ele continuou a fazer isso até terminar a leitura de todos os livros que possuía, e, não obstante, ele sabia que devia falar às pessoas sobre as suas almas e sobre a sua salvação. Assim, ele agora sentia que tinha que dizer algo dele próprio a elas, porém a idéia de que deveria pregar continuava tão alarmante e aterradora que eis o que ele fez: continuou tendo um livro diante de si, e parecia estar lendo nele, quando na verdade estava proferindo os seus próprios pensamentos! Seja o que for que vocês pensem da ética desse procedimento, ele mostra o sentimento de pavor, o sentimento de santo temor, o sentimento de terror.

Pois bem, para mim isso é uma parte deveras vital e essencial da pregação, e é por causa desses elementos que eu acho tão difícil, na verdade, quase impossível tratar deste assunto. Se tão-somente pudéssemos transportar-nos para dois séculos atrás, descer a

Filadélfia e ouvir George Whitefield, poderíamos aprender alguma coisa sobre a pregação. Poderíamos ver um mestre pregando. Depois, tendo ouvido Whitefield, se fôssemos bastante felizes, poderíamos ouvir Samuel Davies também. Amigos, vocês têm neglegenciado Samuel Davies; deixem-me dizer uma palavra em favor dele. O maior pregador que vocês jamais produziram neste país foi Samuel Davies, autor do hino, "Grande Deus de maravilhas, todos os Teus caminhos / São inigualáveis, soberbos, sublimes", e o homem que sucedeu a Jonathan Edwards como presidente de Princeton. Ainda é possível obter os seus sermões. Ali estava obviamente outro mestre da pregação. Naquele tempo, ou poucos anos mais tarde, poderíamos tê-lo ouvido igualmente. Se tão-somente pudéssemos sentar-nos e ouvir esses homens, talvez aprendêssemos algo sobre a pregação.

Talvez vocês me perdoem uma palavra pessoal de passagem. Digo que estive pelejando com este assunto por quarenta e tantos anos, e tive duas experiências que jamais esquecerei. Sinto como se realmente eu tivesse pregado só duas vezes em minha vida, e nas duas vezes eu estava sonhando. Ainda me lembro do terrível sentimento de frustração, em ambas as ocasiões, quando vi que só era sonho. Se tão-somente eu pudesse pregar daquela maneira quando acordado! Então eu poderia afirmar que preguei, mas, que lástima, a situação é essa!

Portanto, o melhor que posso fazer para tentar ajudá-los neste assunto é falar por alto sobre o meu tema. Não posso analisá-lo, sou incapaz de fazê-lo. Permitam-me começar assim: a pregação, penso que todos concordarão, tem sido tristemente neglegenciada, especialmente durante este século. A pregação sofreu declínio. Sei que esta é a verdade com relação ao seu país bem como com relação ao nosso. Se vocês tivessem visitado Londres há cem anos e, na verdade, até digamos o início da Primeira Guerra Mundial, o problema que teriam seria qual dos grandes pregadores ouvir. Havia muitos deles, e o problema seria qual deles escolher. Mas hoje a situação é inteiramente diversa. Não há absolutamente nenhum problema. Existe *algum* pregador que vocês queiram ouvir, que valha o tempo que vocês vão tomar para ouvi-lo? Em seu país é a mesma coisa. Há carência de pregadores. Por quê? Porque, ao que me parece, toda a noção de pregação, de um modo ou de outro, deslizou para o terreno dos fundos e as pessoas não acreditam mais na pregação como antes.

POR QUE A PREGAÇÃO DECAIU?

Qual a causa disso? Bem, penso que posso analisá-la de maneira bem precisa no que se refere à Grã-Bretanha, e creio que isso vale em parte aqui. Na Grã-Bretanha estou certo de que um dos fatores mais importantes foi que tivemos um primeiro ministro cujo nome era Stanley Baldwin. Assumiu as suas funções em 1924. Ele seguiu certos homens do tipo de Lloyd George, que fora primeiro ministro durante a Primeira Guerra Mundial e que tivera em seu gabinete pessoas como Winston Churchill e o lorde Birkenhead. Todos esses homens eram bons para discursar, eram grandes oradores; e Stanley Baldwin não era. Era um político muito inteligente e percebeu que a única coisa que um homem como ele poderia fazer era dizer algo mais ou menos assim: pois bem, eu não sou um grande homem, não sou um grande orador, sou apenas um inglês comum, franco e simples. Passou a sugerir que a oratória é perigosa e que, se um homem é um bom orador, não se pode confiar nele. O único homem em quem se pode confiar é o homem tranqüilo, simples, que não pode proferir uma oração grandiosa mas que pode oferecer uma prosa amigável, e nesse você pode confiar.

Sem nenhuma dúvida, essa idéia penetrou toda a esfera da pregação. Tenho observado o desenvolvimento de certa desconfiança da pregação. Vocês tiveram neste país um homem que, penso eu, fez grande dano – S. D. Gordon. Alguns dos mais velhos de vocês se lembrarão dos livros dele e, para mim, os títulos dos seus livros põem tudo às claras: "Singelas Conversas sobre isto e aquilo" – sobre a oração, sobre o poder ("Quiet Talks on Prayer, Quiet Talks on Power"). Sempre deve ser uma conversa singela, como uma prosa amigável, nada dessa "grande oratória de púlpito", perigosa e não espiritual. *Conversas* singelas, apenas uma breve conversação! Esses fatores, vocês vêem, atuaram juntos.

Depois veio a terrível invenção do rádio e da televisão - eles têm sido uma grande maldição. E têm sido uma maldição por muitas e muitas razões. Uma delas, naturalmente, é que em geral você tem o tempo limitado por essas coisas, e isso é sempre destrutivo para a verdadeira pregação, como lhes mostrarei mais adiante. Em acréscimo a isso, há o elemento impessoal. Muito freqüentemente o pregador fica sozinho numa sala, o que é péssimo: não tem contato com os seus ouvintes. E há várias técnicas a respeito das quais eles têm muito que dizer; tem havido vários cursos sobre "técnicas de televisão" aos quais não faltam freqüentadores. Não posso imaginar algo tão patético como pregadores se deixarem

instruir por esses pequenos peritos em televisão sobre como se conduzirem, até quanto àquele sorriso ridículo, e tudo mais. Tais cursos destroem todo o conceito e idéia da pregação. Estou aqui para lhes falar a verdade, e devo criticar coisas que tenho observado entre vocês aqui, como noutros lugares. Não entendo esse costume de um pregador ir para o púlpito domingo de manhã, olhar para as pessoas presentes e dizer-lhes: "bom dia". Isso é o mundo; o pregador não deve fazê-lo. Vieram ouvir a Palavra de Deus, e o pregador vem de Deus. Não há necessidade desse tipo de coisa, e já sinto que isso interfere no elemento essencial da pregação.

Outro fator ligado à decadência da pregação tem a ver com o lugar da leitura. Conforme as pessoas se tornam mais instruídas e buscam cada vez mais a leitura, toda a noção de pregação tende a ser depreciada. O homem inteligente dá-se conta de que não precisa agüentar uma arenga lançada sobre ele por um homem num púlpito; ele pode fazer a sua leitura em casa, pode ler os mesmos livros que o pregador lê. Daí, por que deverá ouvir o pregador? É mais intelectual ele próprio sentar-se e ler um livro. Penso que isso tem feito realmente grande dano. A idéia é que os nossos antepassados não liam, não tinham os livros, e com freqüência muitos deles não sabiam ler, e assim dependiam desse homem que parecia ser uma autoridade. Mas a geração moderna rebelou-se contra tudo isso, e a leitura tomou o lugar da pregação. Bem, cada um desses pontos, é claro, poderia ser tomado, e poderíamos mostrar a tremenda diferença que há entre a leitura, mesmo de bons livros, e a pregação. Não há comparação entre as duas. A pregação é o método e processo ordenado por Deus, e a leitura jamais poderá ser um substituto da pregação. Há algo peculiar acerca da pregação que a leitura jamais poderá alcançar.

Outro fator que tem feito grande dano a toda a questão da pregação em nosso país, e creio que também no de vocês, tem sido um mal e falso tipo de pregação popular. Tivemos um excesso disso, especialmente em Gales, minha terra natal. Houve homens que transformaram a pregação em diversão, homens que estavam mais interessados na maneira como diziam as coisas do que nas coisas que diziam, e homens que eram peritos naquilo que, em minha bem ponderada opinião, é uma abominação, a saber, o uso exagerado de ilustrações e histórias. Todo o objetivo do sermão era conseguir uma ilustração eficiente! Sabiam que conseguiriam produzir efeito sobre as pessoas. A noção do sermão e da pregação veio a ser uma noção de entretenimento. E com isso você tinha uma falsa pregação popular, com a qual toda pessoa verdadeiramente

espiritual, na verdade toda pessoa inteligente, ficava pouco menos que desgostosa.

Houve também um termo que se usava e que eu abomino, o termo "pulpiteiro" ("pulpiteer"). Havia esses grandes pulpiteiros, os Henry Ward Beecher e gente desse tipo, que causaram infinito prejuízo à pregação. Eles eram grandes mestres de assembléias, homens bombásticos que dominavam nos períodos médio e final da era vitoriana. Entendo que eles fizeram grande dano a todo o conceito e noção da pregação verdadeira.

Depois, apenas para acrescentar outro fator a esta lista, há o movimento sacramentalista, que teve sua influência sobre diferentes segmentos da Igreja, particularmente na Igreja Anglicana, em diferentes países ao redor do mundo. A mesma influência tem permeado as igrejas livres, a idéia de que o sacramento é o encargo central da igreja, mais importante que qualquer outra coisa. Pois bem, a história disso na Igreja Anglicana na Inglaterra é realmente muito fascinante. O movimento anglicano-católico iniciou-se na década de 1830, introduzindo vestes e novas idéias quanto ao sacramento – o qual se aproximava cada vez mais de Roma. E à medida que isso tudo se desenvolvia, a pregação declinava correspondentemente. Assim o sermão veio a ser mera trivialidade. O importante era a administração dos sacramentos.

O derradeiro elemento que colocarei nesta categoria de coisas que prejudicaram muito a pregação é a noção geral do trabalho pessoal que eu creio que vocês denominam "aconselhamento". Isso também tem militado contra a pregação. A idéia é que o realmente necessário é uma conversação pessoal em que as pessoas podem apresentar as suas perguntas e as suas dificuldades e as podem solucionar juntas. Talvez a pregação ainda seja considerada uma espécie de função, mas apenas como uma introdução geral para conseguir que as pessoas venham falar com você; o vital será realizado quando você tiver privadamente uma conversação. Este é um dos resultados do interesse pela psicologia e pela introdução do elemento psicológico na obra pastoral e, na verdade, em toda a atividade da vida da Igreja. E na medida em que esta ênfase ao aconselhamento tem aumentado, correspondentemente a ênfase à pregação tem decaído. Eu poderia ilustrar de novo, no caso de Gales, onde, naturalmente, sempre acreditamos na pregação mais do que jamais se acreditou nela na Inglaterra. Acreditava-se na pregação mais na Escócia e em Gales do que jamais se acreditou nela na Inglaterra, porém a pregação tem se esvaído em ambos os países, e em grande parte por causa dessa ênfase à obra pessoal. Em

Gales deveu-se a mudança quase inteiramente a um professor que foi diretor de uma das faculdades da Igreja Presbiteriana Galesa. Ele próprio não podia pregar, pobre sujeito; era supostamente um grande psicólogo, no entanto nunca se deu conta do seu próprio complexo, claro para alguns de nós. Ele resolveu o seu problema pessoal menosprezando a pregação e acentuando o valor do aconselhamento e da obra pessoal. Era um homem tão hábil e afável que influenciou duas ou três gerações de jovens pregadores que não acreditavam mais na pregação como tal. E, naturalmente, eles podiam contrastar o que estavam fazendo com a falsa pregação popular, e o resultado foi que toda a noção de pregação veio a ser depreciada. Pois bem, aí estão alguns dos fatores que têm militado contra o verdadeiro entendimento da pregação e do lugar da pregação na vida da Igreja.

PREGAÇÃO NÃO É PRELEÇÃO

Então, que é pregação? Tentemos chegar um pouco mais perto de uma definição. De novo só posso fazê-lo dando-lhes alguns dos pontos negativos. Qual é a diferença, por exemplo, entre a pregação e aquilo de que falei há pouco, a saber, a leitura de livros? Qual é a diferença essencial entre essas duas coisas? Por que dizemos que as pessoas devem ir à igreja e que a pregação deve ter continuidade na igreja, em preferência à leitura de livros em casa? Qual a razão para dizer isso? Qual é a coisa "peculiar", se preferirem, qual a "differentia"* da pregação? Qual é a marca distintivamente dentre todas estas outras atividades? Bem, vou tentar responder essa pergunta. Deixem-me fazer outra pergunta: qual é a diferença entre pregar e transmitir uma leitura? Julgo isto sumamente importante. Penso que detectei a tendência que as pessoas têm de imaginar que fazer uma preleção é a mesma coisa que pregar, que devido fazer uma preleção do púlpito, essa se torna pregação. Mas não é assim. Traço uma grande distinção aqui. Lembro-me de haver encontrado com alguns homens durante a Segunda Guerra Mundial, capitães do Exército dos Estados Unidos, e me lembro de ouvir um deles usar uma expressão que me alarmou bastante. Ele estava numa certa parte da Inglaterra e se associara a algumas igrejas de lá; e tinha chegado a uma conclusão com respeito à condição delas. Disse ele: "E então decidi pregar o meu sermão sobre a justificação". Ao dizer isso, ele me disse tudo a respeito de si mesmo como

* Em latim no original. Significa: caráter distintivo. Nota do tradutor.

pregador. Vocês vêem, ali estava um homem que deliberadamente se sentara para preparar uma preleção, "um sermão sobre a justificação", e ele tinha outro sobre a santificação, e sobre vários outros assuntos. Assim é que ele tinha um "sermão sobre a justificação". Para mim esse homem nada sabia acerca da pregação. Obviamente havia preparado o discurso sobre a justificação, e depois achou diversas passagens que pôde enganchar nele, mas isso não é pregação. É fazer preleção sobre a justificação, e sobre esses outros assuntos. Digo que isso não é pregação. Há um lugar para a preleção. A preleção é essencial. E existem muitas coisas que precisam ser ensinadas na igreja. Mas tudo o que eu estou interessado em dizer é que isso não é pregação. Vocês podem muito bem chegar à conclusão de que eu tenho uma noção estranha quanto à pregação, porém estou preparado para justificar o que estou tentando dizer.

SERMÃO NÃO É COMENTÁRIO LIGEIRO

Permitam-me dar-lhes outro ponto negativo. Alguns parecem pensar que a pregação consiste de um ligeiro comentário sobre uma passagem das Escrituras. Não estou dizendo que isso não tem seu legítimo lugar e função. Você toma um parágrafo e o comenta versículo por versículo numa espécie de comentário ligeiro. Isso não é pregação. Passa por pregação muitíssimas vezes, especialmente na Igreja Anglicana, na Grã-Bretanha, mas para mim é muito diferente da pregação. Ou, eis outro modo de expressá-lo: um homem pode tomar um versículo ou uma passagem, pode dar-lhes a sua exegese do texto, pode falar-lhes sobre o seu contexto, pode dar-lhes o significado das palavras, pode dividi-la e expô-la; entretanto continuo a dizer que não é pregação. Conheci um homem que, tanto no país de vocês como no nosso, era famoso como "preletor bíblico". Ele mesmo se chamava assim, e a expressão estava certa. Seu método era tomar um parágrafo das Escrituras, talvez um capítulo inteiro, muitas vezes todo um livro, e o analisava para você e lho dava em suas partes componentes. Num sentido técnico, o que ele fazia era um comentário ligeiro sobre uma seção ou sobre um livro, no curso do qual podia acrescentar ilustrações aqui e ali. E penso que isso é interessante e importante porque os seus livros eram muitos populares. Eles tiveram influência em seu país e no nosso, no sentido de fazerem o povo pensar que pregação é isso. Naturalmente, o argumento era que esse método é mais bíblico, mas eu penso que foi uma falácia completa. É possível

tratar das palavras das Escrituras e nunca chegar à doutrina. Esse preletor nunca tratou de doutrina, não tinha interesse pela teologia, e costumava dizer isso. Todavia, porque tratava o tempo todo da letra propriamente das Escrituras, pensava-se que ele era mais bíblico. A minha idéia de ser bíblico é expor a mensagem real, o tesouro das Escrituras. Não se deve ficar tão amarrado às palavras literais o tempo todo, mas certamente é o significado que importa, em última instância. Isso não quer dizer que não devemos interessar-nos pelo outro aspecto; devemos, todavia eu digo que a preleção bíblica fica aquém do ponto onde começa a verdadeira pregação. Eu poderia pôr a totalidade daquilo em minha introdução, e ainda não começar a pregar quando eles terminam.

Permitam-me colocá-lo doutra maneira: vocês fazem distinção entre um sermão e a pregação? Eu faço. E tenho a impressão de que uma parte do problema quanto à pregação é que as pessoas não reconhecem essa distinção.

Que é sermão? Qual é a diferença entre um sermão e uma preleção bíblica ou uma exposição de uma passagem? No meu modo de ver, é que o sermão é sempre um todo, uma entidade, uma mensagem. Vejam a frase utilizada pelo profeta, no Velho Testamento: "o fardo do Senhor". Para mim, a exposição das Escrituras não se torna sermão enquanto o que você estudou, exegetizou e explicou não tomar a forma de uma mensagem particular que leve a um fim particular.

Deixem-me dizer de passagem que sou um grande admirador dos puritanos e, numa medida mínima, talvez, fui responsável por um renovado interesse por eles na Grã-Bretanha. Mas os puritanos podem ser muito perigosos, do ponto de vista da pregação. Os puritanos eram primariamente mestres, em minha opinião, não pregadores. No púlpito constumavam analisar a sua passagem das Escrituras e, quando se lhes esgotava o tempo, diziam: bem, deixaremos aqui por ora, e o retomaremos na próxima vez. Para mim, ao dizerem isso, declaravam que não estavam pregando, porque não tinham esta forma, esta totalidade, esta mensagem completa. Acho muito difícil pôr isto em palavras, porém isto, para mim, é um ponto deveras vital entre uma exposição de uma passagem e um sermão. O preparo de um sermão é um processo que permeia o íntimo da mente, do coração e do espírito. Não sei como acontece, mas penso que posso ilustrar o que quero dizer. Lembro-me de como se fazia manteiga antigamente. Punha-se a nata numa desnatadeira. Entrava como nata, mas depois você girava a manivela ou punha um cavalo para acionar uma grande polia, e se

desnatava e se desnatava até sair como manteiga. Nada se adicionava aos ingredientes, mas o que saía era diferente do que tinha entrado. Não era mais nata, era manteiga. Receio que isso é o mais perto que posso chegar do que seja dizer-lhes a diferença entre exposição, exegese, comentário e explicação do sentido das palavras, e um *sermão*. Os mesmos ingredientes, contudo resultando num fim diferente!

Agora devo acrescentar uma palavra de advertência neste ponto, penso – sem dúvida, eu mesmo preciso muito dela. Não sei se vocês leram um livro escrito por um homem chamado Edwin Hatch, que era um dignitário da Igreja da Inglaterra no século passado. Ele ministrou dois cursos de preleções famosas – as Preleções Bampton – tratando da natureza da Igreja do Novo Testamento e, a menos que a minha memória esteja falhando, por volta de 1888 ele pronunciou as Preleções Hibbert, nas quais tratou da influência do pensamento grego sobre a Igreja Cristã. Na última série de preleções, que vale a pena ler, ele afirma algo que me vem preocupando consideravelmente. Ele argumenta que a noção geral de pregação mudou no século segundo, e a sua tese é que a mudança ocorreu como resultado da influência grega. Vocês recordam como no século segundo a Igreja Cristã se lançou frontalmente contra o mundo grego, e os apologetas entraram em cena. Eles tinham que fazer isso, é claro, mas, de acordo com a teoria de Edwin Hatch, a influência grega teve grande efeito sobre a pregação cristã, e o efeito que teve, sustenta ele, foi que a pregação dos apóstolos e da Igreja Primitiva era uma espécie de pronunciamento profético inspirado, porém, devido à influência apologética que se introduziu e o desejo de apresentar o evangelho de um modo que não ofendesse a douta mente grega, a igreja passou a adotar, cada vez mais, a forma grega e, num sentido, a forma romana de discurso. A forma que tinha sido empregada pelos grandes retóricos da Grécia envolvia uma introdução premiliar do assunto, depois uma divisão da matéria, e finalmente uma conclusão. E o seu argumento é que esta veio a ser a forma do sermão do século segundo em diante, como resultado da influência grega.

Estou disposto a concordar que o que Hatch diz provavelmente é muito verdadeiro, mas isso me coloca num impasse. Creio intensamente no que ele denuncia idéia original da pregação. Para mim, isso é o que há de mais importante. Ao mesmo tempo, também acho que a forma não somente tem um lugar legítimo, e sim também, em certo sentido, é essencial, se se quer comunicar fielmente a verdade às pessoas. Vocês vêem, estamos sempre num

estado de tensão. Como posso ter a forma e, todavia, evitar que me torne um preletor? Como posso ter esta forma que eu acho que o sermão deve ter, sem deixar que ele degenere, vindo a ser uma espécie de discurso geral? Bem, como essa delimitação, faço a minha asserção de que sempre devemos lembrar que o sermão deve ter esta forma e este fim, se há de funcionar de fato.

O SERMÃO E A PREGAÇÃO

Passamos agora a esta outra distinção, a diferença entre o sermão e a pregação. Isso me leva ao cerne da questão, em meu modo de entender. Temos conhecimento dessa distinção? Tenho a sensação de que é porque nos esquecemos dela que a pregação caiu em maus tempos. Lembro-me de uma história que ouvi, e a introduzo aqui simplesmente para assinalar as minhas observações. Houve um pregador na Grã-Bretanha, o Dr. J. D. Jones, de Bournemouth. Ele vinha freqüentemente a este país. Uma vez ele estava pregando num lugar, em Gales, quando já era idoso, e vários ministros estiveram com ele e lhe fizeram uma pergunta que os pregadores gostam muito de fazer. Perguntaram-lhe: "Diga-nos, Dr. Jones, quem é o maior pregador que você já ouviu?" Ele pensou um pouco, e respondeu: "Bem, não sei, não sei, mas isto lhes digo: a maior *pregação* que já ouvi foi a de John Hutton".

Ora, penso que aí está uma boa observação. Vocês vêem, o que ele estava dizendo é isto: ele não estava dizendo que o Dr. John Hutton, que por algum tempo foi o editor do nosso *Semanário Britânico* ("British Weekly"), era o maior homem que ele ouvira pregar; nem estava dizendo que os sermões do Dr. Hutton eram os maiores que ele já ouvira, mas o que estava dizendo – e eu sei exatamente o que ele quis dizer porque eu ouvi o Dr. Hutton – foi que a pregação do Dr. Hutton foi a maior pregação que ele já tinha ouvido. Esse homem, o Dr. Hutton, que foi um dos meus predecessores na Capela de Westminster, era um homem extraordinário e um extraordinário pregador. Quando eu era estudante, um jovem médico, costumava ouvi-lo. Ouvi-o todo o tempo em que ele esteva lá, e eu cheguei à conclusão de que ele de fato pregava realmente bem só cerca de uma de cada seis ocasiões. Como foi a coisa? Bem, foi assim: ele era um homem que não dava suficiente atenção ao sermão. Tinha esse dom de pregar e tendia a fiar-se nele. Às vezes ele divagava, era difícil segui-lo, e podia ser algo muito ruim. Era sem forma; mas quando chegava a sexta ocasião, você não só perdoava as outras cinco; simplesmente ficava

esperando que isso acontecesse de novo. Evoco uma ocasião em que, justamente quando ele estava concluindo o seu sermão, levantou as mãos estendidas, e toda a congregação se pôs de pé. Eu estava entre os ouvintes. Esse é um tributo à sua pregação.

Em que consiste essa diferença? Permitam-me oferecer-lhes outra ilustração. Já me referi a Samuel Davies. Alguns de vocês se lembrarão de que por volta de 1753 Samuel Davies e Gilbert Tennent foram enviados deste país à Grã-Bretanha para coletar fundos para a Universidade de Princeton, então recentemente fundada, por volta de 1746. Depois de uma longa e tediosa viagem, chegaram em Londres. Claro, a primeira pergunta que fizeram ao chegar, foi: "O Sr. Whitefield está na cidade?" E, para seu grande deleite, foi-lhes dito que estava, e que devia pregar no Tabernáculo na manhã seguinte, que era domingo. Assim eles chegaram lá cedo e, com o lugar superlotado, Whitefield chegou finalmente e pregou. Samuel Davies faz um relato daquele culto e este assinala com perfeição o ponto que estou expondo. Disse ele que logo percebera que o Sr. Whitefield obviamente tivera uma semana extremamente ocupada. Era evidente que ele não tivera tempo para preparar o seu sermão. Este não tinha unidade, era ilógico, às vezes ele apenas divagava – não havia forma ali. Mas, disse Davies, havia tal unção sobre a pregação, tal efeito ele sentiu, que alegremente cruzaria o Atlântico de novo, muitas vezes, a fim de estar sob aquela influência tremenda. Essa é a diferença, vocês vêem, entre um sermão e uma pregação. É por isso que eu penso que se acha numa condição muito patética o homem que diz: então decidi pregar-lhes o meu sermão sobre a justificação, o meu sermão sobre isto, isso ou aquilo? Que terrível erro é esse!

Lembro-me doutro fator que não mencionei em minha lista de coisas que fizeram grande dano à pregação verdadeira, e essa é a publicação de sermões *(risadas)*. Vocês dão risada por isso, mas eu o digo com muita seriedade. Penso que os sermões impressos no século passado foram uma das mais danosas influências sobre a pregação, especialmente os de pregadores escoceses. E vou lhes dizer por que afirmo isso. Esses homens do século dezenove eram literatos, e quando preparavam os seus sermões, freqüentemente o faziam com um olho em sua possível publicação. Ao procederem assim, já estavam, em minha opinião, totalmente fora do caminho. Se você preparar um sermão para ser publicado, não será um bom pregador quando o pregar. A sua motivação está errada. O seu conceito está errado. Há toda a diferença do mundo entre estas duas coisas.

A PREGAÇÃO VERDADEIRA: UMA TRANSAÇÃO

Então, que dizer da pregação? Bem, a pregação é a extraordinária situação em que algo está *acontecendo* entre o homem que está falando e os que o estão ouvindo. Vocês conhecem a famosa definição que Phillips Brooks fez da pregação: "A verdade mediada pela personalidade". Penso que ele está certo. Se ele introduziu ou não nessa afirmação o conteúdo que eu introduziria, não sei, mas há um sentido em que ele realmente pôs o dedo no essencial. O homem completo está envolvido na pregação; é aí que está a diferença entre o sermão e a falsa pregação. Não é merante o que o homem diz, e o modo como o diz – é esse envolvimento total do homem; seu corpo está envolvido, cada parte dele, cada faculdade está envolvida, se é pregação verdadeira, toda a personalidade do indivíduo; e, ao mesmo tempo, como eu disse, a congregação que ouve também faz a sua contribuição. Ali estão pessoas de mentalidade espiritual, vieram preparadas e estão sob a influência do Espírito, e assim se fundem estas duas coisas. Há uma unidade entre o pregador e os ouvintes, e há uma transação para trás e para diante. Isso, para mim, é pregação verdadeira. E aí é que vocês vêem a diferença entre ouvir pregar numa igreja e ouvir um sermão na televisão ou no rádio. Você não pode ouvir uma pregação verdadeira separadamente, e nunca deve estar numa condição em que possa desligá-la. O que estou tentando dizer é que há um elemento de domínio, há um elemento de compulsão na pregação, e as pessoas presentes ficam presas e fixas. Afirmo que, se não estiver acontecendo isso, então não está acontecendo uma pregação verdadeira. Por isso, a leitura jamais deve substituir a pregação. Se você quiser, pode deixar de lado o livro ou pode arguí-lo. Quando a pregação é verdadeira, você não pode fazer isso, você fica preso, você é arrebatado, você é dominado. E eu insisto em que essa é uma parte essencial e vital da pregação.

OBSTÁCULOS À PREGAÇÃO

Quais são as coisas que impedem a pregação? (Lamento ter que apressar-me agora, porque o meu tempo se esgotou.) Há certas coisas que são um enorme empecilho à pregação. Uma é o profissionalismo. Este é uma maldição para o trabalho do ministro. Por que você prega aos domingos? Por que pregará no próximo domingo? Será simplesmente porque foi anunciado que o fará? Muitas vezes vou ao púlpito por essa razão, e assim com você. Você

foi ao púlpito porque se esperava que fosse, porque é o seu emprego. Num sentido isso está certo, mas noutro sentido é deveras terrível fazê-lo meramente porque você tem que fazê-lo e porque faz parte da sua rotina. Isso milita contra a pregação verdadeira. O homem sempre deve ir ao púlpito com um senso de romance, um senso de oportunidade e um senso de tremenda responsabilidade. Deve haver uma avidez a seu respeito. O profissionalismo é uma maldição.

Outra coisa que milita contra a pregação é o homem ter exagerada confiança em seu preparo. Tudo o que estou dizendo pode ser gravemente mal entendido. Naturalmente, o homem que não se prepara é tolo, porém o homem que confia em sua preparação talvez seja mais tolo ainda. Ele escreveu o seu sermão, está preparado: está com tudo. Pobre sujeito, não está com nada! Mas nós fazemos isso, não fazemos? Você acha que está lustrado e pronto para o domingo simplesmente porque preparou o sermão. Isso não é pregação.

Depois há o perigo de extraviar-se na forma da sua preparação – esta noção literária que eu já denunciei, este desejo de ser literário ou culto e de fazer citações e mais citações. Lembro-me de uma senhora, jornalista, que escreveu sobre pregadores da Inglaterra e elogiou um ministro em particular porque, disse ela: "ele sempre compartilha a sua leitura conosco". Isso é abominável, completamente abominável, no entanto é uma prática que se introduziu, como vocês sabem. Queremos ser considerados homens cultos e lidos. Houve um homem na Grã-Bretanha, um pregador popular, que escreveu um livro intitulado *A Arte da Construção do Sermão* ("The Craft of Sermon Construction"). Para mim, a idéia de "arte" no preparo do sermão é prostituição. "Arte" é o que a prostituta faz: ela se embeleza, pinta-se, faz-se atraente com o fim de atrair pessoas. Todavia você não se casaria com alguém assim. Não, nós acreditamos no amor, e a atração exercida pelo amor não é meretrício. Certamente, há elementos de organização obrigatórios em nossa preparação, mas a minha objeção é a que se dê proeminência a qualquer idéia de "arte". Vocês vêem, este homem a cujo livro me refiro era um grande perito em ilustrações de sermão. Eis como ele fazia: levava no bolso um pequeno livro de anotações e sempre que ouvia uma boa história, lá vinha o livrete e ele a escrevia. Ele estava sempre coletando. Depois, como ele conta no livro, classificava as histórias de acordo com o assunto. Assim, por meio desse recurso, quando ele queria ilustrar um ponto particular, procurava a seção pertinente, puxava a gaveta, e lá estavam as suas histórias e ilustrações. Para mim, isso é totalmente repreensível. Chamo a isso

prostituição e nada mais. Os pregadores que lêem sermões alheios para obterem ilustrações e histórias, não são aptos para o púlpito.

Permitam-me expressá-lo doutra maneira. Na Grã-Bretanha havia um bispo chamado Hensley Henson. Era o bispo de Durham, e escreveu uma autobiografia que foi intitulada *Retrospecto de uma Vida Nada Importante* ("Retrospect of an Unimportant Life"). (Mas a vida nada importante toma três volumes!) Lembro-me de ter lido num desses volumes como lhe pediram que pregasse um sermão numa ocasião grandiosa. Ele nos conta como esteve preparando aquele sermão durante três semanas. Para mim, vocês vêem, aquele homem não sabia nada sobre pregação. Ele proferia grandes orações, e podia fazer isso, mas isso não era pregação. Três *semanas!* Contrastem isso com Whitefield, pregando neste país dia após dia, cinco, seis vezes por dia, quase sem tempo para preparar-se e, contudo, que pregação! Toda a noção de pregação é que se perdeu hoje. Se um homem lê um manuscrito no púlpito, isso é destrutivo para a pregação verdadeira. Questiono até a validade de se escrever um sermão completo e confiá-lo à memória.* Eu costumava fazer isso. Parei porque achei que era demasiado mecânico, eu tinha que concentrar-me demais na rememoração. Era uma espécie de recital, não era pregação verdadeira. O que estou tentado dizer é que há um elemento na pregação que sempre deixa as pontas livres; há algo em torno da pregação que não se pode preparar; você prepara o seu sermão, porém quanto à pregação, você se prepara. Essa é a distinção. Você se prepara a si mesmo para a pregação. Você tem que ter o seu sermão, mas, mesmo quando o tem, se não se tiver preparado a si mesmo, se este outro elemento não estiver ali, o sermão de nada lhe valerá.

DEUS NA PREGAÇÃO

Permitam-me passar agora, finalmente, a algo que chamo alguns dos elementos vitais da pregação. O primeiro é a nossa percepção do que está acontecendo, que somos enviados por Deus, que somos arautos destas gloriosas boas novas, que temos autoridade. Se não temos autoridade, não podemos pregar. Temos de ter segurança, temos de ter autoridade absoluta. Acima de tudo, temos de estar cientes da nossa tremenda responsabilidade – do privilégio do que

---

* Não é o escrever "completo" como tal, que o Dr. Lloyd-Jones está criticando aqui. Cf. *Pregação e Pregadores* ("Preaching and Preachers"), pp. 215-6.

estamos fazendo, da responsabilidade pelo que estamos fazendo. Falamos da parte de Deus aos homens.

Vocês conhecem a história referente a Robert Murray M'Cheyne. Dizem que à simples entrada dele em seu púlpito em Dundee, durante o tempo do avivamento ali, o povo se punha a chorar antes dele abrir a boca. Havia algo em torno do seu rosto, e na convicção que os seus ouvintes tinham de que ele viera de Deus; ele já estava pregando antes mesmo de abrir a boca. O homem enviado da parte de Deus tem consciência desse fardo. Ele treme por causa das momentosas conseqüências, dos resultados, que dependem do que ele faz.

Este é o sentido da palavra da parte de Deus – a grande idéia de "profetizar" – que nos aproxima um pouco mais, talvez, do entendimento do que é a pregação. Não me entendam mal. Não estou dizendo que o homem tem uma revelação da parte de Deus no sentido de receber alguma verdade; não estou dizendo isso. Mas, para mim, quando um homem está de fato pregando, foi-lhe dada a mensagem. O que ele adquiriu como resultado do seu estudo das Escrituras e do seu entendimento de uma passagem, isso é arrebatado e vem a ser uma proclamação profética. Ele está falando no Espírito, "em demonstração de Espírito e de poder" (1 Coríntios 2:4). Penso que este é um elemento absolutamente vital da pregação verdadeira. Não se pode pregar com sangue frio. O pregador é arrebatado: ele está nos domínios do Espírito e Deus está dando uma mensagem às pessoas por meio desse homem. Não é uma proclamação inspirada no sentido em que as Escrituras são inspiradas, contudo, noutro sentido, é uma proclamação inspirada porque o Espírito a está dando e a está usando. Assim, um elemento vital da pregação é a confiança no Espírito Santo. Outro elemento é a liberdade – temos que ser livres. É por isso que eu digo que geralmente há pontas soltas na pregação. Um sermão que seja perfeito na forma, na dicção e em tudo mais, é um sermão que milita contra a pregação. Vocês sabem como o apóstolo Paulo, em seus escritos, de repente esquece, por assim dizer, o que começara a dizer. Às vezes ele interrompe o seu próprio pensamento; não completa as suas sentenças e nunca as termina. Como explicar essas paradas, esses anacolutos, como lhes chamam? Bem, isso é liberdade do Espírito. Paulo é arrebatado; ele menciona o nome do Senhor, e logo parte para alguma grande apóstrofe. Depois ele pode ou não voltar ao seu argumento.

Tudo isso, digo eu, é uma parte deveras vital e essencial da pregação. Não é só o homem pregando, como ele diz aos

tessalonicenses em 1 Tessalonicenses 2:13. Vocês ouviram, o apóstolo lhes diz, e perceberam que não foi meramente palavra de homem, mas, na verdade foi, como de fato é, a Palavra de Deus. Assim é a sua pregação, e assim deve ser a nossa. Portanto, o pregador é um homem que não se pertence, e tem consciência disso. Não hesito em fazer essa afirmação. Eu diria que só começo a saber algo sobre a pregação naquelas ocasiões nas quais, por assim dizer, fico olhando. Estou falando, mas, realmente sou um espectador, e fico maravilhado com o que está acontecendo. Estou ouvindo, estou olhando com total espanto, pois não estou fazendo o trabalho. A pregação é verdadeira quando estou ciente de que estou sendo usado; num sentido, sou tão espectador como as pessoas que me ouvem. Há esta consciência de que aquilo está fora de mim e, todavia, estou envolvido naquilo; sou meramente instrumento e veículo e canal disso tudo. E assim a gente tem este abandono, esta liberdade; e os pensamentos são dados, as expressões são dadas, a imaginação é inspirada e inflamada, e nós apenas temos ciência de ter toda personalidade dominada por Deus, e que Ele está usando a parca faculdade que afinal Ele mesmo nos deu no princípio. Ora, quanto posso descrever, isto é o que significa a pregação. E nós somente estamos conscientes da pregação verdadeira quando estamos conscientes de tal modo que podemos dizer: todavia, não eu; estou pregando, todavia não eu, mas estou sendo usado por Deus: estou sendo tomado, estou sendo empregado, e Deus está usando até a mim para falar a este povo. Sou embaixador da parte de Cristo, sou um enviado, estou ciente desta grande responsabilidade – mas está tudo bem, sou habilitado a fazê-lo por causa da Sua graça e do poder que Ele é suficientemente misericordioso para conceder-me.

Bem, irmãos, espero que me perdoem estas divagações. Que é que alguém pode fazer, senão algo como isso, quando lhe é dado um tema como: "Que é pregação?"

Queira Deus enviar-nos o Seu Espírito para que de novo saibamos o que é pregação, experimentemo-la nós mesmos e a ouçamos de outros. Não nos esqueçamos de como o ouvir outros nos testa. Nunca me canso de referir-me àquela grande ocasião em que Whitefield pregou pela primeira vez em Northampton, Massachussetts, para Jonathan Edwards. Penso que é uma das coisas mais gloriosas que jamais li. Lá estava este gênio, Jonathan Edwards, ouvindo Whitefield, que, naturalmente, não estava na mesma esfera, do ponto de vista da genialidade e da capacidade.

Mas quando ele estava ouvindo Whitefield, diz este que o rosto de Edwards brilhava e lágrimas corriam por sua face. Edwards estava reconhecendo esta nota autêntica, repassada de autoridade, esta pregação verdadeira. Whitefield estava no Espírito, Edwards estava no Espírito, e os dois se fundiram um no outro. Toda a congregação ouvinte e o pregador eram um só nas mãos de Deus. Isso é pregação. Queira Deus habilitar-nos a praticá-la e a experimentá-la.

15

COMO SALVAGUARDAR O FUTURO?*

"Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permaneceis. Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão. Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:1-4).

Este é o texto para o qual eu gostaria de chamar a sua atenção e à luz do qual pareceu-me que poderíamos celebrar da melhor maneira esta ocasião. Todos vocês estão cientes de que nos reunimos nesta ocasião para elevar o nosso louvor e a nossa ação de graças a Deus por ter dado surgimento à Inter-Varsity Fellowship e por ter abençoado esta obra durante os cinqüenta anos passados. Agimos bem em fazê-lo, pois temos muitas e muitas razões para isso. Há muitos aqui hoje que, abaixo de Deus, devem o maior bem da sua vida, isto é, a sua salvação, ao trabalho da IVF, e há muitos homens e mulheres, em várias partes do país, que podem testificar a mesma coisa. Aí está uma obra que tem sido responsável pelo envio de incontável número de homens e mulheres ao campo missionário estrangeiro, propagando o evangelho, estabelecendo serviço médico em hospitais, escolas, e de muitas outras maneiras levando luz e conhecimento a pessoas nascidas e criadas no paganismo e nas trevas da incredulidade. Há neste país muitíssimos homens no ministério cristão graças à influência exercida sobre eles pela IVF e suas variadas atividades nos seus anos de formação. Além disso,

* Palestra feita no Culto em Ação de Graças, durante a qüinquagésima Conferência Anual da Inter-Varsity Fellowship, em 1969.

há homens que ocupam altas, importantes e influentes posições em diversas profissões que também estariam prontos a testificar que esta obra foi, talvez, a maior influência em suas vidas.

Podemos ver que existem muitas razões pelas quais devemos juntar-nos na ação de graças a Deus e no louvor a Ele por ter trazido à existência a obra da IVF, e podemos muito bem passar o nosso tempo simplesmente revendo o registro, salientando algumas das coisas mais notáveis que foram realizadas. Mas não vou fazer isso, pois me parece que o melhor modo pelo qual podemos mostrar a nossa gratidão a Deus pela IVF, e pelo que ela tem sido, é assegurar que esta obra continue. Não é esta a hora para complacência, para satisfação própria e para congratulações mútuas. O mundo e a Igreja estavam em péssimas condições quando a IVF veio a existir, mas creio que ninguém discordaria da proposição de que, qualquer que de fato fosse a condição da Igreja Cristã e do mundo cinqüenta anos atrás, é absolutamente mais grave na hora presente. Naturalmente nós nos interessamos de maneira particular pelas universidades. Não quero ser polêmico – não faz parte dos nossos deveres polemizar, particularmente numa ocasião como esta – porém a situação e as condições das atividades das universidades é algo que todos vocês conhecem bem. Parece ter-se introduzido um novo fermento, uma inquietude, um alvoroço e, aventuro-me a dizer, um espírito de desrespeito à lei. Daí, o problema da evangelização dos estudantes nas universidades tornou-se, penso eu, uma das tarefas mais urgentes nos dias atuais. São os que estão nas universidades que vão ser os líderes nas diversas esferas da vida e das atividades e, a não ser que sejam colocados sob a influência do evangelho e do seu ensino específico concernente à salvação, bem como da sua aplicação à totalidade da vida, a perspectiva será de fato muito sombria.

NECESSIDADE DE VIGILÂNCIA CONSTANTE

Digo isso como uma espécie de desculpa por fazer o que me proponho fazer junto com vocês esta tarde. Suponho que a maioria de vocês sabe como a IVF veio a existir. Antes daquele tempo, o Movimento Estudantil Cristão estava agindo nas universidades, sendo ele uma organização oriunda do Movimento Estudantil Pioneiro. O Movimento Estudantil Pioneiro tinha sido iniciado por homens evangélicos, mas, com o passar dos anos, grande mudança se operara em seu ensino, em sua perspetiva e em sua influência. Vários evangélicos daquele Movimento começaram a sentir que

ele se apartara tanto da fé cristã, que não era mais um auxílio, e sim um empecilho à promoção do evangelho. Preocupava-os que o interesse do SCM (Movimento Estudantil Cristão) se tornara mais social que cristão, e que se afastara de maneira muito grave dos pontos fundamentais da fé cristã – da autoridade, da inspiração e da inerrância das Escrituras, e de toda a doutrina da salvação.

Aqueles homens, pertubados dessa maneira, decidiram que só havia uma coisa a fazer, e essa era separar-se do Movimento Estudantil Cristão. Penso que devemos entender isso com toda a clareza. Eles não decidiram permanecer no Movimento Estudantil Cristão e procurar conquistá-lo de dentro; achavam que isso era impossível. Eles acreditavam que a única maneira pela qual poderiam salvaguardar o evangelho e a verdade de Deus era separar-se do SCM. Noutras palavras, a IVF é um movimento separatista; a sua retirada foi um ato deliberado. Eles se puseram à parte e estabeleceram esta nova organização. O que estamos celebrando esta tarde é a extraordinária bênção de Deus sobre aquela decisão e ação. A história foi escrita, talvez devesse ser escrita com mais minúcias, e é por isso tudo que damos graças a Deus.

No entanto, a situação que agora nos confronta é tal que não podemos ser complacentes, e se havemos de mostrar a nossa gratidão a Deus pelo que aconteceu e pelo que tem sido feito, devemos fazê-lo certificando-nos de que ainda mantemos a posição que era mantida pelos homens que começaram esta obra e este movimento. Devemos estar determinados, sob Deus, a continuá-lo do mesmo modo nos anos vindouros. Acho, pois, que devemos fazer a pergunta: será que a IVF ainda ocupa a posição que era sustentada no princípio? Será errado fazer essa pergunta? Quero mostrar-lhes que não é, que na verdade é imperativo que a façamos, e que, ao fazê-la, estamos obedecendo a uma injunção bíblica muito conhecida.

Lembro-me de que, há muito tempo, li um livro escrito pelo Deão Inge, sobre o protestantismo. A única coisa que eu lembro daquele livro é a primeira sentença, que dizia: "Todas as instituições tendem a produzir o seu oposto", e ele foi adiante para mostrar quanto do que ainda era chamado protestantismo era quase o exato oposto daquilo que o protestantismo era no princípio. Todos os que, dentre nós, sabem da origem da maioria das atuais denominações religiosas deste país, e que vêem o estado e a condição dessas denominações no presente, reconhecerão que o que o Deão Inge disse do protestantismo em geral, veio a ser uma verdade quanto a essas denominações. Se os pais e fundadores dessas várias denominações voltassem, não acreditariam no que viam. A situa-

ção mudou tanto que o que eles fundaram veio a ser quase exatamente o oposto. Assim há esse testemunho que a história dá do terrível perigo que correm as instituições que começam nas linhas certas e excelentemente, de mudar gradativamente, de maneira quase imperceptível, vindo a ser uma coisa que é quase o seu exato oposto. Esse fato, em si e por si, é razão suficiente para nós examinar-nos a nós mesmos nesta ocasião.

Mas a necessidade de auto-exame não surge somente da leitura da história; a mesma nota de advertência deve-se ver na própria Bíblia. O Novo Testamento tem muito a dizer sobre esse perigo. Pensem, por exemplo, na Epístola aos Gálatas. Num período muito curto de tempo, as igrejas da Galácia tinham se afastado da verdade essencial, e o apóstolo teve que perguntar-lhes: "Qual é, logo, a vossa bem-aventurança?" (Gálatas 4:15). Ele fica surpreso que tão depressa e tão facilmente dessem as costas ao evangelho, passando "para outro evangelho. O qual não é outro" (Gálatas 1:6-7). Eles não se haviam dado conta disso; foi ele que teve de chamar-lhes a atenção para esse fato. E nos lembramos de como as cartas às sete igrejas, nos capítulos dois e três do livro de Apocalipse, mostram este grande perigo de esquecermos do "primeiro amor" e de nos afastarmos da verdade. De fato, seria possível fazer uma boa argumentação dizendo que a maioria das Epístolas do Novo Testamento foi escrita por causa deste insidioso perigo de cristãos individuais e igrejas aos poucos deslizarem para longe da verdade, sem se darem conta de que alguma mudança ocorreu neles.

É porque toda essa questão é tratada da maneira mais perfeita na Primeira Epístola ao Coríntios que eu lhes chamo a atenção particularmente para essa Epístola esta tarde. A igreja de Corinto era proeminente em muitos aspectos. O apóstolo os faz lembrar-se, no capítulo primeiro, de que ninguém rivalizava com eles em seus dons espirituais e em seu entendimento. Se se pode usar tal expressão a respeito de uma igreja, era ela um assaz brilhante tipo de igreja, com pessoas extraordinárias entre os seus membros; mas, apesar do seu excelente começo, algo tinha acontecido ali, e um triste declínio viera a ocorrer. A igreja estava num estado de completa confusão, tanto assim que o apóstolo tem que usar esta frase extraordinária no versículo dois do capítulo 15. Diz ele: "Pelo qual também sois salvos, se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão". A igreja estava num tal estado e condição, que o apóstolo se viu no dever de levantar com eles toda a questão sobre se alguma vez eles tinham sido cristãos, afinal. Ora, isso é um fenômeno espantoso, que em tão curto espaço

de tempo, desde a fundação da igreja, como resultado da pregação do apóstolo, essa mesma igreja chegasse a uma condição patética, na qual até mesmo a questão da salvação de alguns deles teve que ser levantada pelo próprio apóstolo.

Visto que esta é a espécie de processo ao qual igrejas, movimentos e instituições se inclinam a sujeitar-se, e especialmente no tipo de situação na qual nos vemos hoje, somos impelidos a certificar-nos de que está tudo bem conosco. É uma boa ocasião para fazê-lo, quando comemoramos estes cinqüenta anos e por eles damos graças a Deus. Certifiquemo-nos de que vamos para o futuro da mesma maneira como esta obra começou originariamente. Faltar--nos-ia senso de dever, se não fizéssemos o que o apóstolo fez há muito tempo, com essa igreja de Corinto.

TRÊS CAUSAS DO DECLÍNIO EM CORINTO

Quando consideramos o ensino do apóstolo com relação à igreja de Corinto, e quando o aplicamos a nós mesmos, a primeira pergunta que temos de encarar é: quais as causas do problema em Corinto? Quais foram os fatores que levaram a essa degeneração, a esse declínio, a essa condição de retrocesso? Parece-me que foram três as principais causas do problema. A primeira eu descrevia colocando-a sob o título de "carnalidade", termo empregado pelo próprio apóstolo. Um elemento "carnal" tinha entrado em cena e estava se manifestando de duas maneiras principais. A primeira era essa estulta divisão baseada em homens, alguns dizendo, "eu sou de Paulo", outros, "eu sou de Apolo", e outros, "eu sou de Cefas", brigando por causa de pregadores, formando facções e grupos ao redor dessas personalidades particulares. Paulo diz: isso é pura carnalidade. Vocês retrocederam ao antigo estilo de pensamento.

Havia, porém, carnalidade noutro sentido. Alguns deles tinham caído em grave pecado. Lá estava o homem a quem Paulo se refere no capítulo 5 e que tinha cometido um pecado tal, e continuava nele, um pecado tal, diz Paulo, que nem mesmo os gentios gostavam de mencionar. Apesar disso, ele estava sendo tolerado como um dos membros daquela igreja brilhante, que se gabava dos seus dons! Louca perversão! Também estavam contendendo uns com os outros e levando as suas demandas aos tribunais públicos, como se vê no capítulo 6. Pesava sobre eles a culpa dos "pecados da carne": fornicação, adultério, embriaguez. Paulo trata disso tudo de novo na capítulo 6. Alguns deles até estavam indo à mesa da comunhão um tanto embriagados. E no capítulo quinze o apóstolo indica com

bastante clareza que havia aberrações morais entre muitos deles. Uma espécie de antinomianismo parece que se havia introduzido, a opinião de que, contanto que as suas almas estivessem salvas, não importava o que acontecesse com o corpo, o mesmo antinomianismo que também ameaçava insinuar-se em muitas das igrejas primitivas.

O fator óbvio e poderoso dessa decadência foi a carnalidade; todavia houve um segundo elemento nesse declínio, e talvez mais grave. É certamente o que o apóstolo enfrenta logo no início da sua Epístola – elemento que chamo de intelectualismo. Esse é o tema da segunda metade do capítulo primeiro, do segundo e do terceiro completos, e da maior parte do quarto. O intelectualismo! Claro, num lugar como Corinto, a ênfase ao intelecto era muito natural. Os gregos eram, afinal de contas, os grandes filósofos. Atenas era a Meca dos filósofos, mas todas aquelas cidades se jactavam do mesmo interesse.

Corinto era uma cidade portuária, marítima, cosmopolita, entretanto está claro que o seu povo, em termos da sua representação na igreja, pertencia a essa perspectiva intelectual e deveras se orgulhava disso. Portanto, o apóstolo tem que mostrar-lhes a diferença entre a "sabedoria dos homens" e "a sabedoria do mundo", por um lado, e "a sabedoria de Deus em mistério". Havia o desejo de serem sábios, o desejo de elaborarem a sua fé cristã em termos filosóficos; por isso ele tem que dizer-lhes, já nesse capítulo primeiro, no versículo 17: "Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã". Aquelas pessoas achavam que podiam "explicar" a cruz filosoficamente, e o capítulo quinze evidencia que elas estavam tentando fazer a mesma coisa com a ressurreição, procurando mostrar como eram atualizadas, como eram inteligentes, intelectuais! Mas estavam pondo em termos filosóficos todo o significado da cruz e da ressurreição. Na verdade, vê-se claramente que alguns estavam até desprezando o apóstolo Paulo; eles diziam: "A sua presença é fraca, e a sua palavra é desprezível" (2 Coríntios 10:10, cf. VA). Paulo não condescendeu em especulação filosófica, nem adotou a maneira retórica dos retóricos gregos. Ele nada se propusera saber entre eles, "senão a Jesus Cristo, e este crucificado", e não falava nem pregava com "palavras persuasivas de sabedoria humana" (1 Coríntios 2:2-4). O resultado foi que eles estavam inclinados a recusá-lo porque ele não estava fazendo essa exibição de intelectualidade ou de intelectualismo.

A mesma coisa transpareceu na atividade de alguns dos membros mais velhos da igreja para com os menos dotados intelectualmente;

vemos isso na contenda entre o irmão forte e o fraco no que diz respeito ao alimento oferecido aos ídolos, de que Paulo trata no capítulo oito. Evidentemente, esse desejo de conhecimento era, de muitas maneiras, o principal problema da igreja de Corinto, e Paulo tem que fazê-los lembrar-se de que o conhecimento incha, ao passo que a caridade (o amor) constrói, edifica. Mas eles estavam demais liga-dos a esse conhecimento, querendo estar atualizados e explicar, sem compreendê-la, a própria essência da mensagem cristã. Esse foi outro problema muito sério da igreja de Corinto, essa curiosa idéia de que você pode mesclar a sabedoria humana com a divina, que você pode apresentar a mensagem da cruz de maneira agradável ao homem intelectual não regenerado. Paulo considerava isso um erro fatal, razão pela qual ele trata disso com tanta clareza em sua carta.

Havia então um terceiro fator que também estava causando destruição na igreja. É o que eu chamaria espiritualidade desequilibrada. Vocês recordam como, no início do capítulo doze, ele diz: "Acerca dos espirituais". A Versão Autorizada inglesa (bem como a de Almeida) diz: "Acerca dos dons espirituais", porém o que Paulo está dizendo é: "Acerca dos espirituais". Tenham em mente como a igreja de Corinto estava, de novo, sendo rasgada em facções. Fizeram-se culpados de cisma por causa do seu interesse – do seu interesse desordenado e desequilibrado – por experiências espirituais, dons espirituais, e lá estavam os que rivalizavam uns com os outros, os que tinham dons mais brilhantes e deles se gabavam, desprezando os que tinham dons menores, e vice-versa. E a igreja estava ficando tão despedaçada que o apóstolo teve que dizer-lhes que a igreja é um corpo e não pode ser cortada em pedaços dessa maneira. Eles entendiam tudo errado. Havia esse interesse doentio por fenômenos e dons especiais, principalmente pelo dom de falar em línguas. Esse é o tema dos capítulos 12 a 14.

Aí estão, pois, as três principais causas do problema da igreja de Corinto: carnalidade, intelectualismo e espiritualidade desequilibrada. Que é que isso nos ensina? Opino a vocês que há três principais lições que de imediato se nos apresentam. A primeira, à qual já tenho feito referência, é o perigo de supor que, desde que uma igreja ou uma instituição ou um movimento era certo no passado, continuará sendo certo. O mesmo corpo, a mesma instituição, a mesma causa, o mesmo movimento com a mesma organização, pode mudar de posição e acabar sendo quase exatamente o oposto do que era no início. Essa é a lição primeira e óbvia.

A segunda lição é, para mim, uma lição muito importante, e é a

seguinte: o perigo de permitir que questões secundárias e de terceira classe ocupem o centro da atenção. Noutras palavras, é o perigo da falta de equilíbrio. Esse era o real problema da igreja de Corinto. Eles estavam deixando que diversas questões, perfeitamente certas e legítimas em si mesmas, ocupassem o centro, e porque essas coisas passaram a ser tratadas como centrais, houve problema na igreja. Por exemplo, os pregadores têm a sua importância; os pregadores são úteis; mas se vocês fazem deles o centro, de forma que, sempre que se reúnem falam sobre o pregador, e não sobre o Senhor Jesus Cristo, os seus pregadores estão fazendo dano; na verdade, vocês estão fazendo com que eles causem dano. Pois bem, esse era o problema lá. Está certo que haja pregadores, porém não lhes cabe estar no centro.

Também é importante o modo como os homens pregam. Temos que considerar os métodos de apresentação. Não há nada de errado nisso, mas quando se torna *a* coisa, quando sempre se fala disso e está em todos os periódicos, então, é o que digo, perdeu-se o equilíbrio. Esse era em parte o problema em Corinto – o seu excessivo interesse pelo modo como a mensagem era apresentada; criticavam Paulo e tendiam a elogiar Apolo, e assim por diante. A apresentação é uma questão importante, contudo não é a única. Vocês vêem a relevância disto na atualidade. Vocês abrem os jornais religiosos hoje e os olham ao acaso, e ficam com a impressão de que o importante é a *maneira* pela qual a mensagem é apresentada: cânticos populares, astros e estrelas populares, etc. Este interesse parece estar no centro: é *a* coisa.

A questão dos alimentos oferecidos aos ídolos é um assunto importante. Claro que é; mas se vocês gastarem todo o seu tempo, diz Paulo, discutindo isso, estarão fazendo dano ao irmão mais fraco, por quem Cristo morreu. Não é que a coisa não seja importante, porém não deve ocupar o centro; não deve monopolizar a atenção. Não se deve dar a impressão de que "o reino de Deus", como ele se expressa escrevendo aos romanos, é "comida" ou "bebida", pois não é. É "justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14:17).

A mesma coisa com toda essa questão de dons. Os dons são dados pelo Espírito Santo, todos eles, mas se vocês ficam sempre falando sobre os dons, diz Paulo, e se exaltam um deles em detrimento dos outros, ou se vocês colocam dons e experiências e fenômenos no centro e fazem deles o supra-sumo e o fim supremo das suas vidas como cristãos, então a sua igreja está caótica e vocês perderam o equilíbrio.

PERIGOS PARALELOS CONTEMPORÂNEOS

Essas eram as coisas que estavam pertubando a igreja de Corinto. Simplesmente faço a pergunta: não haveria alguma evidência disso nos dias atuais na obra cristã em geral neste país? Há uma tendência de pôr certas coisas na posição central, coisas que não têm por que estar ali. Não culpo nenhum não cristão desta terra que, por exemplo, tenha chegado à conclusão de que a mensagem cristã, a mensagem cristã central, é tão-somente o pacifismo. Eu não os culparia por chegarem a essa conclusão. Essa é a impressão que eles teriam ao verem oradores religiosos na televisão ou ao ouvi-los no rádio. Há outros que deram a impressão, e ainda dão, de que a mensagem central do nosso evangelho são certas questões de profecias; estão sempre falando sobre elas, não falam sobre nada mais, sempre profecia. Naturalmente a profecia é de tremenda importância, mas vocês não devem fazê-la central.

De igual modo, conheço muitos no presente que para mim parecem ter a idéia de que se tão-somente toda a igreja tivesse anciãos ou presbíteros, nunca mais haveria outro problema na Igreja Cristã. Presbíteros – esta é a *única* coisa. Falam sobre isso, escrevem sobre isso, e estou absolutamente certo de que sonham sobre isso! De novo, a questão de presbíteros e diáconos é, por certo, uma questão muito importante, porém nunca foi destinada a ser central. A Igreja Cristã não gira em torno de presbíteros. Noutras palavras, vocês vêem, é tudo falta de equilíbrio.

Depois, há grande ênfase da parte de alguns com relação às implicações do evangelho. Certamente há implicações a extrair-se do evangelho, todavia o evangelho não consiste somente das suas implicações. Há o real perigo de se esquecer do evangelho propriamente dito porque você está interessado demais nas implicações políticas, sociais e culturais do evangelho. Recentemente li uma resenha de um livro que nos exortava a todos a conhecermos a arte moderna e a literatura moderna, e o resenhista estava muito contente com essa ênfase. Ele discorreu sobre isso e concluiu o seu artigo dizendo que, se tão-somente todos os ministros lessem esse livro, ele podia prever a chegada de um grande dia para a pregação, porque os ministros estariam então passando as noites de sábado em preparação para o domingo assistindo ao teatro na televisão! Ele acreditava que os pregadores modernos eram ineficientes porque, ignorando o tipo de vida que o povo estava vivendo, não sabiam como apresentar a sua mensagem. Assim, se é para você ser um bom pregador, terá que ser um perito em arte

moderna, em literatura moderna e em teatro moderno; não poderá pregar sem isso. E, para levar isto à sua conclusão lógica, entendo que você deverá passar muitas noites numa casa de diversão pública também, ou, de outro modo, como poderá pregar às pessoas que passam o seu tempo ali, se não sabe sobre o que elas falam e como falam? Esse é o pensamento a que uma exagerada concentração na apresentação e no método de evangelização pode levar.

O que estou desejoso de estabelecer é que a falta de equilíbrio é grave. Não são as coisas em si e por si que são tão erradas, como, sim, a falta de equilíbrio. Devemos atentar para estas coisas, mas quando se tornam centrais, e se dá a impressão de que estas são as coisas que importam, então estamos caindo, ou em perigo de cair no erro e na situação dos coríntios.

A minha derradeira lição geral refere-se à importância vital do auto-exame. O apóstolo impõe isso aos coríntios no fim da sua segunda Epístola enviada a eles. Diz ele: "Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos" (2 Coríntios 13:5). Isso é uma coisa que devemos fazer constantemente. À luz dos perigos terríveis que nos confrontam, o nosso maior dever é examinar-nos, testar as nossas instituições, a "IVF", e tudo mais, pelas Escrituras, certificando-nos de que não estamos inconscientemente nos afastando das coisas centrais e nos preocupando demais com coisas que, embora sendo boas em si mesmas, nunca foram destinadas a ocupar a posição central.

A RESPOSTA APOSTÓLICA AOS PERIGOS ESPIRITUAIS

Aí está, pois, o ensino do apóstolo concernente à igreja de Corinto, e nós devemos examinar-nos à luz desse ensino. Que devemos fazer? Qual a sua prescrição para nós? Como esse ensino trata desses problemas? A resposta é resumida nestes quatro primeiros versículos de 1 Coríntios, capítulo 15. Tendo perpassado esses problemas em sua maneira inimitável, ele retorna e diz: desejo fazê-los recordar as coisas centrais. Ele os conduziu através da sua argumentação complexa acerca dos dons e de todas essas outras questões, e depois diz, efetivamente: vocês estão nesta confusão terrível porque desviaram-se dessa maneira; que é que vocês devem fazer? Bem, ouçam, há algumas coisas que vocês têm que guardar na memória: "Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permaneceis. Pelo qual também sois salvos, *se o retiverdes*"

(VA: "se o retiverdes na memória") – se o conservardes bem, se o mantiverdes firmemente. É isso! Vocês notam que ele não passa agora a argumentar com eles acerca doutros métodos possíveis ou deste ou daquele pormenor; diz ele: há somente um tratamento que se pode dar a tudo isso; é retornar às coisas centrais e fundamentais, apreendê-las e retê-las bem.

Que coisas são essas? São, diz ele, as que "primeiramente vos entreguei". Vocês notam a tradução alternativa na redação: "entre as primeiras coisas", ou "entre as coisas centrais". Acredito que ambas são verdadeiras; ele está falando das coisas que são as primeiras na ordem cronológica e também certamente as primeiras em importância, as primeiras no sentido de serem cruciais e absolutamente essenciais à fé cristã. O que vocês têm de fazer, é voltar a isto. Parem por um momento de falar sobre pregadores, parem de falar sobre como vocês entendem as coisas oferecidas a ídolos, parem de falar sobre os seus dons – não me interessa quais sejam. Voltem e considerem as coisas que lhes preguei quando vim a vocês pela primeira vez, e que eu coloquei no centro e na frente; esta é a sua única esperança. E também é a única esperança para todo e qualquer indivíduo cristão que estiver em dificuldade acerca da sua vida espiritual; é a única esperança para uma igreja, é a única esperança para qualquer movimento.

Como Paulo os leva a lembrar-se das coisas que lhes pregara "primeiramente", é perfeitamente simples. Ele faz um dos seus admiráveis sumários da totalidade da doutrina cristã.

A FINALIDADE DAS ESCRITURAS

Eis a primeira coisa do sumário de Paulo, as Escrituras! "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras." Porque ele se importa em acrescentar, "segundo as Escrituras"? Por que não diz meramente: "que Cristo morreu por nossos pecados, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia" – por que este arrastar-se e esta repetição de "as Escrituras"? Para isso há somente uma resposta. As Escrituras são a base e o alicerce do ensino todo. Foi isso, como lhes fiz lembrar no início, que realmente deu nascimento à "IVF". Outros movimentos estudantis, seguindo o liberalismo, o modernismo e a Alta Crítica, apartaram-se da fé. O problema primordial há cinqüenta anos era esta questão das Escrituras. Sempre foi e sempre será. Assim, vocês devem começar

sempre com isto; é básico; é o alicerce de todo o nosso ensino.

Qual era a pregação de Paulo concernente às Escrituras? Só lhes posso dar o sumário que ele próprio faz aqui. A primeira coisa que temos de lembrar acerca das Escrituras é que elas são uma revelação: "Primeiramente vos entreguei o que também *recebi*". Noutras palavras, ele os faz lembrar-se do que ele lhes tinha dito quando os visitara pela primeira vez, que não era o propagador de alguma nova filosofia, elaborada por ele. Havia muitas pessoas desse tipo no mundo antigo, e em Atenas alguns pensavam que Paulo era uma delas. Eles diziam: "Que quer dizer este paroleiro?" (Atos 17:18). Mas o apóstolo sempre deixou perfeitamente claro e simples que ele era apenas um instrumento, o veículo de uma mensagem que lhe fora revelada e lhe fora dada: "O que também recebi". Escrevendo a esses intelectuais, a essas pessoas de mentalidade filosófica de Corinto, ele disse: vocês sabem, não cheguei a esta verdade como resultado de busca, pesquisa ou esforço. Não – eu a recebi. Diz ele noutro lugar que ele nem era digno de recebê-la, pois tinha perseguido a Igreja de Cristo e, longe de chegar a ela como resultado da razão e do seu próprio pensamento e ponderação, era um homem que tinha sido literalmente golpeado e lançado ao solo no caminho de Damasco. Recebeu a verdade estando completamente indefeso, como uma pequenina criança. Recebeu! É o que ele diz constantemente: "Uma dispensação do evangelho me é confiada" (1 Coríntios 9:17, VA).

A verdade cristã não é algo a que você chega como resultado de um processo de raciocínio. Na verdade, como ele deixou claro no capítulo dois: "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las" – não pode, é impossível – "porque elas se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). A verdade cristã não é questão de razão ou de filosofia; é algo outorgado. É de Deus. É verdade de Deus. É Deus falando ao homem, não o homem tentando chegar a um conhecimento de Deus, tentando entender sua própria vida e o mundo, tentando conjugar projetos para lidar com as dificuldades. Não, é exatamente o oposto. É algo que *recebemos* inteiramente de Deus. É revelação, e é totalmente pela graça.

Ao mesmo tempo, entra a categoria da inspiração. É por isso que Paulo disse no capítulo dois: "As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais. Não só temos a revelação da parte de Deus; essa revelação nos foi dada como resultado deste processo de inspiração, *palavras* "que o Espírito Santo ensina". Este ponto merece atenção à parte, e não

podemos aprofundar-nos nele agora, porém tratemos de apegar-nos a estas coisas, lembremo-nos de que os escritos deste homem foram inspirados por Deus. Pedro, referindo-se a Paulo e aos seus escritos, lembra aos seus leitores que os escritos de Paulo estavam na mesma categoria em que estavam "as outras Escrituras" (2 Pedro 3:15-16) – referindo-se ao Velho Testamento – e, como Paulo diz: "Toda a Escritura é divinamente inspirada" (VA: "Toda a Escritura é dada por inspiração de Deus) (2Timóteo 3:16). Assim, ele deixa abundantemente simples e claro, e esta é a nossa posição, que o que temos aqui é a Palavra de Deus inspirada. A mensagem é inteiramente diferente de todos os outros ensinos que confrontam a humanidade.

Uma vez que é matéria de revelação e inspiração, não nos esqueçamos de que é intemporal e imutável! É a fé uma vez por todas entregue aos santos (Judas 3). Alguém poderá dizer: mas certamente você não está querendo dizer que estamos na mesma situação em que estávamos há cinqüenta anos. Veja o que aconteceu daquele tempo em diante: dividimos o átomo, enviamos homens ao espaço exterior; fizemos estas descobertas assombrosas. Você estaria sugerindo que a "IVF" deveria continuar mantendo a sua antiga posição quanto às Escrituras? A resposta é muito simples. Porque estas são *inteiramente* oriundas de Deus – revelação e inspiração – a passagem de cinqüenta anos, ou de 5000 anos, não faz a mínima diferença. Em nenhum sentido isto resulta do esforço e do descobrimento do homem. É tudo dado, vem tudo de Deus. De sorte que esta questão de mudança e de desenvolvimento, de conhecimento moderno e dos "seguros resultados" da ciência etc., é completamente irrelevante. Temos a verdade de Deus, não verdades propostas pelo homem.

Outra dedução que tiramos é que temos que tomar as Escrituras *todas*, como o apóstolo tem todo o cuidado de assinalar no mesmo capítulo, o Velho Testamento bem como o Novo. Tenho encontrado muitos cristãos que parecem pensar que o Velho Testamento é irrelevante para eles. Dizem eles que só estão interessados na salvação, que não estão interessados na religião dos judeus e no Velho Testamento, não o lêem, só se interessam pelo Novo Testamento. Isso é inteiramente errôneo. As Escrituras, e em sua totalidade, são de Deus, e devemos aceitá-las todas. Devemos aceitar a história, bem como o ensino didático. Devemos tomar a totalidade da revelação que aprouve a Deus conceder-nos.

Noutras palavras, é errado dizer que você vai à Bíblia somente em busca da verdade "religiosa" ou da verdade concernente à salvação. Isto vem sendo ensinado freqüentemente. Foi ensinado

proeminentemente no século passado por um teólogo alemão chamado Ritschl; ele fazia essa distinção. Argumentava que não se deve ir à Bíblia por nada mais que não seja a verdade "religiosa" ou a verdade concernente à salvação. Isso não é verdade. A Bíblia fala a respeito da criação, da origem do mundo, e a mensagem da salvação não é meramente pessoal; ela trata de uma salvação cósmica. Ela está interessada na totalidade da vida e na totalidade do universo, porque Deus, o Salvador, é primeiramente Deus, o Criador. Portanto, temos que aceitar a história e o registro do seu princípio. Ensinando esta doutrina central da salvação neste mesmo capítulo, Paulo se refere a Adão, o Adão histórico, o primeiro homem (1 Coríntios 15:45). A salvação envolve a história; envolve a doutrina da criação; envolve toda a doutrina do homem. Por conseguinte, é vitalmente importante que tomemos a totalidade das Escrituras, e não fiquemos selecionando e escolhendo e dizendo, por causa do nosso novo conhecimento, que certas passagens não se aplicam mais. Isso é negar as Escrituras, a própria base e alicerce da nossa fé, e pela história sabemos que igrejas, movimentos e indivíduos que se desviaram e se tornaram heréticos, geralmente foi porque tinham começado com aquela fatal distinção; deixaram de crer e de aceitar a totalidade das Escrituras.

A QUEDA E A SALVAÇÃO

Em segundo lugar, Paulo os lembra de que ele lhes tinha ensinado a doutrina da Queda e da necessidade de salvação: "Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permaneceis. *Pelo qual também sois salvos*". A necessidade de salvação – aí estava um dos aspectos grandiosos da sua pregação. A lei vem antes do evangelho, a convicção do pecado antes da oferta da salvação.

Aqui de novo vocês notam que estamos bem dentro da esfera da história. Por que o homem necessita ser salvo? Será por que ainda não evoluiu plena ou suficientemente na direção da perfeição? Será isso que queremos dizer com salvação? Onde entra a necessidade de salvação? A resposta do apóstolo é perfeitamente clara, e é história outra vez: "assim como todos morrem em Adão" (1 Coríntios 15:22). Houve outrora um homem perfeito, Adão, todavia ele e a mulher caíram, e por causa dessa queda a salvação tornou-se essencial. Deus tinha feito o mundo; Ele o tinha criado perfeito; Ele olhou para ele e viu que "era bom". Ele colocou o homem no paraíso, mas o homem desobedeceu à injunção especial

de Deus. Isto não é mito, é história, é puro fato. O apóstolo ensinou, pregou, asseverou isto, e isto tem constituído sempre a principal plataforma da pregação desde aquele tempo, e sempre a deverá constituir. Toda a causa persiste junta, e se você tirar algum segmento, tudo entrará em colapso. A necessidade de salvação! Ouçam: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos" (1 Coríntios 15:17-18). Isto constituía uma parte da sua pregação. Que é que ele quer dizer com "nos vossos pecados"? Que é que ele quer dizer com "estão perdidos"? O que ele quer dizer é que "do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça" (Romanos 1:18). O seu ensino é que Adão era o representante de toda a raça humana. Ele foi o primeiro homem, a cabeça da humanidade. Quando ele caiu, toda a raça caiu com ele e "a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram" (Romanos 5:12). Em Romanos ele diz, eles "não pecaram à semelhança da transgressão de Adão" (Romanos 5:14), porém todos eles morrem; a morte passou a todos eles porque ele foi o primeiro homem e o representante de toda a raça humana. É verdade, pois, que por natureza estamos "no pecado" e, em acréscimo a isso, nós cometemos pecados – rebelião, desobediência, transgressão. Somos todos culpados, e todos permanecemos nos nossos pecados, e ele diz: se vocês morrerem nos seus pecados, perecerão, o que significa alienação eterna da vida de Deus e do amor de Deus; miséria e tormento eterno. Perdição!

É por isso que a salvação é necessária. A primeira e maior necessidade do homem não é ser melhorado; não é receber melhores vantagens; não é ser curado fisicamente. A necessidade primordial é ser reconciliado com Deus. É o que Paulo diz em sua Segunda Epístola aos Coríntios: "Somos embaixadores da parte de Cristo", rogando aos homens que sejam reconciliados com Deus. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19-20). Tudo está baseado na história, e se você rejeitar a história de Gênesis, capítulos 1, 2 e 3, e a história da Queda, você ficará sem nenhuma real explicação da necessidade de salvação; você não terá nenhuma concepção de uma redenção cósmica e total, como a que foi apregoada por este apóstolo e pelos demais. Esta foi, pois, uma das primeiras e centrais coisas que Paulo ensinou a eles.

REDENÇÃO UNICAMENTE POR CRISTO

Depois, a terceira grande faceta da mensagem foi o plano divino

de redenção. Que dizer disso? Bem, a primeira coisa que ele está desejoso de dizer sobre isso é que foi revelado nas Escrituras. É por isso que ele fica repetindo a frase "segundo as Escrituras". Ele os leva a lembrar-se de que a vinda do Senhor Jesus Cristo ao mundo não foi uma espécie de idéia tardia; não foi algo que Deus improvisou. Não! A doutrina da redenção era algo que fora planejado antes da fundação do mundo; ela antecede a criação e a Queda. Ele já deixara isso claro no capítulo dois, versículo sete: o evangelho revela a sabedoria que "Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória". Este é o grande plano de Deus para redenção. E o que são as Escrituras, o que é a Bíblia? É, num sentido, a história da redenção. É-nos dado um relato da criação do mundo, o homem inclusive, um relato de como o homem e a criação caíram do seu estado original. Então entra o grande tema. O evangelho começa em Gênesis 3:15. Tendo dito, "E porei inimizade entre ti" – a serpente – "e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente", Deus declara esta gloriosa promessa, que a semente da mulher pisará a cabeça da serpente. É a primeira promessa da vinda da redenção. E conforme se percorre o Velho Testamento, vê-se o mesmo grande tema, não apenas esboçado, mas elaborado em detalhe. Nesse contexto devo dizer uma palavra aos que não vêem nenhum valor, como cristãos, na leitura do livro de Levítico. Dizem eles: que tenho eu a ver com todas aquelas regras sobre ofertas de alimentos, ofertas queimadas e ofertas pacíficas, que é que isso tudo tem a ver comigo? A resposta é que todas essas coisas prefiguram a vinda do Senhor Jesus Cristo. São tipos que indicam o grande Antítipo, é Deus dando em partes e porções o que Ele iria fazer finalmente; Ele revelou isso tudo nas Escrituras. Por isso Paulo vai repetindo, "segundo as Escrituras".

Por que foi que Cristo morreu na cruz? Que é que estava fazendo ali? Estava cumprindo as Escrituras – as promessas, as ofertas queimadas e os sacrifícios, os cordeiros que tinham sido mortos. Este é o Cordeiro de Deus. Este é o cumprimento das Escrituras.

A seguir você tem estas promessas ainda mais gloriosamente nos Salmos e nas grandes proclamações dos profetas. "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus" (Isaías 40:1). Por quê? O libertador vem! "Preparai o caminho do Senhor" (Isaías 40:3) – "todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus" (Isaías 52:10). Ela virá. Esta é a profecia, e o cumprimento será "segundo as Escrituras". Paulo pode dizer a estes coríntios, em sua segunda Epístola: "Todas quantas promessas há de Deus, são nele sim, e por ele o amém, para glória de Deus" (2 Coríntios 1:20). Cristo é o cumprimento de todas as promessas das Escrituras do Velho

Testamento. Vocês vêem a importância das Escrituras e da história, e das Escrituras *completas*.

Passamos, então, à Pessoa bendita do Senhor Jesus Cristo, "que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. A Pessoa do Senhor Jesus Cristo é crucial, vital, essencial. Não deve existir nenhuma dúvida ou disputa sobre o Filho de Deus, o Senhor da glória. Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O apóstolo está sempre afirmando isso. Cristo, diz ele mais adiante neste capítulo, "o segundo homem, o Senhor, é do céu" (versículo 47). Ele é "o último Adão". Aí está uma nova cabeça de uma nova raça, e, como eu disse, não é só uma questão de salvação individual, Ele é Aquele por intermédio de quem Deus vai restaurar todas as coisas, com a recuperação da sua perfeição e glória original. Este é o ensino de Paulo aqui; é o ensino dele em toda parte.

Então, quais são as coisas importantes acerca do Senhor Jesus Cristo? Bem, muitos parecem pensar que o importante é o Seu ensino – o Sermão do Monte, por exemplo – Seu ensino ético, moral. O que necessitamos, dizem eles, é a aplicação desse ensino aos problemas que confrontam o mundo hoje. Outros dão ênfase ao Seu exemplo; eles insistem conosco para que nos elevemos e O imitemos. No entanto, alguma vez vocês notaram a que é que Paulo se refere quando escreve: "primeiramente vos entreguei o que também recebi"? Que era isso? Cristo é o grande mestre, o grande exemplo? Cristo, o grande esteta, o grande "pálido galileu"? Absolutamente não! Foi "que Cristo *morreu*". Naturalmente não significa que a vida e o ensino não são importantes; mas significa, sim, que o que nos salva é que Ele *morreu*. Imediatamente Paulo passa a falar da morte, do sepultamento e da ressurreição literal e física. Estas são as coisas, diz ele, que eu preguei a vocês. Esta era a essência da sua mensagem, esta a boa notícia da salvação. Este é o caminho da salvação, o único caminho. A ira de Deus já fora revelada, no Velho Testamento, porém não na plenitude que vemos na cruz, onde Deus submeteu a dores o Seu próprio Filho, para a nossa salvação. É por este ato e evento crucial que Ele nos salva. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19). Paulo nos apresenta os fatos e nos diz o significado deles: "Cristo morreu *por* nossos pecados". "O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Isaías 53:6). "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). Deus nunca mais imputa transgressões aos que crêem, diz Paulo, pois Ele os imputou a Cristo. Este é o ensino que ele lhes ministrara, e esta é *a* mensagem cristã.

Mesmo quando tratamos das condições do mundo como são hoje, a nossa tese é que a necessidade primordial do homem é ser reconciliado com Deus, que não há esperança para ele doutro modo, e que este é o meio pelo qual se dá a reconciliação.

Mas a história do evangelho não termina na morte e ressurreição de Cristo. Há o ato de assentar-Se no céu, onde Ele intercede por nós. E, mais importante ainda, de certo modo, há o Seu retorno; esta nova cabeça da nova humanidade virá outra vez e concluirá esta obra de redenção. Paulo faz esta colocação: "Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força. Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés" (1 Coríntios 15:24-25). E nós asseveramos que Cristo está exercendo o Seu reinado esta tarde. Ele permite coisas que não compreendemos, mas Ele vive, Ele reina, e no tempo apropriado, determinado, Ele voltará, cavalgando as nuvens, derrotando os Seus inimigos, julgando o mundo, consumando o Seu reino e devolvendo-o ao Pai com toda a sua perfeição original. "Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens" (1 Coríntios 15:19).

Não estou dizendo que vocês não devem preocupar-se com as implicações sócio-políticas do evangelho, que não devem interessar-se pela arte e pela vida deste mundo enquanto estivermos aqui, entretanto, com um mundo como é este hoje, e com estas crescentes pilhas de bombas que podem dar cabo de tudo num instante a qualquer hora, por que não pensamos mais no que está adiante de nós, na glória que nos espera? Esta nota estaria hoje tão proeminente como o era outrora? Estaríamos nós tão interessados como devíamos estar, como o Novo Testamento está, na volta de Cristo, em Sua vitória sobre todos os Seus inimigos, em Sua completação do reino e da sua devolução ao Pai? Esta "bendita esperança", esta redenção cósmica, este retorno a Deus, o universo todo – sim, o universo físico – tudo sendo transformado. Será purificado de todos os maus resultados do mal, do pecado e da Queda, os espinhos e cardos, as doenças e pestes – tudo será banido e todo o cosmo será perfeito, e voltará a Deus. É por isso que devemos ver a doutrina da criação como introdução da doutrina da redenção e da salvação.

NOSSO DEVER ATUAL

Apressadamente anotamos as coisas que o próprio apóstolo nos diz que pregara a estas pessoas "primeiramente". Contudo, haverá

algo mais? Bem, sim, recebemos isto; o qual também *recebestes*", diz ele. Como o receberam? O apóstolo deixou claro que não pode haver dúvida sobre isso. "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus... e não pode entendê-las" (1 Coríntios 2:14). Há somente um meio pelo qual alguém pode receber este evangelho, e esse é que ele seja iluminado pelo Espírito Santo. "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus" (Efésios 2:8). Precisamos de um novo entendimento, e este evangelho nos oferece um novo nascimento. Então vem a ser verdade o que diz o apóstolo: "Nós temos a mente de Cristo". "Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido" (VA: "Mas o que é espiritual julga todas as coisas, mas ele não é julgado por ninguém") (1 Coríntios 2:15-16). Oh, esta bendita doutrina do novo nascimento e da regeneração! É só como resultado disso que podemos ver, crer e receber a verdade – e assim a glória vai inteiramente para Deus.

Paramos no recebê-lo? Não. "Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também *permaneceis*." Você tem que "permanecer". "Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão". Não basta recebê-lo, você deve permanecer nele, deve permanecer firme e inabalável nele. Paulo estava tão preocupado com isso que, ao concluir a sua carta, torna a repeti-lo: "Vigiai" – é isso que eu venho tentando exortar vocês a fazer – "Estai firmes na fé; portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos. Todas as vossas coisas sejam feitas com caridade" (1 Coríntios 16:13-14). Temos que *estar firmes* nesta fé.

Como fazer isso? De novo, afortunadamente, o apóstolo nos ensina, e aqui está a sua primeira injunção nesse aspecto: "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes" (1 Coríntios 15:33). Vocês jamais estarão firmes na fé se não forem cautelosos acerca dos seus relacionamentos, das suas "conversações" (VA: "comunicações"). Concordo com aqueles comentadores que dizem que esta é uma referência não somente ao comportamento* da pessoa, mas também ao que ela pensa e lê. "As más conversações *corrompem* os bons costumes." Cuidado com a

* Tanto o termo "conversations", em inglês, como "conversações", em português (VA e Almeida, Revista e Corrigida), em seu uso mais antigo continham a idéia de procedimento com relação às outras pessoas, companhia, comportamento social. É interessante que mesmo o moderno "Aurélio" inclui entre os sentidos de "conversação" o de convivência. Nota do tradutor.

pessoa com quem você se associa, se é que você quer permanecer firme na fé. Não significa que você tem que virar monge ou anacoreta. Não, mas você tem que ser cuidadoso, tem que evitar o ensino falso, tem que evitar o erro e a prática errônea. A "IVF" separou-se deliberadamente do "SCM" acreditando que era a única maneira de salvaguardar esta verdade e permanecer nela. Confraternizar-nos com os que negam o evangelho nunca nos fará bem nenhum; na verdade nos fará indiscutível dano. "As más conversações corrompem os bons costumes." Sejamos cautelosos para que, em nosso desejo de que nos considerem intelectualmente respeitáveis, não nos exponhamos a infecções que podem causar-nos doloroso dano, no sentido espiritual. Houve quem chamasse este colosso de homem, este gênio, de "louco". Ele se alegrava muito em ser louco por Cristo. Se você procurar respeitabilidade intelectual, logo se meterá em dificuldade, em sua fé. não significa que você precisa ser um obscurantista. Não estou defendendo isso, porém estou dizendo que nunca você conseguirá que este evangelho seja aceitável ao homem natural. Se você disser que a nova física nos capacita a entender os milagres como estes nunca puderam ser entendidos antes, isso não ajudará ninguém a crer em milagres. Não existe nada que sabemos hoje que torne mais fácil crer no evangelho hoje do que no século primeiro. O homem natural opõe-se a ele. Sejamos cuidadosos, para que, em nosso desejo de apresentar o evangelho de maneira atraente, agradável e de um modo que imaginamos ser aceitável, não o transformemos em filosofia, nem tentemos explicá-lo em termos de algum conhecimento moderno. O apóstolo já disse tudo a respeito: "Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio" (1 Coríntios 3:18). Essa continua sendo a única regra. Temos que estar prontos a pregar "a ofensa", "o escândalo da cruz" (Gálatas 5:11). Com o apóstolo devemos estar determinados a "nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Coríntios 2:2). Interessem-se por coisas culturais, se quiserem, mas tenham o cuidado de não misturá-las com a sua apresentação do evangelho. Nós o recebemos; permaneçamos nele, e vamos falar com os outros a respeito dele.

Como? Não em conluio com idéias modernas, não com o uso de métodos modernos. Há um só meio: "Aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação" (1 Coríntios 1:21). "Não em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder" (1 Coríntios 2:4). "Não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã" (1 Coríntios

1:17). Se você tentar fazer da cruz algo belo, estará negando a cruz. É um "escândalo", "uma ofensa" para o homem natural, pois ela o condena total e completamente. Preguemo-la como é, "não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina" (1 Coríntios 2:13).

Aí está a antiga palavra que o apóstolo dirigiu à igreja de Corinto no século primeiro e, a mim me parece, vem a nós com estranha e alarmante relevância em 1969, neste qüinquagésimo aniversário de fundação da Inter-Varsity Fellowship. Em nome de Deus apelo para vocês: permaneçam na verdade que receberam; sejam fortes; permaneçam firmes! "Que o mundo zombe ou tenha pena, eu me gloriarei em Teu nome." Creiam na mensagem, confiem nela completamente, absolutamente, e busquem o Espírito Santo de Deus para que possam abrir os olhos aos cegos e dar vida e entendimento espiritual a todos os que estão do lado de fora. Este é o único caminho. Não ponha coisas erradas no centro. No centro, só "Jesus Cristo, e este crucificado", e tudo o que isso inclui e envolve.

16

QUE É UM EVANGÉLICO? ✞ *

I

"Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos chamados, queridos em Deus Pai, e conservados por Jesus Cristo: misericórdia, e paz, e amor vos sejam multiplicados. Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos, e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos" (Judas 1-3).

Esta, como a maioria de vocês percebe, é uma declaração muito interessante, pois é particularmente incomum no Novo Testamento. Aqui Judas está dizendo às pessoas a quem está escrevendo que a sua intenção original era escrever uma carta fazendo uma exposição da salvação comum, própria da fé cristã, algo similar ou análogo, imaginamos, ao que o apóstolo Paulo fez na Epístola aos Romanos. Era isso que ele tencionava fazer, mas ele lhes diz aqui que não pudera fazê-lo, que o seu grande propósito tivera que ser posto de lado. Por quê? Porque lhe tinham chegado notícias de certos ataques feitos à fé, de modo que, num sentido, o que ele está dizendo é: não temos tempo, nem podemos dar-nos ao luxo de apenas expor a verdade e passar o tempo nisso. Uma questão urgente surgiu, e por essa razão todos nós devemos batalhar zelosamente pela fé. E é isso que Judas faz, e essa é a razão pela qual

---

✞ Série de três palestras feitas na Conferência "IFES", em Schloss Mittersill, Áustria, em 1971.

* O termo "evangélico" nesta obra, é empregado no sentido de pessoa, movimento ou igreja que aceita e proclama a autoridade plena e final das Escrituras Sagradas, do Velho e do Novo Testamentos. Nota do tradutor.

essa carta é tão curta.

Assim sendo, eu tomo este como o meu texto geral para estas três preleções ou palestras que me proponho fazer. Pessoalmente, nada me daria maior prazer do que tomar um versículo ou uma passagem das Escrituras e expô-la. Nada me causa maior alegria, em qualquer ocasião, do que fazer isso, porém acredito que estamos agora numa situação muito parecida com aquela em que este homem, Judas, e outros se encontravam. Surgiu uma situação que nos compele a considerar a totalidade da fé, e a defender a totalidade da fé, urgentemente, e é isso que vou tentar fazer agora com vocês.

Estou me propondo, noutras palavras, a tratar da questão: que é um evangélico? No tempo de Judas, a questão fundamental que tinha surgido era: que é a fé? Que é um cristão? Diz ele que não há proveito em ficar estudando morosamente aspectos particulares da verdade e da doutrina, quando *toda* a situação está sendo atacada e minada. Temos que retornar ao alicerce, à base mesma. E eu creio que agora estamos mais uma vez nessa situação. Isso é algo que tem ocorrido de tempos em tempos na longa história da Igreja Cristã. Repetidamente homens e mulheres da Igreja tiveram que ir de volta às origens para tornarem a definir e a defender a própria essência da fé cristã.

A CONSTANTE NECESSIDADE DE DEFINIÇÃO

Agora vamos examinar a questão em termos de, "Que é um evangélico?", pois estamos reunidos sob os auspícios da Comunidade Internacional de Estudantes *Evangélicos.* Aí está o termo específico. Quero tentar mostrar-lhes que a situação atual é tal que não devemos tomar o termo "evangélico" por líquido e certo. Temos que redescobrir o seu significado. Temos que defini-lo de novo. E devemos estar prontos a lutar por isso e a defendê-lo.

Há os que poderiam discordar disso, achando que não há necessidade de fazê-lo. Eles dizem: todos nós sabemos o que é um evangélico; é um termo conhecido. No conceito deles, desde que um homem faça certas afirmações, ele é evangélico, ou se uma organização faz certas declarações positivas, é evangélica. Minha opinião é que isso não é mais verdade, e que se desenvolveu, e continua a desenvolver-se, uma situação na qual toda a questão do sentido de "evangélico" foi lançada de novo no cadinho. Temos que estar seguros e certos de que sabemos exatamente o que queremos dizer quando empregamos esse termo.

Por que é necessário isso? Bem, a minha resposta seria que a

história do passado, a história da Igreja no perpassar dos séculos, mostra com muita clareza que não há nada de estático na vida da Igreja. Há sempre um processo de mudança e de desenvolvimento, e infelizmente, como se dá com a natureza, o processo é, geralmente, um processo de degeneração. Este é, naturalmente, um dos maiores resultados do pecado e da Queda. O pecado introduziu um elemento de degeneração na vida do homem e, como resultado disso, na vida da criação; assim é que, mesmo na Igreja, essa tendência estaria presente. Já no Novo Testamento vemos heresia, falso ensino surgindo, sutis mudanças ocorrendo com relação ao que é realmente a verdade cristã. O apóstolo Paulo, em seu grande discurso aos presbíteros da igreja de Éfeso, registrado em Atos, capítulo 20, adverte-os de como se levantariam dentre eles próprios, homens que ensinariam falsas doutrinas. Lobos, por assim dizer, entrariam e feririam o rebanho de Deus. E, daí em diante, isso sempre teve continuidade na história da Igreja.

Nunca esquecerei a leitura que fiz há cerca de quarenta anos, da frase inicial de um livro cujo tema era o protestanismo. Eis o que dizia a primeira frase: "Toda instituição tende a produzir o seu oposto". Essa foi a frase introdutória do autor de um livro sobre o protestanismo, e a tese do livro era, naturalmente, assinalar – e pôde fazê-lo com muita simplicidade – que a posição da maioria das igrejas protestantes hoje é quase exatamente o oposto da sua posição quando, originariamente, vieram a existir. Eu poderia facilmente tomar o tempo todo demonstrando-lhes isso. Tomem como exemplo Martinho Lutero e o início do protestanismo. Vocês podem recordar como, em menos de cem anos desde o surgimento do luteranismo, desenvolveu-se o que denominamos escolasticismo luterano. Deu-se um processo de enrijecimento, introduziram-se mudanças, de modo que, aí pela metade do século dezessete, o luteranismo apresentava um quadro realmente muito diferente da sua origem sob Lutero. E todo o movimento pietista, com Spener e Arndt, foi um protesto contra isso e uma tentativa de levar a Igreja de volta às suas origens.

A mesma coisa aconteceu entre os reformados: deu-se um processo de enrijecimento; introduziu-se o intelectualismo, de modo que logo nos vemos confrontados com algo gravemente afastado da posição original.

Eu poderia demonstrar isso facilmente na história de todas as denominações de meu conhecimento pessoal, e de denominações e grupos religiosos de vários outros países. Eis um princípio que temos que reconhecer. É vão supor que, porque uma coisa começou

corretamente, vai continuar sendo correta. Por causa do pecado e do mal, há um processo em ação que tende a produzir, não somente mudança, mas até mesmo degeneração.

Tampouco isso é tudo. Há algo mais para ser assinalado, quando examinamos a história da Igreja no decorrer dos séculos. É que este processo de mudança nunca é repentino. É sempre um processo lento e sutil. Vocês se lembram da comparação que o nosso Senhor fez acerca da traça e da ferrugem. A ferrugem é um processo muito lento e, se você não estiver vigiando, ela se desenvolverá de maneira tão insidiosa que a primeira coisa que você ficará sabendo a respeito é que uma viga de uma ponte ou algo semelhante se quebrou. A mudança é quase imperceptível, e a mesma coisa se vê com o efeito de uma traça numa peça de roupa.

Talvez a mais clara demonstração que se pode fazer disso é com o que aconteceu no século passado, no século dezenove, com relação ao movimento da Alta Crítica, assim chamada. No começo daquele século havia diversas denominações e corporações evangélicas. Depois, gradativamente, foi-se introduzindo uma mudança, mudança de ênfase, mudança no ensino, porém o notável nisso é a lentidão e a sutileza com que ocorreu.

Houve, é claro, homens demasiado extremistas, e que faziam declarações ousadas, e quase toda gente podia ver que eles estavam errados. Eles não causaram dano algum. Jamais causaram dano. O herege óbvio, franco, arrogante, geralmente produz reação, e não é a pessoa perigosa.

O homem realmente perigoso é o que introduz alguma mudança muito ligeira ou muito sutil. Agora vocês me perdoarão por usar uma ilustração tirada da história da Igreja no Reino Unido. É, naturalmente, a história com a qual eu estou mais familiarizado, mas a mesma coisa pode ser demonstrada na história da Igreja na América e noutras regiões. Havia um professor na Escócia chamado A.B. Davidson. Este é o tipo de homem que realmente faz dano. Era professor de Velho Testamento e Hebraico, e fez dano da seguinte maneira: era um homem muito piedoso, muito amável, e era um homem muito bom, e o resultado foi que muitos dos seus alunos não perceberam que ele estava introduzindo um novo elemento em seu ensino, por ter aceitado a Alta Crítica.

Lembro-me de que, há uns poucos anos, notei uma coisa que, se não fosse trágica, me teria divertido muito. Estava sendo celebrado o centenário do nascimento deste homem, A.B. Davidson, e eu li dois artigos sobre ele na mesma semana: um deles num semanário religioso muito liberal, e o outro num semanário religioso evangé-

lico. Ambos o elogiaram. A publicação liberal o elogiou porque ele foi o homem que, acima de todos os demais, introduzira a nova "visão erudita" do Velho Testamento, e aceitara o esquema de Wellhausen e todo o restante disso; por isso o louvaram. Mas um escritor evangélico também o estava elogiando, e isso por seu espírito de devocação e porque ele começava as suas preleções teológicas com oração. Ora, este é o tipo de homem que causa o maior dano porque, em todos os aspectos, e se você o olha simplesmente na superfície, não pode ver mudança nenhuma. O perigo real estava nas pequenas coisas que ele continuava introduzindo.

Ora, o grande Charles Haddon Spurgeon viu tudo isso, todavia quando começou a denunciar o que ele chamou de "Movimento pró Graduação Descendente", foi atacado ferozmente por evangélicos. Eles diziam: que é que há com o Sr. Spurgeon? Ele se tornou hipercrítico; ele está transformando colinas em montanhas; está exagerando! A história provou que ele não estava exagerando. Ele enxergou essas mudanças sutis. Dos homens cuja influência Spurgeon temia, outros diziam: eles ainda são evangélicos; eles dizem isto e aquilo, mas verdadeiramente são evangélicos. Não davam atenção a algumas das outras coisas que aqueles homens estavam começando a dizer e, portanto, ignoraram o processo muito sutil que se insinuava na vida das igrejas.

A HISTÓRIA RECENTE E AS MUDANÇAS

Desejo opinar que estamos sendo confrontados precisamente por esse mesmo processo, e que ainda nos últimos dez anos surgiu uma situação muito grave entre os evangélicos. Toda a minha alegação é que, devido já termos dito que somos evangélicos, e portanto supormos que ainda somos evangélicos e sempre o seremos, não é somente interpretar mal o ensino do Novo Testamento, mas também é não captar e não compreender as grandes lições que a história nos ensina com tanta clareza.

Permitam-me demonstrar mais amplamente o que estou dizendo. Vocês vêem na América algo que ostenta o nome de "novo evangelicismo"; ele até se está anunciando a vocês. Um "novo evangelicismo" – não é mais o antigo. Há a insinuação de alguma diferença, qualquer que seja. As pessoas que pertencem a essa escola produzem livros, e eu afirmo que esses livros mostram mudança muito sutil na definição do que significa ser evangélico. Esta mudança não se limita à América, nem à expressão "novo

evangelicismo".

Há outros exemplos particulares que lhes posso dar. Havia uma grande Igreja evangélica nos Estados Unidos, chamada Sínodo de Missouri da Igreja Luterana. Naquele país a Igreja Luterana está dividida em várias corporações diferentes, mas de todas essas divisões do luteranismo, a corporação *evangélica* era o Sínodo de Missouri. Foi iniciado em 1860, aproximadamente, por um pregador e teólogo alemão chamado Carl Walther. O Sínodo de Missouri manteve-se através dos anos como um grande baluarte do evangelicismo, porém isso não é mais verdade. Hoje o Sínodo de Missouri está em meio a um sério conflito. Ele está dividido mais ou menos em dois grandes grupos. O sutil processo ocorreu, e eles estão na agonia de um grande debate, na tentativa de determinar o que realmente é evangélico e o que não é.

Vejam outro exemplo oriundo dos Estados Unidos. Existe uma denominação conhecida como Igreja Cristã Reformada, com a sua organização central em Grand Rapids, Michigan. Aí de novo está uma grande denominação que se manteve de pé através dos séculos como defensora da posição evangélica. Eles têm um colégio e um seminário, ambos com o nome de Calvino ("Calvin College" e "Calvin Theological Seminary"). São escolas cristãs. Eram outrora uma corporação de pessoas evangélicas unidas na defesa da fé histórica. No entanto isso não é mais verdade. Agora a Igreja Cristã Reformada está dividida no meio, e está havendo ali um debate, de novo numa tentativa de determinar o que é evangélico. Acaso você pode apresentar certas mudanças e continuar dizendo que você é o mesmo, que você ainda é evangélico? Essa é a questão que está por trás do conflito que se dá ali atualmente.

Talvez uma ilustração mais notável ainda da mesma coisa seja o que está acontecendo na Holanda, com relação à Universidade Livre. Vocês conhecem, estou certo disso, algo da história da Universidade Livre iniciada por Abrãao Kuyper, em 1880. Foi com a finalidade de defender a fé evangélica que ele fundou aquela universidade. Muitos de nós aqui presentes esta manhã e que estão acima de certa idade e se acham ligados ao "IFES", por anos e anos têm posto na Universidade Livre a sua esperança quanto à defesa da nossa posição evangélica. Contudo não se pode fazer mais isso. Ocorreu uma mudança na Universidade Livre de Amsterdã justamente como o que ocorreu nas corporações dos Estados Unidos que mencionei. A Universidade Livre e a sua denominação não estão mais onde estavam há dez anos. Elas estavam fora do movimento ecumênico e do Concílio Mundial; agora estão dentro. E não

somente isso. Nos livros e artigos dos professores da Universidade Livre há francas e óbvias demonstrações de uma mudança muito sutil, mudança não só de ênfase, e sim de crença quanto a certas questões vitais e essenciais.

Estou acentuando a sutileza da mudança. Como sempre foi no passado, assim é hoje. Alguns estão dizendo: mas você está exagerando; esses homens continuam fazendo grandes afirmações cristãs; que direito você tem de dizer que eles estão mudando? Minha resposta é que essas mudanças sempre ocorrem dessa maneira sutil; todavia, deixem-me acrescentar algo.

Essa espécie de mudança tem outra característica, e também esta tem se evidenciado desde os tempos do Novo Testamento até hoje. No começo as mudanças geralmente ocorrem na periferia, não no centro. Isso, de novo, faz parte da sutileza do processo. Você não vê os homens fazendo de repente declarações diferentes acerca de certas verdades centrais; a diferença começa com algo do lado de fora. E porque a mudança geralmente começa ali, alguns afirmam que não houve mudança nenhuma. Dizem eles: esses homens estão todos certos nas grandes questões centrais. Mas não; embora a mudança começe nalgum ponto fora, na periferia, *esse* é o aspecto grave da questão, por esta razão, que a verdade cristã é *una*. A glória da verdade cristã é que ela tem muitas partes, porém são todas interrelacionadas. O que o apóstolo Paulo diz acerca da Igreja em 1 Coríntios, capítulo 12, onde ele a compara com um corpo, é igualmente verdade com relação ao corpo da fé cristã. Cada parte pertence às outras partes, e o resultado é que, se você fizer o que parece ser uma mudança insignificante nalgum ponto da circunferência, logo terá seu efeito precisamente no centro. E de novo, como eu disse, este é um princípio que se poderia ilustrar facilmente ao longo da história da Igreja Cristã.

REEXAMINANDO O NOSSO NOME

Aí estão, pois, considerações que nos tornam imperativo um reexame de toda a nossa posição. Muitos homens que passaram por uma grande mudança em anos recentes, alguns dos quais o admitem abertamente, ainda tentam apresentar-se como verdadeiros evangélicos. Portanto, o problema é este: definir exatamente o que é um evangélico, e quem exatamente é evangélico.

Lembro-me quando estávamos começando o "IFES" há vinte e cinco ou vinte e seis anos, que fomos confrontados por este mesmo problema. Vimos que no continente europeu alguns tinham a

tendência de considerar como evangélico qualquer que não fosse católico romano. O uso do termo evangélico era muito mais largo, mais amplo e mais solto do que na Grã-Bretanha ou na América. Havia a tendência de dividir a situação religiosa em católicos romanos e evangélicos, e todos os que não eram católicos eram automática e inevitavelmente evangélicos. Ora, essa é, evidentemente, uma definição demasiado ampla.

Devemos começar dizendo que o termo evangélico, obviamente, é um termo restritivo. Não estou aqui esta manhã e nas manhãs seguintes para discutir com vocês a pergunta: que é um cristão? Não é isso que vamos discutir. Vamos discutir: que é um evangélico? Nós, aqui no "IFES", não pertencemos apenas a um corpo cristão naquele sentido amplo. Somos cristãos, é claro, no entanto nos declaramos cristãos evangélicos; é isso que vamos discutir juntos. Há católicos romanos individuais que, indubitavelmente, são cristãos. Não estamos discutindo isso.

Agora, se você usa o termo evangélico, obviamente ele tem algum sentido. É um termo restritivo. Em certos aspectos é exclusivo. Põe fora certas coisas, salienta outras, e é nisso que estou interessado. Espero que isso esteja muito claro. Não estamos simplesmente definindo o cristão em geral, e sim o cristão evangélico e, naturalmente, fazemos isso porque acreditamos que, em última instância, a fé evangélica é a única verdadeira expressão doutrinária da fé cristã. Você pode ser cristão e, todavia, ser defeituoso em sua doutrina, porém o nosso interesse e o nosso empenho são no sentido de apresentar a doutrina verdadeira em sua plenitude porque nós cremos que somente quando se crê, se prega e se propaga isto, é que homens e mulheres serão convertidos e serão acrescentados à Igreja. Quando a Igreja errou na doutrina, deixou de ser uma influência para a conversão. Eis aqui, de novo, algo que sobressai claramente na longa história da Igreja. É por isso que devemos interessar-nos em definir o sentido do termo evangélico e em defendê-lo até o nosso "último suspiro".

Como, então, definir o *evangélico* em distinção do cristão em geral? Aí está a grande questão hoje, e penso que vocês verão que esta é a questão que terão de enfrentar cada vez mais nos próximos anos. Provavelmente vocês já estejam enfrentando isso nos vários países a que pertencem. Onde se deve colocar os limites? Ora, ao fazermos isso, parece-me que há dois perigos que nos confrontam, e de novo digo isto com base na história do passado.

O PERIGO DE DIVISÕES ERRÔNEAS

O primeiro perigo é ser demasiado estreito, demasiado rígido, e demasiado minucioso na definição. Digo que isso é um perigo porque leva ao cisma. Que é cisma? A melhor definição que se poderá encontrar de cisma está na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, especialmente no capítulo 12 talvez, mas também noutros lugares. Cisma, como é definido pelo grande apóstolo, é isto: homens e mulheres que concordam em pontos centrais da fé, discordando em coisas não essenciais; é uma ruptura do corpo. Portanto, o único homem que pode ser culpado de cisma, é o que crê na verdade, na verdade essencial, todavia nega outras coisas, coisas não essenciais.

Permitam-me dar-lhes exemplos extraídos da igreja de Corinto, para ilustrar o que quero dizer. A igreja de Corinto estava dividida em grupos e facções. A igreja era culpada de cisma. Que era que os dividia? Permitam-me recordar-lhes algumas coisas que o apóstolo indica. Dividiam-se em termos dos seus pregadores favoritos: uns diziam, "eu sou de Paulo"; outros diziam, "eu sou de Apolo"; outros diziam, "eu sou de Cefas". Lá existiam pessoas que estavam de acordo nas questões centrais da fé cristã, e que não só estavam se dividindo, porém estavam brigando e formando grupos, separando-se uns dos outros em questões como as excelências dos diversos líderes.

Outra causa de divisão era a questão de intelecto e entendimento. Havia lá algumas pessoas mais esclarecidas, e elas podiam ver que não havia nada de errado em comer carne de animais que tinham sido oferecidos a ídolos. Para elas não havia nada de errado nisso porque o ídolo é imaginário; não tem existência real. Embora a carne tenha sido oferecida a um ídolo num templo, isso obviamente não influi em nada na carne, porque não há nada ali que a contamine. Essa era a posição daquelas pessoas, e elas comiam dessa carne e se justificavam por fazê-lo. Mas havia irmãos mais fracos que não conseguiam ver isso. Estavam amarrados pela tradição, pelos seus antecedentes, e aquela prática era uma ofensa para eles, e se dividiam por isso. Concordavam nas verdades e doutrinas centrais da fé, porém se dividiam em termos de irmãos fortes e fracos, de mais luz e menos luz. Este é também um exemplo de cisma.

A grande ilustração da igreja de Corinto provém, é claro, da questão dos dons espirituais. Ora, um e o mesmo Espírito tinha dado dons a essas diversas pessoas. Foram dados ao corpo (à

Igreja), e era de supor que todos fossem elevados e edificados como resultado do exercício desses dons. Mas, em vez de serem os dons uma causa de unidade e edificação, o seu mau uso se tornara uma causa de divisão e cisma. Também nessa questão os cristãos coríntios estavam agindo independentemente e tinham ciúme e inveja uns dos outros.

Pois bem, são esses os meios pelos quais o apóstolo nos mostra com exatidão o que se quer dizer com o termo "cisma": gente que estava de acordo nos pontos centrais da fé, dividindo-se e separando-se uns dos outros em questões não essenciais à salvação, não absolutamente vitais. Este é sempre um dos perigos que nos afligem como evangélicos. Pode ocorrer que sejamos demasiado rígidos. Aí está esta espécie de tendência para a divisão que se manifestou muitas vezes na longa história da Igreja Cristã. Esta foi sempre a grande acusação lançada pelo catolicismo romano contra o protestanismo, e há um elemento de verdade nela. Martinho Lutero, dirigido pelo Espírito de Deus, realizou o feito que realizou, e causou divisão. Ele separou-se; saiu; entretanto assim que ele fez isso, houve pessoas que começaram a separar-se dele. Logo houve a grande divisão em luteranos e reformados, e depois os anabatistas, com os seus vários grupos, vieram a existir. A igreja católica romana dizia: é isso, no momento em que vocês nos deixarem, é isso que acontecerá! E essa tem sido a tendência entre os evangélicos.

Eu poderia propiciar-lhes algumas ilustrações quase ridículas disto. Espero não ofender as suscetibilidades nacionais de ninguém com o que vou dizer, porém o país que talvez ilustre este ponto mais claramente do que qualquer outro país, é a Escócia. Houve mais divisões na Igreja da Escócia do que em qualquer outra. Todos tendem a ser presbiterianos, no entanto se dividem em grupos e denominações e, se vocês lerem a história deles, particularmente a do século dezoito, verão diferentes grupos que eram conhecidos como Novas Luzes e Velhas Luzes, Citadinos e Anti-citadinos. Lá estavam pessoas que concordavam nos pontos centrais da fé, mas que se separavam e formavam igrejas separadas por questões sobre se faziam ou não juramento à cidade a que pertenciam.

Aqui devo contar-lhes uma história deveras divertida, dada como verdadeira. Havia um ministro numa certa igreja da Escócia, e ele e a sua esposa eram muito piedosos e muito capazes. Contudo quando foi introduzida a questão da subscrição pró citadinos, o marido e a esposa tomaram lados diferentes e defenderam idéias diferentes. Conta-se que quando esse bom homem e a sua esposa saíram da casa pastoral na primeira manhã de domingo depois da

sua divergência, eles caminharam juntos como sempre até chegarem ao templo no qual o marido exercia o seu ofício ministerial; mas nessa manhã, quando o ministro se voltou para a direita para entrar na igreja, em vez de sua mulher o acompanhar, continuou indo pela rua. E, andando, ela chamou o marido e lhe disse: "Você pode continuar sendo meu marido, mas não é mais o meu pastor". Assim prosseguiu ela, e foi prestar culto com os anti-citadinos! Esse é um dos perigos com que nos defrontamos. Podemos ser tão rígidos, tão exageradamente estritos e tão estreitos, que nos tornamos culpados de cisma.

Pois bem, há divisões entre os batistas e entre os chamados irmãos. Os irmãos de Plymouth começaram dizendo que não acreditavam em denominações. Eles eram todos irmãos, todos cheios de amor, mas vejam a história daquele grupo, vejam as divisões entre eles – e estas, não em questões centrais da fé, porém, muitas vezes, em questões que estão longe de serem centrais. Similarmente, tem havido intermináveis divisões entre os batistas, os metodistas e várias outras denominações. Pensem na situação dos Estados Unidos. Observem o número de denominações. Observem as divisões que se deram entre homens que sustentam a mesma fé evangélica. Dividiram-se por causa de personalidades; dividiram-se por causa de ênfases particulares e sutis. Acredito que isso é uma coisa que, com verdade, pode-se dizer hoje da África do Sul e doutras partes da África. Há uma multiplicidade de denominações, e os homens não hesitam em levantar-se e dar início a denominações – não em termos de verdades vitais, mas em termos de questões que não são nem secundárias, contudo que são de terceira, quarta, e talvez até de vigésima ou centésima categoria em importância!

Este é, pois, um grande perigo que precisamos ter em mente quando tentamos definir o que queremos dizer com "evangélico".

SUCUMBINDO AO ESPÍRITO ECUMÊNICO

Depois há um segundo perigo, e é exatamente o oposto. É o perigo de sermos tão amplos, tão abertos e tão soltos que, por fim, não temos definição nenhuma. Como vemos as coisas hoje, este é o maior perigo, porque estamos vivendo no que chamam de era ecumênica. Muitos reagem, e fazem bem, contra as divisões havidas no passado, essas divisões errôneas e pecaminosas. No entanto o perigo é que você reaja tão violentamente que se incline direto para o outro extremo e diga que nada importa, exceto que

temos espírito cristão.

Creio que esse é o perigo que tende a ameaçar-nos como cristãos evangélicos na hora presente. E devo oferecer-lhes o que vejo como alguns modos pelos quais essa tendência ecumênica, essa errada e falsa tendência ecumênica, tende a mostrar-se. Certamente todos nós devemos crer na unidade. O nosso Senhor estabeleceu isso uma vez por todas em Sua grande oração sacerdotal (João, capítulo 17). Isso está em toda parte do Novo Testamento. O nosso grande empenho deve ser no sentido de sermos um, mas isso não deve levar a uma frouxidão em nosso modo de pensar. Não devemos tornar-nos sujeitos a um tipo de pensamento ecumênico falso, vago, nebuloso. Há certos fatores que me parecem estar promovendo esse perigo e ameaçando toda a nossa posição, e eu devo mencioná-los.

Creio que um dos mais potentes fatores neste aspecto são as campanhas de Billy Graham. Deixem-me explicar o que quero dizer com isso. Ele acredita no mais amplo patrocínio, e seus motivos são bons. Seu desejo é evangelizar, e isso está certo; porém se é igualmente certo ser patrocinado por pessoas que na realidade negam a própria mensagem que você apregoa, é outra questão. É isso que ele se inclinou a fazer; ele reuniu pessoas que antes não tinham praticamente nada a ver umas com as outras. Vi isso em vários países, todavia me lembro de ouvir a respeito disso bem mais chocantemente após a sua visita à Escócia. Encontrei-me com pessoas que diziam: você sabe, nessa campanha descobrimos que aquelas outras pessoas, da Igreja da Escócia e outras, que não conhecíamos e com as quais não tínhamos nada a ver no passado, descobrimos que são pessoas excelentes, e passamos dias agradáveis trabalhando junto com elas. Isso era muito sutil, porque viram que aquelas pessoas eram excelentes – se antes achavam que elas tinham chifres e caudas, não sei – mas o ponto é que tinham ficado impressionadas com o seu espírito bom, amigo e fraterno. O efeito disso foi que essas pessoas deram o passo seguinte, e passaram a dizer: bem, pergunto-me se, afinal de contas, estas doutrinas às quais damos ênfase são, afinal, tão importantes. Não seria uma coisa grandiosa que se deu conosco, que somos cristãos, que passamos a ter este espírito de amor e nos dispusemos a trabalhar juntos? Creio que, de maneira muito sutil, as campanhas de Graham e outras têm tido essa espécie de influência e tem abalado as convicções das pessoas quanto a que significa exatamente ser evangélico.

Outra maneira extraordinária pela qual isso está acontecendo é uma que conheço bem na Inglaterra. Hoje em dia, um perigo muito

real é que, se um homem denuncia o liberalismo nalgum aspecto, é considerado como evangélico. Há algumas vantagens em ser velho, vocês sabem, e uma delas é que nós sabemos um poucochinho da história. Sou suficientemente velho para lembrar-me do começo do movimento barthiano e dos eventos que o cercaram. Havia um grande professor na Escócia, já idoso, Donald Maclean. Ele e outro homem fundaram um jornal conhecido como *The Evangelical Quarterly* (O Trimestral Evangélico), ainda em circulação. Era um periódico verdadeiramente evangélico que fora fundado para defender a fé cristã contra o modernismo e o liberalismo, que estavam em pleno florescimento na década de 1920. Nunca me esquecerei do encontro que tive com o professor Donald Maclean. Ele foi um dos primeiros a mencionar Karl Barth para mim, e ele falou dele em termos deveras líricos, dando-me a impressão de que Karl Barth era um dos maiores evangélicos que já viveram. Por que Maclean fez isso? Bem, por causa das investidas de Barth contra o velho liberalismo. Vocês vêem a sutileza da coisa. Desde que Barth foi um crítico tão maravilhoso do liberalismo, foi considerado como um verdadeiro evangélico, uma coisa que ele nunca foi.

Deixem-me dar-lhes outro exemplo. Há um homem que é considerado como um grande cristão e como um dos grandes defensores do movimento evangélico na Inglaterra hoje, o jornalista Malcolm Muggeridge. Ele está sendo utilizado pelos evangélicos em suas conferências e em suas campanhas. Um evangelista evangélico ia fazer em Londres uma campanha no mês de setembro próximo passado, campanha de um mês de duração, e um dos homens chaves da campanha toda devia ser este homem, Malcolm Muggeridge. Por quê? Bem, porque Malcolm Muggeridge é um maravilhoso crítico da Igreja da Inglaterra, caçoa dos bispos etc., e é um crítico radical da mera exibição e máscara daquilo que se chama instituição oficial. Não só isso; é uma pessoa que, sem dúvida, mudou sua posição de homem do mundo e cínico para ser alguém que agora diz que o que é necessário é o espírito de Cristo, e ele alega que é cristão. Tendo lido o seu mais recente livro, que tem por título *Jesus Rediscovered* (Jesus Redescoberto), não hesito em dizer que Malcolm Muggeridge não é cristão, de modo nenhum. Ele não crê no nascimento virginal, não crê nos milagres como fatos, não crê na expiação, não crê na ressurreição literalmente física, não crê na Pessoa do Espírito Santo, não crê na oração e, todavia, está sendo utilizado em conferências e reuniões evangélicas. Por quê? Somente porque mudou sua posição geral e agora fala vagamente acerca de Cristo. Na verdade, o homem se tornou um

místico e impõe as suas idéias místicas à fé cristã. Contudo os evangélicos desta época de frouxidão estão prontos a, de repente, lançar mãos de qualquer homem que combata o liberalismo e a instituição oficial, e fale de Cristo, sem ter o cuidado de averiguar minuciosamente o que o homem realmente crê.*

Há muitos outros exemplos disso. Vejo que C.S. Lewis quase se tornou o santo patrono dos evangélicos. Ele nunca foi evangélico, e ele próprio disse isso com toda a franqueza. E eu poderia dar-lhes muitas outras ilustrações e exemplos da mesma coisa.

Eis aí, pois, um segundo fator que tende a produzir esta idéia frouxa e vaga, o espírito ecumênico que, em última análise, nos atraiçoa e nos entrega a uma posição na qual deixamos de ser evangélicos.

"O ESPÍRITO SANTO SIM – DOUTRINA NÃO"

A seguir, há um terceiro fator que, para mim, é muito grave atualmente, e que é o chamado movimento carismático. Estou certo de que todos vocês estão familiarizados com isso. É um fenômeno que nos vem confrontando durante os últimos quinze anos, aproximadamente, ** e é extraordinário.

Começou na América e se espalhou por muitos países, provavelmente na maioria deles, a esta altura. Por que me refiro ao movimento carismático debaixo deste título? Porque também este é algo que tem tido a tendência de minar a insistência na cuidadosa definição dos nossos termos, e o faz da seguinte maneira:

O ensino desse movimento é que nada importa, exceto "o batismo do Espírito". As vezes eles põe em termos de falar em línguas; pelo menos eles colocam em termos gerais referentes ao "batismo do Espírito Santo". Nada importa, senão isso! Eu poderia dar-lhes vários exemplos desse modo de pensar. Li um livro escrito por um dos líderes do movimento, David Du Plessis, no qual ele realmente afirma que a teologia não importa, e sim o que importa é essa experiência. Ora, pode-se entender, em certa medida, o que ele quer dizer com isso. Pode ser que, de início, ele tenha desejado dizer que uma ortodoxia insípida, teórica, intelectual não tem valor nenhum, e que o cristão deve ter vida. Isso é verdade, mas quando ele vai tão longe que chega a dizer que *nada* importa, senão essa

---

* Muggeridge subseqüentemente uniu-se à igreja católica romana.

** O autor disse isso em 1971. Nota do tradutor.

experiência, e que a teologia não conta para nada, está contradizendo as declarações e o ensino do Novo Testamento, e está se colocando numa posição muito perigosa.

Porventura vocês já leram o livro intitulado *Catholic Pentecostalism* (Pentecostalismo Católico)? Se leram, terão descoberto a mesma coisa ali. Esta é a tese do livro. É um livro inteligente, porém muito sutil e perigoso, do nosso ponto de vista evangélico. Este é o argumento: aqui estamos nós, dizem eles, pessoas pertencentes a diferentes cenários religiosos e culturais, no entanto somos todos um porque todos nós temos o batismo do Espírito, e todos nós falamos línguas. *Isso,* afirmam eles, é o que realmente importa. O livro não diz que você pode ter necessidade de mudar a sua doutrina.

De fato o autor defende o contrário. Diz ele que o perigo no passado foi que, quando as pessoas recebiam este batismo do Espírito e começavam a falar línguas, deixavam as suas igrejas e se uniam à Igreja Pentecostal. Agora, diz ele, isso é completamente errado. Permitam-me citar o livro: "Historicamente, muitos pentecostais vieram dentre os metodistas. Os metodistas geralmente são pessoas sentimentais e não intelectuais". E o resultado é que, quando recebem este "batismo do Espírito", manifestam-no e demonstram-no por exagerado emocionalismo e agitação, e assim por diante. Agora isso, diz ele, está bem, esse é o seu cenário de fundo; o Espírito vem a eles naquele meio ambiente cultural. Mas nós somos católicos, católicos romanos; temos um grande corpo de dogma e doutrina; temos a nossa grandiosa história, o nosso ensino sacramental e a nossa vida sacramental. Quando recebemos "o batismo do Espírito", não devemos desistir e despejar tudo quanto possuímos, juntar-nos aos pentecostais e simplesmente assumir o substrato cultural deles. Isso é inteiramente desnecessário. Recebemos "o batismo do Espírito" em nosso ambiente, e o efeito que isso deve ter sobre nós não é fazer-nos jogar fora as doutrinas e tornar-nos pentecostais. Isso deve dar-nos um entendimento mais profundo e uma apreciação mais profunda da nossa grande herança. Dessa maneira vemos que estes católicos romanos, que alegam que receberam "o batismo do Espírito", todos eles testificam que o principal efeito do seu "batismo do Espírito" é aumentar o seu íntimo conhecimento e comunhão com a virgem Maria. Isso tem aprofundado a sua apreciação da missa e de todas as outras diversas doutrinas e dogmas católico-romanos.

Agora vocês podem ver o efeito disso tudo. No fim significa que a doutrina não tem a menor importância. Você pode crer na doutrina

católico-romana, ou pode ser metodista, ou não ter nenhuma doutrina, se preferir; não importa. A grande realidade é que você tem essa experiência. E assim eles têm as suas conferências e os seus congressos, nos quais todos eles se reúnem, e eles virtualmente proclamam que a doutrina absolutamente não importa. Ora, isso, vocês vêem, solapa a importância de se chegar a definições e descrições da fé. Como isso está penetrando os círculos evangélicos, e penetrou, ameaça toda a nossa posição como cristãos evangélicos e nos mostra a desesperada urgência de reexaminarmos a nossa posição e de sabermos exatamente o que queremos dizer.

Depois, para falarmos da Inglaterra em particular, houve uma grande mudança na posição dos evangélicos com relação à Igreja Anglicana. Ora, isso não é um juízo de valor da minha parte sobre eles; é o que eles mesmos têm dito. Eles realizaram uma conferência em Keele, em 1967, e produziram um informativo que vocês mesmos podem ler. Eles condenaram o seu passado; condenaram-se por não tomarem parte mais ativa na Igreja da Inglaterra. Condenaram-se por não estarem no movimento ecumênico, trabalhando ativamente nele, e disseram que isso tinha sido um erro, e mudaram a sua política. Portanto, agora vocês vêem anglicanos evangélicos tomando parte ativa no movimento ecumênico, e estão igualmente interessados como qualquer outro na união da Igreja com grupos absolutamente não evangélicos.

Aí está, pois, outro fator que tem tido a tendência de solapar o antigo entendimento do sentido da palavra "evangélico" e tem minado a nossa confiança no que foi dito no passado.

OPOSIÇÃO NÃO EVANGÉLICA AO ECUMENISMO

O último fator que devo mencionar para vocês é o seguinte: há várias denominações e agrupamentos eclesiásticos que se opõem ao movimento ecumênico, mas em bases não evangélicas. Há, por exemplo, diversos homens que se opõem ao movimento ecumênico porque um dos postulados do movimento ecumênico é que os bispos são essenciais à unidade da Igreja. Eles sabem que para ter-se uma igreja mundial é preciso haver aceitação de bispos e de uma hierarquia; todo mundo concorda nisso. Assim, existem agora em todas as denominações aqueles que, em bases políticas e em bases eclesiásticas gerais, dizem: nunca nos sujeitaremos a bispos. Estes, portanto, estão fora do movimento ecumênico. E aí está o problema: nós também estamos fora do movimento ecumênico. Assim é que eles tendem a vir a nós e a dizer-nos que somos todos um: não

estamos nessa igreja mundial; estamos fora juntos, no deserto; assim, não deveríamos ser uns dos outros e estar juntos? Somos alvo de abordagens dessa gente. De fato, tive uma divertida experiência pessoal disso. Um pequeno livro meu foi publicado e, para meu espanto, foi analisado por um conhecido professor pertencente a uma das denominações inglesas. Ele elogiou o meu livro, elevando-o às nuvens; eu mal pude acreditar. Pensei que ele, ou eu, ou nós ambos tínhamos ficado loucos. Contudo, esta é a explicação da resenha favorável: esse homem é anti-ecumênico porque não acredita em bispos e, assim, estando agora predisposto a meu favor, destacou tudo o que pôde elogiar em meu livro, sem dizer nada acerca do restante. Aí está, vocês vêem, um perigo muito sutil, o perigo de nos juntarmos para combater o movimento ecumênico, mas não devemos fazê-lo. Por quê? Porque esses homens não são evangélicos. São liberais. É outro lembrete de que devemos ser cautelosos, que definamos cuidadosamente a nossa posição.

Encerro, por ora, dizendo isto: o que foi dito da Igreja no passado é verdade hoje. A Igreja, embora tenha sido reformada, deve ser constantemente re-formada, *semper reformanda*. Reforma sempre! A Igreja deve estar sempre debaixo da Palavra; tem que estar; ali temos que mantê-la. Vocês não devem supor que, uma vez que a Igreja começou corretamente, continuará assim. Não continuou assim no tempo do Novo Testamento; nem o fez daquele tempo em diante. Sem ser reformada constantemente pela Palavra, a Igreja se torna algo muito diferente. Devemos manter sempre a Igreja submetida à Palavra, e devemos manter um movimento como o "IFES" debaixo da Palavra. *Semper reformanda*! E temos que fazer isso com o termo evangélico. Cada geração tem que examinar isso por si mesma. Não se pode receber estas coisas somente pela tradição. Sempre tem sido esse o perigo. As pessoas dizem: fui educado como evangélico; sou evangélico. Será? Temos que fazer essa pergunta a nós mesmos, e não devemos dar-nos por satisfeitos com definições formuladas no passado porque cada época tem os seus próprios problemas, e todas as grandes confissões e credos foram em geral redigidos para enfrentar algum problema ou situação particular. Por isso, convém que em nossos dias e em nossa geração examinemos uma e outra vez, à luz das Escrituras e da história, e especialmente à luz das perigosas tendências que nos cercam na hora presente, o termo evangélico.

Com esta introdução geral, deixo o nosso assunto esta manhã.

Espero continuar amanhã e apresentar-lhes certos princípios norteadores que os capacitarão a chegar a uma resposta à pergunta: que é um evangélico em nossos dias e em nossa geração? Oremos:

Ó Senhor nosso Deus, chegamos a Ti outra vez e Te damos graças por nos acharmos entre o Teu povo. Sabemos que é tudo por Tua graça, sabemos que, deixados a nós mesmos, não somente estaríamos lá fora, no mundo, mas nas profundezas do pecado e da iniqüidade. Agradecemos-Te o sermos o que somos, pela Tua graça, e Te agradecemos nos teres dado interesse por estas coisas e preocupação por elas. Ó Deus, estamos admirados que tens olhado por nós e que, em certa medida, nos fizeste guardiães e defensores da fé. Oramos, Senhor, rogando-Te que nos dês grande sabedoria e entendimento, que nos dês grande circunspecção para habilitar-nos a andar prudentemente, pois os tempos e os dias são maus. Queira ó Senhor, portanto, continuar a olhar por esta conferência e a visitar-lhe com o poder do Teu Espírito, dirigindo todos os aspectos desta obra e levando-nos todos juntos a sujeitar-nos à Tua Palavra santíssima e à sua instrução divina. Abençoa-nos, rogamos-Te, para esse fim, e continua conosco o dia todo. É o que pedimos em nome do Teu amado Filho, nosso bendito Senhor e Salvador, e o grande Senhor da Igreja, Jesus Cristo. Amém.

II

Na preleção de ontem opinei que estamos na mesma situação em que Judas se encontrava. Ele tivera a intenção de fazer uma exposição da fé em termos amplos e gerais, mas, devido a certas circunstâncias que surgiram, teve que abandonar o seu projeto e, em vez disso, teve que exortar aquelas pessoas a batalharem zelosamente pela fé que uma vez por todas fora dada aos santos.

Minha tese é que estamos na mesma situação hoje, e que nos convém examinar a situação em que ora nos achamos e assegurar-nos de termos em nossas mentes o claro entendimento do que significa ser evangélico. Não estamos discutindo: "Que é um cristão?". Estamos discutindo: "Que é um evangélico?". É um termo que impõe limites, e argumentei que estamos numa situação tão sutil, que não é mais suficiente subscrevermos algum fundamento geral da fé. Isso não é mais suficiente; temos que ser mais específicos porque estas mudanças, quando se introduzem, embora geralmente se insinuem na periferia da fé, gradativamente se

espalham e se aproximam cada vez mais do centro.

Estamos familiarizados com o fato, e não é algo novo, que as pessoas estão dispostas a subscrever fundamentos da fé ou credos e, ao mesmo tempo, fazem o que chamamos de reservas mentais. No final significa que elas negam alguns dos artigos essenciais desses fundamentos. Isso também torna necessário que sejamos específicos e cuidadosos.

Ao mesmo tempo, lembremo-nos de que não devemos meramente definir o que é pura ortodoxia. Vocês podem ter uma ortodoxia morta. Estou interessado em definir o evangélico de um modo que vá além das declarações de fé. É tão importante definir o evangélico como estando contra algum tipo de protestanismo, ou mesmo contra um escolaticismo reformado, como é que definamos o evangélico por contraste com os heterodoxos em sua doutrina e em sua fé.

PRINCÍPIOS NORTEADORES: (1) A PRESERVAÇÃO DO EVANGELHO

Entenda-se também que o nosso objetivo nesta discussão não deve ser apenas a preservação de uma tradição. As tradições podem ser boas, porém quando se tornam tradicionalismo, são más. Não devemos estar primariamente preocupados em apenas manter alguma posição reconhecida ou continuar nalguma tradição particular. Não é esse o nosso objetivo. Menos ainda devemos preocupar-nos simplesmente em ser polêmicos ou em ter argumento por ter argumento.

Tampouco devemos estar preocupados com separação como tal; de fato, vou mais longe e digo que o nosso objetivo deve ser, não excluir pessoas, e sim incluir tantas quanto possível e, contudo, ser cuidadosos no sentido de manter os nossos princípios e os nossos limites.

Eu disse ontem, e o repito hoje, que o cristão evangélico deve interessar-se muito por unidade. De todos os homens, é ele que deve preocupar-se com a unidade do Espírito da verdade e da paz, pois isso faz parte da sua atitude geral e da sua perspectiva geral.

Portanto, o nosso maior motivo para buscar definição e batalhar por esta fé, é que nós acreditamos que isso é vital para a preservação do verdadeiro evangelho. É por isso que estou tão interessado em que tenhamos em mente o elemento histórico. A história mostra com muita clareza que quando se perde essa ênfase, perde-se o verdadeiro evangelho, mais cedo ou mais tarde, e também se perde

a pregação e ela se torna vã, de modo que a Igreja pára de evangelizar e de conquistar almas e adeptos.

Esse, então, é o nosso objetivo. Não estamos interessados meramente em ser polêmicos, como eu disse, mas a nossa intenção é prática. O nosso interesse é pelas almas dos homens e das mulheres. Estamos aqui para propagar as boas novas da salvação e para conquistar pessoas das trevas para a luz. É por isso que devemos ser cuidadosos quanto à verdade, e sempre combater por ela.

Qual, então, deve ser o nosso método para definir o que é um evangélico? O método, é claro, é primordialmente bíblico. O grande lema da Reforma, *sola scriptura*, sempre foi o lema do verdadeiro evangélico. O evangélico começa com a Bíblia. É homem da Bíblia. É homem do Livro. Este é a sua única autoridade, e a ele se submete em tudo. Ampliaremos isto mais tarde, no entanto devemos afirmá-lo no início. Este, vocês vêem, já é um ponto de diferenciação. Outros começam com a filosofia e com um princípio mais geral, mas o evangélico sempre começa com a Bíblia.

PRINCÍPIOS NORTEADORES: (2) APRENDER DA HISTÓRIA

Segundo, com referência ao método, estou também interessado em salientar que, ao mesmo tempo, devemos fazer abordagem histórica. Sei que é muito difícil para muita gente moderna compreender isto, porém nós não somos as primeiras pessoas a viver neste mundo. É preciso dizer isso muitas vezes atualmente. Houve grandes gerações de povos e de cristãos antes de nós. Embora tenhamos dividido o átomo, não somos muito diferentes dos que viveram em épocas anteriores, de modo que é importante deixar-nos guiar pela história. Quem não tem respeito pela história é tolo, e logo descobrirá isso, quando se vir repetindo os erros dos que passaram antes dele.

Temos interesse pela história. Ao mesmo tempo, não devemos estar presos a ela; não devemos ser escravos dela. Estes são sempre os perigosos que nos afligem. Alguns passam por alto a história toda. Estes querem ter tudo novo e começar tudo de novo. Temos um mundo de movimentos. Há pessoas nas universidades, nos dias atuais, que mais ou menos estão sugerindo que a gente se desfaça totalmente do passado, e comece tudo de novo na política, nas atividades sociais e econômicas e em tudo mais. Essa mesma atitude tende a penetrar na esfera religiosa, mas devemos excluí-la.

Ao mesmo tempo, é igualmente importante que reconheçamos que nada neste mundo jamais foi completo, que, se bem que damos graças a Deus pelos grandes eventos do passado, a grande Reforma e outras Reformas menores, não devemos ser seus escravos. Essa é a maneira de desenvolver uma espécie de escolasticismo e de um árido intelectualismo.

Assim é que temos respeito pela história, e estamos dispostos a aprender dela, mas não devemos ser totalmente subservientes a ela num sentido errôneo. Esse é o segundo princípio norteador.

PRINCÍPIOS NORTEADORES: (3) MANTER PONTOS NEGATIVOS

O terceiro princípio é a importância do lugar dos pontos negativos, como também dos positivos. Ora, para mim, aí está uma questão tremendamente importante, e não estou certo de que não vá ser o ponto mais vital na disputa entre evangélicos que aderem à antiga posição e os que estão inclinados a afastar-se dela no presente.

Um dos primeiros sinais de que um homem está deixando de ser verdadeiramente evangélico é que ele deixa de interessar-se por pontos negativos, e fica dizendo: sempre devemos ser positivos. Dar-lhes-ei um notável exemplo disso com o caso de um homem cujo nome é conhecido da maioria de vocês, e alguns de cujos livros vocês leram. Eis o que ele escreveu recentemente: "Se uma pessoa é um evangélico, deve-se estabelecer tomando-se como referência como ele se posiciona com relação a seis pontos", que ele então enumera. A sua definição é por referência somente àquilo que a pessoa *apoia*, e não àquilo sobre o que a pessoa é *contra*. Ele prossegue: "Aquilo quanto ao que o homem é contra ou não é contra pode mostrar que ele é um evangélico confuso ou negligente ou incoerente, mas não se lhe pode negar o direito de chamar-se evangélico enquanto ele mantiver estes princípios como a base da sua posição cristã".

Pois bem, esse é o tipo de declaração contra a qual eu luto vigorosamente. Creio que é completamente errada. O argumento que afirma que você deve ser sempre positivo, que você não deve definir o que um homem é em termos daquilo sobre o que ele é contra, bem como daquilo de que ele é a favor, ignora a sutileza do perigo. Se esse argumento ficar sem contestação, abrir-se-á a porta para a repetição de coisas semelhantes à heresia dos gálatas. Vocês se lembram dos gálatas e de como o apóstolo teve que tratar da

heresia deles. Era o problema geral do judaísmo, problema que emerge em vários lugares no Novo Testamento. Qual era a heresia dos gálatas? Bem, ela afirmava que os que tinham levado os gálatas a extraviar-se não tinham negado o evangelho; não estavam negando nada; o que eles estavam fazendo era *acrescentar* algo, a saber, a circuncisão, a qual, diziam eles, era essencial. Oh, sim, diziam eles; vocês têm que crer no evangelho, todos esses pontos positivos estão certos. Mas depois eles apresentavam o seu acréscimo. Portanto, vocês vêem, é importante que o evangélico também tenha as suas críticas negativas e esteja pronto a dizer que *não* se deve crer nisto e que *não* se deve fazer aquilo.

Também neste ponto a história é útil, e eu vou tomar um exemplo que, para mim, é sumamente óbvio. Vocês ouviram a respeito do puritanismo. O puritanismo surgiu na Inglaterra no século dezesseis, quase imediatamente após a Reforma Protestante. O puritanismo era um segmento do protestanismo. A Reforma tinha vindo para a Inglaterra e a Igreja se tornara protestante. Quem eram esses puritanos? Eram homens que diziam que a Reforma não tinha avançado o suficiente, que tinha feito o seu bom trabalho com relação à doutrina, porém tinha deixado de fazê-lo com relação à prática. Eles argumentavam que isso era incoerente, que algumas práticas, ainda permitidas, eram negações da doutrina modificada, e eles queriam que a Reforma fosse levada a cabo em matéria de prática, bem como em matéria de doutrina.

Os puritanos e os outros da Igreja da Inglaterra estavam de acordo acerca da doutrina; a diferença introduziu-se quanto aos pontos negativos, e é por isso que esses pontos negativos são sempre de tão grande importância. Assim, teremos que ter o cuidado de manter esta observação sobre o lugar dos pontos negativos em nossa definição de evangélico.

PRINCÍPIOS NORTEADORES: (4) NEM SUBTRAÇÕES NEM ADIÇÕES

Um quarto princípio geral é o seguinte: que devemos ser muito vigilantes quanto às *subtrações* que as pessoas fazem, por um lado, e às *adições* à verdade, por outro.

Com o passar dos anos, descobri que a subtração da verdade é uma coisa que os membros das igrejas são muito lentos para notar. Quase cheguei à conclusão de que o teste prova de fogo que se deve aplicar para saber se um pregador é evangélico ou não, é este: observem o que ele não diz! Muitas vezes eu vi que as pessoas

ouviam um homem e por ele eram arrebatadas, e achavam que tudo era maravilhoso, e isso porque ele não dissera nada errado, e elas estavam muito certas em sua observação. O homem não tinha dito nada de errado, entretanto o ponto é que ele não tinha dito certas coisas que um evangélico sempre deve dizer; ele as deixara de lado.

Conheci um ministro que uma vez foi ouvir um professor de teologia, um americano chamado Nels Ferré. Esse ministro era um evangélico, porém não muito instruído. Ele ouviu Nels Ferré e se sentiu completamente arrebatado por ele. Voltou para a sua igreja e relatou em termos líricos o maravilhoso discurso. Que é que tinha acontecido? Bem, o que tinha acontecido foi que Nels Ferré, naquele ambiente particular, não tinha dito tudo aquilo em que ele cria. Tudo o que ele tinha dito estava perfeitamente certo. Ele não dissera nada especificamente evangélico, nem tampouco, naquela ocasião, dissera algo das idéias heterodoxas das quais ele era culpado.

Não há dúvida de que esta questão de subtrair algo de verdade, ou de deixar de lado parte da mensagem, é uma questão deveras vital nos dias atuais. Vocês ouvem pessoas falarem sobre a Bíblia, e elas podem falar sobre a cruz, contudo, é importante observar o que elas não dizem sobre a Bíblia e sobre a cruz. O fato de mencioná-las não é suficiente. Vocês precisam ser cuidadosos em sua observação do que um homem não diz, bem como do que diz.

Depois, por outro lado, vocês têm que ser cautelosos quanto às adições. Já me referi a elas quando tratei da importância dos elementos negativos. Recentemente dei com um notável exemplo deste ponto. Há um certo bispo na Inglaterra, muito conhecido como anglicano-católico ao extremo. Veio ele recentemente a ser um dos capelães de certo santuário, o Santuário de Nossa Senhora de Walsingham, na Inglaterra. Apesar de extremamente anglicano-católico, em seus tempos de estudante era evangélico roxo. Conversando com um evangélico, amigo meu, ele disse: "Você sabe, eu não deixei de crer em nada do que eu cria quando estudante. O que fiz foi acrescentar-lhe algo".

Pois bem, muitos de nós têm dito, no passar dos anos, que, nalguns aspectos, estamos mais perto dos católicos romanos do que dos liberais, porque, afinal de contas, os católicos romanos crêem na existência de Deus, na deidade de Cristo, no nascimento virginal, nas duas naturezas de Cristo em uma só pessoa, nos milagres, na expiação, na ressurreição literal e física e na Pessoa do Espírito Santo. Nestas verdades sempre estivemos no mais estreito acordo; e por vezes vimos que, pela leitura de livros de certos autores

católico-romanos, a nossa fé foi fortalecida porque eles crêem no que nós cremos, ao passo que os liberais e os modernistas negam tudo isso. Digo isso para ilustrar o mesmo ponto, que a nossa dificuldade com o católico romano está no que ele adiciona, e no que ele adiciona ou subtrai do que é afirmado em sua crença.

Assim, devemos ser cuidadosos, e lembrar-nos da advertência do livro de Apocalipse, onde se nos diz que não devemos acrescentar nem tirar nada do que está escrito nesse livro em particular, sendo que a ordem abrange igualmente todos os demais livros da Bíblia. Temos que estar de olho nesses dois lados: o que os homens não dizem e o que eles acrescentam, indo acima e além daquilo que nós consideramos ser a fé verdadeira.

Estes são os princípios gerais para guiar-nos em nossa definição do que é um evangélico, e espero já ter deixado claro que esta abordagem é essencial em vista da sutileza da situação em que nos encontramos. Se você meramente tomar aqui uma breve lista de desideratos e então perguntar a uma pessoa se ela pode aceitá-los e assiná-los como elementos básicos da fé, ela poderá enganá-lo e enganar-se, porque você não lhe perguntou certas outras coisas. Você não observou o que ela não disse, ou você não percebeu o que ela acrescenta àquilo que você tem em seus fundamentos da fé.

Fazendo uso desses princípios norteadores, tentemos chegar a uma definição do que é um evangélico. Tudo o que eu desejo neste ponto é tratar com as suas *características gerais.* Isso é algo que até aqui não fizemos, mas creio que as características gerais do evangélico são quase tão importantes como as doutrinas específicas que ele subscreve. Há uma espécie de característica que, para mim, é de grande importância. Cada vez mais estou chegando à opinião de que o modo de pensar de um homem revela tanto sobre ele como o que ele de fato diz. O seu método geral de pensamento é de suprema importância. Por isso quero aqui chamar a atenção para certas características gerais da pessoa evangélica.

PRIORIDADES EVANGÉLICAS

Primeiramente, o evangélico é uma pessoa inteiramente subserviente à Bíblia. João Wesley dizia que ele se tornara "homem de um só livro". Isso é verdade quanto a todo o evangélico. Ele é homem de um só livro; começa com ele; submete-se a ele; este é a sua autoridade. Ele não toma como ponto de partida alguma autoridade extra-bíblica. Ele se limita e se sujeita completamente ao ensino da

Bíblia. Por certo tratarei mais plenamente disto quando chegarmos aos detalhes; agora só lhes estou dando as características gerais.

O que vem a seguir, sobre o evangélico, é que ele usa este termo como *prefixo*, e não como sufixo. Aqui também penso que está uma coisa que vai ficar cada vez mais importante nos anos vindouros. O que quero dizer com isso é que a *primeira* coisa acerca de tal homem é que ele é evangélico. A denominação particular a que ele pertence é ponto secundário; não é primordial. Noutras palavras, há toda a diferença do mundo entre falar de um evangélico batista e de um batista evangélico. Estou afirmando que o nosso homem é, primeiro, evangélico. Ele pode ser batista, pode ser presbiteriano, pode ser episcopal, todavia, primeiramente, primeiro e acima de tudo, é evangélico.

Permitam-me oferecer-lhes uma ilustração. Faz alguns anos, houve uma grande controvérsia na Inglaterra, resultante da Conferência de Keele a que me referi ontem. Um homem que fora arcebispo na Austrália escreveu uma carta à imprensa na qual dizia que estava disposto a admitir que era anglicano antes de ser evangélico. Sua primeira, fundamental e final lealdade era ao anglicanismo, não ao espírito evangélico. Ele dizia: "Sou evangélico, mas, primeiro, sou anglicano". Garanto que quando um homem diz isso, já disse algo que o torna suspeito como evangélico. Primeiro evangélico! Qualquer outra diferença é algo que deve vir depois.

VIGILÂNCIA

Outra característica deste evangélico é que ele é um homem que está *sempre vigiando*. Agora, todas estas coisas têm que ser ditas com muito cuidado, porque há um modo certo e um modo errado de vigiar, porém o evangélico é um homem que está sendo sempre vigilante e, naturalmente, é sempre vigilante porque as Escrituras o ensinam a ser assim.

"Vigiai e orai", diz o nosso Senhor, e o apóstolo Paulo, ao se despedir dos presbíteros da igreja de Éfeso, disse-lhes que fizessem exatamente a mesma coisa. Ele os adverte quanto ao tempo subseqüente à sua partida: "Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus.... Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho"(Atos 20:28-29). Assim ele os exorta a serem vigilantes.

Ou ainda, vejam 1 Coríntios, capítulo 16, onde se pode ver um

surpreendente enunciado desta mesma lição. O apóstolo, depois de ter passado por uma longa série de questões controvertidas que estavam fazendo em pedaços a vida da igreja de Corinto, concluiu dizendo: "Vigiai, estai firmes na fé: portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos. Todas as vossas coisas sejam feitas com caridade"(1 Coríntios 16:13-14). É uma exortação a vigiar, a ter cautela. Como cristãos estamos sempre no meio de inimigos, "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principiados, contra os potestados, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais"(Efésios 6:12).

O Novo Testamento dá-nos muitos exemplos disto. Paulo, em suas exortações a Timóteo, está constantemente firmando o mesmo ponto. Em 1 Timóteo 6:3-4 ele diz: "Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras", etc. De fato, o Novo Testamento está repleto dessas exortações a nós, a que vigiemos e sejamos cautelosos.

João consola os cristãos, confrontados como estavam, já naquela época, por anticristos e falsos mestres, dizendo-lhes que eles tinham "a unção do Santo"(1 João 2:20), e que deviam exercitar-se nisso. Deviam ter discernimento; deviam estar sempre examinando as coisas, sempre vigilantes. Assim é que, sempre que alguém deixa de ser vigilante, na medida em que o faz, deixa de ser evangélico. A pessoa que não está vigilante e que diz: tudo está bem; não precisa se incomodar; somos todos cristãos e passamos horas maravilhosas juntos – já está se afastando da posição bíblica.

DESCONFIANÇA NA RAZÃO

Chego então a outra característica. Esta pode ser uma característica altamente controversa, mas, em minha estimativa, é extremamente importante. É, e eu o expresso seca e dogmaticamente, que o evangélico *desconfia da razão e, particularmente, da razão na forma de filosofia.* Se vocês examinarem panoramicamente a história da Igreja Cristã, verão que isso emerge de maneira muito clara; na verdade e, por certo, quanto mais a lerem em seus pormenores, mais claro ficará. Toda reforma expressou desconfiança da razão e da filosofia. Um dos primeiros exemplos disto há que se vê em Tertuliano, um dos primeiros grandes teólogos da Igreja ocidental. Ele o colocou de maneira notável: "Que é que

Jerusalém tem a ver com Atenas? Que é que o templo tem a ver com o pórtico * e com a academia?" Como vocês sabem, ele se juntara aos montanistas, que estavam em revolta contra as tendências que tinham entrado na Igreja, de subserviência à filosofia grega.

Dou-lhes a minha opinião de que, em nossa situação atual, nada é mais importante do que justamente este ponto em particular. A filosofia sempre foi causa de desvio da Igreja, pois filosofia significa, em última instância, confiança na razão humana e no entendimento humano. O filósofo quer abarcar toda a verdade; quer classificar e explicar tudo, e é por isso que para nós, no presente, não há passagem das Escrituras mais importante do que a Primeira Epístola aos Coríntios, começando no capítulo primeiro, versículo 17, e indo até o fim do capítulo 4, com especial referência ao capítulo 2. Toda a exposição do apóstolo nesses capítulos é que as coisas estavam indo mal em Corinto porque eles estavam restabelecendo a fé na sabedoria humana, na filosofia; e o seu objetivo é mostrar que isso é diametralmente oposto à pregação do evangelho. Diz ele que se tornara louco por amor de Cristo: "Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio" (1 Coríntios 3:18). Aí "louco" significa não confiar na filosofia e na sabedoria humana. Esta é, realmente, uma questão da maior importância.

Martinho Lutero costumava referir-se àquela "velha bruxa, Dona Razão", e aqueles de vocês que conhecem os seus escritos, sabem como ele constantemente dava ênfase a este ponto, que a razão é uma velha bruxa. Naturalmente, ele se preocupava com isso porque era da essência da sua argumentação contra Roma. Continua sendo verdade que o problema com o catolicismo romano é que eles *dizem* que crêem na Bíblia. Concedamos que crêem, e que são inteiramente sinceros ao dizê-lo, mas, qual então é o problema? O problema é que eles *acrescentaram* a filosofia aristotélica à sua crença na Bíblia, e que, em última análise, eles interpretam a Bíblia em termos da filosofia aristotélica. Essa é a grande característica da *Summa* de Tomaz de Aquino, e foi como resultado disso que o evangelho, o verdadeiro evangelho, ficou inteiramente escondido. Portanto, não é de admirar que Lutero tenha lutado com tanto vigor precisamente contra essa questão, e isto não se restringe a Lutero, de maneira nenhuma.

Mencionei há pouco os puritanos da Inglaterra, e eles constitu-

---

* O pórtico público de Atenas, onde Zenão ensinava; a escola dos estóicos. Nota do tradutor.

em uma excelente ilustração deste mesmo ponto. A grande controvérsia entre os puritanos e a Igreja da Inglaterra foi em grande parte um debate sobre o lugar da razão. Houve um homem chamado Richard Hooker que, de muitas maneiras, determinou o que se chama anglicanismo. Hooker introduziu a expressão "razão natural", e a razão natural pode determinar como governar a Igreja e como fazer muitas outras coisas. Esta era a própria essência da discussão entre os puritanos, que eram verdadeiros evangélicos, e estes outros da Igreja da Inglaterra, que, apesar de serem protestantes, não eram evangélicos. Tinha a ver precisamente com esta questão do lugar da razão.

Temos que ser claros acerca do que queremos dizer com isso, porque as minhas afirmações facilmente podem ser mal entendidas. Eu baseio isso tudo, como já disse, no ensino de 1 Coríntios, capítulo 2, onde Paulo diz: "Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus... Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (versículos 12,14). Estas são as coisas que nos são reveladas e que somente o Espírito pode habilitar-nos a receber. "Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido" (VA e ARA: "Porém o homem espiritual julga todas as cousas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém, versículo 15). Penso também nas palavras do nosso Senhor, citadas em Mateus 11:25-26: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve".

Essa é a base da desconfiança do evangélico na razão humana e, como digo, rastreiem a história da Igreja e verão que a incapacidade de reconhecer perigo nesta área foi o problema o tempo todo. Vocês vêem, quando os apóstolos morreram, toda a questão da autoridade surgiu na Igreja. Não somente isso, a Igreja estava sendo perseguida, e no segundo século levantaram-se vários homens na Igreja, chamados apologetas, alguns dos quais tinham sido instruídos como filósofos. Eles estavam interessados em mostrar que não havia contradição entre o evangelho e a filosofia grega. Sem dúvida, o motivo deles era muito bom, mas o meu parecer é que, ao fazerem isso, comprometeram o evangelho, transformaram-no em filosofia, e perderam algo vital da esfera do Espírito. Finalmente, a Igreja se tornou institucionalizada, e isso levou ao catolicismo romano da Idade Média, o período anterior à Reforma Protestante.

Essa tendência vem se repetindo, e é por essa razão que penso que isso é tão importante para nós, porque eu acredito que está acontecendo novamente agora. Deixem-me expor isso mais francamente, com uma colocação como esta, que o verdadeiro evangélico não só não confia na razão, mas também desconfia da erudição. Aqui estamos nós, pertencentes ao "IFES", estudantes e representantes de universidades, e estou dizendo que o evangélico desconfia da erudição, e sustento isso! Que é que eu quero dizer? Permitam-me tentar deixá-lo claro. O evangélico parte das Escrituras. Ele lê também a história da Igreja, e ali vê que a história prova o que as Escrituras acentuam, que, quando os homens põem a sua confiança na razão e no entendimento, extraviam-se. Vê também que os homens que Deus teve de levantar e utilizar para chamar as pessoas de volta à fé, com freqüência têm sido homens muito simples. Nem sempre, é claro – mencionei Lutero e outros, e poderia ter mencionado Calvino – porém aconteceu tantas vezes que o avivamento na Igreja e o chamamento de pessoas de volta à fé verdadeira foram feitos por meio de alguém completamente desconhecido.

O resumo de tudo o que eu estou dizendo é que o evangélico desconfia da erudição e a mantém sob vigilância. Não significa que ele é anti-intelectual; não significa que ele se torna um obscurantista; mas significa, sim, que ele mantém a razão e a erudição no lugar que lhes cabe. Elas são servas, e não suas proprietárias.

O LUGAR DA RAZÃO

Qual será, então, o lugar da razão em nossa fé e em nossa vida cristã? Eu definiria a questão algo assim: jamais a razão deverá determinar *o que* devemos crer. A função da razão é ensinar-nos *como* crer. Ela é um instrumento, e o problema sempre surge quando as pessoas deixam que a razão lhes determine *o que* devem crer. Noutras palavras, em vez de se sujeitarem às Escrituras, buscam a ciência, a filosofia ou uma das diversas outras disciplinas, e a sua posição é determinada por essas coisas. Deixam que a razão determine o que devem crer, em vez de como devem crer e como devem pensar. Não *o que* você deve pensar, e sim, *como* deve pensar, esse é o lugar da razão, e eu diria exatamente a mesma coisa acerca da erudição.

Pois bem, estou bastante velho para lembrar-me de uma geração de evangélicos que não queriam nada com a erudição. A atitude deles era, "A erudição é uma ameaça e um perigo; não temos nada a ver com ela!" Conheci homens que eram velhos quando eu era

relativamente jovem, e que costumavam aconselhar os estudantes que se preparavam para o ministério a não estudarem teologia. Lembro-me de um conhecido líder evangélico que sempre dizia a tais estudantes: "Seja o que for que vocês estudem em Oxford ou em Cambridge, não estudem teologia, pois, se fizerem, vocês perderão a fé". Isso é uma coisa que eu não recomendo. Condeno essa atitude. Esse é o espírito de temor, e leva a um obscurantismo que o leva a enterrar a cabeça na areia, e você perde a consciência do que está acontecendo.

O que eu afirmo é que, quando o evangélico se dá conta do perigo da razão e da erudição, não as teme. Não foge, não se esconde, e não se fecha em si mesmo para desfrutar os seus próprios sentimentos. Não, ele tem ciência da erudição, enfrenta-a no seu próprio nível, mas não se sujeita a ela. E não dobra os joelhos porque algum homem é um grande erudito. Ele sabe que o grande erudito, mesmo o grande especialista em Bíblia, pode ser um incrédulo, de modo que ele não venera o erudito. É quando os homens começam a dobrar os joelhos diante da erudição, a sujeitar-se a ela, quase a cultuá-la, e a considerá-la como a autoridade final, que, na minha opinião, já se tornaram traidores e deixaram de ser verdadeiros evangélicos.

O evangélico não tem nem um pouco de medo da erudição. Não há necessidade de temermos os eruditos não cristãos porque eles baseiam a sua posição na razão, e discutir com eles é fácil porque eles não conhecem as Escrituras. Vocês podem mostrar-lhes facilmente que o que eles dizem é produto das suas mentes. É razão humana, especulação e filosofia, não o verdadeiro ensino cristão. O grande princípio que eu desejo expor é este, que, na atitude do evangélico para com a razão e a erudição, ele está plenamente ciente do perigo, pois ele o vê claramente nas Escrituras. Paulo se fez "louco", objeto de riso dos filósofos. Eles consideravam o seu ensino uma completa loucura. Isso sempre aconteceu com o cristão verdadeiro; acontece hoje. Não admira, pois, que os grandes filósofos, assim chamados, sejam céticos e infiéis. Deveríamos esperar que o sejam, e não devemos apavorar-nos porque o são. Não devemos pedir desculpas pela fé porque eles não são cristãos. Antes, devemos ver que isso é uma prova do ensino das Escrituras, e devemos lembrar-nos de que quando a Igreja foi para o fundo do poço, nos seus períodos mais sem vida, foi invariavelmente quando ela se fizera subserviente à filosofia.

Vindo a tempos mais recentes, e aos nossos tempos, não seria um fato simples de se dizer, que o dano real à vida da Igreja nos dois

últimos séculos foi feito principalmente por seminários teológicos? Não teria sido ali que surgiu a dificuldade? Não foi nas igrejas. Foi nos seminários teológicos. Homens que se sentiram chamados para o ministério e foram recomendados pelas igrejas para o seu preparo ministerial, foram para os seminários como evangélicos e verdadeiros evangelistas, e saíram de lá negando tudo, às vezes até abandonando inteiramente a fé. Se não acontece isso, eles saem de lá mortos espiritualmente, tentando ser eruditos e tendo perdido o gume do seu zelo e do seu entusiasmo. Não apresentam mais a verdade fielmente. Estes são os fatos, puros e simples.

Portanto, se um evangélico não desconfia da razão e da erudição, não somente está deixando de entender o ensino das Escrituras, está cego para este claro testemunho da história da Igreja Cristã através dos séculos. A razão pela qual estou desenvolvendo e acentuando isto é que o movimento a que me referi ontem, o "novo evangelicismo", e assim por diante, está interessado na erudição, em minha opinião, no sentido errado. Isto faz parte do complexo de inferioridade dos evangélicos. Queremos ser considerados intelectuais e respeitáveis e, agindo assim, corremos o grave perigo de sujeitar-nos à filosofia, à razão, à erudição, e levará ao mesmo resultado conosco, como aconteceu com os que nos antecederam.

OUTROS TRAÇOS DO EVANGÉLICO

O que vem a seguir acerca do evangélico é que ele *assume um conceito especial sobre as ordenanças.* Não vou expor isto nesta manhã; espero fazê-lo amanhã. O evangélico, falando em termos amplos, sempre tem uma idéia profunda das ordenanças. Ele reconhece apenas duas, é claro, como os outros protestantes, mas a sua idéia destas muitas vezes o diferencia, e geralmente o diferencia dos que não são evangélicos.

O ponto seguinte que eu desejo defender é que o evangélico *tem uma visão crítica da história e da tradição.* Já salientei que ele dá atenção a isso, e grande atenção e, todavia, é crítico. A posição evangélica, vocês vêem, é de fato e sempre uma lâmina de faca. Há os dois lados, dois perigos, e o evangélico está aí, com essa lâmina de faca entre eles. Deixem-me expressá-lo nestes termos: o evangélico acentua o princípio de descontinuidade, antes que o de continuidade, a tradição. Obviamente, o catolicismo romano acentua o princípio de continuidade, a tradição. Assim faz a maior parte das denominações. Sei que seria muito interessante se eu me pusesse a examinar vocês, um por um, nesta manhã, e lhes

perguntasse, a cada um, porque pertence à denominação à qual pertence. Você veria que quase invariavelmente é um acidente, que você não decidiu isso pessoalmente. Alguns de vocês talvez sim, mas a maioria não. Na maioria, as pessoas são batistas, presbiterianas, metodistas, ou o que quer que sejam, simplesmente porque os seus pais o eram. Foram criados nisso. São inteiramente governados pela tradição. E vocês encontrarão bons elementos que, no momento em que vocês insinuam que há algo errado em sua denominação, podem inflamar-se, perder as estribeiras e defendê-la até à última trincheira, apesar de saberem muito pouco a respeito dela. Por quê? Porque estão atados por este princípio de tradição. E a idéia de sair da sua denominação é, para eles, o maior de todos os pecados!

Pois bem, isso não é evangélico. O evangélico crê no princípio de descontinuidade. Examinando a história da Igreja, ele vê como a Igreja, que era um corpo vivo, espiritual, sempre teve a tendência de se enrijecer e de fossilizar-se numa instituição morta. Ele compreende que este é o maior perigo, e assim, longe de ficar com medo do princípio de descontinuidade, sabe que só pode entender a verdadeira história da Igreja viva em termos de descontinuidade, as rupturas que se deram antes da Reforma, e particularmente na Reforma, e da Reforma em diante.

De igual modo, eu poderia ilustrar copiosamente com o ensino dos pais protestantes e outros, que o evangélico não está amarrado às decisões dos primeiros concílios da Igreja. Ele não se prostra servilmente perante elas. Examina-as, examina tudo à luz das Escrituras, mesmo os grandes pronunciamentos dos concílios e tudo mais.

Isso me leva ao ponto seguinte, que é que o evangélico é um homem que está *sempre pronto a agir com base em suas crenças.* Eu diria que esta é uma notável característica do evangélico. Há outros que estão dispostos a argumentar e a discutir, e até a mudar de opinião, todavia não fazem nada a respeito. O evangélico, porém, age com base em suas convicções. Jamais haveria protestanismo, se isso não fosse verdade.

Lutero agiu baseado naquilo que ele viu nas Escrituras, e assim foi com Calvino e Knox: todos estes homens agiram de igual maneira. E isto, para mim, é vital quanto ao evangélico. Ele não é teórico nem teorista; é uma alma viva, um homem que tem em si o Espírito, e quer agir baseado no que ele crê. Não tem medo de mudança e, naturalmente, como já mostrei, é por causa deste princípio que o *seu* perigo é fazer-se culpado de cisma. Pois, conquanto eu diga que ele desconfia da razão, tem a faculdade da

razão e faz uso dela; estuda as Escrituras; descobre a doutrina e é capaz de julgá-la verdadeira e é capaz de enxergar que as pessoas com as quais ele está relacionado não crêem nela. Ele diz: não posso continuar com isso, estou comprometendo a minha doutrina; tenho que agir com base na verdade. Esse é o evangélico. Todavia, como digo, o seu perigo é exagerar nisso e fazer-se culpado de cisma. Não obstante, ele é um homem que está pronto a mudar e pronto a agir fundado em sua crença, e isso é algo que o diferencia dos não evangélicos.

Deixem-me passar ao princípio seguinte, que é este: *o evangélico é um homem que sempre simplifica tudo*. Tudo se torna simples. Esta é uma grande característica do evangélico. Contrastem o que o evangélico crê com tudo o que se pede que o católico romano creia, e vocês verão como a Reforma simplificou a crença. Os reformadores começaram com o que eles chamavam "perspicuidade", clareza, das Escrituras. Roma tinha tornado a fé difícil e complicada, como os fariseus tinham tornado a lei judaica complicada com os seus comentários sobre ela e com a sua multidão de explicações. A religião transformou-se num grande volume de instruções, com autoridades que tinham de ser citadas para exibir conhecimento.

Ser evangélico sempre tem o efeito de simplificar as coisas e torná-las claras. O evangélico é um pensador claro. O católico nunca é um pensador claro; ele é complicado, é difícil, é sutil. Vocês terão grande dificuldade em segui-lo por causa do seu método complicado de argumentação. A filosofia é difícil, mas o evangelho, por contraste, é essencialmente simples.

O evangelho não somente simplifica a crença e a declaração de crença; ele sempre simplifica o nosso conceito sobre a ordem da Igreja e sobre o governo da Igreja. Esta é uma característica evangélica essencial. A linha de pensamento católico-romana sempre tem as suas hierarquias. O governo da Igreja é sempre complicado. Quanto mais evangélico for um homem, mais simples será a sua ordem da Igreja e a sua idéia de governo da Igreja.

O mesmo se aplica à sua idéia do culto. O culto evangélico, em contraste com outras formas, é sempre simples. O evangélico não acredita em paramentos, em vestir capas e mitras, e em trocar de paramentos para as diferentes partes do culto. Ele não acredita em cerimônias, liturgias e procissões. Tem aversão por formalismo. Ele crê na liberdade, na liberdade do Espírito. Esta é a característica essencial. Quando se perde o Espírito, e o homem deixa de ser evangélico, vocês verão que ele sempre trabalhará mais

elaboradamente a reunião do culto, introduzirá acréscimos à sua aparência, ao seu vestuário e ao que ele faz.

O formalismo é característica do não evangélico; a liberdade é característica do evangélico.

Na verdade, este princípio de simplicidade é um princípio que eu poderia mostrar a vocês com muita clareza pela história da Igreja, mesmo com relação aos edifícios. Os edifícios eclesiásticos do evangélico são sempre simples, ao passo que os dos católicos tendem a ser adornados e complexos. Este princípio de simplificação aparece na vida total do evangélico.

O ponto que vem em seguida e para o qual eu me apresso, é que o evangélico está *sempre interessado na doutrina da Igreja*. Agora, estou com alguma dificuldade neste ponto porque sempre foi a minha crítica ao "IVF" na Grã-Bretanha e a todos os movimentos similares noutras partes do mundo, que não temos dado suficiente atenção à doutrina da Igreja, e nisso não temos sido tão evangélicos como devíamos. No transcurso dos séculos, o evangélico tem se preocupado muito com a doutrina da Igreja. É por isso, geralmente, que ele deixou diferentes segmentos da Igreja, ou diferentes agrupamentos, ou denominações. Ele se preocupa com uma Igreja pura. A sua idéia da Igreja é que ela consiste da reunião dos santos. Ele não crê numa Igreja estatal. Ele se preocupa vitalmente com a sua idéia correta da natureza da Igreja Cristã. Pode-se ver com muita clareza na história da Igreja que o grande conflito através dos séculos foi entre o institucionalismo e um organismo vivo de pessoas crentes. A doutrina da Igreja é, pois, uma doutrina vital. Lamento, mas não posso alongar agora a digressão sobre este assunto. Por enquanto, só chamo a atenção de vocês para isso.

INTERESSES SUPERIORES

O que vem logo em seguida, é claro, quanto ao evangélico, é *a tremenda ênfase que ele dá ao novo nascimento*. Isso é absolutamente básico para ele; ele não está interessado na ortodoxia morta, não está interessado no escolasticismo protestante. Isto para mim é um importante ponto de diferenciação na época atual. O evangélico dá ênfase ao novo nascimento: um novo começo, nascidos do Espírito, nova vida em Cristo, e participantes da natureza divina. Não tenho necessidade de dar ênfase a isto aqui, estou certo, mas vocês verão que, quando os homens deixam de ser evangélicos, cada vez dão menos ênfase à regeneração, e tendem a dar cada vez mais ênfase à atividade da vontade humana e à decisão da pessoa

individual. O evangélico, no entanto, vê tudo em termos de regeneração, da ação de Deus. Diz ele: sou o que sou pela graça de Deus; e se surpreende consigo mesmo. Esta é a característica evangélica, mas deixem-me acrescentar algo a isso.

Por causa disso, o evangélico não está meramente interessado na necessidade de vida e de poder; ele dá ênfase a isso com a totalidade do seu ser. Vejam a questão do pietismo. A palavra pietismo veio a ser um termo quase pejorativo nos dias atuais, e um termo de insulto. Estou ficando muito cansado com os ataques feitos por evangélicos ao pietismo. Eu afirmo que o verdadeiro evangélico sempre é pietista, e que é isso que o diferencia de uma ortodoxia morta. Eu me referi anteriormente às origens do pietismo no continente europeu. Arndt, Spener, Francke e os que os seguiram – o movimento pietista – surgiram como um protesto, porque, desafortunadamente, dentro de cem anos desde a Reforma Protestante, tanto os luteranos como os reformados se fixaram numa ortodoxia morta. A mesma restauração aconteceu na Inglaterra, sob um homem chamado William Perkins. O próprio Calvino era conhecido e descrito como teólogo do Espírito, e isso está certo. Nos verdadeiros evangélicos, como se vê nos puritanos e num homem como Jonathan Edwards, na América, o elemento pietista é muito proeminente no ensino que ministram, e sempre deve ser. O evangélico não é *meramente* um homem ortodoxo. Podem existir homens muito ortodoxos, mas que estão mortos, e realmente vocês sentem que não podem ter comunhão com eles; a religião deles é totalmente intelectual. Ora, isso não é ser evangélico.

O evangélico tem uma crença bíblica verdadeira e correta, mas não fica nisso. Ele põe esta grande ênfase sobre a vida, de modo que, nos círculos evangélicos, vocês verão sempre que é grande a ênfase sobre o estudo da Bíblia, pessoal e comunitário, verão que é dada grande atenção a exposições das Escrituras e à oração. A oração é vital na vida do evangélico.

Mesmo com relação a este movimento, o "IFES", conheci homens de certos países que eram total e completamente ortodoxos, porém as igrejas a que eles pertenciam não só não tinham reuniões de oração, mas também não acreditavam em reuniões de oração. Não se poderia desejar nada melhor, do ponto de vista da ortodoxia, entretanto elas não acreditavam em reuniões de oração. A oração teve bem pouco lugar nas suas vidas. Pois bem, embora talvez tenham sido ortodoxas, tomo a liberdade de opinar que elas não eram verdadeiramente evangélicas. Este elemento de oração é essencial ao evangélico; é a sua vida; é vital para ele. Vocês verão

que, quase invariavelmente, os evangélicos formaram sociedades religiosas para a leitura da Bíblia, para discuti-la juntos, para oração e para compartilhar as suas experiências. Havia essas coisas no pietismo do continente europeu e entre os puritanos na Inglaterra; tinham essa classe de reuniões os metodistas e as sociedades que vieram a existir no século dezoito. Esta é a grande característica do movimento evangélico.

Não somente isso, os evangélicos dão grande atenção ao modo de viver das pessoas. Eles são estritos em seu comportamento. Esta costumava ser uma das mais proeminentes características do movimento evangélico. Lembro-me de que, nos meus primeiros contatos com o movimento estudantil, as pessoas do "SCM" e outras costumavam descrever os que pertenciam às uniões evangélicas, os evangélicos, nestes termos: ah, é gente que não vai ao cinema, não bebe, não fuma. Não creio que digam isso deles agora. Houve uma grande mudança, todavia eu sou um daqueles que acreditam que há muita coisa que se pode dizer a favor da velha posição. O evangélico é cuidadoso quanto à sua vida, tem o cuidado de praticar boas obras, de levar uma vida que esteja livre de reprovação, de não ser um empecilho ou um obstáculo para o irmão mais fraco. A grande ética, a ênfase dada à santidade no Novo Testamento, é algo a que os evangélicos sempre deram grande valor. Eram chamados puritanos por essa razão; eram chamados metodistas porque eram metódicos e zelosos. Não se contentavam meramente com uma fé intelectual. Não, toda a sua vida tinha que ser governada pela sua doutrina. "E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 João 3:3). A ênfase dada à santidade na vida pessoal e na vida da Igreja é uma grande característica do movimento evangélico.

Ainda outra característica é *o interesse do evangélico por avivamento*. As únicas pessoas que estão sempre interessadas em avivamento são os evangélicos, e uma boa maneira de testar a qualidade do espírito evangélico de um homem é o seu interesse por avivamento. Gente institucional não fala muito em avivamento. Às vezes tenta falar, da boca para fora, em seu favor, mas não acredita nisso. Essa gente é governada por sua eclesiologia etc. Por outro lado, o verdadeiro evangélico está sempre ansioso por um derramamento do Espírito, e os grandes despertamentos evangélicos sempre foram resultado de uma efusão do Espírito Santo. O evangélico, por natureza, está tremendamente interessado em avivamento.

A seguir, naturalmente, o evangélico *sempre dá primazia à pregação*. Quando as pessoas deixam de interessar-se pela prega-

ção, deixam de ser evangélicas. Se vocês puserem as discussões à frente da pregação, estarão começando a negar o seu espírito evangélico. A Igreja sempre começa com a pregação. Os avivamentos, as reformas, sempre foram grandes restaurações da pregação. Para o evangélico, nada se compara com a pregação. Mesmo a leitura é muito secundária em relação à pregação –"a verdade mediada pela personalidade", o impacto de um homem cheio do Espírito, proclamando a mensagem de Deus!

O meu último ponto é que o evangélico é um homem que está *sempre preocupado com a evangelização.* Há pessoas ortodoxas, mas não interessadas na evangelização. Nisso não são evangélicas. Evangélico é o homem que, pelo que Deus fez por ele, deseja que os outros obtenham o mesmo. Não somente isso; ele vê algo da glória, da majestade e da soberania de Deus; ele crê na existência do inferno, nas penas eternas; e ele se preocupa com os que estão perecendo nas trevas espirituais ao seu redor. Eles são um fardo para ele, e ele não ficará satisfeito enquanto não fizer o máximo que puder para levá-los ao conhecimento da verdade como esta é em Cristo Jesus.

De maneira bastante ligeira, procurei fazer-lhes uma descrição do caráter de uma pessoa evangélica. Na próxima preleção espero considerar com mais detalhes o que ele crê. Oremos:

Ó Senhor nosso Deus, voltamos a Ti, e nos admiramos cada vez mais, ó Senhor, que nos tenhas contemplado e nos tenhas confiado estas verdades. Ó Deus, tem misericórdia de nós. Humildemente oramos, rogando-Te que olhes por nós e nos fales mediante a Tua Palavra. Envia o Teu Espírito sobre ela e sobre nós. Ó Deus, dá-nos este interesse vivo e vigoroso. Desperta-nos, Ó Senhor, para os perigos da hora em que vivemos, das contingências desta situação moderna. Senhor, mantém-nos humildes, livra-nos de um espírito hipócrita, mas capacita-nos a concentrar-nos em Tua glória e em Teu louvor, e, depois, a interessar-nos e preocupar-nos pelas almas dos homens e das mulheres. Continua, ó Senhor, entre nós no dia de hoje, com a Tua bênção e com a Tua graça. É o que Te pedimos em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

III

Estive argumentando no sentido de que o grande chamamento a nós dirigido no presente é para que batalhemos zelosamente pela fé. Ou, se vocês o preferirem nas palavras do apóstolo Paulo,

devemos estar firmes "num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho" (Filipenses 1:27). Temos considerado as razões pelas quais, devido a certas tendências que surgiram e a certas afirmações que foram feitas, tornou-se essencial que mais uma vez definamos exatamente o que queremos dizer com evangélico. O que podíamos supor até dez anos atrás, não podemos supor mais. Mudanças sutis estão acontecendo, como descrevi na primeira preleção, e estas nos compelem a fazer de novo a pergunta: que é um evangélico?

Ontem tivemos uma visão geral da pessoa evangélica, e eu atribuo grande importância e significação à visão geral. A maneira como um homem geralmente pensa, a sua perspectiva, às vezes nos fala tanto sobre ele como o que ele nos diz em detalhe. De fato, por vezes, fala-nos até mais.

Podemos agora passar à maior consideração dos detalhes e perguntar o que é que, em particular, desejamos ver num evangélico, e o que o evangélico deve crer. Obviamente, como os séculos o demonstram com tanta clareza, esta não é uma questão fácil, no entanto devemos tentar resolvê-la. O nosso interesse principal, lembro-lhes mais uma vez, não é que possamos ser exclusivos. Devemos ser tão *inclusivos* quanto pudermos, traçando, contudo, algumas linhas que consideramos essenciais.

Pode-se tomar como líquido e certo que todos nós concordamos em que devemos subscrever uma base doutrinária como a que se acha na constituição do "IFES". Quando essa base foi redigida, o objetivo era declarar as coisas que considerávamos, e ainda consideramos, como sendo essenciais e vitais. Não podemos, porém, ler essa base doutrinária, sem observar que há muitas doutrinas ligadas à fé cristã que não são sequer mencionadas. Estas omissões levantam o problema que devemos considerar.

VERDADES FUNDAMENTAIS E VERDADES SECUNDÁRIAS

Evidentemente, consideramos certas verdades como essenciais; há outras que, embora digamos que são importantes, e muito, não as propomos como *essenciais*. O que temos que fazer, pois, é traçar uma distinção básica entre verdades e doutrinas que insistimos que são essenciais ou fundamentais, e outras concernentes às quais pode haver legítima divergência de opiniões.

Vou começar com as verdades que nós consideramos como essenciais; mas toda a minha ênfase, e o argumento que estou

tentando lhes apresentar, é que já não basta mais tomar estas declarações meramente como são. Temos que desenvolvê-las, temos que defini-las mais minuciosamente, e temos que fazê-lo devido a mudanças recentes, e devido sermos confrontados pelo fenômeno das pessoas subscreverem fundamentos da fé com o que chamam de reservas mentais. Em vista disso, temos o direito de fazer ao povo certas perguntas, ou, se vocês preferirem, estamos habilitados e somos compelidos a definir as nossas declarações de maneira um tanto mais detalhada.

Assim, o que vou fazer é pressupor estas doutrinas básicas declaradas nesta base da fé, as quais, suponho, todos vocês conhecem bem, mas vou destacar algumas destas verdades mais particularmente, à luz da presente situação. Procedendo assim, estou simplesmente tentando fazer o que os nossos antepassados fizeram.

Tomem qualquer confissão de fé redigida no passado. Vocês verão sempre que, em acréscimo à formulação de declarações da fé como ela é aceita por pessoas verdadeiramente cristãs, foram além disso, e definiram estas verdades à luz de certos problemas e circunstâncias que prevaleciam naquele tempo, nos seus dias e na sua geração.

Por exemplo, é obvio que na Confissão de Augsburgo, e em várias outras confissões protestantes originais, os autores expuseram deliberadamente a sua fé positiva, à luz da errônea fé católico-romana. Isto é sempre necessário. Vejam os credos mais antigos, o de Atanásio e outros. Obviamente, estes foram escritos e elaborados, não meramente para se fazerem declarações positivas da fé, e sim também para contrapor-se a certas heresias que tinham surgido naquele tempo, tais como a heresia ariana e outras.

Agora opino que temos de fazer a mesma coisa. É por isso que estive asseverando que não devemos apenas adotar, subscrever e continuar defendendo servilmente as confissões e os credos que chegaram até nós. Devemos ir além e mostrar a relevância dessas declarações para os nossos dias e para a nossa geração.

JUSTIFICANDO UMA DISTINÇÃO VITAL

Agora vou fazer isso, e também terei que fazer uma segunda coisa, a saber, justificar esta distinção entre as doutrinas essenciais (nas quais devemos insistir), e outras doutrinas que, apesar de as considerarmos verdadeiras, não descrevemos como essenciais. Precisamos diferenciá-las. Vocês podem ver por que surge a

necessidade disso. No momento em que você afirma as verdades básicas e essenciais, você se separa das pessoas heterodoxas ou que virtualmente não têm fé nenhuma, que meramente dizem, talvez, que crêem em Deus, embora nem sequer definam o que querem dizer com isso. No momento em que faz isso, você é confrontado por outro problema mais. Havendo-se separado dos incrédulos, ou de falsos confessantes da fé cristã, você agora se defronta com o problema da manutenção da unidade entre os que compartem a sua fé. Como procurei mostrar, quando as pessoas levam a sério a doutrina, desenvolve-se nelas a tendência, não talvez de levá-la demasiadamente a sério, mas de se tornarem tão específicas e rígidas que se põem a exigir demais, e colocam na categoria de essencial o que deveria ser considerado como não essencial. Temos que ser cautelosos para não cairmos nesse erro. Apesar de ser nosso dever elaborar o significado das verdades essenciais, mesmo que isso cause divisão, também é certo que devemos estabelecer esta distinção entre as coisas essenciais e as não essenciais. Se os evangélicos não fizerem isso, seremos reduzidos a átomos e divididos de maneira tal, que deixaremos de ter qualquer valor e deixaremos de dar testemunho como um corpo uno neste mundo moderno e necessitado.

É uma distinção muito antiga, esta que vou traçar entre os pontos essenciais e os não essenciais. Permitam-me oferecê-la a vocês nas palavras de Calvino, nas *Institutas*, Livro 4, Capítulo I, Seção 12, onde ele a expõe com muita clareza:

> Pois nem todos os artigos da doutrina verdadeira são da mesma espécie. Alguns são tão necessários conhecer que deveriam ser indubitáveis e incontestáveis para todos os homens como sendo os princípios próprios da religião. São eles: Deus é um só; Cristo é Deus e o Filho de Deus; a nossa salvação repousa na misericórdia de Deus; e pontos semelhantes. Entre as igrejas há outros artigos de doutrina discutidos que, todavia, não rompem a unidade da fé. Suponhamos que uma igreja creia – sem contenda desenfreada e sem obstinação opiniática – que as almas, ao deixarem os corpos, voam para o céu; ao passo que outra, não ousando definir o lugar, esteja convicta, porém, de que elas vivem para o Senhor. Que igrejas discordariam sobre esse ponto? Eis as palavras do apóstolo: "Pelo que, todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo; e, se sentis alguma coisa doutra maneira, também Deus vo-lo revelará" (Filipenses 3:15). Isto não indicaria suficientemente que uma diferença de opinião sobre estas questões não

essenciais não deveria ser, de modo nenhum, base de cisma entre cristãos? Primeiro e acima de tudo, deveríamos concordar em todos os pontos. Mas, desde que todos os homens são um tanto obscurecidos pela ignorância, ou não deixaremos nem uma igreja sobrando, ou temos que perdoar o erro nas questões que podem permanecer desconhecidas sem dano à substância da religião e sem perda da salvação.

Aqui, no entanto, não apoiaria nem os erros mais leves com a idéia de fomentá-los pela adulação e conivência. Mas eu digo que não devemos abandonar irrefletidamente a Igreja devido a discussões de somenos importância. Porquanto, somente nela se mantém segura e impoluta aquela doutrina na qual a piedade se mantém íntegra e se resguarda o uso dos sacramentos ordenados pelo Senhor.*

Essa, penso eu, é uma perfeita exposição da posição que estou tentando apresentar a vocês. Assim, com essa introdução, e tendo em mente o perigo de ir ao errôneo extremo de frouxidão, desleixo e indiferença por um lado, e excessiva rigidez e exagerado particularismo por outro, vamos ao trabalho.

A primeira coisa que estou desejoso de realizar é fazer alguns comentários sobre estas coisas que, concordamos, são essenciais. Estou dizendo que temos de detalhar um pouco mais aquilo que afirmamos aqui nesta base da fé. De fato, aventuro-me a sugerir que até mesmo podemos acrescentar algo que ajudará a esclarecer a situação atual.

NECESSIDADE DE FAZER OPOSIÇÃO À INDIFERENÇA DOUTRINÁRIA

À luz da situação na qual nos achamos, sugiro que seria uma boa coisa declararmos franca e claramente que somos anti-ecumênicos. Por que começo com uma negativa como essa? Pela razão seguinte, que hoje temos que afirmar e defender a posição de que *a doutrina é realmente vital e essencial.* O movimento ecumênico, embora apoiando de lábios um mínimo de declaração de fé, está baseado meramente na indiferença doutrinária. Creio que isso é geralmente aceito. Não se pode ter um movimento ecumênico do tipo contemporâneo sem esse indiferentismo. Mesmo que os ecumenistas

---

* Calvino: *Institutes of the Christian Religion*, trad. de F.L. Battles, ed. J. T. McNeill, vol. 2, SCM Press, 1961, pp. 1025-26.

aleguem que fazem uma subscrição geral da fé em Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo o testemunho das Escrituras, não podemos considerar isso como suficiente, porque se negam a testar a subscrição entre eles. Noutras palavras, eles recusam qualquer elemento de disciplina, e isso, parece-me, é imediatamente uma coisa que proclama indiferença. Não adianta ter um teste de fé se você não insiste nisso, e se não submete os signatários ao teste. Não podemos admitir essa categoria de "reserva mental". Na verdade, somos obrigados a dizer isso pelo fato notório de que há homens no movimento ecumênico que, em seus livros, artigos e declarações, mostram claramente que negam o que nós consideramos muitos dos pontos essenciais da fé cristã.

Naquele movimento há homens proeminentes acerca dos quais é duvidoso se sequer são teístas. Não é o que eu digo deles, é o que eles mesmos dizem em seus livros, e todos nós sabemos desses fatos.

Por isso começamos asseverando a vital importância da doutrina, e de sermos claros quanto à nossa doutrina e à nossa fé e, assim, não temos comunhão com aqueles que não insistem na centralidade da doutrina. Embora soe como um ponto negativo, é, em última instância, um ponto muito positivo. Evidentemente, nada temos em comum com pessoas que não insistem desta maneira em claras declarações da doutrina e da verdade.

Havendo dito isso, agora vamos tratar de algumas particularidades que são mencionadas na base da fé em que concordamos. Preciso fazer comentários específicos sobre algumas delas.

AS ESCRITURAS: A ÚNICA E PLENA AUTORIDADE

A primeira é a doutrina das Escrituras. A base da fé diz: "Cremos na inspiração divina e na total fidedignidade das Escrituras Sagradas como foram dadas originariamente, e em sua autoridade suprema em todas as matérias de fé e conduta". Eu afirmo que não basta dizer apenas isso; temos que ir além. Há pessoas que se dizem signatárias dessa doutrina e que, parece-me, quanto a algumas das suas declarações, levantam dúvidas muito sérias sobre se elas a aceitam realmente.

Por isso temos que dizer algumas coisas específicas, tais como que as Escrituras são a nossa *única* autoridade; não somente a "suprema" autoridade, e sim a nossa única autoridade. Digo isto para salientar que não aceitamos a tradição como autoridade em

nenhum sentido desse termo. Rejeitamos o ensino católico-romano quanto à tradição, ensino que é, como vocês sabem, que a tradição é igual às Escrituras em autoridade. Os católicos romanos não negam a autoridade das Escrituras, porém atribuem à tradição, a tradição elaborada na igreja e pela igreja, autoridade igual à das Escrituras. E nessa tradição eles afirmam que receberam revelação subseqüente ao fim do cânon do Novo Testamento.

Rejeitamos isso, mas também rejeitamos outro conceito de tradição que é muito mais sutil e muito mais perigoso, e que, nós vemos com grande pesar, tem se infiltrado nas mentes de alguns evangélicos nestes últimos poucos anos. Qual será esta outra idéia de tradição? Bem, trata-se de um ponto de vista primeiramente elaborado por John Henry Newman no século passado. Newman escreveu um livro sobre o desenvolvimento da doutrina na Igreja. Ele se expressou mais ou menos assim, que não devemos dizer que a Igreja recebeu nova revelação, todavia que a Igreja, graças à sua experiência e ao seu entendimento, com o passar dos séculos, tem sido capaz de descobrir o que antes estava apenas implícito nas Escrituras, e tem sido capaz de extraí-lo. Esta é a nova e mais sutil maneira pela qual a idéia de tradição está sendo reapresentada e à qual tem sido dada grande proeminência.

É dessa maneira que os homens podem justificar certas práticas, como o episcopado e outras, e ainda ter a pretensão de que são guiados pelas Escrituras. Eles dizem que está certo que o episcopado não é concretamente ensinado nas Escrituras, porém que ele está ali "implicitamente", e que a mente e a experiência da Igreja foram guiadas pelo Espírito Santo para extraí-lo, para pô-lo a descoberto, e para explicar o seu significado. Desse modo vocês vêem entrar a tradição, não talvez como uma autoridade igual, mas como uma autoridade muito importante e que justifica certas outras crenças e práticas. Sugiro que salientemos que as Escrituras são a nossa *única* autoridade, e que, com relação à autoridade, não devemos dar nenhum lugar à tradição, de forma alguma.

Certamente os evangélicos dizem que podemos aprender das exposições das Escrituras feitas pelos pais através dos séculos, mas não reconhecemos essas fontes como autorizadas, em nenhum sentido.

Além disso, parece que temos que explicar muito mais claramente a idéia geral de revelação. É difícil fazer isso numa breve exposição. A base fala na "inspiração divina e na total fidedignidade", no entanto devemos ir além. Temos que asseverar hoje esta categoria da revelação. Temos que excluir a noção de que os

homens chegaram à verdade como resultado de pesquisa e reflexão, ou por meio da filosofia. Devemos afirmar que ela foi inteiramente outorgada, que "homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:21), ou, como Paulo constantemente lembra aos seus leitores, que o seu evangelho não é dele próprio, "porque não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo" (Gálatas 1:12). Temos que sublinhar, de maneira nova e muito definida, toda a noção de revelação e também, da mesma maneira, de inspiração, mostrando que por inspiração não queremos dizer que estes homens foram inspirados do modo como certos poetas foram "inspirados" e receberam vislumbres da verdade, e sim, que eles de fato foram dirigidos pelo Espírito Santo. "Produzida", como Pedro escreve em 2 Pedro 1:21, ou como Paulo o expressa em 2 Timóteo 3:16 (VA): "Toda a Escritura foi dada por inspiração de Deus"; (ARC): "divinamente inspirada". Estas coisas devemos asseverar específica e particularmente.

Do mesmo modo temos que afirmar hoje que cremos que as Escrituras contêm verdades em termos de proposições. Esta com freqüência tem sido a linha divisória entre evangélicos e pseudo-evangélicos. Tenho notado, com o passar dos anos, que um dos primeiros pontos que indicam um afastamento da posição evangélica é quando os homens começam a fazer objeção à verdade proposicional e a rejeitá-la, como fez Karl Barth e como muitos dos seus seguidores ainda fazem. Entretanto, nós afirmamos que na Bíblia há proposições, verdades declaradas em forma proposicional, quanto a Deus, Seu Ser e Seu caráter, e muitos outros assuntos. Temos que afirmar este fator de verdade proposicional.

De igual modo, temos que asseverar particularmente o elemento sobrenatural das Escrituras. Que é que eu quero dizer? Bem, temos que acentuar que nós cremos na profecia no sentido de predição. A ênfase hoje é sobre a proclamação. Admitimos e concordamos que a profecia é proclamação, mas, acima disso, é predição. Para mim, um dos mais profundos argumentos em prol da inspiração única das Escrituras é a veracidade da profecia, o cumprimento das profecias. Temos que dar ênfase a esta extraordinária manifestação do sobrenatural.

Também temos que insistir em que se deve crer na verdade literal e na historicidade dos milagres do Velho e do Novo Testamentos, porque há pessoas que dizem que ainda podem subscrever nossa declaração geral acerca da inspiração e da autoridade das Escrituras, e que cada vez mais estão negando a historicidade de

muitos milagres do Velho Testamento e, na verdade, estão tentando explicar alguns dos milagres do Novo Testamento em termos da ciência ou da psicologia. Devemos asseverar a historicidade destas manifestações do sobrenatural.

Depois, o que se deve dizer em seguida sob este título das Escrituras, é que devemos crer na Bíblia toda. Devemos crer no conteúdo histórico da Bíblia, como também em seu ensino didático. Deixar de fazê-lo é sempre uma indicação de afastamento da verdadeira posição evangélica. Hoje em dia há homens que dizem: oh, sim, nós cremos na Bíblia e na sua autoridade suprema em matéria de religião, porém, naturalmente, não vamos à Bíblia em busca de ciência; vamos à Bíblia em busca de socorro para as nossas almas, de salvação, ajuda e instrução para o modo de viver a vida cristã. Dizem eles que há, por assim dizer, duas grandes autoridades e dois grandes meios de revelação: as Escrituras e a natureza. Estas, dizem eles, são complementares, são colaterais e, assim, você pode consultar as Escrituras em questões concernentes à sua alma, entretanto não deve procurar nelas outra revelação de Deus na natureza. Para isso você vai à ciência.

Vocês conhecem esse conceito que, parece-me, não só é extremamente perigoso, mas tende a solapar toda a nossa posição. Temos que contestar isso, e contestá-lo vigorosamente. Há uma coisa quanto a esta tendência atual que me espanta, e é que aqueles que a defendem parecem pensar que estão dizendo algo inteiramente novo; todavia não é novo. É precisamente o que Ritschl e os seus seguidores estiveram ensinando há cem anos. "Juízos de fato" e "Juízos de valor", como eles lhes chamavam. É apenas um retorno a isso. Foi assim que os evangélicos se desviaram no século passado, na década de 1840 e subseqüentemente. Foi precisamente dessa forma que aconteceu. Seu argumento foi que eles estavam meramente querendo defender a verdade do evangelho contra este crescente ataque proveniente do campo da ciência natural. E esse foi o método que adotaram. Eles sustentavam que à Bíblia só interessa a verdade "religiosa" e, assim, seja o que for que a ciência descubra, não pode afetar essa verdade.

Nossos amigos hoje, pelo mesmo motivo – concedamos que o motivo deles é bom e verdadeiro – estão fazendo exatamente a mesma coisa. Parece-me que, fazendo isso, eles estão na mesma vereda dos seguidores de Ritschl e outros, e isto sempre termina no mesmo resultado, a saber, que o próprio evangelho fica comprometido. Devemos asseverar que cremos na historicidade dos primeiros capítulos de Gênesis e, de fato, de todo o conteúdo histórico da Bíblia.

CRIAÇÃO, NÃO EVOLUÇÃO

Aceitamos o ensino bíblico relativo à criação, e não baseamos a nossa posição nas teorias da evolução, qualquer que seja a teoria particular que as pessoas se decidam a defender. Devemos asseverar que cremos na existência do primeiro homem, chamado Adão, e da primeira mulher, chamada Eva. Rejeitamos toda e qualquer noção de um homem pré-adâmico por que é contrária ao ensino das Escrituras.

Agora, alguém poderá perguntar: por que você se preocupa com isso? É essencial à sua doutrina da salvação? Você não estaria caindo justamente no erro de exagerada particularização, da qual nos advertiu no início? Minha opinião é que não estou, e por estas razões: se dizemos que cremos que a Bíblia é a palavra de Deus, devemos dizer isso da Bíblia toda, e quando a Bíblia se nos apresenta como história, devemos aceitá-la como história. É minha convicção que os primeiros capítulos de Gênesis, os três primeiros capítulos de Gênesis, são-nos dados como história. Sabemos que há figuras e símbolos na Bíblia, e quando a Bíblia usa símbolo e parábola, indica que está fazendo isso, mas quando nos apresenta algo na forma de história, exige que o aceitemos como história.

Portanto, devemos sustentar o princípio vital a que me referi anteriormente, o princípio da integridade e do estreito interrelacionamento de todas as partes da mensagem Bíblica. A Bíblia não faz meramente afirmações acerca da salvação. É um todo completo: ela nos fala da origem do mundo e do homem; conta-nos o que aconteceu ao homem, como ele caiu e surgiu a necessidade da salvação, e depois ela nos conta como Deus providenciou esta salvação e como Ele começou a revelá-la em partes e porções. Nada é tão admirável quanto à Bíblia como a sua integridade, o perfeito interrelacionamento de todas as partes.

Estes primeiros capítulos de Gênesis, portanto, com sua história, desempenham um papel vital em toda a doutrina da salvação. Vejam, por exemplo, o argumento do apóstolo Paulo na Epístola aos Romanos 5:12-21. Toda a argumentação de Paulo baseia-se naquele Adão e em seu pecado, e no contraste com o outro homem, o Senhor Jesus Cristo e Seu ato grandioso. Vê-se exatamente a mesma coisa em 1 Coríntios, capítulo 15; todo o argumento do apóstolo repousa na historicidade. De fato, parece-me que uma das coisas que temos de asseverar, nestes dias em particular – e deveria ser asseverado sempre – é que o nosso evangelho, a nossa fé, não é um ensino; não é uma filosofia; é primariamente uma história.

Os apóstolos, vocês se lembram, no dia de Pentecoste, cheios do Espírito Santo, falavam das maravilhosas obras de Deus. As obras de salvação são atos de Deus! A Bíblia é um registro da atividade de Deus. A salvação não é uma idéia; é algo que resulta de ações que aconteceram ao longo da história. A historicidade é uma questão deveras vital. Como digo, é a chave para o entendimento da elaboração que o apóstolo faz da sua doutrina da salvação.

Em acréscimo a isso, por certo, surge toda a questão da Pessoa do nosso Senhor. Evidentemente Ele aceitava esta história, referia-Se a Adão e, falando sobre o casamento, é evidente que Ele aceita a historicidade daquela porção das Escrituras (Mateus 19:4-5). Contudo, inteiramente à parte disso, se você não aceitar esta história e preferir acreditar que o corpo do homem desenvolveu-se como resultado de um processo evolutivo, e que Deus tomou um daqueles humanóides, ou o que quer que se lhes chamem, fez algo com ele e transformou-o num homem, você ainda fica com a questão de como explicar Eva, pois a Bíblia é muito específica quanto à origem de Eva. Todos os que aceitam, nalguma forma, a teoria da evolução no desenvolvimento do homem, deixam completamente de explicar o ser, a origem e a existência de Eva. Assim, há dificuldades científicas, como também estas dificuldades teológicas muito sérias, todavia há um aspecto geral desta matéria particular que me parece, num sentido, mais importante ainda.

Desse modo, esses bons amigos que, como eles acham, estão protegendo a mensagem cristã de salvação ao traçarem essa distinção, estão, creio eu, fazendo precisamente o que a igreja católica romana fez com relação a Copérnico e outros. Vocês recordam como a igreja católica romana se opôs às descobertas feitas por esses homens. Por que agiu assim? Bem, ela o fez porque estava atada ao ensino filosófico grego quanto ao mundo natural. Esse ensino era oriundo da razão pura, não da observação ou de alguma investigação científica. Os filósofos tinham refletido nisso e tinham lançado certas proposições absolutas acerca do mundo e acerca do cosmos, de modo que, quando aqueles homens de ciência apareceram e disseram que tinham descoberto isto e aquilo, isso foi rejeitado. Por quê? Porque tal igreja não estava tão ligada ao ensino das Escrituras como estava ao ensino de Aristóteles e doutros filósofos, e assim ela se viu em dificuldade; viu-se negando o que é verdade e fato.

Pois bem, aqui está, parece-me, aquilo mesmo que certos evangélicos estão inclinados a fazer atualmente. Estão se prendendo ao ensino científico moderno, e não há nada mais perigoso do que isso. Devemos basear-nos exclusivamente nas Escrituras e, se

isto sempre foi verdade, parece-me que é verdade especialmente hoje. Estamos vivendo numa era de grande mudança, de grande mudança científica. A teoria dos quanta e a obra de Einstein introduziram uma revolução em toda a esfera da ciência. Vejam, por exemplo, o dogmatismo com que os cientistas falavam no século passado, como eles falavam sobre "as leis absolutas da natureza", e assim por diante, mas eles não fazem mais isso, e não podem fazê-lo. Hoje tudo é indeterminado. Os cientistas agora dizem que aquilo que chamávamos leis da natureza são simplesmente uma diminuta parte da totalidade da verdade. Isso é tudo o que descobrimos até aqui, porém eles estão vendo cada vez mais que o seu conhecimento é muito limitado.

A própria ciência moderna nos ensina que não seremos anti-científicos nem obscurantistas se não aceitarmos afirmações como verdade absoluta e como fato simplesmente porque feitas por grandes e proeminentes cientistas. Sabemos que grandes cientistas fizeram afirmações muito dogmáticas no passado, afirmações agora comprovadamente erradas. Eles ensinavam com grande confiança, há cem anos, que as glândulas tireóide e pituitária eram órgãos vestigiais, e as pessoas acreditaram neles. Foi porque eles acreditaram nessas asserções, que muitos evangélicos tiveram a sua fé abalada em meados do século passado. Hoje sabemos que essas asserções estavam erradas. Tudo o que eu estou dizendo é que nos é muito perigoso basear a nossa posição, a nossa exposição das Escrituras, nos pronunciamentos da ciência. Estes são mutáveis, estão em movimento constante. Indeterminação é a regra hoje, não determinação, pelo que devemos ser humildes. E embora admitamos que não podemos explicar tudo, e que certas coisas estão nos sendo apresentadas, as quais não podemos explicar, eis o que devemos dizer: desde que o Espírito deu testemunho dentro de nós da veracidade das Escrituras, cremos que tudo quanto é afirmado nas Escrituras acerca da criação, acerca de todo o cosmos, é verdade porque Deus o disse, e embora as Escrituras possam parecer estar em conflito com certas descobertas da ciência no presente, exortamos as pessoas a serem pacientes, assegurando-lhes que, finalmente, os cientistas descobrirão que estiveram elaborando em erro, num ponto ou noutro, e por fim verão que as declarações das Escrituras são verdadeiras. Por conseguinte, baseamos a nossa posição unicamente nas Escrituras, e esse sempre foi o conceito protestante sobre as Escrituras. Há dois testemunhos da veracidade das Escrituras em todas as suas partes: o testemunho externo do Espírito na própria Palavra; e o *testimonium Spiritus internum*, o testemunho interno

do Espírito em nós, dando-nos a certeza de que esta é a Palavra de Deus. *

Vocês vêem a importância da necessidade de trabalhar elaboradamente as nossas declarações doutrinárias na presente hora. Há alguns que dizem: sim, eu aceito isso; não mudei de opinião sobre a sua base da fé e sobre o que ela diz acerca das Escrituras. Mas quando você falar com eles detalhadamente, verá que se afastaram desta maneira grave, e eu opino, desta maneira radical, da verdadeira posição do evangélico.

A QUEDA E O MAL

Vamos adiante e asseveremos que devemos sublinhar o fato da queda histórica do primeiro homem, e que isso aconteceu da maneira descrita no capítulo três de Gênesis. Se podemos entendê-lo ou não, não é a questão. É isso que nos foi narrado, e o apóstolo Paulo, em 2 Coríntios 11:3, lembra aos Coríntios que "a serpente enganou Eva". Você não pode tratar levianamente estes fatos sem comprometer a inspiração dos apóstolos e, em última análise, a Pessoa do nosso Senhor. Logo você estará dizendo que Ele foi um filho da Sua época, que Ele era ignorante em certos aspectos, que Ele tinha apenas o conhecimento científico do Seu tempo, e assim por diante. Você começa a inquirir e a questionar as Suas afirmações e, finalmente, você não terá nenhuma autoridade a que recorrer.

Necessitamos aceitar a historicidade de Gênesis, capítulo 3, e o seu relato da Queda. Se você não aceitar isso como fato histórico, irá excluir da sua fé um dos mais admiráveis e consoladores fatos ligados à nossa fé, o proto-evangelho de Gênesis 3:15, a gloriosa promessa de que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, a primeira profecia concernente ao nascimento virginal de Cristo e de como Ele iria trazer-nos esta grande libertação. Ali está o primeiro vislumbre da obra, da bendita obra da cruz, tudo exposto concretamente no relato histórico.

Da mesma maneira, devemos asseverar o fato do Dilúvio. Não vou fazer aqui uma exposição completa, é claro. O tempo proíbe isso, mas vou simplesmente destacar certas coisas que temos de acentuar de maneira particular nos tempos atuais. Declarações gerais já não são suficientes. Devemos insistir em saber

* Para mais informações sobre este assunto, ver D.M.Lloyd-Jones, *Authority*, 1958 (Banner of Truth Trust, 1984).

pormenorizadamente em que as pessoas crêem. Precisamos testar a sua afirmação de que aceitam a autoridade suprema das Escrituras, e a fidedignidade delas, em todas estas questões de fé e conduta.

Havendo tratado da nossa posição sobre as Escrituras, passemos para certas outras doutrinas. Aqui também eu quero fazer um acréscimo à base da fé. Espero que isto não cause surpresa a nenhum de vocês. Estou sugerindo que façamos a asserção de que cremos na existência do diabo e seus espíritos. Causa-me espanto que não digamos isso. Há tanta gente que realmente não crê na existência do diabo e que não crê em espíritos malignos! Há pessoas conhecidas nossas que são inteiramente ortodoxas, todavia se vocês começarem a conversar com elas sobre possessão demoníaca e exorcismo, mostrarão claramente que pensam que vocês estão falando um absurdo. Não crêem na existência de maus espíritos, ou se inclinam a dizer que isso só é verdade com relação ao tempo do nosso Senhor, posição que eu acho espantosa e inexplicável.

Eis aqui um argumento duplo: eles dizem que os dons do Espírito limitaram-se unicamente à era apostólica, e que cessaram com aquela era; e então, por implicação, parecem dizer que o diabo foi bastante bondoso e polido para sustar as suas atividades também com o fim da era apostólica. E assim há esta completa confusão. Não! Nós devemos asseverar que faz parte de toda a nossa posição e nossa crença na esfera sobrenatural e num conflito espiritual. Referindo-se a esse conflito, o apóstolo Paulo escreve: "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestadas, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Efésios 6:12). Quantas vezes, mesmo nos círculos evangélicos, temos ouvido a afirmação disso nos dias atuais? Não haveria uma tendência da nossa parte, de tornar-nos intelectualistas e de considerarmos estas verdades como quase abstratas? Falamos tão pouco sobre a "direção do Espírito", como os pais costumavam fazer, ou sobre as "proibições do Espírito", e sobre as maravilhosas atividades do Espírito, e parece que evitamos totalmente falar das atividades dos espíritos malignos, apesar de vivermos num mundo em que a possessão demoníaca parece estar retornando muito rapidamente, e até mesmo o culto ao diabo e algumas outras características terríveis da vida sem Deus.

Portanto, neste ponto, devemos afirmar a nossa fé. Seremos considerados tolos. Qualquer pessoa que acredita no diabo hoje é considerada quase como destituída de inteligência; todavia, se você

crê na Bíblia, terá que crer nessa tremenda pessoa e em seu temível poder. Num sentido, a Bíblia é um registro do conflito entre as forças de Deus e as forças do diabo, e nos é dito que esse conflito terá que prosseguir até à destruição final do diabo e de todas as suas forças.

Depois devemos ir adiante e asseverar que o homem está espiritualmente morto e que é totalmente incapaz de realizar qualquer bem espiritual, "morto em ofensas e pecados" – não apenas ligeiramente defeituoso – e que não é certo dizer que ele tem poder em si, bastando que se aplique a isso, para crer em Deus e para chegar a Deus. Precisamos asseverar, como fazem as Escrituras, que o homem está totalmente morto, que o progresso da ciência não faz diferença alguma quanto ao fato de que todos os homens são "por natureza filhos da ira, como os outros também" (Efésios 2:3), que "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23).

UM SÓ CAMINHO DA SALVAÇÃO

Quando chegamos à doutrina da expiação, devemos sublinhar de maneira especial o aspecto e fator substitutivo da expiação, o aspecto penal, piacular (isto é, expiatório). Estas são coisas que eu acho que são mais indicativas da posição de um homem. Um evangélico pode dizer: bem, naturalmente, eu não sou um grande teólogo; simplesmente aceito, simplesmente repito as afirmações das Escrituras. E ele não quer prender-se ao fato de que há este elemento penal na expiação. Ele pode dizer: tudo o que eu sei é que a obra de Cristo, o Seu sacrifício, faz com que eu esteja em boas relações com Deus. Meu parecer é que isso não é suficiente. Ele realmente está excluindo todo o ensino do Velho Testamento quanto ao sacrifício, se fala desse modo, para não falar nas declarações específicas e explícitas que constam no ensino do apóstolo Paulo. Portanto, temos que sublinhar e salientar este elemento substitutivo.

Também precisamos afirmar de maneira muito especial a justificação pela fé somente, unicamente pela fé. Temos que asseverar que a justificação não é resultado da regeneração, nem depende da nossa regeneração. Esse é o ensino católico-romano, que somos justificados porque fomos regenerados como resultado do nosso batismo. Esse erro pode introduzir-se, e está se introduzindo hoje por maneiras muito sutis, mas devemos asseverar que Deus "justifica o ímpio" (Romanos 4:5), que é um ato inteiramente forense, um pronuncia-

mento legal de Deus, e que não desempenhamos nenhum papel nisso. Este é o ensino evangélico tradicional que devemos sustentar.

A IGREJA: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Chegando à Igreja, precisamos também fazer certas afirmações específicas. Eu pessoalmente afirmo que nenhum evangélico tem a mínima possibilidade de crer numa igreja estatal ou territorial. Sabemos que as instituições desse tipo só vieram a existir como resultado de certos eventos da história. Não há sequer suspeita de sugestão disso no Novo Testamento, e como poderia haver? Que dizer do nascimento em dado país ser suficiente para fazer de alguém um cristão? Por que deveria a Igreja ser apenas o aspecto espiritual da vida do Estado? Isso está remotamente distante do ensino das Escrituras, e sabemos que, de todos os fatores presentes na história da Igreja, talvez nada tenha sido causador de maior confusão do que toda essa idéia de Igreja estatal ou territorial. Cremos na comunhão dos santos, e uma Igreja consiste de santos; é uma comunhão de santos.

E, naturalmente, segundo a nossa base, devemos crer na pureza de doutrina – e devemos asseverar isso – e das ordenanças. Portanto, devemos acreditar em disciplina. Não há propósito em ter uma base ou uma confissão de fé se esta não for aplicada. Assim, precisamos asseverar o fator disciplina como essencial à verdadeira vida da Igreja. E aquilo que a si mesmo se chama de igreja e não crê em disciplina, e não a utiliza nem a aplica, não é uma igreja verdadeira.

No entanto, aparecem aqui certas negativas, e não podemos diminuir a importância das negativas. Temos que rejeitar toda a idéia de sucessão apostólica. Temos que rejeitar a distinção entre o clero e o laicato, porque não se acha no Novo Testamento. Também temos que rejeitar a idéia de que os bispos são essenciais à vida da Igreja. Agora, vocês podem perguntar: que é que isso tem a ver com o movimento evangélico? Replico que certos evangélicos comprometeram-se fazendo declarações como esta: cremos que a autoridade dos bispos é idêntica à autoridade dos apóstolos, sendo a autoridade pessoal do Senhor. Dois evangélicos subscreveram essa declaração o ano passado, pouco mais, pouco menos. Outra declaração que fizeram é que o bispo dá expressão à chefia de Cristo sobre a Sua Igreja. Onde está a autoridade bíblica para isso? Em parte nenhuma. Isso decorre do "desenvolvimento da doutrina", assim chamado. A Igreja, com a sua experiência e sabedoria,

ensinam-nos eles, encontrou uma suspeita de sugestão dessa idéia implícita no Novo Testamento e, assim, tirou-a de lá. A minha opinião é que nós, como evangélicos, devemos rejeitar isso completamente.

Passando às ordenanças, precisamos rejeitar toda sugestão de sacerdotalismo. Não acreditamos em sacerdotes, nem em nenhum serviço sacerdotal. Não cremos que as ordenanças agem por si mesmas; a expressão é *ex opere operato*. Não cremos nisso. Assim, devemos rejeitar declarações com as quais os mesmos dois evangélicos acima mencionados se comprometeram, segundo as quais há uma eficácia inerente ao próprio ato da celebração. Como evangélicos, rejeitamos isso. Não há eficácia inerente ao ato da celebração propriamente dito. Uma ordenança é nula, se aquele que o recebe não tiver fé. Não há nenhuma eficácia inerente ao ato em si. Não cremos na pura e simples e incondicional eficácia das ordenanças.

Eu não estaria chamando a atenção para estas questões se não fossem essas declarações feitas por evangélicos. Esta é uma ilustração da trágica mudança que ocorreu nos dez últimos anos, o que de novo vem abrindo a porta para o sacramentalismo, para o sacramentarianismo e para o sacerdotalismo. Devemos, pois, afirmar com veemência que rejeitamos toda e qualquer sugestão de regeneração batismal. Esta deve ser excluída inteiramente, não só na forma católico-romana, como também em todas as suas formas. Igualmente devemos rejeitar toda noção de sacrifício em conexão com a Ceia do Senhor. Não há nela nenhuma repetição do sacrifício, nenhum elemento de sacrifício. Precisamos asseverar que tudo o que oferecemos nesse ato de celebração é o nosso próprio ser. Rejeitamos que oferecemos qualquer coisa nesse ponto, exceto o nosso próprio ser.

Como eu vejo as coisas, aí estão os acréscimos e a elaboração que devemos efetuar hoje, em vista da situação em que nos encontramos. Esta presente base de fé, nos termos em que está, não é suficiente; tampouco o é qualquer outra. Temos que fazer estas perguntas específicas. Temos que assegurar-nos de que temos claro entendimento destas questões particulares.

VERDADES SECUNDÁRIAS, NÃO ESSENCIAIS À UNIDADE

Isso me leva à divisão subseqüente. Até aqui estive tratando dos

pontos essenciais. Resta-me tratar do que chamei pontos não essenciais.

Que é que queremos dizer com pontos não essenciais? Temos claro entendimento das questões de que estivemos tratando. Estivemos definindo a nossa posição evangélica. Mas deixei sem mencionar muitas outras coisas que estão fora da nossa base de fé. Que dizer delas? Coloco-as na categoria de pontos não essenciais. Quando digo que não são essenciais, não digo que não são importantes. São muito importantes, e devem ser discutidas pelo povo evangélico, porém devemos discuti-las como irmãos. Como dizia Calvino, por essas questões não devemos dividir-nos, mas tentar ajudar-nos uns aos outros. Reconhecemos os nossos limites, os nossos defeitos, a nossa ignorância. Cremos na promessa de Paulo, em Filipenses, capítulo 3, de que, mesmo nessas outras questões, ser-nos-á dada luz, se formos pacientes e pesquisarmos juntos.

Contudo, lhes chamamos não essenciais porque não são essenciais à salvação. Parece que o teste é esse. Outra razão que eu dou para chamá-las não essenciais é que elas não podem ser comprovadas de um modo ou de outro. Eu não digo que as Escrituras são equívocas, entretanto há assuntos sobre os quais as Escrituras não são tão claras que você possa dizer que *temos que* crer nisto ou naquilo.

Há outra razão pela qual dizer que algumas destas coisas não são essenciais. Às vezes é questão de entender ou não entender, e sempre devemos lembrar-nos de que não somos salvos pelo nosso entendimento. Este é um ponto sumamente importante. O perigo que corremos, como evangélicos, é cair na armadilha de pensar que somos salvos pelo nosso entendimento; mas não é assim. Graças a Deus, somos salvos apesar de nós mesmos, a despeito da nossa ignorância e de tudo mais que nos caracteriza. E, às vezes, a diferença entre os evangélicos deve-se inteiramente a uma diferença de entendimento. Vou dar-lhes uma ilustração disso logo mais.

Também há diferença entre um entendimento defeituoso e uma positiva negação da verdade, da parte de pessoas capazes. O que quero dizer é isto: pode haver certos cristãos que são pessoas simples, não superdotadas de inteligência, que acham muito difícil entender alguns assuntos, todavia há outros, homens capazes, bem dotados, muito inteligentes, que deliberadamente rejeitam as mesmas verdades que os do primeiro grupo acham difícil aceitar e compreender. Estas duas situações são muito diferentes. Conquanto sejamos pacientes, compreensivos e indulgentes com os primeiros, devemos condenar os últimos, e devemos separar-nos deles.

Estas são algumas das razões para se traçar uma distinção entre os pontos essenciais e os não essenciais. Portanto, deixem-me mencionar umas poucas coisas que coloco na categoria de não essenciais.

Uma delas é a crença na eleição e predestinação. Pois bem, eu sou calvinista; creio na eleição e predestinação; contudo nem sonho em colocá-la sob o título de pontos essenciais. Coloco-a sob o título de pontos não essenciais. Notem bem, eu condeno o pelagianismo; eu digo que o pelagianismo é uma negação da verdade das Escrituras quanto à salvação – isso cai fora. Mas estou pensando no arminianismo, em suas várias formas e, portanto, não coloco isto na categoria de pontos essenciais. Não, pela seguinte razão, que isto, para mim, é matéria de entendimento. Você não é salvo pelo seu preciso entendimento de como esta grande salvação chega a você. O que você precisa ter claro na mente é que está perdido e condenado, sem esperança e sem amparo, e que nada pode salvá-lo, senão a graça de Deus em Jesus Cristo, e unicamente Ele crucificado, levando sobre Si o castigo dos seus pecados, morrendo, ressurgindo, ascendendo ao céu, enviando o Seu Espírito, e a regeneração. Esses são os pontos essenciais.

Agora, quando você vem e me pergunta: exatamente como eu chego a crer nisso? Eu digo que é matéria de entendimento da *mecânica* da salvação, não do *método* de salvação. E aqui, embora eu mesmo tenha idéias muito definidas e sólidas sobre o assunto, não me separarei do homem que não consegue aceitar e abraçar as doutrinas da eleição e da predestinação e que é arminiano, contanto que ele me diga que todos nós somos salvos pela graça, e contanto que, como o calvinista concorda, como deve concordar, que Deus chama os homens, em toda parte, ao arrependimento. Contanto que ambos estejam dispostos a concordar acerca destas coisas, eu digo que não devemos romper a comunhão. Ponho, assim, a eleição na categoria de pontos não essenciais.

Outra questão que eu coloco na mesma categoria é a idade e o modo do batismo: a idade do candidato e o modo de administrar o rito do batismo. Coloco de novo isso na categoria de não essenciais pela mesma razão, que não se pode provar nem uma nem a outra coisa pelas Escrituras. Estive lendo livros sobre este assunto durante os últimos quarenta e quatro anos e mais, e o conheço menos agora do que no começo. Por isso, conquanto eu afirme, e todos nós devemos afirmar, que cremos no batismo, pois é ordenado claramente, não devemos dividir-nos e separar-nos por causa da idade do candidato ou do modo de administração. Da mesma

maneira, não devemos dividir-nos pela questão da segurança da salvação.

Nem pela questão de política eclesiástica devemos dividir-nos. Acho difícil dizer isso e, todavia, devo dizê-lo. Assim, oponho-me à tendência atual de insistir em bispos. É o que está sendo feito pelo movimento ecumênico. Vocês verão em toda parte e em todos os países que os bispos são considerados essenciais à nova igreja. Vocês têm isso na Índia Meridional e na Índia Setentrional. Isso me desagrada e eu o rejeito; mas, por amor à unidade evangélica entre evangélicos, estaria até disposto a considerar, de qualquer forma, a possibilidade de alguma modalidade de episcopado modificado em prol da unidade. Por essa razão, coloco isso na categoria de pontos não essenciais.

Da mesma maneira, evidentemente, não devemos dividir-nos pela questão de interpretação profética: pré-, pós-, a-milenista, etc. Nenhuma dessas interpretações pode ser provada, de modo que não devemos colocá-las na categoria de pontos essenciais. Vocês têm as suas opiniões; mantenham-nas. Vamos discuti-las juntos; vamos arrazoar juntos, partindo das Escrituras; porém, se nos dividirmos sobre estas questões, afirmo que seremos culpados de cisma. Estaremos pondo na categoria de pontos essenciais o que não é essencial. Os evangélicos fizeram isso algumas vezes. Lembro-me de um homem haver-me dito que estava "em dúvida" acerca do finado Dr. Gresham Machen, e estava duvidando dele por esta razão: aquele homem era proeminente na Associação Fundamentalista Mundial, na qual se exige fé no premilenismo e, porque o Dr. Gresham Machen não cria no premilenismo, aquele homem duvidou da sua posição evangélica.

De igual maneira, há crenças não essenciais com relação ao processo de santificação. Há teorias rivais defendidas por evangélicos igualmente bons, teorias que nós colocamos na categoria de pontos não essenciais. Temos as nossas idéias pessoais e as defendemos vigorosamente; cremos que alguns ensinos estão errados; mas não é essencial à salvação crer no contrário. Somos salvos, e nós e estes bons amigos chegaremos ao céu, apesar das nossas idéias sobre o modo de santificação.

Coloco na mesma categoria toda a questão do batismo do Espírito e dos *charismata*, os dons espirituais. Há diferenças de opinião aqui. Considero esses pontos muito importantes, no entanto não me aventuro a colocá-los na categoria do que é essencial.

De qualquer forma, como vejo as coisas, aí estão algumas das questões que nós temos que sublinhar e ressaltar nos dias atuais.

Temos que ser claros e específicos no estabelecimento da posição evangélica, mas, tendo feito isso, devemos ter todo o cuidado de traçar esta distinção entre pontos essenciais e não essenciais, sob pena de nos fazermos culpados de cisma e de comerçarmos a dilacerar o corpo de Cristo.

Gostaria de encerrar com esta nota: o nosso objetivo em tudo isso, como digo, é salvaguardar o evangelho, manter clara a boa nova, preocupar-nos com a salvação de homens e mulheres e com a propagação da Igreja Cristã. Seja esse o nosso único motivo. Concentremos a nossa atenção na glória de Deus e do Senhor Jesus Cristo. Tratemos de compreender sempre que todos nós estamos salvos, apesar de nós mesmos, que nenhum de nós é perfeito no entendimento, nem em qualquer outro aspecto, que não estar em comunhão com os que nasceram de novo é ser culpado de cisma, o que é pecaminoso, que, portanto, fomos chamados, como o apóstolo Paulo exortou os filipenses, para cerrarmos fileiras juntos, seja qual for o preço, seja qual for o sofrimento envolvido, mas sempre com esta idéia de que Deus esteja sobre todos, que Deus seja glorificado, e que o nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, seja engrandecido entre os povos da terra. Oremos:

Ó Senhor nosso Deus, outra vez Te buscamos, e vemos que crianças somos, principiantes debatendo na beira deste grande oceano da verdade. Dá-nos, Senhor, a simplicidade que há em Cristo Jesus, e mantém-nos apegados a ela. Livra-nos de enfatuar--nos pelo conhecimento, pelo amor-próprio e pelo entendimento. Dá-nos, ó Deus, um espírito como de criança. Livra-nos de todos os entrelaçamentos e projetos falsos, e de toda consideração, exceto que o Teu nome seja magnificado e seja glorioso, e que mesmo por meio da nossa débil instrumentalidade, muitos sejam convencidos do pecado, sejam convertidos e sejam conduzidos ao sangue de Jesus, e se tornem membros do corpo de Cristo junto conosco. Assim, ouve-nos, nós Te rogamos, dá-nos sabedoria e circunspecção nestes dias maus. Guia e dirige os que se acham aqui presentes e que são líderes desta obra em vários países – Senhor, sabemos que a nossa suficiência vem de Ti – e concede--lhes que saibam que, embora às vezes se sintam sós e isolados, sem ninguém para ajudá-los e para estar com eles, que eles sempre saibam que Tu nunca os deixarás nem os abandonarás. Permite que a nossa confiança esteja sempre em Ti e na força do Teu poder. Abençoa os Teus servos quando eles estiverem discorrendo juntos e meditando na Administração Executiva, e planejando a obra

futura. E em todas as outras reuniões e atividades deste dia, rogamos que nos concedas que experimentemos a Tua bênção e a Tua graça. Perdoa-nos, Senhor, toda a imperfeição do nosso serviço e todo o nosso pecado, pois Te pedimos estas demonstrações da Tua compaixão, pleiteando tão-somente o nome e os méritos de Teu amado Filho, o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Amém.

17

UMA ESCOLA PROTESTANTE EVANGÉLICA*

A NECESSIDADE DE UMA NOVA ESCOLA

Dirijo-me a vocês esta noite primariamente na qualidade de presidente da Comissão Patrocinadora, responsável pela convocação desta reunião para inaugurar o Seminário Teológico de Londres. Suspeito que muitos de vocês têm a sensação de que o fenômeno com o qual se defrontam é o de um caçador furtivo que se tornou defensor de caça! Concordo que há muito a dizer em favor dessa sensação. A minha única defesa é que sempre eu procuro estar aberto para toda e qualquer convicção produzida por fatos; e sejam quais forem as idéias que eu tive no passado, e que ainda sustento, estou aqui porque fui persuadido pelos argumentos que foram postos diante de mim.

Acredito que o que estamos fazendo aqui esta noite é de grande significação. Estamos inaugurando uma nova escola, e estamos interessados em toda a questão do preparo para o ministério. Quero, portanto, aproveitar esta ocasião para reconsiderar com vocês toda a questão do preparo para o ministério. Esse me parece o elemento mais significativo daquilo que estamos fazendo aqui esta noite.

Por que se deve reconsiderar esta questão? Há muitas razões, e são estas que nos estão motivando como membros da Comissão Patrocinadora. Creio que é certo dizer que hoje em dia virtualmente todos nós estamos insatisfeitos com os sistemas existentes. Durante uns poucos meses recentes, e em grande parte como resultado daquele notório livro intitulado *O Mito do Deus Encarnado* ("The

---

* Discurso proferido na inauguração do Seminário Teológico de Londres, em 6 de outubro de 1977.

Myth of God Incarnate"), muitos vêm expressando o seu espanto e a sua surpresa com a condição das escolas teológicas. Tenho lido declarações de bispos da Igreja da Inglaterra deplorando a lacuna existente entre os membros comuns da igreja e o que está acontecendo no meio dos chamados teólogos de Oxford e Cambridge. Muitos deles têm dito, com acerto, que as escolas onde se supõe que se preparam homens para o ministério cristão perderam totalmente o contato com os membros da Igreja Cristã. Cada vez mais se reconhece que algo tem de ser feito.

Alguns, é claro, têm reagido fortemente contra o estado atual dessas escolas e têm tido a tendência de dizer que, portanto, não temos necessidade de escola nenhuma. Creio que isso é um erro, como espero demonstrar. Outra atitude, que é do interesse de todos nós atualmente, é resultado da nova ênfase à experiência e ao aspecto experimental da fé cristã. Damos graças a Deus por essa ênfase, porém muitos desses amigos estão se inclinando a dizer que não há necessidade de ministros ordenados como tais, e, portanto, que não há necessidade, obviamente, de preparar ministros.

Mais uma razão é que há rumores, e mais que rumores, de um movimento no sentido de se terem escolas ecumênicas. Até aqui as diversas denominações têm tido as suas próprias escolas; mas há um movimento agindo agora no sentido de se fundirem todas elas e de se terem escolas nas quais os homens que vão exercer o ministério nas diversas denominações, incluindo-se até a igreja católica romana, recebam preparo juntos e façam um curso de instrução comum. Isso desperta imediatamente dentro de nós o sentimento de que temos que ter uma escola evangélica. Creio que essa idéia ecumênica virá a ser aprovada, em parte sobre bases econômicas e devido a várias outras dificuldades. Eles não podem sustentar escolas separadas, e assim vão juntar-se para estabelecer escolas ecumênicas. A Comissão Patrocinadora teve a forte convicção de que, contra isso, deveríamos ter um seminário evangélico, e uma escola não somente evangélica, porém distintivamente protestante. Estamos vivendo dias, infelizmente, em que não é mais suficiente falar em ser evangélico. Temos que salientar o protestante, bem como o evangélico, porque não estamos somente contra o ecumenismo, e sim, muito definidamente, e em particular, estamos contra o catolicismo romano. Somos protestantes, e esta escola tem que ser protestante evangélica. Há evangélicos hoje que não somente estão prontos a confraternizar-se, mas estão de fato se confraternizando com os católicos romanos, e até estão consideran-

do favoravelmente a possibilidade de se unirem à igreja católica romana. Assim, nós somos protestantes, como também evangélicos, contra um vago ecumenismo que, em última análise, inclui o catolicismo romano.

Outro elemento ou fator que influiu em nós é que estivemos ouvindo que certos estudantes evangélicos da igreja livre que estão esperando iniciar, e alguns já iniciaram, ministérios da igreja livre, têm de fato ido para escolas anglicanas para preparar-se. Como não conformista e homem da igreja livre, isso é algo que levanta a minha ira, e se eu não tivesse outra razão para apoiar a presente aventura, só essa já seria suficiente para mim! E depois, acima disso, geralmente se concorda em que as escolas existentes, por uma razão ou outra – e espero tratar de algumas delas – não têm produzido pregadores. Um dos aspectos mais alarmantes e lamentáveis da nossa presente vida eclesiástica é a escassez de pregadores da Palavra. Temos homens capazes, em termos de conhecimento; todavia o de que se necessita acima de tudo mais é de pregadores. Muitos sustentam a opinião, e creio que há algo que se pode dizer em seu favor, de que as escolas existentes, longe de produzirem pregadores, têm tido a tendência de abafar e destruir pregadores. Há jovens que vão para as escolas cheios de zelo pela pregação da Palavra de Deus e de lá saem fartos e cansados intelectualmente, tendo perdido aquele primeiro impulso que lhes dera o desejo de se tornarem pregadores da Palavra.

Uma razão final que ofereço é que consideramos essencial que o patrocínio de tal escola seja com base tão ampla quanto possível. Há entre nós certos "construtores de impérios" que estão sempre prontos a começar as suas próprias escolas, de modo que achamos que devemos ter uma escola que conte com o suporte dos diversos grupos de protestantes evangélicos deste país hoje, e que sirva aos interesses deles todos. Os nomes dos membros desta Comissão Patrocinadora salientam a larga e ampla base sobre a qual esta escola está estabelecida. Não se trata de uma aventura pessoal; trata-se da junção de agrupamentos evangélicos deste país para formar uma escola que atenderá às diversas igrejas evangélicas livres.

OS PERIGOS LATENTES E O PROPÓSITO DO PREPARO MINISTERIAL

Como abordar toda esta questão de preparo de pregadores? Fui tentado seriamente a tratar do assunto unicamente do ponto de vista

histórico. A história desses colégios e seminários teológicos é muito fascinante. Permitam-me dar-lhes uma visão a vôo de pássaro da história desta questão. A Igreja, como a conhecemos, começou no dia de Pentecoste, e o primeiro pregador sob os seus auspícios era um homem que, do ponto de vista moderno, não tivera instrução nenhuma para isso, um pescador, o apóstolo Pedro. Certo é que ele e todos os outros estiveram com o nosso Senhor, e tinham ouvido a Sua pregação e o Seu ensino; mas não houve nenhum ensino formal, nenhuma instrução formal, para que se tornassem pregadores. Pedro levantou-se e, "cheio do Espírito Santo", pregou; e todos os pregadores do Novo Testamento, à exceção do apóstolo Paulo, estavam em semelhantes condições. Podiam ser muito bem descritos como homens "sem letras e indoutos" (Atos 4:13), e, todavia, foram pregadores poderosos.

A princípio era essa a situação, porém gradativamente isso mudou. Como resultado da propagação do evangelho no mundo grego, e sua penetração entre os filósofos, sentia-se que era necessário maior conteúdo intelectual, que era preciso defender o evangelho dos ataques a ele feitos, e que era necessário tornar clara e manifesta a sua superioridade em relação a toda e qualquer filosofia humana. Assim, lentamente a idéia geral de instruir e preparar homens introduziu-se, e se desenvolveu rapidamente, até que, quando chegamos à Idade Média e depois, temos o que se chama uma espécie de escolasticismo, e aos homens que entravam no ministério era ensinada uma mistura de filosofia e de ensinamentos bíblicos. Ensinavam-lhes sistemas filosóficos e dogmas católico-romanos, resultando em que, em certo sentido, o evangelho foi ofuscado.

Depois veio a Reforma Protestante do século dezesseis. Ora, a Reforma Protestante, apesar de ter visto claramente o erro do ensino de Roma e de haver introduzido o verdadeiro ensino e a verdadeira pregação, e apesar de haver corrigido a doutrina, em minha opinião não tratou de maneira fundamental desta questão adicional do preparo de homens para o ministério. Sua tendência foi dar continuidade à idéia geral de instrução, e, embora desse aos homens um ensino diferente, o método me parece que era praticamente o mesmo. Podemos muito bem entender isso. Eles achavam que deviam dar resposta à posição de Roma e expor os seus perigos ao povo. O resultado foi que, falando em termos muito gerais, Lutero, Calvino e todos aqueles grandes homens perpetuaram o tipo de capacitação que já fora empregado. O ensino mudou, mas, num sentido, o método não. Os puritanos avançaram mais que os

reformadores nessa questão; entretanto eu afirmo que, de modo geral, nem eles se libertaram, por assim dizer, desse método mais antigo, dessa antiga abordagem que por tantos séculos estivera em voga.

É quando chegamos ao século dezoito que vemos que ocorreu uma enorme mudança, o que é de grande significação. Com o advento do Despertamento Evangélico ou Metodista, vieram a existir vários homens conhecidos como exortadores. Eram homens que foram convertidos sob a poderosa pregação de metodistas, quer calvinistas, quer arminianos. Alguns desses convertidos eram operários comuns, mas nas reuniões de estudos bíblicos e nas sociedades eles começaram a revelar um dom para falar, e cada vez mais eram chamados para falar e discursar em reuniões. Apesar do fato de que não recebiam instrução, tornaram-se exortadores ou pregadores leigos. A velha idéia ainda persistia, e assim eles não eram chamados pregadores; eram chamados exortadores, porque não tinham recebido nenhum preparo. Alguns desses homens eram pregadores poderosos, alguns eram excepcionalmente poderosos; contudo, como não tinham recebido a instrução costumeira, não foram ordenados. Isso persistiu até o fim daquele século.

Quando chegamos ao século dezenove, aconteceu algo que devemos examinar cuidadosamente. No transcorrer desse século, viu-se que as pessoas agora eram mais instruídas e tinham melhor educação, e assim cresceu o sentimento de insatisfação para com aqueles pregadores simples, iletrados, às vezes rudes, e surgiu a correspondente exigência de homens com bom nível de educação no púlpito. Assim, o movimento em direção a escolas e seminários teológicos recebeu grande impulso; e se desenvolveu rápido, até que chegamos à idéia plenamente desabrochada de escolas teológicas que floresceram na segunda metade do século dezenove e que persistiu mais ou menos até hoje. Grande ênfase foi dada ao preparo, ao conhecimento e à instrução – ao conhecimento de filosofia e de grego e hebraico. Julgava-se essencial o conhecimento do grego clássico para uma fiel interpretação do Novo Testamento, e assim por diante. Pois bem, isso veio a ser o padrão, e os homens eram enviados a essas escolas para receberem essa educação, essa instrução e essa cultura. Foi isso que nós herdamos.

O meu parecer é que chegamos a um ponto em que tudo isso terá que ser reconsiderado, se é que desejamos ter de fato uma eficiente preparação de homens para o ministério. Não devo divagar expondo que tudo o que foi feito durante o século passado mais ou menos deu em nada, e que quase chegamos a completar um círculo. Tendo

ressaltado por tanto tempo, como as autoridades fizeram, que é preciso ter conhecimento do grego clássico, descobriu-se depois que o grego que fora realmente utilizado era o grego koinê, muito mais comum; e que o conhecimento do grego clássico poderia até contribuir para desvios nesse aspecto; deram muita atenção às datas da origem dos vários livros do Novo Testamento, e muito confiantes ensinavam que, em sua maioria, os livros do Novo Testamento não foram escritos antes do fim do primeiro século, e alguns mesmo no segundo século. Nos dias atuais, porém, o Dr. John Robinson, dentre todos os homens, tem argumentado convincentemente que esses livros foram escritos antes do ano 70 A. D.; assim, todo o estardalhaço e aborrecimento, e todo o cansaço que infindáveis gerações de pobres estudantes têm suportado, os quais tiveram que pelejar com esse absurdo, tudo se evidenciou completamente sem valor e inútil!

Essa é, então, a situação. Que devemos fazer? A conclusão a que nós chegamos, como Comissão Patrocinadora, é que toda a questão deve ser encarada de novo. Devemos dar uma nova partida; e não devemos contentar-nos com uma simples modificação do sistema atual e da situação atual. Essa, creio eu, tem sido a principal fraqueza e o maior defeito das diversas escolas bíblicas que vieram a existir, especialmente desde a última guerra mundial. Elas foram estabelecidas sobre a base – e eu estive envolvido na discussão – de que o que era necessário era salvaguardar o ensino; porém o método de preparo nunca era levado em consideração. Pensava-se que tudo o de que se necessitava era que devíamos garantir que o ensino fosse evangélico; mas cometeram o erro fatal de permitir que o currículo fosse determinado pela perspectiva liberal, às vezes até por universidades seculares, como a de Londres. Uma universidade secular, que é o que a Universidade de Londres é, com toda a tarefa de determinar o currículo e o programa escolar que os estudantes ministeriais evangélicos deviam estudar! Essa foi a tolice fatal; assim, temos que reconsiderar essa matéria desde o próprio alicerce. Portanto, não estamos interessados apenas em dar início a mais uma escola; estamos começando um seminário inteiramente diferente, algo que se baseia, não na tradição que herdamos, e sim em nosso entendimento do ensino do Novo Testamento. Propomos que se dê começo inteiramente novo.

Por isso, repito a minha pergunta: que é preciso? Já respondi a pergunta asseverando que a necessidade primordial é de pregadores. Deus tem feito a Sua maior obra no mundo e na Igreja através de pregadores, e nunca houve maior necessidade de pregadores do

que hoje. Dou ênfase aos pregadores mais do que aos professores. Qual a diferença entre um pregador e um professor? O professor é alguém que, essencialmente, transmite informação, transfere conhecimento. Estou pronto a afirmar que hoje há menos necessidade de professores do que por longo tempo antes. Isso porque o nível geral de cultura e de conhecimento é mais alto que nunca antes. Hoje os membros das igrejas, e outros, tiveram educação de bom nível, falando-se em termos gerais. Eles têm possibilidade de ler muitas traduções das Escrituras anteriormente não acessíveis. Há inumeráveis comentários, e há vasta literatura sobre religião em geral, sobre teologia e sobre vários outros assuntos, de fácil aquisição e a baixo preço; assim, o meu argumento é que há menos necessidade hoje de dar às pessoas informação que elas podem encontrar pessoalmente nos livros. A maior necessidade não é de instrução ou preleção; é de pregação.

Que é pregação? Pregação é proclamação; é a poderosa apresentação da grande mensagem da Bíblia. Inclui evangelização, naturalmente. O pregador precisa ser evangelista, e deve saber levar as pessoas à convicção de pecado e à fé no Senhor Jesus Cristo, como o apóstolo nos conta que sempre fazia (Atos 20:21). Ele lembra aos efésios que o que ele fizera entre eles foi falar-lhes sobre o arrependimento para com Deus e sobre a fé para com o Senhor Jesus Cristo. Precisamos de homens que sejam capazes de fazer isso com grande poder, mas que, ao mesmo tempo, sejam capazes de edificar os santos. Muitas vezes tenho afirmado que a principal função do pregador é "inspiracional". Não é meramente distribuir informação, ou fazer preleções sobre a Bíblia ou sobre doutrina. Ele pode dizer às pessoas onde elas poderão ler sobre essas coisas. Ele faz isso até certo ponto, é claro, porém a sua tarefa suprema é inspirar as pessoas. Elas lêem a Bíblia, mas não enxergam muito nela. O dever do pregador é tornar a Bíblia vivaz para elas, mostrar-lhes o que há nela, emocioná-las quando a ouvem dele e, depois, quando a lêem elas próprias. Cabe-lhe comover as pessoas; cabe-lhe lembrar-se de que elas têm corações, bem como cabeças, e que, se as pessoas não se comoverem com a pregação, o conhecimento que têm nas cabeças poderá até ser um perigo para elas. Produzir dinâmicas testemunhas vivas, "cartas de Cristo", é o dever do pregador. Não é simplesmente dar às pessoas conhecimento e formação. Ele deve produzir santos, e esses santos, ao se misturarem com outras pessoas, serão o instrumento para convencê-las e levá-las à igreja. Portanto, a necessidade suprema é de pregadores, não de mestres, menos ainda de preletores.

No entanto, o homem de Deus também deve ser pastor. Por causa das tensões da vida moderna, a faceta pastoral é, de maneira muito especial, cada vez mais importante. Aí está, pois, a necessidade; e o nosso objetivo neste novo seminário é dar-lhe resposta.

QUALIFICAÇÕES REQUERIDAS PARA O PREPARO MINISTERIAL

Como podemos fazê-lo? Comecemos com as nossas idéias a respeito dos estudantes. Qual o nosso desiderato com relação ao estudante? Isso é da máxima importância, porque de muitas maneiras o conceito errado tem sido sustentado por muitos anos. As igrejas e os ministros – admitamo-lo – têm estado prontos demais a "impor as mãos precipitadamente" sobre um homem. Se um jovem diz vagamente que gostaria de ir para o seminário, nós de imediato o encorajamos a fazê-lo. Talvez estejamos errando muito nisso. Esta é uma questão muito séria e sumamente crucial. Suponho que todos concordamos que o ministro não é um profissional. Ninguém deve entrar no ministério vendo-o como uma profissão. Qual é, então, o nosso desiderato? Bem, é preciso que ele seja um convertido; é preciso que ele tenha consciência de nova vida nele; mas também é preciso que seja um homem de mentalidade espiritual. Isso é essencial. Ele deve condoer-se das almas; é preciso que esteja consciente de um chamado que ele acha irresistível. Sempre defendi que, se um homem puder ficar fora do ministério, deve ficar. Todo ministro e pregador deveria poder dizer: "O amor de Cristo me constrange".

Também é preciso que ele seja humilde. Isso também é crucial. Lemos na história da vida de George Whitefield que ele achava que a tarefa do pregador, do ministro, era tão elevada e tão sagrada que se sentia completamente indigno dela, e teve que ser persuadido por muitos outros para prosseguir. Este senso de indignidade parece ter desaparecido, não parece? Muita gente corre para a pregação e para o púlpito levianamente. Aquele que pretende ser pregador deve ter consciente sentimento de santo temor. Deve ser humilde, em face da grandeza da tarefa. Certamente não preciso falar nada sobre a sua índole. Com isso quero dizer, em particular, que o ministro não deve ser um homem difícil. Receio ter conhecido alguns ministros que eram muito difíceis, e o pobre rebanho tinha que adaptar-se ao pregador. Jamais deveria ser assim. No passar dos anos, tenho desencorajado bom número de homens de entrarem no ministério porque percebi que eram possuidores de um temperamento tal, de

uma tal estrutura psicológica, que eram homens tão grosseiros que quando alguém ia buscar o auxílio deles, sentia-se mal em sua presença, e mais ou menos tinha que tranqüilizá-los! O ministro, o homem que prega, que realiza obra pastoral, precisa ser de tal índole, de tal tipo, que as pessoas não tenham dificuldade em aproximar-se dele.

Essas questões são gerais, porém há algumas outras nas quais devemos insistir. O pregador deve ser um homem de personalidade. Hoje em dia há muito abuso desse termo, infelizmente. O povo fala das personalidades da televisão – nada senão bobocas sorridentes! Não é isso que eu quero dizer com personalidade. Refiro-me ao homem dotado de força, homem assombroso, homem possuidor de um elemento de comando. Ele terá que ocupar posição proeminente, de modo que uma personalidade negativa será certamente um defeito em qualquer homem que pretenda ser um pregador. Também é preciso que seja habilidoso. Obviamente, se ele vai ajudar outros, tem que ter habilidade. Deve saber pensar, deve saber estudar, mas, acima de tudo, deve saber falar. O homem pode ser muito bom, pode ser muito piedoso, todavia, se não for capaz de falar, senão de maneira hesitante e claudicante, não terá o que fazer no púlpito. O pregador é, por definição, um orador, um proclamador. Por isso tem que ter o dom de falar.

Eu me referi ao século dezoito e às reuniões de categoria social, e como detectaram este dom nalguns dos convertidos. Em suas reuniões da categoria eles viam que havia certos homens que podiam orar mais livremente do que os demais, que podiam falar mais livremente, não somente narrando a sua experiência, como também dando a sua opinião sobre um versículo. Desse modo se descobriu que eles eram pregadores naturais, e assim o povo os concitou a falarem com regularidade. Eles tinham habilidade para falar. Isso parece que foi esquecido durante o presente século, e levou a tristes e lamentáveis resultados. Além disso, o pregador em perspectiva precisa contar com a confiança da igreja a que ele pertence. Isso, de novo, é muito importante, e estamos bastante interessados em salientá-lo em conexão com esta escola. O nosso desejo é que tudo o que se fizer aqui seja feito em estreita relação com as igrejas das quais vêm os alunos e candidatos. Eles devem permanecer em constante contato com as igrejas, com os seus ministros, com os seus diáconos, com os seus presbíteros, se nelas houver algum deles. Somos insistentes sobre o fato de que os homens gozem da confiança das suas igrejas e mantenham contato com elas.

Chegando aos mestres, não necessito dizer muita coisa. O que tenho para dizer é inevitável, à luz do que eu estive dizendo acerca dos estudantes. Os mestres não precisam ser primordialmente acadêmicos. Os professores e os mestres teológicos muitas vezes têm sido acadêmicos que nada sabem da vida da igreja, e que nada sabem sobre como lidar com as pessoas e, com freqüência, que não sabem pregar. Esses são os homens que têm ensinado outros a serem pregadores e pastores! É idiotice. Precisamos de homens que sejam, eles próprios, pregadores e pastores, e não meros acadêmicos; e os homens nomeados como mestres do Seminário Teológico de Londres enquadram-se nesse molde. Diga-se de passagem, são homens que já estiveram ou em Oxford ou em Cambridge ou na Universidade de Londres, e alguns já estiveram em duas dessas universidades. Portanto, são homens de cultura, homens de conhecimento e posição acadêmicos; mas nós não os nomeamos por essa razão. Nós os nomeamos porque eles são também pregadores e têm ardente coração pastoral, porque são homens de mentalidade espiritual e estão interessados no avivamento da Igreja. São eles os membros do corpo docente deste novo seminário. Nenhum desses homens está deixando a sua igreja. Todos eles vão continuar sendo ministros e pastores em suas igrejas locais, porém vão dar este tempo extra, vão assumir esta tarefa e labor extra, com o fim de prepararem pregadores e pastores para o futuro.

ABORDAGEM BÍBLICA DOS ESTUDOS NO SEMINÁRIO

Chegamos agora à questão sobre como deverão instruir esses estudantes. Começo dizendo que é diferente de todas as outras espécies de instrução. É inteiramente única. É inteiramente diferente do estudo de ciência ou de filosofia ou de literatura ou de artes ou de qualquer outro assunto. É assim porque, num sentido, todo cristão tem o mesmo conhecimento que o pregador e o pastor têm. É questão de grau. Quando você toma algum outro assunto, você começa virtualmente sem saber nada. Se você quiser estudar medicina ou ciência, a sua personalidade como tal não estará envolvida; mas aqui está. Acresce que todo cristão tem um certo conhecimento mínimo. Portanto, toda a nossa abordagem tem que ser muito diferente. Começamos dando-nos conta de que estamos numa nova esfera, numa esfera inteiramente diversa, e a questão não deve ser considerada de maneira acadêmica ou científica. Deve ser considerada sempre de maneira espiritual. Recentemente des-

cobri por acaso uma declaração de Anselmo, que há muitos séculos foi arcebispo de Cantuária. Ele escreveu um livro intitulado *Cur Deus Homo* (Por que Deus Homem?), no qual ele disse algo que devemos ter em mente e que constitui justificação para todo e qualquer trabalho de capacitação:

> Como, por um lado, a ordem correta requer que creiamos nas coisas profundas da religião cristã antes de ousarmos sujeitá-las à análise e ao teste da razão; assim, por outro lado, parece-me negligência indolente se, já formados na fé, não nos afanamos em obter intimidade intelectual com o que cremos.

Notem o que diz Anselmo, que primeiro se deve *crer*. A razão não é o fator dominante; o crer é a supra-razão; esta acha-se acima e além da razão. Diz ele que devemos começar com a fé, e não com a razão e com a filosofia; mas ele continua e afirma que seria muito irracional, por outro lado, seria uma "negligência indolente", se disséssemos que, porque temos fé, não precisamos ir nem um pouco adiante. Devemos agora tentar raciocinar e entender, quanto pudermos, com a nossa razão espiritual iluminada, as coisas nas quais já cremos na esfera que está acima da razão. Parece-me ser essa a base da qual partimos.

Permitam-me salientar que não estamos interessados na mera erudição, nem nalgum tipo de escolasticismo. Essa tem sido, como eu disse, a tragédia dos últimos cem anos, em particular. Os homens que se preocuparam com a educação teológica durante o século passado lembram-me forçosamente os escribas e fariseus dos quais o nosso Senhor disse: "dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei" (Mateus 23:23). Gastavam tempo e energia, e cansavam os pobres estudantes, e também os membros das igrejas, com minúcias da crítica histórica e literária, assim chamada, e com citações de autoridades; e nesse meio tempo os grandes princípios da fé cristã foram esquecidos. Não surpreende, pois, que algumas dessas escolas foram fechadas e que as suas propriedades foram vendidas. Aqui nós estamos preocupados com o conhecimento espiritual.

Isso me leva ao ponto seguinte, que é que não haverá exames nesta escola. Vocês vêem, estamos saindo inteiramente do que tem sido costumeiro. Escolas fundadas sobre a idéia errônea têm tido exames e têm se interessado por graus e diplomas. Nós estamos dando as costas a toda essa maneira de ver. Os homens que vierem

aqui para serem instruídos não serão considerados como crianças, nem serão colocados sob alguma lei. Não vamos dizer-lhes quando deverão levantar-se de manhã, nem quando deverão recolher-se para dormir, nem como deverão passar o tempo. Estamos supondo que eles são homens chamados por Deus e que sentem responsabilidade pela época em que vivemos. Se desperdiçarem tempo, estarão proclamando que serão verdadeiros desastres no ministério, se alguma vez forem chamados por alguma igreja. Não estamos interessados em diplomas e graus, que não pertencem a esta esfera. Há um sentido em que é quase blasfema a existência de exames com relação a este conhecimento no qual estamos interessados.

Nesta altura aventuro-me a fazer uma crítica a um grande erudito evangélico que, na inauguração de um famoso seminário há perto de cinqüenta anos, proferiu estas palavras: "Cremos que um seminário teológico é uma instituição de alto nível cultural, cujos padrões não devem ser inferiores aos padrões mais altos, onde quer que imperem". Discordo disso completa e inteiramente, e o considero uma abordagem totalmente errada. Esta escola não é uma instituição acadêmica e de maneira alguma deve ser comparada com nenhuma instituição de ensino superior. Estamos em domínios inteiramente diversos aqui. Assim, não vamos ter graus, nem diplomas, e nem mesmo exames. Os alunos proclamarão o que são pela sua resposta a isso; e quando aparecerem diante das igrejas, o que eles são ficará óbvio para os membros da sua igreja.

Noutras palavras, partimos da pressuposição de que os pregadores nascem feitos. Nenhuma escola, nem outra instituição qualquer, jamais poderá produzir um pregador. Que elas podem fazê-lo tem sido outra das falácias dos cem anos recém-passados. O pregador nasce pregador, e não duvido que se aplica o mesmo aos pastores. Contudo, eles precisam ser ajudados no desenvolvimento dos dons que têm, a fim de que se tornem pregadores e pastores eficientes. Sendo este um seminário teológico, nenhuma mulher será admitida, e aqui os alunos não receberão instrução para ocuparem postos como professores ou instrutores religiosos nas escolas. Compete-nos produzir pregadores e pastores, e não peritos em educação religiosa, nem mesmo missionários para outros países, especificamente. Pregadores e pastores! Esses homens poderão, é claro, partir para pregar noutros países, mas aqui não estamos, como estão outras escolas bíblicas, interessados nesse programa de maior amplitude.

Concordamos em que esses homens, que definimos e descrevemos, necessitam de algum auxílio adicional. Que é que lhes vamos

dar? A nossa idéia é que aqui nós devemos ministrar primordialmente um ensino básico. Esta não é uma escola para produzir peritos e especialistas. Ela deve produzir homens que estarão pregando domingo após domingo à igreja de gente comum. Caso apareça um aluno que tenha maior aptidão para os estudos que a média, e que gostaria de continuar e obter mais conhecimento ou cultura ou preparo e tornar-se um especialista num ou noutro ramo, naturalmente ele terá plena liberdade para fazê-lo; porém o objetivo deste seminário não é produzir tais homens.

Tomo a liberdade de usar, para ilustrar este ponto, uma analogia proveniente da esfera da medicina. Já por muito tempo, a grande falácia da instrução dos médicos é que, em vez de prepararem homens para serem clínicos gerais, preparavam-nos para serem especialistas. Aqui nos grandes hospitais de Londres, onde se dá a instrução, encontram-se todos os tipos de doenças raras e se vêem casos incomuns e difíceis; e assim o pobre estudante qualificado, geralmente sai para a prática sabendo muito sobre doenças raras, excepcionais, mas muitas vezes sentindo que sabe muito pouco sobre o resfriado comum ou sobre algumas das dores infantis com as quais têm que lidar diariamente em sua clínica. Finalmente isso foi reconhecido, e os estudantes de medicina têm sido treinados por clínicos gerais. No entanto no passado não era assim, e os médicos tinham todo esse abstruso e extraordinário conhecimento que tinha pouco valor na clínca geral. Fazendo uso da analogia, estamos interessados aqui primordialmente nos "clínicos gerais", pregadores da Palavra pregando sistematicamente domingo após domingo em suas igrejas e capelas. Se quiserem prosseguir e especializar-se, terão toda a liberdade para fazê-lo, entretanto esta escola, em particular, não se presta para isso.

ELEMENTOS ESSENCIAIS DE UM VERDADEIRO CURRÍCULO

Então, que é que se ensinará aqui? Naturalmente, a primeira coisa é o conhecimento da Bíblia, porque o pregador é alguém que expõe a mensagem da Bíblia. Que é que isso envolve? Começamos com a tormentosa questão de línguas, hebraico e grego. Como o artigo escrito pelo Sr. Graham Harrison, um dos mestres, indica, propomo-nos dar aos alunos instrução sobre essas matérias suficiente para habilitá-los a usar os comentários de maneira inteligente. Grande parte do problema no passado era devido ao fato de que os estudantes tinham que pelejar e labutar com grego e hebraico. Isso

não se evidenciou como algo de muita ajuda para eles, quando se tornavam ministros, porque não sabiam o bastante para expressar a sua opinião contra as autoridades que escrevem os comentários. E tinham que gastar muito tempo com isso.

Há no presente, como anteriormente houve, aqueles que discutem e negam o que estou asseverando. Ouvi um jovem ministro dizer recentemente, numa conferência, que se o homem não tiver um completo conhecimento de hebraico e grego, não terá a mínima possibilidade de ser pregador. A grande autoridade que já citei, que fez aquele discurso há cerca de cinqüenta anos, disse a mesma coisa. Disse ele que, se você quiser dizer o que a Bíblia diz, terá que ser capaz de ler a Bíblia compreensivelmente, e que você não pode ler a Bíblia compreensivelmente a não ser que saiba a língua na qual ela foi escrita. Essa é, para mim, uma afirmação extraordinária. Tais homens defendem a idéia de que, a menos que o homem tenha conhecimento de hebraico e grego, não poderá ser um pregador da Bíblia. Qual é a resposta a eles? Já dei uma resposta. Os apóstolos não puderam chegar a esse padrão; e não somente os apóstolos, mas também os homens do século dezoito a quem me referi. Alguns dos maiores pregadores do século dezoito não só não sabiam nada de grego e hebraico; alguns deles virtualmente não tiveram nenhuma instrução escolar. Alguns dos que pregavam no País de Gales estiveram uns três ou seis meses numa escola, onde aprenderam um pouco de inglês. Esta é, certamente, uma questão muito séria. Charles Haddon Spurgeon nunca esteve num seminário teológico, nem Joseph Parker, e eles foram os maiores pregadores do século passado. A mesma coisa aplica-se a outros que são muito conhecidos por sua grande capacidade de pregar e por seus livros e sermões.

Portanto, dizer que um homem não poderá pregar, e nem mesmo poderá ler a Bíblia, se não souber grego e hebraico, receio, deve-se pôr na categoria de puro disparate. Isso é sumamente grave, pois, ao que me parece, mostra uma ignorância do caráter espiritual da mensagem bíblica. Como alguém que alguma vez leu a Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 2, pode fazer tais afirmações, não posso entender. Não estamos na esfera das coisas naturais; estas coisas "se discernem espiritualmente" e se compreendem de maneira espiritual. Um homem não entende a Bíblia simplesmente sabendo grego ou hebraico. Entende a Bíblia porque tem dentro dele o Espírito de Deus. "Os príncipes deste mundo", diz o apóstolo Paulo, não conheceram e não receberam esta mensagem, e rejeitaram a Cristo; "Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque

o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus". Ele continua e diz: "Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina" (1 Coríntios 2,8,10,12,13).

A chave para o entendimento da Bíblia não é o conhecimento das línguas originais. Você pode ter esse conhecimento e ainda ignorar a mensagem, como tem acontecido com muitos, desafortunadamente. O homem que tem entendimento espiritual é que entende a Palavra de Deus. Naturalmente, como diziam os reformadores protestantes, William Tyndale e outros, a Palavra de Deus deve estar numa língua que se possa entender. Hoje a temos numa língua que podemos entender. Temo-la em inglês, em muitas versões e traduções; assim, o que os pregadores necessitam hoje acima de tudo mais é o poder do Espírito iluminando as suas mentes. João, em sua primeira Epístola, capítulo 2, versículos 20 e 27, ensina: vocês não têm necessidade de que alguém os ensine. Por quê? Porque eles tinham uma "unção". Assim, dizer que um homem não pode ler a Bíblia e que não pode pregar porque lhe falta conhecimento de grego e hebraico parece-me grave incompreensão da mensagem bíblica e do verdadeiro caráter da pregação. A verdadeira pregação é a transmissão dessa mensagem. A Igreja Primitiva fazia isso, mesmo quando não tinha os documentos do Novo Testamento que temos. Eles pregavam a mensagem que tinham ouvido e na qual tinham crido, apesar de serem "homens sem letras e indoutos" e que nada sabiam das nuanças do hebraico e do grego, consideradas tão essenciais hoje.

O que os pregadores necessitam hoje é um conhecimento de grego e hebraico suficiente para habilitá-los a usar os seus comentários, a ler as muitas traduções disponíveis de maneira inteligente, e a serem capazes de acompanhar a argumentação das autoridades em favor deste ou daquele conceito. Nenhum estudante dos que aqui vêm – na verdade, vou mais longe, noventa e nove por cento dos estudantes que vão a algum lugar de ensino – jamais saberão o suficiente grego e hebraico para argumentar com os grandes mestres. Portanto, o de que se necessita é um conhecimento básico dessas línguas. Eles têm a Bíblia numa língua que eles entendem; e o de que necessitam é que lhes ensinem mais completamente a mensagem da Bíblia – a mensagem toda, e as mensagens particulares dos livros particulares.

Assim, eles serão treinados no que chamam exegese, um enten-

dimento verdadeiro do que o texto está dizendo; mais importante, porém, na hermenêutica, a captação da mensagem, e como usá-la, como transmiti-la, como aplicá-la, como apresentá-la ao povo. O homem pode ser hábil perito na exegese, mas, se for pobre na hermenêutica, será um pregador muito pobre.

Sobretudo se ensinará teologia aos alunos, contudo eles não aprenderão filosofia aqui. Não temos programado nenhum ensino de filosofia, exceto na apologética, que virá no fim. A teologia é o conhecimento de Deus derivado da revelação bíblica. A teologia é sumamente importante; alguns de nós vêm tentando ensinar e salientar isso por muitos anos, e têm sustentado que ela é a rainha das ciências; mas devemos dar-nos conta de que há alguns perigos relacionados com o ensino de teologia. Cada vez mais tenho chegado à conclusão de que o ensino de teologia jamais deve estar separado da Bíblia. Se eu fosse forçado a definir-me, estaria disposto a dizer que nunca se deveria ensinar teologia, a não ser por meio de sermões! O grande perigo é tornar a teologia um tema abstrato, teórico, acadêmico. Ela jamais poderá ser isso, porque é conhecimento de Deus. Por isso, aqui se há de ensinar aos alunos teologia bíblica, as doutrinas que emergem à medida que se estuda cuidadosamente a Bíblia. Depois, tendo obtido a sua teologia bíblica, eles deverão aprender a sistematizá-la, a englobá-la numa forma que seja mais lógica, para que domine o seu pensamento e a sua pregação. É sumamente importante que ela seja apresentada da maneira certa, nunca abstratamente, e sim sempre como algo que provém das Escrituras.

Qual é o propósito da teologia? Nisso também houve muitos erros no passado. É preciso manusear a teologia com muita cautela. Qual é a função da teologia e da doutrina? Primeiro e acima de tudo, nunca foi destinada a ser um cárcere. Nunca foi destinada a ser uma camisa de força. Tem havido muitos para os quais a teologia é isso. Eles estão numa camisa de força, cercados por sua teologia, e sempre temendo que possam dizer algo errado. Não é esse o dever da teologia. A teologia não é uma prisão, ou algo que acorrenta o homem; antes, deve-se pensar nela em termos daquilo que o esqueleto, a estrutura óssea do corpo humano, é para o corpo. Ou, se preferirem, a teologia pode ser comparada com o conjunto de andaimes que se arma quando se está construindo um grande edifício. A teologia terá que estar presente, se é que você deva ter uma boa pregação, porém não a deverá pregar de maneira esquemática ou estrutural. Ela está ali para dar corpo ao sermão e para livrar você de dizer algo errôneo ou de extraviar-se. Também

se pode comparar a teologia com as linhas de uma estrada de ferro, que garantem que você está no rumo certo e que você vai chegar no destino certo. Mas implica movimento! Não é algo restritivo, proibitivo, que mantém você enclausurado, não é algo que inibe a soltura, a liberdade, o poder. No momento em que o homem ficar cercado e amarrado pela sua teologia, estará mostrando ao mesmo tempo que não passa de um teólogo fraco, e que seguramente é errônea a sua idéia sobre o propósito da teologia.

A teologia tem em vista o conhecimento de Deus, e quanto maior for o teólogo, mais se inclinará na presença da Sua majestade. O fim e objetivo da teologia é levar o homem a dizer: "grande é o mistério da piedade" (1 Timóteo 3:16); e se ela não o leva a isso, será melhor que ele se examine a si mesmo cuidadosamente. O dever dos professores é apresentar a teologia de tal maneira que ela leve a esse resultado maravilhoso. Teologia é a que me diz, na verdade me ordena: "tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa" (Êxodo 3:5). Não se pode discutir teologia enquanto se fumam cachimbos ou cigarros, ou se bebe cerveja. Nem de maneira despreocupada e brincalhona. A teologia visa ao conhecimento de Deus, pelo que o seu estudo deve ser feito "com reverência e piedade" (VA: "com reverência e santo temor") (Hebreus 12:28). Esse é o fim e o objetivo da teologia. Assim se ensinará aos alunos que, conquanto toda pregação verdadeira seja teológica, eles não deverão pregar teologia.

Que mais se lhes ensinará? História da Igreja. Considero isso extremamente importante. Inclui a história das grandes doutrinas, como vieram a existir, como se desenvolveram, e as controvérsias sobre elas. Vivemos numa época de transição, época em que se duvida de tudo; e podemos aprender muito do passado. Estamos de volta a uma situação semelhante à dos primeiros séculos da era cristã; portanto, esta história da doutrina vai ser de extrema importância. Não somente a história da doutrina, mas também a história das denominações. As denominações estão falando em fundir-se, em se tornarem uma grande igreja; e algumas pessoas estão lutando numa espécie de última trincheira de resistência em prol da sua denominação particular. A maioria não sabe por que pertence a essa corporação particular, e não tem idéia de como a sua denominação veio a existir. Sua atitude é: é a minha denominação, e vou lutar por ela até a última gota do meu sangue. Assim, é bom ensinar às pessoas como as denominações surgiram originalmente. Isso faz parte da história da Igreja. Dá-se o mesmo com as biografias dos santos de Deus que adornaram a Igreja. Quão maravilhoso é isso

tudo! Estes jovens deverão ser exortados a ler tais histórias, não meramente para obterem informação, porém também para que se mantenham humildes, de modo que, quando começarem a estufar e a pensar que são grandes pregadores, lendo acerca de um homem como Whitefield, logo serão levados à conclusão de que nunca nem sequer pregaram, e provavelmente nunca o farão! A história da Igreja inclui igualmente as histórias dos avivamentos e despertamentos espirituais. Estamos vivendo numa era espiritualmente estéril; as coisas estão difíceis e as igrejas estão tendo que lutar. A nossa maior necessidade é que ocorra um poderoso despertamento espiritual, um grande avivamento da religião. Aos jovens que estudarem aqui se falará desses grandes eventos do passado e eles serão encaminhados a livros que lhes darão conhecimento ainda maior a respeito deles.

Que dizer da apologética? Só deve entrar nesta altura porque a sua função e o seu valor são principalmente negativos. Sua tarefa é refutar os argumentos apresentados contra a fé cristã e pôr às claras a futilidade do ensino das diversas seitas e idéias que nos cercam por todos os lados nos dias atuais. Os ministros e pastores das igrejas constantemente têm que lidar com membros das suas igrejas ou com ouvintes seus que de repente ouviram a respeito de uam seita que parece oferecer muito mais do que aquilo que eles têm e se sentem atraídos por esses movimentos. Eles devem ser capazes de dizer-lhes por que não devem deixar-se atrair. Tem havido instituições e escolas virtualmente dominadas pela apologética; mas, sem dúvida, isso é completamente errôneo. Isso é ser negativo; e devemos ser positivos. Certamente devemos saber algo sobre os argumentos contra o falso ensino, e devemos ser capazes de "batalhar pela fé". Esse é o lugar da apologética; todavia ela só entra nesse ponto.

Não dá tempo para dizer nada sobre o aspecto pastoral. Como eu disse, há um sentido em que os pastores nascem pastores, mas eles podem ser ajudados e encorajados por homens que têm longa experiência nesse trabalho, e também podem ser advertidos de certos perigos. Os homens precisam de auxílio sobre essas questões, e esse auxílio lhes será oferecido aqui; no entanto não fizemos nenhuma provisão para o ensino de psicologia. Essa tem sido a moda por muitos anos: estudos pastorais ("pastoralia"), psicologia, etc. Os pastores são homens chamados para tratar de problemas de natureza espiritual, e isso se pode fazer primordialmente com o nosso conhecimento da Palavra de Deus.

CONCLUSÃO

Para resumir, qual o dever desta escola? Que é que esperamos que ela faça? Permitam-me citar algumas palavras escritas por Peter Brown em sua excelente biografia do grande Agostinho: "O problema não é mais preparar um homem para a obra que ele irá realizar mais tarde. (Não é esse o dever de um seminário teológico.) "É torná-lo mais amplo – aumentar a sua capacidade de, pelo menos, assimilar algo daquilo que jamais poderá esperar compreender plenamente nesta vida". Isso é o máximo que se pode fazer por qualquer homem chamado para o ministério. Eis aí um homem: ele foi convertido, nasceu de novo e lê a Bíblia; tem certa soma de conhecimento. O objetivo desta escola é torná-lo mais "amplo", não no sentido de induzi-lo ao estudo de filosofia, mas de alargar o conhecimento que ele já tem, dar-lhe um conhecimento mais profundo, fazer dele um pensador mais profundo. De fato, se me pedissem que eu resumisse numa palavra a principal função de um seminário como este, eu diria que é ensinar homens a pensar, de modo que, quando deixassem a escola, pudessem continuar exercendo o pensamento, e o fizessem, e quando lhes fizessem certas perguntas não recorressem simplesmente às anotações por eles feitas quando estavam na escola, lendo então as respostas. A tragédia de tantos que estiveram em escolas e seminários teológicos é que, depois que saíram da escola, nunca exerceram realmente a capacidade de pensar. Viveram baseados no que lhes fora dito e nas anotações que tinham feito num sistema de ditado mecânico em seu seminário, que eles simplesmente consultam.

O que acontece numa escola deve ser apenas o começo. O seu propósito é tornar o homem mais capacitado, aumentar a sua capacidade de entender algo daquilo que ele jamais esperará compreender completamente nesta vida. Assim é porque se trata de conhecimento de Deus. O objetivo da escola é dar aos homens um maior amor pela Palavra, maior do que jamais tiveram, um maior desejo de cavar fundo, buscando as suas profundezas e os seus mistérios, de ler quanto puderem o que os ajude a atingir esse objetivo, e depois continuar fazendo isso, continuar aprendendo e crescendo e se desenvolvendo em todos os aspectos, até serem chamados para casa, para a sua recompensa eterna. E, acima disso, como eu disse, ela deve inspirar estes homens, enviá-los com um ardente desejo de pregar as "insondáveis riquezas de Cristo". Se os corações destes homens não estiverem mais quentes quando eles saírem desta escola do que quando entraram, estes professores terão falhado.

Outro dia estive lendo uma declaração escrita por um homem chamado Robert Roberts de Clynnog. Ele era um galês que viveu no fim do século dezoito, um pregador seráfico. Em 1797 ele veio a Londres para pregar aos seus patrícios durante oito semanas. Ele não era muito bom no inglês, mas era um maravilhoso pregador galês. Durante a sua permanência em Londres, visitou algumas igrejas inglesas. Viu-as atulhadas de gente, com grande número de ouvintes; e entre os lugares que visitou estava o Tabernáculo de Whitefield, na "Court Road", em Tottenham. A respeito dessa visita particular ele escreveu a um amigo: "Enquanto estive lá, senti um queixume em meu coração e em meu espírito que dizia: "Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" "Eis aqui um altar", prosseguiu ele, "eis aqui uma oferta, mas onde está o fogo? Eis-me aqui olhando para o púlpito de Whitefield, mas onde está o seu Deus?"

A finalidade de uma escola é ajudar estes futuros pregadores a proverem a lenha, e a proverem a oferta, que em certo sentido é o conhecimento da salvação em nosso Senhor Jesus Cristo. É isso que podemos fazer, porém se não descer o fogo sobre isso, não terá vida, será mais ou menos inútil e sem valor. Você pode estar no púlpito de Whitefield, pode ter o conhecimento que Whitefield possuía, e até mais do que ele tinha, pois ele não era um homem muito culto, mas o segredo de Whitefield era o seu Deus e, sem Ele, nós não valemos nada. O nosso grande interesse é que este seminário não seja uma instituição seca como pó, procurando produzir homens que obtenham honras de primeira classe, e elevados graus e diplomas outorgados por universidades seculares como a Universidade de Londres. Não! Esperamos incentivar homens que venham a ser capazes de pôr tudo bem arrumado no altar, para que o fogo de Deus o Espírito Santo desça sobre ele. E a nossa confiança é que os membros deste corpo docente, por nós designados, e que se mostram tão dispostos a prestar os seus serviços, jamais percam de vista esse objetivo. Temos toda a confiança em que o maior desejo deles é que o fogo desça sobre a oferta que está no altar. Oremos por eles, e oremos pela prosperidade e pelo futuro deste seminário. Oremos também pelos estudantes que virão para cá. Façam tudo o que vocês puderem para ajudá-los e encorajá-los. Oremos pelos membros do corpo docente e pelos alunos, para que lhes sejam dadas forças e entendimento e, acima de tudo, inteligência espiritual, de modo que tudo o que aqui for feito redunde no louvor, na honra e na glória do grande Deus, a quem é nosso privilégio tentar servir.

ÍNDICE REMISSIVO

*** - Obras não existentes em português**
(r) - Rodapé

África – 326
África do Sul – 43, 326
Agostinho de Hipona – 107, 236, 392
Alemanha – 95, 109, 120, 215, 243
Alexandria – 224
Aliança Evangélica – 72 (r), 119 (r), 262, 264
Alta Crítica – (ver também liberalismo/modernismo) – 31, 66, 120, 127, 186, 264, 275, 305, 319
Amsterdã – 264
Universidade Livre – 321
Anabatismo, Anabatistas – 210, 325
*Analogy of Religion** – (Bispo Butler) – 236
(Analogia da Religião)
Anglicanismo - Catolicismo; Anglicanos - Católicos – 267, 282, 338
Anselmo – 384
Antinomianismo – 21, 300
Apologética; Apologetas; Apologistas – 31, 123, 231, 343, 389, 391
Apostasia; apóstata – 11, 66, 68, 210, 269
*Approach to Truth: Scientific and Religious** (Lloyd-Jones) – 217 (r)
(Abordagem da Verdade: Científica e Religiosa)
Arianismo – 354
Aristóteles – 45, 342, 362
Arminianismo – 163, 370, 378
Arndt, Johann – 318, 350
Ascetismo – 21
Atanásio, Credo de – 354
Auditório de Livingstone – 257
Augsburgo, Confissão de – 354
Austrália – 43, 340

Áustria – 316 (r)
Authority (Lloyd-Jones) – 364 (r)
(Autoridade)
Autoridade – 39, 45, 54, 67, 106, 109, 110, 114, 116, 119, 120, 121, 122, 127, 128, 183, 190, 192, 236, 271, 291, 294, 335, 339, 345, 357, 358, 364, 367
Avivamento(s); Despertamento(s) – 14, 29, 39, 40, 41, 91-94, 101, 172, 177, 292, 344, 351, 383, 391
Despertamento Evangélico – 89, 225, 378
Grande Despertamento; Avivamento (Nova Inglaterra) – 15, 88
Avivamentos galeses – 26 (r), 92
Baldwin, Stanley – 280
Barth, Karl – 28, 30, 31, 42, 218, 328
Basiléia – 44
Batistas – 270, 326, 340, 347
*Battle for the Mind** – Sargant – 72-101
(Luta para Conquistar a Mente)
BBC (Gales) – 24 (r), 42 (r)
Beecher, Henry Ward – 282
Bible Witness Rally – 260
(Encontro sobre Testemunho Bíblico)
Bíblia, traduções da – 123, 380, 388
"Authorized Version" – 40-41, 119, 123, 124, 125, 126, 148, 208, 301
(Versão Autorizada)
"New English Bible" – 123 (r), 124, 126, 143, 156
(Nova Bíblia Inglesa)
"Revised Standard Version" - 125
(Versão Revista Padrão)
"Revised Version" – 125, 126
(Versão Revista)
Birkenhead, lorde (F.E. Smith) – 280
Birmingham: Carr's Lane – 250
Böhler, Peter – 81
Bonhoeffer, Dietrich – 193
Booth, William – 92
Boswell, James – 78
*Boyle Lectures, The** – 236
(Preleções Boyle)
*Brief Instruction in the Worship of God** – 196
(Breve Instrução sobre o Culto de Deus)
*British Weekly** – 72, 252, 287

(Semanário Britânico)
Brooks, Phillips – 289
Brown, Peter – 392
Brown, Terence – 126
Bruce, Robert – 114
Bultmann, Rudolph – 218
Butler, Joseph (bispo) – 236
Caiger, A. W. – 248
Caiger, John – 179
Caiger, Sra. – 248
Calvino, João – ver também *Instituição da Religião Cristã*; Institutas – 42-47, 107, 116, 209, 222, 224, 236, 344, 347, 350, 355, 369, 377
Calvinismo; Calvinistas – 42, 163, 370, 378
Congresso Calvinista Internacional – 43
"Calvin College" – 321
"Calvin Theological Seminary" – 321
Cambridge – 115, 345, 375
"Emanuel College" – 115
Campbell, R.J. – 215
Canadá – 42
*Case for a New Reformation Theology, The** (Hordern) – 230
(Argumentação em prol de uma teologia de Nova Reforma)
*Catholic Pentecostalism** – 330
(Pentecostalismo Católico)
"Catholicism": ver igreja católica romana
Catolicidade, A Natureza da – 32
(Nature of Catholicity, The – D. Jenkins)
Chadderton, Laurence – 115
Cheltenham – 244
Chicago – 216
*Christian Commonwealth, The** – 215
(A Comunidade Cristã)
*Christian World, The** – 134
(O Mundo Cristão)
*Christianity Today** – 182
(Cristianismo Hoje)
Churchill, Winston – 280
Cisma; Cisão – 57, 66, 132, 201-205, 269, 301, 324-326, 347, 348
Citadinos e Anti-citadinos – 325, 326
"Clapham Sect" – 186
(A Seita de Clapham)

Clarke, James – 47
Clemente de Alexandria – 223, 224
*Commentary on the Epistle to the Romans** (Luther) – 87
(Comentário da Epístola aos Romanos)
Comunhão – 140-142
Comunismo; Comunistas – 49, 78, 79, 91, 95
Concílio Mundial de Igrejas – 51, 168, 191, 264, 321
Confissão de Westminster – 45, 113, 117, 134, 268
Confissão Escocesa – 117
Congregacionais – 244, 249, 265, 270
União Congregacional – 249
Constantino (imperador) – 209, 221, 225
Conversões – 72, 101
Copérnico – 362
"Covenanters": ver Pactuários
*"Craft of Sermom Construction, The** (W. E. Sangster) – 290
(A Arte da Construção do Sermão)
Cromwell, período de – 122
Cruzados, União dos – 11 (r), 12
"Cur Deus Homo" (Anselmo) – 384
Darwinismo – 120, 186
Davidson, A. B. – 319
Davies, D. R. – 31
Davies, Samuel – 279, 288
Dawson, Christopher – 31
Denominações; Denominacionalismo – 32, 34, 48, 50, 51, 56, 181, 185, 189, 211, 264, 266, 270, 297, 318, 319, 321, 325, 326, 331, 332, 340, 346, 347, 349, 375, 390
Despertamento(s); ver Avivamento(s)
Dodd, C. H. – 30
"Downgrade Movement": ver Movimento pró Graduação Descendente
Du Plessis, David – 329
Dundee – 292
Dunquerque – 75
Ecumenismo – 49, 50, 51, 57, 62, 134, 168, 180, 184, 191, 264, 266, 267, 268, 271, 273, 321, 326, 327, 329, 331, 332, 356, 357, 371, 375, 376
Escolas teológicas ecumênicas – 375
Ecumenismo evangélico – 271
Igreja Unida – 262 (r)
Edimburgo – 43, 102 (r)

"New College" – 43
"Usher Hall" – 102 (r)
Eduardianismo – 212
Edwards, Jonathan – 15, 87, 88, 95, 279, 293, 294, 350
Egito – 224
Einstein, Albert – 217, 363
Era vitoriana: ver Vitoriana, era – 193, 242, 245, 282
Escócia – 45, 102, 105, 109, 115, 282, 319, 325, 327, 328
Igreja da Escócia – 325, 327
Igreja Livre da Escócia – 102
Pregadores escoceses – 282, 288
Estados Unidos da América; América; Continente Americano – 15, 30, 43, 45, 73, 82, 93 (r), 94, 107, 108, 182, 183, 218, 249, 252, 253, 319, 321, 326, 329, 350
Convenção Batista do Sul na América – 182
Exército dos Estados Unidos – 283
Estrasburgo – 43
Europa; o continente europeu – 14, 25, 30, 43, 46, 109, 218, 322, 350
*Evangelical Quarterly, The** – 328
(O Trimestral Evangélico)
Evangelicismo; Evangélicos – 13, 14, 48-61, 67, 70, 97, 123, 126, 129, 133, 161, 179-213, 216, 230, 260, 262-273, 296, 327, 328, 335, 351, 352
Assembléia Nacional de Evangélicos – 262 (r)
Novo movimento evangélico – 182, 320, 346
Evangelização – 11-23, 33, 54, 64, 68, 69, 94, 98-101, 133, 134, 141, 155, 164, 167, 176, 188, 199, 207, 211, 222, 235, 266, 270, 296, 270, 296, 304, 327, 328, 335, 352, 380
Evanston, Illinois – 68
"Exclusive Brethren": ver Irmãos Exclusivos
Exército de Salvação – 92
Farrar, Frederic William (Deão) – 246, 260
Fascismo – 79, 91, 95
Fé para os Tempos, Campanha – 33
Ferre, Nels – 338
Filadélfia – 253, 274 (r), 279
Seminário Teológico de Westminster; "Westminster Theological Seminary" – 274 (r)
Filosofia – 28, 30, 31, 34, 43, 45, 67, 81, 86, 99, 110, 120, 129, 165, 206, 218, 222, 223, 224, 225, 231, 271, 300, 306, 314, 335, 341, 342, 343, 345, 348, 359, 361, 377, 378, 384, 389
Filosofia grega – 99, 222, 224, 225, 286, 300, 342, 343, 362, 377

Finney, Charles – 93
Fox, George – 240
França – 109
Revolução Francesa – 89
Francke, Auguste – 350
Fundamentalismo; Associação Fundamentalista Mundial – 371
*Fundamentals, The** – 216
(Pontos Fundamentais, Os)
Gales – 24 (r), 26 (r), 29, 39, 42, 43, 215, 246, 253, 260, 281, 282, 287, 387
Igreja Presbiteriana de Gales – 254, 283
Garrison, Lloyd – 55
Garvie, A. E. – 249
Genebra – 43, 44
George V (rei) – 251
George, Lloyd (primeiro ministro) – 251, 280
Gordon, S. D. – 280
Grã-Bretanha: ver também Inglaterra; Escócia, Gales – 14, 28, 31, 37, 88, 92, 106, 275, 280, 284, 285, 287, 288, 323, 349
Reino Unido – 319
Graduação Descendente, Movimento pró – 320
Graham, Billy – 64, 92, 327
Grand Rapids, Michigan – 321
Grécia; Gregos; Mundo grego – 223, 377
Filosofia grega – 99, 222, 224, 225, 286, 300, 342, 343, 362, 377
Grego (língua) – 378, 386, 387, 388
Helenismo – 222, 225
Igreja Ortodoxa Grega – 132
Retórica grega – 99, 221, 286
Grego Koinê – 379
Guerras Mundiais – 26, 120
A Primeira – 121, 215, 216, 230, 250, 279, 280
A Segunda – 30, 74, 75, 283
Haldane, J. B. S., esposa de – 78
Hamilton, Patrick – 109
Harrington, Philip (arcebispo) – 126
Harris, Howell – 39, 278
Harrison, Graham – 384
Hatch, Edwin – 384
*Bampton Lectures** –286
Preleções Bampton)
*Hibbert Lectures** – 286

(Preleções Hibbert)
Hebraico – 378, 387, 388
Helenismo: ver Grécia
Henson, Hensley (bispo) – 291
Heresia – 12, 16, 21, 35, 36, 56, 173, 209, 224, 308, 318, 319, 336
Hewitt, A. W. – 248
Hewitt, as senhoritas – 248
Hodge, Charles – 225
Holanda – 45, 109, 321
Hooker, Richard – 343
Hordern, William – 230
Hoskyns, "Sir" Edwyn – 30
Hospital de Westminster – 243
Hurndall, W. E. – 248
Hus, João – 116
Hutton, John A. – 251, 252, 259, 287
Huxley, Aldous – 80
"hwyl" – 92
Igreja, a doutrina da – 192, 193-201, 263, 266, 268-269, 275, 349
Igreja Alta – 31
Igreja Anglicana: (ver também Igreja da Inglaterra) – 35, 126, 210, 249, 270, 282, 331, 340, 343, 376
Conversações metodistas-anglicanas: (ver Metodistas)
Igreja católica romana; católicos romanos; catolicismo romano – 14, 17, 32, 43, 45, 54, 56, 103, 113, 127, 132, 151, 174, 178, 180, 181, 190, 198, 201, 217, 218, 225, 264, 265, 267, 269, 272, 323, 325, 329, 330, 331, 339, 342, 343, 346, 348, 349, 354, 358, 362, 366, 368, 375, 376, 377
Igreja Cristã Reformada – 321
Igreja Episcopal – 32, 271, 340
Igreja da Escócia: ver Escócia
Igreja da Inglaterra: ver também Igreja Anglicana; Inglaterra – 45, 240, 245, 247, 286, 328, 331, 337, 343, 357
Igreja livres – 31, 282, 376
Igreja Livre da Escócia: ver Escócia
Igreja Luterana; Luteranismo – 318, 321, 325, 350
Sínodo de Missouri – 321
Igreja Ortodoxa Grega: ver Grécia
Igrejas ortodoxas – 132
Igreja Pentecostal – 330
Igreja Presbiteriana – 45, 265, 271, 325, 340, 345
Igreja Presbiteriana: Assembléia Geral da – 253

Igreja Presbiteriana de Gales – 254, 283
Império Romano – 209, 221, 223, 225
Imprensa do Movimento Estudantil Cristão – 218
Índia: Norte (Setentrional) – 371
Sul (Meridional) – 371
Inge, William R. (Deão) – 297
Inglaterra: ver também Grã-Bretanha – 33, 88, 109, 184, 253, 260, 275, 282, 283, 350
Inglês (língua inglesa) – 388
Instituição da Religião Cristã; Institutas (Calvino) – 43, 44, 45, 47, 355, 356 (r)
"Internacional Fellowship of Evangelical Students (IFES)" – 59, 316, 317, 321, 322, 323, 333, 344, 350, 353
(Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos)
"Inter-Varsity Fellowship (IVF)" – 48 (r), 62-71, 191, 295, 304, 314, 315, 349
Irmãos; Irmãos de Plymouth – 275, 326
Irmãos Exclusivos – 181, 211
ITV – 125
Jenkins, Daniel D. – 32
*Jesus Rediscovered** (Muggeridge) – 328
(Jesus Redescoberto)
Johanesburg, Bispo de – 208
Johnson, Samuel – 78
Jones, J. D. – 287
Jowett, John Henry – 250, 251, 258
Justino Mártir – 224
Keele – 331, 340
Kik, Marcellus – 182
Knox, John – 105, 109, 112-118
Koestler, Arthur – 78
Koinê, grego – 379
Küng, Hans – 218
Kuyper, Abraão – 321
Lewis, C. S – 31, 329
Lewis, Vernon – 30-31
Liberalismo; Modernismo: ver também Alta Crítica – 120, 121, 141, 172, 183, 186, 191, 216, 264, 266, 275, 305, 319, 328, 329, 332, 339, 379
Liberalismo (político) – 89
Liga das Nações – 112
*London Journal** – Boswell – 78

(Diário de Londres)
Londres – 11 (r), 62 (r), 75, 134, 218, 256, 262, 279, 288, 328, 386
"Aldersgate Street" – 81, 88
Palácio de Buckingham – 255, 256
"City Temple" – 215, 242, 257
(Templo da Cidade)
"Crystal Palace" – 253
(Palácio de Cristal)
Grande Londres – 184
Casa dos Comuns – 122
"Livingstone Hall" – 257
Seminário Teológico de Londres – 374-393
Tabernáculo Metropolitano – 242, 257
"Royal Albert Hall" – 119 (r), 253, 260
(Auditório Real Albert)
"St. George's Hospital" – 243
(Hospital S. George)
"Sion College" – 11 (r)
(Colégio Sião)
"South Bank" – 218
(Margem Sul)
Tabernáculo, Tottenham Court Road – 288, 399
Universidade de Londres – 379, 383, 393
Westminster, Abadia de – 245, 246
Westminster, Capela de – 210, 214, 238-261, 287
Westminster, Cidade de – 243, 244, 246, 248, 256
"Westminster Hospital" – 243
"Westminster Ministers' Fellowship" – 132, 179
(Fraternidade de Ministros em Westminster)
Luta para Conquistar a Mente – 72-101
Luteranos: ver Igreja Luterana
Lutero, Martinho – 43, 45, 53, 87, 107, 116, 127, 174, 177, 209, 210, 222, 224, 233, 236, 273, 318, 325, 342, 344, 347, 377
Machen, J. Gresham – 371
Maclean, Donald – 328
M'Cheyne, Robert Murray – 292
McKenzie, John G. – 72, 73
Manson, T. W. – 226
Maria; Virgem Maria – 151, 330
Maria, Rainha dos Escoceses – 113, 114
Maritain, Jacques – 31
Marsh, A. E. – 254

Martin, Samuel – 244, 245, 246, 248, 259, 260
Marxismo – 186
"Mayflower" (navio) – 108
Melville, Andrew – 109
Metodistas: ver também Avivamento:
Despertamento Evangélico – 76, 78, 82, 89, 258, 265, 270, 272, 326, 330, 331, 347, 351, 378
Conversações metodistas-anglicanas – 212
Micklem, Nathaniel – 30, 255
Milenismo – 57, 66, 371
Missouri, Sínodo de – 321
Modernismo: ver Liberalismo
Montanistas – 342
Moody, D. L. – 14, 249
Morávios – 81
Morgan, George Campbell – 214-237, 249, 250, 251, 252-255, 260
Campbell Morgan Memorial Bible Lectureship – 214 (r), 215
(Preleções Bíblicas em memória de Campbell Morgan)
Morte de Deus, movimento da – 267
Movimento carismático – 329
Movimento Estudantil Cristão – 191, 208, 296, 297, 314, 351
Movimento Estudantil Pioneiro – 296
Movimento pró Graduação Descendente – 320
Movimento Sindical – 89
Muggeridge, Malcolm – 328
*Myth of God Incarnate, The** (John Hick) – 374-375
(O Mito do Deus Encarnado)
"National Bible Rally" – 119
(Encontro Nacional da Bíblia)
*Nature of Catholicity, The** – 32
(A Natureza da Catolicidade)
Nova Inglaterra – 88
Novas Luzes; Velhas Luzes: ver Citadinos e Anti-citadinos
Nova Zelândia – 43
Newman, John Henry – 264, 358
Newton, Isaac – 230
Teoria mecanicista pós-newtoniana – 217
Nova Iorque: Igreja Presbiteriana da Quinta Avenida – 250
"Union Theological Seminary" – 227
(Seminário Teológico União)
Niebuhr, Reinhold – 30
Não conformismo – 32, 126, 243, 245, 251, 258, 376

Consciência não conformista – 89
Northampton, Massachussetts – 293
Noyon, Picardia – 43
*Oberlin Evangelist** – 94
(Evangelista de Oberlin)
Orígenes – 224
Owen, John – 189, 196, 197, 200, 201, 205
Oxford – 35, 226, 255, 345, 375, 383
"Mansfield College" – 255
(Colégio de Mansfield)
Pactuários – 47, 272
Pais Peregrinos – 47
Pais Primitivos – 14
Palestina – 229
Paley, William – 236
Papa João XXIII – 217, 218
Paris – 43
Parker, Joseph – 387
Pascal, Blaise – 236
Pattison, Mark – 46
Pavlov, Ivan P. – 73-76, 79, 83, 84, 91
Pelagianismo – 370
Pembrokeshire – 246
Pentecoste, dia de – 16, 39, 82, 83, 90, 91, 362, 377
Perkins, William – 350
Pietismo – 219, 225, 318, 351
Pigmeus, época de – 109
"Pilgrim Fathers" (Pais Peregrinos) – 14
"Plymouth Brethren": ver Irmãos de Plymouth – 275, 326
*Pratice of Piety, The** (Griffith Jones) – 278
(A Prática da Piedade)
*Preaching and Preachers** (Lloyd-Jones) – 274, 291
(Pregação e os Pregadores)
Pregadores escoceses: ver Escócia
"Presbyter" (Presbítero) – 32
Prime, Derek – 273
"Princeton College" – 279, 288
(Universidade de Princeton)
*"Problem of Catholicism, The** (Subilia) – 218
(O Problema do Catolicismo)
Protestantismo; Igreja Protestante – 39, 43, 45, 47, 103, 106, 201, 206, 217, 218, 265, 268, 269, 297, 318, 325, 334, 337, 343, 346,

347, 349, 354, 363, 375, 376
Puritanos; Puritanismo – 14, 32, 39, 45, 54, 56, 107, 172, 201, 210, 240, 272, 285, 337, 343, 351, 377
"Puritans: Their Origens and Sucessors, The" (Lloyd-Jones) – 210 (Tradução Brasileira, PES, Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores)
Quacres – 92, 240
Reforma – 14, 45, 46, 47, 56, 102-116, 126, 172, 174, 180, 224, 264, 272, 335, 336, 337, 343, 347, 348, 350, 377
Reforma (geral) – 177, 210, 336, 341, 352, 378, 388
Reformadores – 45, 110, 112, 114, 124, 127, 272
Religião e Vida (movimento) – 32, 35
Relatório da Comissão sobre a Unidade da Igreja à Assembléia Nacional de Evangélicos – 263 (r), 265
Retórica grega: ver Grécia
Retrospect of an Unimportant Life (Henson) – 291 (Retrospecto de uma Vida Nada Importante)
Revelação – 28, 31, 45, 58, 59, 67, 120, 206, 207, 233, 292, 306, 307, 310, 358, 359, 360, 389
Revolução Francesa – 89
Revolução Industrial – 89
Rhonda (vale) – 215
Ritschl, Albrecht – 308, 360
Roberts, Robert (Clynnog) – 393
Robinson, John – 379
Roma (cidade) – 218
Rowland, Daniel – 39
Rússia – 28
Igreja Ortodoxa Russa – 132
Sargant, William – 72-101
Savóia, Declaração de – 268
Savonarola – 39
Schloss Mittersill, Áustria – 316
"SCM": ver Movimento Estudantil Cristão
Scranton, Pensilvânia – 253
Seita de Clapham, A – 186
Seminários teológicos – 249, 346, 374-393
Simon, Henry – 246, 247, 248
Simon, Lorde ("Sir") John Simon – 246
Simpson, Hubert L. – 252, 259
Sindicalismo; Movimento sindical – 89
"Sion College"– 11 (r)

Sociedade Bíblica Trinitariana – 126 (r)
Soper, Lorde Donald – 248
Spener, Philip Jacob – 318, 350
Spurgeon, Charles Haddon – 242, 245, 247, 320, 387
Stanley, A.P. (Deão) – 246, 260
Subilia (autor de "O Problema do Catolicismo") – 218
Suíça – 45, 109
"Summa Theologiae" (Tomaz de Aquino) – 45, 342
"Summa Theologica" do protestantismo – 45
Suplemento Literário do "Times" – 125, 126
Swanwick – 48 (r)
Swift, Albert – 250
Tennent, Gilbert – 288
Tertuliano – 225, 341
Teologia – 22, 30, 34, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 64, 90, 129, 212, 216, 218, 230, 233, 235, 238, 285, 329, 330, 345, 362, 380, 383, 384, 389, 390
Teologia, escolas de – 249, 346, 374-393
Teologia Reformada – 180, 318, 325, 334, 350
"The Times" – 212
(Jornal Londrino)
"The Times Literary Supplement" – 125, 126
(Suplemento Literário do "Times")
Tillich, Paul – 218
Tomaz de Aquino – 45, 342
Tomismo – 31
Towyn – 239
"Trade Union Moviment" – 89
(Movimento Sindical)
"Ty Cwrdd" – 37
Tyndale, William – 388
Unidade Cristã, A Base da – 132-178
Vitoriana, era – 193, 242, 245, 282
Vitorianismo – 212, 258
Virgem Maria; Maria – 151, 330
Waldenses – 116
Colégio Waldense de Roma – 218
Walsingham, Nossa Senhora de – 338
(romanismo)
Walther, Carl – 321
Wellhausen, Julius – 320
Welsh, John – 109, 113

Welwyn – 179
Wesley, Charles – 81, 237
Wesley, João – 43, 73, 77, 78, 82, 87-90, 124, 236, 339
*Journal** – 76, 88
(Diário de Wesley)*
Western Mail (Cardiff) – 239
(Um Jornal Galês)
Westminster: ver Londres
Westminster, Confissão de Fé – 45, 113, 117, 134, 268
Westrup, Richard – 248
Whale, J. S. – 30
Whitefield, George – 89, 95, 124, 236, 278, 288, 291, 293, 381, 391, 393
Whitehead, A. N. – 25
Williams, William (Pantycelyn) – 39
Willis, Henry – 246, 247
Wiseman, D. J. – 123
Wishart, George – 109
Wyclif, John – 116
Zwínglio, Ulrico – 210

DISCERNINDO OS TEMPOS

João Calvino falou do profeta como aquele que se distingue na interpretação das Escrituras em "ministrar às necessidades da hora". Esse dom foi abundantemente evidente no ministro da Capela de Westminster.

Discernindo os Tempos reune pela primeira vez várias palestras que demonstram o carater vibrante e profético do ministério de Dr. Martyn Lloyd-Jones. Enquanto algumas delas, como "Conversões: Psicológicas e Espirituais" já sejam reconhecidas como estudos clássicos, outras como "Que é Pregação?" e "Como poderemos ver um retorno à Bíblia?" aqui aparecem impressas pela primeira vez. Aqueles que ouviram "o Doutor" pregar em ambientes diversos, facilmente lembrarão do impacto que acompanhou palestras como estas; outros que conhecem sua pregação apenas através das suas exposições bíblicas descobrirão aqui uma amplitude de discernimento e aplicação que lhes seja desconhecida. Todos, porém, concordarão que ***Discernindo os Tempos*** é uma das obras mais significativas de Dr. Lloyd-Jones publicadas até agora.

PES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14-17
01041-000 – São Paulo – SP